





HOTER-  
ceiro liuro da

historia do descobrimento & con-  
quista da India, polos Portugue-  
ses Feito por Fernão lopez de  
Castanheda.

Com priullegio Real.

Em Coimbra,

M. D. LII,

1446



Priuilegio que el rey nosso senhor deu a Fernão lopez de  
Castanheda, pera todos os liuros da historia da India.



Vel rey faço saber a quãtos este meu alutara virem  
que Fernão lopez de castanheda, bédel da facultade  
das artes da vniuersidade de Coimbra me enuiou  
dizer q̄ ele tinha feytos dez liuros da historia da In-  
dia, q̄ começauão do descobrimêto dela: dos quaes  
tinha impressos à sua custa ho primeyro liuro, & q̄  
ria imprimir os outros. E porque auia mais de vinte annos q̄ anda-  
ua occupado no fazer da dita historia: & tinha leuado nisso muyto  
trabalho, & feyto muyto gasto de sua fazêda: me pedia que ouuesse  
por bê que pessoa algũa não podesse imprimir os ditos liuros se não  
ele Fernão lopez, nem os vender, nem trazer de fora do reyno polo  
têpo, & sob as penas que me bem pareceffe. E visto seu requerimen-  
to, & auêdo respèyto ao trabalho que tem leuado em fazer os ditos  
liuros, & a despèsa que nisso tem feyta, me praz que por tẽpo de  
dez annos que se começãõ da feytura deste em diãte, pessoa algũa  
de qualquer qualidade que seja, não possa imprimir, nem mandar  
imprimir os ditos liuros da dita historia da India, né cada hũ deles  
nem os possa trazer, nem mandar vir impressos de fora do reyno, se  
não ho dito Fernão lopez, ou quem seu poder pera isso teuer. Sob pe-  
na de qualquer impressor, ou liureiro, ou pessoas que os ditos liuros  
ou cada hũ de les imprimir, ou v der. ou teuer em sua casa, ou trou-  
uer empremidos de fora do reyno, perder os volumes que lhe forẽ  
achados, & pagar cincoenta cruzados, a metade pera os catiuos, & a  
outra metade pera quem os accusar. E este se imprimira no princi-  
pio de cada hũ dos ditos liuros. Pelo qual mando a todos os correge-  
dores, iuyzes, & justiçaes, officiaes, & pessoas de meus reynos & se-  
nhorios q̄ assi ho cumprã & goardem, & façãõ inteiranẽte cumprir  
& goardar, porque assi ho ey por bem E este me praz que valha, &  
tenha força & vigor, como se fosse carta feyta em meu nome por mi  
assinada & passada por minha chancelaria: posto que este não seja  
passado pola dita chancelaria, sem embargo das ordenações do se-  
gundo liuro, que ho contrairo dispõe. João de sey xas ho fez em Al-  
meyrim, a quatorze dias de Junho, de. M. D. LII, Manuel da costa  
ho fez escreuer.



# PROLOGO NO terceiro liuro do descobri-

mento & conquista da India, pelos Portugueses  
Dirigido á muyto alta & Serenissima Raynha  
dona Caterina de Portugal nossa  
senhora.

Por Fernão lopez de Castanheda.



## LIVIO HISTORIADOR ROMANO

muyto alta & serenissima Raynha N.S. Pola historia que escreueo da fundação de Roma & do mais que os Romãos fizeram na conquista de seu Imperio, foy antecelso celebrado, que por isso ho tenerão em grande admiración nas provincias estranhas. Em tanto que muytos naturais delas, sendo Roma naquele tempo a mayz notavel cousa do mundo, mais hião a ela por ver a Tito livio que a suas grandezas. E ho mesmo fixerão outros muytos historiadores de suas cousas, que por ventura não forão tão famosas, se aqueles que as escreuerão as não souberão tão bem representar, Porque na sua eloquencia consiste muyto serem elas grandes ou pequenas, o que sentindo bem aquele grã de Alexandre teve Achilles por rã obẽ anecturado em ter Homero por escriptor de suas façanhas, comõ testificão a queles dous versos tão notorios que disse quando vio a ymagem Dachiles, & deseioo tanto que Homero fora em seu tempo pera escreuer suas cousas, que dizẽ dolhe huã vez hũ seu q̃lle lenaua huã grã de noua, pregũtoũ se era Homero resuscitado. E vendo eu quã estimados erã os historiadores de cousas de grã de memoria. Posto que fique muyto abaixo do engenho de Homero & não chegue a eloquẽcia de Tito livio. De me ouzadia a escreuer o que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista da India serem as façanhas tays, que em grandeza, fama & admiración, teuerão muyta auantagem as q̃ escreue rão Tito livio & Homero. E tenho que ganhey muito em ser ho primẽiro Portugues que na nossa lingua as resuscitey, estãdo mortas de cincoenta annos, & não somente em Portugal, mas em outros reynos onde deseiaũo muyto de as saber. Do que he testemunha imprimirse agora em Paris em lingua Franceza ho primẽiro liuro desta historia, que tornou na mesma lingua mestre Nicolao, que ta foy lido darics no Collegio Real & agora isto foy tambem ho primeiro que mostrey ha engano que muytos tãhãõ q̃ na lingua Portuguesa não se podia escreuer quanto quisessem assi como nas outras, se ouuesse quem ho soubesse fazer. E aiudome a mostrar esta verdade aq̃elle grande poeta Portugues de muyto grande erudição ho doutor Francisco de Sá, com as obras que tem compostas na nossa lingua em prosa & em verso, outro Terẽcio de nosso tempo, outro Plauto, & outro Virgilio. E outro tão maravilhoso engenho como ho de cada huã destes. E ho galarão que me derão algũs vossos Portugueses, foy acanharem me as obras de meus trabalhos diste de sua alteza. Poendo nelas rachas, sem as nomearem pera que eu não soubesse de que me aua de defender. Porque se ho soubera eu ho fixera & farey se ho souber, que não sou eu de qualidade, nẽ tenho tão pouca obrigação donra que não atente muito bem ho que faço. E maysem cousa de tãta importancia que aua dir diante dos olhos de sua alteza, & se me eu detive vinte tantos annos em escreuer esta historia, foy porque a fizese como aua de ser, principalmẽte na verdade. E esta certifico a V. A. que a não



foube em minha casa, nem a mãey preguitar por escripto aos que a sabião, porque me não respõde sem como sacerta-se, ou por occupação, ou por outra qualquer causa. Mas que a sy saber à India passando na via gẽ brava, e terríveis tormentas, com q̃ me vi perto da morte e sem esperança da vida cõ trabalhos de grande fome e de muyto mayor sede. E lá com mil perigos, em muy e espantosas peleias de bõbardadas e espingardas sem como: E as relas soube eu a verdade do que auia de screuer de muytas cousas de vista e vuras douuida. E não de quaesq̃r pessoas, senão de capitães e fidalgos, pessoas de muyto credito que forã presentes a elas, enformandome por mim mesmo dos mais que pude ho mais mundamete que mo podião dizer. E a firmãndome de todos com iuramento, que se gindo sua lembrança he saluam verdade. E pelo mesmo modo ho fiz despoys de tornar a Portugal, onde me acabei de formar do que não pude saber na India de muytos fidalgos e Capitães que eram ia vindos de lá, que nunca deixey de ir buscar onde estã, posto que fosse longe. Que tambẽ me custou muyto trabalho, caminhando por calmas e por frios. O que duuido q̃ outrem podera sofrer. E bem pode ser que estes aque preguite y lhes não lembraria de me dizerem algeias particularidades. ou pelo grande discurso do tempo se esquecerão dalõs nomes proprios de Capitães ou doutras pessoas que dirião hũs por outros. Porem a realidade da cousa como passou, foy verdade yra polos muytos que cõformauão vela, e por achar que era a sy em cartas me suas q̃ algeias escreuião a outros do que passaua. E assi em relados e lembranças que muytos curiosos escreuerão do que se faziana queles tempos. E foy me grande ajuda pera me não consentar tudo o que me dirião ho tempo que andey na India, e o que vi dela, que se iõ não fora bem me poderão enganar como a que não tinha visto a terra, nem sabia como se podião ou não podião fazer nela as cousas, nos lugares em q̃ acõcerão. E por isso que ha de screuer historias ha de fazer as diligẽcias que eu fiz e ver a terra de q̃ ha de traçar como eu vi, que assi ho fiz erão esses historiadores antigos e modernos. E bem sentia isto el rey dõ Afonso ho quinto de Portugal, quando mandou Gomez canes da xurar cronista destes reynos a Alcacere pera lá escreuer como testemunha de vista, o que os nossos fizessem. E soube se ho sitio da terra de que auia de screuer, e aprede se as particularidades da guerra pera saber como auia de falar. Porque muyto sobre natural ha de ser ho engenho que ha de saber escreuer do que nunca vio. O que se me não pode dizer porque vi tormentas, vi batalhas no mar e peleias na terra, e despedaçar navios, e bater muros e vècer a inimigos, e salo como esprementado. E se isto souberão os que tacharão minhas obras, bem creio que ho não fixerão, antes me ajudarão polo muyto q̃ todos meus naturaes mede nem em illustrar suas honras e de seus antecessores que forão no descobrimento da India e em sua conquista, que estã uão e esteuerão sepultadas, se eu não fora. Mas não quero que me deuão isto, assi polo presente como polo futuro, se não. a. V. A. Porque eu por este desgosto de todos saber em tachar e poucos fazer estãua determinado de da qui por diante, não sair a luz com meus trabalhos, se não fora saber camanha e quam singular merce me. V. A. fez em se auer por seruida dos douslivros que emprimi, e dizer que não ouuera ho q̃ ray neles destar encuberto tanto tempo. E com ho favor de tamanha merce não remi inueiosos, nem mal dizes. E publicar e ho terceiro, e prazendo a nõso senhor publicar e logo os outros debaxo do emparo de. V. A. e por isso a. V. A. se deve ho que se da qui por diante souber das cousas da India, como se deuẽ ontras muyto grãdes e muy assignadas merces que faz cada dia a seus va salos, que sam muy lar gas de contar. De modo q̃ se fomos os mais bem auenturados ponos do muierso, por ter ho may excelente e singular Rey dos que reynão em todo ele. Por nos defender das muyto grandes e ensofriueys oppressões, que os outros ponos padecẽ, como he notorio. Assi ho fomos, em ter por Raynha e senhora a. V. A. cuias heroycas virtudes não tem como e aquem onter a nenhũa princeja he goal.

L  
Cap  
c  
liur  
Fra  
per  
men  
nad  
seru  
licu  
ca  
par  
ped  
pro  
des  
de  
Co  
go  
fo  
cab  
Pen  
cre  
Ca  
lhe  
gan



# Liuro terceiro da historia do des

cobrimto & conquista da India pelos Portugueses per  
mandado do inuictissimo rey dom Manuel de glo  
riosa memoria, em que se contem as coufas  
que forão feytas no tempo que Afonso  
fo dalbuquerque a  
gouernou.



Capit. j. De como dō Fernando Coutinho Marichal de Portugal, determinou  
com ho gouernador Afonso dalbuquerque, que fossem sobre Calicut; & de  
como forão auisados da disposição de Calicut.



Etido Afonso dal  
buquerque de posse  
da governança da  
India, dō Fernã  
do coutinho Ma  
richal de Portu  
gal (posto que no  
liuro segundo por erro se chama dom  
Francisco) que ja entendia na cartega  
pera Portugal, como trazia por regi  
mento; deu hũa carta delrey ao gouer  
nador, em que lhe screuia que era seu  
seruiço q̄ ho Marichal destruisse Ca  
licut, se lhe bem parecesse; & que acer  
ca disso seguisse ele gouernador seu  
parecer. E sobre tudo ho marichal lhe  
pedio que ho ajudasse nisso, & ele lho  
prometeo dizendo que lhe parecia bẽ  
destruirse Calicut: & que a instruçã  
de como se poderia fazer lhes daria  
Cojebiquin là morador, tamanho ami  
go dos Portugueses, que por amor dis  
fo se perdera em tẽpo de Pedraluarez  
cabral (como disse no liuro primeyro)  
Perao q̄ foy logo chamado, & foy se  
cretamente a Cochim, & lhes disse q̄  
Calicut estava em desposição pera fo  
lhe fazer muyto dano, por quanto ho  
gamorim era na serra, & na cidade a-

uia poucos nayres, a respoyto dos muy  
tos que auia quando el rey hi estava, &  
esses tinhão pouca lembrança de nin  
guem ir sobreles; & que toda a fortale  
za da cidade era da banda do sul onde  
estava ho çarame delrey, q̄ he ho seu  
pagode, que seria hũ tiro de bêsta do  
mar, & ali auia hũa tranqueira bein ar  
tilhada, porque como dsquela banda  
auia boõ desembarcadoyro receauase  
el rey que por ela se entrasse a cidade,  
& por isso a mandou fortalecer. Porẽ  
que da banda do norte donde a desem  
barcação era dificultosa não auia ne  
nhũa fortaleza, & por isso se podia ali  
melhor desẽbarcar q̄ na outra parte;  
& que ainda que não fizessem mais q̄  
queimar vinte naos nõuas que os mou  
ros tinhão e estaleiro pa mãdar aq̄le  
ãno ao estreyto carregadas despecia  
ria, q̄ seria muyto grande coufa por q̄  
nã poderiã tã a sinha fazer outras, & q̄  
el rey de Calicut receberia nisso muy  
ta perda, por amor dos dereytos q̄ per  
dia por não ter outra rãda. Auida esta  
instrução por Cojebiquin propos ho  
Marichal em conselho o que lhe el rey  
seu senhor mãdaua acerca de Calicut,  
& a enformação q̄ tinha. E vista a per



da q̄ el rey de Portugal recebia de Calicut no seu trato da especiaria, & a despozição em que a cidade estaua, & ho muyto que se ganhaua em lhe queimar as vinte naos, que fossem sobrela & a destruissem. E isto determinado por quanto ainda a mayor parte da armada da India estaua varada, & se faria detença em se deitar ao mar, assentaráo que fosse a gēte em tres naos da armada do Marichal que estauão carregadas, & assi nas velas da India que logo podessem ir. E fazendose isto prestes chegou a Cochim Vasco da silueira, que por mandado de Duarte de lemos hia (como disse) a pedir a armada ao governador, a quem dando este recado deu tambem ho terlado da prouisião de Duarte de lemos & ho seu regimento. O que visto pelo governador ouue as prouisiões por boas, & disse q̄ lhe obedecia, & que logo dera a armada se nã estueira com ho Marichal de caminho pera Calicut, que da volta q̄ prazendo a Deos tornassem ele despacharia logo a armada pera Duarte de lemos. E vendo Vasco da silueira a muyta honrra q̄ se aparelhaua na q̄la viagem, como ele era muy especial caualeyro offreceose ao governador pera ir coeleo que lhe ele teue muyto em merce, porque ho conhecia por tal.

Capít. ij. De como ho governador & ho Marichal partirão pera Calicut pera a destruir, & chegarão a ela. E de como ho governador desembarcou primeyro & a causa porque.



Restes tudo o que era necessario pera ho governador & ho Marichal hirem sobre Calicut, partiranse

na entrada de Ianeyro de mil & quinhentos & dez, & leuariã consigo mil & seyscētos homens pouco mais ou menos, & ho Marichal leuaua bandeira na gauia, & obediciãlhe os capitães de sua armada que erão os q̄ disse, & ao governador obedicião os da armada da India, que erão dom Antonio denoronha seu sobrinho capitão da fortaleza de Cochim, e cujo lugar ficou Antonio real alcaide mór & patrão mór da ribeira, Manuel paçanha, Fernão perez dandrade, Jorge da silueira, Ayres da silua, Francisco pantoja, Jorge fogaça, Duarte de melo, dom Ieronimo de lima, Francisco pereyra coutinho, Manuel de lacerda, Antonio pacheco, Simão dandrade, Diogo mendez, Vasco da silueira, Francisco de miranda chichorro, Felipe rodriguez & Simão martinz. E chegarão a Calicut aos dous dias de Ianeyro hũ dia aa tarde, & as naos grossas surgirão de fora do arrecife & as de remo de dentro: & aqui se passarão ho governador & ho Marichal às duas gales de que erão capitães Simão dandrade & Diogo mendez, & no porto não acharão nenhũs paraos q̄ lhe contrariassem. Surta a nossa frota ho governador & ho Marichal fizerão conselho sobre a ordem que terião em dar na cidade, & antes que ho governador propoessesse, pediolhe ho marichal q̄ pois ele tinha ganhada na India muyta hõrra, & podia ainda ganhar muyto mais, que lhe pedia que lhe desse a dianteira na q̄le feyto pera poder ganhar algũa que leuassẽ pera Portugal pois a hia buscar tão longe. Ho governador lhe disse q̄ era contente de lhe fazer aquele seruiço, porque a ningũe deuia tanto como a ele que ho liurara de seus inimigos &



ho restituira em sua honrra que fizese quanto quisesse, porque ele era governador. E outorgada a dianteira ao Marichal foy determinado q̄ desembarcassem âte manhaã, porque a artilharia dos immigos lhe não fizesse tanto nojo, & que fosse a desembarcação defronte do çarame delrey: & q̄ ho marichal & ho governador desembarcassem primeyro q̄ nenhũ dos capitães: & que ao Marichal seguissem os capitães da armada de Portugal, & ao governador os da Índia. O q̄ logo algũs teuerão a mão final dizêdo que como hi auia duas cabeças logo algũa auia darrar, que pera que era se não seguirrem todos ao governador, & ho Marichal leuasse a diateira. E ho principal a q̄ isto pareceo mal foy a Manuel paganha, que a fora ho dizer disse que pois assi era q̄ tudo seria morrer em seruiço delrey com dous filhos que lhe ainda ficauão. Acabado ho conselho, & recolhidos todos a seus nauios aperceberan se pera ho que auião de fazer, que estauã muy aluorogados pera dar na cidade pola fama que tinhã de star muyto rica. E duas oras antemanhaã toda a gente estaua embarcada cõ seus capitães, & caladamente arrancarão pera terra com a claridade da lũa que os alomeaua. E ho regedor da cidade por el rey de Calicut estaua com sua gente prestes em suas estancias esperando polos nossos & tinha mais de trinta mil nayres: & os mais deles frecheiros, & começouse antreles muy grãde arroido, assi da grita da gẽte como das bombardadas que desparauão como sentirão que os nossos se chegauão: & erã os pelouros tão bastos que algũs acertauão nas lanças dos nossos q̄ hião aruoradas, & a causa porque não acer-

tauã nos bateis, era porque as estâncias da artilharia, & o çarame delrey estauão tão altos que senhoreauão por cima do mar, & os tiros passauão por alto, & receãdo ho governador que por hirem alli juntos como hião lhes fizesse a artilharia muyto dano, mãdou cõ consentimento do Marichal que se espalhassem os bateis, porem que cada hũ seguisse a seu capitão mór, & assi se fez. E como ho governador se vio apartado do Marichal mandou apertar ho remo aos da sua cõpanhia pera defronte do çarame, posto que tinha dada a dianteira ao Marichal: & como eles por serẽ da Índia sabião melhor a terra q̄ os de Portugal, & mais leuauão seus bateis & paraos enfeuados & os remeiros mais destros no officio q̄ os do Marichal, leuarã lhe tanta auantagem que chegarão primeyro a terra: & tambẽ porque como ho Marichal fosse descansado sobre ter a dianteira vendo que era muyto cedo deixouse ir muyto de vagar. & por isso desçayocõ os seus abaixo do çarame hũ bo tiro de berço. Ho governador que hia auiado pera terra tão q̄ chegou poiou nela com sua gente, & não elperou pelo Marichal, vendo q̄ não chegaua nẽ parecia. E rompendo por antre grãde multidão de bombardadas, & frechadas que os nossos não tinhão em cõta remeteo com atranqueira: & por muyto bem que os immigos a defenderão, pelejando muy esforçadamente os nossos a entrarão, matãdo & ferindo muytos deles, & por força lha fizerão deixar leuando os diante de si desbaratados ate ho çarame, q̄ estaua dali a tiro de besta, & por sua fortaleza estaua cheo de molheres & meninos q̄ se ali recolherã, & guardauão muytos nay-



res com que se ajuntarã os que fugião, & fazendo coeles corpo fizerão rosto aos nossos, que nã por isso deixarão de os cometer com muyto grande impeto chamando por Sanctiago; & alli se começou a peleja, que foy muyto mais ferida que na tranqueyra, porque os inimigos se defendião como homẽs q̃ de terminauão de vencer ou morrer. E assi morrerião bem duzentos deles, & os outros fugirão, & dos nossos morrerã muy poncos; & entre tanto que a peleja duraua algũs dos nossos puserão fogo ao çarame, & ardeo todo com quanto estaua dẽtro. E acabada a peleja, porq̃ os nossos nã entrãsem a cidade antes que ho Marichal chegasse mandou ho governador a dõ Antonio de noronha que com outros capitães tomasse as bocas das ruas que sayão pera aquela parte & as teuesse, porque os nã saltãssẽ os inimigos; & despois disto veo ho Marichal.

Capit. iij. Do que ho Marichal disse ao governador, porque desembarcara primeyro. E de como ho Marichal entrou a cidade & fez grande mortindade nos inimigos; & de como foy morto, & os nossos forão desbaratados.



Quando chegou aa tranqueyra vedo o q̃ era feyto, & que nã auia ali mais q̃ fazer, da çastado de lhe parecer que lhe nã goarda ra ho governador a palaura que lhe de ra; da primeyra êtrãdadiss, e logo muy toltamente, que mal lhe guardara ele o que lhe prometera. E dizendo outras palauras contrele muy asperas tirou

ho capacete da cabeça, & pos hũ barrete vermelho que lhe leuaua hũ paje, & tomou hũ pã na mãõ; & segundo estava apassionado cuydarão algũs q̃ queria ir espancar ho governador, q̃ a este tempo estaua armando algũs caualeryros; a que logo foy dito como ho Marichal era chegado, & que se hia pera a cidade muyto menẽcotio porque nã esperara por ele. A isto deixou ho governador os caualeryros, & foyse pera ho Marichal, que chegando ho governador a ele lhe disse. Que he isto Afoso dalbuquerque, a vossa palaura he hũ pouco de vẽto; direis que tomastes Calicut. Eu ho tomey coeste barrete vermelho, & coeste pã, que nã he mais necessario pera desbaratar os mourinhos da India. Ho governador por ser õde era, & tãbẽ por por ho marichal ter mais gẽte q̃ ele, respõdeolhe mãfãmette; verdade era q̃ ele tomara Calicut, & q̃ sua era a toda a honra; & q̃ se nã esperara que desembarcasse, fora por q̃ ho vira descayr muyto abaixo do çarame, & ele ficara tão perto de terra, que se esperara por ele mataranlhe toda a gente com a artelharia; & por essa causa desembarcara primeyro, & nã por lhe vsurpar sua honra. E ele se nã ou u: por satisfeyto coestas disculpas dizendo que erã palauras; & ainda muyto menẽcorio chamou Gaspar ho lingo, & preguntoulhe se se atreuia a leualo aos paços del rey de Calicut, por q̃ lã acharia com quẽ pelejar pois ho nã achaua ali; & ele lhe mostrou ho lugar onde estauão os paços, q̃ seria dali mais de mea legoa porque era no cabo da cidade. E determinado ho Marichal de ir lã mãdõu desembarcar dous tiros d'artelharia dos bateys chamados cães pera os leuar diante, & entregou os u



Pedrafonso da guiar: & mandando dar às trombetas abalou pera os paços del rey, leuando obra de leyscentos homens em que entráuão todos os seus capitães, & logo lhe ali disserão algũs que não deuia de ir aos paços del rey por que erão muy longe, & que a cidade era tão espalhada, que pera matar gente não auião de matar mais da que era morta: & que pois lhe tinhão desfeyta sua fortaleza, q̄ era ho principal porq̄ forão, & queymar lhe as naos q̄ estauã varadas, que lhas queymassem, & recolhessem a artilharia da tranqueyra & do çarame, & roubaessem a cidade por aquela parte: & despois de vagar passãrão a diante. E ele estaua tão menencorio que nunca quis se não hir, mandando dizer ao governador onde hia, que se ho quisesse seguir que ho seguísse. E posto que lhe a ele não pareceo bem a ida do Marichal, vendo que hia quis ir a posele: & mandou a dom Antonio de noronha que ficasse na praya, alli pera a goardar como pera recolher a artilharia da trãqueyra, & queymar as naos dos inimigos que estauão varadas. E mandou a Rodrigo rabelo, & a Manuel de lacerda, & a Simão dandra de que ficassem coele com a gente de suas capitãias, que serião mais de duzẽtos homens. E começou logo dom Antonio de mandar fazer o que lhe ho governador mandara que fizesse. Ho marichal que hia pera os paços del rey, hia desfamiado como disse, & dizendo. Quem cuydara agora que ho Marichal vay a ssi caminho dos paços del rey & chegando a eles achou muytos nayres recolhidos com ho regedor da cidade, que se acolhiã ali como a fortaleza, & ali foy a peleja muy grande dos nossos cõ os inimigos, de que forão mortos

oyteta, & os outros fugirá, & os nossos entrarão os paços, q̄ logo começará de roubar porque auia neles muyta riqueza, & desmandauanse, espalhando se por muytas partes. O que vendo Manuel paçanha disse ao Marichal q̄ mãdasse poer fogo aos paços & se recolhesse à praya, porque se ho alli não fizesse terião os inimigos tempo de se ajuntar (que ho poderião fazer em breue por ter a terra muyto pouoada) & que se alli fosse lhes fariã muyto dano, por que auião de dachar os nossos carregados de fato, & que se não auião de poder de fender. Ho Marichal não querendo to mar seu conselho, lhe disse que bem sabia como pelejauão os mourinhos da India, & que os fazião em Portugal muyto valentes a el rey seu senhor, que ele auia de descansar & se recolheria quando fosse tempo. Neste instante chegou ho governador aos paços, & quando soube que ho Marichal estaua dentro não quis entrar, & com os seus capitães, & gente que trazia se pos em hum terreyro que se fazia diante dos paços pera defender que não entrasse muytos nayres que acodiã pera entrar: & estes quando virão ho governador se deixarão estar nas bocas das ruas q̄ ali se fazião, & tirauão aos nossos muytas frechadas, de que ferirão algũs, & hum deles foy Fernão perez dãdrade que foy ferido em hũa perna, & por isso se entrou nos paços com outros. E afentandose em hum alpendre, foy ter coele ho Marichal, que hia muyto cansado & afrontado; & pedindo que lhe dessem de beber, hum dos nossos lhe deu hũa cabacinha com vinho de que bebeo. E nisto lhe derão hum recado do governador que dizia q̄ se recolhesse que era tempo, porque carregauão



muytos inimigos: & como dali à praya era longe que os poerião em afronta antes que lá chegassem. A que ho Marichal respondeo, que se folse ho governador entre tanto na dianteira, porque ele ficaua poendo fogo aos paços, & que lhe hia na traseira. Ho governador mandou logo os feridos diate, porque não embarçassem os saos se ouuel sem de pelejar. E indo na traseira de sua gête abalou pera a praya, & ho Marichal mandou logo poer fogo aos paços, em que aueria bem duas oras que estaua. O que vendo os mouros se tornarão a fazer em corpo. Em ho governador abalando se descobrião por bocas de traueffas, & por detras de valos dortas que entestauão naquele caminho por onde ho governador hia, & outros se descobrião junto dos paços, & tirauão aos nossos frechas sem coto sem se bolir donde estauão. O que sintindo os nossos começaram de bradar hūs aos outros que se recolhessem por q̄ andauão espalhados: que foy neles ta manha a cobiça de roubar q̄ muytos estauão metidos polas casas dos mouros & deixauão as lanças às portas pera hirem mais despejados, & se carregare melhor, não lhe lembrando que podião os inimigos que erão muytos tornar sobreles, como tornarão & polas lanças dos nossos q̄ vião às portas conheciã os inimigos estarê dêtro, & esperauãnos & ao sayr os matauã com as suas mesmas lanças, & era a reuolta muyto grande, alli da grita da gête como do fogo que ardia muy brauo: & ho Marichal sayo ja com algũa afronta quasi nas costas do governador, & ali ho cercarã os inimigos tirandolhe muytas frechadas, & azagunchadas darremesso, com que tratauão tão mal os nossos que se come

garão de desbaratar, & os inimigos carregauão de cadauez mais sobre os nossos, em tanto que foy forçado ao Marichal voltar a eles com ate trinta dos nossos, fidalgos & caualeyros porque ho desapreliaffem: & os inimigos que os virão tam poucos descarregão sobreles com grande impeto, & antes que ho fizessem dous nayres se apartarão hum pouco do corpo dos seus, & ficandoãtreles & os nossos, poferão no chã os escudos & agomias & se abraçarão, como que se despedião hum do outro. E tornando a tomar as armas remeterão eles soos aos nossos, & matará algūs primeyro q̄os mataffem, & logo arremeterão os outros. Enisto bradarã Bastiã de souã & Ruy freyre (que erão dos que ficauão com ho Marichal) dizendo à gente que voltaffem, que pelejauã os capitães mores, porque coisto acodiffem ao Marichal. Mas ninguem pode acodir, ou nã oufou, por os inimigos serem muytos, & porque os frechauão sem piedade, & todos se querião acoller: & se ho governador não fora diate todos fugirão sem vergonha, nem ho governador não pode acodir pola defordem que a gête trazia. O que vido os inimigos carrarã de todo com ho Marichal, & com os que ho ajudauão, & chegauanse a eles tão sem medo que lhes decepauão as pernas por as levarê defarmadas: & tamanho desejo tinhão de os matar, que com quanto os nossos os atraueffauão com as lanças, a ssi passados de parte a parte corrião por elas ate chegar a eles, & os decepauã. E a ssi decepados matará ho Marichal & Manuel paçanha muytos mouros, & despois cayrão môrtos. E bem pronifficou Manuel paçanha sua morte no que diffestando no porto de Calicut: & a ssi



acabou com quatro filhos que lhe ja tinham mortos em outras batalhas, como contey a tras, & de cinco que leuou à India efcapou ho mais mogo, que se chamaua Ambrosio paçanha, que tam bem aqui ouera de acabar se ho não mandara ho anno passado pera Portugal, porque lho não matafsem como aos outros, & ficasse dele algum filho que perpetuasse sua geração. Morreo a qui tambem Valco da silueira, que ho fez como valente cauleyro, que ferido de muytas frechas se topou na boca de hũa traueffa com trinta nayres, & cometendoos com muyto efforço matou tres com a lança, & passando auante foy morrer com ho Marichal: com quem també os mouros matarão Ruy freyre, Pero fernandez tinoco, Francisco de miranda chichorro, Felipe rodriguez, & outros a que não soube os nomes ate treze todos fidalgos & cauleyros, que todos morrerão como muyto valentes homẽs, dando suas vidas pelas de muytos mouros que matarão pri meyro que morressem, sem lhe ho gouernador poder focorrer pola causa que disse. E vendo ele a multidão dos inimigos que carregaua, & por ser ho lugar por onde hia muyto estreyto pera voltar tanta gente, & por os nossos começarem de fugir com medo do que acontecera ao Marichal não se quis de ter & proseguio auante passandose à dianteira por conselho dos fidalgos que hião coele pera ter a gente que se demandaua & fugia, & eles ficarão na tra seira. E ho conselho foy muyto boõ pera ho tempo, porque ainda cõ se ho gouernador passar à dianteira, era ho medo tamanho nos nossos que não deixauão de fugir por os inimigos os perseguirem, & apertarem muyto de to-

das as partes, assi por abertas q̃ sayão ao caminho como por de cima dos vallos das hortas que entestaão nele, que erão tão altos que os mouros ficauão sobre os nossos & os ferião: & tão brauamente carregarão sobre ho gouernador que ho fizerão deter. E aqui foy hũa braua & aspera peleja, em que foy morto Gonçalo queymado alferes, & assi outros muytos feridos & antreles ho gouernador de duas zagunchadas, hũa no braço dereyto de que depois ficou aleijado & outra no pescoco, & esta foy pequena. E andando assi ferido veo hum pelouro de bombardã da parte dos inimigos & deu lhe nos peytos, & em lhe dando chamou ele por nossa senhora de goadalupe, tão deuo tamẽte que rogou a nosso senhor que lhe não fizesse mal, como não fez mais que derribalo no chão. E em memoria deste milagre mandou ele depois este pelouro (que parece que algũ seu criado recolheo) a nossa senhora de goadalupe, com mil cruzados de setmola, pera se comprar renda com que ardesse pera sempre hũa alampada diante da imagem de nossa senhora, & esta esta alampada antre as alampadas dos reys. E os frades do mosteyro de nossa senhora de goadalupe tẽ este milagre escripto com outros muytos que nosso senhor tem feytos por rogo de sua gloriosa madre, & ho leem aos estrangeiros que ali vão em romaria, principalmente aos Portugueses. E caindo ho gouernador da pancada quelhe deu ho pelouro, em ele caindo acodirão muytos inimigos pera ho matar, & fizerãno se não fora Dinis fernandez de melo, & Antonio de souza de Santarem que ho defenderão com muyto efforço. E bradando algũ dos



nosso que matauão ho governador, a codirão os fidalgos que hião natraçeira, & com sua chegada se afastarão os inimigos. E ja a este tempo ho governador estaua posto sobre hum pades, & tinhão às costas hum Fernão caldeira seu pajé & outros. E estando ele em seu acordo disse aos fidalgos que não era nada, & assi abalarão pera a praya. E coisto que aconteceu ao governador acabarão os nossos de se desbaratar: & sem os fidalgos os poderem ter fugião a quem mais podia, & os inimigos a pos eles, ferindo & matando. E indo coesta afronta tamanha, hum fidalgo chamado Ruy galuão filho de Duarte galuão tomou às costas hum Alvaro vaz que selhe encomendou, porque de ferido não podia andar: & ele como muyto esforçado caua leyro que era ho saluou, leuando ho às costas ate a praya nã, lhe lembrando ho perigo de sua vida, & valeo aos nossos que era a praya perto: que se fora mais longe poucos ouuerão de escapar dos nossos segundo hião desbaratados: & ainda ouuerão de morrer os mais segundo os mouros hião apertando, se não fora por dom Antonio, Rodrigo rabelo, & os outros capitães que estauão na praya, que vendo os assilhes acodirão logo, & Rodrigo rabelo foy ho primeyro que acodio a dom João de lima & a Antonio pacheco que hião cercados de muytos nayres, & tão feridos que se não podião defender & tambem de cansados. E vêdo os inimigos ho socorro que acodia aos que leuauão de vencida teueran-se com medo das espingardadas que os do socorro tirauão, & assi da artelheira das galés que logo começou de jogar, & com quanto se os inimigos te

uerão hião os nossos tão defatinados, que muytos não parauão ate ho mar a que se deitauão, que com defatino do medo não vião as galés a que se podião recolher sem nadarem. E porque se não lançassem mais ao mar mandou dom Antonio a Simão martinz, & a Diogo mendez capitães das galés que se recolhessem a elas pera recolherem nelas a gente, & assi ho fizeram: & entretanto embarcarão ho governador muyto fraco. E como foy embarcado Fernão caldeira aruorou ho seu guião & começou de bradar muyto alto, dizendo que ho governador era viuo que se recolhessem todos, & assi ho fazião: & tambem porque dom Antonio, & Ruy da cunha & Rodrigo rabelo esteuerão na praya ate que os nossos forão todos recolhidos. E ho derradeiro que se recolheo foy Jorge boteelho de pombal que andaua com Rodrigo rabelo, que apanhou muytas armas daqueles que as deixauão pera se lançarem ao mar: & vendo ficar hũ arnes tornou por ele, porq̃ não ficasse aos inimigos. E por ser ho perigo grande que estauão eles perto, & em terra não auia dos nossos se não ele, começaram de lhe tirar lanças darremesso do batel de dom Antonio, & do de Ruy da cunha porque se tornasse, & não querêdo ele sem leuar todas as armas ho mandaua dom Antonio prendero que Rodrigo rabelo não consentio, dizendo que antes perderia quanto tinha del rey que prenderenlhe aquele homem, & não lho prenderão.

Capitulo. iiii. Do dano que receberão os nossos dos inimigos, & do que os inimigos receberão deles, & do mais que passou.





Cabados os nossos de embarcar, que era ja bem noyte, depois de curado o governador, & os outros feridos, q̄ forão muytos, mādou ele saber pela frota os que falecião, & achouse que falecião setenta & oyto homens. s̄ ho marichal, Vasco da silueira, Manuel paganha, Ruy freyre, Lionel coutinho, Frãscisco de mirãda chichorro, Felipe rodriguez, Pero fernandez tincoo, & outros capitães, fidalgos & caualleiros ate vinte, & os outros erão homẽs não conhecidos. E posto q̄ esta perda foy muyto grande, os immigos a receberã muyto mayor, por q̄ lhe foy queymada a mayor parte da cidade: & nas casas, & no caramo del rey forão queymadas quinhentas & seteta almas antre molheres & meninos, & forão mortos a ferro mil & cento & trinta homẽs de peleja, segũdo se despois soube pelos mouros de Cochĩ, & de Cananor, q̄ ho soberã dos d̄ Calicut: & foy tomada toda sua artilharia, & queymadas vinte naos nouas q̄ estauã pera ir a Meca. E se não fora ho desbarato dos nossos ganharão eles muyta honrra: & todauia fizerão hũ feyto notauel, por q̄ desta vez ficou ho poder do camorim abatido de todo, & os mouros da India enuerghados, por q̄ erão dantes tão soberbos eõ Calicut, & confiaão tão em sua fortaleza, que não somente lhes parecia que a não auia os nossos dousar de cometer, mas ainda falando & muytas vezes sem proposito dizião, huios a Calicut: Assi q̄ recolhidos os nossos ho governador se alargou de terra & surzio ao mar pera dali despedir pa Portugal a Pedrafonso daquiar, que por morte do Marichal ficaua por capitão mór

da sua armada. E refusingo Pedrafonso de se partir dali, dizendo que tinha necessidade de tornar a Cochim pera despachar sua armada, disse-lhe ho governador q̄ era ja tarde, & que as naos que estauão em Cochim por carregar que erão muytas, & poderião fazer tanta detença, que por ser muyto fora de moução quando partissem inuernaria em Moçambique, que seria grande de seruiço del rey seu senhor, por isto q̄ se partisse com tres que ali tinha carregadas, & q̄ em Cochĩ lhe despacharia logo outras tres q̄ nomeou, & q̄ as outras era seruiço del rey q̄ ficassẽ na India cõ a gente q̄ fora nelas, & cõ a artilharia, por q̄ nto Duarte de lemos q̄ andaua na outra costa lhe mādaua pedir a armada, & dãdo-lha, ele ficaua sem nenhũa armada, o q̄ seria causa de se perder a India, por quã soberbo ficara el rey d̄ Calicut polo desbarato dos nossos, & q̄ se ho visse se armada hiria tomar Cochĩ por isto era seruiço del rey q̄ lhe ficassẽ as naos, & gẽte q̄ dizia. Ao q̄ querdo Pedrafonso cõtrariar, o governador lhe disse q̄ ele hia cõtra ho seruiço del rey, & que assi ho auia de escreuer a sua alteza: & mais q̄ leuando a seu cargo dous cães pedreiros quãdo fora cõ ho Marichal aos paços del rey de Calicut os deixara lã, & fugira q̄ os auia de pagar: & coisto lhe pos outros medos, q̄ não somente Pedrafonso se calou a tomar lhe ho governador a armada, mas a tudo o que dali por diãte lhe quis tomar, q̄ ate as trõbetas lhe tomou, & se ele queria cõtrariar p̄gũtaualhe logo pelos cães. E coesta armada que ho governador reteue ficou ele muyto poderoso, & pode cõ ajuda de nosso senhor fazer as grandes cousas que despois fez, o que não fizera se ho Marichal não mor-



ra, porque lhe não ouuera douzar de tomar a armada, & sem ela ouuera de ficar hum pequeno capitão do mar, & não governador. E vendo Pedrafonso daguiar que não podia levar a melhor do governador deu-lhe tudo quanto quis, & partiose com tres naos pera Cananor & dahi pera Portugal.

Capitolo. v. Do que ho governador fez despois que foy em Cochim. E de como se perderão nos baixos de Padua Bastião de soufa & Frãcisco de saa indo pera Portugal,



Espois de partido Pedrafonso daguiar pera Cananor se partio ho governador pera Cochim, onde deu a capitania do nauio que foy de Vasco da silueira a hum Antão nogueira cunhado de Duarte de lemos: a quem escreueo por ele, que pelo desastre de Calicut, & por a armada da India estar ainda varada não se partia logo & lha leuaua; porem que se partiria tanto que fosse deitada ao mar, & que lá se darião as galés como el rey seu senhor mandaua. E escreueo a dom Afonso de noronha seu sobrinho capitão de cacotorã que estaua prouido por el rey da capitania de Cananor, rogandolhe muyto que partisse logo, & escriuiua a Duarte de lemos que lhe desse embarcação se lha ja não tinha dada. E partido Antão nogueira despachou ho governador pera Portugal Bastião de soufa, & Francisco de saa, & Gomez freyre que tinham suas noas carregadas; & indo por sua via,

jem Bastião de soufa & Francisco de saa que hião ambos juntos forão dar nos baixos de Padua, & por ser ho tempo bonança não fizerão as naos mais que abrir & assentarse na areia, & antes que se enchessem dagoa se foy a gente nos bateys a hum ilheo que está junto dos baixos, onde se saluarão com muyto mantimento, & muyta fazenda. E estando assi por quanto dali era perto a Cananor, & com a bonança que fazia poderião lá ir nos bateys, de terminarão os capitães de ir neles. E porque ouue deferença sobre quaes hiã coeles, disse Fernão de magalhães, aquele que descobrio ho estreyto de Todos os sanctos, nauegando de Seuilha pera Maluco, que bem vião que não podião ir todos juntos, & por se escusarem brigas que estauão ordenadas, que fossem os fidalgos & homens principaes com os capitães, & que ele ficaria com os marinheiros & outra gente baixa, com tanto que lhe promettessem eles de tornar por ele, ou fazer com ho governador que mandalseto que lhe eles jurarão, & com ficar Fernão de magalhães quis a gente baixa ficar, que doutra maneyra ouuera de auer brigas. E estando ainda Fernão de magalhães no batel, ja que se querião ir, disse hum marinheiro cuidando que se arrendestia de ficar. Senhor & não prometes vos de ficar cõ nosco, disse ele, si, & vedes me vou, & foyse pera eles, & ficou: em que mostrou muyto efforço, & com fiança nos homens.

Capitolo. viij. Do que aconteceu a Pedrafonso daguiar em sua viagem, & de como chegou a Portugal.





**M**omez freyre ho outro capitão de sua conserua fe guído por sua via sem chegou a Moçambique, onde achou ho capitão mór fazendo agoada. E partido da qui tanto auante como ho cabo das correntes, fez hũa nao chamada a galega hũa agoa tão grossa que foy necessario acodir lhe ho capitão mór, & meteo lhe dentro vinte cinco homens, que não podião achar por onde fazia agoa, porque era por debaixo da carlinga: & despois dachada foy tomada cõ grande trabalho, porem ho lugar era tão perigoso que pareceo a todos, que posto que se tomasse, que pera ficar segura não se escusaua descarregar se a nao, porque se nauégasse sem lhe fazer este remedio auia de tornar a fazer a mesma agoa. E por isso se determinou em conselho que tornasse a Moçambique pera se hí correger. E a gente da nao foy tão aluorçada com esta determinação parendolhe que erão perdidos, que todos de hum acordo disserão que não auião de consentir que a nao tornasse a tras sem ho capitão mór tornar nela, & se não que antes querião q os mataffem Portugueses, que serem comidos dos peixes. E vendo ho capitão mór este aluoroço por não dar lugar a que se mataffe aquela gente quis tornar na nao: & primeyro que partisse tomou ho nauio a Bras teixeira pera tornar nele, & deulhe a sua nao em q ho mandou pera Portugal, & tornou se pera Moçambique, leuando consigo a Gomez freyre, porque se a nao se fosse ao fundo se saluasse a gẽte naqueles dos nauios, & teue bem de trabalho ate

Moçambique, porque tornou a nao a a brir a mesma agoa. E descarregada em Moçambique, em a tirando a môte se partio pelo meyo que não aproueitou mais pera nada. O que visto por ele, & que não auia outro remedio se não deixar ali a carga: mado logo fazer dous fornos, em que se fez muyta cal perare bocar & argamassar algũas casas em q alojou a especiaria. E feyto isto se partio pera Portugal a oyto de Junho de mil & quinhentos & dez, que eta bem fora de tempo, & chegou a Lisboa cõ Gomez freyre a dezanoue Doutubro do mesmo anno.

## Capit. vij. Deco

mo indo ho governador pera ho estreyto do mar roxo deixou a ida por saber que fazião turcos hũa armada na ilha de Coa.



**E**yta todas estas cousas que digo, & sendo toda a armada da India partida ao mar disse o governador aos capitães, fidalgos caualeyros, & pessoas principaes que andauão coele, que por comprir a prouisaõ del rey seu senhor queria leuar a armada da India a Duarte de lemos que andaua na outra costa: & que não queria deixar nenhũa na India por não auer dela necessidade, por quanto as naos de Calicut que poderãõ hir a Meca com especiaria forãõ queymadas. E naquela moução estaua



certo: não poderẽ nauegar de Calicut pera ho mar roxo, porque em Fevereiro, Março ate meado Abril que ela duraua não auião os mouros de poder fazer outras naos, E todos aprouarão sua determinação, que posto que assi a disseste em publico, a verdade era q̄ ele queria ir sobre Ormuz, & vingarse da treyção que lhe hi fora feyta (como disse no segundo liuro, & porque se os mouros nã apercebessem sabendo sua ida dissimulaua com dizer que leuaua a armada a Duarte de lemos, & por isso a leuaua toda & tanta gente. E aparelhandose pera partir Jorge da cunha, Frãscisco de souza mãcias, Ieronimo teixeira & Luis coutinho lhe disserão que eles não ficirão na Índia, se não por lhes parecer que por ser tarde não poderião passar de Moçambique, & que por as suas naos serẽ de mercadores eles não erão obrigados a seruir coe las a rey de Portugal, se não se lhes pagassem, por isso se queria que fossem coele que lhes auia de dar outro mantimento a fora o que leuauão de viagem. Ao que ho governador respondeo, que se ele podera fazer o que pedião que ho fizera de boa vontade, mas que bem sabião q̄ não tinha comissam del rey seu senhor pera dar mais soldo do que cada hum trazia de Portugal, & por isso lhes nã podia dar mais do que trazião: quanto mais que ele os não deteuera nem detinha, nẽ ficirão na Índia, pelo que compria a el rey seu senhor, se não por não terem tempo pera partir, & pois ficauão que não era muyto fazerem aquele seruiço a el rey: & mais que eles não folgarião que ele foubesse que ho não quiserão seruir. E despois de estes capitães persiarem muyto q̄ lhe dessem outro sol-

do, & não querẽdo ho governador dar lho ouerão de ir coele: que se partio de Cochim na fim de Ianeyro de mil & quinhentos & dez, leuando a via de Cananor, & deixou por capitã em Cochim Antonio real q̄ era alcaide mór & patrão mór da ribeira, porque leuaua consigo dom Antonio de noronha seu sobrinho, & leuaua vinte duas velas, s. dezafete naos, de que erão capitães ele, dõ Antonio de noronha, Fernão perez dandrade, Jorge da silueira, Ayres da silua, Francisco pantoja, Duarte de melo, dom Ieronimo de lima, Frãscisco pereyra coutinho, Bernaldifyreyre, Manuel de lacerda, Frãscisco de souza mãcias, Jorge da cunha, Francisco coruinel, Luis coutinho, Ieronimo teixeira & Garcia de souza. E duas carauelas, de que erão capitães Antonio pacheco & Jorge fogaga. E duas galẽs, de que erão capitães Simão dandrade & Diogo mēdez, & hum bargantim, de que era capitão Simão martinz. E chegando ele a Cananor deu a alcaidaria mór da fortaleza a Diogo mendez, & a capitania da sua galẽ deu a Diogo fernandez de beja: & estando hi chegarã Bastião de souza, & Frãscisco de sa nos bateis, em que partirão dos baixos de Padua, & disserão ao governador ho perigo em que ficaua Fernão de magalhães com a outra gente. E posto q̄ ho governador soube q̄ eles teuerã muyta culpa em se perderem por não guardarem ho regimento que lhes dera, dissimulou coeles & emprestou lhes dinheiro pera suas necessidãdes, & mādou a Antonio pacheco por Fernão de magalhães, & polos outros, que os troue todos a Cananor, onde ainda achou ho governador: q̄ partido de Cananor soube a monte Deli q̄ Frãscisco



de souza, Ieronimo teixeira, Jorge da cunha & Luis coutinho o querião deixar & irselhe, iduzidos por Ieronimo teixeira que se fossem todos andar da armada de Ceylão pera dentro, por que ali se carregarião de presas, o que ele sabia de quando fora a Malaca com Diogo lopez de sequeyra, & que dali sem tornarem aa India se hirião pera Portugal, como fizera Diogo lopez. E porque isto não ouesse effeyto tirou ho governador a capitania a Ieronimo teixeira, & aos outros tomou as menajens, que não fossem hūs às naos dos outros, porque ali se fazia a conjuração, que foy desfreyta coeste a talho. E costeando ho governador da li a costa foy ter ao porto de Baticalã onde estauão duas naos de mouros de Meca que forão tomadas pelos nossos capitães, & forão vendidas a hūs mercadores da mesma cidade. E estando aqui ho governador lhe foy dado hum recado de Timoja, que compria muyto a seruiço del rey de Portugal verse coele, que lhe mandasse logo dizer onde queria que se vissem. E per conselho dos nossos capitães foy a vista no ilheo Donor que esta ao mar dele onde se virão. E Timoja lhe disse caminho seruidor fora sempre delrey de Portugal, & assi ho era: & por isso lhe dizia que ho çabayo senhor da ilha de Goa, & no reyno de Daquem mandaua fazer em hũa cidade que estava na mesma ilha vinte naos de castelos como as nossas, de que cinco estauão quasi acabadas: & assi tinha feytas algũas fustas com fundamento de fazer hũa grossã armada que andasse por aquela parajempera pelejar com a sua armada, & com as naos que fossem de Portugal, & com as de nossos amigos, de

que ja tinha tomadas algũas, & que tinha artelharria, & muyta & muy boa gente branca todos turcos que sabião bem pelejar, & por isso lhe conselhaua que não fosse fora da India, & fosse logo sobre a cidade de Goa, porque esta ua em disposição pera a tomar sem perigo, porque ho çabayo era morto, & hũ filho que lhe sucedera chamado também çabayo, não estava na cidade que era na terra firme a fazer guerra a hũa cidade que se lhe rebelara, & que leu a ra a mayor parte da gente de goarniça que tinha em Goa, que por esta causa era muy facil de tomar, & querendo ir tomala iria coele, & leuaria a dianteira, & que as suas naos poderião entrar no rio de Goa. E sabido isto pelo governador chamou logo a conselho, & propoz nele o que lhe Timoja dissera: & per todos foy acordado que se deuia de trabalhar por se tomar Goa, quanto mais podêdofe auer daquela maneira, & por isso deuia ho governador de deixar dir onde hia & ir a Goa, que aquilo parecia ordenado por nosso senhor. E de tudo isto foy feyto hum auto per Lourenço de payua que er a secretario, em que todos assinarão. E assi foy feyto outro sobre ho governador pedir a todos os capitães, fidalgos & caualeiros, que sendo caso que ele falecesse na tomada de Goa, que eles ouessem por governador da India a dom Antonio de noronha ate vir de çacotorã dom Alfonso de noronha seu hirmão, q̄ elrey seu senhor mandaua que lhe sucedesse na gouernança, o que lhe todos prometerão, & assinarão ho auto que se d'isso fez. E assentado que se tomasse Goa, cõcertou ho governador cõ Timoja que fosse por terra sobre a fortaleza de Cintãcora, em que estava



hum capitão do çabayo com gente de goarnição toda branca, & que tra balhasse por a queymar, porque a quella gente não fosse focorret Goa. E concertado isto, se partio dali Timoja, & foyse a Honor, onde junta muyta gête foy sobre Cintàcora indo por terra, & sua armada ho foy esperar ao cao bo Darama,

Capit. viij. De como está situada a cidade de de Goa cabeça do senhorio do çabayo.



Sta ilha a que nos chamamos Goa, chamão os canarins, q sam os gêrios naturaes da terra Tigoari, foy do senhorio do reyno d Da quem, em cuja costa está a cincoenta le goas de Dabul; nauegando pera ho sul está d dezaseys graos da bnda do norte fera de sete ou oyto legoas de roda, pou co mais ou menos. Tem duas barras, a principal de que se seruem está na foz de hũ rio que se chama Pangim, & ao longo dele duas legoas da barra está situada hũa cidade que tem ho nome da ilha. E da barra pera dentro da banda da ilha estava hũ baluarte, onde agora está ho castelo de Pangim; & da banda da terra firme estava outro baluarte & ambos com artelharia. E defronte da mesma ilha de Goa, onde se chamaua ho vao de Gondalim, q se chama agora ho Passo seco se faz outra ilha antre a de Goa, & terra firme que se chama Iũa & he despouada; & ho rio q fica antrela & a de Goa he tão estreyto, & de tão pouca agoa, que com baixa mar

se passa quasi a pênxuto; porê ha nele muytos lagartos dagoa, que tambem ha nos outros rios. E despois que ho çabayo foy senhor desta ilha, pera a fortalecer, mādou que todos os condenados à morte por justiça fossem lançados naquele rio com grande foõ de trõ betas & bacias, que os lagartos teuerão por sinal da ceua que lhe lançauão, por que comem homês, & acodião logo como ouuião as trombetas, & daqui se acostumarão ali, de maneira que se deixará ficar, & fizerão casta q ha agora ali muytos, & quem ouuer entrar por este passo ido da terra firme ha de passar a Iũa & dahia Goa. Tem esta ilha outro passo da bnda do leuante obra de hũ quarto de legoa d este Passo seco, q se chama Benastarim, & dhũ passo ao outro era a ilha cercada d muro & baluartes; & ao longo do muro da parte de dẽtro era a terra a lagadiça, de modo que ficaua muyto forte, & em Benastarim estava hũa pouoação de gentios, como ainda agora está, & aqui he ho rio mais largo que no Passofeco & vay alargado de cada vez mais ate outro passo q tẽ a ilha que se chama Agacim onde a tra ueffa de mar que ha dela à terra firme, he mais d hũa boa legoa, & aqui se faz outra barra que se chama Goa a velha, onde a ilha tem hũa fermosa praya. E no tempo que esta terra foy de gentios esteue hi apropria cidade de Goa, q os mouros destruyrão; & foy muyto grãde & nobre, segundo ainda então parecia na soma de cantaria laurada, & em muytos piores que hi estauão. E nesta barra, ou pera melhor dizer, baya defronte Dagacim, se vem meter hũ rio que vem da terra firme por hũa comarca que ha nome Salsete. A mayor parte desta ilha he cercada



de rochedo & vasa: a terra e si he muy fermosa & viçosa de muytos & grandes palmares q̄ dá muito vinho, azeite vinagre & jagra, q̄ sabe quasi como a gucar, & arecas que dão areca com q̄ se come ho betele, & estudo isto se faz muyto dinheiro, & tem agora muytos Portugueses disso muyta renda. Ha tambem muytas hortas em q̄ ha muytas & muy singulares frutas da terra, & muytas & muy fadias agoas: ha muito arroz & outros ligumes & deles di, feretes dos nossos & todos pa comer, & ha grãde soma de gergelim, de que se faz muy bõ azeite q̄ elcusa o nosso, & he em tanta abastança que se faz em lagares como ho nosso. Ha nela muito gado, de vacas & de bufaros, & muyto sporcos & galinhas, & muyto & bõ pescado, & assi outros muytos mantimentos da terra & do mar. He muyto pouoada de gentios que se chamão canarins, hũs brameses & outros doutras calidades, tem muytas casas doração de seus idolos a que chamão pagodes: & ha per toda ela muytos & grandes tanques feytos de ladrilho (em que podẽ nadar nauios) pera se lauarẽ os gentios & mouros, Nesta ilha como digo duas legoas da barra pelo rio de Pangim acima, defronte doutra ilha chamada Diuari estaua situada a nobre cidade de Goa, não tão polida como agora, porẽ bẽ arruada & de boas casas altas de sobrados de pedra & cal & cercada de muros baixos, & tinha boa fortaleza & grandes almazẽs, & hũs paços do çabayõ: era pouoada de mouros mercadores estrangeiros, muy honrrados & ricos todos brancos, & tambem de gentios naturaes da terra, & doutros filhos de mouros & de gentias que se chamauão neiteãs. Era cida

de de grãde trato por ser de bõ porto & por hirem a ela muytas naos de Meica, Dadem & Dormuz com grande soma de caualos q̄ pagauã muytos de reytos, q̄ era a mayor parte da rãda q̄ rãdia a alfandega de Goa. Esta ilha cõ as duas q̄ disse, & outra chamada Chõrãõ que estã muyto perto dela erãõ do senhorio do reyno de Daquem cujo derradeiro rey a deu cõ estoutras tres ilhas, & com a terra do Balagate dẽtro na terra firme a hũ mouro seu vassallo que se chamaua çabayo por ser bõ caualeyro, & manhoso na guerra, pera q̄ a fizesse a el rey de Narsinga seu vezinho: & despois se leuãtou este çabayõ como disse contra el rey seu senhor quando se lhe leuãtarãõ os outros capitães que lhe gouernauãõ ho reyno, & despois que se ho çabayõ leuãtou fortaleceo a cidade mais que dantes, & mãdou fazer na entrada do rio de Pangim os dous baluartes que disse, & ambos bẽ artilhados, & tinha neles alcaides & gente branca de goarnição que os goardauãõ, & assi na cidade em que de cõtino tinha hũ capitãõ cõ muytos turcos de peleja, por q̄ se não fiaua doutros pera fazer coeles guerra: & tinha a ilha tambem goardada que ningũe não entraua por mar nem por terra se não cõ muyto grande recado de goardas que estauãõ em todos os paços q̄ erãõ Pangim, Agacim, Benastarin, Gondalim & Daugim. E nestes se registraua todo ho homem que entraua na ilha, & lhe escreuiã todos os finacs que tinha em seu corpo & donde era, & assi ho deixauãõ entrar. E isto fazia ho çabayõ porque lhe não fizessem treição, & coela lhe tomassem a cidade, & assi ho fazia ho filho despois q̄ lhe succedeo no senhorio.



Capit. ix. De como o governador chegou à barra de Goa, & de como dō Antonio d' noronha tomou os dous baluartes da barra.



**A**rtido Timoja, partitose ho governador pera Goa, a cuja barra chegou hũ dia a horas de vespera, & em chegando foyter Timoja coele, & de caminho deu na fortaleza de Cintãcora, & a tomou & queimou, & nos ilheos de Goa se embarcou em sua armada, q̄ seria de ate doze cotias em q̄ leuaua boa gente de guerra, Surto aqui ho governador acordou em cõselho de mandar sondar ho rio pa ver se poderião entrar as naos como dizia Timoja, & q̄ hiria a isso ho piloto mór em hũ batel com dom Antonio de noronha q̄ auia de ir tomar ho baluarte q̄ estaua na ilha de Goa abaixo de Pãgim; & auia dir em hũa fusta, & auião dir coele Simão dãdrade na sua, & Simão martiz no seu bargantim, & Jorge fogaça no seu batel; & q̄ entretãto q̄ dō Antonio desse no baluarte da ilha, daria Timoja no outro da terra firme; & vista a disposição da barra que tornasse ho piloto mór com recado ao governador. Isto assentado partirãse os que auião dir, & tanto que aparecerão comearão os inimigos de tirar dos seus baluartes, & logo Timoja se apartou com suas cotias a cometer ho baluarte da terra firme, & dom Antonio cõ os outros capitães cometeo ho da ilha e que estaua cufogogi hũ mouro capitã de Goa, que tanto q̄ soube polas vigias q̄ tinha como a nossa frota parecia ao mar receãdo o que foy acodio logo cõ gente de caualo a socorrer a fortaleza de Pãgim, & dahi se passou ao baluar-

te da barra que estaua abaixo dela, & mandou dar fogo a essa artilharia que tinha; de que hũ pelouro deu na proa da fusta de dom Antonio & leuou hũ pedaço dela, & por muy pouco errou de ho matar. Ecõ tudo ele com os outros capitães não deixarão de passar a uante & poiarão em terra, onde ho prímeyro que poiou foy Jorge fogaça, & com ho feu guiã se meteo antre os inimigos que erã muytos, & pelejou cõ muyto esforço cõ cutiladas & lâçadas, & os nossos tambẽ; & nisto foy ferido cufogogi em hũa mão cõ hũa seta da nossa parte q̄ lha passou pela palma, & como a dor era mortal não pode mais esperar & saiose da peleja; que sintindo os seus fugirão logo & desemparrão ho baluarte, ficando algũs mortos. Desemparrado ho baluarte os nossos ho entrarão, & tomarão algũs mantimentos, & armas que hi acharão, & dom Antonio mandou recolher os tiros que estauão neles; & fazendose isto chegou Timoja, que tambẽ tomou ho outro baluarte, cõ matar algũs dos inimigos, & tomado o queimou. E ajuntado com dom Antonio se ferão a fortaleza de Pangim onde se acolhera cufogogi, q̄ vendo quã asinha os nossos tomarão ho baluarte, temendo que fizessem assiã fortaleza por ele estarã ferido que nã podia estar cõ sua gẽte na peleja caualgo & foisse pa Goa ho mais secretamente que pode. E cuy dando os inimigos que estaua na fortaleza quizerão defender a defebreação aos nossos, & nã poderão por mais que trabalharã, & ferirã os nossos neles tã rijo q̄ os fizerã recolher pa a fortaleza & entrarão coeles & matarão muytos & os outros fugirão sem morrer nenhũ dos nossos.



Capit. x. De como ho governador sabē do o que dom Antonio tinha feyto entrou pera dentro de Pangim, & do recado que mandou à cidade.



Omada a fortaleza de Pangim foylhe posto fogo, & assi à pouoaça & ardeo grande parte de tudo. E por ser ja q̄ n̄ noyte dom Antonio nã quis passar dali, & mādou recolher a artelharia. E despois de recolhida q̄ era noyte mandou ho piloto mōr com recado ao governador, assi do q̄ tinha feyto como da disposiçāo da barra, & da sonda que tomara, & no caminho achou ho piloto mōr Nuno vaz de castelo branco, que por mandado do governador hia em hū batel a saber o q̄ era feyto, & o de ficaua dom Antonio: porque quando ele vio ho fumo da fortaleza de Pangim que ardia cuydou q̄ era em Goa, por amor do outeiro que estā sobre pangim, que parecia da barra onde ele cuydaua que era a cidade, porque ainda nã sabia onde estaua. E com quanto Nuno vaz achou ho piloto mōr, & soube ho recado que leuaua ao governador; todauia ho foy saber de dom Antonio, & sabido tornou ao governador, posto que era passada grã de parte da noyte. E estando ja ho governador esforçado de tudo, determinou de ao outro dia com a viraçāo mādard todos os nauios peq̄nos cō a mais gente que podessem leuar: o que logo mandou dizer Nuno vaz a dō Antonio, & que se posesse acima donde chamao Rabandar, que he auante de Pangim hūa boa mea legoa da cidade, & q̄ ali esperasse ate ele ir cō os nauios, por que as naos grandes entrariāo despois,

E ao outro dia como foy tempo se partirāo os nauios pera onde estaua dom Antonio, que era onde lhe ho governador mandara: & hiāo coeles muytos paqueres de Cananor, & paraos de Cochim que ho governador ali deteuera, pera lhe ajudarem a desembarcar a gente, porque tinha poucos bateys. E aq̄le dia a tarde despois de ho governador saber q̄ as naos grandes podiāo entrar pera dentro, tēdo tempo, que entāo fallacia: & deixandoa a recado se foy pera onde estaua dom Antonio, & achou à fala coele hūa cotia que sayra da cidade, em que estauāo algūs mouros, que em seu trajo pareciāo homēs honrrados, que como virāo surta a galē em q̄ hia ho governador, q̄ era a de Diogo Fernandez de beja, abalroando coela saltarā dentro, & forāse deitar aos pēs do governador, beijandolhos: & fazēdo os ele leuantar, lhe disserāo q̄ erāo mercadores Dormuz vassalos del rey de Portugal, & nauegauāo com seu seguro. E sabēdo como ele estaua na barra lhe leuauāo refresco, de galinhas, carneyros, & fruytas q̄ lhe despois derāo, & lhe disserāo como ho capitā de Goa fora ferido na tomada do baluarte da barra: & por isso, & por os mouros verē tão afinha tomados os baluartes, & por auer na cidade pouca gente darmas, & estar ho hildaçāo longe desconfiaūo os mouros de Goa de se poderem defender, & determinauāo de se lhe entregar se ele cometesse a cidade. E por esta noua lhes prometeo ho governador aluicaras, & deixando cō sigo algūs deles despedio logo os outros pera que se tornassem à cidade, & dissēssem aos moradores dela que ele nã auia de fazer guerra se nã a quem a quisesse, & se eles a nã quisessem q̄



lha não faria, mas antes os deixaria viuer liures como viuiaõ, & ainda mais se mais podesse fer, & os trataria como a Portuguezes: & lhes quitaria a terça parte dos dereytos que pagauão ao hidalção. E todos os que tinham terras, rēdas & soldos do hidalção, ho teuessem como dantes, & ho mesmo vsaria com os pagodes & mezquitas: & q̄ assi mouros como gentios viuessem liurementemente em suas seitas. Por isso que lhes rogaua que folgassem de ser vassallos delrey de Portugal, & de ho terē por senhor, & a ele por amigo. Sabido este recado por estes hōrrados da cidade, como ja esta uão abalados pera se darē determinaranse em ho fazer, & disserão a cufogogi, que se ele quisesse pelejar cō ho governador que peleja se, porque ho não auiaõ dajudar: dandolhe as rezões por que. E vendo ele isto não se atreuendo a defender se foy da cidade, & passou-se pera a terra firme, pera se ir ôde esta ua ho Hidalção,

Capit. xj. De como a cidade de Coa foy entregue ao governador, & do q̄ fez depois dentrar nela.



**A**rtido cufogogi esses mouros honrrados de Coa ē nome de todos os moradores dela mādardão dizer ao governador pelos mouros Dormuz, que eles lhe entregarião a cidade, com condição que alem de todas as seguranças que lhe daua, de q̄ faria hū seguro assinado por ele, lhe seguraria tambem as fazendas & pessoas, assi dos mouros como dos gentios. O q̄ ho governador fez, & isto somēte aos mercadores & naturacs da terra, mouros,

bramenes & canarins; porem que a fazenda dos lascarins, turcos, & doutra qualquer gēte darmas que nã entrasse neste seguro, & fosse perdida pera el rey, & pera as partes. Do que os mouros forão contentes por não poderem al fazer, & lhe mandarão dizer que ao dia seguinte fosse tomar posse da cidade q̄ sabido por algũa gente darmas que auia nela fugio pera a terra firme. E ao outro dia com a viração se foy ho governador pera a cidade que estava dali a tiro de bombardas, & chegãdese pela começou de se descobrir ho porto, em que auia muytas naos de mercadores, & outras varadas & começadas de fazer, & muytas fustas, & outros nauios. E pelos muros da cidade appareceo muyta gēte, que saya a ver a nossa frota. E antes que ho governador chegasse ao cays forão esses principaes da cidade entregarlhe as chaues dela, & fazendolhe sua reuerencia, lhe disse hū em nome de todos. Esta tua supita vida, & a tempo que esta cidade estava desamparada, assi do hidalção que foy nosso senhor, como dos lascarins que a goardauão, nos faz parecer que Deos ta quis dar pera se acrecentarem com tamanha cousa como esta, as cutras muyto grãdes que tu & os frangues tē, des feytas nestas partes. E pois ele quis mudar ho senhor a Coa nos outros ho não podemos estoruar, & ta entregamos. E doje por diante nos submetemos ao senhorio delrey de Portugal, & nos metemos de baixo de teu emparo, pera que nos trates como a seus vassallos, & nos fauoreças como a teus seruidores. E dizendo isto lhe deu as chaues, que ho governador tomou cō muyto grãde prazer, louuando o que fazião, & prometendolhe que lhe pedião. E dado



muytas graças a nosso senhor pola muy grande merce q̄ lhe fazia: desembarcou no cays aos dezafete de Feuereyro do anno sobredito: & entrou logo na cidade pela porta da ribeyra cō a gente feyta em elcoadrões, & a bādeira real, & tanjêdo diâte suas trôbetas. E certo q̄ era muyto pera louuar ho senhor deos vendo entrar os nossos tã pacificamête em hũa cidade de mouros tã poderosa sendo os nossos tã poucos. Entrado ho governador na cidade repartio logo se us capitães, & gente pelas portas dela, & pelos muros, em q̄ mādou fazer estâcias muy bem artilhadas: & a fortaleza deu a dō Antonio de noronha, porque auia de ser capitão: & ele se apouentou nas casas q̄ forã do çabayo, em q̄ achou muytas molheres do hidalcã, & moças q̄ lhe alifirão, & pela cidade muytos & hōs caualos Darabia & da Persia. E ē hũas grãdes casas dalmazē q̄ estauã átre a fortaleza & as casas do çabayo, estauão muytos mantimētos, muyto breu, muyta estopa, prezadura & cordoalha pa as naos, & fustas dos turcos q̄ se fazião pa a armada q̄ se ordenaua, o q̄ se pos em recado: nã lamente o que estaua dos muros a dentro, mas també no dos muros a fora, assi como na fustilha, & naos q̄ estauã varadas, & outras q̄ estauã quasi feytas, & começadas de fazer: & antrelas estaua hũa quilha cō codaste & roda, & muyta liação ja posta, q̄ dizião os nossos q̄ acabada seria demil & duzentos toneys segundo ho fundamento da armação, & disse se q̄ ja lhe ardera outra da q̄le tamanho que tinhã feyta na primeyra cuberta. E nesta armada pos ho governador grãde vigia, porque lha não queymassem os mouros, q̄ esperaua de se a pueitar dela: & del'pois disto ouue em seu poder

todos os arrêda mētos das tanadarias d' Goa que tinha na terrã firme, & desco, briolhos Crisnã, q̄ era então moço, & era filho doutro Crisnã, q̄ fora rendeiro da q̄la terra: & assi ouue os jtes de quanto rendia a alfandega de Goa, & o q̄ se pagaua de soldo, & mantimēto aos lascarins q̄ estauão na cidade. E achou q̄ a alfandega redia doze mil par daos douro, & asilhas anexas a ela cinco mil & as tanadarias da terra firme, s. Caste Antruz, & Bardes rendião selienta & cinco mil, a fora outras muytas q̄ auia. E vendo ho governador quão grossa cousa era Goa, louuaua muyto a nosso senhor por lha assi entregar, & dizia a se us capitães q̄ da sua mão a tinha, & pois erã hũa cousa tamanha, assi na abstença dos mātimentos como na grãdeza da renda q̄ era muy necessaria pera conseruação do estado da India delrey seu senhor, & assi pa proueito de sua fazenda. E por tanto lhe parecia muyto necessario q̄ a goardassem cō todo ho boō recado, & diligencia q̄ podessem: o q̄ se não podia fazer sem q̄ inuernassem ali todos aquele inuerno, por q̄ cō sua estada faria a gête assento, o q̄ seria ao cōtraio se se fosse logo por mais gêre q̄ deixasse nela. E aprouado por todos este parecer, mandou ho governador entrar as naos grandes pera dêtro, surgirão junto da cidade, & proueo os passos da ilha, q̄ se chamão tanadarias, q̄ em nossa lingua querêdizer almoxarifados, q̄ assi ho sam, por q̄ os tanadaries que estão neles arrecadão os dereytos das mercadorias q̄ entrão por eles. E estas tanadarias etregou a algũs dos nossos, a que mādou que nã deixassem entrar na ilha, nẽ sayr dela nenhũa pefoa sem leuar sua chapa como se costumaua dâtes. E esta chapa era como selo



se não que era aberta de parte a parte, & punhasse cõ almagra, & deu a estes tanadares escriuões, & piães géticos, & assi algũs dos nossos pera goarda dos passos, & deu a capitania de Goa a dõ Antonio, & a feytoria a Frãscisco coruinel, & a alcaydaria mór a Gaspar d'payua; & assi pueo outros muytos officios.

Capit. xij. De como o gouernador mādou duas embaixadas, hũa a el rey de Narsinga, & outra a el rey de Vêgapor, pera fazer amizade coeles.

**P**Rouidosos officios da cidade, proueo ho gouernador as tanadarias da terra firme, assi pera se não perderẽ, como pãse arrecadar ho dinheiro que se la deuia ao hidalcão, q̃ ho gouernador dizia q̃ se auia de pagar a el rey de Portugal, pois era señor de Goa cabeça daquelas terras do Balagate. E por quanto as tanadarias erã no terra firme, não oufou dauêturar nelas nhũs dos nossos pera oster la por tanadares, & quis atêtar ho vao cõ géticos, & mouros dos moradores de Goa, fazendo cõta que naçles não se auenturaua mais, que hireuse cõ ho dinheiro que estaua ainda no mato, & nã era del rey seu senhor, & nos nossos auêturaua se a vida, que lhos poderião matar a todos. E a cada tanadar destes deu hũ esferiuão gético, & quinientos piães, q̃ todos auião de ser pagos do dinheiro q̃ arrecadafsem: & encomendoulhes muyto q̃ trabalhassem por trazerẽ a gente da terra a obediencia del rey seu senhor. E por que ele receaua, que por ho hidalcã ser muyto poderoso lhe fizesse guerra, pera ver se podia cobrar Goa, deter mĩnou de se liar cõ elrey de Narsinga seu

vezinho, pera q̃ ou ho ajudasse, ou fizesse guerra, como fazia ao hidalcão, & coisso lhe estorua se que a não fizesse a ele; & pera isso lhe mandou a ébaixada, q̃ lhe ouuera de leuar Pero fernã dez tinoco, q̃ foy morto em Calicut. E fez ébaixador a hũ Gaspar chanoca, homem de boa casta, & caualeyro da casa del rey seu señor, que mandou bẽ acõpanhado, assi de gête de caualo dos nossos, como de piães da terra, & todos bẽ atauados, & deulhe algũs caualos q̃ desse da sua parte a elrey de Narsinga. E a instrução da embaixada q̃ leuaua del rey de Portugal foy, q̃ ele folgaua muyto de ho ter por amigo, & que assi ho seria seu, & mandaua ao seu gouernador da India que ho fosse, & ajudasse sempre em suas guerras contra seus inimigos, pedindolhe licença pera fazer hũa fortaleza em Baticala, porque ali lhe era muyto mais necessaria que em outro nenhũ porto dos que tinha, por amor da carregaçã que se hi fazia pera Ormuz. E o gouernador lhe mādaua dizer da sua parte, que el rey seu señor lhe mandara que tomasse Goa pera ho ajudar mais facilmete cõtra ho çabayo q̃ lhe fizera sempre guerra, & por esta cauã tomara Goa: donde da parte del rey seu señor lhe mandaua aq̃les caualos. E se quisse entêder em cõquistar ho reyno de Daquẽ, q̃ ele ho ajudaria, & cometeria logo de fazer guerra ao hidalcão. E mādou mais a Gaspar chanoca que de caminho fosse pela cidade de Vengapor, & falasse ao rey dela, & lhe desse de sua parte hũ presente de peças de boreado & dez carlata, pedindolhe, que pola amizade que tinha cõ elrey seu señor, lhe deixasse cõprar em sua cidade duzentas seelas, & outras rãtas cubertas pera caualos, de que tinha



necessidade, & em companhia de Gaspar chanoca, mandou ho governador hã frade de sam Francisco chamado frey Luis, pera que visse se podia conuerter el rey de Narfinga a nossa fctã fee. E indo Gaspar chanoca por Vêga, por deu ho presente a el rey, que se escusou de dar licença pera se comprarê as selas, & cubertas, dizendo que a não podia dar sem consentimento del rey de Narfinga. E proseguindo Gaspar chanoca seu caminho, chegou a Bisnagar, ôde estaua el rey de Narfinga, que ho mandou receber cõ grande tolenidade, por ser embaixador de quẽ era, & fez lhe muyta honrra, & recebeo cõ muyto prazer a ebaixada, & presente: & mostrou grande contentamento do governador ganhar Goa. Porê despois se soube que lhe pesaua porq̃ auia medo aos nossos, & pareceo lhe que tendo eles Goa lhe não hirião nenhũs caualos Darabia, & da Persia, como hão quando era de mouros, & tudo isto dissimulou, mas não despachou ho embaixador dali a grande tempo.

Capit. xiiij. De como fortalecendo ho governador a cidade de Goa ouue hãa a motinação antre os nossos, & por cujo conselho.

**Q**ntendêdo ho governador ê fortalecer, alli os muros da cidade pera os fazer mais altos como a fortaleza, ordenou, que pera mais breuidade, & a obra ser mais forte que os nossos a fizêsem, & repartio ha per quartos pelos capitães, a que mandou que desse a cada hũ mes aos de sua capitania. E pa este gasto lhe ordenou hũ tâto ê dinheiro cada mes, segundo a gente a q̃ auia de dar mes. E juntamente coesta obra

mandou acabar as naos que estauão comçadas, & tôdas as despesas destas obras se faziã do dinheiro q̃ se auia das tanadarias da terra firme que estaua a obediencia del rey de Portugal, por q̃ a quella gente não he se não de viuã que vence, & tanto lhe daua pagarem aos nossos como aos mouros, & por isso pagauão sem trabalho, & hão a Goa tomar seguros do governador. O que elle vendo, & tendo a coula por mais segura tirou os tanadares mouros, & mandou em seu lugar algũs dos nossos de baixa sorte: & estes arrecadauão os de reytos, & os mãaduã a Goa a feytoria. E vendo Timoja como as tanadarias estauã pacificas por el rey de Portugal pedio ao governador q̃ lhas arrecadate, & que ele tomaria a guarda delas sobre si, & cõ essa condição lhas arrendou ho governador por quarenta mil pardaos douro. E andando ho governador ocupado nestas obras que digo, comẽçarã se de agastar algũs capitães cõ ho trabalho que era muyto grande, por q̃ nã somete trabalhauão de dia, mas vigia uão de noyte, que ho governador nã se fiaua da gente da terra. E dos capitães que se mais agastarã foy Ieronimo teixeira, Luis coutinho, lorge da cunha, & Francisco de soula mancias, q̃ mais cõ vergonha que com vontade seguirã ho governador a q̃ apertauã muyto que lhes desse licença pera se hirê pa Cochim, porque tinhã necessidade de inuernar lá, pera ho corregimento de suas naos. O que ho governador dissimulaua, & dilataua a resposta, pola necessidade q̃ tinha deles & de sua gête. E affirmouse que quando lorge da cunha vio que ho governador lhe não daua licença, que lhe a motinou a gête a que ho ajudauão dous da sua capitania,



hū chamado Esteuão bayão, & outro Francisco de figueiredo. E puocarão o bra de noucentos homēs q̄ nã comefsem às melas de seus capitães, & q̄ lhes pedissem hū cruzado pera cada mes, & não lho querendo dar q̄ roubassem a cidade, & lhe possessem fogo. Do que sendo ho governador auisado deu em hūa casa, em q̄ estauão juntos quasi todos estes cōjurados, de que prēdeo algūs, & despois por ser ho tēpo que era os foltou, & por se achar que Jorge da cunha era mais culpado que eles, pelo que fizera, & ho não quia de castigar como merecia. E dali por diante nunca aqueles capitães cessarã de fazer requerimentos ao governador, pera q̄ os deixasse ir: & por ele nã querer darlhes licença, se publicauão por muy agrauados dele. E durando estas cousas teue ho governador recado q̄ no porto de Baticalã estauã carregado certas naos de mouros sem terẽ seu seguro, & dizẽ do seus donos que lho não auião de pedir: & por isso ho governador as mandou tomar por Fernã perez dādtrade. Simão dādtrade seu irmão, & por Jorge da silueira, & eles não acharão mais de duas, & tomarã nas carregadas darroz, & dagucar. E sabẽ do ho logo ho governador, deu licença a Ieronimo teixeira cõ suas importunações q̄ fosse inuernar a Cochĩ, & tornou lhe a capitania da nao q̄ lhe tinha tomada, & mādou lhe que passasse por Baticalã, & leuasse as duas naos de mouros q̄ os nossos tomarã, & as entregasse em Cochĩ na fey toria: & ele ho fez assi, & foyse coe Jorge da silueira, ainda que foy contra ho regimēto que tinha do governador que era que tornasse a inuernar a Goa, & disse se q̄ Ieronimo teixeira lho fizera fazer: mas ele deu por escusa q̄ ho

seu piloto, & mestre se nã atreuerã a leuarlhe a nao a Goa por ser ja iuerno, & ser muyto mād bolina: & Fernã perez & seu irmão tornarã a iuernar a Goa.

Capit. xiiii. De como Antão nogueyra tomou hūa nao de mouros no cabo de Goardafum; & de como leuando dõ Afonso de noronha pera a India se perdeo na costa de Cambaya, & morreo dõ Afonso, & os outros forã catiuos.



Antão nogueyra que ho governador mandou de Cochĩ cõ recado a Duarte de lemos, chegou a çacotorã, onde ho não achou, q̄ era ido a Melinde muyto doente pera se curar, por ser a terra de bõs ares, & çacotorã muyto doetia. E q̄ndo se partio deixou mandado a Francisco pereyra de berredo capitão do nauio sam loão, q̄ leuasse pera a India a dõ Afonso de noronha: & despois de chegar Antão nogueyra de Cochĩ se perdeo ho nauio de Francisco pereyra cõ tempo que deuã costa: & despois disso embarcou, dõ Afonso, & Francisco pereyra cõ Antão nogueira pa hirẽ dar mada ate q̄ tornasse Duarte de lemos de Melinde. E andando ante ho cabo de Fartaq, & ho de Goardafum, toparão hūa nao de mouros de Cábaya da cidade de Reyne. E vëdo eles que os nossos os querião tomar poserã se em defesam, por q̄ erã muytos, tirandolhe às bombardadas, com que se defenderão bẽ quatro oras q̄ não lhe durou mais a poluora q̄ traziaõ, & por lhe falecer os poderão os nossos abalaroar: & despois de abalroados foy a pe leja muyto mais aspera que dantes com muytas pedradas, frechadas & arremessos de lanças que os inimigos tiraõ,



& os nossos trabalhauão quãto podião polos entrar, mas nunca poderão ate q̄ aos mouros se lhe não acabou todo ho almazêcô que se podião defender. E despois que não teuerão cõ que tirar tirauão cõ pedaços de jarras, & cõ panelas de manteiga quẽte feruendo. E em q̄nto ouue cõ q̄ pelejar semp̄ pelejarã: & de muyto feridos & cansados, forão entrados dos nossos, que em toda esta peleja não receberão nenhũ dano. Entrada a nao achouse nela muyta & muy grossa riqueza, porque auia cinco años segundo os mouros disserão que andaua tratando fora de Cambaya. E por çacotorã não ter porto pera aquela nao inuernar seguramente, que era ja boca de inuerno, pareceo bẽ a dõ Afonso, & a Antão nogueyra & aos outros que arribassem à India, & que là inuernariã. E auido este conselho, pera q̄ a nao dos mouros fosse segura, passarão ho capitão dela, & elles mouros principaes ao nauio Dantão nogueyra: & na nao dos mouros poserão por capitão a Fernão Iacome cunhado de dõ Afonso, & derãlhe algũs dos nossos pera hirẽ coele, & assi se partirão caminho da India, in do dõ Afonso no nauio Dantão nogueyra, que por a nao andar pouco esperaua por ela; & nisto se deteuerão tãto, mais do que se ouuerão de deter, que q̄ si começaua ho inuerno na costa da India. E indo alamar tanto auante, como Batitãlã, deulhes hũ tẽporal de vento por dauante muyto grande, & não podẽdo a nao sofrer ho payro ouuerã darribar: & coesta pressa ho piloto mouro leuou a nao a Dabul, õde se perdeo na costa. E Fernão Iacome, & os outros forã catiuos, & leuados ao tanadar de Dabul, que os mãdou ao Hidalcão seu seõor & ho nauio correo ate a enseada de Cãbaya, & perdeose defrõte do lugar de

Damão õde deu em hũ baixo, de q̄ os nossos ficarão sem esperança de saluação, por ser a terra de inimigos. E cõtudo temendo dõ Afonso mais a morte do mar que a da terra, lançouse logo a ele em hũa boya do nauio pera escapar nela, cõ quãto lhe todos disserão q̄ ho nã fizesse, por q̄ ho rolo do mar era muy grande & que ho mataria, mas ele não quis se não lançar se: & dizẽ que aconselhado de dous mouros, que lhe disserã que eles ho saluarião. E assi se lançou tã bẽ hũ frade de sam Frãcisco q̄ hiacoele de çacotorã, que se chamaua frey Antonio do loueyro, q̄ hia por custodio à India pera là fazer mosteiros da sua ordẽ. E indo dõ Afonso pa terra na boya, & chegãdo a ela arefaca dagoa que era grande ho tornaua ao mar, & ho rolo que era muyto mayor reuolueo a boya sobrele & deulhe na cabeça, & tantas vezes lhe fez isto que ho matou: porẽ frey Antonio escapou & sayo a saluo. E assi Frãcisco pereyra, Diogo correa, & os outros que se lançãdo despois que ho mar allestegou, & forãse a terra onde forão catiuos pela gẽte dela, por mãdado dhũ capitão delrey de Cambaya que ali estaua em hũa pouoação, que os estaua esperando. E este capitão que se chamaua Miacoje, era cunhado do capitão da nao dos mouros em q̄ se pdeo Fernão Iacome, q̄ como disse hia neste nauio, & como ele deu em seco fugio a nado pera terra, & contou a Miacoje como os nossos lhe tomarão por força a sua nao, & por isso se aluoroçou a gente da terra tanto contra os nossos que os querião matar a todos, & escassamente Miacoje os pode salvar em hũa casa, onde os mandou goardar por sua gẽte: & isto por amor de hũ mouro granadi q̄ ali estaua q̄ auia nome Cideale, q̄ vèdo os nossos se foy a Miacoje, & lhe disse



q̄ os não consentisse matar, né que rece-  
 bessem nenhū dano, por q̄ Meligupim  
 sefior daq̄la terra, & grande priuado  
 del rey de Cábaya, ho não auia de auer  
 por bê, por q̄ ele trataua cō mais de tri-  
 ta naos que lhe os nossos podião tomar  
 em vingança, & ainda por essa causa hi  
 riã sobre aq̄le lugar, & ho queymariã,  
 q̄ lhes lebrasse o q̄ ho visorey fizera e  
 Dabul por menos q̄ aquilo. E q̄ tãbẽ  
 el rey de Cábaya por rogo de Meligu-  
 pim mãdaria queymar aq̄le lugar, por  
 isso q̄ não bolisse cō os catiuos, se não q̄  
 lhes fizesse honra; & por q̄ sabia que el  
 rey de Cábaya & meligupi folgariã de  
 saber q̄ estauão ali a q̄les catiuos se hia  
 logo a Chãpanel perã lho dizer. E por  
 isto q̄ Cideale disse a Miacoje, teue ele  
 muyto grãde cuydado de goardar os  
 nossos, & teue bê que fazer em os defẽ-  
 der da gente da terra, de q̄ muyta par-  
 te se foy à casa onde eles estauão pera a  
 queymarẽ, & bradauão q̄ lhos dessem:  
 & os nossos estauão em grande agonia  
 vendo q̄nto se trabalhaua por sua mor-  
 te. E nisto os foy ver Cideale, & em en-  
 trando lhes disse em castelhano, Deos  
 vos salue Christãos, efforçay, por q̄ eu  
 vos ajudarey em tudo o q̄ poder, por q̄  
 sey q̄ soys de muyto preço, & homens  
 hórados; & espero ã fazer por vos ma-  
 is do q̄ fez Cideale ho torto pelos cati-  
 uos q̄ catiuarã em Diu, & eu não sam-  
 turco se não granadi; & disselhes como  
 se hia a Champanel a dar cõta de seu  
 catiueiro a Meligupĩ sefior daq̄la ter-  
 ra, & ho mais q̄ dissera ao capitão q̄ os  
 goardaua. E encomedãdo os a Deos se  
 partio pera Chãpanel, onde contou a  
 Meligupim o q̄ passaua acerca dos nos-  
 sos. E por q̄ ele desejava ã seruir a el rey  
 de Portugal, & ter amizade cō ho go-  
 uernador, cõtou logo a couza a el rey, &  
 fez coele q̄ mãdasse pelos nossos, pera

q̄ estueessem e sua corte, & q̄ lhes mã-  
 dasse arrecadar a fazenda q̄ os da terra  
 ouuerão toda antes q̄ se ho nauio desse  
 zesse. E el rey de Cábaya ho fez assi, &  
 mãdou recado ao seu capitão q̄ a ouues-  
 se; & ele fez grandes diligencias sobre a  
 auer, & aos q̄ soube q̄ a tinhão mãdou  
 dar muytos tormentos, assi pera confes-  
 farẽ se tinhão mais como por q̄ lha não  
 derão pa el rey de Cábaya pois era sua  
 por cõstume do reyno. E coesta diligẽ-  
 cia se cobrou toda a fazenda & se pos e  
 recado, & assi esteue ate q̄ despois se  
 entregou a seus donos quando sayrão de  
 catiueiro (como direya diante). E e quã-  
 to se ela arrecadaua Miacoje mandou  
 os catiuos a Chãpanel, saluo a Frãcisco  
 pereyra de berredo q̄ estauaua doẽte,  
 & a outros sete q̄ ficarã coele; & a ele fa-  
 zia Miacoje muyta honra por amor do  
 capitão seu cunhado, q̄ lhe rogou que  
 assi ho fizesse, porque q̄ndo hião pelo  
 mar hũ nosso marinheiro lhe quisera  
 dar cõ hũ paio, & Frãcisco pereyra lho  
 tolheo, & ainda espancou ho marinhei-  
 ro & daqui ficou ho mouro seu amigo;  
 & por isso Miacoje lhe fazia muyto ga-  
 salhado. E estando ali naquele lugar  
 mandaua aos nossos que apanhassem  
 os caucos de hũas naos que se ali fa-  
 zião del rey de Cábaya, & deu ho cuy-  
 dado de mandar os outros a Frãcisco  
 pereyra. E auendo dous meses que  
 erão catiuos forão leuados com os ou-  
 tros à corte del rey de Cábaya, õde este-  
 uerã ate que sayrão de catiueiro, como  
 direya diante.

¶ Capit. xv. De como ho Hidalcão se  
 partio com grade exercito pera tom-  
 ar Goa; & como Timoja foy lan-  
 gado dastanadarias da terra firme.

C Hegado gufogogi capitão que  
 foy de Goa em tempo dos mou



ros ao hidalção, contouhe como os nossos a tomarão, & como as tanadas da terra firme estauão por eles: o que ho Hidalção sentio muyto por ser cousa tão principal de seu senho- rijo & temer se que dali lhe conquistal sem a terra firme, & por isto deter- minou de a tomar logo, o que lhe pa- receo que poderia fazer facilmete por que tinha muy grossa gente, & ho go- uernador muyto pouca: & mais que se a gête da ilha fosse da sua parte, como esperaua q̄ não auião os nossos de ter mantimentos, assi por os não poderem auer da terra por ele ser señor do câpo, como por os não poderẽ auer per mar, por q̄ por ser inuerno não se podia na- uegar a costa da India, & tãbem por os nossos nã poderẽ sayr de Goa: por esta rezão fazia conta de os tomar a todos, & a frota q̄ tinhão, & apagalos de todo na India. E coesta determinação fez paz cõ o rey de Narsinga, que foy dis- so contẽte, posto q̄ neste tẽpo tinha ou uida a embaixada q̄ lhe leuou Gaspar chanoca que não soube nada da paz do Hidalção cõ o rey tão secretamente se fez, & el rey ho trazia em dilacões sem lhe responder ate ver se ho Hidalção tornaua a tomar Goa, pera q̄ se a não to- masse etão aceitaria a amizade del rey de Portugal pelo dano que lhe podia fa- zer de Goa, & se a tomalle escusaria a amizade, porque sabia que lhe não era necessaria se os nossos terẽ Goa. E por esta causa não quys tãbẽ el rey de Ven- gapor dar licença pera a compra das seelas & cubertas õ sua terra. Foyta esta paz partiose ho Hidalção pa perto de Goa, & dali mandou recado aos merca- dores de Goa, & a toda a outra gête da terra da determinação q̄ leuaua, & as causas que ho mouerão a tomar aquela empreza, rogãdolhe q̄ ho ajudassem

leuantandose cõtra os nossos. E eles lhe mandarão p̄meter que entrando qual quer capitão seu na ilha se leuantarião logo cõtra os nossos, porque estauão os mouros muyto escandalizados do go- uernador, porque mandara matar hũ seu caciz homẽ muyto hõrado ãtreles, & de grande credito, & mandouho ma- tar polos seus alabar deiros, porque foy certo q̄ indose hũa moura fazer Chri- staã à cidade este caciz a afogou, por que a não pode tirar daquelle p̄posito. E tẽdo ho Hidalção certeza dos mou- ros & gêtios que se leuatiarião cõtra os nossos, abalou pera a fralda do mar cõ seu arrayal, que era de muyta gente & foyter ã serra que se chama Dogate dõ de a terra firme: Goa se chama Bala gate. E esta serra he doze legoas dõ Goa & he tão alta que se gasta dous dias em sobir ao cume, onde he muyto chaã, & dali pa baixo muyto fragosa: & tẽ cer- tos passos, & em cada hũ hũa fortaleza cõ gête de garniã. E da parte de Goa cerca esta serra as terras do hidalção co- mo muro, & q̄ si ao pẽ dela estã agora a cidade de Bilgão, õde ficou ho hidalcã cõ seu arrayal. E dali mãdou a Pulate- cãõ seu capitão geral boõ caualeyro, & turco de nação, & assi a hũ capitão del rey de Narsinga cõ muytos turcos de caualo & gêtios de pẽ que fossem lâçar Timoja fora das tanadarias que tinha arrẽdadas, & lâçado passasse auãte: & assentassem ã terra de Salsete defrõte da ilha de Goa da banda Dagaci, & de Benastari, per õde principalmete en- trariã a ilha se podessem, & assi por ou- tros lugares. E cõ Pulatecãõ ganhar a ter- ra q̄ tinha Timoja, não ouue nada q̄ fa- zer, por q̄ a sua gente tanto que soube a ida dos inimigos fugio a mór parte dela pa Honor, & Timoja se foy cõ a outra pera Goa, leuãdo algũ dinheiro das rẽ



das que tinha arrecadado q̄ entregou à feytoria, de que se affirmou que ele sonegaua a mór parte. E tão q̄ ho creio ho governador, & por isso ouue secreta mete algũ desgosto antrele & Timoja, & nunca se mais fiou dele. E sabêdo ele a vida dos imigos sobre a ilha, acordou cõ seus capitães, que pera estar segura era necessario goardarense per mar, & per terra os passos do vão de Gondali, de Benastari & Dagaci: & a goarda do vão que agora he ho Passo seco deu a Francisco de souza mancias, & a Francisco pereyra coutinho, e foy feyta hũa trãqueyra bê artilhada, & no mar esta ua hũ nauio pegado cõ a terra firme. A goarda de Benastari se deu a Garcia de souza, q̄ tinha em terra outra tranqueyra, & no mar estaua Ayres da silua no seu nauio. A goarda do rio Dagaci que era largo foy dada a Fernão perez dan drade, & forão coele Luis coutinho no seu nauio, & Diogo fernandez de beja na sua galé, & sayrão por Pangí, & entrarão por Goa a velha, & deitaran se todostres defronte Dagaci junto dôde se ho rio estreita pa Benastari ho mais perto que poderão da terra firme, de maneyr a que podião pescar com sua ar telharia qualquer cousa que decesse pe lo rio de Salfete, onde se esperaua q̄ os imigos fizeeffem suas jagadas pera pas sarẽ a ilha. E dentro no rio de Benastari rim antre ele & Agaci mandou ho go uernador q̄ esteueffe Simão dãdrade na sua galé: & deu a goarda da praya de Goa a Jorge da cunha cõ sesenta de caualo dos nossos, & muytos piães da terra, de q̄ era capitão hũ Canari valente homẽ, que auia nome Me nayque. E a fernão perez mandou ho governador q̄ mandasse piães géticos à terra firme sem saberẽ hũs dos outros a saber o que fazião os imigos: o q̄ Fer-

não perez fazia cõ muyto cuydado, & ho governador ficou cõ os outros capi tães em goarda da cidade, & teue nela Timoja que nã quis q̄ fosse aos passos, porque se não fiaua dele. E como não sabia o q̄ lhe sucederia mādou acabar cõ breuidade hũa das naos dos rumbes, & deitouha ao mar, & pos lhe nome sã Ioã, & deu a capitania dila a Nuno vaz de castelo branco. E nisto chegou Pulatecã, & assentou seu arrayal na terra firme da outra banda do rio de Benastari detras dhũ oyteiro que està defronte da pouoação, que logo os nossos souberão.

Capit. xvi. De como Pulatecã assentou arrayal sobre a ilha de Goa defronte de Benastari, & de algũs re cad os q̄ ouue átrele & ho governador.

**P**Assados q̄tro ou cinco dias despois da vinda de Pulatecã, hũ dia pela festa apareceo sobre ho oyteiro q̄ esta defrõte de Benastari hũ mouiro cõ hũa bandeira de paz. E sabendo ho Garcia de souza lhe mandou mostrar outra, q̄ era sinal que lhe daua seguro. Então deceo ho mouiro à praya, & perguntou em portugues aos nossos q̄ esta uão da outra banda, que estava por capitão na q̄le passo. Garcia de souza lhe disse o seu nome, & ele disse q̄ era Portugues, & auia nome Ioão machado, & fora degradado d Portugal na armada de Pedraluarez cabral, & q̄ fora deitado em Melinde, dôde fora ter a Diu sabêdo a arauia, & hi andara muyto tẽpo a soldo de Meliquiaz, & despois se fora pa ho hidalcãõ, dizêdo q̄ era turco, & assi ho cuydauão os mouros: & por isso ho hidalcãõ cõ quem viuia lhe dera hũa capitania de gête brãca, & ho estimaua muyto: porẽ que cõ tudo isso lhe lembraua que era Christão, & Portu-



ques, pelo q̄ desejava ho bẽ dos nossos, E por essa causa lhes dizia q̄ Pulatecão trazia muyta gẽte, & ho hidalcão ficava muyto perto dali, cõ muyto mais pa se ajutar coele, & q̄ era por toda quareta mil homens os mais deles turcos, & gente branca do estreyto, & tinhão de terminado de entrar a ilha; & q̄ folgara muyto de dizer isto ao governador, pera lhe acõselhar q̄ não quisesse guerra cõ ho hidalcão que era muyto poderoso, & mais em sua terra, & q̄ lhe auia de tolher os mantimẽtos, & por ser inuerno lhe não auia de poder ir de fora; & por isto que ouesse boõ cõselho, & lhe deixasse a ilha & a cidade antes de se ver em perigo, Garcia de souza lhe disse que p̄meyro se aq̄le rio tornaria de cor de sangue, que os imigos entrassem a ilha. E agardeceolhe muyto seu uiso, dizendo q̄ ho mandaria dizer ao governador; que q̄ndo isto soube pareceolhe manha de Pulatecão, pera ho espantar cõ ho poder de gẽte que trazia; & pera lhe contraminar a manha, mandoulhe hũ recado por hũ caualeyro q̄ fora sobrinho de Ioã da noua, q̄ auia nome Abraldez, & sabia arauia & outras muytas ligoas. Este cõ seguro de Benastari, se passou ao arrayal dos imigos; & disse a Pulatecão da parte do uernador, que ele se espantava muyto do hidalcão querer guerra coele, q̄ era capitão mór delrey de Portugal, com que os mais dos reys da India, & assi outros señores folgauã de ter amizade & paz, principalmente seus vezinhos, pelo que deuia muyto de folgar de ho ter por amigo, & estar coele em paz, porq̄ tendo guerra lhe sabia quãto mal lhe podia fazer em bẽ tolher que não ouesse nenhũs caualos, porque os não

podia auer se não por mar, onde sabia bẽ quã poderoso era el rey seu senhor, & tirandolhos, & deixãdo os ir a el rey de Narsinga, q̄ ho destruyria muyto assinha, por isto que visse bẽ o q̄ fazia. Pulatecão respondeo que ho hidalcão folgaria de ter paz, & amizade cõ el rey de Portugal, cõ tanto que não perdesse Goa, q̄ era a principal cousa de seu señorio; que se ho governador lha soltasse em paz, que ele folgaria de aceitar sua amizade, & q̄ aceitãdo ha daquela maneyra veria quanto a desejava, pois podendo ho danar ho deixava de fazer; & ou lhe alargasse Goa ou não, que lhe refogatasse as molheres & moças do hidalcão que tomara em Goa, Iornãdo Abraldez coesta reposta, Ioã machado que assi auia nome aq̄le Portugues que foy dar ho uiso a Garcia de souza, sayo coele, dizendolhe que desejava muyto de falar cõ ho governador, pera lhe dizer cousas de muyta importancia, que lhe releuauão; mas pois não podia ser que lhe dizia em soma que ouhasse bẽ por si, & que se fosse em quanto podia, porque ho poder dos mouros era tamanho, q̄ despois de entrarẽ a ilha receua que lhe tomassem a cidade sem se poder valer. E tudo isto contou Abraldez ao governador, que confiaua tanto na guarda que tinha nos passos, q̄ lhe parecia q̄ era impossivel entrar se por eles a ilha, posto q̄ os imigos fossem em galãs, quanto mais que não podião ir se não em jangadas; & assi ho disse a seus capitães, por cujo conselho respondeo a Pulatecão, que não auia de largar Goa, nem resgatar as moças, nem as molheres, porque as tinha por filhas, & esperaua de as tornar Christãs, & casalas cõ Portugueses pa pouoar Goa coeles. E desta reposta ficou Pulatecão



muy espantado, porque sabia muy bẽ qua pouca gẽte ho governador tinha, & passou logo sua tenda ao lãgo do rio de Salfete, onde mandou fazer certas jangadas pera passar nelas sua gente à ilha por quãto não tinha outros nauios em que a passasse.

Capit. xvij. De como as jãgadas dos imigos forão acabadas, & do mais que passou antrelas, & os nossos.

**L** Porqus se temeo que se os nossos sentissem q se fazia as jãgadas, lhas poderião ir queymar nos bateys e hũa noyte muyto escura q chouia, por ser entrado ho inuerno, mandou fazer na boca do rio hũa estacada, em q mãdou fazer hũa estãcia de artelharía miuda, sem os nossos ho sentirẽ por amor da tormẽta q fazia. E qndo amanheceo q Fernão perez vio a obra q estaua feyta quis cometer de entrar ho rio cõ conselho dos outros capitães q hião e bateys scõle, Luis coutinho, Betnaldi freyre, & hũ lorge dorta, q depois q esteue na goarda, mandou ho governador q esteuellem coele, & Diogo fernandez lheshia nas costas na sua galẽ: porẽ os nossos por mais q trabalharã nũca poderã entrar ho rio cõ os muytos tiros q lhes tirauão os imigos, e considerando q receberião mór perda nos muytos q poderã morrer em entrar ho rio, do q receberião de pueito se ho entrassem, não quiserão mais insistir e ho entrar, & tornaranse onde estauão. E depois disto acabarão os imigos de fazer as jãgadas, que sam desta maneyra duas almadias grãdes cõ traues pregadas em ambas de duas muyto juntas, & taboas pãgadas por cima, & e cada hũa destas cabia muyta gente: & nas proas & popas das almadias auã dir os remeyros.

Acabadas estas jangadas, determinãdo Pulateção de entrar a ilha, mãdou as hũ dia pela manhaã tirar do rio de Salfete pera ho rio Dagacim, tẽdo os nossos em tão pouco, que lhe parecia q de dia poderia entrar a ilha. e coe se pensamẽto se quisera os seus passar do rio Dagaci pera ho de Benastari. O q vẽdo Fernão perez cõ os outros capitães se partirão donde estauão aboga arrãcada, & se forão poer na boca do rio de Benastari a esperalos: & por isso os imigos deixarão ho caminho q leuauã, & meteran se àtre hũ ilheo q se chama ho dos bugios, & a terra firme, & deixarã se estar. E quando Fernão perez se foy pera a boca do rio esperando de pelear cõ os imigos, Luis coutinho nã quis ir coele, & foy se meter no seu nauio, & deixou Fernão perez, q pregitou a lorge dorta que farião, & ele respondeo q fizesse o que quisesse, por q morreria coele. E vendo Fernã perez como os imigos se punhão em concrusã de trãr a ilha, mandou ho governador, q foy logo por terra a Agaci cõ gente de caualo & de pẽ. E vindo da praya a coufa como estaua, & q se não podia fazer nojo aos imigos, mãdou aos capitães q esteuellem como esta uã: & q mãdaria a dõ Antonio q se fosse ajutar coeles no seu batel, parecẽdo, lhe que abastarião todos pera defender q os imigos não entrassem ho rio, & defeyto abastarão se eles entrarã de dia. Ho governador não somente mãdou ajuntar cõ os outros a dõ Antonio, mas acrecentou a gente em todos os passos da ilha por onde parecia que se podia entrar: & encomendou a lorge da cunha q visitasse muitas vezes ho passo Dagacim, & mandou algũas coctias que andassem do Passo seco ate on



de estava Simão dandrade visitado os passos & os navios, pera q̄ lhe dessem recado do que passasse. E quando foy ao despedir das cotias não as achou, & pregutando por elas, dissera lhe algũs gentios & mouros seus amigos, que ho xabandar as furtara, & as mādara aos imigos pera passarem à ilha, & mais q̄ lhe fazia fogos em lugares secretos. E xabandar he officio antre os gentios & mouros, como antre nos patrão da ribeira: & este de Goa era gentio. E sabdo ho governador isto dele, mādouho chamar estando à porta da ribeira, & p̄guntadolhe pelas cotias, ele se começou de embarçar de maneyra que pareceo a roindade, & por ela ser tamanha, não lhe quis ho governador mais esperar, & mādouho matar pelos seus alabardeiros, o que os gentios sentirão muyto por ser principal antreles, & indinaranse muyto mais do que estauão pera se levantar contra ho governador em os mouros entrando na ilha.

Capit. xviii. De como gufolari, & gufogogi capitães do Hidalcão entrarão a ilha cõ algũs dos imigos: & do que fizerã nesta etrada lorge da cunha, Francisco de souza mancias, & Frãcisco pereyra coutinho.



Vendo Pulateção que lhe contrariarão os nossos a entrada do rio de Benastarim, nã quis mais cometer a entrado de dia, & determinou de ho fazer de noyte, pera o que lhe logo fobreuco hũa muyto escura, & de grãde tormenta de vento, & de chuua: & como ele a vio alli mandou a gufolari hũ mouro valente caualeyro que fosse por capitão da gente das jangadas, que se-

rião ate mil homẽs, & que se fosse de-reyto ao passo de Benastarim, & hi de sembarcalle: & ho mesmo mādou a gufogogi que fora capitão de Goa, que entrasse pelo passo de gancalim, onde estauão as cotias que lhe dera ho xabandar de Goa carregadas de gente, & que ele entraria despois. E duas horas ante manhaã fazendo a tormenta que digo abalou gufolari cõ as suas jãgadas, remãdo aboga surda ao lãgo da terra firme, pera que nã fossem sentidos dos nossos bateys, que estauão na boca do rio de Benastarim da bãda da ilha. Porẽ Fernão perez que estava mais perto da terra firme os sentio logo, & mandãdo levar fatexa, & dar fogo a hũ falcão que tinha lhes começou de tirar, ao que logo acodirão todos os outros capitães q̄ diisse que ali estauão, & tirauão muyto a miude, de maneyra que fizerã deter os imigos que não passassem da boca do rio de Benastarim: porque como as jãgadas serão gñtãdes acertauales a artelharã, & fazialhes muyto nojo. Porẽ gufolari que tinha abocado ho rio, quãdo os nossos acodirão, sem ser sentido teue tempo de passar auante, & cuydãdo q̄ ho seguissem os nossos, trabalhou por tomar terra ho mais afinha que pode, & poiou antre a pouoação Dagaci, & a de Benastaricõ obra de trezentos turcos que leuaua em duas jangadas, q̄ cõ ho grãde escuro que fazia forã dar em hũa vasa, õde atolarão, & se encherão todos de lama: & q̄ ndo se alli virão não oufarão de passar dali, porque não vião por onde auião de ir, & esperarão a manhaã. E não poderão estar rão calados que Menayque ho capitão gentio q̄ por ali andaua com seus piães os não sentisse, porque sentia a reuolta q̄ hia no rio, & logo lhe pareceo que os



imigos querião entrar a ilha. E sabêdo  
 a verdade q̄ ali estauão imigos, como  
 era amigo dos nossos, & muyto leal mã  
 dou logo recado a Garcia de Soufa,  
 q̄ era ho capitão q̄ estava dali mais per  
 to, & ele veo muyto de pressa cõ parte  
 desses q̄ tinha, & os outros deixou a seu  
 hirmão Pero de soufa pera goarda do  
 passo. E ajuntandose Garcia de soufa  
 com Menayque, erão tão poucos, & os  
 turcos estauão em lugar tão forte que  
 lhe não podião fazer nada. E parecêdo  
 a Garcia de soufa, que sendo algũa gê  
 re mais os poderiã desbaratar, mãdou  
 dizer por Menay q̄ a lorge da cunha  
 q̄ andaua em Goa a velha, que lhe aco  
 diu se pera matar e aq̄les imigos. E com  
 q̄nto lho Menayque disse, & quã pou  
 cos erão nunca quis ir coele, & se fora,  
 sempre os imigos serão desbaratados:  
 porq̄ como os imigos estauão desesper  
 rados de socorro pola resistencia que  
 virã fazer aos nossos, vendo gente de  
 caualo contrã, & piães ouueranse de  
 desbaratar logo, & estes desbaratados  
 não buerão os da terra doular de se le  
 uantar contra os nossos, como depois  
 leuantarão pola entrada da q̄les: & não  
 somente não quis lorge da cunha aco  
 dir a Garcia de soufa. Mas depois que  
 viu que a ilha era entrada se foy cami  
 nho da cidade fugindo, como q̄ os im  
 igos forã a pos ele, indo rodeãdo por  
 lugares perigosos sem recolher os seus,  
 q̄ fugião como homẽs desbaratados. E  
 sabendo Garcia de soufa q̄ lorge da cu  
 nha se não queria ajuntar coele, acodio  
 a Benastarim, onde ouuia muytas bom  
 bardadas. Este era seu hirmão Pero  
 de soufa, que cõ esses q̄ lhe ficarão pele  
 jua cõ cofogogi, que entrou por çanca  
 lito nas cotias, & veo a Benastarim, on  
 de achou muy dura resistencia, assi de

bombardadas como depois de lãçãdas  
 & cutiladas: porẽ como os nossos erão  
 poucos, & eles muytos não pôde a resi  
 stencia durar muyto. E a nossa estãcia  
 foy entrada dos imigos com morte de  
 Pero de soufa, & doutros nossos que cõ  
 quanto vingarão bem sua morte com  
 muytas dos imigos, eles ficarã señores  
 da estancia cõ hũ camelo q̄ tinha, & cõ  
 outra artelharia. E quando Garcia de  
 soufa chegou, q̄ foy começãdo ho dia  
 desclarer, ja achou os imigos senhores  
 de Benastarim; & como ho nã sabia ouue  
 rãno de matar se não fora Ayres da sil  
 ua que lhe acodio no seu batel, & ho sal  
 uou com os seus. E ho desfastre de esta  
 este passo sem gête, pola ida de Garcia  
 de soufa fez q̄ os imigos entrassẽ a ilha  
 q̄ doutra maneyra a nã entrã estes sôs,  
 & os de gufolaria entrarão, q̄ os outros  
 nũca poderão, porq̄ dõ Antonio cõ os  
 outros capitães & sua gête, matarão tã  
 tos deles depois q̄ os abalroarão, q̄ a  
 agoa se tornou de cor de sangue, & aq̄  
 les q̄ escaparão fugirão a nado pera a  
 terra firme, & dos nossos não motreo  
 nenhũ, posto q̄ algũs forão feridos; an  
 tre os q̄es foy Fernã perez. E acabada  
 dauar a vitoria, com que dom Antonio  
 estava muyto ledo cuydãdo q̄ tolhera  
 aos imigos q̄ não entrassem a ilha, foy  
 lhe recado q̄ era entrada, & por onde:  
 & mandoulho dizer Menayque, q̄ tã  
 bem se foy logo caminho da cidade, &  
 viuosse em grande perigo ate chegar a  
 ela, porq̄ os da terra lhe sayão muytos  
 pa os matar, & ele se defendeo sempre  
 muyto bẽ, no q̄ ganhou muyto louuor.  
 E sabida a noua da entrada da ilha por  
 dom Antonio, ouue conselho com os  
 outros capitães sobre o que farião. E a  
 sentou, que por quanto podia ser que  
 ho passo de Benastarim teria ainda a



gũ remedio, que ele & Bernaldi m freyre ho fossem locorrer nos bateys, & de caminho se ajuntaria coeles Simão dandrade na sua galé que estava dentro no rio. E que Fernão perez, Diogo fernandez de beja, & Luys coutinho ficassem onde estauã, & esperassem ate verem recado do gouernador, & assi se fez. E chegando dom Antonio com Simão dandrade, & Bernaldi freyre ao nauio Daires da silua acharão q̄ ja ele & Garcia de souza, & outros muytos erã idos pera a cidade por lhe tirarem da estancia de terra muytas bóbardadas, & ho nauio ser muyto pesado & auer dir de vagar. E vendo dom Antonio que não auia ali remedio, & que estava certo ser toda a ilha leuãtada, determinou de se recolher com os outros à cidade, & que assi farião os que ficauão em Agacim. E por ho nauio Daires da silua ser muyto pesado como disse, & auer de ir muyto de vagar, & ser a pressã grande ho não quizerão leuar, & ho queymarão & meterão no fundo, despejandolhe primeyro a artharia na galé. E isto feyto partiranse pera ho Passo seco, que estava tambem tomado dos inimigos que ho tomarão sem peleja: porque sentindo Francisco de souza mancias, & Francisco pereyra coutinho que Benastarim era entrado dos inimigos, embarcaranse logo no batel do nauio que tinham: & foy tamanha a sua pressa, que podêdo saluar a artharia da estancia cõ a deitarem na praya do muro abaixo, dõde a poderão leuar no batel ao nauio a deixarão, & assi hũa escada de tres troços que tinham pera a seruentia do mar: & se quando ouirão as bombaradas da peleja de Benastarim lhe forão acodir ainda lhe poderão valer, que ho nã ganhãrão os inimigos. E chegando dom

Antonio cõ os outros ao Passo seco Pedro gonçaluez piloto do gouernador q̄ estava no nauio que ali ficou de Francisco de souza, disse a dom Antonio o q̄ ele & Francisco pereyra fizerã: & por que ho nauio não podia ir senão com a maré, esperarão dom Antonio & os outros ate ser prea mar pera ho leuarem, temendo que os inimigos ho tomassẽ. E neste tempo que esperarão esteuerã em grande perigo, porque os inimigos lhes tiraão de terra muyto rijo cõ a artharia que tinham na estancia, & assi cõ muytas frechadas, & os nossos tambẽ a eles ate que veio a maré que se forão.

Capit. xix. De como os mouros & gẽtios da cidade se leuantarão cõtra os nossos, & do que fizerão Nuno vaz de castelo branco, & outros. E de como sabendo ho gouernador q̄ a ilha era entrada dos inimigos se recolheo à cidade.



Entrada a ilha pelos inimigos, & tomados os passos dela: ao outro dia pola manhaã foy dito ao gouernador que a ilha era entrada, & os passos tomados. E como ainda não tinha este recado dos capitães que estauão neles não creio de todo aquela noua: mas mãdou logo repicar ho sino da vigia, & tanger as trombetas, pera que se ajuntassem os nossos, & assi os piães da terra, a que el rey de Portugal pagaua soldo, & como eles estauão da leuanto não acodião como dantes, que logo sayão a q̄lquer repiq̄. No q̄ ho gouernador foy conhecêdo q̄ estava leuãtados, porẽ dissimulou, & mãdaua lhes q̄ se fossem à pressã a Benastarim, pera q̄ indo lhe despejassem a cidade sem q̄ entedessẽ q̄ queria q̄ lha despejassem,



porque lhe derão trabalho se a nã des-  
pejarão: & eles se forão por se hirem a  
juntar com os inimigos. E determinã-  
do ho governador de focorrer a Bene-  
nestarim, cuydando que ainda nã fof-  
se tomado, mandou la Frãcisco de saa  
com trinta de caualo, & algũs espingar  
deiros de pé. E despejada a cidade da  
gente da terra, ficando os capitães em  
suas estancias nã lhe parecendo ao go-  
uernador que a coufa estaua tão dana-  
da tornou se à ribeira (onde estaua quã  
do lhe derão a noua) pera mandar por  
mar hũ camelo a Benastarim, & ele ir  
por terra a fauorecelo, por fazer crer  
aos Canarins que nã temia a vinda dos  
mouros: & ido deixou a guarda da por-  
ta da cidade a Nuno vaz de castelo brã  
co, & acõpanhauão Dinis fernãdez,  
Ioão teixeira, Bastião roiz da moeda,  
Antonio fernãdez homem preto, Dio-  
go gotterrez, & outros q̄ por todos erã  
dez. Enisto hã calafates, & marinhei-  
ros dos nossos q̄ trabalhauã na ribey-  
ra cõprar de comer à praça, q̄ se faz  
diante da q̄la porta da cidade. E os nos-  
sos que estauão sobrela virão sayr cer-  
tos turcos & canaris, & matarão hũ ca-  
lafate, & derribarão hũ clerigo muyto  
ferido. E entã acabarão de conhecer q̄  
a gente da terra era leuantada cõtra os  
nossos, & foy logo dito ao governador:  
& ele mãdou a Nuno vaz q̄ saysse cõ  
obra de noue homẽs, & fosse dar nos  
inimigos, & se recolhesse logo, por q̄ nã  
cuy dassem q̄ lhes auia medo. E eles vẽ  
doho sayr recolherãse às boticas dos  
mercadores de panos dalgodã q̄ ali ti-  
nhã, & tẽ hũa grande rua q̄ se chama  
dos bachares, porq̄ assi lhe chamão na  
língua da terra: & os q̄ se acolherão às  
baticas fecharão as portas, & por isso  
Nuno vaz nã achou mais q̄ o calafate

que jazia morto, & ho clerigo que esta-  
ua ferido. E vendo ele que lhe nã sayã  
nenhũs dos inimigos passou auante pe-  
ra ver se achaua algũs: & despois de ir  
boõ espago por a q̄la rua virou per hũa  
traueffa, & foy ter a outra rua que hia  
pera a cidade, & indo por ela foy ter jũ-  
to de hũas casafas grãdes de pedra & cal  
que tinhão hũa grande cerca, em que  
parecia aruoredo, como q̄ era pomar:  
& por cima desta cerca parecião muy-  
tas pontas de zagunchos muyto luzẽ-  
tes. E em hũ alpedere q̄ se fazia à por-  
ta desta cerca apparecerão algũs turcos,  
& arabios com zagũchos & cofos. Nu-  
no vaz que vio que erão muytos dissim-  
ulou que nã hia pera lã, por nã hirẽ  
coele mais que noue dos nossos, a que  
disse que se tornassem: & tornandose  
que queria abocar a hũa traueffa q̄ a  
traueffaua da rua, porque hia pera as  
casas onde vio os inimigos, apparecerão  
Dinis fernandez de melo, Bastião roiz,  
Antonio fernandez, & Ioão teixeira,  
& outros que despois ho governador  
mandou apos ele, que lhe bradarã, di-  
zendo, Acolheiuos q̄ vos tomã a rua:  
& isto pelos inimigos que sayão da ca-  
sa que erão muytos, & forão rijo cõtra  
ele. E chegando ele à boca da traueffa,  
chegauã eles tambem, que nã teue ele  
mais tempo que pera abaixar a lança,  
& dizer Sãtiago, ferindo neles, & em  
ele dando per hũa parte deu Dinis fer-  
nandez cõ os outros pela outra, & aper-  
tauão com os inimigos muy brauamẽ-  
te, porem eles tinhão tanto efforço, &  
erão tão destros no pelear que tomãuã  
nos cofos os botes dalgũs da cõpanhia  
de Nuno vaz, & lançauãnos de si, & to-  
marão as lanças a dous, & derão coeles  
no chã: & ho mesmo quifera hũ dos  
inimigos fazer a Nuno vaz, querendo



lhe acolher a lança debaixo do braço e lhe tirando hũa lançada, como defeyto colheho; & em a tẽdo assi tirou Nuno vaz por ela tão riço que deu cõ ho mouro aos pès, & foy logo sobrele & matou ho com a espada tendo a lança com a mão. E Dinis fernandez por lhe acodir se chegou tanto aos immigos que veo a braços com hũ deles, a que os outros acodirão, & ouueranno de matar se não fora por Bastião rodriguez & Nuno vaz que lhe acodirão ferindo muyto riço nos immigos: & coisto foy a peleja tão trauada de espingardadas & lançadas de parte dos nossos, & de zagüchadas & pedradas da parte dos immigos que era cousa espantosa, & ajuntouse muyta gente da sua parte, porq̃ os mercadores gentios quando virão andar a cousa tão baralhada sayão das boticas com arcos que tinhão escondidos, & ajudauão os turcos, que contudo não poderão soffrer as espingardadas dos nossos que os ferião mortalmente, & derribarão cinco mortos, & os outros começaram de se retirar pela rua dentro como que querião acolher lá os nossos: & assi era porque tinhão muyta gente a que os nossos não poderã escapar se lá forão. O que receando Nuno vaz, & tambem por ver quantos os immigos erão, & quáo poucos os nossos os não quis seguir, & tornou se pera a porta da cidade indo ferido em hũa perna, que lhe passarão cõ hũa flecha per baixo dñũ gholho, & leuou a adarga empena da doutras muytas, & foy ferido muyto Bastião rodriguez quando socorreo a Dinis fernandez, & tambem Diogo goterrez foy ferido em hñ pé de que ficou aleijado. E por Nuno vaz ir alli ferido, & os outros mandou ho governador a Gaspar de payua que goardasse a

porta com outros: & nisto chegarão algũs da capitania de Iorge da cunha cõ muytos piães da terra a pos eles pera os matar, & assi mouros com bõbas de fogo que lhe vinhão lançãdo. E vindo assi acodirão da cidade algũs dos nossos espingardeiros, que os liurarão dos immigos, & os recolherão. E eles contaõ ao governador como Iorge da cunha vinha desbaratado: & a pos estes vierão outros, ora dous ora quatro segũdo se ajuntauão, & sempre os seguiã os inimigos como aos primeyros, & por hirẽ assi espalhados forão mortos tres de caualo & algũs piães: que não fora se os Iorge da cunha leuara em hũ corpo, & desta maneyra entrarão os inimigos a ilha passãdos algũs dias de Mayo q̃ era ja inuerno. E sabendo ho governador como erão eirados por Benastarim, pareceolhe que era escusado ir lá Francisco de saa com tão pouca gente como leuaua, & por isso lhe mãdo recado que se tornasse, & quem ho leuou ho achou quasi enulto com os inimigos, porque indo ele pera Benastarim em chegando às duas aruores vio os de traues per outro caminho q̃ hia pera Benastarim, & logo endereytou pareles. E cufolarim que os vio ir mandou despregar hũa bandeira q̃ lhe leuauão enrolada, pera que os nossos foubessem q̃ auia ali capitão. E cõtudo Francisco de saa não deixou de chegar aos inimigos: & começando os nossos de se emburi, lhar coeles, deuse ho recado do governador a Francisco de saa que logo recolheo os seus & se foy pera a cidade: & os inimigos ho seguirão de maneyra que a ele lhe foy forçado de voltar a eles muytas vezes cõ os seus, & assi foy ate a cidade, & nestas voltas ouue algũs feridos dâbas as partes. E quãdo Frãcisco



de saã chegou, andaua ho governador na ribeira pera mädar ho camelo a dõ Antonio de quem lhe foy recado do q̄ tinha feyto, & como tudo era lä entrado: & por isso perdeo a esperança de poder foster a ilha, & juntou a gente que tinha, & fayo coela diante da porta da cidade, pera recolher os nossos que se a colheßem dos passos, & os defender dos inimigos se fossem a pos eles. E estes erã os moradores da cidade, que por serem muytos fazião mais mal que os proprios turcos que ainda erã poucos, & se os da cidade se não leuätarã pouco a proueitara aos turcos por mais que forão entrarã a ilha pera atomar, que nunca ho poderã fazer sem ajuda da gente da terra, que tambem se leuätou vendo leuantados os moradores da cidade, se não Menayque & Timoja cõ todos os de suas capitãias. E estando assi ho governador recolhendo os nossos q̄ hão dos passos sendo aida hũ bõ pedaçõ do dia por passar, decerão douos dos de lorge da cunha p̄ hũ oyteiro abaixo, õde agora estã nõssa senhora do mõte pera hũa porta da cidade que se chama do mandouim, & hũ se chamaua dõ Anrique deça que hia diante, & outro Antonio vogado q̄ hia detras, & nas costas lhes hião muytos inimigos. E ã decendo pelo oyteiro matarão Antonio vogado, que se defendeo primeyro muyto bẽ, & matou hũ mouro: & ficando ele deixãdo ho em poder dalgũs que ho acabassem de matar, apertarão tanto os outros com dom Anrique que lhe deceparão ho caualo, & como era perto dhũ esteiro que se faz da q̄la bãda do mãdouim deitou se do caualo em lho decepando, & com muyto efforço defendẽdõse dos inimigos se arremessou na vasa do esteiro, & ali se saluou,

porque logo lhe acodirão da cidade. Assim esteue ho governador ate bem tarde recolhendo os nossos, & goardando as naos & fustas dos turcos q̄ estãuõ em terra no varadoyro: & sabẽdo q̄ todos os dos passos erão recolhidos se recolheo ã cidade, & mandou recado a dom Antonio que se recolheße cõ os outros capitães que estãuõ no rio de Benastarim: que assi foy feyto.

Capit. xxx. De como Pulatecão entrou na ilha de Goa com ho resto da sua gente, & pos cerco ã cidade: & do q̄ ho governador fez despois disso.



Abido por Pulatecão como os moradores da cidade, & assi todos os da ilha erão leuãta dos cõtra os nossos por sua parte, & os seus recebidos pacificamente, passou se ã ilha cõ todo ho resto da gente que lhe ficaua que serião bem dez mil homens todos mouros & turcos gẽte branca, & efforçada que sabia muy bem pelear. E como foy na ilha mandou assentor seu arayal õde chamã as duas aruões obra de mea legoa da cidade caminho dõ Benastarim: & em quanto se as tendas assentãuõ foy sua gente dar vista ã cidade, que polo pouco tempo que auia que estãua em poder dos nossos, ainda ho governador ho não teuera de lheman dar leuãtar os muros, & estãuã baixos, & fracos como os mouros os tinhão, & algũa parte que se refizera a nõssa maneyra estãua ainda por exugar, de modo que a cidade estãua bẽ fraca. E por que os inimigos ho sabiã confiados em sua multidãõ, & efforçados com apouquidade dos nossos se chegarã aos mu-



ros ho mais que po derão, tirando com muytas frechas: & assi trazião espingardões com que tirauão muytos farpões, & outros tiros de besta, & esteue rão a moor parte do dia neste jogo sem os nossos receberem dele nenhum dano antes fizerão muyto aos mouros ate que lhes foy necessario retirar se pera seu arrayal. E vendose ho governador cercado, porque os inimigos se nã a proceitasssem das naos, & nauios de remo que estauão varados dantes que lhe fosse entregue a cidade mandou que lhe possessem fogo: & ou por lhe nã ser bem posto, ou por os inimigos acodirem logo a isso, fez lhe ho fogo muyto pouco nojo, & eslesficarão senhores da frota que estaua varada. E porque se ho governador recebeu que coela lhe queymassem a sua que estaua no mar, a mãdou muyto bem goardar por grã parte da sua gente, & com a outra se recolheo à cidade com determinação de se foster nela ate a sayda do inuerno, parecendo lhe que pola guerra que cuy daua que ho Hidalcão ainda tinha cõ el rey de Narfinga nã poderia mandar sobrele mais gente que aquela, & na entrada do verão chegaria a armada de Portugal, & com a gēte que viesse pelejaria com os mouros, & os deitaria fora da ilha. E isto praticou com dõ Antonio seu sobrinho, & com dom Ieronimo de lima: a que parecendo assi bem ho governador: juntos todos os capitães, fidalgos & pessoas principaes de sua armada lhes disse. Ainda que senhores a etrada dos turcos á primeyra face nos ameace com muyto grandes trabalhos & perigos immensos, bẽ creio eu que ho vosso efforço he tanto mayor do que eles podem ser por muyto grandes que se jão, que vos farã ver

aquilo que nã verão outros, em que ho medo teuer mais entrada q̃ em vos, porque estes taes affombrados dele nã vem mais que a fadiga dos trabalhos, que por derradeiro acaba coeles. E os taes como vos ainda que vem a fadiga que digo nã deixão de ver quantos bẽs se seguẽ dela, alli como merecimẽto diãte de nosso seõhor em pelejar por exalçamento de sua sancta se diante del rey meu seõhor, pois coestes trabalhos lhe acrecentas seu estado, & diante dos homẽs por amor do bem comũ: rezão tendes logo de vos arriscar des por hũ mal que acaba tãõ afinha a ganhar tantos bẽs que durão pera sempre, & polo que de vos conheço como companheiro de tantos años. Bem sey que ho trabalho q̃ se nos aparelha vos nã impedirà que ganheis os bẽs q̃ digo, & mais sendo eles ho fim pera que viestes; deueis de esperar em nosso seõhor que nos ha de ajudar a alcançalo, especialmente nesta guerra, pera que vejão os mouros as grãdes maravilhas que fez com os nossos despois que conquistão a India, & que alli como os ajudou em tantas guerras, como vencerão pelejando com tantos inimigos que cobrião ho mar & a terra, assi nos ajudará, pera que defendamos esta cidade, que he a principal cousa da India, assi em fortaleza como em riqueza, & em que os mouros tem mais sua esperança: & por isso cõstituyão nela como vistes contra nos a cabeça da guerra. E se a fostemos a este impeto presente, crede me que não teremos mais necessidade de pelejar na India, & q̃ todos os reys dela hão de ter no sua amizade em muyta estima, & auer se por muyto ditosos de ter paz cõ nosco, & cõfirmarão per verdadeira a opinião que tem de nos



de sermos mais valentes que os rumes, & se a perdemos ficamos de todo em descredito, porque os inimigos não nos hão de desculpar que tínhamos fracos muros, nem poucos mantimentos; antes hão de multiplicar todo ho de nossa parte pera engrandecerem mais sua vitória. E crede que com ho esforço de la, & saberem que nos podem vencer hão logo de fazer todos liga cõra nos, & nos hão de perseguir ate nos tomar (o que Deos não queyra) aquilo que afentaráo nossos antepassados, sendo muyto menos que nos, & por ventura não també apercebidos. Lembreuos senhores que temos às costas toda a hõra da Christandade destas partes, & a do estado del rey nosso senhor: & posto que percamos a vida sobre soffter estas duas cousas que alcançamos gloria pera sempre; & se se elas perderem com ficarmos viuos, que nã temos desculpa que nos salue de muyto grande pena, & que ficamos com vida peor que morte: doãnos mais as feridas da hõra que as da carne, porque as da carne tem remedio, & as da honra não tem nenhum: que ainda que se re stau rem com se saber a verdade nunca se acaba de saber tão vniuersalmente que fique a mentira notoria a todos. Por isso oulhay o que vos cumpre, que eu nã sey que mais diga, se não que a defen sa da cidade não pode mais durar com trabalho que ate a vinda da armada de Portugal que sera daqui a tres meses, & cõ ho bizcoyto & arroz que temos, & com ho gado que ha nas ilhas de Diuar & Chorão nossas vezínhas nos manteremos, em que pes aos mora dores desta, que sem causa se leuãta rão contra nos; & que me digais que vi ra ho Hidalção com grande poder de

gente, & que nos não poderemos despois sayr da cidade, eu sey certo que nã pode vir por amor da guerra que tem com el rey de Bisnagar, a quem por essa causa mãdey embaixador, & a estes inimigos que nos tem cercados bem me atreuo conuofco a defender lhes a cidade ate ho fim do mundo. E pois senhores estais todos nesta reputação, não somente comigo, mas com el rey meu senhor, & com todos os da India: peçouos polo que deueis a este credito que ho não percais: & porque conferuando ho com vos defender neste cerco ficais em paz, & ganhais tantas coufas como disse. A esta pratica do gouernador ajudarão tambem dom Antonio, dom Ieronimo, & outros dous ou tres capitães, dizendo que era muyto bem esperar ho cerco, & trabalharẽ por se soffter ate a vinda das naos de Portugal, & todos os os outros se ferão com seu parecer, ainda que algũs ho fizerão mais com vergonha que com vontade, como direy a diante. E assentado que defendessem a cidade, fortaleceoha ho gouernador ho melhor que pode, & fez seys estacias em cinco partes do muro que estauão mais fracas, & destas era muyto mais fracas que todas onde se agora chama ho postigo do mãdouim, onde estaua quebrado hũ lango do muro, & esta deu a dom Antonio de noronha, & outra a porta q̃ se agora chama de sancta Caterina deu a Ayres da silua, as outras deu a Simão dandra de, lorge fogaça, dom Ieronimo de lima, & a Diogo fernandez de beja: & assi ordenou quartos que vigiassem de noyte, & de dia, & ele quis ser ho sobre rolda por a cousa estar mais a recado. E porque tinha necessidade de gente mãdou logo recado per hũa coria a lorge



da silueira & a Ieronimo teixeira que  
erão darmada a Batalã, que na ora se  
fossem a Goa pera inuernarem coele  
fazendolhe a saber da maneyra que  
estaua. E com quanto lhe ho recado  
foy dado, eles não quizerão fazer o que  
lhe ho governador mandaua, dando  
porexcusa o que tenho dito a tras.

Capitulo. xxvi. De como Pulatecão com  
bateo a cidade, & da resistencia que  
achou nos nolfos.



Osto que Pulatecão  
tinha por certo que a  
mayor dificuldade de  
tomar os nolfos, auia  
de ser no étrar da ilha,  
porque tanto que en-  
traffe logo os tomaria; não ho teue assi  
despois que os seus forão dar vista à  
cidade na dura resistencia que acha-  
rão: & por isso mandou que ninguẽ  
cometesse mais os nolfos sem ele ir  
em pessoa, parecendolhe que sem ele  
se não poderia tomar a cidade. E as-  
sentado seu arrayal hum dia pola ma-  
nhaã fez seys esquadrões cada hum  
de quinhentos homẽs, & mandou que  
dessem combate aas estancias que os  
nolfos tinhão feytas: & ele com outra  
muyta gente hia nas costas destes es-  
quadrões pera os refrescar quando  
fosse necessario. Os inimigos como  
hião muytos, & com ho esforço que  
lhe daua Pulatecão chegarãse quasi  
ao muro, tirando muytas frechadas, &  
farpões & quadrelos, & outros tiros  
que tirauão com espingardões: os nol-  
fos os receberão com muytas secta-  
das, espingardadas, & pedradas, &

tão brauamente lhe resistirão que os  
fizerão quebrar do impeto com que  
vinhão. Ho governador neste tempo  
corria com muyta presteza todas as  
estancias esforçando os nolfos, dizen-  
dolhes que se daquela vez sosteues-  
sem a furia dos inimigos, que dali por  
diante os acharião mais brandos. E  
eles recebião muy bem estas palauras,  
& como digo as punhão em effeyto,  
em tanto que era muyto pera espan-  
tar como sendo tão poucos, & estan-  
do com tão fraco emparo como era  
ho muro da cidade se podião defen-  
der a tamanho numero de gente, que  
fomente ho retenir dos alaridos que  
dauão era pera fazer medo, quãto ma-  
is tanto genero darmas com que os  
combatião. E estando assi ho com-  
bate em peso, çufolarim que combatia  
a estancia de dom Antonio apertou  
tanto com os de sua capitania que os  
fez chegar ao quebrado do muro pe-  
ra sobirem a escala vista: o que não po-  
dendo soffrer dom Antonio, mandou  
abrir hum postigo que ali estaa, &  
tom algũs sayo a pelejar com os im-  
migos, & ele & os que ho acompanha-  
uão ho fizeram tam bem que por muy-  
tos que os inimigos erão os fizeram  
retirar com grande dano. O que vi-  
sto por Pulatecão mandou celiar ho  
combate com muytas palauras injurio-  
sas que disse aos seus porque não en-  
tração a cidade. E despois de ho com-  
bate durar bem quatro horas se reco-  
lho pera seu arrayal, com muytos fe-  
ridos & algũs môrtos, & dos nolfos  
não morreo nenhum, pelo que ho go-  
uernador lououo muyto a nosso seõor,  
& dando muyto louoor a todos os se-  
us de quão bem ho fizeram mandou



curar algũs que forão feridos : & todos aquella noyte fizeram grande festa por lhes nosso senhor fazer tamanha merce , que assi se defenderão dos inimigos. O que Pulatecção sentio muyto , & parecendolhe que tinha necessidade de mais do que ele cuydaua pera tomar a cidade , mandou fazer hũa estancia cartelharria no varadoy ro das naos junto da porta que agora se chama de sancta Caterina , & mandou assentar hi hum camelo que foy tomado em Benastarim , & assi algũs faleões & berços que se tomarão quando a ilha foy entrada . E esta estancia foy feyta de noyte , & quando amanheceo apareceo muyto medonha , & temerosa com os tiros que tinha , & com ser goardada de muytos turcos & rumes que fazião outro arrayal , & tinham todas suas tendas em bandeiradas & fazião grandes algazaras por quebrarem os corações aos nosso , & logo mandarão desparar a artelharria no nosso muro , principalmente na estancia de Ayres da silua que como disse estaua sobre aquela porta : a que ho governador logo acodio & achou ja os nossos às bombardadas com os inimigos , que tambem lhe tirauão có algũs berços que tinham . E durãdo ho combate por esta parte chegou Pulatecção com ho corpo de sua gente , & mandou combater polas outras , mas tão pouco fizeram os seus como no dia passado , posto que apertarão muyto com a estancia de dom Antonio por onde lhes parecia que poderia entrar a cidade : ao que ele com os que ho acompanhauão resistia muyto valentemente , & assi se tornarão os inimigos sem fazerem mais que dantes , de

que Pulatecção estaua muyto agastado , & parecendolhe que por serem os seus poucos não entrãuão a cidade , mandou recado ao Hídalcão , que ja sabia que vinha por caminho pera entrar na ilha que lhe mandasse mais gente , & que apresiasse sua vinda dizendo ho aperto em que os nossos estãuão , & quão bem se defendião . E entre tanto que este recado foy , ele não deixaua de mandar correr a cidade , & os inimigos se chegãuão tanto ao muro , que não ho podendo ho governador soffrer mandaua a Dom Antonio que sayste a pelejar coeles , o que ele fazia com muyto efforço , que sempre leuaua ho melhor dos inimigos , posto que não auia dia que não pelejassem : porque nenhum se passaua que Pulatecção não mandasse combater os nossos , & não abastaua de dita , mas tambem de noyte , especialmente depois que sabido polo Hídalcão seu recado lhe mandou mais gente , que lhe vinha cada dia : & por isso como digo apertaua de cada vez mais os nossos pera ver se os podia tomar antes da vinda do Hídalcão , pera ganhar tamanha honra como aquela fora : & por isso não somente os combatia de dia mas todas as noytes lhes mandaua dar rebates per todas as estancias , principalmente pola de dom Antonio , & muytas vezes vinhão os inimigos tão caladamente & de supito que os não sentião os nossos , nem os vião com ho grande escuro que fazia ate não sobirem sobre ho quebrado do muro , donde dom Antonio com os seus os derribauão por força , & certo que soffreo aqui coeles muyto grande trabalho , porque



não auia nenhũa noyte que não pelessem, de maneyra que nem de dia nem de noyte nunca descausauão, & não era isto soo nesta estância, mas em todas, que nunca se vio gente sofrer tanto trabalho como estã. Pois ho governador não se pode contar quão imenso era o que tinha, porque trã balhaua com ho espírito em cuydar como se auia de defender a tamanho numero de inimigos, & abastados de tantos petrechos pera hoentrarem, & ele posto com tão pouca gente de tras hum muro tão fraco & tão baixo, & sem atelharã & com poucos mantimentos, & em inuerno que se não podia sair por não ser ho tempo pera nauegar. E sobre tudo sem nenhũa esperança de socorro, se não dali a tres meses & ainda. E pera descansar desta afrição que trazia no espírito não tinha nenhũa tempo, porque todo affi de dia como de noyte gastaua em correr as estancias pera ver como as defendião, & efforçar os que estauão nelas, & de não poder andar andaua a cavallo, & assi a cavallo comia, porque os inimigos erã tão cohtinos que não dauão vagar pera mais. E coestas oppressões, & outras, lorge dacunha & Francisco de souza mancias que não estauão bem com ho governador, começaram de dizer que ele queria foster a cidade, o que não podia ser por nenhũa via por ho numero dos inimigos ser muyto grande em demasia, & eles muyto poucos & mal apercebidos pera se defender, que deua da largar a cidade & irse antes que ho inuerno fosse mayor, porque despois não se poderia ir. E isto na no dizião ao governador, se não nas estancias

on i. estauão, com que começaram da uoraçar algũa gente que dizia em publico que no parecer daqueles capitães era muyto boõ. E ainda que ho governador foy auisado deste aluoreço, dissimulou que ho não sabia, nem quis falar nisso por não poer em disputa se era bem foster a cidade ou alargala, porque se viesse a isso poderia ser que aueria muytos a que pareceisse bẽ ho parecer de lorge da cunha & de Francisco de souza, & seria ho aluoreço mayor: & pera dissimuladamente a pagar ho que se leuantaua, rogo a dom Antonio & a dom Ieronimo de lima & a outros dous capitães de que se fiaua, que como de si estranhassẽ a lorge da cunha & a Francisco de souza o que fazião, & que dissessem a gente que ho governador fazia muyto mal de alargar a cidade, porque melhor seria auenturar se a defender se nela, que auenturar se ao mar õde esta ua certo perder se a armada: & eles ho fizerão alli, porẽm lorge da cunha & Francisco de souza não se quiserão delizer do que tinhão dito, & affirmãõ que ho governador fazia mal de foster a cidade.

Capitulo. xxij. De hum auiso que deuão machado ao governador da determinação dos inimigos contra os nossos, & do mais q̃ despois foy



Comẽçandose este aluoreço entre os nossos, hũa noyte foy dito ao governador que da bãda do Mandouim fala ua hum homem em



Portugues, dizendo que era João machado que lhe queria falar, que lho chamasse, porque relevava falar-lhe. O que sabido pelo governador, se pôs sobre o muro daquela parte: & sospetando que seria algum auiso que lhe quereira dar do que os inimigos orde não contra ele não quis que ho ouvisse nenhum dos circunstantes, & por isso os mandou afastar dali, João machado lhe disse que Pulateão determinava de lhe queymar a frota com cotias cheas de lenha seca, & densofre: porque queymada a frota, lhe não ficasse em que se podesse salvar, que bem tinha por certo que ho tomaria & a quantos estauão com ele como chegasse ho Hidalcão que tinha junta muyta gente de cavallo & de pee pera vir sobrele: & que a gente que tinha era tao grossa que era effusado parecer-lhe que lhe poderia resistir, & porque sabia que ho Hidalcão auia de vir muyto cedo lhe daua aquele auiso pera que se recolhesse a frota em quanto tinha tempo. Isto ditõ foyse João machado, com lhe ho governador agardecer muyto ho auiso que lhe daua, prometendõ-lhe por isso muytas mercês, & rogandõ-lhe em grande instancia que ho ouvisse de tudo o que os inimigos ordenassem contra ele. E ele lhe prometeo de ho fazer alli, dizendo que posto que andasse entre os mouros não deixava de ser Christiano, & desejar muyto de os nosõs leuarem ho melhor dos mouros. Porém ho governador não acabava de crer que isto era assi, & parecia-lhe que aquillo era ardis de Pulateão pera lhe fazer medo, & que cõ ele deixasse a cidade, do que ele estava bem

fora, porque lhe parecia que era venho a vinda do Hidalcão por amor da guerra que tinha com el rey de Narvinga, & fazia conta que se ja não teuera, que Gaspar chanoca que estava por embaixador em Bisnegar lho effreuera, que não faltaria pera isso para uares, que por lhe darem dinheiros trouxessem as cartas, O que Gaspar chanoca não fez, porque como disse a ras ele não foy sabedor da paz que ho Hidalcão fez com el rey de Narvinga por ser muyto secreto: E como quanto ho governador fazia estas contas consigo, comunicou com dõ Antonio, & com dom Ieronimo de Simão & Simão dandade o que lhe dissera João machado, & isto com juramento que ho não descobrissem a nenhuma pessoa porq̃ não atacassem ho luorogo que ancaua entre os nosõs, pera que despejassem a cidade: & assi lhe disse a razão porque não cria que ho Hidalcão auia de vir sobrele. Cosãõ que eles disserão que se não fiasse nisso, por que como aquela cidade importasse tanto ao Hidalcão que bem poderia ser, que posto que perdesse alguma coisa em fazer paz com el rey de Narvinga, que a faria, & que Gaspar chanoca ho não poderia auisar disso por cousas que cada cia socediaõ sem homem cuydar nelas, & por isso que bem poderia vir ho Hidalcão sem ho elo saber, & que se viesse que auia de vir muyto poderoso, pelo que lhes auia de ser forçado de deixar a cidade, mas entre tanto que não vinha, ele a não alargasse & se defendessem ho melhor que podessem, por isto que auia de ser com muyto trabalho, principalmente pela falta dos in



imentos que tinham, porque alguns que poderiam auer das ilhas de Diuar & Chorão, auião de ser tão poucos que auião de comer por regra, mas que tudo se sofreria por não se a largar a cidade aos inimigos. E assentados neste parecer, assentarão também que auendo se a cidade dalar gar que ho não dissesse ho governador se na mesma hora em que ho ouuesse de fazer, porque segundo os mais dos capitães erão de voto que se a largasse sentindo que ho governador imaginaua de a alargar em algũ tempo, apertarião coele que a largasse logo, como defeyto apertarão depois que Ioão machado falou coele, & posto que não foubirão o que lhe disse, parece que reuelandolhe a carne o que era. Dali por diante lorge da cunha, Francisco pereyra coutinho, & Francisco de saa, & assi outros fazião publicamente requerimentos ao governador que alargasse a cidade em quanto ho inuerno não era tamanho que não podesse sair da barra, por que depois não poderia, & mais que se não podião salvar na cidade por nenhuma maneyra. E não somete os capitães fazião estes requerimētos, mas também a gēte miuda induzida por eles, & bradauão ao governador, dizendo que os não mataste. E como ele tinha os principais capitães por sua parte, que erão dom Antonio, do Ieronimo, Simão dandrade, Manuel de Iscerda, Ayres da silua, lorge da silua, lorge fogaca & Diogo fernandez de beja, respondia a todos estes requerimētos, & a todos estes brados que ele sabia bem se se podia a cidade defender ou não, & que em quã

to a afronta não fosse mayor, que ele não auia dalar gar a cidade, nem eles lho auião daconselhar se outra mayor causa da que tinham. E vendo ho governador como este desauergonhamento de requerimentos hia tanto a uante que lhos fazião publicamente, porque os que lho fazião não dessemparassem a goarda das estancias em que estauão, requereu a cada hum dos que lho fazia que lhe desse a menagem de goardarem as estancias em que estauão, & de as não dessempararem se não por seu mandado, & isto com lho requerer da parte delrey seu senhor: que eles fizerão mais com vergonha que com vontade. E como ho governador isto entendia, quasi que não dormia de noyte por roldar as estancias, pera ter nelas os que as ajudauão a goardar aos que estauão nelas por capitães, porque de noyte lhe dauão os inimigos mayor trabalho com quererem entrar a cidade como ja disse: & pera ho governador sabe a verdade se goardarião as menajēs que tinham dadas aqueles de que não confiava, antes das horas que os inimigos costumauão de vir mandaua fazer repiques falsos, & estes taes os ouuindo fugião com medo, & deles saltauão do muro por ser baixo, & fazião coufas muyto vergonhosas pera Portuguesto que ho governador dissimulaua, porque não fazia aquilo pera mais, se não pera saber o que tinha neles.

Cap. xxiii. De como Pulateão cometeo cōcerto de paz ao governador, & ele ho não quis, & de como chegou ho Hidalcao ao arrayal.





ENdo Pulatecão  
quão bem se os nos-  
tos defendião, & q̃  
os não podia entrar  
andaua agastado de  
he succeder tão mal  
aquela empresa, em  
que ele cuydou de ganhar tanta honr  
ra como fora tomar a cidade, porque  
esta era a conta que elle tinha feita quã  
do viera cercar Goa. E porque sabia q̃  
que a vinda do Hidalcão não tardaria,  
quis ver se podia ganhar por manha a  
honrra que não podera ganhar por for  
ça, & auer a cidade por concerto: & pa  
recialhe que ho faria ho governador,  
aíli por ter pouca gente como por não  
ter mantimentos cõ que se podesse so  
ster. E pera esta negociação, escolheo á  
Ioão machado, que foy ao governador  
com recado, ficando em arrefens a Pu  
latecão A braldez ho galego de que fiz  
menção a tras. E ho governador não  
quis que lhe falasse Ioão machado na ci  
dade, porq̃ nã vísse quão fraca estaua,  
que com tudo não se podia acabar de  
fiar dele, & faloulhe na galé de Simão  
dandrade que estaua aa porta do Man  
douim, onçe Ioão machado foy leua  
do em hũa almada. E estando ambõs  
fõs sem outra pessoa algũa, porque se  
não soubesse ho recado q̃ Ioão macha  
do trazia, disse ele ao governador que  
dizia Pulatecão que se lhe quisesse alar  
gar a cidade q̃ ho deixaria ir em paz  
com todos os noícs & leuar quanto ti  
nhão na cidade, com condição que lhe  
pagasse a valia de corêta caualos, & de  
certos alifantes que lhe morrerão quã  
do decera da serra de Gate. E este parti  
do lhe fazia porq̃ desejava de ter ami  
zade coele, por ser tão boõ caualeyro,

& por saber q̃ ho Hidalcão seu señor  
folgaria tambem de a ter, assi como a ti  
nhão todos os outros reys & senhores  
da Índia, que do mais bem sabia quão  
pouca gente tinha pera se defender ao  
grãde poder que auia de trazer ho Hi  
dalcão por quem esperaua cada dia, &  
que despois que ele viesse & soubesse  
quão fraco estaua, & quanta necessida  
de tinha de mâtimentos como ele sabia,  
que lhe não quereria a cidade com ne  
nhũ partido, se não tomalo. Ao que ho  
governador respõdeo muyto dissimu  
lado, que quem dissira a Pulatecão que  
ele tinha pouca gente & muyta necessi  
dade de mâtimentos que ho enganara,  
porque nas naos os tinha que lhe aba  
stassem hũ anno, & com a gente que ti  
nhã não auia medo ao Hidalcão por  
mais q̃ teuelle: porê que por ele ser na  
Índia hũ señor tão principal, & ele ter  
necessidade dauer de sua terra algũa  
madeira pa correjímêto das armadas  
q̃ el rey trazia na Índia, assentaria paz  
coele com condições mais arrezoadas  
do que erão pagar lhe os seus caualos &  
alifantes, em cuja morte ele não tinha  
culpa, pois estando dastessigo na cida  
de que se lhe entregara, ho vinhão buf  
car sem ele defasiar ninguém: & quãto  
ao que lhe dizia de elle entregar Goa  
lhe não parecia rezão ella por ser del  
rey de Portugal seu senhor, de que ti  
nhã poder pera ganhar cidades, mas  
não pera as alargar despois de ganha  
das, posto que perdesse sobrissoa vida  
E que se todavia se ouesse de falar  
na paz, q̃ era necessario auer tregõas a  
te se acabar dastentar. Ioão machado  
disse ao governador q̃ ele diria aquillo  
a Pulatecão & ainda muyto mais pera  
abonação de quão seguro ele estaua



na cidade: porem que foubesse certo que Pulatecão sabia muyto bem como estava pelos moradores da cidade; assi mouros como gentios que de attentarem muyto bem como ele estava, & de ho saberem mandarão eles conselhar ao Hidalcão, que mandasse sobre Goa ou fosse pera se tomar, & que sem duuida que não tardaria dez dias; & que não tendo Pulatecão tomada a cidade antes de sua chegada lhe auião de queymar a frota, como lhe ja tinha dito: & despois tomar a cidade, & matar quantos estava dentro. E pera lhe descobrir este segredo fizera ele por leuar ho recado de Pulatecão, & assi se offerceo muyto ao governador pera ho servir em todo o que podesse. E porque esperava de fazer muyto seruiço, assi a nollo senhor como a ele se não hiã pera a cidade, & se deixava andar antre os siburos, onde auia muytos annos que andava contra sua vontade, mas que sempre sua tenção fora de ser Christiano, & ho era. E ho governador lhe agardeceo muyto ho offercimẽto que lhe fazia, dizendo que de cadauez que se ele quisesse tornar pera os nollõs que ele lhe faria muyta merce em nome del rey senhor, & lha faria fazer, & que dissimulasse muyto bem, como ateli que era mouro, porque assi lhe poderia mais aproueitar. E despois que praticarão nisto hum pedaço tornou-se Ioão machado pera ho arrayal, & deu a reposta a Pulatecão: que quando a ouiuo ficou muyto espantado do coraão do governador, estando como estava. E porem concedeo as treguas por seys ou sete dias: porque viffe se ho podia atraer ao que

ele queria, mas nunca pode. E neste tempo chegou ho Hidalcão ao arrayal sem os nollõs ho saberem, mais que verem finais disso na multiplicação dos mouros em muyto grande quantidade, assi de pee como de caualo. E sospetandose isto crão tantos os requerimentos sobre ho governador que despejasse a cidade & se recolhesse aa frota que se não sabia dar a conselho; mas como viffe que os inimigos não cometião a cidade como dantes, parcialhe que ainda ho Hidalcão não seria vindo. E nisto amanheceo hum dia hũa nao dos inimigos metida no fundo que não parecia mais dela que hum pedaço do masto, & estava no canal defronte do varadouro das naos. E na noyte do dia em que ela assi appareceo entrou na cidade hũ bramene de Tímõja que ho governador trazia por espia com outros no arrayal, & disselhe como ho Hidalcão era vindo: & a causa de se aquella nao ali meter, era pera se tapar ho canal, porque tapado nã podesse sair a nossa frota, que ho Hidalcão determinava de mandar queymar com cotias cheas de lenha seca, & de breu & de enxofre, porque queymada a frota não terião os nollõs em que se seluar, & então os tomaria: porque temia que querendo os tomar antes de ser a frota queymada se acolherião a ela, & fugirão. E sabido isto pelo governador communicou logo com dom Antonio, & com os outros qua tro que ja disse. E assentou com seu conselho, que pois a cousa hia daquela maneyra, & estava claro não poder defender a cidade, & a frota juntamente por não ter a gente que abastasse,



nem artelharia, que lhe tomarão os inimigos a mais quando entrarão a ilha: que ho melhor & mais seguro seria recolherse à frota, & defenderse nela antes que na cidade, porque os inimigos não tinham frota em que podessem pelejar coeles. E na cidade como era fraca dos muros & eles muyto poucos, & os inimigos muytos em demasia podianlhos derribar & entrarlos, & como não teuessem frota em que se acolher ficarião de todo perdidos: & ainda que por ser inuerno não podessem sayr da barra que passariaõ o que ficaua do inuerno naquelle rio de Pangim, & ali se defenderião melhor dos inimigos que na cidade.

¶ Capitulo. xxxiiii. De como ho governador despejou a cidade, & a causa porque



Ordado este assento tão secretamente que ninguem ho não soube, logo na noyte seguinte mandou ho governador ao piloto moor que fosse em bateys ver se poderia a nossa frota sayr por ante a terra, & a nao que os inimigos tinham alagada no canal: & achou q si posto que muyto estreitamente. Com que ho governador ficou muyto desaliuado por estar com grande medo que lhe teuessem ho canal çarrado. E logo mandou em barcar ho cobre da nossa feyteria, & outra fazenda: & assi essas poucas de peças d'artelharia que lhe ficarião, mas não que ninguem soubesse ho pera que se fazia, mais que dom Antonio, & os outros. Porem logo se sospeytou

ho pera que seria, com o que todos os que desejauão que se despejasse a cidade forão muyto ledos, & cessarã de seus requerimentos. E ho governador q ja sabia ho grande poder de gente que estaua sobre, receando que se fosse sentido que se recolhia ho entrassem os inimigos, com que os nossos se verião em muyta afronta, mandou deitar por onde eles poderião entrar pães de cobre, & pastas, & fardos de pimenta, porque em quanto se occupassem em apanhar esta fazenda se recolhessem os nossos. E estando nisto foylhe dito per loão machado que ho Hidalção lhe queria mandar por ele hum recado que desse arrefens entre tanto que lhe elle fosse falar. E dado a Braldez em arrefens foy ho governador ouir ho recado do Hidalção a galé de Simão dandrade como da outra vez: por que era tão rescatado que lhe parecia que ho Hidalção, mais mandaua loão machado pera espiar como estaua, & que fazia, que peralhe mandar recado: & com quanto tinha visto nele algũs sinais, ou muytos pera se fiar dele. Todavia não podia acabar consigo que ho fizesse, por auer tanto tempo que conuersaua com os mouros, & parcialhe que os auisos que lhe daua seria com medo que ho não prendesse, & depois que se visse ante os inimigos lhe descobreria ho seu segredo: & por isso lhe não queria falar se não na galee, onde lhe ele disse da parte do Hidalção outro tal recado como lhe trouueira de Pulatecão. E depois de lhe ter dito o que lhe mandaua, lhe disse que ho Hidalção lhe não mandaua que le recado se não polo deter que não



fugisse em quanto se fazia prestes para lhe queymar a frota, & ja que lha não queymasse, nem ho podesse tomar, queria ficar em paz coele pera lhe não tolher os caualos que lhe hião Dormuz, porque disto se receaua muyto: potem que a verdade era que ho Hidalcão desejava de lhe fazer todo ho dano que podesse. E nem por isto lhe ho governador quis descobrir como se queria acolher aa frota, antes dissimulou coele, dizendo que auia de ver se podia foster a cidade ate ho verão que fosse a armada de Portugal & que quanto aa paz ele tornaria sobriso conselho, & mandaria a reposta ao outro dia. E nesta pratica deuteu ho governador a Ioão machado do meo dia ate quasi noyte, porque não disse ao Hidalcão que lhe vira embarcar algũa artelharía, que se nã pode esconder que ele não visse. Partido Ioão machado, & recolhido Abraldez, ho governador fez ainda recolher da feytoría a mais fazenda que pode: & despois concertou com dom Antonio, que pera seu recolhimento ser mais sem reboliço ele se embarcasse primeyro na galé de Simão dandrade, & dom Antonio ficasse na cidade, & mandaria matar quantos caualos auia nela, & despois recolheria a gente á porta da ribeyra, & se embarcaria coela em corpo porque não ouesse algum desmancho. E isto andou ho governador dizendo aos capitães pelas estancias, pedindo a todos que se recolhessem com grande assesezo, porque não fossem sentidos dos inimigos, que soubessem que andauão todos muyto alerta a escualos: & que se sintissem que se recolhião que a-

uião logo de escalar a cidade, & entrarião coeles, & que lhes darião assaz de fadiga. E andando assi correndo as estancias oulhaua a cidade mostrando a magoa que tinha por a deixar tão cedo: & ouue algũs que lhe conselharã que mandasse pegar fogo aos paços do Hidalcão & ao almazem, em que auia muyta poluora, enxofre, & muytos tanques de azeite pera que os inimigos se não lograssem daquilo. E hũ caualeyro chamado Ioão gonçaluez de castelo brãco lhe disse q ho não fizesse porque pareceria desesperação de não tomar Goa, que ele esperaua de a tomar muyto cedo, & que melhor acharia então tudo que destruylo ho fogo: & mais que se os inimigos vissem ho fogo que logo auião da diuinhar o que era & escalarião a cidade, que melhor se recolheria a gente com outro sinal que com aquele. O que pareceo bem ao governador, & mandou que se não podesse ho fogo, & que se recolhessem os nossos rêdido ho quanto da modorra. E isto assentado embarcouse, & despejada a fazenda que se pode despejar da feytoría, & mortos os caualos que auia na cidade, rêdido as horas que estauão ordenadas que foy aas duas despois de mea noyte começaram os capitães das estancias de se recolher com sua gente, & dom Antonio que lhes auia de ir nas costas (posto que ho governador tinha mandado ho contrairo) mandou dar fogo ao almazem. E como os inimigos ho virão, & não ouirã ho sino da vigia, pareceolhes o que era, & entrarã logo algũs per hum cano que estaua da banda do mandouim, & outros pelo quebrado do muro, E vendo recolher



dom Antonio derão auiso aos de fora, de que entrarão mais, & pegarão com os que se recolhião às frechadas & lançadas: & dom Antonio, dom Ieronimo de lima, Manuel de lacerda, & outros fidalgos que ficauão nas costas, pelejarão tambem que sosteuerão ho impeto dos inimigos ate que os que hião diã te se recolherão à porta da ribeyra. Porém os inimigos despois que conhecerão claramente que a cidade se despeja ua entrarão nela tantos, que se todos ou uerão de pelejar com os nossos, eles se não poderão embarcar; mas não peleja uão todos, porque muytos se occupauão em apanhar ho cobre, & a pimeta que ho governador mandou deitar polas ruas, que aproueitou muyto. E cõ tudo como eles erão muytos, & carregauão muyto sobre os nossos, embarcaram se eles com trabalho immenso, principalmente dos capitães que forão por derradeiro sostendo todo ho impeto dos inimigos, de que chouião pedradas, frechadas & lançadas, & foy a peleja muyto grãde: & quis nosso senhor que sem nenhũ dano dos nossos, se não de algũs feridos pouca coufa.

Capit. xxv. De como sabendo ho governador que não podia sayr da barra sem grande perigo, assentou dinuernar no rio de Pangim: & do que aconteceu a Fernão perez dandra de, & a dom João de lima.



Es poís de se os nossos embarcarẽ que seria manhaã clara foy forçado ao governador deter se todo aqle dia diante da cidade pera

se a frota leuar, porque era necessario fazer se de vagar por estar toda bẽ amarrada: & se não fora a muyta necessidade de que tinha de ancoras mandara dar piques a muytas amarras, segundo a quele dia os nossos forão perseguidos dos inimigos, porque em todo ele camanho foy nunca deixarão de tirar ou com artelharia, ou com espingardões, ou com frechas, com que algũs dos nossos forão feridos. E ao outro dia derradeiro de Mayo em q̃ fazia tres meses, & meyo que ho governador estaua, em posse da cidade: & em que auia vinte dias que os inimigos entrarão a ilha, começou a nossa frota de sayr com a de cente dagoa pera Rabandar, porque antrela & a cidade queria ho governador surgir, pera hi se aparelhar porque não podia diante da cidade por amor dos tiros que lhe tirauão: & ho primeyro capitão que sayo foy Francisco de souza mancias, & a pose ele os outros. E em a frota emparelhando com ho varadoyro, õde os inimigos tinhão a estãcia com ho camelo, & outra artelharia pera combaterem a cidade, começarão de tirar coela aos nossos com que lhe fizeram muyto nojo, principalmente no rey pequeno, em que hũa bombardada leuou dous negros em pedaços de quatro que estauão dando à bomba, & na capitayna deu outra hũ palmo do lume dagoa, & passou ho costado da nao cortando dentro hũ liame, & quis nosso senhor que hia ja ho pelouro tão morto, que caindo em hum barril de plouora que estaua desfundado, não fez nenhum nojo. E a nao frol da rosa, de que era capitão Bernaldim freyre, que estaua bem pegada com ho muro da cidade quando se leuou,



recebeo tãta oppressam de frechadas, & outros tiros que lhe tãrauaõ com os espingardões, que conueo ao capitão mandar alargar hũa ancora, & deixala com ho cabre por se acolher, porque doutra maneyra matarãlhe toda a gẽte. E como foy em Rabandar com a frota, sabendo ho governador o que lhe a cõtecera, porque sabia que tinha muyta necessidade da açora que lhe ficara, mandou a Nuno vaz de castelo brãco q̃ fosse no batel da mesma nao a toma-la: & isto porque Bernaldi freyre era a inda mancebo, & pareceolhe que não teria animo pera ir leuãtar a açora por quanto se corria nullo grande perigo. E posto que Nuno vaz estaua ferido aceitou a ida. E estando leuando a ancora chouião as frechas sobre ho batel, & se não fora a padelada matarãõ quãtos hião dentro, porem ferirãlhe muytos, & a hũ criado de Bernaldi freyre que hia com as costas na padelada da banda do muro foy ferido de hũ ferro qua drelo que tirauão os espingardões, & passando ho pades, & hũa espaldeira dhũ corloletẽ com que estaua armado ho trancou polas costas atẽ lhe passar ho peyto, & assi ho teue trancado ate que Nuno vaz se tornou, porque vedaõ ele que por leuar aquela açora lhe autã de matar quãtos leuaua a quis antes deixar que perdelos, & mais porque lhe tĩnhão feridos muytos dos marinhoiros. Et tendo leuantada hũa braça do cabre se tornou pera a frota, & deu conta ao governador do que lhe acontecera. E naquilo chegou ho piloto moor, que vinha de ver a barra, & disse ao governador que por nenhũ modo podia sayr dela sem muyto perigo de se perderẽ as naos por ser ja ho tempo muyto verde. E sabido isto por ele chamou acon-

selho, & nele mandou ao piloto moor que dislesse como achara a barra, & o que lhe parecia do perigo das naos, & ho mesmo mandou a todos os outros pilotos & mestres que ali estauão jũtos, & ho piloto moor: & eles disserão que sem duuida estaua mais certo perderense as naos ao sayr da barra que saluarente. E sobristo lhe pedio ho governador seus pareceres, que dados forão diuersos, porque hũs auião por mayor perigo inuernar naquele rio, que o que se podia correr ao sayr da barra por amor da cõtĩnua guerra que lhe os inimigos auião de fazer de terra pola estreiteza do rio: & que lhes auião de fazer muyto dano com a artilharia que lhes ficaua, & que auião de morrer de fome, porque não tĩnhão mantimentos, nem agoa, que melhor seria trabalharem por sayr da barra & verem se podião ao menos tomar a ilha Danjadua que era perto, & onde ja inuernarãõ naos nossas. E os deste parecer forão Francisco de souzã mantias, Francisco de sa, Francisco pereyra coutinho, Jorge da cunha, Jorge fogaça & Ayres da silua. Os outros todos teuerão ho contrario, dizendo que posto que ho perigo da guerra que se esperaua fosse grande que, que muyto mayor seria perderense quães quer naos da frota, porque sem elas não lhes ficaua saluação, nem tĩnhão em que se defender, nem com que fizessem guerra aos inimigos, porque lha não podião fazer se não por mar: & que se os mouros da India os acolhessem na terra sabendo que não tĩnhão armada que se ajuntarãõ todos contrelẽs, & lhes porrião muyto cruel cerco, & que se não tĩnhão mantimentos que não podia ser, que por intercessam de Timoja nã



ouueſſem algũs da terra firme: & das ilhas de Diuar & Chorão, & da meſma de Goa em que farião ſaltos:quãto mais q̃a guerra duraria hũ mes & meo & no mais que era bem pouco pera ſe a uenturarem a tanto como era perder a frota que tinham. E deſte parecer foy ho governador: e eſte ſe goardou muyto contra vòtade dos que tinham ho cõtrairo, eſpecialmente de Iorge da cunha, que ele por ſi meſmo requereo ao governador da parte del rey que ſe foſſe, & não inuernaſſe ali porque eſcãdalizaua ho pouco. E tanto inſiſtio naquilo que lhe diſſe ho governador que ſe nã fizeſſe procurador de concelho, porq̃ ali auia dinuernar. E aſſentado iſto aſſentouſe que inuernaſſem antre Rabãdar & Pangã por ſer ali ho rio mais largo, & as naos poderẽ hi melhor eſtar. E aſſi foy aſſentado, q̃ ſe mandaſſe Fernão perez dandrade no nauio ſam Ioã, de que era capitão a Anjadua a buſcar mantimentos, & foſſe coeſte Timoja q̃ era ſenhor dela pera lhos fazer vèder, & logo partirão aòs, E coeſte aſſento mandou ho governador leuar ancõra pera ſurgir onde digo: & deſpois que ſurgio tirou a capitania da nao a Frãciſco de ſouſa mancias, porq̃ quãdo ſe le leuou de diãte da cidade Frãciſco de ſouſa foy demdar a barra de golpe ſẽ ſaber ſua determinação nẽ eſperar por ela. Pelo que ho governador mandou a pos ele, pera q̃ ho fizeſſem tornar por força ſe não quiſeſſe por ſua vontade: & pera exemplo que outro capitão nã fizeſſe ho ſemelhate a ſeu capitã mór, lhe tirou a capitania da nao. E como ele eſperaua de ſer ali muyto cõbatido dos inimigos apercebeoſe darrombadas, & toldos em todos os nauios, & padefadadas nos bateys: & pos os nauios mais

fortes onde ſe eſperaua mayor perigo, & oſfracos onde ho poderia auer meenos. E conhecendo ele ho deſcontentamento que auia em algũs por inuernar ali corria as naos, & eſforçaua a gente, dizendo que muyto pouco tempo auia de ſofrer aq̃le trabalho de ſe defender dos inimigos: porem não era eſte o que a gente receaua, q̃ pera a peleja do mar aſſaz auia dela, & artelharia, mas não auia mantimentos ſe não hũ pequeno payol de biſcoyto na nao ſrol da roſa, q̃ ho governador goardaua pa os doẽtes que auia na frota, & aſſi hũ pouco darroz & hũ pouco daçucar: & Fernão perez que hia com Timoja por mantimentos a Anjadua indo de fronte do dente da barra, andaua ho mar tão groſſo q̃ lhe deu com ho nauio à coſta & perdeo ſe, mas ſaluouſe a gente & a artelharia, & deſpois mãdou ho governador por tudo, & não quis mais auenturar outro nauio vèdo como ſe aquele perdera: nẽ Timoja não ouſou de ſe ir. E por na frota auer grande neceſſidade dagoa por não ſer ainda ho rio doce q̃ chouia pouco, mandou ho governador a dom Ioã de lima no batel dhũ nauio, de que era capitão que foſſe da banda de Bardes a buſcar agoa, & que viſſe ſe auia agoada q̃ baſtaſſe à frota. E eſtando dõ Ioã fazendo agoada por ſer a terra toda cuberta daruoredo deu hũ grande cõpanhia dos inimigos ſobrete tão deſupito que os não vio ſe não em ho comendo: & com quanto ſe ele quiſera defender deles cõ os ſeus, carregarão eles tanto q̃ os fizerão recolher ao batel, & quaſi afogados, porque os apreſſauão muyto, & feriranlhe algũs de frechadas: & com tudo dom Ioã leuou agoa, porem pouca a reſpeyto da gente da frota.



Capit. xxxvi. De como ho governador foy cercado de estâncias d'artelharia de todas as partes do rio, & do muyto grãde trabalho que os nossos passauão, assi de fome como de guerra.



Abendo ho Hidalcão como ho governador estaua tão de vagar no rio de Pãgin, & vendo que queria ter hi hum uerno, determinou de lhe fazer a guerra, & mandou logo fazer hũa estância d'artelharia na agoada de Bardes, onde dom João tomara agoa, & deu ho cargo desta estância a çufogo gi com gente dar mas que ho acompanhasse: porem ho governador não quis que se tomasse ali mais agoa, & nã por medo que os nossos pelessem cõ os inimigos, mas porque a terra era cuberra daruoredo, & sem pelega lhe poderião os inimigos fazer muyto dano. E auẽdo algũa neccelidade da goa quis nosso senhõr que começou de chouer, & fez se ho rio doce com a agoa do mõte, & coisso não ouue na frota neccelidade de se tomar agoa fora: & se isto não fora não auia saluaçaõ nos nossos, por q̃ como esta estância foy feyta logo se fizeram outras de todas as partes. Por q̃ vẽdo ho Hidalcão que não era neccelaria na cidade a artelharia q̃ se tomara nos paços mãdouha levar a estas estâncias. E ho camelo com outra artelharia sua & nossa foy posta na fortaleza de Pãgin pera defender que nã podessẽ os nossos passar pera a barra, & em hum oyteiro que estã sobre a fortaleza mãdou apouentar Pulatecã com tres mil hoimẽs todos mouros estrãjeiros pa guardar a aquela fortaleza. E como estas estancias forã feytas começou a artelharia de tirar a nossa frota q̃ toda esta

ua em lugar que lhe podião fazer nojo & hum tiro foy dar na nao de Bernaldim freyre, & matoulhe hũ marinheiro, & quebrou hũa perna a hũ gormete; & dali por diante tiraua esta artelharia tãto amuide, que somete ho camelo deitaua cada dia cincoẽta pelouros pouco mais ou menos com que os nossos tinhamo assaz fadiga, & recebiã muyto dano, assi de mortos como de feridos, & não auia ninguem que oufasse de andar polas pontes das naos, porque logo lhe tirauão com a artelharia, & hũ dia matarão hũ marinheiro na nao do governador que hia pola coxia da ponte. E como os inimigos sabião que aquela era a capitayna por amor da bandeira que tinha na gauia tirauão a ela waiz q̃ a nenhũa outra, tanto que foy neccelario ao governador alargar se dõde estaua, & hir se lançar pegado com ho rio q̃ vem dante a ilha de Diuar & a terra firme. O que visto pelos inimigos fizeram ali outra estância, onde poserão hũ tiro, que tambem fazia muyto dano ao governador, porem não tãto como ho camelo; os outros capitães tambem se mudauão por fugir do mal que lhes fazia a artelharia, o que era muyto grande trabalho por a gente estar doente & fraca da fome q̃ padecia, q̃ como disse por falta de mantimentos que auia era a regra muyto apertada, & esta era darroz somente que não auia carne nẽ pescado mais que algũ que se tomava de noyte. E pera ho governador ver se se podia dar a isto algũ remedio, porque a gente não passasse com desesperaçã falou se com Timoja & Menayque que estauão a çafalhados na nao de Nuno vaz de castelo brãco. E dizẽdo lhe eles que na ilha de Chorão & na de Diuar se poderia auer algum arroz & carnes,



mandou lã dom Antonio com outros tres capitães em seus bateys, & hũ deles foy loão Nunez de lãão; & partirão hũa antemanhaã, & hia coeles Menay que com algũs piães seus. E chegados à ilha de Chorão sayrão em terra, & Menay que hia diante descobrindo: & como tudo estaua leuãtado não acharão os nossos mais que hũ pouco darrez, & cinco vacas, & isto tomarão pagãdo ho muyto bê a seus donos, & sem lhe fazerem nenhũ mal por os não escandalizarem. E coisto se tornou dom Antonio à frota, mas aquilo não foy nada pera quanta gente auia nela, & por isto tornou à ilha de Diuar, onde andauão algũas vacas, & tomou algũas pejejando, porque os immigos acodirão logo das estancias onde stauão; & vêdo que os nossos hião tomar as vacas as afastarão pera detras do oyteiro, em q̄ agora está a hermidã de nossa senhora de Diuar. E coisto ficarão os nossos sem esperança de auer mais carne, como defeyto não ouuerão; & a regra do arroz se hia estreytando de cada vez, pera que abastasse, & era a foine tamanha que se armava aos ratos, & comiãnos. E os que tinhão arcas encoyradas defforruannas & deitauão os coyros de molho & comiãnos pisados, & os q̄ isto tinhã estauão contentes, mas a gente baixa q̄ não tinha mais que a sua regra sem outra nenhũa ajuda bradauão com fome, & dizião ao governador que lhes desse de comer pois os queria ter ali: & ele se via tão agãstado com magoa de não poder dar o que lhe pediã, que era pera auer dô dele. E có tudo sempre mostraua grande animo, & dizia que esforçaffem que ele tinha que lhes dar muy largamente, que se lho mais cedo differão que mais cedo lho dera.

E determinou ã fazer boa boca à gête com ho bizcoute de frol da rosa, & mãdou fazer rol de todos os que auia na frota pera saber quantos erão, porque ho bizcoute era tão pouco que pera abastar era necessario darfe por onças: & porque pera isto auia necessidade de grande tento, não ho quisfiar de Bernaldim freyre, que era mancebo, nem de seu despenseiro, & deu a chauer do payol que ele tinha a loão gonçaluez de castelo brãco, que era escriuão da mesa ma nao frol da rosa, & mandoulhe que não desse ho bizcoute sem seu assinado: & isto lhe disse perante todos. E em secreto lhe mandou que sempre desse menos ametade ou a terça parte do q̄ fosse no mandado, segundo visse que era a foma que lhe mandasse dar, por que por ele esforçara gente, & lhe não dizer quão pouco bizcoute auia mãdaria sempre dar o que lhe pedissem: porrem que ele fizesse o que lhe dizia em secreto, posto que lhe mandasse ho cõtrairo em publico, & ainda q̄ por sua pessoa lhe dissesse que comprisfe o que lhe mandaua, porque vendo a gente q̄ ele mandaua dar quanto bizcoute lhe pedissem cuydaria que ho auia em abastança & esforçaria, & se se aqueixafsem dele que não queria fazer o q̄ lhe mandaua que lhe não desse disso, por que ele sabia a verdade do que lhe mãdaua, & q̄ melhor seria dar a gête culpa a ele de não fazer o q̄ lhe mãdaua, que saber a verdade de quão pouco bizcoute auia, & irse pera os immigos com desesperaçã, & loão gonçaluez ho fez assi. E vendo as partes que ele não compria os mandados do governador tornou logo a ele a fazerlhe queixume: & ele mostraua grande menecoria contra loão gonçaluez de nã



fazer o que lhe mandaua pois auia bizcoute em abastança. E como a sua nao estaua perto de frol da rosa, bradaua logo por loão gonçaluez, & dizia que delle he bizco que mandaua dar, & q ho desse logo; porem ele fazia o que tinha por regimento. E as vezes se via ho gouernador tão enfadado coestes queixumes que punha a culpa a loão gonçaluez, & dizia que não sabia que lhe fizesse que era de sua cõdição; mas como a gente se não satisfazia coisto, bradaua ao gouernador q ouuesse piedade deles, & que os não deixasse morrer. & as vezes ho apertauão tanto, principalmete despois q conhecerão quão pouco bizcoute auia, que ele dagastado, & sem saber o que fizesse tiraua polas barbas, & dizia. Tomay aqui que a gora não tenho outro mantimento q vos dar, & consolaua os ho melhor que podia mostrádo grãde miagoa de lhes nã poder valer como desejava; te partia da sua regra com aqueles que lhe parecia que tinhamo mais necessidade, posto que todos a tinhamo assaz. E os capitães que lhe querião mal vendo a necessidade de que a gente tinha incitauãna cõtrele, q se ele não inuernara ali como lhe eles disserão que esteuerão fora daquele trabalho, & porque ho eles adiutinauão, lhe conselharão que não inuernal se; que era hũ maniacõ q os auia ali de matar de fome, & mais que auião de vir os inimigos em jangadas, & os auia de matar a todos. E coisto & cõ a fome que a gente passaua andauão todos muyto palimados, & assombrados com medo, & tres dos nossos fugirão pera os inimigos, hũ galego, hũ asturiano & outro. E estes descobrirão ao Hidalcã ho grande trabalho que hia antre os os nossos, & ho medo que tinhamo dos

inimigos hirem sobreles. E sabendo ho gouernador como a gente começaua de fugir mandou vigiar grandemẽte sobrisso, tanto que mayor trabalho tinhamo os capitães em ho fazer que em se defender dos inimigos, que sabẽdo o que hia antre os nossos os apertauão muyto, com que a gente baixa de cada vez auia mõi medo. E tambem isto chegaua a algũs dos honrados, & auia hiraes que de siso conselhauão ao gouernador ardis pera que os inimigos não tomassem as naos com jangadas. E ele vendo quão encarnado andaua nẽles ho medo não oultau de lho tirar com rezões, porque via que lhe aproueituauão pouco, & que se lhe hirião pera os mouros com desesperaçõ; mas dissimulando com prudencia agardẽcialhes os conselhos que lhe dauão aprouandolhos por muyto bõs, & dizẽdo que assi ho faria. E coesta manha õs efforçaua, & fostinha em confiança de se poderem defender dos inimigos; & despois disto metiasse em sua camara, & oulhaua pera ho ceo chamãdo muy deuoramente a nosso senhor, & pedindo por sua paixãõ que lhe valesse em tamanha agonã, & que tirasse ho medo aos que ho tinhamo por seus peccados, que a eles ho atribuyã & não a outra causa. E na verdade não auia algũã pera ho auerem, porque a sua nao, & a de dom Antonio estauão tão bem artilhadas, que elas somẽte abastauão pera pelejar com vinte naos de rumes.

Capitulo. xxvij. De como ho gouernador deu na fortaleza de Pangim, & desbaratou Pulatecã, & ho fez fugir, & tomou a artilheria da fortaleza.





Stando ho governador cō todos os nolfos nesta fadiga foy lhe dado hũcripto de Ioão machado, em que dizia que sabendo ho Hidalção pelos nolfos q̄ fugirão ho aperto que tinham da fome, determinaua mandar cotias cheas de lenha seca acelas pera lhe queymar a frota, & que fazia prestes oytenta nauios de remo, pera que fossem nas costas daquelas balsas de fogo, & matasem os nolfos que se deitassem ao mar despois que a nossa frota ardesse. Vista esta carta pelo governador, mostrou a dō Antonio & aos outros capitães, & inuentarão que pera q̄ desuiassem as balsas da frota mandassem poer nas proas dos bateys hũs garoupezes como os das naos, se não q̄ fossem mais pequenos, & q̄ teuessem hũs arpos pera desuiar as balsas da frota. E isto se fez sem ninguem saber ho pera que, senão os que digo, porque se se loubera segundo a gente com un andaua aluoroçada com medo fugirão todos pera os inimigos. Mas este apercebimento dos garoupezes foy de valde, porque as balsas não vierão: & assi ho tornou Ioão machado a escreuer ao governador, dizendolhe que todauia esteu esse apercebido, porque os inimigos se apercebião pera hirem pelejar coele por mar, & que visse o que lhe cōpria porque erão muytos. Ho governador pelo medo que entendia q̄ os nolfos tinham, & ho receo que tinha de lhe fugirem se foubessem que os inimigos queriã pelejar. Teue este auiso de Ioão machado tão secreto que ho não disse se não a dō Antonio, & rogoulhe que pera mayor certeza do que auia de fa-

zer que ele fosse ver aquela armada q̄ se fazia, & ele foy & achou que era assi: pelo qual comunicarão ambos que seria boõ tomar se a artelharía de Pangí, porque na peleja que se esperaua auiaõ de receber dela muyto dano, & por isso era necessario tomar se ou encruar se, porque nã podesse tirar são a sinha. E praticado isto primeyro com dom Antonio propolo despois ho governador em cõselho com todos os capitães da frota, a que pareceo bem, & assentãõ que se fizesse. Pera o que tambem foy assentado que abastariãõ trezẽtos homẽs que ho governador escolhe se de hũ rol que se faria de todos os da frota. E porque Pulatecãõ não podesse acodir com sua gente à fortaleza ordenou se que ao mesmo tempo que se desse nela, que seria duas horas antemã, se desse tambem no arrayal de Pulatecãõ que estaua sobre hũ oyteiro hũ tiro de besta donde os nolfos auiaõ de desembarcar, porque vendose ele assi cometer perderia ho tẽto dacodir à fortaleza. E ho dar no seu arrayal foy encomendado a dom Antonio, & a Simão dandrade, que com cem homens auiaõ dir por este oyteiro que digo da parte do ponente, dondeficaua a cidade, & pela do norte auia de ir Simão martiz com algũs espingardeiros & besteiros a poer se em hũ passo estreito que ali estaua, porque se Pulatecãõ fosse focorrer a fortaleza (que era a que le ho caminho) lho impidiisse. E da parte do sul, de que ficaua a barra esteu se sem no mar Diogo fernandez de beja na sua galé, & Afonso peffoa na sua fusta bem pegados com terra defronte dhũ reffio que ali estaua pera que vareja se em cõ a artelharía, & impedi se aos do arrayal, que podiã por ali focor-

ret  
me  
lace  
& N  
ter  
tor  
met  
res  
dom  
E en  
ferm  
corẽ  
reco  
cam  
desf  
gou  
sent  
gou  
esta  
outr  
qui  
ho g  
& c  
seru  
suas  
todc  
da, &  
tido:  
beta  
les, &  
tudo  
pare  
E em  
men  
grã  
mete  
Anto  
pelo  
do ar  
com  
cayc  
& m  
fono



rer aos da fortaleza, de que ho cometi-  
mento foy encomendado a Manuel de  
lacerda, que com Bastião de miranda,  
& Nuno vaz de castelo branco comete-  
rião ho muro hũ pouco afastado da  
torre da fortaleza, & pegado coela co-  
meterião dô Ieronimo de lima, & Ay-  
res da lilia, Jorge fogaça, Fernã perez,  
dom loão de lima, & outros capitães.  
E em quanto estes pelejassem, Dinis  
fernandez q̄ auia dir em hũ parao cõ  
corêta marinheiros, teria cuydado de  
recolher aartelharia, prícipalmête ho  
camelo, & coele os mais dos tiros q̄ po-  
desse: & pera ho fauorecer auia dir ho  
gouernador no seu esquiſe. Isto assi al-  
sentado foy logo posto em obra, & ho  
gouernador mandou embarcar os que  
estauão escolhidos pera este feyto sem  
outros nenhũs mais, posto que muytos  
qui serã ir, & se offreceo pera isso. E  
ho gouernador lho agardeceo muyto,  
& cõtenta uaos cõ lhe dizer q̄ era mais  
seruiço del rey ficarêlhe oulhando por  
suas naos q̄ hirê pelejar. Embarcados  
todos começão de remar a boga sur-  
da, & partirão pera terra sem serê fen-  
tidos. E chegados a ela tangerão as trõ  
betas do gouernador, & os seus ataba-  
les, q̄ mandou levar no seu batel. E foy  
tudo tãgido cõ tamanho aluorogo q̄  
parecia q̄ era ali junto ho mudo todo.  
E em começãdo de tocar estes instro-  
mentos poyarão os nossos em terra cõ  
grãde ligeireza, & cada capitão foy co-  
meter o q̄ lhe estaua encomêdado. Dô  
Antonio & Simão dandrade tomarão  
pelo oyteiro acima, q̄ ja disse caminho  
do arrayal dos inimigos. E chegãdo a eles  
cometerãos cõ tamanho impeto, que  
cuydarão q̄ era todo o mudo sobreles,  
& mais como acordauão toruados do  
sono, parecialhes q̄ era alli como digo:

& fora de si cõ medo começão logo  
de fugir, por q̄ na verdade os nossos a-  
pertaũo muyto, matando & ferindo  
neles sem nenhũa piedadê. Pulatecão  
q̄ se vio assi cometer, & ouuido ho grã-  
de arroydo q̄ fazião os atabales & trõ-  
betas cuydou q̄ toda a forza dos nossos  
hia sobreles: & por isso determinãdo de  
se acolher à fortaleza, recolheo a ma-  
yor parte dos seus, & encaminhou pa-  
rela. E chegãdo ao passo onde estaua  
Simão martiz, achouse ebaraçado cõ  
as espigarda das, & sétadas q̄ os nossos  
começarão de desfechar, cõ que derri-  
barão algũs dos inimigos. E como Pula-  
tecão vinha descuydado de tal cousa,  
parecolhe q̄ estaua cercado, & ho me-  
do lhe fez crer q̄ não tinha outra salua-  
ção, se não fugir: o q̄ pode bẽ fazer por  
ir nas costas dos seus, q̄ fizerão como  
ele. E Simão martiz foy hũ pouco a  
posele, matando & ferido algũs, & nã  
quis ir mais auante por ter pouca gête,  
& os inimigos serê muytos. E tãbẽ por q̄  
a diante era a terra larga, o de se não po-  
dia tãbẽ ajudar como na estreya: mas  
posto q̄ eles escaparão de Simão mar-  
tiz, tornarão a cayr nas mãos de dom  
Antonio, de Simão dandrade, & dos  
seus q̄ carregando muyto sobreles os  
fizerão fugir per outro cabo, por onde  
não estaua Simão martiz, & não acha-  
rão lá tão pouco o de se acolher: por q̄  
assi como os nossos poyarão q̄ cada hũ  
cometeo o de estaua ordenado, remete-  
rão logo ao muro Manuel de lacerda,  
Bastião de mirãda, & Nuno vaz cõ os  
q̄ leuauão em suas capitãcias. E por ser  
ho muro baixo sobião polas lâças, Ma-  
nuel de lacerda foy dos primeyros que  
subio. E sentindo os inimigos q̄ os entra-  
uão, cõ quanto ho delacordo do sono: e  
q̄ estauão lhe pos logo algũ espanto, &



não deixarão dacodir ao muro, & cometerão muy rijo os nossos que esta uão sobrele, & com hum bote dazagücho derão dele abaixo cõ Manuel de lacerda. E nisto sobirão Bastião de miranda, Nuno vaz de castelo brãco, & os que lião coeles; & tambem Manuel de lacerda que tornou logo a sobir, & assi todos os outros capitães com sua gente. E começouse tudo dencher de grande estrondo que se fazia dos brados, assi dos nossos, como dos inimigos, & do tom dos golpes que dauão, com que os inimigos forão tão affombrados de medo que se derão por perdidos, & tomarão por remedio fugirem per hũa porta da banda do sul, onde ficaua a barra. E ali defronte estauão Diogo fernandez de beja & Afonso pessoa; & com quanto lhes ho governador defendeo que não saysem em terra, era Diogo fernandez tão efforçado que vendo os inimigos não se pode soffrer que não fosse a terra na sua bargueta, & leuou consigo oyto homens, & foy cometer aqueles primeyros inimigos q̄ sayrão da fortaleza. E como ainda erão poucos auinhãlle bem coeles, se não quando saem muytos de roldão; & achando hó com tão poucos remeterão a ele pera se vingar do mal que lhes era feyto, & tratauão mal, & feriranlhe tres homens, pelo que foy forçado a Afonso pessoa varar a fusta em terra & acodirlhe. E porem era ho socorro ainda tão pequeno pera quantos os inimigos erão q̄ tinham a barba em teço, & pelejauão com muyto efforço. E nisto acabaranse de desbaratar os inimigos da fortaleza, & despejando ha de todo derão lugar aos nossos capitães que podessem sayr

apos eles, & Manuel de lacerda, & Nuno vaz seguirão apos algũs que to marão pelo oyteiro acima caminho do arrayal, não lhe parecendo ainda que Puhtecão fosse de todo desbaratado. E dom Ieronimo de lima, dom loão de lima, Iorge fogaça, Fernão perez & os outros capitães seguirão a pos os outros que fugirão pera onde Diogo fernandez de beja, & Afonso pessoa estauão pelejando, a quem os inimigos desapressarão do aperto em que os tinham cõ a vinda dos nossos; & assi os que pelejauão como os que sayrão da fortaleza se desbaratarão de todo, & fugirão caminho da cidade, ficando deles mortos trezentos, & dos nossos nenhum, somente forão feridos algũs, ante os quaes forão Fernão perez dandrade & dom loão de lima. E estes trabalharão muyto em ajudar a Dinis fernandez a recolher ho camelo, leuando ho quasi nos braços, & assi a outra artelharia. E desbaratados os inimigos que os nossos se ajuntarão todos, forão buscar a fortaleza se achauão nela algũs mantimentos; & recolhidos algũs poucos que acharão, & assi algũas armas tornouuse ho governador pera a frota muyto ledo por desfazer aq̄la força q̄ os inimigos ali tinham, de q̄ recebião muyto grande dano.

Capit. xxviii. De como ho Hidalção cometeo amizade ao governador, & ele a não quis, & a causa porque.



Vyto espantado ficou ho Hidalção quádo soube ho desbarato de Puhtecão, & a tomada da fortaleza de Pangim, &



que os nossos leuarão toda a artelharía sendo tão poucos, & tão cansados da maa vida que tinham, como ele muy bem sabia. E este delbarato de Pulatecão lhe fez perder dali por diante ho credito que tinha nele, & ho não encarregar mais de cousa nenhuma; & porque se temeo que os nossos com ho favor daquela vitoria não corresse ate a cidade, mandou fazer hũa estancia em Rabandar da lã artelharía sua; & deu a goarda de la a çufolarim, em que ja tinha grande confiança por ele ser ho primeyro capitão que entrara na ilha, & deu lhe a mesma gente que Pulatecão tinha em Pangim, & ho mesmo poder. Mas dali por diante não podião os immigos fazer ho dano que faziã dantes aos nossos; porque a artelharía com que tirauão não tiraua tão furiosa como a nossa que era de metal & a sua era de ferro. E vêdo ho Hídalcão como os nossos estauão desaliados do trabalho dos combates, & que por derradeiro lhe não podia fazer nenhum mal. E que como ho tempo desse vao q ho governador se poderia ir liuremente, & lhe ficaria por immigo, que lhe seria grande perda por amor dos caualos Dormuz que lhe hião a Goa, que lhe podia tolher tomando as naos que não fossem a Goa; & pola necessidade que ele tinha deles seria necessario auelos doutra parte, ondelhe auião de custar muyto caros. E por esta causa pois não podia danar ao governador, lhe pareceo bem telo por amigo, & fazer paz coele, o que ele cuydou que accitasse por a necessidade em que estaua de mantimentos. E deu ho cuyda

do de fazer esta paz a çufolarim que mandou recado ao governador por Ioão machado, dizendo que ho Hídalcão desejava de ser seu amigo, como ho erão todos os reys & senhores da India. E pera fazer esta amizade lhe pedia q se vissem ambos, ou mandasse algũ de seus capitães, pera que falandole no mar a fizessem. E Ioão machado disse em segredo ao governador a causa porque ho Hídalcão desejava aquela paz; & a fora esla auia outra que lhe mais doya, que era dizerse que elrey de Narsinga lhe queria tornar a fazer guerra, pera lhe to mar Rãchol, hũa lã cidade que lhe ho Hídalcão tinha tomada, & seassi fosse que se não poderia deter, & se auia de partir, por isso q fizesse a paz a seu proueito; o que lhe ho governador agardeceo muyto, & respondeo a çufolarim, que ele lhe respoderia por hũ dos seus capitães. E este foy Fernão perez q se vio coele, leuando hũa instrução do governador pera a maneyra de que auia da sentar a paz, que era darlhe ho Hídalcão hũa das tanadarias da terra firme a mais perto de Goa pera elrey de Portugal seu senhor; & q esta não queria pera mais que pera mandar cortar nela madeira, & nã lhe ser necessario pedila de cada vez que dela teuisse necessidade; & que não cuydasse ho Hídalcão que ho fazia por amor da renda da tanadaria, porque elrey seu senhor era muyto rico, & não auia mester mais renda. E quando nao quisesse dar a tanadaria, que lhe deixasse fazer hũa fortaleza no passo de Benastarim, & coisso ficaria satisfeyto; por que tendo aquela fortaleza, como era



tão perto da terra firme aueria facilmente a madeira que lhe fosse necessária. Ouvidas por çufolarim estas duas condições com quanto ho governador as fazia muyto faciles não lhe parecerão se não muyto duras de conceder, porque bem vio que erão armarse ho governador pera tomar Goa, & disse logo que ele não tinha poder do Hidalcão pera fazer amizade com taes condições como aquelas, que lhe parecia que abastaua pois ho governador estava tã apertado não lhe fazer mais guerra, & darlhe mantimentos & deixalo ir, & que se deuia de contentar coisso, & não que rer cousas impossiuéis que ho Hidalcão não auia de fazer, & porque ho ele sabia lho daua logo por reposta. Fernão perez respondeo que ho governador não pedia cousas impossiuéis, porque pera hum seuhor tamanho como ho Hidalcão, o que ho governador pedia era muyto pouco, & posto que fora muyto que lho auia de conceder por ficar seu amigo, pois sabia que não ho sendo lhe podia fazer muyto nojo, impedindo que lhe não fossem nenhũas naos Dormuz a Goa com os caualos, de que ho Hidalcão tinha tanta necessidade como eles sabião, & que não cuydasse que estava apertado, porque não ho estava que fazia guerra aos que ho tinham cercado: & se ho dizia por algũs maos homens que fugirão da frota pareles, que lhe dirião que tinham grande necessidade de mantimentos, que os não creffe porque isso dizião por dil culpa da maldade que cometerão em deixar ho governador em tal tempo. E cõ todas estas rezões nã pode pare-

cer bê a çufolarim ho dar datanadaria nem ho fazer da fortaleza: porem ficou em aberto que salaria com ho Hidalcão, & que se ele fosse contente que se tornarião a ver, & se não que lhe mandaria a reposta por loão machado. Efoy que ho Hidalcão nã queria: & disse lhe loão machado que lhe não desse disso, porque a guerra del rey de Narsinga era certa, & que ho Hidalcão auia dacodir por força. E mais que se ho governador quisel se que ho podia catiuar facilmente, não indo a isso mais que ate quinze caualeyros dos principais de sua frota: & que se podia fazer, porque ho Hidalcão ficaua cada noyte soo na fortaleza da cidade com suas molheres, & algũs capados que ho seruião & toda a gente darmas se recolhia à cidade, & a casa em que ele dormia ficaua em hũa torre da banda do mar, & ali tinha certos cofres de dinheiro em ouro, que se tambem poderião levar coele, porque indo os que ele dizia sobirião por hũa escada à torre, & primeyro que a gente acodisse da cidade ho poderião levar com os cofres. E pera mais segurança que soubesse ele a noyte em que auia de ser, & que teria maneyra pera fechar de fora a porta da casa em que dormia ho Hidalcão. E parecendo isto bem a primeyra saçe ao governador fez sobrisso conselho, em que ho propos: & ouue algũs que disserão que não era bem que se cometesse: por que como auia de estar ho Hidalcão a tão mau recado que alli se podesse tomar, & q̄ parece mêtira: & se ho fosse como estava certo q̄ ho era perdersião quinze homens, que pera ho



tempo seria muy grande perda. O u  
tros disserão que se deuia de fazer,  
porque assi como Ioão machado po,  
dia mentir, assi podia falar verdade:  
& se ele qui era fazer treição dissera  
q̄ fora o governador ao feyto, mas po-  
is dizia q̄ fossem cauleyros, que fa-  
laua verdade: os quaes se se perdes-  
sem por tamanho ganho como aque-  
le seria que não era nada. Ho gover-  
nador com quanto lhe pareceo bem  
a primeyra poerse aquilo em obra,  
despois que ouuiu no conselho os pa-  
receres foy da parte dos que dizião  
que não era bem auenturarense a per-  
der quinze homens dos principais,  
que pera ho tempo seria muyto grã-  
de perda. E ho receo de os perder  
lhe fez desconfiar que não seria assi  
o que dizia Ioão machado, & por is-  
so não quis que se atentasse aquele  
feyto, de que despois Ioão machado  
deu muyta culpa ao governador, af-  
firmandolhe que sem duuida se acaba-  
ra se se cometera. E então conhe-  
ceo ho governador que se enganara.

**C**apitulo, xxix. De como ho go-  
uernador mandou enforcar hũ  
cauleyro chamado Ruy diaz,  
& de como se seguiu por isso  
prender certos capitães.



Este tempo foy dis-  
cuberto ao gover-  
nador, por algũas  
pessoas e segredo,  
que Ayres da silua  
& Francisco de sou

sa mãcias andauã damores cõ algũas  
moças mouras, que forão tomadas  
em Goa nas casas doçabayo, que ele  
tinha com outras na camara do leme  
da sua nao, pera mandar a Portugal  
aa rainha, & erão ainda mouras que  
foy causa de ele mais sentir o que  
Francisco de soula & Ayres da silua  
fazião, & mais em tempo que tanta  
necessidade tinhão de darem bõ ex-  
emplo de si, & não fazerem cousa de  
que todos auião de ro receber muyto  
grande escandalo, & porque tam gra-  
ue crime não ficasse sem castigo, po-  
sto que disto lhe pesou muyto, os  
mandou prender ambos sobre suas  
menajens: sobre o que ouue grande  
murmuração em toda a gente da fro-  
ta, & os que não querião bem ao go-  
uernador ho culpauão de prender a  
queles capitães em tal tempo, & da  
qui se começaram muytos mexericos.  
E indo isto assi soube ho governa-  
dor que hum Ruy diaz natural Da  
lanquer filho dhum Ioão paganha es-  
criuão da hí entrava de noyte na sua  
camara do leme pola parte de fora,  
& dormia com hũa moça moura de  
stas que digo, pelo que ho governa-  
dor ho mandou prender pera ho ca-  
stigar crimemente. E mandando pro-  
ceder contrelle, ordinariamente jul-  
gou com seu ouuidor, que se chama  
ua Pero dalpoem, que Ruy diaz fos-  
se enforcado, & mandou ao seu mei-  
rinho que ho fosse enforcar aa nao  
de Bernaldim freyre. E como isto foy  
sabido por Manuel de lacerda que ti-  
nha a Ruy diaz por parente, & ho a-  
gasalhaua por tal na sua nao, ficou  
disto muyto agastado, & mais por-  
que sabendose que ele era seu parente



ho condenauão a hũa morte tão ciuel & por isso se foy logo aa galee de Si mão dandrade que tinha amizade coele, & com Fernão perez dandra de seu hirmão. E pediolhes que pois Ruy diaz era conhecido por seu parente, que pedissem ao governador que ho mandasse degolar, & não enforçar. E Fernão perez porque conhecia ho governador, & sabia que não auia de querer, quiserase escusar daquele negocio, dizendo que estava ferido em hum braço, onde ho ferirão na tomada do camelo: mas não se pode escusar por lho rogaré muyto, não somente Manuel de lacerda, mas todos os outros capitães que se logo ajuntarão na galee como souberão ho caso, por serem amigos de Manuel de lacerda. E todos juntos com Lourenço de payua que era secretario do governador, consultarão que juntamete fossem pedir que Ruy diaz morresse degolado: & isto disse despois Lourenço de payua ao governador, mas outros disserão que ho conselho era que Ruy diaz não morresse, porque auia sospeita que ho governador ho mandaua enforçar de seu poder absoluto, porque não dera conta disso aos capitães, E logo despois desta consulta se embarcarão no batel de Manuel de lacerda, ele, Simão dandrade, Ayres da silua, Fernão perez & Iorge fogaga, pera hirem aa capitayna: & porque entretanto que hião se não enforcasse Ruy diaz que ja estava na nao de Bernaldim freyre de caminho perlonga rão coela, & pediranh que deteu se ho meirinho, que não executasse a justiça ate não hirem falar ao go

uernador. E Bernaldim freyre que estava agastado de se Ruy diaz enforçar na sua nao, disselhes que tam bem queria ir coeles ao governador a pedirlhe que mandasse fazer aque la justiça em outra nao, & que Francisco de saa que estava coele deteria ho meirinho, & assi lho rogarão eles. E ele despois de idos por ho meirinho querer enforçar Ruy diaz, lhe cortou ho barago, & não consentio que ho enforcasse, requerendolhe ho meirinho da parte del rey que lhe deixasse executar a justiça, como ho governador mandaua, fazendo sobrisso grandes protestações, & a grita da gente da nao era muy grande, & assi ho aluoroço, O que vendo ho governador parendolhe o que era, pera ir acodir meteo se no seu batel com quarenta homens armados, & querendo abalar chegarão os capitães que digo, & saltarão logo dentro no batel do governador Simão dandrade, Manuel de lacerda & Fernão perez, & começarão de lhe pedir a quilo a que vinhão, & segundo ho aar que ele mostraua criasse que lhes concederia o que pedião, se não quãdo entra Iorge fogaga muyto menorio, & disse ao governador que como mandaua ele enforçar hum caualeyro sem dar conta aos capitães, & sem lhes mostrar suas culpas. E indo ho governador pera Iorge fogaga pera lhe responder escorregou em hũa toste do batel & cayo, & deu hũa canelada, de que ficou logo como homem indinado, & disse aos capitães que entrafiem na nao, & que ja lhes responderia: & despois de serem entrados todos dentro, lhes



preguntou por quẽ estauão os seus nauios. E eles responderão rindo que por quem auião de star, se não porel rey de Portugal, cujos vassallos eles erão pera fazerem o que ele mandasse. Disse então ho governador que por a onção q̃cometerão, & desafesse go compria a seruiço delrey seu senhor que fossem presos pois vinhão juntos em alcatea. E por seus peccados era necessario que ele fosse ho carcereyro: & logo os mandou meter todos debaixo da cuberta de sua nao presos, & assi a Frãscisco de sa, por quem logo mandou, & a Iorge fogaça mandou deitar ferros por amor das palauras que lhe dissera. E isto feyto mandou enforcar Ruy diaz: & como ho governador prendeo estes capitães cõ paixão arrependeose dali a dous dias, porque como erão os principais da frota fazianlhe muyta mingoa, & por isso quisera reconciliar coeles, & comeo ho por dom Antonio, o que eles nunca quizerão, & responderão que pois ho governador os prendera que presos querião ir ate Cochim, & dali ate Portugal, nem quizerão mais sayr debaixo de cuberta. E vendo ho governador que insitirão em estar presos, porque os seus nauios não podião estar sem capitães deu as capitãncias a outros fidalgos. A galee de Simão dandrade a Antonio dalmada, ho nauio de Manuel de lacerda a dom João de lima, ho Dayres da silua a Antonio de matos, & ho nauio de Iorge fogaça a outro.

Capitolo. xxx. De como sabendo ho governador que os inimigos auião de vir pelejar coele, mandou a dom Antonio que com outros capitães

fosse primeyro pelejar coeles: & de como se apercebeo pera isso.



Om a prisam destes capitães, que erão os principais da frota, se indinou muyto a gente cõtra ho governador & diziam muyto mal dele, principalmente esses capitães que lhe querião mal, & dizião à gente que agora virião quão manico era, que em tal tempo prendia os capitães, de que tinha tanta necessidade: & que não tendo mantimẽtos não quisera amizade com ho Hidalcão que lha offercera, & não queria se não fazer sua vontade, que era mata los a todos: nem auia outro remedio, se não morrerem com fome, pois não tinhão que comer hum mes que ainda estaua por passar do inuerno. E isto tudo sabia ho governador muy bem, mas dissimulaua por não prender tãtos. E estando assi a cousa mandou-lhe João machado que se fizesse presentes, porque sem duuida tal dia hia gularim pelejar coele por mar, & que leuaua oytenta paraos cada hum com sua bõbarda na proa, & muytos mouros: & que auia dir em hũa galee que ho visorey dom Francisco tomara aos rumes, que ao recolher dos nossos lhes ficara na ribeira, por não estar ainda acabada de concertar: & que tinha prometido ao Hidalcão de delbaratar os nossos, & tomalos, & tinha cõuidados muytos pera que fossem ver como ho fazia. E mais q̃ auia de levar diante as cotias acelas pa queymar a nossa frota. O q̃ sabido pelo governador allentou cõ conselho de todos os capitães q̃ fof-



sem pelejar com os inimigos antes que viessem, porque vindo se punhão em risco de receber deles muyto dano por amor dos nossos bateys que erão poucos, & não se podião repartir pera pelear com os inimigos, & defender as naos se as quisessem queymar: q̄ estaua certo fazerem, porque como os seus paraos erão muytos hũs podião pelear, & outros dar fogo às naos não auêdo bateys que as defendessem, por isso era melhor buscar os inimigos que esperar. E também indo os nossos em sua busca crendo eles que por cansados de fome, & de trabalhos nã estauão pera isso, lhes quebraria os corações, de mane yra que com ajuda de nosso senhor os desbaratarião, & ficarião liures de os mais não cometerẽ. E assentouse q̄ dom Antonio fosse fazer este feyto cõ os outros capitães, & ho governador com os doêtes & feridos ficasse na frota. E coesta determinação hũ dia antes do que Ioão machado dizia em que os inimigos auião de vir (tendo ho gouernador posta sua frota em lugar que podesse socorrer a dom Antonio se fosse necessário) em começãdo a viraçã do pois de comer, mandou Diogo fernandez de beja, & Antonio dalmada nas suas galês, & Afonso pessoa na sua fusta, & Ioão gonçaluez de castelo branco no parao de frol da rosa, que se fossem deitar a Rabadar a ver se lhe sayã os inimigos: & isto pera ver quantos seriam, & ficauão os bateys prestes pera acodirem às galês se lhe saysem os inimigos. E não sayndo mãdou ho gouernador que as galês & fusta passassem auante ate ficarem da cidade a tiro de bombardã grossã, & Ioão gonçaluez chegasse defronte da cidade pera auer vista da armada dos inimigos, & que

mostra fazia a gente de ser pouca ou muyta: & mandoulhe q̄ como visse a frota voltasse logo pa as galês, a q̄ mãdou que fizessem hũ certo sinal a hũa cotia de Timoja q̄ estaua a Rabandar pera lhe fazer ho mesmo sinal, pera co ele mandar os bateys. As galês & fusta forão surgir õde lhes mandarão, & cõcertarão lua apelação de guerra, & Ioão gonçaluez passou auante ao lógo da ribeira bem esperto do remo, que alli lhe compria, porque em chegando ao varadoyro muytos paraos que ali estauão bem apadeffados, & com as proas nãoga, & as popas ainda em terra lhe tirauão com sua artelharã, & por alli estarem não sayrão a ele. E com todos estes tiros não deixou de ir auante ate defronte do esteiro de Mandou, onde estaua outra soma de paraos, & a galio, ta pera cusolarim, & a reuolta q̄ hia na ribeira acodio pelos muros muyta gẽte a velo. E visto tudo por ele sem receber nenhũ dano se foy ajuntar com as galês, & como chegou fizeram se os sinais q̄ estauão ordenados, & coeles partio logo dõ Antonio, que foy no parao da capitayna, & forão coele Simão dandrade & Fernão perez dandrade, que com quanto estauão agrauados do gouernador, vêdo que a cousa importaua a seruigo de Deos & del rey não se quiserão lembrar dagrauos & forão pelejar, & outro tanto fizeram os outros prestes, que todes forão com os capitães q̄ mais lhe aprouue: & serã por todos os que hião com dom Antonio bem trezentos homens. E chegado ele onde as galês estauão surtas com a fusta & parao, vio que estaua cusolarim da banda da ilha de Diuar com obra de trinta paraos, & andaua muyto soberbo com seu sombreyro, & mãdandose abaar



com hũ rabo de boy: & dabanda da cidade estauão ainda os outros paraos, q̄ erão cincoenta todos abicados nagoa, porem com toda a gente que auia de pelejar. Dom Antonio que vio alli os inimigos dhũa parte & doutra, pareceolhe que ho querião tomar no meyo: & por isso fez dos seus bateys dous esquadrões, & pera si tomou hũ de quatro com ho seu, & dos tres erão capitães dõ Ieronimo de lima, dom loão de lima seu irmão & Garcia de souza, ho outro era de seys, de que erão capitães Bernaldi freyre, Jorge da cunha, Luis coutinho, Antonio de matos & outros dous. E a estes encomêdou que fossem pelejar com os paraos que estauão da banda da cidade: & assi a estes como aos outros q̄ auião dir coele pediu muyto que não desparassem toda sua artilharia junta, se não que acabãdo hũ de tirar tira se outro, & porq̄ os tiros erão berços, que assi como fossem tirando lhes metessem logo as camaras pera q̄ sempre tirassem, & que deste modo os não poderião entrar os inimigos: porq̄ doutra maneyra serião logo desbaratados. E mandou que as gales & fusta se leuassem & fossem apos ele pera ho fauorecer.

Capit. xxxj. De como dõ Antonio pelejou com golarim, & ho desbaratou: & do que fizêrão Simão dandrade, & Fernão perez dâdrade, & de como dom Antonio foy ferido mortalmente.



Ordenados assi estes dous esquadrões, partiose dom Antonio coeles pera a cidade, & em partindo começaram os inimigos de deitar ao mar os paraos que estauão abicados da banda

da cidade. E os inimigos erão tantos na ribeira & pelos muros que tudo estaua cuberto deles, & a causa era porque cu solarim tinha conuidado a todos que fayssem a ver como tomaua os nossos, que em vendo abalar os inimigos arrancarão com grande furia, remetendo cada esquadraõ onde era ordenado. Dõ Antonio se foy dereyto pera cufolari, q̄ como digo se chegaua parele muyto fo berbo, fazêdose abanar como que este uelhe em sua casa sem temer nenhũ perigo, se não q̄ ndo ele começou d̄ sentir camanho era esperar os nossos tiros, q̄ tirando na ordẽ que disse começaram de varejar muyto furiosos por todas as partes leuando em pedaços algũs dos reimeiros que hião descubertos, & assi outros dos homens darmas que se defco brião. E posto que os inimigos tambe tirauão com sua artilharia nã lhes aprobeitaua porque despararão todos juntos. E nosso senhor parece q̄ quis goardar os nossos que lhe nã fizesse nenhũ nojo, & por isso cobrarão eles muyto mayor efforço do que leuauão, & dâdo grandes gritas tirauão auante quanto podião. E era muyto pera espantar como quatro bateys nossos oufauão de cometer trita paraos, & hũa fusta cheos d'artelharia & de gente branca muyto costumada a pelejar, & a vêcer, & muy bem apercebida pera a peleja: & que vinha toda com proposito de não escapar nenhum dos nossos de morto, ou de preso: & a fora aqueles que estauão daquela parte outros muyto mais da banda da cidade, & na terra gente sen conto, que somente os gritos & estrondo da artilharia erão pera espãtar aos nossos, quanto mais saberẽ que se não podião saluar sem ao menos desbaratarem quantos estauão no



mar, & assi ho dizia dom Antonio aos seus efforçando os pa a pelejatele mandou endereytar ho seu parao cõ a fusta de gusolarim determinando de a abalaroar: que gusolarim com toda sua soberba não oufou de esperar, & fugio, & foyle na bolta da cidade pera se meter no esteyro do Mandouim õde estaua dantes; & ho mesmo fizeram os seus paraos, & não auia esperar hũ por outro, se não fugir quem mais podia, & os nossos depos eles. E os outros paraos que estauão da banda da cidade que pelejauão cõ ho outro esquadrão dos nossos bateys, també estauão em grande aperto, que lhe tinhão os nossos mortos muytos remeyros, & morta outra muyta gente. E como lhe falecião os remeyros, & vendo desbaratado ho seu capitão môr em quem tinhã sua confiança retirara nse pera terra a te hirem varar nela, temendo que os abalroassem os nossos; & ho mesmo fizeram os outros que fugião com gusolarim, tanto que poderão aferrar terra, & os que não poderão fugirão pelo rio actima. Os nossos que virão os inimigos varar quiserão chegar a eles & aferralos, mas não poderão porque lhe tinhão atupido ho caminho com muyta madeira: & como os seus bateys demã dauão mais a goa que os paraos dos inimigos não poderão nadar, & quasi que ouuerão de ficar em seco, & virãse em grande perigo com os muytos tiros q̄ lhes tirauão de terra, & assi frechadas, & virotos com espingardões. Neste tempo dom Antonio que hia a posgusolarim não ho deixaua, & mandou apertar ho reino tanto que encaualgou a fusta & tolheolhe que se não acolhesse ao esteiro onde leuaua a proa, & por isso foy necessario a gusolarim mandar arribar

ao lôgo da fortaleza, cujo muro & assi ho da cidade estaua cheo de frecheiros & espingardeiros, q̄ feruirão muy bê a dom Antonio que hia dando caça a gusolarim, que tiraua quanto podia caminho da porta que agora se chama de sancta Caterina. E passando dom Antonio ao longo da porta da ribeira, tiraranlhe com hũa bombarda grossa que lhe ouuera de quebrar ho parao em dous pedaços se lhe dera em cheo, mas quis Deos que lhe deu ho pelouro em hũ bordo de q̄ lhe leuou hũ pequeno; porem ele não deixou de seguir a fusta, que chegando à porta de sancta Caterina bem esperta do remo pos a proa em terra, & ficou hũ pedaço em seco. E como a gente que estaua na ribeira era muyta & lhe acodio logo a força de braço poserão mais dameta, de dela em seco, & tão ligeiramete, que em a fusta enfecando, & em a gente puxando por ela, tudo foy hum. E tambem no mesmo tempo chegou dom Antonio rompendo por grandes nuuês de frechas & setas que lhe tirauã de sobre ho muro da cidade & sem nenhũ dos seus receber algũ dano pos a proa na papa da fusta, onde hião auidos pera saltar nela Simão dandrade, Fernão perez, Simão rangel, hũ Ião deiras, & hũ arraes que fora paje do go uernador, & todos cinco saltarão logo na fusta, com cujo medo os inimigos a despejarão. E indo dom Antonio pera entrar apos estes cinco em poendo ho pé na fusta veu hũa frecha do muro, & ferio ho na lartado da perna esquerda em descuberto, & atorimétou de maneyra que não pode entrar, & cayo no seu parao, que com a grande pancada q̄ deu na fusta se alargou dela, ficando nela os cinco q̄ digo sem mais entrar nhũ



dos q̄ hião no parao, porq̄ como virão dom Antonio por lhe acodir não cura rão dos que ficauão na fusta, sobre que logo carregarão os inimigos, & os cerca rão detodas as partes (saluo da banda do mar) tirandolhe como a aluo com zagunchos, com frechas, com pedras, & com setas, & tudo tão basto que os não errauão: & valialhes que andauão bem armados, especialmente os dous hirmãos, que eles erão ho emparo dos outros tres, defendendose dos inimigos com muyto tento, & pelejando cõ grã de esforço, tanto que os inimigos os nã poderão entrar com quanto erão tãtos como digo, & sobre ho muro muyto mais, q̄ tabẽ de là tirauão por a fusta estar quasi ao sopẽ dele. E ali estaua ho Hidalcão, q̄ se posera cuydãdo q̄ auia de ver tomar os nossos, mas violhe fazer cousas por õde os depois teue em muyta estima segundo pareceo. E eles ho merecião por as cousas que fizeram por se defender, principalmente Fernão perez, & Simão dandrade, a que neste conflito derão por diante cõ hũ zaguncho em hũ corsolete que lhe pãfarão ho delgado dele, & ho ferirão hũ pouco, por onde se pode julgar quão forçosos braços auia antre os inimigos, & quão boas armastinhão. Em todo este trabalho em que os cinco estauão não auia quem os socorresse, porque os do parao de dom Antonio se afastarão coele, porq̄ virão que a ferida era mortal, que logo lhe derão grandes acidentes, & os outros bateys como digo que estauão ao longo da ribeyra, pelo canalestar atupido não podião nadar, & por isso não acodiãto que vëdo hũ mestre da nao de Luys coutinho que hia coele no batel como homem efforçado, disse que se lhe despejassem ho

batel, que não ficassem mais que seys ou sete marinheiros que ho podessẽ remar que ele ho faria nadar pelo canal, & hiria por Simão dandrade, & polos outros quatro. O que ele fez despejandolhe ho batel, & indo achou q̄ Diogo fernãdez de beja punha a proa da sua galcẽ em terra pera poyar & focorrer aos nossos, & pa se tornar a alargar alargou hũa ancora por popa: q̄ nõ do vio hir ho batel teuelle, & louou muyto ho mestre pelo que fazia, que por ho batel ser pequeno, & ir despejado ho leuou leuemente pelo canal por onde os outros não podião ir. E chegãdo à popa da fusta por onde não tinha ninguem que ho impedisse, foy socorrer os cinco com os sete marinheiros: & pelejando todos, se recolherão com muyto trabalho ao batel, saluo Ioão deiras que se deitou com os inimigos, & ficou coeles: & em se os nossos recolhendo atarão hũ cabo na fusta pera ver se a podião leuar, & não poderão por estar muyto em seco, então a deixarão, & se forão ajuntar cõ os outros bateis que estauão às bõbardadas com os imigo, de que matarão muytos sem dos nossos morrer nenhũ, se não forão algũs feridos: & posto q̄ este feyto foy muy grande, muyto mayor fora senão fora ho ferimento de dõ Antonio, que segũdo era efforçado & fauorecido da vitoria não se ouuera de contẽta com a do mar, & ouuera de prouar auela na terra ou queymar os paraos.

Capit. xxxij. De como faleceo dõ Antonio da ferida q̄ ouue na batalha, & de algũs recados que ouue antre ho Hidalcão & ho governador sobre concerto, q̄ por derradeiro não ouue effeyto.



**Q**omo os do parao de dom Antonio virão que ele estava ferido, & tão mal, leuaram-no à galé Dantonio dalmada, donde recolhidos Simão dandrade & os outros fizeram sinal de recolher. E recolhidos todos partiram-se ja noyte pera õde estava ho governador, que ficou muy agastado quando vio dõ Antonio tão mal, que logo aquela noyte lhe acodio febre, & continuauão os accidentes. E estando ele allí ao outro dia foy loão machado à frota à visitar da parte do Hídalção a Simão dandrade & a Fernão perez, & disselhes que lhes mandaua pregutar como ficarão da peleja que teuerão na fusta, & que ficara tão contête deles por quão bem pelejarão que ho terião por amigo pera o q̄ lhe dele comprisse. E disselhes loão machado que ho Hídalção vira a peleja de sobre ho muro, & pergunta- ra despois a loão deiras q̄ homẽs erão, & ele lho dissera, & seus nomes: & que ho Hídalção se mostrara muyto magoado da não ter algũs vassallos como a queles, & dera ê rosto coeles aos seus. E mais disse ao governador q̄ os mouros vendo allí pelejar aqueles homẽs, & a proa da galé de Diogo fernandez posta em terra, q̄ cuydarão verdadeiramente que querião os nossos saltar nela. E ho governador lhe disse que ho não fizeram, porque ele lhe defendera que ho não fizessem, & isto por q̄ lhe não queria dar tanto trabalho junto: & porem que lá viria seu tempo. E não lhe disse como dom Antonio estava ferido porque ho não disse ao Hídalção, & se ensoberbecesse coisso. E dada resposta per Simão dandrade & Fernão perez a loão machado, ele se foy pera ho Hídalção, a quem contou o que

lhe ho governador dissera, que estava muyto triste, por q̄ aquele mesmo dia acodirão herpes a dom Antonio, de q̄ faleceo dahi a tres ou quatro dias. E sua morte foy muyto sentida, não somete do governador que era seu tio, mas de todos quantos auia na frota, porque a fora ser muyto efforçado, & de muyto boõ conselho, era de tão boa condição que todos lhe querião bem: & com quão to auia a quebra que disse entre ho governador & Fernão perez dandrade, era ele tamanho amigo de dom Antonio que tomou cuydado de ho leuar a enterrar. E foy lhe dada a sepultura na terra firme da bãda d̄ Bardes debaixo dhũ penedo perto do mar, donde despois per mandado do governador foy leuada sua ossada à se da cidade d̄ Goa & enterrada na capela mór. E estando ho governador com esta tristeza da morte de dom Antonio, soube ho Hídalção que era certo fazerse el rey de Narsinga prestes pera lhe ir tomar a cidade de Rachol, & por isso tornou a cometer amizade ao governador, & deu ho cuydado disso a çufolarim que mãdou recado ao governador por loão machado a quem ele disse a verdade, porque ho Hídalção cometia amizade, & mais que era a noua tão certa que ho Hídalção era ja passado à terra firme, & deixaua em seu lugar a çufolari, por isso que dilataste ho concerto, que a ida do Hídalção não podia tardar muyto. E tendo ho governador este auiso mãdou a Pero dalpoẽ seu ouuidor q̄ fosse a terra pera falar cõ dous mouros honrados, que çufolarim mandaua pera assentarê este concerto. E os mouros estauão em terra, & ho ouuidor no mar em hũ batel. E estando falando sobre ho concerto que digo loão dei-

ras a  
nha  
ros,  
gou  
no  
do a  
nha  
cada  
dade  
zer d  
do h  
lingo  
velh  
& nã  
hũ l  
coele  
ro qu  
deira  
faria  
& de  
os m  
nenc  
cõce  
to ag  
nada  
dar l  
segu  
que  
gun  
mor  
& q  
por  
ho n  
suf  
por  
E d  
pre  
to t  
dor  
lhe  
daci  
que  
to: &



ras a quele que se passou aos inimigos vi-  
nha em cõpanhia daqueles dous mou-  
ros, & como era homem baixo come-  
gou de se gabar aos marinheiros q̄ hiã  
no batel, mostrandolhes quão bẽ vesti-  
do andaua, & assi hũ caualo er. que vi-  
nha, & dizendo que tinha tanto soldo  
cada mes, que aquela era a terra da ver-  
dade, que outro tanto deuião eles de fa-  
zer & não tirar pelo remo. O que ouui-  
do ho ouuidor disse aos mouros pelo  
língua, que pera que trazião ali aquele  
velhaco fugidio q̄ ho mãdasse calar;  
& não querendo eles mandalo, disse a  
hũ Ioão dilhães bombardeiro que hia  
coele, que era muyto certo espigardei-  
ro que tirasse com a espingarda a Ioão  
deiras, & que se ho matasse que ele lhe  
faria fazer merce; o q̄ Ioão dilhães fez  
& derribou morto Ioão deiras, do que  
os mouros ouuerão muyto grande me-  
neccoria, & se forão sem mais falar no  
cõcerto. E tambem çufolari ficou muy-  
to agastado, & mandou dizer ao gouer-  
nador que se espantaua muyto dele mã-  
darlhe matar aquele homem indo cõ  
seguro; & ho gouernador lhe respõdeo  
que ele não sabia parte de tal cousa. E se-  
gundo tinha sabido Ioão deiras fora  
morto por sua culpa pelo que dissera,  
& que não se espantasse de ho matarẽ,  
porque a ele mesmo se tal cousa dissera  
ho matarãõ os seus caualeyros que não  
sufrião coula mal feyta; & coifto ouue  
por algũs dias interpolação no cõcerto.  
E despois porque ho Hidalcão mãdou  
preguntar a çufolari o que tinha fey-  
to tornou a mandar recado ao gouerna-  
dor, a quem Ioão machado disse que  
lhe parecia que ho Hidalcão não auia  
daceitar a amizade com as condições  
que ele queria, por q̄ perdia niffo muy-  
to; & tambem porque tinha por fama

q̄ ele não tinha nenhũ mantimentos.  
E por ho gouernador não querer mais  
falar em concerto com çufolari, se não  
com ho Hidalcão, vierã dous mouros  
principais com poder do Hidalcão à  
nao do gouernador, & por arrefes de-  
les & de Ioão machado foy leuado A-  
braldez ao Hidalcão, & esteue là dous  
dias, q̄ tantos esteuerão os mouros cõ  
ho gouernador sem se tomar nenhũa  
cõcrusam no concerto, porque na ver-  
dade ho gouernador pedia muyto po-  
la amizade. E porque os mouros cres-  
sem que ele estaua muyto abastado de  
mãtimẽtos banquearaou os naq̄les do-  
us dias, como quẽ estaua muyto bẽ abi-  
talhado, & q̄ndo se forão mandoulhes  
dar hũ par de sacos de bizcoyto, & hũ  
barril de muyto boõ vinho, porque se  
ho Hidalcão deixasse de lhe dar o que  
lhe ele pedia pela amizade, cuydando  
que estaua em falta de mantimentos, q̄  
lho disse. E defeyto ho Hidalcão ficou  
espantado quando lhe os mouros disse-  
rão os banquetes, & ho mais que lhes  
ho gouernador dera, & porẽ nũca quis  
aceitar a amizade com as cõdições que  
ho gouernador queria, porque perdia  
muyto mais do que ganhaua, & então  
cessarãõ os concertos; mas em quãto se  
falou neles nũca os nosllos forão a terra  
que lhes os mouros não enchessem os  
bateys de refresco, & algũs que erãõ a  
migos do gouernador ho mandauão  
visitar coele.

¶ Capit. xxxiij. De como ho gouerna-  
dor mãdou os doetes q̄ tinha a Anja  
diua, & de como ouue mãtimẽtos.



Despois disto auẽdose os im-  
migos por desengañados, q̄  
auião sempre de leuar ho  
peor dos nosllos não os qui-



serão mais cometer. E ainda q̄ eles esta uão liures da guerra, tinha os a fome e tamanho trabalho que tomarão antes por partido ho da guerra, porque não auia dia que não adocesssem & outros morrião. E não dando ainda ho tēpo lugar pera que ho governador sayse, determinou em conselho de mandar os doentes que auia na frota na nao de Nuno vaz de castelo branco a Anjadíua, porque lhe dizia Timoja que se a nao podesse lá ir, que ele iria também nela, & lha carregaria ali de mantimētos, pera se foster em quanto lhe ho tempo não desse lugar pera sayr & ir a Cananor. E com quanto ho governador sabia que ho tēpo não era pera sayr, por efforçar a gente com esperança dauér algus mantimentos mandou carregar na nao os doētes da frota, que era o trezentos, & mandou a Nuno vaz que se podesse sayr que se fosse a Anjadíua; & ali por dinheiro, & por resgate de algus molheres braçenias aueria mātīmētos que lhe mandaria no nauio Dantonio de matos que iria coele, & ele se iria cō os doentes a Cananor. E entregues no espirital, se iria a Cochim, & diria a Ieronimoteixeira, & a Iorge da silueira que se fossem parelêa Cananor, & ho mesino diria aos capitães das naos de Portugal, se fossem chegadas, & tudo isto lhe deu por hũ regimēto assinado por sua mão. Neste tempo tinha çufolarim mandado assentar em Pangim hũa bombardã grossa de camara pera mandar ritar aos nossos quando se fosse m, que bem lhe parecia que não auia de radar muyto; & estava na fortaleza muyta gente de goarnição. E porque ho governador sabia isto, mādou a Nuno vaz que partisse de noyte, & que ho leuasssem a toa. E partiose na êtrada de

Iulho; & emparêlhado cō a fortaleza de Pangim, parece que sentirão os inimigos a nao, & despararão a bōbarda, & acertou ho tiro na nao, & deu no cabrestante do conués, & leuou lha a ca, beça, & matou hũ dos nossos, & escaurou outros. E todauia Nuno vaz passou auante & foy surgir em hũ pogo entre Pangim & a barra pera ver ao outro dia por onde faya, & por lhe ho tempo não dar lugar pera sayr esteue ali ate meado Iulho. E vindo hũ dia no seu parao de dar rezão ao governador da causa porque não faya, lhe meterão da fortaleza dous pelouros no parao; & hũ deles lhe leuou a fralda dhũ çaçote q̄ leuaua vestido, & não lhe fez outro mal. E meado Iulho abonaçando ho tēpo algũa cousa sayo Nuno vaz a toa; & indo defronte do baluarte da barra se ouuera de perder, por lhe tirarem dele os inimigos hũa bombardada, com q̄ lhe passarao ho costado da nao pelo côues, onde algus dos nossos recolhião a toa do cabrestante, & deu e hũs estrês que jazião sobelos alcatrates, o de jazia hũ doente encostado com que ho tiro deu nomeyo da nao, & os que leuauão a toa soltarão com medo ho focayro, & a nao ouuera de dar a costa se logo não acodirão outros a tomalo, & Nuno vaz não pode surdir mais auate que ate defronte dagoada, o de surgio por se mudar ho tempo supitamente, & ho mar tornar muyto grosso, tanto que ho piloto moor que hia em dous bateys das toas disse a Nuno vaz que se tornasse & ele não quis. E vendo Timoja ho tēpo tão forte sayose da nao & tornou se pera ho governador na sua cotia, nem tam pouco sayo ho nauio Dantonio de matos por esta causa. Ali esteue Nuno vaz surto ate ho quarto da prima ren-

vido, e  
& aloce  
tas: &  
ho sol  
outr  
& Tim  
colá, q  
mand  
em A  
xando  
dilhõ  
Anto  
mente  
nes de  
do sal  
linhas  
ua tam  
Anja  
dias, p  
ua, &  
to fra  
Anto  
onde

Capit  
do  
An  
ao  
rã



dou  
mes  
nho  
Indi  
part  
ra to  
entã  
guê.



dido, em que rēdeo ho vento a loeste, & aloefnoroeffe com que sayo às voltas: & alli foy ate que em se poendo ho solaferrou Anjadiua, & Lurgio. E ao outro dia chegarão Antonio de matos & Timoja, que logo se partio pera Ancolã, que sam dahi quatro legoas, dōde mandou dizer a Nuno vaz que fosse lã com Antonio de matos, & ele foy deixando os doentes é Anjadiua, em Tēdilhões, & em Ancolã foy carregado Antonio de matos de muytos mantimentos que Timoja tinha feytos. f. carnes de porcos monteses, & veados tudo salgado em jarras, & assi muytas galinhas, & muyto arroz; & disto se leuua tambem muyta soma aos doentes a Anjadiua. E feyto tudo isto em quatro dias, partiose Nuno vaz pera Anjadiua, & por achar ainda os doentes muyto fracos se deixou estar, & mandou a Antonio de matos que se partisse pera onde estaua ho governador.

Capit. xxxiiij. De como ho governador se partio do rio de Pangim pera Anjadiua, & do perigo que passou ao sayr da barra; & de como chegarão naos de Portugal.



Ve com sua chegada foy muyto ledo, pera refrescar sua gente primeyro que sayse ao rio cō aqueles mantimentos que mādou repartir polas naos. E acabado ho mes de Iulho como não se corria tãinho perigo na nauegação da costa da India como dantes, determinou de se partir, & irse concertar a Cananor pera tornar sobre Goa, & tomala: o que então calou consigo sem dar conta a ninguē. E vindos os quatro dias Dagoſto,

ele se partio com toda a frota, que foy bem feruida de bombardadas, assi ao passar por diante da fortaleza, como por diante do baluarte da barra; & por ser ainda ho tempo algũ tanto verde correrão as naos muyto risco ao sayr dela, & milagrosamente lhe goardou nosso senhor frol delamar, q̄ deu muytas pácadãs na arca, & ho cirne tambē tocou; & frol da rosa ficou em seco da banda da terra firme defronte de Pangim. E porque a gente cō medo se que ria sayr dela & deixala por perdida, se foy ho governador meter nela (por se não perder) & muyto contra vontade de todos os fidalgos & capitães da frota, que lhe fizerão grandes requerimētos que se não metesse na nao, porque como fosse sabido em Goa virião logo os inimigos em seus paraos, & verfehião em perigo de se perderem todos. Mas ele não quis se não irse à nao de fora da barra onde já estaua, dizendo que por saluar aquela nao del rey seu senhor pelearia com quantos mouros auia em Goa, & se auenturaria aqual quer perigo, quanto mais que esperaua em nosso senhor que os inimigos não auião douſar de vir, porque bem sabião quã pouco auião de ganhar nisso. E metido na nao esperou nela ate vir outra marē com que sayo fora com a nao salua. E no próprio dia indo ao cabo da rama ouue vista de quatro naos de gauria que vinhão demãdar a terra: & estas erão de Portugal que partião aquele anno, & era seu capitão mōr hũ fidalgo chamado Diogo mendez de vasconcelos que el rey mandaua a descobrir Malaca, & erão seus capitães Baltesar da silua, Pero quaresma, & Ieronimo cerniche. E quando estas naos virão a frota do governador tã perto do rio de Goa



& os da frota virão a elas, & q̄ hão de mandar a terra, ouue grande aluorogo assi em hūs como em outros cuydando que fossem rumes: & todos se poserão em armas pera pelejar. E ho governador mãdou dizer per Lourêgo de payua a Simão dandrade, Fernão perez, & aos outros capitães que ainda hão presos na sua nao, & debaixo de cuberta (que assi o querião eles) que lhes pedia que subissem peracima, pera q̄ cõ seu conselho ordenasse de pelejar com a q̄ las naos se fossem rumes, & eles não quiserão oir: respondendo que com quê ho governador ouuera conselho pa os prèder q̄ coesse se aconselhasse do q̄ auia de fazer, q̄ quãdo conhecesse q̄ erão rumes eles se poerã nos seus lugares a defèder as naos del rey, & farião o q̄ se pre fizerão ate morrer. E requererão a Lourenço de payua como secretario que fizesse hũ auto do que lhes ho governador mandara dizer, & do q̄ eles respondiã pera el rey de Portugal saber a verdade. E nisto forão conhecidas as quatro naos que erão Portuguezas polas cruces das velas, & foy ho prazer muyto grande em todos. E Diogo mèdez foy ver ho governador, & lhe disse como vinha de Portugal outra armada de cinco naos pera a carrega, de q̄ era capitão môr hũ fidalgo chamado Gonçalo de siqueyra, & erão seus capitães lorge nunez de lião, Manuel da cunha, Diogolobo, & Lourêgo morenno que hia por feytor de Cochim. E indo ho governador na volta Danjadiua, foy ter coele Gonçalo de siqueyra cõ duas naos de sua conferua, q̄ as outras duas nã chegauão ainda. Coesta frota tamanha se foy ho governador a Anjadua, onde estuee obra de q̄ trouo cinco dias. E neste tempolhe deu Diogo mē

dez as cartas que trazia del rey parele, em que lhe dizia que mandaua Diogo mendez a descobrir Malaca (se ainda não era descuberta) & allentar lá feyto ria: & se ouuesse dir a isso, mandaua ao governador que lhe desse piloto q̄ ho leuasse a Malaca, & assi lhe desse conselho pera o que auia de fazer, & ajuda se fosse necessaria pa ho executar. E isto mesmo trazia Diogo mendez por regimento que mostrou ao governador, que despois de vistas as cartas falou cõ Nuno vaz de castelo branco, cõ Garcia de souza & com Francisco serrão q̄ forão a Malaca com Diogo lopez, que lhe disse sem o que lá passara pera que soubesse o que auia de respõder a Diogo mendez. E sabido isto mandou ajuntar estes tres com todos os capitães & fidalgos da frota, assi os que andauão na India como os de Portugal, & perante todos disse a Diogo mendez q̄ lhe trouera hũas cartas del rey seu seõor, em que lho encomẽdaua q̄ lhe dissesse perante aqueles fidalgos & capitães q̄ queria dele. Diogo mendez respõdeo que ele era capitão môr daquelas quatro naos, em cuja carrega el rey seu seõhor tinha parte, & a outra era de mercadores, & hia pera fazer o que dizia cõ seu regimento, como tinha dito. Em que lhe tambem sua alteza mandaua q̄ indo ter onde esteuesse sua senhoria que lhe pedisse piloto, conselho & ajuda: & isto era o que queria & lhe pedia da parte de sua alteza, & da sua. Mandou etão ho governador a Nuno vaz, Garcia de souza & a Francisco serrão que dissesse cada hũ por si o que acontecera cõ Malaca a Diogo lopez. E isto dito disse ho governador a Diogo mendez, que bem ouuia como indo Diogo lopez de siqueyra a Malaca com mãs

nao  
arte  
rad  
fica  
im  
com  
suas  
de f  
aju  
de c  
hũ  
ua h  
uig  
ele  
rão  
ele  
des  
par  
pre  
ele  
seus  
cam  
der  
uer

Cap  
a P  
et  
a F  
a E

U  
br  
que  
mo  
mo  
leu  
cise  
And



nauos q̄ os seus, & melhor armados d̄ artelharia & gente, viera de lá desbaratado cō lhe tomarẽ bateys, & gēte que ficaua catiua sem ele poder resistir aos inimigos; q̄ como queria ele ir a Malaca com quatro naos tão podres como as suas, & tão mal armadas cō artelharia de ferro & pouca gēte; & palhe ele dar ajuda não podia ser por quanto vinha de Goa cō a cabeça q̄brada, o d̄ ficaua hũa grãde armada de turcos, & se cria ua hũa força muy pjudicial pera ho seruiço de Deos & del rey seu señoer, a q̄l ele determinaua de desfazer naq̄le veirão, & q̄ se ho ele quisesse ajudar nisso ele lhe daria despois toda ajuda q̄ podesse pera ho feyto de Malaca. O que pareceo muyto bê a todos os q̄ estauão presentes; & Diogo mendez disse que ele não podia respõder sem falar com seus capitães; & pois todos estauão de caminho pera Cananor q̄ là lhe respõderia. Isto assentado, partiose ho goernador pera Cananor.

Capit. xxxv. De como indo Francisco pantoja caminho de çacotora pera trazer dom Afonso tomou a nao meri; & de como Duarte de lemos se partio pera a India.



Antes de sua partida mandou a Francisco pantoja q̄ fosse a çacotora com carta lya, em que escriuia a dom Afonso de notonha seu sobrinho (nã sabēdo ainda q̄ era morto) que logo se viesse pera a India no mesmo nauio; & escreueo a Duarte de lemos se hi estuesse a causa por q̄ lhe nã leuara a armada. E atraueßando Francisco pantoja a quele golfão da costa da India pera çacotora, lhe deu hũa grãde

temporal, & durando ele forão vistos no mar muytos fardos de roupa; & logo pareceo a Francisco pantoja q̄ era algũa nao de mouros que alijaua cō tormenta, porque tamẽ em algũs fardos que se tomarão, se conheceo q̄ era roupa de cambaya, mandou então Frãçisco pantoja pelo rasto dos fardos, & foy topar com hũa nao muyto grande que parecia ser doytocentos toneis, & era del rey de Cambaya, & auia nome meri; & era a mayor nao q̄ andaua naq̄le golfão, & muyto nomeada por sua grãdeza em muytas partes, & carregaua tanta mercadoria, que não hia nenhũa veza a Ormuz que não pagasse de dreytos na alfandega de vinte mil xara, fins pera cima, & andaua por capitão dela hũ mouro chamado alecão parête del rey de Cambaya, & trazia consigo muytos mercadores honrados, & muita gente de peleja. E a nao tinha ho masto cortado q̄ lho cortarão os mouros com a tormenta, & andauão tão cansados cō os trabalhos dela, q̄ como lhes Francisco pãtoja mandou tirar logo se renderão. Tomada esta nao Francisco pantoja se foy coela a çacotora, onde achou Duarte d̄ lemos q̄ hi iuernara, & achou por capitão da fortaleza a Pero correa hirmão de Diogo correa q̄ estaua catiuo e Cábaya, porq̄ falecera Pero ferreyra fogaça q̄ era capitão, & por Antonio ferreyra seu sobrinho q̄ era alçayde mór, cuja era a subcessam da capitania estar doente lha não deu Duarte de lemos, & a deu a Pero correa, E a qui soube Francisco pantoja como no Abril passado partira dom Afonso para a India, & os outros q̄ ja disse, & todos teuerão, q̄ pois là não erão q̄ se perderão no mar, porque Alecão ho capitão de meri nã dizia como estauão catiuos



em Cambaya. E vendo Duarte de lemosa nao q̄ Francisco pantoja trazia, & sabendo quão rica era quísera a mādardescarregar na feytoria: o q̄ Frãncisco pantoja contradizise, & se aqueyxou muyto: dizendo q̄ aquela nao não pertencia à feytoria de gacotorã, nē ele lha podia tomar pois nã era da sua bādeira, se nã da do governador Afonso dalbuquerq̄, & que a ele a auia de leuar fazēdo sobrisso grandes requerimentos & protestaçōes: a q̄ Duarte de lemos respondeo que tambē ele era governador & capitão mōr do cabo de Goarda fum ate Cābaya, em cujos limites ele tomara aq̄ la nao, & por isso q̄ a ele pertencia: quanto mais q̄ ainda q̄ não fora capitão mōr, q̄ el rey seu senor mandaua que na mais perto fortaleza donde se tomaua a presa se entregasse, & q̄ ele hō fazia assi. E mādou descarregar da nao o q̄ lhe melhor pareceo, & ho mais cō os catiuos deixou nela pera se leuar à India: pera o dē se partio logo pera ir pedir a armada a Afonso dalbuquerque, por q̄ bem vio pelo q̄ lhe ele escriuia, & pelo que soube de Goa q̄ se não ajuntaria ho governador tão cedo coele, nem lhe mandaria a armada. E partindo caminho de Cananor, leuou consigo seu hirmão gaspar cāo, & Frãncisco pātōia.

Capit. xxxvi. Dalgũas cousas q̄ se fizeram na costa do Malabar estado ho governador em Cananor; & de como chegou Duarte de lemos a Cananor, & forão soltos, Simão dandrade & os outros.



Chegado ho governador a Cananor, sem sayr ẽ terra mandou logo Simão dandrade, & os outros presos

que ia disse a Rodrigo rabelo capitão da fortaleza, & q̄ os não deixasse sayr dela sem seu recado, & todavia não deixaua de trabalhar por recõciliar coeles o q̄ eles não querião, & respõdião sem pre a quē lhes nisso falaua q̄ não erão eles os homē q̄ se auião dagrauar por muytos grandes erros, quãto mais por tãto pe q̄nos como fora o que fizeram: & que não ficarião na India por nenhũ preço, se não q̄ se auião de ir pera Portugal. Do que pesaua muyto ao governador por eles serē homē antigos na India, & sabião muy bē as cousas dela, & erão muyto pera mandar & aconselhar como capitães prudentes, & pera pelejar como caualeyros muyto esforçados, que tudotinhão quando era necessario: & por isso ho governador sentia muyto estarem agrauados dele, & quererē se ir em tẽpo q̄ tinha dele necessidade grandissima. E chegado ele a Cananor despachou logo pera Cochĩ a Bastiã de miranda pera ir lã correr a galē que fora Dantonio dalmada que por ser morto lha dera: & assi mādou a Nuno vaz de castelo branco que fosse mandar fazer na sua nao as obras mortas que lhe alnda falecião, & entre goulhe deslãs mulheres que tinha das que tomara em Goa, pera que as leuasse a Cochĩ, & se apouentassem ẽ hũ torre da fortaleza, & teria cargo delas hũ Gongalo aфонso mealheiro. E indo Nuno vaz a trauez de Calicut, achou Ieronimo teixeira, & Iorge da silueira que hião embusca do governador: & sabedo que ficaua em Cananor forãse lã. E chegado ho governador, mādou prender a Iorge da silueira, & lhe tirou a capitania da nao, porque contra seu mandado se fora inuernar a Cochim, & lhe leuara muyta gẽte, de q̄ despois



teue grande necessidade de cerco de Goa. O q̄ Ieronimo teixeira sentio grã demête por ser notorio que por seu induzimêto fora Jorge da silueira inuernar a Cochi, & por isso & polo passado que fizera em Goa quis dali por diante mal ao governador; & tambê chegou a Cananor Francisco marecos no nauo bretão, q̄ vindo cõ ho Marichal não passou & inuernou e Mogambique, & assi se hia ajudando pouco & pouco grã de frota pa ho governador tornar sobre Goa como determinaua, & pera isso se aparelhaua q̄nto podia. E porque entretanto não partisse as naos de Calicut cõ pimêta pera ho mar roxo, mādou goardar a sua costa a Simão miz caldeira, aq̄le boõ caualeyro do tempo do visorey, & deulhe pera isso dous nauos, de q̄ ho fez capitão mór; & pediu a Diogo mēdez de valcõcelos de quẽ ja tinha prazme de ho ajudar no feyto de Goa, que cõ as naos de sua capitania andasse dar mada de monte delate Baticala, pa tomar algũas naos se saysem de Goa pera q̄lquer parte. E e quãto hiã dou, não achou nada em que podesse fazer presa, & Simão martiz si que tomou hũa naõ de Meca muyto rica, em q̄ se acharão muytas peças de grande preço, & soma de moeda assi douro como de prata; & ante os catiuos que se nela tomarão forão dous judeus q̄ despois ho governador fez Christãos, & a hũ foy posto nome Francisco dalbuquerque, & ao outro Alexandre datayde, que sayrão muy boõs homẽs & feruirão de linguas. E pa melhor goarda daquela costa mandou ho governador a Garcia de souza que cõ outros dous nauos a fosse goardar em outro cabo de suado dõde andaua Simão martiz: & Ieronimo teixeira por dar desgosto

ao governador meteo e cabeça a Garcia de souza q̄ não era sua honra ir õde andaua Simão martiz, que lhe rã auia dobedecer. E conselhoulhe que a si ho dissesse ao governador, & foy coele a isso, & ajudauo tanto q̄ parecia ser mais ho caso seu que de Garcia de souza. E entẽdendo ho governador a cilada dissimulou, dizẽdo a Ieronimo teixeira q̄ pera que salua e obediencia pois Simão martiz andaua em hũ cabo, & Garcia de souza auia dãdar e outro, q̄ não auia necessidade de mais q̄ de tomar e muytas naos. E inistido Ieronimo teixeira, ho governador ho mādou ir, & ficãdo so cõ Garcia de souza dessez lhe a opinãõ que tinha, & fez q̄ fosse onde ho mandaua; & ele por hũ cabo & Simão martiz polo outro tomarão algũas naos, & por isso não partirão pera Meca outras muytas que estauão pa partir. E em q̄nto assi andauão na si Dagosto ou na e trada de Setebro, chegou Duarte de lemos a Cananor; & posto q̄ a sua capitania não tinha vizor na India, & soube que estaua ali ho governador nã quis tirar a sua badeira de capitão mór, o que lhe foy tachado. E cõ tudo ho governador lhe fez ho mais cortês & horado recebimento que pode; & como Duarte de lemos sabia da prisã de Simão dandra de & dos outros, pediu ao governador que os mada se soltar, per q̄ ele os queria ir ver, & não queria velos como aprefos. Ho governador aida q̄ não tinha vòtade de os soltar se recõciliar e coele mādou os soltar & ouue os por restituydos e suas capitancias, salua a Jorge fozça por a descortesia q̄ lhe disse, & mādou ho soltar sobre sua maneja, & os outros aceitarão as solturas, & não as capitancias, dizẽdo q̄ se auiaõ dir pa Portugal, & por isso as nã q̄riaõ



Capit. xxxvij. De como soube Duarte de lemos q̄ elrey mã daua q̄ se fosse pa Portugal; & d̄ como ho governador mã dou recado a el rey de Cambaya sobre os catiuos que tinha.

**D**Es pois disto deu ho governador cõta a Duarte de lemos da causa por q̄ se não fora ajuntar coele. E como todos os capitães da Índia, & fidalgos q̄ andauão nela, lhe conselhauão q̄ tornasse sobre Goa, & a tomasse, se não que se pderia a Índia; & que Diogo mêdez de vascoyelos q̄ hia pera Malaca tâbê lhe dizia que ho ajudaria; o que pareceo bẽ a Duarte de lemos. E pa mais ratificação fez ho governador outro conselho e que Duarte de lemos foy prefere, em q̄ se assentou por todos que vista a necessidade que auia de se tomar Goa, & a q̄ ho governador tinha de gẽte pera esse feyto. E por quãto a moução pequena pa Malaca, q̄ he e Dezẽbro era dahi a q̄tro meses; & Diogo mêdez auia desperar por ela, que ajudasse ao governador no feyto de Goa. E a sua ida pa Malaca seria no Abril seguinte q̄ era a moução grãde & a melhor; & isto cõ condiçãõ q̄ ho governador lhe desse a esse tẽpo tudo ag lo de que teuesse necessidade q̄ lhe podesse dar. E assi lho pmeteo ho governador; que tambe ali pmeteo Duarte de lemos q̄ ho ajudaria no feyto de Goa, & assi todos os capitães das naos de carga. E com tudo ho governador lhe não quis dizer sua determinaçãõ acerca de Goa, por q̄ não queria q̄ ninzue entẽdesse que desejava de a tomar, por q̄ se temia q̄ se ho entẽdessem que muytos por lhes parecer q̄ lhe dã nauão ho não q̄rerião ajudar, & por isso encobria tanto sua determinaçãõ, q̄

nos cõselhos não fazia mais que ppor as causas que auia pa se tomar Goa, & não daua seu parecer nẽ assinaua, mas fazia assinar aos outros os seus; & de tudo mã daua fazer autos pelo secretario pa que niguẽ podesse negar o q̄ tinha dito & assinado. Neste tempo se tinha dado aconhecer ao governador Alecãõ capitão da nao meri por parte delrey de Cãbaya & trataua coele p meio de Francisco pantoja amizade & paz pa elrey de Cãbaya cõ condiçãõ q̄ ho soltasse; o que ho governador não q̄ria, por q̄ esperaua que sem isso auia elrey de Cambaya de querer paz coele por intercessãõ de Meliquiaz, q̄ sempre se mostrara seruidor delrey de Portugal, & que Alecãõ se resgataria por dinheiro. E nisto soube dos nescios q̄ estauão catiuos e Cambaya, & pareceo lhe q̄ seria algũ deles dõ Afonso seu sobrinho (por aida não saber q̄ era morto) & por isso começou de lãgar mais mão pela amizade que Alecãõ requeria pa ver se poderia auer por ele os catiuos, dissimulando que não sabia q̄ estauão catiuos, nẽ Alecãõ o queria descobrir por nã auer rezãõ pera se trocarẽ, por que não queria ele resgatar se nã por amizade, & sobristo ouue cartas do rey de Cãbaya pa ho governador. O que sabendo Duarte de lemos se mostrõ muyto queixoso contra ele, dizẽdo que lhe tomaua o q̄ pertecia a sua capitania & perantele disse a Alecãõ que ele era capitão mór de Cambaya; & por isso a ele, & nã ao governador auãõ de ser dadas as cartas, & coele se auia de fazer a amizade, & assi outras palauras muyto soberbas q̄ ho governador dissimulou por amor que a capitania de Duarte de lemos chegaua ate Cambaya, & por tẽporizar coele que lhe deixasse



a armada ate tomar Goa, & disselhe. Tiremos nos os catiuos que lá temos, & deixemos agora esses mandos: se me el rey de Cambaya aqui tẽ por vezinho, & sabe q̃ tenho naos, gẽte & poder del rey meu seõnor, não sera boõ que fauoreçais voseste feyto, & q̃ lhe respõdeamos de maneyra q̃ ajamos os Christãos fora de seu poder. E todavia Duarte de lemos aperfiou muy mençõrio, q̃ ele era capitão mór de Cãbaya, & que a ele prẽciã as cartas, & coele se auia d fazer a amizade, & depois d feyta ele tiraria os catiuos. E agastado ja ho gouernador d̃le, lhe disse q̃ não ate Cãbaya, mas que ate Goa lhe deixaua seu poder: q̃ lhe rogaua muyto q̃ lhe castigasse os mouros de Goa, q̃ lhe derão muytos couges no pescogõ: & coisto se nã tomou nenhũa cõcõrãsa neste negocio. E o gouernador soffreu tudo isto a Duarte de lemos, & outras muytas sobriçarias q̃ lhe fazia, assi pola causa q̃ digo como pola puissã q̃ ele tinha de ser capitão ate Cãbaya, & não queria que parecesse q̃ desobedecia aos mãdados del rey seu seõnor que se ele prezaua de goardar ao pé da letra. E começãdo da uer desgostos ante ho gouernador & Duarte de lemos, chegou hũa nao da conserua de Gõgalo de siqueyra, em q̃ ueo hũa via d cartas pa o gouernador, & vinha nela hũa pa Duarte de lemos, e que lhe el rey mandaua q̃ entregasse ao gouernador a armada que trazia, & se fosse pa Portugal, & outra carta ao gouernador q̃ lhe desse ebarcãço pa se ir pa Portugal. E coeste recado ficou ele tẽperado, por q̃ dãtes não auia que ho soffresse, nem ho gouernador podia coele. E nã se lembrãdo ele do passado não deixaua de ho tratar tão hõrradaamente como dantes. E cuydãdo q̃ toda

uia quisesse ir coele a Goa como tinhã assentado, disselhe que não descobrisse a ninguẽ que el rey ho mãdaua ir pera Portugal, & que ele tambem ho fãria assi, porque a gẽte que trazia lhe nã desobedeceffe, & fosse coele a Goa em hũ corpo como andaua, pera que fosse mais hõrradamente: o que lhe ele teue muyto em merce, & ho ouue por grande honra. E vendose ho gouernador desembarsãdo da lãjeiã de Duarte de lemos apreilhou mais ho cõcerto da armada pera ir a Goa, & entretãto tornou a falar com Alecão sobre ho negocio que dãtes traziaõ pera ver se podia auer os catiuos a seu troco, & pera isto rogou a hũ chatin gẽtio morador em Cananor, que lhe fosse com reposta às cartas del rey de Cambaya, em que lhe respondia que folgaria com sua amizade, & pediõdohe os catiuos a troco Da lecão. E encomendou muyto ao chatin que soubesse os nomes dos catiuos, & quantos erãõ: & Alecão escreueo tambem sobrisso a el rey de Cambaya. E coestes recados se partiõ ho chatin, & o que fez se dira a diante.

Capit. xxxviii. De como hũ príncipe de Cochĩ que andaua leuãdo sabẽdo que era morto ho rey velho que estava no pagode, pedia ho reyno a el rey de Cochĩ que entãõ reynaua, & de como querendolho el rey de Cochim entregar lhe foy contrariaõ do pelos nosos.

**P**Assãdo isto e Cananor, moro reo e Cochĩ a q̃le boõ velho & leal amigo dos Portugueses q̃ fora rey e tẽpo de Duarte pacheco q̃ estava metido no pagodẽ. E segũdo seu costume como ja disse ho rey q̃ reynaua era obrigado por ley a meterse nele



& deixar ho reyno ao q̄ auia de ser rey a pos ele, que era aquele principe: que quando el rey de Calicut foy sobre Cochí (por lhe el rey não querer entregar os nossos q̄ lhe deixara ho conde almirante) não quis ajudar el rey de Cochí a defender ho reyno, & lançou se cõ el rey de Calicut q̄ lhe pmeteo de ho fazer logo rey, & dali por diante sempre andou cõ el rey de Calicut chamãdo se principe de Cochí. Este sabẽdo como ho rey q̄ estava no pagode era falecido mandou dizer ao q̄ Reynaua, q̄ segũdo seu costume se fosse meter no pagode, & lhe deixasse ho reyno: & em lhe mãdãdo este recado foy se meter cõ algũa gente de guerra que tinha jũta na ilha de Vaypi, & fez se forte em hũ pagode q̄ hi esta, dõde tornou a mãdãr a el rey de Cochí ho mesmo recado por algũas vezes de q̄ el rey estava muyto agastado, & mandou ho dizer ao feytor, & al cayde mór, & alli aos outros officiaes, q̄ derão cõta de tudo a Bastião de miranda, & a Nuno vaz de castelo branco, q̄ praticando sobre o q̄ farião naquele negocio, determinarão de per todos os modos que podesse toruar que ho principe nã fosse rey de Cochí nẽ entrasse nele, & sobri llo ho matarẽ por quanto lhe não prẽcia ho reyno, & tinha pido ho d'ereyto dele por q̄ fora tredoro a el rey, cujo successor era cõ ajudar cõtre lea el rey de Calicut quãdo destruyto & queymou Cochí, matando primeyro a tres herdeiros do reyno: & a fora isso se ele fosse rey pola amizade que tinha cõ el rey de Calicut ho auia ajudar & fauorecer cõtra os nossos, & assi ho disse aõ el rey de Cochí, q̄ folgou muyto coisso, & ho mãdarão tambẽ dizer da ppria maneyra ao principe, q̄ não deu nada por suas ameaças, mas tinha jũta

sua gẽte, & trabalhaua q̄nto podia por entrar em Cochí. O que sabido pelos nossos, d'eterminarã de goardar os rios, por õde ele podia ir. E forão a esta goarda Nuno vaz de castelo branco, & Bastião de miranda enfenhos bateys, armados d'artelharía, & bõs fornidos de gẽte d'armas, & corrião aqueles rios de noyte & de dia. E vido el rey de Cochí como ho principe insistia tanto e auer ho reyno, & sabia q̄ por seus costumes ho deuia dauer se hũa vez entrãua nas suas casas, por q̄ logo ele & os seus regedores, & vedores da fazẽda lhe auião dobedecer por rey, mandou lhe comer pelo Caymal de Palurte seu vedor da fazẽda, q̄ ele lhe daria rãda cõ que se mãteuẽsse hõradamẽte õde quis se retirar do Cochí, & q̄ desistisse de pedir ho reyno: & ho prícipe não q̄sãtes lhe mãdou dizer q̄ lhe despejasse as suas casas, & lhe deixasse ho reyno q̄ era seu de d'ereyto segũdo seu costume. E cõ esta repõsta ficou el rey muyto triste, & logo despejou as tafas & se mudou pa outras. Q̄ sabido pelos nossos se forã logo a ele Nuno vaz, Bastião de miranda, & Diogo pereyra q̄ era escriuão da feytoría, q̄ se chamãua ho malabár dal cunha, que sabia muyto bẽ a lingua: & q̄ndo chegarão a el rey de Cochí achãrão q̄ estava coe el rey da pimẽta cõ muytos frecheiros & adargados. E el rey quãdo os vio mostrou coeles muyto prazer, & lhe fez muy alegre recebimento, & lhes deu conta do q̄ ho prícipe respondera a seu recado, & como ho estava cõtando ao rey da pimẽta: entrão lhe disse Diogo pereyra q̄ por essa causa vinhão ali. E lhe dizião da parte del rey de Portugal, & do seu gouernador da India q̄ ele se tornasse pa suas casas, & as não deixasse, nẽ fizette

cõta õ  
se nã  
d'erey  
el rey  
E q̄ n  
no, nã  
q̄ lhe  
seus j  
de m  
el rey  
pode  
mais  
frece  
E vẽ  
dos n  
mou  
obed  
de h  
noss  
que a  
stãõ  
dar o  
ficou  
& B  
dor  
no v  
cõ h  
do q  
ho  
se, &  
lipo  
terr  
cer  
le se  
mat  
me  
pri  
EN  
me  
pag  
se i  
Ma  
biã



côta q̄ em Cochí auia dauer outro rey se não ele, & os q̄ decedessẽm dele por dereyto; por q̄ pera isso era ele rey por el rey de Portugal, & coroado por ele. E q̄ ho tirano q̄ queria vsurpar ho rey no, nã tinha dereyto nele pelas rezõs q̄ lhe ja derão, & por isso jurauão por seus juramẽtos verdadeiros q̄ ho auião de matar onde quer q̄ podessẽm. Ao q̄ el rey respõdeo q̄ ho tomassem viuose podessẽm, & ho não matastem: & ho mais lhes azar deceo muyto, & lhes ofreceo gẽte se a quissẽm pa os ajudar. E vèdo el rey da pimẽta esta amizade dos nossos com el rey de Cochí, cõfirmou de todo a q̄ tinha coele, & lhe deu obediẽcia de seu vassalo cõ juramento de ho ser sempre, & isto por amor dos nossos: & de tudo se fez hũa escriptura que assinou. Isto feyto tornaranse Bastião de miranda & Nuno vaz a goardar os rios: ao outro dia pola manhaã ficou Nuno vaz õde se chama ho peso & Bastião de miranda foy da outra bãda do rio de Crãganor. E estando ali Nuno vaz vio vir contrelle hũ tõe grãde cõ hũ sobreyro aleuãtado: & cuydãdo que fosse ho prícipe, foy lozo cõtra ho tõe, & por força fez q̄ se deteu esse, & soube que hia nele hũ seõnor de Paliporto; que visto por hũ Christão da terra que hia cõ Nuno vaz pera conhecer ho prícipe, lhe disse que era aquele seõnor, & ouuera ho Nuno vaz de matar, se não fora por hũ dos seus remeitos, que affirmou nã ser aquele ho prícipe, se nã hũ seõnor de Paliporto. E Nuno vaz ho deixou ir, sabẽdo primeyro dele como ho prícipe ficaua no pagode de Vaypi cõ tudo prestes pera se ir meter em Cochí, & ficaua coele ho Mangate caymal, & tambẽ ho Nambia de Parau que se ficaua embarcãdo

pa ir visitar el rey de Cochim, por ser grande seu amigo; que cuydou Nuno vaz que seria manha do prícipe pera cõ ho nabia meter gẽte em Cochí pa ho ajudar, & por isso indo na volta de Vaypi õde topou cõ ho Nabia q̄ trazia consigo tres tões de guerra carregados de gẽte, não ho quis deixar passar cõ aquele aparato, dizẽdolhe que a cousa não estaua pa deixar entrar gẽte estrangeira em Cochí, que se ele quissesse ir acõpanhado de ate trita nayres q̄ ho poderia fazer, & ho Nabia não q̄ria, & q̄ sera forçadamete passar auãte, ao q̄ lhe Nuno vaz resistio. E nisto ouue tanta detẽça q̄ foy recado do Nabia a el rey de Cochí, q̄ mãdou dizer a Nuno vaz p Candagorã, q̄ Nabia era seu amigo, q̄ lhe pedia q̄ ho deixasse passar, do q̄ se Nuno vaz agastou muyto vèdo ho pouco recado que el rey tinha em Cochí a tal tẽpo que assi deua entrar nele gẽte: & disse a Candagorã q̄ se el rey queria cõsentir q̄ entrasse em Cochí pera ho despoer do reyno, q̄ ele nẽ os outros nossos ho não auião de cõsentir: & se el rey queria desistir do reyno q̄ eles ho fosterião ate ho mandarẽ dizer ao governador que hiria tomar posse dele. E cõtudo Candagorã insistiã que deixasse ir ho Nabia com toda sua gẽrete que Nuno vaz consentio, cõ tãto que Candagorã ficasse em arrefes ate ho Nabia ir a el rey & tornar. E sabẽdo ho prícipe a goarda q̄ estaua no caminho por õde ele auia dir pa Cochí não quis ir acõselhado dos seus, & tornou se a recolher no pagode, õde os nossos nã forão por não terẽ gẽte cõ que podessẽ pelear coele em terra: & por isso acordatão q̄ eles & el rey de Cochí escreuẽssẽ ao governador o q̄ passaua, pedidolhe que acodisse logo, & assi ho fizerão.



Capit. xxix. De como ho governador chegou a Cochim, & ho principe a leuandado fugio de Vaypi com seu medo; & de como nenhũ dos capitães q̄ auião dir pera Portugal quise rão ir com ho governador a Goa, & do que dizião conterele.



Abido isto pelo governador, embarcou se logo na nao de Jorge da silueira, & partio se pera Cochim leuando conõigo Gonçalo de siqueyra, & assi todos os outros capitães q̄ auião de ir a quele anno pera Portugal, saluo a Duarte de lemos que ficou com a outra armada da India com todo seu poder & mando, pera q̄ teuesse tudo prestes, & fossem a Goa em ele tornando de Cochim. E chegado ho governador a Cochim, ho alcaide mor & os outros lhe derão cõta da afronta em que estaua el rey de Cochim por amor do principe aleuandado que lhe pedia ho reyno. E o que Nuno vaz & bastião de mirãda tinhamõ seyto na guarda de Cochim pera ho príncipe se não meter de posse do reyno, & como estaua no pagode de Vaypi. El rey de Cochim como sou be que ho governador era chegado, ho foy logo ver, & lhe cõtou ho trabalho em que estaua, pedindolhe estreitame te que ho liurasse dele. E antes que lhe ho governador respondesse, quisera q̄ lhe fizera el rey de Cochim duas cousas que importauão muyto ao seruigo del rey seu senhor, & ao proueito de sua fazêda, & a quietação de Cochim: a hũa foy que visito quãtos males os mouros de Cochim cometião contra os nossos consentisse que el rey seu senhor teuesse jurdição sobreles, & com aquilo ele mesmoficaria mais senhor deles: a ou

tra foy que mandasse aos mercadores de Cochim que dessem na feytoria a pimenta por cobre, & que ho deua de fazer, pois por causa da nossa feytoria ele tinha dobrada renda que dantes. E dambas se el rey escusou mostrãdo como ho não podia fazer. E por ho governador estar de partida não apertou muyto sobriisso; porem prometeo a el rey de ho liurar da fadiga em q̄ estaua, affirmandolhe que não aua de consentir que outrẽ fosse rey de Cochim se não ele, & que ele ho ajudaria, porque allho mandaua el rey seu senhor, & não foy necessario fazer ho governador nada contra ho principe, por q̄ como ele soube que ho governador era em Cochim se retirou logo pera dentro das terras del rey de Calicut, õde os nossos não podião ir. E sabendo ho governador del rey de Cochim, & del rey da pimenta como aua carga pera as naos da quele anno, & pera as q̄ ficarão do outro, & pera hũa que trouuera Duate de lemos: tornou a propor em conselho cõ os fidalgos & capitães as causas q̄ auia pera tomar Goa, pa ver o q̄ lhe dizião. E eles disserão o q̄ tinhamõ dito, & assi ho assinarão; & ho mesmo tornarão a dizer em outro conselho, que sobriisso ouue. E despois que assinarão seus ditos, disse ho governador que a ele tã bem parecia muyto bem ver se podia tomar Goa, ou ao menos que ymarlhe a frota quando a não podesse tomar; & despois de assinar seu parecer disse lhes, em cousa tão certa como he crer que cada hũ de vossas merces tem tãto cuydado do seruigo del rey meu seõor como das suas cousas proprias, & que allho farão, parecia escusado lêbrar-lhes que ho fação, especialmente vendose tão claramente que lhes lembra,

como  
rãota  
semp  
de sen  
não f  
ganhi  
este c  
do fre  
de su  
ceme  
nhor  
he co  
ganh  
pareç  
mais  
zente  
menç  
nez d  
Fran  
de D  
os ou  
Esta  
ca per  
goral  
perce  
ça qu  
mar  
dia. E  
gente  
perde  
nhor  
lume  
turco  
uegar  
itõ e  
strei  
que h  
cu sey  
del re  
licut  
noss  
estã  
deita



como parece nos conselhos que me derão tantas vezes que tome Goa, tirado sempre ao futo que tomada seria grande seruiço del rey meu senhor, porque não se tomando perdersehia o que tẽ ganhado na India. Mas quando vejo q̃ este conselho não vem acompanhado do crescimento de suas pessoas, & gente de suas capitaniaes pera este feyto, parece me muyto necessario lembrar uos señores que a gente que eu tenho não he cousa nenhũa pera hũ feyto tão faganhoso como este: & porque vos não parece a que falo de graça, eu não tenho mais que mil & duzentos homẽs, duzentos & cincoeta das naos de Diogo mendez, setenta da nao de Iorge Nunez de lião, trinta & seys do nauio de Francisco marecos, quarenta da nao de Duarte de lemos, & cem malabares os outros sam da ordenança da India. Estes como digo he cousa muyto pouca pera cometer hũa cidade, de que agora sahi desbarata do que ha de star apercebida pera se defender da vingança que sabe que auemos de querer tomar, porque este credito temos na India. E se eu for pera isso, & por falta de gente não poder com sua resistencia, perdesseha de todo o que el rey meu senhor tem ganhado na India, com vir a lume a grande armada que hi fazẽ os turcos, cujas fustas ja não deixauão na uegar as naos de nossos amigos, & por isso eu fuy a Goa & deixei a ida do estreito. E a fora esta armada dos turcos que he tão boa gente de peleja como eu sey, farão logo corpo coela ho poder del rey de Cambaya, ho del rey de Calicut & ho do grão soldão, a que nenhũ nosso podera resistir, os quaes todos estão liados & confederados pera nos deitarem fora da India, & com eu ir a

Goa, de maneyra que cõ ajuda de nosso senhor a tome de star feha esta liga, porque ho gabayo ficara destroçado, & ho poder do soldão, nẽ ho del rey de Cambaya, nẽ ho del rey de Calicut nã terão onde se ajuntar, nem onde fação corpo, porque não tinhão na India outro lugar mais pprio pera isso q̃ Goa. E pois señores vedes ho pro & cõtra do seruiço del rey meu senhor, da sua parte vos requeyro, & da minha peço muyto que me ajudeis neste feyto cõ vossas pessoas, & com vossa gente: por que a fora fazer des o que soys obrigados ao seruiço de S. A. ganhais muyta honra, que sem duuida tera toda vossa porque com vossa ajuda despois da de nosso senhor se fara este feyto tão honrado que mais não pode ser. A esta pratica do governador respõdeo logo Gõçalo desiqueyra: dizendo que ele dera sempre de si muyto boa conta nos carregos que lhe forão encomendados, & q̃ ele não fora a India pera pelejar, por isso que não auia dir a Goa. E tambem que as cousas da guerra erão incertas, & muytas vezes sahia ho fim delas bẽ desuiado do que se cuydaua, & se gasta ua mais tempo em se fazer hum feyto do que parecia antes que se começasse, & assi poderia ser naquele, & q̃ se gastaria ho tẽpo da partida pera Portugal, & q̃ inuarnarião na India ou em Moçambique no q̃ el rey perderia muyto, por isso que não podia ir a Co. E ho mesmo disserão os outros capitães, não lhes lembrando o que tinhão prometido ao gouernador que irião co ele se fosse a Goa, parecendolhes que não fosse: o que lhes ele trouue a memoria, & disse lhes q̃ ho feyto de Goa prazendo a nosso senhor se podia acabar ate a entrada de Dezembro, & que ate



a fim dele era ho verdadeyro partir pera Portugal, & que entre tanto que eles fossem a Goa ficaria recado ao feytor de Cochim, que com ho alcaide mór lhes carregasse as naos, o que se faria facilmente porque auia carga em abundança. E desta maneyra em chegando a Cochim da vinda de Goa se partiria logo. Porem como os capitães não de se jaurão nada a honra do gouernador, & lhes parecia que naquele feyto lha a judarião a ganhar nũa quizerão ir coe ele por mais que nisso insistio com grã des requerimétos. E vèdo que lhe não aproueitaua nada, determinou de se tornar a Cananor, & encomẽdou a carga a Gõçalo de siqueyra, que deixou em seu lugar pera que a fizesse cõ Antonio real alcaide moor & feytor de Cochim, & mandoulhes q se carregassem primeyro as naos que ficarão na India do anno passado. E isto ordenado mandou chamar todos os capitães que auião dir pera Portugal, & perãte Gonçalo de siqueyra & outros fidalgos lhes disse, Senhores eu vos requeri da parte del rey meu senhor, & pedi muy to por merce da minha que fosseys comigo a Goa por importar tanto a seruiço de S. A. como me tendes dito: digo uos q me vou embarcar pera ir a Goa com ajuda de nosso senhor, que n me quizer seguir sigame. E logo sefey embarcar na gale de Bastião de mirãda, q ainda não estaua bẽ acabada de concertar, & assi como se embarcou sayo pola barra fora, não indo coele mais q Jorge da silueira na nao botafogo, que lhe ho gouernador deu pera ir aquele anno pera Portugal, & este quis ir com ho gouernador a Goa, porque vio que auia tempo pera ir & vir. E chegando a Cananor achou Duarte de lemos muy

to fora de ir coele a Goa, como lhe prometera, porque entre tanto que foy a Cochim não faleceo quem andasse a Duarte de lemos com a cabeça ao derredor, & lhe disse que pera que que ria ir a Goa ganhar honra pera ho gouernador, que se ele fora capitão moor como era dantes que fora bem ir: mas capitão raso que ho nã deuia de fazer, porque ho gouernador não ho auia de deixar ir da maneyra q lhe tinha prometido, nem auia de fazer cousa algũa por seu cõselho, antes ho auia dabater. E neste conselho foy culpado Ieronimo teixeira, & não abastou mudarêse Duarte de lemos & outros capitães q estauão em Cananor, mas faziã todos jutos conselho, contra o que ho gouernador tinha determinado sobre a ida de Goa, dizendo que era impossiuel tornarse por sua fortaleza, & por estar nela grande multidão de gente, & que não seruia de nada tomarse pera o que compria ao seruiço del rey: & posto q a ho gouernador tomasse, que a tornaria a perder como fizera da outra vez, & que eles não querião ficar cercados, & pder a viajem pera Portugal, & zombauão muyto da q la ida, & dizião muyto mal dele: & escarnecião de Diogo mendez de valconcelos, porque deixaua de ir a Malaca fazer seu proueito, & se hia a perder com ho gouernador, & se fiaua em suas palauras. E tão danada andaua a cousa pera estoruarem q ho gouernador não fosse a Goa, que foy dito ao secretario e segredo p Ieronimo teixeira q disse ao gouernador q diogo mèdez lhe queria fugir pa Malaca cõ os seus capitães. E isto era mêtira, & por tal lho teue ho gouernador qndo ho soube, & dissimulou cõ ho secretario. E vèdo estes q nã podião estoruar

a ida d  
quinh  
coele to  
dia, que  
deмба  
forão p  
fugião  
ria ter

Capit.  
do q  
da p  
foy o  
cast  
reco



pera au  
tornou  
dantes  
de Cal  
Cochi  
siqueyr  
dou lo  
de cast  
pera m  
nã &  
tro, &  
dos. E  
a Goug  
cepe ti  
cubert  
secretar  
ao out  
Cochi  
Loure  
tarão f  
entead  
tro da



a ida do governador, amotinãrão hẽ  
quinientos homẽs dos que auião de ir  
coele todos os, & os meliores da In-  
dia, que quando ho governador se ouue  
de embarcar ficarão alapardados, & se  
forão por esses palmares fingindo que  
fugião porque ho governador os que-  
ria ter na India por força.

Capit. xl. De como ho príncipe leuãta  
do quisera tornar a Cochi despois  
da partida do governador: & como  
foy desbaratado per Nuno vaz de  
castelo brãco, & per Lourenço mo-  
reno.



Artido ho governa-  
dor de Cochi, soube o  
ho príncipe leuãtado,  
& a determinação q̃ le-  
uaa de ir a Goa. E vẽ-  
do ho tẽpo desposto  
pera auer erteyto fazerse rey de Cochi  
tornou se a Vaypĩ cõ a gente que tinha  
dantes, & com outra que lhe deu el rey  
de Calicut. E sabido isto por el rey de  
Cochim focorreose logo a Gonçalo de  
siqueyra, pedindolhe ajuda: & ele man-  
dou logo goardar os rios a Nuno vaz  
de castelo branco, que ficou em Cochi  
pera mandar acabar de concertar a sua  
nao, & assia Lourenço moreno, & a ou-  
tro, & todos tres forão em bateys arma-  
dos. E antes que fosse m foy descuberto  
a Gonçalo de siqueyra como ho prínci-  
pe tinha dous tões em hũa enxada  
cuberta daruoredo, pera se embarcar  
secretamete com hũ seu regedor, pera  
ao outro dia ante manhaã se ir meter ẽ  
Cochi. O que sabido por Nuno vaz,  
Lourenço moreno, & polo outro se dei-  
tarão secretamete hũ de hũa parte da  
enxada onde estaua ho príncipe, & ou-  
tro da outra, que se não vião os bateys

por estarem debaixo do aruoredo, &  
ho outro estaua mais afastado, & tinhã  
antre si seus sinais, & ali esteuerão toda  
a noyte. E querẽdo amanhecer chegou  
ho príncipe com sua gente, & ele se em-  
barcou com ho seu regedor cada hum  
em seu tõe com algũs nayres pera ir  
mais dissimuladamete, & partirão fi-  
candolhe a outra gente à borda da goa:  
E os nossos em ho príncipe emparelhã-  
do coele fizerão seus sinais, & remete-  
rão aostões. E como ho príncipe cuy  
daua que hia muyto secreto, em os vẽ-  
do deuse por perdido por quão pouca  
gẽte leuaua, & por isso mandou remar  
pera terra cõ tenção de fugir, & tomou  
terra em hũa grande vasa, por lhe terẽ  
tomado ho canal, & ali se lançou na va-  
sa onde os tões não poderão chegar  
por os seus bateys demandarem mais  
agoa que os tões tmas a pressa dos im-  
nigos foy tamanha que lhes ficarão os  
tões que os nossos tomarão, & acharã  
neles as infinias do príncipe, que erão  
ho seu fombreyro de pẽ, suas trombe-  
tas de marfim, & seus atabales: & assi  
hũs panos que se chamão puruãs que  
sã de algodão muyto fino cõ lauores  
douro. E posto que a gente do prínci-  
pe appareceõ terra os nossos não qui-  
serão sayr a eles, porque não podião  
por amor da vasa, & tornaranse pera  
a fortaleza, onde foy el rey de Cochi a  
saber aquelas nouas, que forão parele  
de muyto contentamento por saber q̃  
ficaua seguro no reyno, pois o que ho  
pretẽdia perdera as infinias que forão  
dadas a el rey de Cochim pera sinal de  
sua vitória. E porque ho príncipe vio  
quão mal lhe focedera naquela empre-  
sa, & por ficarem suas infinias a seu im-  
migo (que antreles he grande agoy-  
ro) perdeo a esperança de ser rey, & nã



intentou mais de tornar a Cochim. E vendo Nuno vaz de castelo branco q̄ a sua nao tardaua em se acabar de concertar, & que se chegaua a partida do governador pera Goa, quis antes ir coe le que esperar pola nao: & partiose pera Cananor com recado del rey de Cochim, & de Gonçalo de siqueyra sobre o que acontecera ao principe leuâtado: com que ho governador folgou muyto quãdo ho soube. E a este tempo estaua ele pera se partir pera Goa, por q̄ tinha auiso de Timoja que ho Hidalcão esta ua bem metido pelo sertão da terra firme, porque tinha guerra com el rey de Narsinga sobre Rachol, pelo q̄ la uia de ter leuado muyta parte da gēte q̄ esta ua em Goa. E sabēdo q̄ todauia Duarte de lemos não auia de ir coe a Goa não quis deixar de lhe comprar o que lhe tinha prometido, que era fazelo capitão mōr das naos que ficarão do outro ãno pera hirem pera Portugal, que erã sete, & deulhe hũa nao pera seu hirmão: & deulhe licença que fosse carregar a Cochim seu ordenado, porque de ho conhecer por assomado não queria q̄ fosse por nã auer la reuoltas antrele & Gonçalo de siqueyra. E ele lhe deu sua fé de não entēder em Cochi em mais, que em carregar seu ordenado: & com todas estas boas obras, ele & os outros amotinãrão os quinhentos homens q̄ disse.

¶ Capit. xli. De como ho governador partio pera a cidade de Goa, & do conselho que ouue sobre a cometer,

**D**R estes ho governador pera sua partida, embarcouse com mil & duzētos homēes de pejeia, os mil & ceto Por

tugueses, & os cento malabares q̄ hião debaixo da capitania dhũ nayre que fo ra goazil, del rey de Cananor, muyto boõ ho mē & esforçado, & grã de seruidor del rey de Portugal. E esta gēte se embarcou em perto de trinta velas antre naos grossas, nauios redondos, cara uelas & gales, cujos capitães a fora ho governador forão estes dō Ieronimo de lima, dom Ioão de lima, Simão dā drade, Fernão perez dandrade, Francisco pereyra coutinho, Manuel de la cerda, Ayres da silua, Garcia de souza, Duarte de melo, Francisco pantoja, Pedro dafonseca de crasto, Bastião de miranda, Antonio de saa, Diogo mēdez de vasconcelos, Gaspar de payua, Baltesar da silua, Pero quaresma, Jorge nu nez de lião, Anibal cerniche, Jorge da silueira, Manuel dacunha, Ruy galuão Jorge botelho, Diogo fernãdez de beja, Gaspar cão, Simão martiz & Antonio de matos. E partindo ho governador em Nouembro foyster a Honor & hi soube de Timoja que Goa estaua muyto forte, por q̄ tinha hũa tranqueira daltura de dez palmos, & de duas faces entulhada darea, que começaua on de agora sam as casas dantonio correa que se chamaua naquele tēpo ho esteiro de Timoja, & acabaua abaixo do cays da cidade em hũ canto do muro que se ali faz, onde estã hum baluarte antes da porta que se agorachama de sancta Caterina, & auia nela muytas estãcias dardelharia grossa & miuda, e cuja goarda estauão muytos turcos, & mouros brancos do mar roxo que ho Hidalcão trazia a seu soldo: & daquela tranqueyra pera dentro estauão as naos & fustas dos immigos, que por todos quãtos estauão na cidade serião ate noue mil homēes, & ali cōcertou ho gouerna

dor co  
pera h  
terra c  
indob  
a torn  
rão do  
gũs h  
mas, &  
onde  
modo  
foylhe  
se nao  
go per  
si fariã  
cidade  
Timo  
lhe log  
em ter  
migos  
estes l  
ua na  
chol, e  
tomac  
certar  
E com  
dō Ioã  
ver a c  
stouãc  
tão da  
mour  
relhar  
choue  
se cofe  
recebe  
reman  
tranqu  
fronte  
da por  
deiras  
vista d  
a arte  
perto  
estauã



dor com Timoja que fosse coele a Goa pera ho ajudar a tomala, & q̄ fosse por terra cō a mais gente que podesse. E sa indo ho governador do rio Donor foy a tormêta tamanha que se lhe cogobra rão dous bateys, em que se afogaráo algūs homēs, & perderãse muytas armas, & daqui foy ter à barra de Goa, onde quisera auer conselho sobre ho modo q̄ teria em cometer a cidade: & foylhe dito por todos os do conselho q̄ se não deteuessem, & que entrassem logo pera dentro, & assi como vissem affariãto: porque poderia ser q̄ estaria a cidade doutra maneyra do que dizia Timoja. E entrado dentro delpejoufelle logo Pagí, & os nossos que sayrão em terra tomarão ainda algūs dos inimigos & leuarãos ao governador: & estes lhe disserão q̄ ho Hidalcao estava na terra firme sobre a cidade de Rachol, que lhe el rey de Narsinga tinha tomada, & na disposição de Goa, concertarão como o Timoja tinha dito. E com tudo ho governador mandou a dō João de lima que fosse no seu batel ver a cidade, & fora coele dom Christouão de lima seu hirmão, & hū capitão da ordenança, & hū Antonio de moura. E começãdo dom João de lima relhar com a trãqueyra, começãdo de chouer sobre as bõbardadas, & por se cofer cō terra ho mais que pode não recebeo delas nenhũ dano: & fazendo remar muyto rijofoy perlógãdo pola tranqueyra ate chegar à fortaleza defronte dhũ baluarte que estava acima da porta da ribeyra q̄ tinha as bõbardadeiras tapadas, & desta pandose com a vista do batel lhe tirarãos inimigos cō a artilharia, & chegou dom João tão perto que os ouuia falar, & assi os que estauão em terra & pelos muros, q̄ erã

muytos & todos gente limpa segundo mostrauão seus atabios. E visto por dō João muyto bem ao que hia, tornou se com muyto perigo, & da volta achou dom Ieronimo seu hirmão, & outros capitães que hião em bateys pera ho recolher receando que ho metesse no fundo a multidão dos pelouros. E indo assi todos ouuera hu pelouro dhũa bombardã grossã de leuar a dom Ieronimo. E escapãdo deste perigo & doutros chegarão õde ho governador esta ua furto acima de Rachol defronte de Banganim, & ali se passou a nao de Manuel da cunha, porq̄ soube q̄ dela melhor que da sua veria de rosta a trãqueyra da cidade que estaua dali muyto perto, & assi a gente pelos muros & pelos oyteiros. E tambem estauão coele os capitães da frota pera verẽ ho mesmo cō quãto a artilharia da tranqueyra varejava amiude. E sabẽdo ho governador de dō João de lima o q̄ vira, ouue conselho cō todos os capitães & fidalgos da frota: em q̄ despois de muytos debates, foy assentado que por quãto se não podia dar cõbate à cidade se não do mar, donde era impossivel fazerse cousa que prestasse a necessario tomar se a tranqueyra, & fazela delpejar dos inimigos, porque ganhada a ribeyra & a artilharia poderião mais a sua vontade escolher lugar pera ho cõbate antes que os inimigos fossem socorridos: & q̄ ao dia seguinte em amanhecendo defembarcaria ho governador com todos os capitães: de q̄ Diogo mendez de vasconcelos, dō Ieronimo de lima, dom João de lima, Diogo fernandez de beja, Manuel de lacerda, Simão dandra de, Fernão perez dandra de, Antonio raposo, Gaspar de payua, Nuno vaz de castelo branco, Manuel



da cunha, Ayres da silua & Gaspar cõ  
cõ ate quinhentos homens repartidos e  
tres escoadrões comერიო junta mēte  
a tranqueyra no meyo & nos cabos, &  
hirão a ssi repartidos, por q̄ tambē se  
repartissem os que a goardauão e tres  
lugares, & teuessē menos força: & nas  
costas destes escoadrões hirão algũs  
mestres dos nauios com marinheiros,  
& bombardeiros que leuarião rocas de  
fogo, pera que em os capitães entrãdo  
a tranqueyra possessem fogo ã frota dos  
inimigos que estava varada: & desta gē-  
te hiria por capitão Antão vaz ho me-  
stre da nao de Diogo mendez por ser  
mais antigo que todos os outros. E en-  
te tanto que estes capitães desembar-  
cassē, ho governador cõ os outros cõ  
todo ho resto da gēte suberia por aq̄las  
ladeiras onde agora estão nossa senora  
do rosayro & sancto Antonio, & se hi-  
ria dereyto ã cidade pa a porta dos ba-  
chares, porque faindo por ali gente pe-  
ra acodir ã tranqueyra lhe atalhasse, &  
se não acodisse, se não pola porta de sã  
ta Caterina somente, pera lhe dar nas  
costas, porque cometidos os inimigos  
põr diãte & por detras fossem mais afi-  
nha desbaratados: & quando não fos-  
se necessario pera nenhũa cousa destas  
buscaria por onde entrasse na cidade  
daquela parte ate ho Mádouim. E por  
que os inimigos não acodissem todos  
aa tranqueyra, & se repartissem & te-  
uessē menos força, ordenouse que as  
galés, & ho nauio de Bastião de mirã-  
da com outros que demãdauão pouco  
fũdo fossem surgir do cays ate ho Mã-  
douim, & tirassem de noyte com a ar-  
telheria, porque cuydassē os mouros  
que naquēle lugar auião os nossos de  
desembarcar, & acodissem ali & não  
fossem tantos na tranqueyra.

Capit. xliij. De como ho governador to-  
mou a cidade de Goa em dia de sãta  
Caterina com grande destroyção  
dos inimigos.



Omado este assento, pe-  
dirão todos os do cõselho  
ao governador muyto e  
streitamente que ficassē  
nas naos, por q̄ sendo cou-  
sa que nosso seõor não quisesse que lhe  
acontecesse algũ perigo que ficauão to-  
dos perdidos, & se perderia o q̄ el rey  
ã Portugal tinha na India. E ele respõ-  
deo que por nenhũ modo auia de de-  
ixar de ir coeles, porque quando lhe acõ-  
tecesse o que eles receauão, cada hũ de  
les era pessoa pera ter ho cargo que ele  
tinha: & que lhe não reprecassē mais  
nisso porque auia dir coeles, & assi ho  
fizerão. E tornandose a seus nauios os  
que auião de surgir do cays ate ho Mã-  
douim ho fizeram com muyto grande  
perigo & trabalho, porque não tinhão  
conto os pelouros q̄ lhe tirarão da trã-  
queyra. E furtos os nossos diãte da cida-  
de no lugar que digo, dali a pouco ouui  
rão rumor de gente sobre ho muro da  
quela parte & crecia de cada vez mais,  
pelo que parece o que os inimigos cuyda-  
uão q̄ daquela banda auia de ser ho cõ-  
bate, & por isso acodião ali. E fazẽdose  
os nossos prestes pera o que auião de fa-  
zer, quãdo foy a temanhaã vinte e cinco  
de Nouẽbro de mil & q̄nhētos & dez  
em dia da bẽ aueturada sãta Cateri-  
na de monte sinay, embarcouse ho go-  
uernador cõ todos os capitães em seus  
bateys, & em rõpendo a alua saltou em  
terra cõ a bãdeira real, cõ grãde estrõ-  
do de trõbetas & gritas: & tomãdo por  
a q̄las ladeiras por õde auia de ir, come-  
çou de sobir por elas acompanhado de  
stes capitães, Francisco pereyra conti-

nho, Pe-  
nio de  
refma, l  
silucira,  
Iorge b  
stão de  
todos le  
Eos bo  
gente d  
nauios t  
capitães  
queyra,  
rão e h  
& a com  
Leronio  
Diogo  
de lima  
do mur  
vascong  
vaz de  
no mey  
ro de T  
da silua  
nuel da  
os nos  
telhariã  
q̄yra, &  
muyto  
dadas,  
nhão e  
pelour  
tarão n  
de nos  
por ã  
ã tran  
pela p  
prime  
de, & p  
acodir  
todas a  
inimig  
restit  
queyra



inho, Pero dafonseca de crasto, Antonio de saa, Baltesar da silua, Pero quarresma, Iorge nunez de lão, Iorge da silueira, Anibal cerniche, Ruygaluão, Iorge botelho, Antonio de matos, Bastião de miranda, & Simão martiz, q̄ todos leuauão a melhor gēte q̄ tinhão. E os bombardeyros fomente & algũa gente do mar ficauão oulhando polos nauios: & ho mesmo fizerão os outros capitães que auião de cometer a tranqueyra, que juntamente desembarcãrão e ho gouernador desembarcãdo, & a cometerão com grãde impeto dō Ieronimo de lima, Manuel de lacerda, Diogo fernandez de beja: & dō Ioaõ de lima no cabo que acabaua no canto do muro da cidade, Diogo mendez de vasconcelos, Gaspar de payua, Nuno vaz de castelo branco, & Gaspar cão no meyo: & no cabo q̄ acabaua no esteiro de Timoja, Simão dãdrade, Ayres da silua, Fernão perez dandrade, Manuel da cunha & Antonio raposo. E e os nossos desembarcando começa a artelharia dos inimigos a desparar da tranqueyra, & cobrirse tudo de fumo, & soar muyto grande toruoadi das bombardadas, que os nossos parecia q̄ não tinhamo em cõta, a istã rãpião por antre os pelouros, que sendo tão bastos não matarão nenhũs deles (o que foy milagre de nosso seõnor). E rãpendo os nossos por atre tamanhos perigos, chegarão à tranqueyra, a que os inimigos acodirão pela porta de sancta Caterina, & cõ os primeyros acodio ho capitão da cidade, & parou alã, mandando a gente que acodisse a todas as partes, porque em todas a peleja era muy crua: & como os inimigos erão sem conto pera os nossos, resistiãlhe fortemente a entrar e tranqueyra, principalmēte onde estaua ho

capitão, que aqui era a mōr força da peleja. E tambẽ aqui os inimigos recebião mayor dano de mortos & feridos com sectadas, espingardadas & lançadas. E passada bẽ meia ora que pelejauão, começaram os do escoadrão de dom Ieronimo de sobir a tranqueyra hũs petrocos que tinhão arrimados, outros por piques, & entrarão por força por mais que se os inimigos defendião: & homesimo começaram logo de fazer os outros escoadrões, mas cõ tudo os inimigos teuerão elforço & tornarão de nouo a pelejar, tao bem que se deteuerão hũ pedago sem se retirar. E neste espaço e que muytos forão mortos acabarão os nossos de romper a tranqueyra, & entrarão todos, & mesturaranse com os inimigos cada hu por onde podia, que de muyto feridos & mortos os que digose começaram de retirar pera a porta de sancta Caterina, que os de detro da cidade tinhão meia aberta pera os recolherem, & acertouse que de nouo com algũs que se primeyro quiserão recolher, forão Diogo fernandez de beja, Dinis fernandez de melo, dom Ieronimo de lima, Vasco dafonseca, Antonio vogado Icaõ lopez dalui, Gaspar cão, & outros ate dez. E recolhidos aqueles poucos de inimigos, que os de dentro quiserão fechar a porta por que os nossos não entrassem, chegou Dinis fernandez, & meteo por antre as portas hũa chuga que leuaua & não a deixou fechar, ao que logo acodio Diogo fernandez de beja, & ajudou tambem a Dinis fernãdez, q̄ por mais q̄ os inimigos carregarão de dentro nunca a poderão fechar: & bradando Diogo fernandez, & Dinis fernandez q̄ lhes acodissem, & esteuerão e risco de lie não poderẽ acodir, por q̄ cõ os muytos



mouros quasi que os nossos não podião romper nem podião ir se não hũ diate do outro, & estes foram dom Ieronimo & os outros, & hũs trabalhauão por abrir a porta, outros pola defender dos inimigos que estauão de fora & querião entrar. E vendo estes como os nossos a defendião não curarão de trar por ela, & tirarão ao longo do muro pera a porta dos bachares, & outros se hião pera ho oyteiro de sancto Antonio: & quando os mouros de dentro que trabalhauão por ter os nossos q̄ estauão na porta os virão fugir, & virão que os nossos começauão de recrecer, desesperados de a defender a deixarão: porẽ como homẽs acordados, & que determinauã de se defender, porq̄ se retirauão cõ os rostos nos nossos, tirandolhe muytas frechadas, porque os mais destes erão frecheiros. E cõ tudo assi como a porta foy aberta etrou logo Dinis fernã dez, que ao entrar foy ferido em hũ brago, de que depois ficou aleijado, & Diogo fernandez de beja, dom Ieronimo de lima, Vasco dafonseca, Antonio vogado, Ioão lopez daluim, Gaspar cã, & outros fidalgos & caualeyros ate dez, e em eles entrando começarão de vir muytas pedradas, frechadas, & azagũchadas que tirauão muytos inimigos q̄ estauão sobre ho muro daquela porta, & tão amiude q̄ parecia que chouuão & fazião ter estes nossos que estauão dentro, mas nisto entrou Manuel de la cerda & apos ele dom Ioão de lima, q̄ ao entrar lhe derão tamanha pedrada na cabeça que lha fez inclinar, & ouue raõ de matar se não fora ho capacete: & assi entrarão Mendafonso ho detangere, & Ayres da silua que foy ferido de hũa frechada em hũ calcanhar, & isso do muro, & coestes entrarão algũs

de suas capitánias, de que logo foy morto ho meyrinho da nao Dayres da silua & nas costas destes foram Gaspar de payua, Fernão perez dádrade, Manuel da cunha, Antonio garcẽs & outros, que serião ate trinta, que cõ Ieronimo de lima & com os outros se fizerão em hũ corpo & derão nos inimigos tão brauamente que os fizerão retirar, porem com muyto concerto, & retirauanse espalhados, hũs pera as casas do cabayo, indo por onde agora he a orta de sam Francisco, outros pera a porta da cidade ao longo do laço do muro que vay desta porta de sancta Caterina parela, & outros ao longo do muro que vay da mesma porta pera a da ribeyra. E vendo isto os nossos espalharanse tambẽ apos eles seguindo cada hũ ho capitão que conhecia, porque ja a ordem das capitánias era peruertida, & seguirão pelos mesmos lugares por onde hião os mouros. E indo dom Ieronimo ao longo do muro pera a porta da cidade com outros capitães adiantouse deles, & desuiuõse cõ Gaspar cã, Mendafonso, Antonio vogado, Vasco dafonseca, Ioão lopez daluim & outros ate quize apos os mouros que hião fugindo pera as casas do cabayo, & sobião per hũa la deira que se fazia õde agora esta a orta do mosteiro de sam Francisco, onde a este tẽpo estaua hũ tanq̄ & duas arvores, & mais acima õde agora he ho dormitorio deste mosteiro, se fazia hum muro que corria dali ate as casas do cabayo, de modo q̄ cercaua ho terreiro, que agora he da see, & destas casas que ficaua tão alto sobre aq̄la parte por onde hia dom Ieronimo, que sobião a ele per hũa grãde escada de pedra, & por isso era a cidade ali muyto forte. E ido dom Ieronimo cõ os que digo apos os

inimigos  
acodir a  
outras p  
dom Ier  
junto d  
hũa m  
espanta  
tos, que  
dos nos  
como h  
morte, e  
to ferid  
fonseca  
mo que  
rem as f  
do: & c  
seus ret  
bem po  
tamanh  
com qu  
da silua  
& com  
Menda  
to estor  
eles, &  
do coel  
ra, & b  
ambos  
& os or  
com os  
do os, e  
tirar at  
apos el  
bafado  
muy g  
la grita  
lhe nã  
rão hi  
meyro  
onde e  
forão  
de pay  
fera d



inimigos vinhão ja outros de refresco acodir a estes, & aos que fugião pelas outras partes, & derão de roldão sobre dom Ieronimo & os de sua cõpanhia junto dotanque que digo: & foy aqui hũa muyto braua peleja, & bem pera espantar: porque sendo os inimigos tãtos, que aua bem trinta pera cada hũ dos nossos, eles tinhão a barba em teso como homẽs que se não lembrauão da morte, com quanto todos estauão muyto feridos, principalmente Vasco da fonseca que cayo morto, & dom Ieronimo que de se lhe ur muyto sangue, & se rem as feridas mortais cayo desmayado: & como ele estaua por escudo dos seus retiraranse em ele caindo, & tambem porque ho peso dos inimigos foy tamanho que ho não poderão foster, com quanto aqui ja pelejauão Ayres da silua, & outros algũs que acodirão. & começando os nossos de se retirar Mendafonso de tangere que era muyto esforçado bradou, dizendo volta a eles, & Ayres da silua que estaua pegado coele, lhe disse que da boca lho tirara, & bradou q̃ fizessem volta: & eles ambos forão os primeyros que voltará & os outros os seguirão, & apertarão com os inimigos tãto de verdade, ferindo os, & matando os que os fizerão retirar ate ho pé da escada que digo indo apos eles, & dom Ieronimo ficou desabafado, & como aqui a reuolta fosse muy grande, assi pola peleja como pela grita dos inimigos, que cuydauão q̃ dhe não auião os nossos descapar, acodirão hi esses capitães que entrarão primeyros: & dos primeyros q̃ chegarão onde estaua do Ieronimo ainda viuo, forão dom Ioão seu hirmão, Gaspar de payua & outros. E dom Ioão se quiserá deter coele polo assi ver tãto ferido

& fraco: & ele lhe disse q̃ nã se deteuelfe, & fosse acodir aos nossos que peleja uão, & ele ho fez leuando as lagrimas nos olhos com magoa de ver como dõ Ieronimo ficaua, que acabou logo seus dias. E passando dom Ioão auante foy ajudar aos nossos, dante os quaes fayo hũa voz que lhe disse. A senhor dom Ioão q̃ esta he a de Calicut, & isto por que se vião tãto poucos antre tantos inimigos: & disse dom Ioão que não seria se não vitoria que lhe nõs senhor daria. E a este tempo começaram de recrecer muytos dos nossos, porque os mais dos capitães que cometerão a trãquey ra erão entrados na cidade, & entrou coeles Diogo mendez de vasconcelos, fazendo tocar as trombetas pera efforçar os nossos q̃ estauão em muyto grande trabalho, por serẽ todos tãto poucos pera tamanha multidão de inimigos como aua na cidade, & Diogo mendez tomou pera a porta da ribeyra por onde vinha hũ grande corpo de inimigos, & antreles algũs de caualo: & Diogo mendez com os que hião coele, deu nelles com tãto grande furia que os fez retirar pera a porta da ribeyra ficando muytos mortos, & ido muytos feridos. E se despois de nosso señor Diogo mendez não acodira a este tempo, & não fizera retirar os inimigos, ouueran se os nossos de ver em grande afronta & perigo segundo os mouros recrecerão pera os tomarem antreles, & os que defendião ho pé da escada, & matarẽnos a todos porque viã quão poucos entrauão dos nossos de fora pera os ajudar: & cõ a fugida destes os que defendião ho pé da escada começarão daffoxar, & retirarse por ela acima pera as casas do çabayo, & porem cõ grande tẽto: & a barafunda era muy grande, assi do arroy



do da gente, como da braueza das frechadas, pedradas, & zagunchadas que os inimigos tirauão indo se retirando porque não fossem os nossos apos eles como hião com quanto forão aqui feridos quasi todos; & Manuel de lacerda foy ferido na maçaã dhũa façe com hũa frecha, de que ho ferro lhe entrou todo na carne, mas nẽ por isso deixou de ir com os outros ate cobratem encima ma hoterreyro, onde forão ter coeles Fernão perez dandrade que hia ferido & Manuel da cunha, que com algũs dos nossos hião focorrer a dom Ieronimo (que virão dali decima onde ja andauão quando cayo) & despois de serẽ encima no terreyro, vêdo os inimigos quão poucos erão, & que lhes nã hião mais nas costas, remeterão a eles com hum geyto de homẽs que auião vergonha de fugirem de tão poucos; & como os nossos ho erão não podendo soffrer ho peso de tamanho corpo como fazião os inimigos retirarãse pera hũs degraos que estão a modo de theatro ao longo das casas do çabayo; & os inimigos com quanto erão tantos & alliõ brauão muyto aos nossos não se cheguão a eles, como que se lhes punha diante algũa cousa de q̃ auião medo. E despois se soube q̃ vião hũ homẽ muyto grãde de corpo armado dar mas brãcas de q̃ auião tamanho medo que não oufauão de chegar aos nossos; & creose que este homem era ho apostolo Sanctiago, em que ho governador tinha muyta deuação & era caualeyro da sua ordem. E não oufarem os inimigos de se chegar aos nossos, lhes deu tamanha oufadia que tornarão sobre eles, & derribarão morto hum de caualo que era a bexim; & ho caualo deste foy tomado per hum criado do Manuel de lacerda,

a quem ho deu, que logo cauãlgou nele trazendo ainda metido na façe hũ troço da frecha que ho ferio, & remeteo aos inimigos de caualo, que ferião ate oyto, & andauão diante dos de pee, & com a lança derribou algũs. E coifto & com Diogo mendez chegar ao terreyro desbaratarãse os inimigos de todo & fugirão sem ordem hũs pela banda do Mandouim & dali ate a porta dos bachares langando se porcima do muro os que não podião sayr pela porta; & antrestes foy dos primeyros ho capitão da cidade, & os nossos os seguirão, não dando vida a ninguem, não somente dos mouros mas dos gentios de qual quer genero & idade que fossem, porq̃ alli ho tinhão jurado por mandado do governador; por amor da treyção que fizerão. E despejandose assia cerca & fortaleza, vinha ho governador cõtra a cidade, & sem a ver nem saber o que hia nela, se não ouuindo ho estrondo da artelharia, & despois a grita da gente, mandou saber por Simão martiz o que hia na cidade. E chegando ele aa porta de sancta Caterina achou algũs dos nossos que sayão a dar a noua ao governador, que despois de despedido Simão martiz tirou a diante, & chegãdo quasi aa rua dos bachares achou os mouros que fugião da cerca & da tranqueyra, & alli outros & deu neles; & porque se defendeirão se detreue chẽ ro do aquele espago que os nossos esteuerão em perigo sem lhes poder acodir, & os nossos pelejarão tambem que por serão os inimigos em desbarato & os fizerão fugir. E nisto foy dito ao governador o que hia na cidade, & querẽdo entrar pola porta dos bachares achouha fechada, porque quando os mouros se despejão algũs deles se a-

jũtarã  
ranhe  
lacerda  
narão  
fizeffẽ  
E aben  
cidade  
tas por  
trãdo  
a nosse  
mo lho  
nhente  
a noue  
gente l  
te de p  
ela des  
quem  
uernã  
uão m  
gos vo  
grand  
tinhã  
sados  
sem d  
rou da  
ridos  
dand  
rido d  
forão  
loão  
jou na  
lhos  
romp  
porq̃  
vos &  
muy  
rião  
pou d  
do lã  
Ante  
prim  
tos m  
retã



jutarão & tornarão a entrar, & resisti-  
ranhe do João de Lima & Manuel de  
lacerda com outros, tão riçoque os tor-  
narão a deitar fora, & por q̄ outros não  
fizesse ho mesmo fecharão as portas.  
E abertas entrou ho governador na  
cidade com grande arroydo de trôbe-  
tas por q̄ se ajuntassem os nossos. E en-  
trãdo na cidade dando muytas graças  
a nosso senhor por tamanha merce co-  
mo lhe fizera, que quatroççtos ou qui-  
nhentos homens forão os que a tomarã  
a noue mil turcos, coracones & outra  
gente branca do mar roxo toda boa gẽ  
te de peleja: & ele etrado na cidade, foy  
ela despejada de todo dos imigos, apos  
quem os nossos quizerão ir, mas ho go-  
uernador não quis, dizendo q̄ eles esta-  
uão muyto cançados, & que se os imi-  
gos voltassem sobreles q̄ se virião em  
grande perigo, & poderião perder o q̄  
tinhão ganhado, que despois de descã-  
sados ho farião se os imigos não quises-  
sem despejar a ilha: & então se apode-  
rou da cidade, & mandou trazer os fe-  
ridos, ante os quaes forão Simão  
dandrade, que hotrouerão muyto fe-  
rido da tranqueyra que là ficou, & assi  
forão feridos Manuel de lacerda & do  
João de Lima, a que ho governador beí-  
jou nas faces & os abraçou, dizendo. Fi-  
lhos que não sey que vos faça, se não q̄  
romperey as vestiduras diante del rey  
por q̄ vos faça merce, q̄ vos hõrrastes a  
vos & ami. E assi forão feridos outros  
muytos capitães & fidalgos, que chega-  
rão q̄ siã trezentos, & morrerião trita-  
pou co mais ou menos: dos quaes forão  
do Jeronimo de Lima, Valco dasõseca,  
Antonio vogado, & Antonio garcês, q̄  
primeyro q̄ morressem matarão muy-  
tos mouros, de que nesta tomada mor-  
rerião pto de quatro mil almas. E des-

pois de tomada a cidade, armou ho go-  
uernador muytos caualeyros, & hũ de-  
les foy Manuel da cunha, cujo padri-  
nho foy Fernão perez dádrade, & am-  
bos de dous fizerão aq̄le dia tão boas  
coufas, q̄ merecerão muyto bê ho no-  
me de caualeyros, & não sõmente eles  
mas quantos se acharão naquele feyto,  
q̄ se começou em tõpendo a alua, & se  
acabou às dez horas do dia, que foy co-  
mo disse da bê auenturada sancta Ca-  
terina, a cuja honrra & memoria esta  
porta por onde os nossos entrarão se  
chamou dali por diãte de sancta Cate-  
rina, como agora se chama.

Capit. xliij. Do grande & rico despojo  
que foy achado em Goa, & do mais  
que ho governador fez.



Rmados pelo governa-  
dor os caualeyros q̄ disse,  
mandou dar fogo ao arr-  
balde, polo ter assi jurado  
por a treyção q̄ lhe fizera  
os canarins q̄ morauão nele quando re-  
ceberão os mouros da outra vez q̄ se  
lhe deu a cidade: & ho arrabalde foy to-  
do queymado & arrasado, & ho mes-  
mo ouuera de ser na cerca se ho gover-  
nador não teuera necessidade dela pa-  
gafalhado dos seus. E tambẽ mandou  
arrasar o arrabalde, por q̄ se os mouros  
fossem sobrele q̄ não teuessem lugar e  
que assentassem estãcia pera lhe darẽ  
bateria como da outra vez. Feyto isto  
ordenou suas estancias darte lharia cõ  
capitães pelos muros, & baluartes da  
cidade pera goarda dela: & ho mesmo  
fez nas naos dos rumes, de q̄ algũas a-  
chou acabadas, & assi galeotas & fu-  
stas: & a fora esta fazenda q̄ se tomou  
forra pera el rey de Portugal, se achou



dentro na cidade muyta artelharía, & muytas armas & munições, & grande soma de diuersos generos de bõs mâtis mêtos. E assi foy achado muyto mâtis & laere, mercadorias de grãde preço e toda a India, & duzentos & cincoenta quitais de cobre, q̃ tambẽ valião muyto, & a fora esta riquza & outra muyta de muyta diuersidade que se repartiõ ante el rey & as partes, q̃ todos ficarão ricos: se tomarão catiuos pera el rey q̃ renderão de resgate mais de vinte mil cruzados. E recolhido o governador à fortaleza õde auia de pouisar, foy logo a ele Crisnã pedir seguro pera os bra- menes & gẽte da ilha, & assi pera os q̃ fugirão da cidade cõ medo dos nossos: & ho governador lho deu pa todos, sal uo pera os mouros ou neyteãs, nẽ pera nenhũs desta casta, porq̃ determinaua de os destruyr & desarreigar de Goa. E q̃ndo Crisnã foy pedir este seguro leuou ao governador os liuros dos rãdi mêtos de alfandega de Goa & suas tanadarias, & assi os em q̃ estauão os ga- stos da armada dos rumes, & os nomes dos reys & señores, & grandes merca- dores q̃ dauão ajuda parela, & erão el rey de Calicut, el rey d̃ Cananor, el rey de Cambaya, muytos señores do mes- mo reyno & do Balagate, & algũs mouros mercadores de Cochí, & hũ de Cananor chamado Mamele, q̃ da soma q̃ tinha pmetida ficaua aida de uêdo hũ resto, & assi os d̃ Cochí, & por isso def- pois ho governador lho mãdou pedir, pera q̃ soubessem q̃ sabia suas royndas & pouca lealdade. E sabêdo os mouros & neyteãs de Goa a exceição q̃ ho governador fizera no seguro, não qui- serão esperar ho effeyto de sua deter- minação, & em tres dias se despejãõ da ilha, & os gẽtios ficarão. E sabendo

ho governador aida dos mouros, mã- dou logo a esses passos dela homẽs bai- xos, que forão degradados de Portugal dous a cada passo cada hũ cõ cõ piães canaris, & mã doulhes q̃ seguissẽ ho alcãço aos imigos que fugião, & q̃ não deslẽ vida aos q̃ tomassẽ: & não quis mandar a isto outros homẽs, porq̃ per- dẽdõse perdia sse muyto, & nestoutros não. E cõ quanto aqueles erão de baixa forte, & degradados, lãbrandolhe que erão Portugueses, cõpirãõ tambẽ o q̃ lhes ho governador mãdou q̃ matarã na terra, & fizerã afogar nos rios mo- ros & mouras sem cõto, & catiuarãõ al- gũas aluas & de boõ parecer q̃ leuarão ao governador, q̃ ele despois cõ ajuda d̃ nõsso seõnor fez tornar Christããs & as casou em Goa: & estes homẽs q̃ assi forão correr aos mouros, mãdou ho governador tomar posse das tanada- rias da terra firme: & assi ho fizerão, & entretãto, puco eleas da ilha de Goa pera q̃ esteuelle a recado. E por ho se- guro q̃ tinha dado aos gẽtios, lhe não quis bolir em suas fazedas, sõmente q̃ pagassẽ ho tributo q̃ pagauão ao Hi- dalcão: & as dos mouros & Neyteãs to- mou pera repartir pelos Portugueses, q̃ esperaua de casar em Goa, por q̃ cõ ajuda de Deos todo poderoso determi- naua de fazer ali corpo de gẽte pera pò- der sostetar a India: q̃ se podia fazer muyto bẽ por esta terra ser ppria del rey de Portugal, & não empreitada co- mo Cochí & Cananor, & muyto aba- stada de mâtis mêtos, trigo, arroz, car- nes, & outros muytos q̃ lhe hiãõ da ter- ra firme, como ja disse. E por esta cau- sa determinou de a fazer muyto forte, & pera a deixar assi se fosse fora da In- dia, como esperaua: & por q̃ pera isso ti- nha necessidade de gẽte, fez cõ Diogo

mende  
partir  
de q̃ era  
mento  
não a  
que em  
dia a cõ  
que em  
el rey se  
pera M  
tinha p  
feytor  
lhe fiz  
rias per  
govern  
dindol  
Diogo  
naquilo  
sua par  
leza: &  
lorge  
govern  
gente a  
pera Pe  
diologo  
as coul  
nhia de  
capitan  
Rodri  
pitão, &  
prouis  
rey ma  
tra qua  
Manu  
inda h  
capitã  
uernac  
com a  
souber  
ho gou  
dos m  
ficarã  
diuin



mendez que ho ajudasse cō a sua, & q̄ partiria pera Malaca na moução grande q̄ era em Março: por q̄ pera ho auimento de sua partida pera Portugal, não montaua ir mais em hũa moução que em outra, pois auia desparar na Índia a cō que partisse pera Portugal, & que em satisfação do seruiço que faria a el rey seu señor em dilatar sua partida pera Malaca, ele ho ajudaria como lhe tinha prometido, & mandaria logo hũ feytor a Cananor pera que entretanto lhe fizesse prestes as cousas necessarias pera sua viagem. E isto lhe disse ho governador perante alguns fidalgos, pedindolhe q̄ ho quisesse fazer. E vendo Diogo mēdez camanho seruiço fazia naquilo a el rey, cōcedeo a dilação de sua partida, & ajuda pera fazer a fortaleza: & a mesma ajuda cōcedeo tambē Jorge Nunez de lião, prometendo ao governador de se não ir de Goa cō sua gente ate não ser tempo de sua partida pera Portugal. E ho governador despeo logo pera Cananor ho feytor pera as couias de Diogo mendez, em cōpanhia de Manuel da cunha, a que deu a capitania de Cananor q̄ vagaua por q̄ Rodrigo rabelo que estaua nela por capitão, auia dir pa a de Goa, por ter hũa prouisão pera lhe ser dada hũa que el rey mandaua fazer em Baticala ou outra qualquer que se fizesse. E chegou Manuel da cunha a Cananor achou ainda hi a Duarte de lemos & os outros capitães que não quiserão ir cō ho governador ao feyto de Goa escusandose cōm a partida de Portugal, & quando fouberação quão bem socedera: & como ho governador ficaua pesoulhes a todos muyto de suceder tambem, por q̄ ficarão mentirosos no que quiserão a diuinar que a quele feyto auia de suce-

der mal, & cōm inueja de tanta honrra quanta se nele ganhaua, dizião q̄ ho governador fizera mal de tomar Goa por q̄ a não auia de poder foster, & q̄ lha auia de tornar a tomar como da outra vez, & q̄ era cousa de q̄ el rey não auia dauer nenhũ pucito, se não perdat: não lhe lébrando q̄ assinarão cico cōselhos em q̄ acordarão que sem se tomar Goa não se podia foster a Índia, & dizião muyto mal do governador, assacando, lhe muytos fallōs testemunhos se lho merecer, por q̄ a todos tinha feytas boas obras: & sobre tudo muyto amigo do seruiço de Deos & del rey.

Capt. xliii. De como ho governador começou de fazer a fortaleza & cerca de Goa, & do q̄ fizerão Fernão perez dandrade & Jorge botelho.



Chegado Manuel da cunha a Cananor, entregoulhe Rodrigo rabelo a fortaleza, & partio logo pa Goa onde achou ho governador trabalhando na fortaleza q̄ fazia muyto forte: & era ho mestre da q̄la obra Thomas fernādez de q̄ faley no liuro segundo, & a pedra parela se ouue de muytos & muy bōs edificios de cãto laurado q̄ auia ao derador da cidade, & por toda a ilha, que por nã seruirẽ aos nosos, & assi pola necessidade que ho governador tinha os mādou deffazer pa fazer a fortaleza & cerca. E todas estas obras forão repartidas pelos capitães q̄ cō a gēte de suas capitānias trabalhauão nelas a q̄rtos, assi altos como baixos, & hũs erão caouqueyros, outros fazião cal, & outros erão pedreyros, & quanto mais honrrados & fidalgos, tanto melhor trabalhauão & se prezauão do officio que lhe era dada polo governador: & ho desejo de ho fazerem lho fazia saber



sem ho nũca aprẽderem: & não sòmẽte tinham os noĩsso trabalho na fortaleza, mastambem na ribeyra, trabalhãdo em acabar a armada dos inimigos & deitala ao mar, porque se tornassem que não ficasse a armada em terra como da outra vez. E a gente da terra se espantaua do muyto grande trabalho que tinhamo: & tambem ajudauão a trabalhar em tudo: & as despesas que se gastauão nestas obras não custauão nada a el rey, porque todas se pagauão com ho grande despojo que se tomou na cidade de que lhe veo muyta parte, antes cõ pagar se alli a gente do seu soldo, & mantimẽto se poupaua pera del rey ho dinheiro em que se lhe ouuera de pagar, & isto foy assi & nã como despois algũs quizerão dizer, cuydando q̃ danauão ao governador q̃ fizera mal de tomar Goa, porque auia mais de custar a fazer & a manter do que ela rendia. E isto por lhe auorrecer ho trabalho que leuauão em fazer a fortaleza, que logo pola primeyra com ho aluorço que tinhamo, lhe não pareceo nada: & despois que ho esprementarão, & virã que a gente adoezia coele, então lhes pareceo mala tomada de Goa, & peor fazer se a fortaleza: & coĩsto dizião do gouernador mil males, que posto que ho sabia dissimulaua, fazẽdo a todos muytos fauores, assi com obras como com palauas, & porque naquele tempo era a moução da vinda das naos Dormuz a Goa pera trazerem caualos, & queiça que não virião por saberẽ que era dos noĩsso, no que se perderia muyto, mandou a Fernão perez q̃ fosse no seu nauio correr a costa do balagate ate Chaul, mandandolhe q̃ quantas naos achasse, assi com caualos como com mantimentos, que a todos desse seguro em

seu nome & as fizeffe atribar a Goa, & trabalhasse por saber nouas Dormuz & do mar roxo se auia rumes, ou se esperaua que fossem à India: & lhe mandasse logo as nouas como as soubesse, & mandou por seus capitães pera seguirem sua bandeira, Pero dafonseca de crasto & Antonio de saa. E partido Fernão perez coeste regimento foy ter ao porto de Dabul, dando caça a hũa nao de mouros Dormuz que leuaua caualos, & os mouros não dizião que erão de lá: & metidos no porto vararão a nao em terra, & saluaran se em duas atalayas. O que visto por Fernão perez, & que não podia tomar a nao, mandou dizer ao tanadar de Dabul, q̃ lhe mandasse logo toda a fazenda daquela nao, se não que não sayria do porto nenhũa vela que a não tomasse. E ho tanadar não sòmẽte mandou reposta, mas em surgindo tiraranlhe com algũs tiros darte lharia dhũ baluarte q̃ estaua na entrada da barra, & por isso Fernão perez desembarcou com sua gente & ho tomou por força sã receber nenhũ dano, & despois ho mandou derribar, & recolher os tiros que tinha. E feyto isto tornou se ao mar, onde andou ate março: & entretãto que Fernão perez isto fazia, Iorge botelho & Simão Alfonso bisfigudo partirão por mandado do gouernador em duas naos pera andarem darmada sobre ho porto de Calicut, assi pera tomarem hũa galé que ho gouernador sabia que auia de leuar pilotos ao mar roxo, pera que trouessem rumes à India que dizião que estauão pera hirem, & pera que toruassem que de Calicut não fosse nenhũa nao a Meca, & andarão ãbos ali quatro meses sem sayr a galé, nẽ menos sayo nao nenhũa. E andãdo ali foy ter cõ Iorge

botel  
muyt  
& mo  
pore  
ros,  
boim  
perd  
& cen  
cesso  
nenh  
coeste  
fazia  
to ã g

Capit  
em  
fa  
C



cab  
ra, &  
ria,  
ao m  
lhe h  
que  
dita  
naos  
ton  
nau  
& l  
no v  
ue r  
tos i  
pais  
Quo  
lines  
ciu



botelho hũa nao grande que trazia muyta gente branca com que pelejou, & morrerão na peleja algũs dos nossos porem dos inimigos morrerão muytos, & a nao foy elpedagada das nossas bombardadas que quanto hia nela se perdeu, saluo algũs fardos de roupa, & cento & vinte mil cruzados em hũ cesto: & alli se estornou que não fosse nenhũa nao de Calicut ao mar roxo. E coestas presas & outras que os nossos fazião se pagaua ho soldo, & mantimẽto à gente que ho governador trazia.

Capit. xlv. Do q̃ Duarte de lemos fez em Cochim, & do que Francisco de saa & Manuel da cunha fizeram em Cananor.



Vendo tãbẽ oyto dias ou dez q̃ Goa era tomada, despachou ho governador a Nuno vaz de castelo branco pera q̃ fosse a Cochim a acabar de cõcertar a sua nao que lá ficara, & acabada a carregasse de especaria, & se tornasse a Goa pera ir coele ao mar roxo, onde elperaua dir, & deu lhe hũa carta pera el rey de Cochim, em que lhe escreuia ho feyto de Goa, & pedia que desse auimento a carga das naos com breuidade. E escreveu ao feyto q̃ fizesse acabar de cõcertar algũs nauos dar mada q̃ estauão em Cochim, & lhos mandasse logo. E chegado Nuno vaz a Cochim, foy dar a carta do governador a el rey, cõ que estauão muytos mouros mercedores de ses principais que ja tinhão noua da tomada de Goa, mas não muyto certa, & pesauã lhes muyto. El rey de Cochim folgou muyto douuir a tomada de Goa q̃ lhe

Nuno vaz contou: & ainda q̃ Mamale macar & Chirinamacar hirmãos meus ho ouuirão, com ho pesar que disso tinhão como homẽs desacordados perguntarão a Nuno vaz se era verdade o que dizia: & ele lhe disse que si, & q̃ era ainda muyto mais do que tinha dito: & Mamale que era ho mais velho meteo ho dedo na boca despantado (que assi fazẽ quando se spantão muyto) & disse. Agora acabou ho governador de dar volta à chauce da Índia è fauor de seu rey. E andando Nuno vaz occupado no corregimento da sua nao, mandoulhe ho governador hũ regimento, em que lhe mandaua que das moças q̃ tomara em Goa a primeyra vez, que estauão em Cochim como disse, tomasse vinte quatro que logo hião nomeadas, & as repartisse por tres capitães dos que auião dir pera ho reyno, q̃ erã Gonçalo de siqueyra, Garcia de souza, & loão nunez pera as leuarem de sua parte à raynha, & que as outras mãdasse vender em pregão & a recadasse ho dinheiro como q̃ dirlheiro mór q̃ era, & Nuno vaz ho fez assy. E estas moças mandaua ho governador à raynha pera seu seruiço por serem nobres & fermosas & as ter por virgẽs: porem neste tempo se soube que Duarte de lemos sendo elas mouras peccaua carnalmente com hũa delas, & alli outros cõ outras. Isto se soube, porque indo hũ dia Nuno vaz a velas pera lhes dar de vestir, sobindo pela escada sentio que bulia hũ degrao, & por q̃ lhe paeseco mal & a escada ser escura mandou trazer hũa tocha com que vio que ho degrao estaua fendido, & encerado por cima da fenda por se não enxergar: & parendolhe aquilo algum misterio por q̃ Duarte de lemos poufaua è hũa



hũa casa pegada com a torre em que estauão as moças, quis saber a causa da fenda daquelle degrao, & enceramento dela: & pera isso mandou agoutar hũa moura velha que tinha cargo de feruir algũas daquelas moças, que confessou antes de a agoutarem, q Duarte de lemos despregara aqle degrao, & por ele tiraua de noyte a moça que queria, & assi outros dous que tam bem tirauão as que querião, & as tinhã de noyte em suas camas, & antemanhaã as tornauão; & isto por hũa casa a que hiã ter da em que pousauão per hũa tauoa que tirauão dhũ repartimento q as repartia, & a mesma confissam fizeram outras molheres. O que Nuno vaz escreueo ao governador a Goa: & assi de hũ grande aluorogo que Duarte de lemos fizera em Cochisobre a carregação da sua nao, porque querêdo ho feytor carregar primeyro as naos que ficã rão do anno passado, como tinha por regimento do governador. Sabêdoho Duarte de lemos foyse ao peso ôde pe sauão a pimêta leuando cõigo seu homão, & os capitães da sua capitania, & assi outros homẽs, & disse ao alcaide mór & ao feytor que hi estauão que se não auia de dar carga a outrẽ primeyro que a ele, & quando lha não quisessem dar primeyro q a tomaria às cutiladas. E respondêdo lhe ho feytor mandã fãte que auia de comprar o que lhe ho gouernador mandaua; ele muyto menecorio tomegou de dizer que não tinha de ver com ho gouernador, nẽ ele podia mandar na sua carga. E por aqui come gou de se soltar em muytas palauras soberbas & mal inãinadas, assi contra ho gouernador como contra ho feytor, & contra ho alcaide mór, & quasi q ouue atancar das espadas, & se não acodira

Gongalo de siqueyra ouuera de ser hũ muyto mau recado, & ho alcaide mór sayo dali quasi arrepelado, & cõ a loba rasgada. E com tudo as naos que ho gouernador mãdaua se carregarão primeyro; do que Duarte de lemos ficou muyto menecorio, & ião brauo q não podia ninguem coele, & sobre hũs serradores que serrauão madeira pera ho corregimento da nao de Nuno vaz q ele quisesse tomar, que tambẽ mãs palauras com ho alcaide mór, que lhe to lheo que os não tomãsse, & jurou que a largaria as escoras aa nao pera que se fizesse em pedaços. E sobre ho mesmo caso ouue tambẽ rezões cõ Nuno vaz, & lhe disse q lhe daria cõ a nao à costa. Porem não ouue os serradores, nẽ deu com a nao aa costa: & tudo isto com ho das moças escreuia Nuno vaz ao gouernador, & assi ho alcaide mór & feytor; & auiso de coufas de Calicut que tão necessario q ho gouernador soubesse. E indo ter estas cartas a Cananor, ferã tomadas per Frãisco de saa, & p Manuel da cunha capitão da fortaleza que era seu primo, & abrirãnas, & virão o que dizião. E como Frãisco de saa era grande amigo de Duarte de lemos auisou ho do que hiã nas cartas cõtrele; & não abastou a Frãisco de saa & a Manuel da cunha abrirem estas cartas & não as deixãrem ir ao gouernador, se não tomarão tambẽ as que mãdauão ho feytor & alcaide mór ao gouernador, em que hiã ou coufas que releuão muyto sabelas ele, pelo que compria ao seruiço del rey de Portugal. E ho mesmo fizeram a outras cartas que ho gouernador mandaua Cochim; & assi abrião hũa via de cartas que ho gouernador mandaua a el rey seu senhor, em que lhe escreuia ho feyto

de Go  
outros  
tendol  
Franc  
lemos  
ho go  
dele p  
& assi  
aberta  
nuel d  
lo de s  
quis d  
partio  
digo a  
dentro  
muyto  
assi en  
pera P  
gouern  
cando  
cõ que  
da ord  
tinha  
lo de s  
Moça  
acharã  
capitã  
zêdo  
dor pe  
lhes d  
el rey  
por m  
abran  
dindo  
dolhe  
& man  
lhe leu  
E isto  
por lo  
Ca  
bay  
go



de Goa, & como Duarte de lemos & os outros capitães não quizerão ir coe tendolhe prometido de ir. E tudo isto Francisco de sa eferueo a Duarte de lemos com que ho fez estar peor com ho governador do q̄ estava, & dizer dele piores cousas do que dantes dizia, & assi os outros todos. E esta via q̄ foy aberta mandou ho governador a Manuel da cunha pera que a desse a Gôçalo de siqueyra q̄ a leuasse, & ele lha não quis dar, & deu a a Francisco de sa, q̄ partio primeyro pa Portugal, q̄ como digoa abrio, & vio os segredos que hiã dentro: & destas eburilhadas se seguiu muyto de seruiço de Deos & del rey, assi em todos estes capitães que hião pera Portugal dizerem muyto mal do governador, & semearem grandes escandolos antrele & a gente da India cõ que lhe leuarão pa Portugal algũa da ordenança dela, de q̄ ho governador tinha muyta necessidade. E indo Gôçalo de siqueyra & Duarte de lemos ter a Moçambiç quando hião pa Portugal, acharão hi hũ loão ferrão que hia por capitão de duas naos pera a India: & di zedolhe eles muyto mal do governador polo que escreuia deles a el rey: ele lhes disse q̄ não curassem disto porque el rey estava muyto bẽ coe, & se auia por muyto bem seruido dele. E isto os abrandou tanto que lhe escreuerão, pedindolhe perdão do passado, & pedindolhe que escreuesse bem deles a el rey & mandarãlhe bem oyenta homẽs q̄ lhe leuaũo enganados pera Portugal. E isto soube despois ho governador por loão ferrão quãdo foy ter à India.

¶ Capit. lxxvj. De como el rey de Cãbaya mandou ao governador Diogo correa & Francisco pereyra de

berredo, & de como o governador tirou a capitania de Cananor a Manuel da cunha.



O governador que nã sabia nada destas cartas que se tomauã em Cananor, estava muyto espantado de lhe não responderẽ de Cochim & julgaua mal que ho não fazia atribuindolho a ter pouca lembrança do seruiço del rey, & pouco temor de ho ele castigar por isto: se não quando começou de lhe ir aas orelhas o que era que ele não podia crer por a causa ser tão fea, que se não esperaua dos que a fazião. E estando nesta euni da de isto ser assi, tirou ho dela Nuno vaz de castelo branco que chegou de Cochim com a sua nao acabada, & carregada de especiaria, & lhe contou tudo o que disse. E mandando ho governador pedir a Manuel da cunha a via das cartas que lhe mandara pera dar a Gonçalo de siqueyra, respondeolhe q̄ a dera a Francisco de sa que a leuasse potque a fora partir primeyro que Gonçalo de siqueyra, soubera que estava Gonçalo de siqueyra tão de vazar (por lhe el rey da pimenta entreter a com q̄ auia de carregar) que lhe parecera melhor dala a Francisco de sa. E estãdo ho governador confuso sobre o que faria neste caso, porque sentio muyto o que fizerão Francisco de sa & Manuel da cunha por pjudicar tâto ao seruiço del rey & assellego da India, chegarão a Goa Diogo correa & Francisco pereyra de berredo q̄ estauão catiuos e Cãbaya, & vinha coeles ho Chatigẽtio de Cananor, q̄ o governador mãdara a saber del rey de Cãbaya se q̄ ria ref-



gatar os nossos que laa estauão catiuos: & contarão ao governador como Miligupi, aquele priuado del rey de Cambaya, sabendo ao que ho Chatim hia, tomara ho negocio nas mãos, & fizera com el rey de Cambaya, que alem de dizer que era contente de resgatar os catiuos dera aqueles dous pera mostra do governador saber q̄ os nossos estauão catiuos. E estes dous forão escolhidos, por Miligupi ter coeles amizade, & p̄ eles escreueo ao governador quanto de seua de hoter por amigo, & que era verdadeiro seruidor del rey de Portugal. E Diogo correa & Francisco pereyra, pedirão ao governador que os tornasse logo a mandar a Cambaya, ou mandasse resgatar os outros catiuos q̄ laa ficauão, porque quando lhes el rey de Cambaya dera licença pera hirem à India fora com aquela cõdição, & eles lhe derão suas fees de ho fazerẽ assi. E ho governador lhes disse que os mada ria, ou mandaria resgatar os catiuos: por rem como soube que dom Afonso seu sobrinho era morto arrefeceo disto, & mais polas grandes occupaões q̄ tinha: & não mandou a Diogo correa por q̄ teue necessidade dele pera ho mandar por capitão de Cananor, por estar determinado de tirar a capitania a Manuel da cunha pelo q̄ sabia dele. E assi ho fez, & mandou a Diogo correa que tornasse a menajẽ a Manuel da cunha, & lho mandasse a Goa: donde despois de vindo, lhe ho governador tomou a menajem que não faysse da cidade. E esta foy a causa porque Diogo correa não tornou a Cãbaya, & tão pouco tornou Francisco pereyra: porque receandose ho governador que não passassem algũs mouros à ilha, lhe mãdou & a arte de melo q̄ em bateys armados ro-

deassem a ilha do passo seco ate Betastarim. E andando eles nesta goarda, tirando hũ dia hũ berço do batel de Frãcisco pereira deulhe ho rabo dele na canela de hũa perna, & fezlhe hũa grande ferida, de que ficou tão mal que foy necessario deixar a goarda do passo, & foyse à cidade, dõde despois ho governador (por ela ser muy pjudicial pera feridas de pernas) ho mandou a Cananor pera se hi curar, por q̄ ho capitão era seu tio. E despois disto succedeo ir ho governador fora da India, & por isso não mãdou mais recado a Cãbaya.

Capit. xlvij. Dosembaixadores que algũs reys & principes da India mandarão ao governador a fazer coeie paz: & como o governador arrêdou as tanadarias da terra firme a Melalao hirmão del rey Donor.



A neste tempo estaua ho governador de posse das tanadarias da terra firme da ilha de Goa, & tinha postos nelas tanadares Portugueses, & escriuaes homens conhecidos. Na tanadaria Dantruz estaua por tanador hũ Diogo camacho, & por escriuaõ Diogo guifado: & na de Caste a pedraluarez que fora paje do conde dabrates, & Gaspar machado por seu escriuaõ: e Cintacora Bras vieyra criado del rey & Diogo de salas: & em outras pos outros homens de menos calidade porque erão mais perigosas. E determinando ho governador de fortalecer & ennobrecer Goa pera o que disse, começou de casar daquelas moças que tomou em Goa, assi mouras como bramenas que tinha feytas

Christa  
tugueses  
zerem h  
saõ ta  
almoxer  
talezar  
gos, & c  
outros p  
E a estes  
ficios da  
dos mo  
del reys  
& a algũ  
& a tod  
prijim  
pagarẽ  
mandã  
mando  
recebel  
& faze  
& indo  
ras vez  
mo a fi  
mês a c  
ho gou  
mais d  
que en  
& outr  
louar  
q̄ casã  
& cõ n  
nature  
tão cer  
estua  
lo era  
que ac  
E a for  
pos na  
ho pri  
ra casã  
gẽs. E  
se laus  
gouern



Christãos & casau as cō homēs Portuguezes. E pera comouer outros a fazerem ho mesmo daua a estes que casauão tanadarias dos passos da ilha almoxerifados na alfandega, & na fortaleza; & assi escreuamihes destes cargos, & dos da justiça a hūs perpetuos a outros por annos segūdo lhe parecia: E a estes & a outros em q̄ não cabião officios daua da fazēda de raiz que fora dos mouros, & Neyteas, & aos criados del reypagaua tambē em casamentos, & a algūs mais alé do q̄ era ordenado, & a todos daua grandes priuilegios de priuilegiā de suas pessoas, & de nã pagarē tributos; & assi muytos faoures mandandolhes cada dia presentes, chamando filhas a suas molheres, faindo a recebelas a porta da igreja q̄ ndo lã hiã & fazendas a sentar em seus lugares, & indo as a visitar por sua pessoa muytas vezes, & tratandos ppriamēte como a filhas, pelo q̄ se comouião os homēs a casar; de maneyra que antes que ho governador partisse de Goa, casarã mais de cento & cincoenta homēs, em que entrarão muytos criados del rey, & outros homēs conhecidos. E era pa louuar a nōsso senhor a inclinaçāo com q̄ casauão sendo tãolōge de sua terra, & cō molheres tão estrangeiras de sua natureza, & e terra tão noua parēes & tão cerca da de imigos, onde ho perigo estaua tão certo; & bē parecia que aqui lo era ordenado por nōsso seņor, pera que aquela cidade fosse a que a gora he. E a fora os officiais que ho governador pos na fortaleza, fez iuizes de que foy ho primeyro hū Frãscō da madureyra casado, & assi vereadores & almotaçōes. E porque sendo Goa do Hidalcão se lauraua nela moeda, mandouha ho governador tambē laurar, assi de pra-

ta como douro & de cobre, & mandou a pagar a moeda dos mouros, & q̄ se cunhasse do cunho da Portuguesa, & a de prata se chamaſse esperas, & meas esperas por amor da diuisã del rey que era espera, & a do ouro Manteis por ho nome fer Manuel, & a do cobre leais, por amor da lealdade dos Portuguezes; & tiroulhe ho nome de bazaruco, como lhe chamaũo os mouros a esta moeda de cobre. E coisto se enobrecia a cidade de cada vez mais, & crecião as mercadorias, & a noua dos nōsso a terem romada; & do fundamento que ho governador fazia se diulgaua cada dia por essas terras comarcãs, & dahi mais auante. O q̄ quebrou grande mēte os coraçōes aos reys & senhores da India, que todos cuydauão que com a armada que ali fazião, & com se fazer em hū corpo ho poder do soldão, del rey de Cambaya, do Hidalcão & del rey de Calicut que lançarião os nōsso fora da India, & os desarreycarião de la, porque assi estaua ho cōcerto feyto ante estes principes; & por isso todos os outros da India dauão ajuda pera a armada que se fazia em Goa. E quando a virão ē poder dos nōsso ficarão enfreados de todo; & sabēdo como ho guernador queria fazer nela cabeça, desesperando de os nōsso não sayrē nũca da India, determinarã de pedir paz ao governador, & reformar as que tinham dantes, & pagar as parias que pagauão. E ho primeyro foy el rey de Baticala que auia muyto que as não pagaua, mandou logo coelas seu ebaixador, offrecēdo ao governador lugar pa fazer logo a fortaleza e seu porto, q̄ sabia q̄ el rey de Portugal desejava de fazer. E o governador tomou as parias & cōcedeo lhe paz & amizade & não quis a



fortaleza por nãoauer dela necessida-  
de. Ho senhor de Chaul tambem mã-  
dou embaixador cõ as parias q̄ deuia  
do tempo do visorey, & assi mandou  
hũa nao carregada de manimentos; &  
ho mesmo fizeram, Meliqaz capitão  
de Diu, el rey Donor, el rey de Venga-  
por. E el rey de Narsinga tambem mã-  
dou seus ebaixadores, & como soube q̄  
Goa era tomada, não quis desistir da  
guerra que fazia ao Hidalcão, nem lhe  
quis pagar parias que pagaua dantes. E  
era fermosa coufa de ver todos estes e-  
baixadores quanto ennobrecião Goa,  
que parecia que estaua ali hũa grande  
corte. & ho governador os detinha pa-  
q̄ hũs vissem os outros, & todos jutos  
vissem fazer aquela fortaleza, de que  
se todos espantauão muyto, & muyto  
mais a gẽte da terra de tamanhos prin-  
cipes terem necessidade de paz cõ ho  
governador, & ja se contentaõ de se-  
rem vassallos del rey de Portugal. E des-  
pois que ho governador vio que os em-  
baixadores tinhão bẽ visto a fortaleza  
que fazia, & lhe pareceo q̄ não viriao  
mais ebaixadores, começou de despa-  
char aqueles, concedendo a hũs o que  
pedião, & respondẽdo aos outros que  
ele respõderia por seus embaixadores  
aos que os mandauão. Tambẽ neste tẽ-  
po veo ao governador hũ embaixador  
de Merlao capitão gentio, & de grãde  
fama entre os gẽtios, que era sobrinho  
daquele rey Donor q̄ deu Mergeu ao  
visorey, & per sua morte pertencia ho  
reyno de deryto a este Merlao que di-  
go mas seu tio por descontentamento  
que tinha dele lho tirou quando faleceo  
& ho deixou a outro hirmão de Mer-  
lao que era mais moço, que despois que  
reynou nũca mais pagou as parias que  
seu tio pagaua, & era grande immigo

dos nossos, & cõ medo da tomada de  
Goa mandou as parias ao governador  
como disse. E este Merlao despois da  
morte de seu tio esteue sempre com gẽ-  
te sua de pẽ & de caualo nas terras de  
Batecalã por serem perto Donor a que  
fazia guerra cõtinuamente pera ver se  
podia cobrar ho rayno q̄ era seu de de-  
reyto. E sabẽdo que ho governador to-  
mou Goa, mandoulhe dizer por este  
embaixador que digo ho agrauo q̄ lhe  
seu tio fizera em lhe tirar ho reyno, &  
a força q̄ lhe seu hirmão fazia em lho  
ter; & q̄ se ho quise esse receber por vas-  
salo em nome del rey de Portugal que  
ele seria muyto contente de ho ser, cõ  
tanto que ho fauorecesse pera cobrar  
seu reyno, pera que não queria mais q̄  
arrendar as tanadarias da terra firme  
de Goa; & cobrando ele ho reyno que  
era seu, ele pagaria as parias que seu tio  
pagaua, & seu hirmão queria pagar, &  
seruiria sempre a el rey de Portugal co-  
mo seu vassalo & sua feytoria. E consi-  
derando ho governador a valentia de  
Merlao, & ho poder que tinha & valia  
entre os gentios, & que costumara sem-  
pre fazer guerra aos turcos, & p̄ duas  
vezes os teuera cercados e Goa sendo  
capitão del rey de Narsinga, pareceo  
lhe que compria lançar mão deste homẽ  
rey seu senhor lançar mão deste homẽ  
& recolhelo; & que ele muyto melhor  
q̄ nenhũ dos nossos saberia gouernar  
a terra firme, & teria a gente aisselegã  
da por ser conhecido antre eles. E respõ-  
deolhe que era contente de fazer o que  
pedia, & mãdou por ele a Batecalã, on-  
de embarcou com sua gẽte & caualos,  
& foranno receber a Cintacorã, onde  
auiã de desẽbarcar dous capitães des  
nossos com dous mil piães da terra pa-  
que ho acõpanhassem ate Goa, & mã-

dou car  
por on  
& obe  
rey de  
folgã  
dizer  
nhe pe  
mente  
sem lh  
E todo  
o que l  
vindo  
nador  
tro gen  
pitão p  
a amb  
& os m  
radam  
q̄ tirã  
do que  
aoss tur  
renda  
tugal t  
parda  
erão tr  
lançan  
Melica  
que ain  
bẽ aqu  
cada n  
erão c  
isto pa  
pouo e  
cão. E  
Merla  
ajunta  
capitã  
mour  
rais de  
fora de  
de Go  
agafal  
lao po



dou cartas aos tanadares da terra firme por onde passasse que ho recebessem, & obedeceſſem como a pessoa del rey de Portugal. E isto porque Merlao folgasse mais de fazer o que mandara dizer que faria, porque fazendo ho tinha por muyto certo acrecentar grãde mente no proveito da fazenda del rey sem lhe custar gente nem outro gasto. E todos os tanadares fizeram muyto bẽ o que lhes ho governador mandou. E vindo Merlao a Goa, lhe fez ho governador grande recebimento, & assia outro gentio chamado Içarao, que fora capitão principal del rey de Narſinga, & a ambos de dous deu caualos & loyas, & os mandou apouſentar muyto honradamente, & fez cõtrato cõ Merlao, q̃ tirãdo tres meses de hũa paga de soldo que a gente da terra ficaua deuedo aos turcos, dali por diante pagasse da renda por as tanadarias q̃ el rey de Portugal tinha na terra firme corenta mil pardaos douro, que pola noſſa moeda erão trinta & oyto mil cruzados: & que lançandose fora da tanadaria de Põda Melicazi mouro capitão do Hidalcão que ainda estaua nela, que ficasse tambẽ aquela tanadaria, & pagaria então cada no seſſẽta mil pardaos douro, que erão cincoenta & seys mil cruzados: & isto pagaria e quatro pagas, como ho pouo era obrigado de pagar ao Hidalcão. Feyto este cõtrato, & assinado por Merlao & polo governador: ele mãdou ajuntar todos os veiquibaris, que ſão capitães gẽrios, que antes da vinda dos mouros mãdauã a terra, & erão naturais dela, que os mouros tinham lãçado fora do senhorio, & depois da tomada de Goa ho governador os recolheo, & agasalhou. E a estes entregou ele Merlao pola mão, pera q̃ ho teueſſem por

seu governador, dizendolhes ho cõtrato que tinha feyto coele. E todos ho receberam por seu capitão & governador cõ muytas festas & tãjeres a sua vſaça: & perãestes entregou ho governador a Merlao a gouernança das tanadarias da terra firme. Pera õde se partio logo com Içarao acõpanhado de cinco mil piães da terra seus, & cincoõta homẽs de caualo. E chegado às tanadarias tomou posse delas, & a gente da terra folgou muyto de ser gouernada por ele.

Capit. xlviiiij. De como determinando ho governador de ir ao mar roxo, mandou a Diogo fernãdez de beja derribar a fortaleza de çacotora: & do que ho governador passou com Diogo mendez de vasconcelos.



Endo o governador por noua certa que os rumes estauã em Adẽ pera vir a India chamado õl rey de Calicut, & do Hidalcão, & del rey de Cambaya, pera que todos e hũ corpo deitassem os noſſos fora da India, determinou de os ir buscar & pelejar coeles, esperando em noſſo senhor de os desbaratar, & depois tornarse a Ormuz, & inuernar hi & acabar a fottaleza q̃ deixara começada, porque sentia muyto a treicão que lhe fez Cojeatar. E estando a fortaleza de Goa em tal ponto que lhe não falecia mais que a caua pera se acabar, mãdou a Diogo fernandez de beja que fosse diante esperalo a çacotora, cuja fortaleza mandaria entretanto derribar & arasar, & recolheria os noſſos q̃ estauã nela, & assia gente da terra q̃ se quisesse recolher coele. E mãdou a derribar porque a gente da terra geralmẽte era



mais amiga dos mouros que dos nossos & leuantauasse muytas vezes cõtielles quãdo lhe os mouros fazião guerra: & mais a terra era tão pobre de mantimẽtos que os nossos se não podião manter & por isto auião de ser muyto poucos, pelo que estauão em grande perigo se lhe os mouros, que auia muytos ao derador fizessem guerra que lhe não podião focorrer da Índia tão afinha, & mais não seruia ali de nada a q̃ta Fortaleza, porque não queria el rey de Portugal trazer ali armada cõtra ho estreyto porque não podia inuernar em cacotora polas causas q̃ digo: & mandou mais ho governador a Diogo fernãdez que ho esperasse em cacotora ate a fim de Mayo, & quando não fosse ter coele q̃ se fosse a Ormuz com cartas q̃ lhe deu pera el rey Dormuz & pera Cojeatar que pagassem as parias a Diogo fernãdez, notificandolhe q̃ era governador da Índia, & que tinha tomada Goa, & dali se tornatse a Goa em Agosto, & se ajũtasse com a armada que hi achasse, & deulhe pera esta viagem horey grãde que foy de dom Ieronimo de lima, & allia capitania mór de Antonio de matos, & de Gaspar cãoque mãdo coele. E partido Diogo fernandez pera cacotora foy dito em segredo a Diogo mendez de vasconcelos que ho governador honã auia de deixar ir a Malaca & ho queria leuar ao mar roxo. O que sabido por ele não ho pode crer pola promessa que lhe o governador tinha feyta, & por quão bem ho tinha ajudado, que ele com a sua gente ajudou a fazer a fortaleza & cerca, & fez aquele Baluarte que està sobre a porta que se chama ho de Malaca, por amor que aqueles q̃ ho fizeram hião pera la: & cõ tudo Diogo mendez disse ao governa

dor perante algũs fidalgos q̃ ele tinha muyto bẽ comprido coele que se chegaua ho tempo pera a sua ida de Malaca, que lhe pedia que ho ajudasse como tinha prometido. E ho governador respondeu que ele lhe prometera de lhe dar toda a ajuda que podesse pera ir a Malaca, porque indo como hia não era seruiço del rey seu senhor, polo grãde perigo a que se auenturaua de ho matarem com quantos leuaua, & lhe tomarem as naos & mercadoria de que hião carregadas, porque muyto mais gente leuara Diogo lopez de siqueyra & mais naos, & melhor armadas que as suas, & não oufara de pelejar com a armada de Malaca. E pera ir como compria a seruiço del rey seu senhor, ho deteuera & pedira que fosse coele na tomada de Goa, cuydando que lhe podesse dar ajuda, que lhe não podia dar por quãto as cousas succederão doutra maneyra q̃ ele cuydaua: porque bẽ sabia por quãto certa se tinha na Índia a vinda dos rumes a ela. E pera seu assẽslego & credito del rey seu senhor, era necessario ir ele ao mar roxo a buscalos pera pelejar coeles, donde não podia tornar a inuernar a Índia, senão a Ormuz, õde tinha mandado del rey q̃ fosse acabar a fortaleza que ficara começada, & assẽslegar el rey Dormuz nas pareas que auia de pagar: & pera isto não tinha ele tanta gente quanta lhe era necessaria, & ainda dessa que tinha de necessidade auia de deixar em Goa, ao menos quatrocentos homens Portugueses, porque se os mouros tornassem como da outra vez que achassem quem lhes resistisse: & por esta rezão lhe não podia dar, não sãmõete a ajuda que ele quisera mas nenhũa, do q̃ lhe pefaua muyto pola obrigação em q̃ lhe era: & pera ele ir a Ma

laca, a  
lhe nã  
tas de  
ho Be  
uão q  
a ving  
E coe  
a ele, e  
hũa ca  
gũa m  
nossa  
começ  
da ter  
dãra c  
deseja  
gal, &  
os que  
os nos  
medo  
gal, pe  
credit  
pera f  
& com  
em po  
ria ma  
dir la.  
& pol  
amiza  
hũ de  
se. Ho  
coele  
obriga  
& as d  
droga  
feytor  
quãto  
nhã, a  
culsta  
de ma  
que se  
que lh  
onde l  
dir co



laca, assi como viera de Portugal, que lhe não parecia bem porque tinha cartas de Ruy daraujo, em que lhe dizia q̄ ho Bendãra & el rey de Malaca espera uão que fosse sobrelles grande armada a vingar o que fizerao a Diogo lopez: E coeste medo tinha tirado da prisão a ele, & aos outros; & apouentado em hũa casa, em que lhes mandarão dar al gũa mercadoria da q̄ fora tomada na nossa feytoria, pera que Ruy daraujo começasse de tratar cõ os mercadores da terra, & a fora isto lhe fazia ho Bendãra cada dia mil auõdanças, dizẽdo q̄ desejava de ser vassãlo del rey de Portugal, & q̄ por isso castigara muyto rijo os que fizerao ho alevantamẽto cõtra os nossos. E estando em Malaca coeste medo se ele fosse como viera de Portugal, perdertião os immigos de todo ho credito dos nossos, & aluoragarahião pera fazerẽ o que fizerao da outra vez & começarião logo nos nossos q̄ tinhã em poder. E sua ida a Malaca não seruiria mais que disto, por isso q̄ não deuia dir là. E por q̄ ele não ficasse desauiado, & pola obrigação em que lhe era, & a amizade q̄ lhe deuia, lhe queria fazer hũ de dous partidos q̄ lele mais quisesse. Ho primeyro era que se quisesse ir coele ao mar roxo com suas naos que se obrigarã a carregarlhe a sua camara, & as de seus capitães & quintaladas de drogas. E as naos de pimenta q̄ ho seu feytor faria prestes no inuerno: & em quãto as naos andassem em sua companhia, a sua gente seria paga de soldo aa custa del rey, & isto por as naos serem de mercadores. Ho outro partido era que se por cansado nã quisesse ir coele, que lhe daria aquela fortaleza de Goã onde ficasse: porẽ que as suas naos auã dir coele com ho partido que dizia: &

q̄ nisto não sòmẽte faria a el rey muyto seruiço, mas que seguraria sua armada. O que ouuido por Diogo mendez, se agastou muyto, & respõdeo que ele auia dir a Malaca como lhe el rey mandaua, posto que sobresse q̄ os perigos de là erãõ em dobro. E começou de se a queixar do gouernador q̄ muyto mãsa mente lhe disse que se não agastasse, & que cuydasse no que lhe cometa, & ho pratica se com os seus capitães & com seus amigos; & auido seu conselho, lhe desse ou mandasse a resposta. Ao q̄ Diogo mendez respondeo que aquela lhe daua por final, & q̄ logo se aparelhaua pa sua partida. E porque ho gouernador se começou de gastar desta resposta meteranse no meyo os que hi estauão, dizẽdo a Diogo mendez que se não a gastasse, que sem payxão mãdaria despois dizer ao gouernador q̄ assentaua cõ seus capitães, & logo ho fizerao ir pera apouada; & ho gouernador ficou dizẽdo aos que hi estauão por quãtas rezões vinha bem a Diogo mēdez ir coele, rogando a todos que lho confessassem, especialmẽte a Fernão perez dandrade que era grande seu amigo, q̄ ho fez assi, mas Diogo mendez nunca quis tomar seu conselho. O que sabido polo gouernador, porque viã claramẽte que se Diogo mendez fosse a Malaca no mais que com ho apercebimento que tinha, não podia deixar de se perder: porque não parecesse que ho encõtraua como inimigo, pos aq̄le feyto em conselho, & propondo neletudo o que dissẽra a Diogo mendez, foy acordado por todos que ele nã fosse a Malaca da maneyra que estaua, & que a sua armada ficasse sobre ho gouernador pa dar cõta dela, & da pda q̄ recebesse el rey ou as partes por não ir a Malaca. Isto a



que Diogo mēdez fugisse com a arma da pos lhe pena de degredo, & perdimento da fazenda que se não fosse de Goa sem sua licença, & a cada hũ dos pilotos de sua armada, mandou sopena das vidas, & perdimento das fazēdas, que posto que se Diogo mendez quisesse ir eles não fossem coele, & sob a mesma pena lhe descobrissem sua ida como a soubessem. E com tudo isto Diogo mēdez determinou de ir a Malaca, & por segurar ho governador dissimulou coele fazendose muyto esquecido de sua ida: & alli se fazia a todos, por q̄ ninguém sospcytasse que ele se queria ir: & deu cōra de sua ida a seus capitães, & Pero quaresima lha contratiou, dizēdo q̄ era escusado falar nisso, pois esta uia certo não poder sayr da barra sem ho governador ho saber, & como ho soubesse auia de mandar apos ele, & pera se defender seria necessario pelejar, & farsehia hũ muyto mau recado, por isso que não curasse de tal ida, & visse se podia acabar por bẽ como ho governador que lhe desse licença pera ir. O que Diogo mendez não quis fazer, & disse que fosse o que quisesse que não a uia de deixar de ir a Malaca: & Balfesar da silua não estaua em Goa que a doeeço & foyse curar a Cananor, & Diogo mendez insistia em ir, porque ho piloto de Balfesar da silua chamado dalcunha ho pereyra, lhe dizia que ele ho tiraria de noyte fora da barra & ho leuaria a Malaca, & não deixasse de ir porque se faria lá muyto rico, & ho mesmo lhe dizia ho seu mestre. Este piloto de Balfesar da silua, ho fora tambẽ Dafonso lopez da costa quando com os outros capitães fugio Dormuz ao governador, & ele foy o que lhes prometeo de os leuar à India, & por esta

promesa lhe deu Diogo mendez a capitania do nauio. E tambẽ Anibal cerliche disse a Diogo mendez que não deixasse dir, porque ele ho seguiria. E Diogo mendez fez conta que se os outros capitães não quisessem ir, que faria capitães os mestres das naos, & fazia-se prestes quanto podia.

Capitulo. xlix. De como querēdo Diogo mendez de valcongelos fugir para Malaca foy preso com outro capitão seu, & do mais q̄ se sobrisso fez.



**O**rdenando Diogo mendez a si sua partida, soube o governador como hum Duarte tauares escudeyro do conde da brantes que ele tinha por tanadar na ilha de Chorão, fora fazer hũ salto na terra firme, onde ho cauiarão os inimigos: & cuydando ho governador q̄ se poderia ainda auer, mandou la Diogo mendez, Manuel de lacerda, Pero dafonseca de crasto, & Nuno vaz de castelo brãco com a gēte das suas naos & nos seus bateys. E chegando eles ao passo de gançalim por onde Duarte tauares passara, poyarão na terra firme, onde auendolingoa da terra soberão que Duarte tauares era ja muyto metido polo sertão, que ho leuauão ao Haldalcão. E vendo que não podião fazer nada nem leuauão mantimēto pera fazerem todos detença, acordarão que Diogo mendez, & Manuel de lacerda se tornassem pa a cidade, & Nuno vaz & Pero dafonseca ficarião em quãto lhes abastasse esse mantimēto que tinhão: & alli se fez. E tornandose Manuel de lacerda & Diogo mendez pera a cidade chegarão ja noyte: & como Diogo

tinha  
naos q  
quela  
de des  
suas n  
& Par  
es An  
quare  
não er  
as nao  
dez le  
& em  
gar qu  
comes  
tinha  
ujo de  
sar da  
foy le  
Manu  
rio de  
pedio  
hũ esc  
parte  
tulle &  
não q  
quanc  
telle r  
Dinis  
em h  
ra: &  
os qu  
& mã  
por t  
fesse  
man  
se bẽ  
& lhe  
honr  
man  
gent  
diant  
reixe  
anda



tinha mada do recado aos mestres das naos que esteuessem a pique, porque a quella noyte auiao de partir: não curou de desembarcar na cidade, & foyle às suas naos que estauão antre Kabandar & Pangim, & hi achou dos seus capitães Anibal cerniche somente, que Pero quaresma não quis, & Baltesar da silua não era vindo de Cananor. E estando as naos a piq, partiose logo Diogo mēdez leuando os bateys as naos atoadas, & em toda a noyte não pode mais chegar que ate abaya da agoada, & ali lhe começou de vêtar a viração que ho de tinha, & assi Anibal cerniche & ho nauio de Pero quaresma, que ho de Baltesar da silua era ja fora da barra. Disto foy logo ho governador auifado por Manuel de lacerda que era goarda do rio de Pangim, & acodindo à ribeira despedio lames teixeira em hũa fusta cõ hũ escriuão perãte que requeresse da sua parte a Diogo mendez que se não partille & se tornasse pera dêtro, & quando não quisesse que lhe tirasse por alto: & quando coisso não quisesse que ho metesse no fundo, & ho mesmo mandou a Dinis fernandéz de melo, q̄ mandou em hũ parao despois de lames teixeira: & tambẽ forão outros bateys, antre os quaes foy ho de Manuel de lacerda, & mādou a Simão dandrade que fosse por terra com gente de caualo, & se pofesse fora na praya, & fauorecesse os q̄ mandaua nos nauios, & se lhe parecesse bẽ que fosse falar cõ Diogo mendez & lhe aconselhasse que não possesse sua honrra no risco em que a punha. E assi mandou muytos bateys & paraos com gente pera que ajudassem os que hião diante, de q̄ chegou primeyro lames teixeira, & achou Diogo mendez que andaua às voltas na baya da agoada pa

fayr por lhe ser ho vento ponteiro, & achou na boca da barra Duarte da silua deluas capitão da galé que fora de Diogo fernandez debeja, & fazia requerimentos a Diogo mendez q̄ se tornasse pera dêtro, & por não querer lhe tirou naq̄ la hora hũ tiro por alto, cõ que lhe derribou a verga grande, & lames teixeira lhe mandou tirar outro, cõ que lhe matou dous gormetes. E vendose Diogo mēdez sem remedio de poder fayr amaynou & surgio: & mais por q̄ lhe disserão que estaua ali ho governador, cõ que não queria pelejar, que cõ os outros bẽ ho fizera. E entretãto a daua tambẽ Dinis fernandez às bõbardas cõ Anibal cerniche, que quando lhe fazião requerimentos da parte do capitão mór que amaynasse, respondia que não conhecia outro capitão mór se nã Diogo mēdez de vafconcelos, cuja bãdeira lhe elrey de Portugal mandara q̄ seguisses, nẽ quis nunca amaynar nẽ surgir ate que não vio que Diogo mēdez amaynaua & surgia. Ho meitre da nao de baltesar da silua que andaua de fora quando vio furto Diogo mendez arribou a ele cõ a viração q̄ vêtava, & perguntoulhe em voz alta, q̄ todos ho ouuirão que lhe mandaua que fizesse, & ele respondeo q̄ surgisse, & assi ho fez, Surtas todas as naos, Rodrigo rabelo q̄ estaua em terra com muyta gente de caualo & de pẽ (& fora por mādado do governador pera leuar Diogo mēdez) se foy à sua nao, & nela & nas outras prēdeo os pilotos, mestres & escriuães delas, & assi Anibal cerniche & despois mandou apregoar em todas, q̄ ho governador em nome delrey seu senhor pdoaua aos outros todos, & lhes daua seguro de nũca receberẽ pena por serẽ naq̄ le feyto. E isto fez ho governador



por se lhe não amotinar a gente com medo. Foyto isto pedio Diogo mēdez a Rodrigo rabelo q̄ comessem primeyro que partissem, por q̄ era tarde para ser antes de comer, & assi ho fizeram. E em todo este tempo nunca Diogo mēdez se queyrou do governador, nê disse nenhũa coufa contrelle, & sempre se mostrou muyto ledo & prazenteiro. E acabando de comer deixou Rodrigo rabelo nas naos pessoas de recado, que ho governador mandaua que ficassem por capitães ate q̄ ele prouesse: & foy se pera Goa leuando Diogo mēdez no batel de Manuel de lacerda, & Anibal cerniche & os mestres, pilotos & escriuães em outros a muyto recado, & no caminho acharão Nuno vaz de castelo brãco, que aquele dia à tarde se fora à cidade do passo em que estaua. E como chegou mādou ho ho governador na sua nao, & que fosse coele ho seu ouuidor Pero dalpõem, pera q̄ requeresse a Diogo mēdez que se não fosse, & quãdo não quisesse que ho metesse no fundo, & aos nauíos da sua companhia: & vendo os Nuno vaz vir meteo se no seu batel com ho ouuidor & foysse pareles: & assi forão de companhia ate a cidade, onde chegarão bem noyte. E leuado Diogo mēdez ao governador, & assios outros, depois de falar coeles hum pouco forão postos em bõ recado: & dali a poucos dias ho governador com votos dos do conselho, julgou com ho seu ouuidor que Diogo mēdez fosse degrado pera Portugal pera õde seria leuado nas primeyras naos que partissem cõ os autos de suas culpas. E entretãto estaria preso sobre sua menajem na fortaleza de Goa, & q̄ Pero quaresima perdesse a capitania da nao, & fosse degradado pera Portugal

posto que não quisesa ir com Diogo mēdez, porque não disserão ao guernador q̄ se queria ir como lhe ele tinha mādado que disse, & em quãto não fosse pera Portugal esleuesse preso em Goa. E que Anibal cerniche fosse degolado, & assios mestres & pilotos das naos fossem enforcados & perdidas suas fazendas pera el rey. E logo que a sentença foy dada, se veo a ela com exceção por parte de Antão vaz mestre de Diogo mēdez, & do piloto Danibal cerniche, cõ priuilegio pera não morrerem enforcados, & por isso se mudou q̄ morressem degolados, & entre tãto que durou a dilação desta exceção forão enforcados ho piloto de Baltasar da silua & o mestre Danibal cerniche nas vergas das mesmas naos, em q̄ cometerão aquele delito: que a todos pos muyto espanto, principalmente a algũs embaixadores que ainda estauão em Goa, & todos sayrão a ver aquela justiça: & quando souberão a causa por q̄ se fazia pareceolhes bem. E por amor destes embaixadores porque auião de saber a desobediencia de Diogo mēdez a castigou ho governador tão rijo, & pera exemplo dos nossos, & assiera necessario pera ho credito do governador: & depois que aqueles dous forão enforcados logo se ele moderou contra os outros, & deu suas vidas a hũ dos embaixadores q̄ lhas pedio por conselho dos nossos, leuando os ja a padecer, & mudoulhe a pena de morte em degredo pera outras naos, & depois reuogou a sentença Danibal cerniche em degredo pera Portugal por quanto era estrangeiro, & deu a capitania de sua nao a dom João de lima, & a de Pero quaresima a Gaspar de payu, & a de Baltasar da silua a lames teixeira, & a de Diogo mē

deza  
licença  
com  
Diog  
a ele  
foy P  
que r  
a aru  
uia d  
bric

Capit  
pe  
tra  
M



com  
man  
que t  
naos  
q̄ de  
te, &  
uega  
Goa  
os ca  
caua  
de pa  
rend  
bê d  
me,  
ficau  
ro &  
ganh  
za fi  
mêto  
& ca  
nigõ  
alca  
mar  
mele



deza Fernão perez dandrade, que cõ liçença do governador teue cõprimeto com Diogo mendez sobre a tomar, & Diogo mendez foy muyto contente q̃ a ele tomasse, & logo Fernão perez se foy pera a nao & se entregou dhũ cofre que tinha quatorze mil cruzados pera a armação da nao, de q̃ ho feytor dela a uia de ter a chauce, mas não ho autada brissem Fernão perez.

**Capitulo.** De como indo ho governador pera ho mar roxo achou ho vëto cõ trayto, pelo q̃ l mudou sua ida pera Malaca.

**F**ytas todas estas cousas, ordenou ho governador sua partida pera ho mar roxo, assi polas causas que disse, como tambẽ por se escusar ho gasto de mantimento & soldo que faria a gente que tinha, & por escusar despesa que as naos farião se esteuessem e porto, por q̃ de necessidade se auião de tirar a mõte, & elas estauão ainda as mais pera na uegar. E assentada sua partida deixou e Goa perto de quatroçêtos homẽs com os casados, em que entrãõ oytêta de caualo: & os soldos desta gente se auião de pagar das rēdas da ilha q̃ ficauão arrendadas por doze mil cruzados, & tã bẽ das rēdas das tanadarías da terra firme, & assi de seyscêtos mil rês porque ficaua arredada a casa da moeda, ho ouro & a prata fomite porq̃ no cobre se ganhaua muyto pera o rey, & a fortaleza ficaua muyto bẽ bastecida de mātãmētos. s. trigo, ligumes, arroz, mātêlga & carne: & bẽ prouida de muytas munições & d̃ muyta artelharia, & por seu alcaide mōr Francisco pantoia, & no mar ficaua por capitão mōr Duarte de melo cõ algũs paraos & fustas, de q̃ fi-

cauão por capitães algũs casados, & alficaua a nao lionarda, & ho rey peq̃no, & Sãcto spiritu pera as corregerẽ: & alli a rumela que fora tomada e Diu & hũa nao noua das de Goa que ainda estaua e picadeiros, & outro nauio nouo dos tureos que seria doytêta toncoys, cõ regimento aos capitães q̃ no começo do mes Dagoosto sayse logo fora da barra pera goardarẽ ho mar & fazerẽ presas, & assi deixou encõmendado ao capitão q̃ fizesse hũa torre em Benastarin pera defender a entrada aos mouros se quisessem por ali entrar, & a traga da torre ficaua a Thomas fernãdez: & no mesmo passo auia pedra laurada em abastãça. E prestes todas as cousas pa a partida do governador, ele se partio de Goa na fim de Março, & os capitães que hião coele, que hia em froel de la mar, forão Fernão perez na nao trindade, dom loão de lima na annunciada, Gaspar de payua em sancto Antonio, James teixeira e Sancta cruz, Bastião de miranda no bretão, Ayres pereyra na taforea, Jorge nunez de lião em Enxobrezas, Dinis fernãdez de melo na nao çabaya que os mouros fizerão em Goa, Pero dalpõem em sancta Caterina, Simão dandrade na joya, Antonio dabreu em Sanctiago, Nuno vaz de castelo brãco em sam Joã: tã bẽ naos de Goa, Duarte da silua na galé grãde, Simão martiz na pequena, Afonso pefsoa em hũa galeota de Goa, Simão Afõso besigudo em hũa carauela latina, Jorge borelho e hũa redõda, Pero da fonseca de crasto em sancta Maria dajuda, Simão velho de soure na garça: doutra sancta Maria dajuda Medafõso de tangere, Antonio de saa do rosayro. E aos dous dias de sua nauegação q̃ q̃ria dobrar os baixos de Padua, achou



ho vento tão ponteyro, & ho mar tão grosso que lhe foy forçado payrat. E sabendo ali por todos os piloros & mestres que não podia ir a Ormuz por aquele vento ser geral, arribou a Goa, & na barra fez conselho, em que se acordou: que por aquela armada não fazer tamanho gasto como faria se uernasse na India, seria seruiço delrey, ir a Malaca onde estauão os nòs catiuos, & a fazenda del rey tomada. E feyto d'isto assento que os do conselho assinarão, mandou ho governador dizer ao capitão de Goa, & mandoulhe mais algũa gente & dali se foy a Cananor, onde deixando por alcaide moor da fortaleza a Ruy galuão foy a Cochim, onde sabendo se que queria ir a Malaca ficarão muy tristes Cherinamarcar, & Mamalemarcar irmãos, por amor do trato que laa tinhão, & coeles tambem Antonio real & Diago pereyra, porque indo laa ho governador, & assentando feytoria ficauão eles sem mais trato: & por isso determinando de ho estoruar fizeram com el rey de Cochim que ho fosse ver a nao, & lhe conselhasse que não fosse a Malaca porque era a moução gastada & perdersehia, & quando não quisesse tomar seu conselho que lhe fizesse sobrisso requerimentos da parte del rey de Portugal, & eles não oufarão de os fazer, porque os ho governador não entendesse, porque sabião que era muyto prudente, & por isso entendeo ele muy bem os requerimentos del rey de Cochim quando lhos fez, & não quis se não ir. E porque pera ir a Malaca algũs nauios de sua armada que auião mester corregidos corrião risco de se perderem por nã saber se la ueria

onde se concertassem, deixou os Cochim cõ seus capitães, que forão estes, Pero dafonseca de crasto, Mẽ dafonso, Simão velho, Antonio de saaz & assi hũa nao noua que se fizera em Cochim, cuja capitania tinha Diago pereyra de Cochim, & tambem ficou Manuel de lacerda no cirne por capitão moor de todas com regimento que entrando Agosto fosse logo correr acosta de Calicut, & depois se fosse a Goa a iuntar com Diago fernã dez de beja, pera quem lhe deixou prouisam que com os seus capitães ho ouessem por seu capitão moor, & assi Duarte de melo & os outros que ficauão em Goa: & por amor da gente que ficou aqui lhe não ficarão mais que oytocentos Portugueses & duzentos piães gentios despadas, & eucudos, & frechas: com que se partio a vinte Dabril.

## Capitolo. Ij. Do

que aconteceu ao governador indo ca ninho de Malaca, ate achar el rey de Pacem.



Attido o gouernador de Cochim, seguindo por sua viagem, q queria acabar de passar a ilha d Ceilão, lhe deu hum temporal de vento com que se perdeu a galé de Simão martiz, a que Fernão perez dandra de acodio tão aliinha no seu batel que lhe saluou a gente toda, & assi hũ tiro d'artelharria cessando a tormẽta que se fazia leste oeste com a ilha de çama tra, topou hũa nao de Cambaya que



hia pera Malaca, & os nossos a tomarão por hir sem seguro do governador, que vendoha foy muyto ledo, porque teue sua viagem por segura de que hia muyto receoso que cuydaua pelo que lhe disserão em Cochim que não seria a moução verdadeyra, & costana nao assentou que ho era: & desta parajem donde se tomou esta nao ate aue rem vista da ilha de camatra, tomarão os nossos outras quatro naos també de Cambaya q̄ hião pera Malaca sem seguros, & todas leuauão muyta mercadoria & de muyto p̄ço. Tomadas estas naos foy o governador a ferrar ho porto da cidade de Pedir na ilha de camatra como ja disse, & elrey de Pedir lhe mandou noue Christãos dos nossos q̄ fugirão de Malaca, & hũ deles era loão viegas, que deu ao governador recado da amizade de parte del rey, & lhe disse que era grande amigo delrey de Portugal, & bem ho mostrara no boõ tratamento que fizera a ele & aos outros nossos despois que ali forão: & contoulhe como despois de Ruy daraujo lhesequer, matara elrey hõ Bédara por se lhe querer levantar com ho reyno, & mais queria ho matar, & na cõjunção de sua morte fugira de Malaca pera Pacem hum mouro principal dela que auia nome Nahodebuega sabandar dos guzarates, que fora ho principal que fizera levantar Malaca contra os nossos, & despois disso quifera fugir Ruy daraujo & os outros catiuos, & forão sêtidos na noyte em que ho querião fazer, & por isso se nã saluarão mais que ele cõ oyo, & Ruy daraujo ficou com cinco, & que outros erão ja tornados mouros & leuados fora de Malaca. E assentada a amizade com elrey de Pedir, partiose ho governador pera a cidade de Pacẽ

tambem na mesma ilha de camatra, & porque não pode fazer agoada em Pedir, mādouha fazer no reyno de Achẽ onde estaua hũa pouoação de pestado res, & forão a illõ dom loão de lima, Antonio dabreu, & Nuno vaz de camalelo branco nos seus bateys: & dom loão & Antonio dabreu leuauão as pipas às naos, & Nuno vaz ficaua em terra fazendoas encher a oyto marinheiros q̄ estauão coele. E partidos dom loão & Antonio dabreu com ho priméyro caminho, começa de sayr gente de hum mato, em que estaua hũa cilada de mouros & todos trazião armas. Nuno vaz como os vio sayr, mandou de pressa chegar as pipas que tinha ao mar, & cercandose coelas lhes ficou detras com os oyto que tinha pera se defender dos inimigos, de que sayo grãde soma da cilada, & comerẽão os nossos muyto riço com muytas frechadas, & cico deles que erão besteiros se defendião as seteadas, que se isso & as pipas não forão não escarpão segundo a furia dos inimigos era grande. E por Nuno vaz fazer sinal aa frota com hũa bandeira, lhe mandou ho governador acodir, & dom loão, & Antonio dabreu vendo a bandeira fizeram volta aa terra, posto que estauão perto da frota: & quando chegarão aueria quasi hũa hora, que Nuno vaz & os outros se defendião, & tinhão lhe feridos tres homens, & os nossos tambem ferirão algũs dos inimigos, que vendo ho socorro que vinha fugirão, & os nossos acabarão de fazer a agoada. E feyta ho governador seguiu sua rota & foy surgir no porto de Pacẽ, õde se deteu algũs dias pa saber se auia carga pa as naos da armada de diogo mēdez q̄ nã se achou:



assi pera quer del rey de Pacem Nahoda  
 beguea, que ele deseiaua dauar, & el  
 rey andou em dilagões, dizêdo qne ho  
 daria, ate que mādou dizer que era fu-  
 gido; & soubesse que el rey ho deixara  
 fugir pera ir dar auiso a el rey de Mala-  
 ca, pera por isso ho perdoar. E tambē  
 tinha ho governador vèdidas duas na  
 os das de Cambaya a el rey de Pacem  
 por vinte cinco mil cruzados, & dilatou  
 se tātō a compra que entēdeo que  
 ho nāo queriāo deter, & ficando coele  
 ē amizade sem mais detença se partio.  
 E nauegando ao longo da costa de çam-  
 matra tanto auante, como hūa ilha cha-  
 mada Poluoreyra, ouuerāo os nossos  
 vista dhū iungo grande que fazia mo-  
 stra de setecētos toneys, & por ho vèto  
 ser pordauante nāo poderāo as naos ir  
 a ele, & forāo por mādado do governa-  
 dor os bateys de dom Içāo de lima, de  
 Nuno vaz de castelo branco & de Di-  
 nis fernandez de melo sem os capitāes  
 hirē neles, somēte dō Içāo de lima, &  
 assi foy ho batel do governador & ho  
 de Pero dalpõem; & chegādo ao jūgo  
 hūs agora, & del pois outros se ajunta-  
 rā ao derredor dele dizêdolhe da parte  
 do governador q̄a maynasse, & mādaf-  
 se ho piloto ā capitania. Ho piloto q̄ era  
 ho capitāo & seño do iungo, & era jao  
 & os que hiāo coele q̄ ferião trezentos  
 homēs, disse que nā podia ir ā capitay-  
 na, mas que mandaria lā dous homēs,  
 & nāo deixaua seu caminho apercebē-  
 do os seus pa a peleja, & os bateys hiāo  
 coele. E vendo os nossos que os inimigos  
 nā amaynaūo, determinarāo de abal-  
 roar coeles. E chegādo a este tēpo Afō-  
 so pessōa na sua fusta, aferrou primey-  
 ro por que era mais alta que os bateys;  
 & sendo ele ho primeyro que quisera  
 sobir ao jūgo foy ferido em hūa perna

que os inimgōs lhe atrauestrarāo cō hūa  
 lança, tirando decima cō muytas & cō  
 outros arremessos, & defenderāo que  
 os nossos os nāo aferrāsem: & nisto a  
 nao de Pero dalpoem q̄ estaua pto do  
 iungo & lhe ficaua debaltrauēto (que  
 as outras estauāo a judauēto) foy sobre  
 ho iungo & quisera abalroar, mas nā  
 pode, & dizē que por culpa do piloto  
 & do que hia ao leme, & escorrēdo ho  
 iungo ficoluhe ajudauēto & nāo pode  
 mais tornar sobre ele, & assi anoyteceo.  
 E sabēdo ho governador o que passaua  
 tēdo ia tempo pera isso, ao outro dia ās  
 dez horas ho foy aferrar, & entrarāo  
 os nossos os inimgōs por mais que se de-  
 fenderāo, & em entrādo matarāo obra-  
 de corenta & ferirāo muytos, & os nos-  
 sos erāo duzentos homēs, de q̄ morre-  
 rāo tres. Os inimigos que se virāo tratar  
 tātō mal, ordenarāo hū fogo artifizial  
 cō azeyte de terra, & outros matecais  
 que fazē grāde labareda mas nā quey-  
 ma tanto como parece. E isto fazē quā-  
 do se vē em taes apertos. E auisado ho  
 governador disso leuaua ho seu batel  
 muy bē esquipado com hū cabo dado  
 pelos escouuēs, cō tal recado que poē-  
 do os inimigos ho fogo se podesse logo  
 desaferrar, & assi ho fez recolhendo se  
 os seus na nao. E desaferra do ho iungo  
 os inimigos apagarāo ho fogo; & apar-  
 tādose hū pedaço da frota surgirão, &  
 assi surgirão os nossos muyto perto de  
 les. E nisto appareceo hūa pangeiaoa q̄  
 sam hūs nauios daq̄la terra cōprirlos  
 & rasteiros, veleyros & remeyros em  
 estremo, & nesta hia Nahoda. E auēdo  
 os nossos vista dela, mādou o governa-  
 dor a Nuno vaz, & a Ayres pereyra  
 q̄ a fossem tomar; & forāo, & Ayres pe-  
 reyra chegou primeiro no seu batel; os  
 marinheiros q̄ nahoda vēdo os nossos

ir pa  
 pro  
 rāo  
 fos,  
 uo n  
 hūa  
 & n  
 faba  
 quā  
 & p  
 ferir  
 te o  
 de t  
 de r  
 que  
 gou  
 a de  
 tost  
 bra  
 rec  
 hiā  
 Ma  
 no h  
 Nu  
 de  
 nau  
 mo  
 gior  
 o g  
 q̄ f  
 se c  
 d h  
 fas  
 mi  
 ma  
 do  
 nā  
 hiā  
 rel  
 sal  
 hū  
 tra  
 hū



ir pareles lançátle logo ao mar q̄ era pto de terra, & ele ficou só & só pelejou rão brauamente que ferio todos os nosos, & de muyto ferido cayo ainda viuo nem moíreote que lhe não tirarão hũa manilha que trazia em hũ brago, & nela andaua hũ osso que se não pôde saber de que era, fomite dizerle que quẽ ho trazia nã podia morrer a ferro & parecia ser assi segundo as grandes feridas q̄ tinha aq̄le mouro, cuja morte o governador tomou por boa estrea de sua empresa, porque ele fora causa de matarẽ os nosos em Malaca, & por que se a paguejaoa não pode levar ao governador foy queymada despois de a despejarẽ. Estando os nosos assi surtos sem hirẽ ao jungo q̄ eles chamaũo brauo por quãõ bem se defendera, apareceo outro q̄ era de mercadores, que hião de Ceilão & Choramandel pera Malaca, & forão a ele dõ Ioão de lima no seu batel, & Anrique de saa no de Nuno vaz de castelo branco, & Bastiã de miranda & Simão a fonsõ nos seus nauos, & ho jungo amayneu logo como lhe mandarão q̄ amaynasse & surto jũto da poluoreyra. E surto mãdõ o governador meter nele a Ioão viegas q̄ fez quadrilheiro pequeno, & achou-se que estaua carregada de roupa fina & Paleacate & ã begala, & doutras coufas q̄ forã aualiadas em cẽto & cincoẽta mil cruzados; & nisto pareceo outro ao mar, & Nuno vaz foy a ele por manda dõ do governador, & como era tarde não pode chegar se não noyte, & os q̄ hião nele nã quiserão amaynar. E apatelhã dose Nuno vaz pa pelejar coeles, saltou ho capitão & outros muytos em hũ parao grande, & em hũa almadia q̄ traziaõ por popa, & saluaran se leuãdo hũ cofre com quatorze mil cruzados,

segundo se despois soube doutros que forão tomados no jungo, em que ainda se achou fazenda que foy aualiada em vinte mil cruzados. Eleuado ho jungo ao governador, soube dalgũs que ficãrão nele que Rey darauo era viuo, & despois da fugida dos outros nosos el rey de malaca quísera por força fazer mouro a ele & aos que ficarão ate fana rẽ algũs deles, & q̄ passarã muytos tormentos porque negassem a fé de nosso seõor Iesu Christo,

Capit. liij. Do cõcerto que ho governador fez com el rey de Pacẽ despois de hõter em seu poder, & de como chegou a Malaca.



Mtodo ho espago que ficou deste dia despois que ho governador se desaferrou do jungo brauo, ele nẽ outro nenhũ capitão o poderã tornar a abalrroar, & por q̄ por a noyte que sobreueyo não podia ser se não ao outro dia, encomendou a todos os capitães que vigiassem com muyto cuydado que se lhe não fosse, porque determinaua de ho queymar se ao outro dia se se lhe nã entregasse, & eles teuerão tãta diligencia em fazelo fazer, que parece que desesperando os do iũgo dese saluar. E sabendo por Fernão perez dandrade que naquela frota hia ho gouernador, determinarão de se lhe entregar, pera o que ho outro dia quasi aas dez horas se meterão dous deles no parao do jungo, & foran se ao gouernador, a que disserão que não sabião que ele ali hia porque se ho souberão logo se lhe entregarão, & agora q̄ ho sabião ho fazã; o q̄ soubesse q̄ eraõ



mercadores de Pacê que vinhão com mercaderia da outra banda da ilha de çamatra, q̄ lhe pedião que goardasse a paz & amizade que eltaua assentada com el rey de Pacem auialannos. Ho governador porque viu q̄ão beam se os do jugo defenderão, & q̄ ho trajo da q̄les que lhe saluaõ não era de mercadores, pareceolhe q̄ era gente q̄ hia e ajuda del rey de Malaca, & mais por a sospeyta que teuera del rey de Pacem q̄ ho quisesa deter, & por isso apartou a q̄les dous homẽs, & preguntoulhes q̄ gente erãõ, dizẽdo q̄ lhe dissẽ se a verdade, se não q̄ ficarão obrigados a grã de castigo, por q̄ ele sabia algũa cousa do q̄ preguntaua: eles parecẽ dolhes q̄ era alli, lhe disserão q̄ na q̄le jugo hia ho verda deyro rey de Pacê a pedir ajuda aos señores da ilha Dajao, pa q̄ ho restituysẽ em seu señorio q̄ lhe tinha tomado a q̄le que se chamaua rey de Pacê, que sãdo governador de çoltãzina (que alli se chamaua ho rey q̄ hia no jũgo) se leuãtara cõ a terra, porque çoltãzina queria gouernar ho reyno sem ele entẽder nisso, o que ele não queria senã q̄ estue�e mettido em hũa casa como statua, & por isso ho deitou fora do reyno cõ ho muyto fauor & ajuda q̄ teue pa isso: & q̄ a detença q̄ ho rey de Pacê quisesa que ho governador fizera e sua terra fora por q̄ não topasse cõ çoltãzina, temendo q̄ se cõcertasse ecele, & se fizesse vassalo del rey de Portugal por q̄ ho restituysẽ em seu reyno. O q̄ sabido polo governador folgou muyto cõ a q̄le acerto, & logo assentou de restituyr çoltãzina em seu estado se ele quisesse ficar vassalo del rey, seu señor & seu tributario. E coesta determinação ho mandou visitar por Fernão perez dan drade, & por ele lhe mãdou hũ presẽte

dandosse por muyto seu amigo pera o q̄ lhe dele cõprisse, & q̄ ho mesmo fizera logo como ho achou se lhe dera aconhecer, mostrando que lhe pesaua muyto do mal q̄ fora feyto aos seus, o q̄ lhe ele teue muyto em merce desculpãdose de ho não ir ver por estar doente. E por isso, & porque ho governador o queria granjear pa ho atraher a restituyr se por ele em seu señorio, & ficar por isso vassalo del rey seu señor ho foy depois ver, & ele lhe disse ho mesmo que lhe mandara dizer, & q̄ teria a cidade a obediência del rey de Portugal, & lhe pagaria cadãno pareas; & ho governador lhe deu palaura de ho fazer, por q̄ a fora a causa q̄ ho obrigaua como disse, ficaua el rey de Portugal cõ grande credito na q̄las partes, & mais era Pacê a pricipal cousa de çamatra, & muy importante ao trato de Malaca por amor da pimenta. E assentada esta amizade ficou çoltãzina por seguro na companhia do governador, q̄ se lhe acõtecer mais outra cousa q̄ seja de cõtar, seguio sua viajẽ, & foy de mãdar os baixos de Capacia, & não entrou por õde etrou Diogo lopez desiqueyra quando foy a Malaca, se não polo canal dos jungos q̄ he de doze braças peracima, & dali foy ter ao porto de Malaca ho primeyro dia de Iulho, õde achou muytos jũgos de diuersas partes da q̄la banda do sul de q̄ Malaca he a mayor escaia, & alli a uia naos doutras partes da bãda do norte; & ho governador surtiõ jũto da ilha das naos, que como disse e stã hũ tiro e bõbarda da cidade, õde foy grande aluoroço cõ sua chegada, principalmẽte nos mouros que estãõ no mar, temẽdose que lhes fize esse algũ dãno: o que ele podera fazer, mas não quis por a bõbarda mais a el rey de Mala. pera que

por b  
estau  
go lo  
muyt  
E con  
talec  
mulo  
dolhe  
do que  
ra, ta  
Bend  
fo, de  
despe  
conã  
ga ele  
manã  
se: &  
ou de  
cufac  
muy  
ter a  
goue  
seulp  
ouue  
fos q  
el rey  
Bend  
ra ao  
culpã  
no q  
paz  
& qu  
carg  
por  
mer  
laca,  
nem  
nãõ  
zenã  
bãda  
prop  
se ro  
Chr



por bẽfica sem amigos, do que el rey estava bem fora, porque da ida de Digo lopez de siqueyra a Malaca perdeu muyto ho credito da valẽtia dos nossos. E com tudo porque nõ estava tão fortalecido como lhe era necessario, dissimulou com ho governador mandando-lhe dizer que a elle lhe pesara muyto do que fora feyto aos nossos em sua terra, tanto que mãdara por isto matar ho Bendãra que fora ho culpado neste caso, de que nunca soubera nada se nõ despois de feyto, que se ho soubera nõ consentira que se fizesse. E porque quiga ele nõ saberia como isto fora, lho mandaua dizer pera que ho nõ culpasse: & tambem pera saber se hia de paz, ou de guerra, porque pera paz erã escusadas tantas naos: & que ele estava muyto prestes pera a receber, & pera ter amizade cõ el rey de Portugal. Ho governador posto que lhe pareceo a di sculpa enganosa, recebeu ha porque ouuisse Ruy daraujo & os outros nossos que estauão castiuios, & respondeo a el rey que ele sabia bem que a morte de Bendãra fora pela treycão que ordenara aos nossos, & sabia q̃ ele tinha toda a culpa, & por isto lhe nõ daua nenhũa nõ que era feyto, nem hia se nõ pera paz & pera guerra a quem a quisesse: & que as naos que trazia nõ erã de carga se nõ da governança da Índia: porque leuauão muytas & muy ricas mercadorias, & q̃ valia muyto em Malaca, mas q̃ ele nõ auia de falar na paz nem a consentir nenhũa amizade ate lhe nõ serem entregues os nossos, & a fazenda del rey seu senhor que fora roubada. Ao que el rey respondeo fora de proposito, dizendo que a fazenda que se roubara fora muyto pouca, & que os Christãos deles morrerãõ & outros se

tornarãõ mouros, & erãõ espalhados por diuersas partes, que era necessario tempo pera os muer: que ele faria de maneyra que tudo se fizesse à sua vòtade, & nõ se passou mais este dia. E despois q̃ foy noyte forãõ falar ao governador cinco capitães chis de cinco jungos da China que estauão no porto, & disserãõ lhe que tanto que ele chegara, que logo el rey de Malaca lançara mão de les, & de todos os capitães estrangeiros que estauão em terra, & alli de sua gente, pera que ho ajuntassem a pelear cõ os nossos, & que eles teuerãõ maneyra pera fugir, porque nõ queriãõ ajudar el rey, que lhes tinha roubada sua fazenda como tirino, & homem sem verdade: & sobriõ lhe mandara aquele dia reter dous jungos pera a guerra que esperaua, & era certo que auia de querer, porque na cidade auia vinte mil homens, & os dez mil muyto bõs de guerra & bẽarmados, & de laudeys, de laminas, de espadas & escudos que lhe leuarãõ os guzarates, & a fora estes vinte mil que erãõ naturays, sem que tambem entrãuão muytos jaos, auia muytos turcos, rumes, coraçones & persianos, que erãõ muy bõs frecheiros, & mais tinha el rey vinte alifantes de guerra, & por isto a nõ duuidaria quando a quisessem ecele. Ho governador folgou muyto com estes capitães chis, & agardeceo, & lhe muyto ho auiso que lhe derãõ, & prometeo lhes de lhe restituyr os seus jungos, quer el rey de Malaca quisesse paz quer guerra, & eles se lhe offererãõ pera ho ajudar.

Capitulo, liij. De como Ruy daraujo a uisou ho governador de tudo quãto el rey de Malaca dereterminaua, & do mais que succedeo.



**D**Es pois destes recados dante  
ho governador, & elrey, se pas-  
sarão dous ou tres dias q̄ lhe el  
rey nã mãdou nhũ o q̄ ele teue logo a  
mao final, mas dissimulaua pa ver se  
podia auer por bẽ os nossos. E nestes di-  
as lhe mãdou Ruy daraujo recado por  
intercessã de Ninachatu q̄ sempre lhe  
fizera muyto boas obras: & por este  
lhe escreueo q̄ soubesse certo q̄ elrey d̄  
Malaca sabia quantos Portugueses tra-  
zia & quantos malabares, & que tinha  
em muyto pouca cõta sua armada por  
amor do grande poder de gente que ti-  
nha que era tanto como lhe os chatins  
tinhaõ dito, & q̄ todos os estrangeiros  
trabalhaõ muyto com elrey que nã  
fizesse paz coele, porque nã auia dou-  
sar de cometer a cidade com tão pouca  
gente, & que vinda a moução de se tor-  
nar pera a India se tornaria: & posto q̄  
oufasse de a cometer que lhe nã desse  
disso pois tinha gente em abastança  
pera se defender, porque nã auia ali  
nenhũ que nã morresse sobrisso, & q̄  
nã gastasse quãto tinha. E os mouros  
de Cambaya insfistão nisto grãdemẽ-  
te, & pera ajuda da defenfa da cidade  
lhe derã corenta bombardas, & ajuda  
uaos ho seu xabandar q̄ era estante de  
todos os mercadores de Cambaya, pel-  
soa muy principal e Malaca, & de muy-  
to credito com elrey. E os mouros ma-  
layos lhe persuadião ho mesmo p̄ seus  
cacizes que sobrisso lhe fazião muytas  
pregações, dizendo que os nossos erã  
arrenegados, ladrões & querião senhe-  
rear todo ho mundo, & como assental  
sem em Malaca nã auião mais de dei-  
xar tratar nela os mouros & auião de  
tomar a terra pera si: porque dessa ma-  
neyra ho tinhã feyto na India, por is-  
so que os nã recebesse em sua cidade

nem fizesse paz coeles. E a fora todas  
estas persuasões peitarão a elrey tão  
grossamente que a fora ele de si fer mal  
inclinado pa os nossos, se inclinou muy-  
to mais, & desejava de os destruyr. E  
mandara logo recado ao seu lasamane,  
que era almirante do mar, que andaua  
correndo a costa com grãde frota, que  
se fosse a Malaca & desse supitamente  
na nossa & a queymasse, & que algũa  
de pãgueiaos que estaua da pôte pera  
dentro sayria naquele instante, pera q̄  
tomassem os nossos no meyo & nã fi-  
casse nenhũ, & entre tanto elrey se for-  
talecia de trãqueyras & cauas, & que a  
fora a gẽte que tinha & alifantes, tinha  
oyto mil tiros de fogo antre bõbardas  
& espingardões, & pera ho deter ate  
que viesse ho lasamane dissimulaua co-  
ele, por isso que se nã ofiasse em suas  
palavras, nẽ falasse na paz ate nã ser  
entregue dele & dos nossos que estauã  
catiuos, & da fazẽda que fora tomada,  
porque sem elrey fazer primeyro esta  
entrega nã auia dauer paz nem ami-  
zade, nem fizesse conta dela. E isto vio  
ho governador claramente porque el-  
rey insfistia em fazer paz sem entregar  
os nossos nem a fazẽda, & tâtas vezes  
falou nesta paz sem fazer o que lhe ho  
governador pedia, que ele lhe mandou  
dizer que lhe nã parecia boõ final de  
paz ter por forza os nossos, porq̄ el rey  
de Pedir que tinha noue que serãõ ter  
coele fugidos, como fora em seu porto  
lhos mandara a nao antes de lhe falar  
em paz, & ele nã o queria mandar os q̄  
tinha q̄ escaparão da destruição q̄ Be-  
dara mãdou fazer neles. Ao q̄ elrey deu  
algũa escusa, & insfistido q̄ se fizesse as  
pazes primeyro. E coisto armauãse pã  
guejaos, & sayãõ fora da pôte como q̄  
fazião mostra & logo se tornauã pera

detro  
artelh  
dissim  
enten  
mo fe  
a peles  
pitães  
mado  
rãõ de  
armac  
& se te  
mand  
sua ida  
colher  
nou ai  
dor os  
ele lhe  
zes: ac  
forãõ  
saria, e  
mas se  
guro a  
causa p  
españ  
queles  
de, & c  
de fala  
que fo  
cõ os f  
que pe  
naque  
ponde  
tro dia  
gouer  
lo era  
digo, e  
lhe ma  
nãõ de  
is, que  
lecia ju  
do que  
o que l  
lhe fal



détro, & em saindo desparaua muyta artelharia na cidade. E ho governador dissimulaua a tudo fazendo q̄ ho não entendia. E hũ dia porque soubesse como se auia dauer com a cidade se viesse a pelejar, mandouha ver por quatro capitães, que forão em quatro bateys armados ao lógo da ribeyra, a q̄ logo sayrão de détro do rio vinte paguejacas armadas. Ho go governador q̄ as vio, & se temeo q̄ pelessem cõ os nossos, mandou em seu socorro outros, & cõ sua ida se tornarão as paguejacas a recolher détro no rio; & despois d'isto tornou ainda el rey a mandar ao governador os mesmos recados que dantes, & ele lhe respondeo como das outras vezes: acrecétando mais que se os nossos forão tomados e guerra, ou por represaria, q̄ se não espantara de os não dar, mas sendo tomados debaixo de seu seguro andãdo desarmados, & sem auer causa pera que os espedaçassem que se espantaua muyto de não querer dar a queles q̄ escaparão pois req̄ria amizade, & q̄ ho defenganaua que não auia de falar nela ate lhos não entregar, & que soubesse q̄ leuaua muyto trabalho cõ os seus q̄ ho importunauão muyto que pelejasse pois não auia concrusa naquele negocio. Ao que el rey não respondeo, & logo se passauão tres ou quatro dias que não mãdaua recado. E ho governador ainda q̄ entedia que aqui lo era desprezo sofriao por amor do q̄ digo, & assi porque el rey de Portugal lhe mandaua q̄ não fizesse guerra, se não despois q̄ de todo não podesse mais, que se isso não fora nem a ele lhe falecia juyzo pera entender ho pouco me do que el rey auia dos nossos, & q̄ tudo o que fazia era pera escarnio deles, nẽ lhe falecia animo pa se vigar por guerra,

& assi lho aconselhauão esses capitães homẽs mancebos desejosos de pelejar polo seruiço de Deos & del rey de Portugal, & dizião que se não auia de sofrer tanto desprezo, & que tẽpo era que se vingasse a treição que fora feyta a Diogo lopez de siqueyra. E ho governador dissimulaua, alegãdo ho regimẽto que tinha, dizendo que quando de todo em todo el rey não quisesse o que lhe pedia q̄ então se vingaria. E vendo coltanzina tamanha dilacão, cuydou q̄ ho governador auia meço de pelejar com a cidade, nem menos teue que poderia escapar que não fosse tomado, & por isso fugio & se foy pa el rey de Malaca, & assi fugio a mais da gẽte q̄ estaua coele, q̄ ho governador sentio muyto, & logo soube que coltanzina estaua com el rey por auiso de Ruy daraujo, q̄ ho auisaua de quãto se fazia na cidade; & isto por meyo de Ninachatu.

Capit. lliij. De como Fernão perez d'adrade com outros capitães poserão fogo à cidade por mandado do governador, pelo q̄ el rey lhe mãdou logo Ruy daraujo & os outros nossos.



ntendendo ho governador ho mau proposito del rey, & determinando de lhe fazer alguma mostra de guerra pera saber que forças erão as suas, quis primeyro dar cõta disso a Ruy daraujo & aos outros, & esforçalos, temendo que receberião dos inimigos algum dano; & escreueolhe hũ carta, cuja sustancia foy, que ele era obrigado a morrer em iusta guerra por seruiço de Deos, & del rey de Portugal, seu seõor & que aquela era



muy justa, pois via bem a determinação do rey, a que era necessario defenganalo com lhe por as mãos: & que se por isso ele com os outros corresem algũ perigo que ouuessem paciência. Ao que Ruy daraujo respondeo como caualeryo, & como Christão, & dizia q̃ não quisesse nosso senhor que a nossa armada recebesse reues nem abatimento por se dar vida a ele & aos outros, q̃ erãõ obrigados a morrer polo seruiço del rey de Portugal, cujos vassallos erãõ: que qualquer perigo q̃ padecesse ho to maua das mãos de nosso senhor, & ho auia em boa ventura, que soubesse certo que elrey de Malaca não queria paz por lho estoruaem os estrangeiros & os guzarates de Malaca, por isso q̃ lhe possesse as mãos, & que fosse logo, por que quanto mais tardasse, tanto mais daua lugar a elrey que se fortalecesse. Mostrada esta carta polo governador em conselho, posto que ho parecer de todos foy q̃ dessem logo nacidade, quis ele primeyro fazer hũ requerimento a elrey, & apos isso algũa mostra d' guerra, resumindo no requerimento (q̃ foy affinado por ele & per todos os capitães) o que fora feyto a Diogo lopez de si queyra, & as delongas que fazia sobre a entrega dos nossos & da fazêda: certifiçandolhe que pois os não queria entregar q̃ lhe auia de fazer todo ho mal que podesse, defenganandoho que as naos que leuaua na sua armada não agoardauãõ moução, nem perdiãõ viajem, nem queriãõ carga, nãõ deixauãõ tomar aos inimigos del rey seu senhor, porque como lhe mandara dizer erãõ da governança da India, por isso q̃ lhe não daua estar ali mais dous annos que dez, & que se não quisesse se não guerra que fosse certo que auia de perder

seu estado, & que sua fosse a culpa, por que não podia ter coele mais cõprimẽtos dos que ateli teuera, & que do que a uia de fazer, lhe daua por final mudar hũ anel dhũ dedo ao outro, q̃ logo mandou perante ho mestejeiro del rey de Malaca, por quem lhe mandou esse requerimento. A que elrey respondeo q̃ ho seu coraçãõ era boõ, & que ele não tinha em conta Ruy daraujo nẽ os outros, & q̃ logo os mandaria: & nãõ hiãõ com a reposta, porque lhes ficauãõ fazendo de vestir, & q̃ entre tanto mandasse tirar as nossas naos diante do porto, pera lhe parecer que nãõ estauãõ de guerra: & assi outras palauras boas, de que ho governador fez muy pouca cõta, por q̃ todas lhe parecerãõ enganosa. Porem porque elrey não tiuesse achaque de não afastar os nossos & a fazêda, mandou afastar os navios de diante do porto, & esperou cinco ou seys dias sem elrey comprar o que dissera, antes como ho governador soube por Ruy daraujo nestes dias, mandou assentar sua artelharia em todos os lugares, de que podia offender aos nossos. O que sabido polo governador, mandou a Fernão perez dandrade, em q̃ tinha muyta confiança, que com dez capitães outros fossem em seus bateys a queymar algũas casas dos inimigos que estauãõ metidas no mar, & alli a tres naos de Cãbaya, por q̃ os guzarates perdesse a cõfiança que tinhãõ de levar sua carga nem trabalhasssem por estoruar a paz. E vinda a preamar, partiose Fernão perez com os outros capitães, & pegados cõ as casas derãõlhe fogo: & começãõ darder mandou elrey com muyto grã de pressã Ruy daraujo & os outros, mandando dizer ao governador q̃ lhe não fizesse guerra, pois que nãõ queria se nãõ

paz, &  
go, que  
queym  
disse ac  
rey diz  
mada  
jar c m  
ra el re  
se ho g  
com os  
fusta,  
pangu  
os seus  
fama  
dor con  
dou ces  
se poset  
sas que  
reuolta  
os dous  
migos  
disse ao  
fazerẽ  
pedia n  
gũs dia  
nossos,  
ca pera  
eles fiz  
del rey  
uirião  
estauãõ  
nhãõ ce  
lejasse,  
& os no  
ca, que  
catrega

Capito  
ue  
101  
qu  
seu  
102



paz, & que a fazenda ele a mandaria logo, que mandasse aos nossos que lhe não queyram a cidade. E Ruy daraujo disse ao governador, que tudo o que el rey dizia erão mentiras, & que a sua armada de panguajoas não foyra a pelear com os nossos bateys, porque ouuera el rey medo que entre tanto lhe fosse ho governador tomar a boca do rio com os outros bateys, & com a galé & fusta, & forçadamente pelessem as panguajoas; & que ele não queria que os seus pelessem no mar sem ho Lamasane. E com tudo por ho governador cumprir de todo com el rey, mandou cessar ho fogo das casas, porem que se possessem as naos de Cábaya pelas causas que digo, & assi foy feyto. E nesta reuolta mandou ho governador tirar os dous jungos dos chins donde os inimigos os tinhão, & mandou-lhos dar; & disse aos capitães que estauão liures pa fazer o que quisessem, mas que lhes pedia muyto que se deixassem estar alguns dias pera verẽ como pelejauão os nossos, & hofim que auia dauer Malaca pera leuarem nouas a sua terra. O que eles fizeram dizendo que erão vassallos del rey de Portugal, & que õde lhe seruirão serẽ remidos por seus vassallos que estauão prestes com sua gente que ja tinhão cobrada pera ho seruirem se pelejasse, & que se a vitoria ficasse coele & os nossos teuessem assento em Malaca, que cadanno virião a ela cem jungos carregados da China.

Capitulo. lv. De como vendo ho governador que el rey de Malaca queria coele guerra, assentou com seus capitães de dar na cidade.



Obrado Ruy daraujo & os outros nossos, mandou ho governador dizer a el rey que dali por diate tomaria conculam na paz que assentaria com certos apontamẽtos que lhe mandou, de que erão os principais, que lhe auia de dar lugar pera fazer hũa fortaleza, porque pelo que fora feyto a Diogo Lopez não oufaria de deixar feytoria em Malaca, se não em fortaleza; & que auia de pagar a dinheiro a fazenda que fora roubada na nossa feytoria; ao que el rey respondeo que tudo faria, mas nunca o quis cumprir, nem nunca mais madou sobrisso nenhũ recado ao governador, & por seu mandado leuauão a vender a frota algũa especiaria & hũ papo dal mizque, & algũas galinhas; & as vezes como que fazia escarnio do governador hia hũ daqueles que lhe leuarão ho deradeyto recado, & falaua-lhe em outras cousas muyto fora da sustancia do recado que lhe leuara, & muyto esquecido de responder a bem de feyto, & isto tãsem nenhũa vergonha, como que ho governador fora algũ doudo, & ele se espataua de tamanho desauergonhamẽto, & de tanta soberba como el rey lhe mostraua, não samente nisto, mas em foyre algũas vezes as panguajoas fora da ponte com muytos espingardões tirados por cada parte, outras apareciã todas as estancias embandeiradas, & desparaua toda a artelharia, & outras vinhão echadiços da cidade, que dizia ao governador que auião logo de chegar ao porto tantos jungos armados, que el rey mandaua vir pera ho goardarẽ; & tudo isto pera ho espantar & se ir. E tantas sobraçarias recebo, que não podendo mais sofrer, determinou de romper a guerra com el rey, & pera saber que



modo tinha de defensam, & que soma de gente tinha, & onde estaua sua artilharia assentada, mado dar na cidade hũ rebate com bateys armados de bõbardas grossas, & assi duas barcaças cõ pridas q̃ tinha tomadas. E neste rebate se vio que acodio da banda do norte onde estaua a pouoação dos mercadores muyto mais gête, que da banda do sul onde moraua el rey, & que a ponte era ho lugar mais forte, & em que el rey tinha mais confiança, por ele estar ali cõ a sua principal gente de guerra & com seus alifantes, & estar pegada cõ a pôte a sua mezquita, que dizia Ruy daraujo que era hũ lugar muyto forte pera os inimigos: & tambem pera os nollos se lha ganhassẽ, porque podião segurar sua embarcação cõ pequenas traqueyras, & ficaua em sua mão poderem pelejar com a gête da pouoação grande, ou cõ a da pequena onde moraua el rey: & en trãdo por outro cabo acodiria todo ho pouo de Malaca, que era tamanho como ja disse, & mais ganhada a ponte ficaua a força dos inimigos partida em duas partes, & hũa não podia socorrer a outra, se não pola ponte, que cem homẽs poderião defender despois de ganhada a quanta força de gête os comettesse, fazêdo como digo hũa tranqueyrã pequena. E dizia mais Ruy daraujo ao governador, que se hũa vez ganhasse a ponte que não lhe seria necessãrio pelejar mais porque el rey se lhe entregaria: mas se gũdo se despois vio, não foy assi, nẽ Ruy daraujo não sabia isto tambẽ como lhe parecia, & os capitães dos Chins que estão melhor instrutos na força d̃ Malaca, & vião a dos nollos quam pouca era a seu respyto por serem as dezanouẽ partes da gente me nos que os inimigos: cõselhauã o ao go-

uernador q̃ não sayse em terra, dize dolhe a grande força de gente que auia nela, que melhor tomaria os inimigos a fome, porque como na terra não auia mantimentos de sua colheita, se lhe tolhesse ho carroto que lhe hia por mar, não terião que comer & entregar se lhe hão. E porque isto era cousa muyto cõprida, & ho governador tinha necessidade de tornar à India na moução não quis esperar tanto, & chamando a conselho, disse aos que se ajuntarão q̃ lhe disse sem se auãdo de pelejar, porq̃ ele tinha pera si que não deuia de poyar a terra, se não auendo de fazer fortaleza de qual quer maneyra que podesse ser, porque se não podia segurar Malaca doutro modo: porq̃ pera assentar feyteria sem fortaleza e poder de tão maã gente como a de Malaca, lhe não parecia seruiço del rey seu senhor, & lhe parecia muyto grande ter ele feyteria em Malaca por ela ser esca de todo mũdo & tão principal como sabião: por isso que lhe disse sem todos seus pareceres. E todos forão de cõmũ acôrdo que se deuia de castigar el rey de Malaca, & derribar se sua soberba, & se se pedesse fazer fortaleza, q̃ se fizesse porq̃ feria muyto seruiço del rey d̃ Portugal. E coeste acôrdo, assentou ho governador que no dia seguinte, que erão vnte quatro dias de julho vespera do aposto lo Santiago, em que ele tinha singular deuação, se desse na cidade, & antemã nhaã como ouuisset tanjer hũa só trõbeta se ajuntarão todos abordo da capitayna embarcados com sua gête nos seus bateys, & assi na galẽ & na fusta, & q̃ desẽbarcarião os capitães cõ a gête feyta em dous esquadroẽs, hũ em q̃ solem dom loão de lima, Gaspar de payua, Fernão perez dandrade, Iames tei

xeira  
barca  
a mez  
a banc  
tro cab  
E dese  
ua, Ior  
de, Ay  
nio da  
nande  
mão al  
castelo  
acodira  
dali lha  
fazer,  
a cidad  
faria. E  
como h  
de pele  
gente p  
decco,  
estaua  
ventur  
iuda sã  
obras c  
ou pelo  
ça em a  
em ter  
sem fen  
algũs d  
posesse  
mais pe  
lejar, p  
sem di  
empre  
pera a  
que os  
stauão:  
Capitã  
com  
& ar  
alção  
inoui



xeira & Bastião de miranda desembarcarião no cabo da pôte dõdestaua a mezquita & as casas delrey, & ele cõ a bandeyra real desembarcaria no outro cabo da ponte da banda da cidade. E desembarcarião coele Duarte da silua, Iorge nunez de lãõ, Simão dãdra de, Ayres pereyra, Iõã de souza, Antonio dabreu, Pero dalpõem, Dinis fernandez, Simão martiz caldeyra, Simão afonso besigudo, & Nuno vaz de castelo branco, & que desembarcados acodirãõ todos ao meyo da pôte, & q̃ dali lhes diria ho tempo que auião de fazer, porque como ele nã tinha visto a cidade, não se sabia determinar no q̃ faria. E sabido polos capitães dos Chis como ho governador tinha assentado de peleiar, offrecerãselhe cõ toda sua gente pera ho ajudarẽ, & ele lho agoardeceõ, & não quis dizeõ que a vitoria estaua nas mãos de Deos; & que se por ventura ele não sayse coela, & eles ho ajudassẽ, poderião despois receber mãs obras dos inimigos tornãdo a Malaca, ou pelo mesmofeyto tomarião vingança em algũa gẽte sua que ainda andaua em terra; & tambẽ não queria que fossem feridos em suas pessoas ou mortos algũs deles. Mas que lhes rogaua q̃ se posessem todos na galẽ que auia de star mais perto dõde os nossos auião de pelear, pera verẽ como pelejauãõ, & dessem disso nouas em sua terra, & q̃ lhe emprestassem as barcas dos seus sũgos pera a desembarcaçãõ dos nossos, porque os bateys da sua armada não abastauãõ; & eles ho fizeram assi.

Capit. vj. De como ho governador acometeo a cidade, & ganhou a pôte & a mezquita com grande destruyçãõ dos inimigos; & de como se tornou a frota, & a causa porque.



O outro dia q̃ foy vespera de santiago, chegarãse os capitães cõ sua gente a bordo da capitayna duas horas ante manhaã. E feyta per todos a cõfissãõ geral a hũ clerigo que os assolueo, abalou ho governador coeles; & em amanhecendo que os inimigos os virãõ ir, começãõ de tirar cõ sua artelharia q̃ tinhãõ assentada em suas estancias, de hũã & da outra bãda da pôte, & era tanta & tiraua tãõ a miude que fazia tremer ho mar & a terra, & tudo era cuberto de fumo. E certo q̃ nunca ate aquele dia despois que os nossos começãõ a conquista da India, cometerãõ cousa tãõ forte como estaua a quella ponte. Nẽ em que estauesse tanta artelharia, nem que teuesse tanta gẽte pera a defender, & tãõ determinada a morrer sobrisso como esta; & jugando a artelharia dos inimigos, receberãõ os nossos dela algũ dãno ate chegarem a terra, onde poyarãõ repartidos como estaua determinado dando hũs & outros hũã grande grita, & tanjẽdo as trõbetas, & os inimigos derãõ outra, tocãdo tambem seus instrumentos de guerra, que fazem hũ som aspero & espanatoso, & assi era a cousa muyto espãtoza, porque os inimigos erãõ muytos em demasia, & a mõs parte deles bẽ armados d'armas defensiuas, & todos deofẽstiuas, hũs cõ arcsos & frechas, outros cõ lanças & padeses tãõ compridos como os de Biscaya, & outros com zarauatanas cõ que tirauãõ hũas frechas curtas & delgadas emheruadas cõ tanta forza que logo trancauãõ; & as feridas destas sam sem cura. De todos estes generos d'armas forãõ os nossos bẽ seruidos despois que chegarãõ as traqueyras q̃



estauão dhũa banda & da outra da pôte, & em ambas a peleja foy muy crua, & durou hũ boõ pejaço que os ãmigos se defendião valentemete; & assi morrerão deles muytos, & muytos dos nossos forão feridos. E cõ tudo os q̃ hião com ho governador como erão mais q̃ os outros que pelejauão na outra tranqueyra da bãda da mezquita entrarão primeyro, & fizerão recolher os ãmigos à boca da rua principal da cidade, onde se teuerão, & se defendião com muyto efforço. Dõ loão de lima, Fernão perez, Gaspar de payua, Bastião de miranda & James teixeira como entrarão a tranqueyra da banda da mezquita forão dar cõ el rey, que vinha cõ muyta gente & a principal que auia na cidade, & trazia seus alifates armados cõ grandes espadas atadas nos dentes & seus castelos encima cheos de frecheiros, & el rey vinha encima dhũ de ftes alifantes diãte de todos; & foy este esquadraõ tão medonho que essa gẽte muda dos nossos auẽdo medo se começaram de retirar, & Fernão gomez de lemos & Vasco fernandez coutinho se deixarão estar quedos, & puserão as lãgas no alifante del rey, & feriranno tão mortalmente que por mais que ho mestre q̃ ho mandaua o quiser afazer passar auante nũca pode, antes ho alifante ho acolheo cõ a trõba, & holançou fora dele, & cõ grande fũria virou atras, & deu nos outros alifantes, & desbaratou os, & ele morreu; & aqui foy hũa muyto grande briga, porque vendo el rey, que ho alifante fugia, lançouse fora dele, & começou de pelejar: porque os nossos erão ja muytos, que acodio lo go dom loão de lima, & coel Martin guedez, & assi acodirão Fernã perez, Bastião de miranda, Gaspar de payua,

James teixeira, & sua gente vẽdo que seus capitães pelejauão. Dos ãmigos tambẽ auia muytos, & pelejarão muybrauamente, & forão mortos muytos, & el rey foy ferido em hũa mão de hũa lâçada, & saluouse polo nã conbecerẽ, q̃ doutra maneyra fora tomado, & forão feridos muytos dos nossos, principalmente os capitães & outros homẽs affinados que pelejauão na diãteyra; & como el rey foy ferido q̃ fugio, os seus se retirarão logo pera ho oyteiro onde estauão as suas casas, & fizerãse ali em corpo; os nossos os nã quiserão mais seguir, por acodirẽ ao governador que estaua em grãde aperto. Por q̃ ao tempo que os nossos começaram de pelejar cõ el rey, se apartarão dele tres capitães seus cõ obra de setecentos dos ãmigos, & acodirão à pôte pera a bãda da cidade & derão na trafeira do governador q̃ pelejaua cõ ramanho peso de gẽte dos ãmigos, que nẽ ele nẽ os seus se podião valer hũs aos outros. E sentindo eles os ãmigos que lhe dauão na trafeira, por q̃ se os seus nã desbaratastem, mandou a loão de lousa, Ayres pereyra de berredo, & a Antonio dabreu q̃ cõ a gẽte de suas capitãncias fizessem rosto aos ãmigos; & eles hofizerão cõ tanto efforço, que hofuerã o ho seu impeto que nã passassem da pôte. E estando nisto acodirão os outros capitães que desbaratarão el rey, ouindo a reuolta q̃ hia na pôte, & derã nas costas dos ãmigos cõ grãde grita, ferindo os muyto riço. E q̃ndo se eles virão tomados no meyo lançarãse todos ao rio cõ medo da morte, cuydando de se saluar, mas nã poderão por q̃ ho peso da mótante da goa que hia pera dẽtro os leuou todos a terra, & os nossos os matarão, & antreles forão os tres capitães del rey, de q̃ hũ a

uis no  
to pri  
todos  
rães a  
ua pel  
boca d  
ãmigo  
q̃ dad  
ou fãd  
forço;  
tirar p  
doutr  
migos  
qui pe  
teuera  
gouer  
sua ge  
dia vi  
cos tir  
partes  
mina  
bãda  
tranq  
ali tin  
sentar  
dos q  
la rua  
mend  
branc  
feyta  
meça  
migo;  
cidad  
tras p  
jauão  
ualos  
ros es  
terra  
& no  
quita  
outra  
muyt  
migo



uia nome Tuambãdam homem muyto principal & priuado del rey sobre todos. Feyto isto tornarão estes capitães a acudir ao governador que estava pelejando com ho corpo da gête na boca da prícipal rua da cidade por q̃ os inimigos como erão muytos, & viã apouq̃dade dos nossos faziã lhe rosto muyto ofadã mête, & pelejauão cõ muyto esforço; & todãuia os nossos os fizerão retirar pola rua a diante ate dar em bocas doutras ruas que sayão a ela, & os inimigos se meterão nelas. E vendo que a qui podião tomar os nossos no meyo, teuerãse muyto rijo. O que vendo ho governador, como sabia que el rey cõ sua gente ficaua do outro cabo, & podia vir sobrele; & por q̃ pera quão poucos tinha não podia entender em duas partes, recolheose à ponte com determinação de se fazer forte nela, & da bãda da cidade começou de fazer hũa tranqueyra cõ a mesma madeyra que ali tinhão os inimigos, & mandou assentar logohum par de tiros tambem dos que forão seus que varejauão aque la rua principal toda ao longo. E encomendou isto a Nuno vaz de castelo branco, & a lorge nunez de lião, & q̃ feyta a tranqueyra a guardarãsem. E começando estes tiros de varejar, os inimigos, se recolherão as outras ruas da cidade; & porem não deixauão por outras partes por onde os tiros não varejauão de dar rebates aos nossos, & toruualos do que querião fazer, & cõ muytos espingardões que tinhão sobre os terrados das casas lhefazião algũ nojo; & no cabo da ponte da bãda da mezquita, quisera ho governador começar outra tranqueyra, mas não pode polos muytos rebates que lhe dauão os inimigos. E os nossos andauão tão cansa-

dos ã pelejar, & tão desfueitados da noyte passada que se nã podião ter em pé, porque passaua de meyo dia & a calma era muyto grande, assi pola fazer como por se lhes dobrar cõ ho trabalho, o que os fazia enfraquecer, tanto que não auia quẽ os fizesse trabalhar, porque ja a natureza não podia soffrer mais trabalho & defalecia, & não auia cõ que lhes tornar as forças, porque como os bateyerão poucos pera a gente de sembarcar não ouue neles lugar pera mantimento, & tambem por ho governador polo dito de Ruy daraujo se confiar que se faria forte na ponte, & que dali mandaria por mantimẽto aa frota quando lhe fosse necessario; & mais q̃ como ganhasse a ponte el rey quereria paz. E quando vio que tudo era ao contrário do que trazia imaginado, deteminou de se tornar aa frota, porque peia mandar laa por mantimento não podia ser sem ir laa algũa gente, & qualquer que tirasse da que tinha, lhe fazia tamanha mingea que mais não podia ser; & pera se fazer forte na ponte não podia, porque gête tão cansada como a sua não podia fazer tranqueyras, & sem elas posto q̃ se recolheisse na mezquita sem mantimẽto, estava certa sua perdição, por quão certo tinha acodirem os inimigos sobrele, & por isso de terminou de se tornar aa frota. Mas nẽ por isso deixou de prouar se se podia fazer forte, animando os nossos a trabalharem. E vindo a viração, mãdou a Gaspar de payua que com cento dos nossos possesse ho fogo aa cidade daquela parte que estava junto da ponte, & ho mesmo mandou a Simão martiz que fizesse da bãda da mezquita onde estavam as casas del rey; & ambos ho fizerão assi, & dhũa bãda & da



outra arderão muytas casas, & nas del rey se queymou ho seu estrado, & hũa cadeira dourada, & muytas alcatifas, & cortinas de seda boriadas douro, & muyta riqueza. E êre tanto ho gouernador deu conta a algũs dos capitães de sua determinação de se recolher, dizendo as causas porque: & pois sabião por onde auião de desembarcar, & como auião de apercebidos, que esperaua em nosso senhor de tornarem muyto cedo a ganhar a cidade & ficar senhores dela. E parecendo bem aos capitães o que ho gouernador dizia, mandou fazer sinal de se recolherem, & seria ao sol posto, & ele foy ho primeyro q̄ se recolheo, porque vendo a gente q̄ se recolhia se recolhele logo, q̄ se del mandauão algũs a roubar, que roubarão duas casas del rey cheas de mercaderia, & isto leuarão da cidade, & setenta & duas bombardas que estauão naquelas estancias da ponte, delas de metal & outras de ferro, & hũas tirauã pelouro de ferro cuberto de chumbo, & outras de pedra. E isto feyto foy posto fogo aa mizquita, de que ardeo ho telhado q̄ era dola, & por dentro muytas obras que erão de madeyra: & assi foy queymada hũa grande casa de madeyra que estaua assentada sobre hum carro que tinha trinta rodas, cada hũa tamanha como hum quarto. E esta casa mandara fazer el rey de Malaca para andar nela pela cidade el rey de Pão que ele casaua com hũa sua filha, & tinha pera isso aparelhadas grandes festas, & hũa das inuencões dela era esta casa, que estaua toldada de seda por dentro, & embandeirada por fora, & toda ardeo. E vêdo el rey de Pão o que os nossos fizeram desta vez, fugio logo pera sua terra. Feyra esta destruição

que os nossos sembarcauão, acodirão os inimigos de todas as partes, & fizeram algum nojo de feridas, mas não enião nem dâtes não morreo nenhũ, & dos feridos tão pouco, se não dos que ferirão com setas heruadas, de q̄ morrerão algũs a que não fizeram logo de fenhuos, porque a Fernão gomez & a outros a que os fizeram viuerão, & os feridos passarão de setenta, & dos inimigos forão feridos sem conto & morrerão muytos.

Capitolo. lviij. De como hũ mercador jao principal homẽ de Malaca mandou pedir seguro ao gouernador, & lho deu, & de como ho gouernador mandou hum messajero a el rey de Sião.



Esta cidade como disse auia muytos Iaos, q̄ sam os mais valentes homẽs, & mais determinados de todas aquelas partes, & antes auia dous principais que auião nome, hũ Vtetimutaraja outro Quate patir: & estes competiã ambos sobre quem precederia na honrra, estado & valia, & Vtetimutaraja leuaua sempre auãtãjẽ em tudo por ser mais rico de dinheiro, que tinha mais jungos que Quate patir nem nenhũ outro mercador de Malaca, & tinha moor trato, & mais poderoso de gente, porque tinha feys mil homẽs Iaos seus catiuos os mais deles casados que morauão ao derrador dele, & dhũ seu gẽro & dhũ filho que tinha. Era tão poderoso q̄ el rey de Malaca lhe auia medo, & por isso ho amimaua muyto, & ho deixaua ter pouoaçã sobressi na pouoação dos mer



cadores, & por esta causa valia muyto mais sem preço que Quatepatir & desprezauase dele, que nunca lhe quis dar por molher hũa filha que tinha solteyra, & por todas estas rezões erão inimigos. E vendo Vtetimuraja ho desbarato q̄ os nossos fizeram na ponte, & que não aproueitou a elrey ter a gente que tinha pera lhes resistir, temendose que ho governador tomasse a cidade, & destruyse tudo, quis segurar-se pera isso, & mandou-lhe hum grande presente de sandolos & outras cousas, mandandolhe pedir seguro pera toda sua familia, assi na terra como no mar. E por ho gouernador saber sua valia & poder & ho ter de sua parte, lhe concedeo ho seguro com condição que não fosse cõ trele: & pera ainda ho mais segurar, & fazer dele amigo, ho mandou tambeem visitar com presentes, & por a mor dele não tocou em nenhum jũgo Dajaca. E posto que teue coele todas estas amizades, nem por isso ele deixou de dar ajuda a elrey de Malaca despois deste seguro. E mandandolho ho governador estranhar, respondeu que ele daua ajuda a elrey ainda que era pouca, & que ho fazia por ser estrangeiro, & não podia viver em Malaca se ho assi não fizesse. E com tudo ho governador lhe manta teue ho seguro por ter menos inimigos com que pelear. E segundo se despois soube Vtetimuraja nã pedia este seguro ao governador se não pera se poupar & ficar inteiro, porque esperaua cedo por hũ grande senhor Dajaca chamado Patehonum, que auia de ir sobre Malaca cõ hũa grande armada, que auia annos que fazia

pera a tomar, & fazer-se senhor dela, & pera isto mandaua diante tantos jaos a morar nela, & hão poucos & poucos pera dissimulação, porque quãdo fosse teuisse em terra grande corpo de gente que se leuantasse contra os malayos, & por esta rezão queria Vtetimuraja estar inteiro com seu poder: & tambem fazia conta que tão desbaratados podião ficar os nossos ou os malayos qualesquer que uencessem, que lhe seria facil couza acabar de desbaratalos com ho poder que tinha, & fazer-se senhor da cidade, antes que Patehanum chegasse, & coelsta determinação quis ho seguro. E ho governador por ter tambem de sua parte mercadores de Malaca, lhes mandou dizer por Ninanachatu que não q̄ria coeles nenhũa guerra, senão paz & amizade, & por amor deles não destruyra a cidade, & deixara de a roubar, porque esperaua de a foster coeles, o que eles creão ainda que não mandarão reposta: mas dali por diante aconselharão a elrey que fizesse paz com ho governador, & se lhe offercerão a pagar por ele a dinheiro a fazenda que lhe pedia. E elrey não quis assi por amor dos mouros estrangeiros lho contrariarem, como por ele se auer por muyto iniuriado dos nossos lhe entrarem a cidade, & tornou a reformat todas as estancias que tinha, & fazelas muyto mais fortes, & assentar nelas muyto mais artelharia da que tinhão dantes. E a rua principal da cidade que começaua da ponte, mandouha atalhar com hũa tranqueyra, em que tambem mandou assentar artelharia, & polos lugares por onde os nossos desembarcarão mandou meter



muytos abrolhos heruados : & pera mais animar os jaos liures que auia na cidade, mandoulhes pagar soldo. E de tudo isto foy logo ho governador a uisado por Ninachatu, o que quisera storuar q̄ não fosse auate cō mādār le uar hū jūgo grāde cheo de gēte & dar telharia; & mādou a Antonio dabreu q̄ hia por capitão q̄ fosse furgir junto da pōre, & dali desēdesse cō a artelha ria q̄ se não fortificassem os inimigos. Este Antonio dabreu era hū fidalgo da ilha da madeira, & por ho jūgo fer grāde não pode passar do banco com quantos remedios lhe fizerão, nem menos outro mais pequeno, porque erão ja as agoas quebradas, & foy forçado esperar pelas viuas. E vendo os Chins que a tomada de Malaca se dilataua, pedirão licença ao governador pera se hirem, & pediranlhe arroz, porque da cidade por causa da guerra não podião auer nenhum mātimento. E ho governador lho deu em abastança, & assi lhes deixou leuar a pimenta que tinhão nos seus jungos, posto que sabia que era dhū mouro malayo. E coestas honras & faoures que lhes ho governador fez forão os Chins muyto contentes & dauão muytas graças a Deos por os tirar do poder de tão maa gente como os mouros malayos, & promete rão ao governador, que se os ele san casse de Malaca que viria nela tanta riqueza dos Chins que se espantasse, porque polo mao trato que recebião dos mouros não vinhão ja tantos jungos como soyão. E porque hum senhor destes jungos que auia nome Pulata auia dir a cidade de Sião fazer mercadoria, lhe rogou ho governador que lhe leuasse hum mestejeiro

a el rey de Sião, que polos Chins sabia que era hum grāde principe muyto rico & poderoso de gente: & por isso ho governador desejava de ho ter por amigo, assi pera se fauorecer coe ele como pera auer mantimentos de seu reyno, que era tão perto de Malaca como ja disse. E ho mestejeiro que lhe mandou foy hum daqueles que forão catiuos com Ruy daraujo que sabia a lingua, per quem lhe mādou hūa carta em que lhe dizia como ficaua no porto de Malaca, & o que tinha feyto, & o que determinaua de fazer, que folgaria muyto se ho ele quisesse fazer de mandar gente dos portos a pouoar Malaca despois de tomada: & isto lhe mandaua dizer per que sabia que el rey de Portugal seu senhor pola fama que tinha dele, & saber que era gentio, lhe era muyto afeitoado, & folgaria deter coele paz, amizade & trato, & coesta carta lhe mandou hūa espada rica. E coisto se partio ho mestejeiro em companhia de Pulata.

Capitolo. lviij. De como ho governador se apercebeo pera tornar a peleiar com os inimigos, & como asentou com os seus que ho fizesse.



Esternãdo o governador de tornar outra vez a cometer a cidade & ir prouido pera a tomar, & não tornar e tras, mādou leuatar algūas pipas pera coelas cheas de terra fazer tranqueyra sem trabalho, & assi mandou fazer machados, enxadas, & picões, porque de tudo teue necessidade da outra vez, & muyta soma dalma zem de setas porque não auia nenhū,

Essto  
regar  
naua  
se faz  
por  
to tra  
capitã  
dand  
q̄ fosse  
darê,  
carres  
poder  
gūas  
mont  
muy  
migos  
com  
dor  
nha  
que se  
bido  
quey  
stes  
pezes  
arped  
aos ca  
do iū  
os im  
a dec  
barco  
dend  
furto  
dor p  
bates  
gran  
roup  
cheg  
nhū  
ue ne  
das a  
em  
to da  
ocio



E isto tudo & mâtímêtos mandou carregar no iungo, porque coele determinaua dabalroar a pôte, & nele & nela se fazer forte. E vindas as agoas viuas, por q̄ ho iungo não podia ir sem muyto trabalho & perigo, mādou a certos capitães (de que hũ foy Fernão perez dandrade, posto q̄ estaua ainda ferido) q̄ fossem em seus bateys pera ho goar darê, & pera ho leuarem a toa, & por a carrega que leuaua ser grande não ho poderão leuar sem se passarem nissalguas marês, porque não podia ir sem a montante da zoa, & coela ainda surdia muy pouco espaço. E vendo isto os inimigos, determinarão de ho queymar com ballas de fogo, o que ho governador soube logo por Ninachatu, que tinha muyto grãde trabalho de saber o que se ordenaua contra os nossos. E sabido pelo governador ho ardil pa lhe queymarê ho iungo, mandou fazer prestes todos os bateys da frota cõ garoupezes muyto compridos, & nas pôtas arpeos com cadeas de ferro, & mādou aos capitães que fossem dormir iunto do iungo. E na primeyra noyte em que os inimigos auião de lâçar as ballas com a decete da zoa, vê polo rio abaixo tres barcos bem compridos que vinhão ardendo com hũa chama muy forte, & furiosa que alomeauão tudo ao derrador por grande espaço, a que os nossos bateys layrão logo dando a gente hũa grande grita, & com os arpeos dos garoupezes desuiarão as ballas que não chegarão ao iungo, nêlhe fizerão nenhũ noio, & dali por diãte teuerão noue noytes este trabalho, porque em todas arreo lâçarão os inimigos tres ballas em cada hũa, & as vezes quatro. E cõ todas estas ballas não deixauão estar ociosa a muyta artelharia que tinham

com que tirauão ao iungo por todas as partes, & muytos dos peloaros acertauão nele & ho passauão de parte a parte, principalmente despois que passou ho banco que estaua hum tiro de beesta da ponte, & erão os pelouros de ferro cubertos de chumbo do tamanho dos despera, & erão em tanto numero, assi estes como outros tiros despingardões, que se ho iungo não fora cercado darrobadas nenhũ dos q̄ hião nele escapara de ferido ou morto. E cõ tudo Antonio dabreu foy ferido dhũ tiro despingardão que lhe deu polas queyxadas, & lhas passou quebrando, lhe a mór parte dos dentes, & leuando lhe hũ pedaço da lingua. E sabendo ho governador mandaua poer ê seu lugar Pero dalpõem & Dinis fernandez: co que se ele agrauou, dizêdo que estaua ainda viuo, & tinha pés pera andar, & mãos pera pelear, & lingua pera mandar o que se auia de fazer, que em quanto teuelse vida nã auia dalargar ho lugar a ninguê, que da cama mandaria o q̄ se fizesse. E co isto não quis ho governador poer outros capitães no iungo: & vêdo q̄ ele estaua ja perto da pôte & ê nado que podia furdar auante cõ qualquer toa, & que se mais dilataffe ho cometimêto da cidade que lhe meterião ho iungo no fundo, ou lhe matarão quãtos hião nele, determinou de a êtrar. E auêdo dezaflleys dias q̄ a cometera da outra vez, chamou a cõselho, & disse a todos os q̄ nele estauão. Deos nosso se nhor he muyto boa testemunha, q̄ da primeira vez q̄ cõ sua ajuda, & por vosso esforço êtramos a cidade: eu a tornei a alargar cõtra minha vòrade, assi por não irmos puidos pa ficar, como por vos alli parecer bem, porque doutra maneyra eu me não tornara a frota,



posto que soubera perder a vida, por que nela não se perdia nada pois cada hū de vos poder ho cargo q̄ tenho. E em perderse esta cidade, se perdia muyto sem comparação, assi do seruiço de Deos nosso senhor, como del rey de Portugal, cujos vassallos somos, porque ela he fonte de toda a especiaria, droga & riqueza de todo mundo: pouoada dos mais ricos mercadores que ha nele, viueiro do trato dos mouros que morão em todas as terras descubertas na India & fora dela, de que se todos mantem, & com que se todos sostem, porque sem Malaca não podem tratar em tantas partes como tratauão, nem podem abastar ho Cayro, Alexandria & Veneza de tanta especiaria, droga & riqueza, porque ela he a fonte de que corria pera Calicut antes que os nossos conquistasssem a India. E lançados os mouros fora de Malaca, não somente se apagara ho fogo da seyta de Mafamede que não laure mais por diante, mas ainda parece ho mais certo caminho que pode ser pera os mouros despesarem a India, porque despois que lhe tirarão a mama de Calicut, se lhe tiramos esta não tem mais com que se mantenhão, pois em todas estas partes se não sabe outro de que se tire especiaria, se não deste que he a principal coufa com que tratão, & tomadolho nos com a despesa que se fez na armada que trouuemos, escufamos fazeremse outras muytas, & muyto grandes em continuas armadas que sera necessario andarem no mar pera defenderem que não leuem a Meca tanta riqueza como leuão, o que podeis bem ver por oyto naos que a

qui temos tomadas que leuão mais que vinte das nossas, pois que fara em quantas daqui partem cada dia a fora as dos estrangeiros: & este he ho caminho por onde hia mais pimenta a Meca que de Calicut. E com esta chauce de mea volta, que he tomar Malaca se çaria este caminho, & el rey meu senhor fica senhor de tudo: & posto que Malaca seja muyto grãde, & pareça trabalhosa de foster, isto seria se ho rey dela teuesse maistera donde se podesse reformar o que ele não tem, se não se a perçer fica de todo perdido, & que me digais que tomada por força se despouoara dos mercadores gentios, & despouoada deles não presta mais pera nada, nã auera hi mais mantimentos, porque por amor deles os trazem de fora. Digouos que abasta que fique Nina chatu, & seus parentes & amigos, a que por amor dele tenho dado seguro, que confiados nele hão de ficar, & estes farão tornar os outros que eu sey que hão de permanecer, porque como eles estauão costumados a viuer debaixo do poder & tirania dos malayos, sem verdade & sem justiça, desarrezoados & soberbos, & gostarem da nossa justiça, verdade, & franqueza, mansidão, & brandura, & a maneyra de que el rey meu senhor manda que tratem aos que se fazem seus vassallos nestas partes: & não digo eu tornarem eles a pouoar Malaca, mas da India virão outros a viuer nela, & farão as paredes douro. Todas estas coufas que ditas tenho vos pus diante, pera me dizerdes outra vez, se vos parece bem fazer mos fortaleza nesta cidade: por q̄ he

minh  
gouer  
com  
gar q  
porq  
coufa  
deixa  
del re  
hū ho  
de ga  
polos  
se aff  
laca &  
ros fo  
ra cou  
ta tin  
mais  
vend  
tranq  
fortes  
entra  
ro a v  
deriã  
dema  
auia o  
das os  
toma  
de fic  
mais  
zer se  
falar  
torna  
lemb  
port  
ho pe  
dalcã  
mo os  
se Ma  
parec  
que e  
so sen  
ca, pe  
se lou



minha determinação de em quanto governar a Índia não desembarcar com gente, nem pelejar se não nolu gar que ouuer de softer cõ fortaleza, porque auenturar a perder gente em cousa que não ha mais que tomala & deixala, não me parece que he seruiço del rey meu senhor, aueturar a perder hũ homem por quanta riqueza se pode ganhar. Ouuidas todas estas cousas polos do conselho, a moor parte deles se affirmarãõ q̃ se deuia de tomar Malaca & fazer fortaleza, & lâçar os mouros fora, a outros lhe parecia muy dura cousa de pelejar cõ tanta gente quãta tinhão visto na cidade, & muyto mais dura fazer fortaleza, & dizião q̃ vendo os inimigos que lhe entrarãõ suas tranqueyras, as tornariãõ a fazer tão fortes que as não podessem os nossos entrar sem muytos perderem primeyro a vida, & que os que ficassem a perderiãõ tambem despois por ser muy demasiada a multidãõ dos inimigos q̃ auia dentro, que com as frechas herua das os matariãõ todos; & posto que se tomasse a cidade, que os nossos auião de ficar taes da batalha, que ficariãõ mais pera fazer em cama que pera fazer fortaleza, em que se não deuia de falar por ser ho tempo muy curto pera tornarem a Índia na moução; & que lembrasse ao governador quanto importaua tornar laa âtes do inuerno por ho perigo em que ficaua Goa se ho Haldão tornasse sobrela. E porem como os outros que dizião que se tomasse Malaca erãõ mais, não se tomou ho parecer destes, & disse ho governador que ele tinha por sem duuida que nosso senhor queria que se tomasse Malaca, pera que ho seu sancto nome ali fosse louuado & exalçado, & ho final que

tinha disso era, que sendo os mouros tão auisados & sedudos, & tendo prouadas suas forças com ficar desbaratados, & sem esperança de socorro de nenhũa parte querião ainda guerra, que nosso senhor lhes cegaua os entendimentos pera que não entendessem o que fazião. E assentado que se pelejasse, determinouse que ao outro dia que era festa feyra dez dias Dagoosto, duas horas antemanhaã com a preamar comeessem a cidade, & ho jungo abalroasse a ponte, & junta mente poyasse ho governador em terra com sua gente da banda da pouoação dos mercados, & que não sayse em duas partes como da primeyra vez, porque os inimigos estariãõ melhor apercebidos pera sua defesam do que então estauão; & pera que a gente fosse mais a sua vontade, fosse tambem a galee & a cauaela latina. E pera que se impidisse que os inimigos não acodissem tantos a defenda a ponte, que hiriãõ com ho governador duas barcas com algũas peças grossas dardelharã, que como ho jungo aferrasse a ponte porsehiãõ dambas as partes da angra a tirar aos inimigos que acodissem, & goardariãõ as costas aos nossos que auião de traballar em hũas tranqueyras que ho governador auia de mandar fazer pera sua segurança.

¶ **Capitolo. lix.** De como ho governador desbaratado ho poder del rey de Malaca lhe tomou a cidade, & ho fez fugir dela.



O dia seguinte, dia do bem auenturado martir sam Lourenço duas horas ante manhaã forãõ todos



os capitães a bordo da capitayna com sua gente embarcada nos bateys, ou de feyta a confissam geral, & abboltos per hum clerigo, partirão pera a cidade com preamar: & se muytas bombardadas & espigardadas teuerão da outra vez muytas mais teuerão desta, porem nã deixarão de passar auante, & ho jũgo parecia hũa torre com suas arrôbadas & seteiras, & artelharia por proa, & por ambas as bandas, & com hũ masto & gauiã, & nela muytas lanças, & arteficios de fogo & pedras, & em chegando à ponte abalroou logo coeila por mais que se os immigos defenderão, ãtre os quaes a reuolta era muy grande, hũs por defenderem a ponte dos que hião no iungo, outros por defender a desembarcação do governador: & erão as bombardadas & espigardadas tantas da tranqueyra, a q̃ os nossos hião desembarcar, que parecia que acadã pao estão duas bôbardas, & a cada bombar da cinco espingardões. Com tudo isto os nossos romperão auante, & poyarão em terra cõ grande arroydo de gritas & tanger de trôbetas: & nisto começão de chouer da tranqueyra grande multidão de frechas, de zarauatanas & darcos, & muytas pedradas, & lanças darremello, & ferirão bem oytenta dos nossos; mas eles a fora ferirem sem cõto dos imigos, matarão muytos, & como eles erão muito mais dos que os nossos podião ferir & matar, defenderanse hũ boõ pedaço primeyro que os entrassem. Entrada esta tranqueyra, apartarãse logo Dinis fernandez, Jorge Nunez de lião, Nuno vaz de castelo branco & James reixeyra, que por mandado do governador hião ordenados pera ganhar a mezquita com a gente de suas capita-

nias, & assi se apartarão outros q̃ também hião ordenados pera cometer a triã queyra que atalhaua a uã grande cidade, porque não acodissem ali os immigos, de que morerão nela muytos pola defender, & por derradeyro ficou dos nossos. E deixando ho governador nela os capitães que digo cõ corpo de gente, foy logo com a gente de sua bandeira dar costas aos capitães a q̃ mandou tomar a mezquita, & estes quando forão acharão ja despejada a ponte por Antonio dabreu, que assi como abalroou coela assi axorou dos immigos que não ousarão desperar os tiros que ho iungo leuaua por proa, & recolherãse aa tranqueyra que estaua daquela banda antre a ponte & a mezquita; & os nossos capitães que hião tomã a mezquita, derão naquela tranqueyra, onde os immigos forão tão apertados, assi dos nossos por diante, como da artelharia das barcas que iungaua por detras, que alargarão a tranqueyra & forãse retirando pera a mezquita, & os nossos apos eles: de maneyra que indo ho governador pera lhe dar costas, achou que leuauão os immigos de vencida. E neste tempo acodio tambem el rey de Malaca pera ajudar os seus, & hia sobre hum alifante: & quando soube ho termo em que a cousa estaua, fez volta pera os seus paços, & hião coele obra de tres mil homens apadessados os mais deles. E Dinis fernandez de melo q̃ hia na dianteira dos nossos como chegou aa mezquita (que estaua despejada) não quis passar auante, nem seguir el rey posto q̃ chegou perto de sua gente, porque tinha o governador defeso a ele & aos outros q̃ não passassem da mezquita por cousa nenhũa: & tam-

bem f  
Dinis  
es leg  
porqu  
infino  
ficaua  
vêdo  
quita,  
de cal  
nis se  
torna  
chou  
pã &  
nha  
pipas  
cabos  
outra  
tãto  
pera  
artel  
outra  
& go  
trab  
que  
nã  
bãlã  
to p  
ãs co  
de a  
que  
lhar  
& n  
E e  
ãmi  
cõ f  
cipã  
de,  
gar  
cãfã  
lha  
ho  
ziã  
nã



bem següdo se depois soube não quis Dinis fernandez, & os outros capitães seguir a gente que hia com el rey, porque por outra rua grande parecia infinda gente dos inimigos que lhes ficaua nas costas se seguissem el rey. E vêdo ho governador ganhada a mez quita, deixou é goarda d'la Nuno vaz de castelo branco, lames teixeira, Dinis fernandez & Jorge nunez de líão, & tornou se à pôte a fazer se forte, onde a chou ja fora do jungo pipas, enxadas, pás & cordas que Antonio dabreu tinha mandado tirar para se fazer das pipas cheas de terra húa tráqueyra no cabo da ponte da banda da cidade, & outra da banda da mezquita: & entre tâto que se as pipas enchão entrarão pera dentro da ponte as barcas com a artelharía, que postas dhũ cabo & do outro varejauão cõ os tiros fortemête & goardauão as costas aos nossos que trabalhauão nas tráqueyras da cidade que forão feytas breuemente, porque não somête os baixos, mas os altos trabalhauão a quẽ mais podia, & cõ muy to prazer cauauão areia, & tom ando as costas enchão as pipas, & delas & de algũa madeyra fizerão duas tranqueyras, & e ambas foy assêrada artelharía; & forão feyros toldos na ponte & nõ jungo pera se apouentar a gête. E entre tanto que se esta obra fazia, os inimigos fazião assaz d' nõjo aos nossos cõ sua artelharía & espingardões, principalmente da banda da pouoção grande, onde tinhão as bombardas & espingardões postos sobre os terrados das casas, & a estes não podia a nossa artelharía fazer nenhũ nojo. O que vêdo ho governador por atalhar ao que fazia, mandou a Gaspar de payua, Fernão perez, Simão gandrade, Pero dal

põem, Antonio dabreu, dõ João de lima, Ayres pereyra, Simão martiz & Simão afonso, que repartidos em duas partes fossem com sua gente por duas ruas da cidade, & q̃ a corressem toda, & não dessem vida a coufa nenhũa. E ele pera os fauorecer se pos em corpo na rua principal com Bastião de miranda, Duarte da silua, Ição de souza, Jorge botelho, & Afõso pessoa. Entra dos estes capitães pola cidade, acharã logo algũa resistência nos inimigos, cõ que apertarão tão oufadamente que os leuarão de vencida, & metendose pola cidade, matarão tanta gente do pouo que não se pode crer, & com pressa se lançarão muytos ao mar, parecendo lhe que la se saluarião, & afogouse a mayor parte, & a outra foy morta por algũs dos nossos que acodirão em douz esquifes a fazelo: & desta maneyra forão desapressados, & acabaran se as tranqueyras. Recolhidos os nossos capitães de fazerem esta destruyção na cidade, mandou ainda ho governador tomar duas casas junto com a pôte da parte da pouoção grande & asselar artelharía nos terrados, & bastecelas de gente com capitães; & ho mesmo fez na mezquita, & forão os capitães, Jorge nunez, Nuno vaz, Dinis fernandez de melo, lames teixeira, Ayres pereyra & Bastião de miranda, & algũs dos bateys mandou entrar pera dentro da ponte, porque goardassem de noyte ho rio, & mandou aos q̃ esta uão neles que tirassem os tiros que possessem em cada quarto da vizia, & os outros mandou os pera a frota, pera que a gente do mar que hia neles a ajudasse a goardar aos bombardeyros q̃ la ficarão: & nestas obras que digo se gastou todo ho dia. E vinda a noyte



que ho gouernador se auia de recolher na pöte, foy primeyro visitar os nossos feridos que estaüo agasalhados no jügo, q̄ não forão mais que os q̄ disse, & nenhũ nã morreo, & dos inimigos forão mortos sem conto.

Capit. lx. Do q̄ ho gouernador fez em Malaca despois de a ter ganhada de todo, & do que el rey fez despois que a perdeu.



inda a noyte q̄ ho gouernador se recolheo com a gente bẽ cansada de tanto trabalho como leou a q̄le dia, assentou com seus capitães de ao outro dia ẽ amanhecendo cometer a pouoação onde el rey viuia, q̄ ele não cometeo no mesmo dia que ganhou a pöte, porque em afortalecer se gastou a parte que ficaua por passar despois de ganhada. E como ho gouernador sabia ho grão poder de gente q̄ el rey tinha consigo, & quão boa era de guerra, & quão bẽ armada: & ele quão pouca tinha, pareceolhe q̄ era melhor ir se metêdo pola cidade pouco & pouco a saluo da sua gente, que meter se de soldão cõ perigo de se perder. E a q̄la he a prudencia do boõ capitão tomar por manha o q̄ não pode ganhar por força: que se ho gouernador quisera logo esbarrõdar quiça q̄ se perdera segũdo os jaos com que auia de pelejar sam determinados, & mais estando a soldo del rey que os auia danimar a pelejarẽ por amor do grãde tesouro que tinha, & sabia que entrando os nossos as suas casas lho auião de roubar. E isto que os nossos sabião os fez muy aluorogados pa ao outro dia cometerẽ a pouoação onde viuia el rey & ho principe com seus mãdarins, que sam os fidalgos. Po-

rem el rey não quis esperar este comẽtimento, que bem lhe pareceo que auia de ser como a manheesse: & como sabia q̄ aos nossos não se tinha nada, não quis perder ho tesouro pois perdia a cidade. E aquela noyte ho mandou carregar ẽ alifantes, & partio se ate manhãa cõ ho principe, leuando consigo esses capitães que lhe escaparaõ na batalha, & assi os gouernadores da terra & seus mandarins, q̄ todos leuaraõ suas familias, & foysse el rey meter polo serrão ẽ quintaãs coesta gente ate ver o que ho gouernador determinaua, q̄ lhe parecia q̄ nã quererã mais q̄ roubar a cidade & ir se. E partido el rey soube ho gouernador em amanhecendo, & acodio logo com grande pressa, mandãdo diante esses capitães com sua gente, q̄ quando sobirão ao oyteiro onde el rey moraua virãno ir tão longe que desesperarão de ho poder alcançar, & por isto ho não seguirão, & ficarão tão agastados de se lhes ir assi el rey com seu tesouro, que se quiserão vingar em quey mar as casas del rey & do principe, & dos mãdarins, & poserãlhes ho fogo: do que pelou muyto ao gouernador por q̄ sabia quanto fato auia dauer dentro, & q̄ndo quis mãdar apagar o fogo ja era tudo ardido, & perdeose ali muyto mouel & muy rico: & por isso ele desfedeo cõ grãdes penas q̄ ninguẽ nã o posse mais fogo, & como os mouros acabassẽ de despejar a cidade, q̄ ele a mandaria roubar. E ẽ algũs dias q̄ se passarão niffo, sepre o gouernador esteue na pöte & no jügo, & ẽ algũas casãas, e sepre armada a gẽte de dia & ã noyte cõ grãde vigia, por q̄ os inimigos como nã podião logo despejar por se ẽ muytos dauã muytos rebates. Nestes tẽpo pedirã os mercadores Peguis seguro ao gouernador

pera h  
quint  
manç  
seys,  
eles l  
selhe  
& seu  
fora n  
sapro  
dos i  
cida  
estau  
a pom  
drilh  
to se  
lins,  
men  
& ou  
& in  
& ach  
març  
& en  
finde  
fante  
meta  
esta  
bom  
de C  
& afi  
com  
cada  
naos  
& al  
tros  
cico  
rey  
duz  
eser  
ste c  
hog  
se to  
gou  
a n



pera hirem a sua obediência, & derálhe quinhentos cruzados porque lhes não mandasse bulcar os seus jûgos, que erã seys, & ficarão em sua amizade: & apos eles lhe foy Timutaraja falar & êregar selhe por feruidor delrey de Portugal, & seu: & disse lhe que hũ filho seu que fora na batalha fora muyto ferido. Des sapressado ho governador dos rebates dos inimigos, deu lugar que roubassem a cidade, saluo as casas de Ninachatu, q̄ estaua coele do primeiro dia q̄ ganhou a ponte. E repartidos os nossos em quadrilhas roubarão a cidade, & com quáto se não bolio com as casas dos **Queilins**, nem dos Pegús, nem dos Laos: somente nas dos Malayos & Guzarates, & outros estrangeiros, se achou muyta & muy grossa riça de mercadorias, & acharan se soterra dostrinta & cinco marcos douro & vinte cinco de prata, & em hũ almazem del rey se achou infinto metal, & assi forão tomados passante de dous mil tiros d'artelharia de metal & algũs poucos de ferros: & antre esta artelharia de metal se achou hũa bombardã grossã, que dizẽ que el rey de Calicut mandou a el rey de Malaca, & assi forão tomadas muytas armas: & com o que se tomou na cidade, & mercadoria que se tomou no porto, assi nas naos de Cambaya & em algũs jungos, & algũs jungos que se venderão, & outros que ficarão pera el rey, & assi em cinco mil fardos darroz, ficarão pera el rey pagas as partes da gête passante de duzentos mil cruzados, a fora muytos escrauos & escrauas que se tomarão neste delbarato & despos dele. E por q̄ ho governador a asselegasse a cidade & se tornasse a pouoar como dantes, fez governador & justiça dos Chatis, q̄lis, a Ninachatu, & assi de todos os ou-

tres gentios de Malaca, & tambẽ por lhe pagar q̄nto seruigo fizera no fauor que dera a Ruy daraujo & aos outros catiuos, & assi na q̄lla guerra elhe dar a uisos das determinações del rey de Malaca. E dos mouros fez governador a Temutaraja, que seria homẽ doytenta annos, & coestes dous se asselegou ho pouo de Malaca, & se tornou apouoar como dantes de mercadores, saluo dos Malayos, q̄ estes não queria ho governador consentir na cidade, nẽ onde os nossos os achauão lhe dauão vida. Neste tempo soube ho governador como el rey de Malaca se fora apouosentar oyto legoas de Malaca a o lógo dhũ rio q̄ se chama Muar, & deixou ho príncipe seu filho com seu arrayal, esperando como digo que deixasse ho governador a cidade: & por ho arrayal do príncipe estar perto do rio, mandou fazer nele estacadas muy fortes porque os nossos bateys não podessem lâ ir, & mais por que teue noua q̄ Lalamane estava perto de Malaca com sua armada, & assi el rey da ilha de Linga que era sugeyto a el rey de Malaca, caualeyro manço, & muyto efforçado, & vinha focorrer a el rey de Malaca, & quando souberão que ho governador estava de posse da cidade tornaran se. E sabẽdo ho governador a estacada que ho príncipe mandara fazer, mandou logo là Gaspar de payua, Fernã perez, Simão dãdrade, Ayres pereyra, Frãscisco serrão, Jorge nunez & Ruy daraujo, que a fora a gête dos nossos leuarão mil & nouecẽtos homẽs da terra. mil Laos q̄ deu Temutaraja, seycẽtos gẽtios q̄ deu Ninachatu, & trezẽtos Pegús q̄ derão os señores dos iûgos de Pegu. E estes capitães chegãdo as estacadas as arrãcarão, & o príncipe como o soube fugio pa õdesta



ua seu pay & âtes q̄ se leuâtasse o seu ar  
 rayal derã os nossos nele, & tomarãlhe  
 sete alifâtes cõ seus castelos d' madeira  
 & suas feelas cõ andores deitado la-  
 uradas de marfim, & pintadas douro  
 de pao muy bem assentado, & titas de  
 muytas cores, & leuarão tudo ao gover-  
 nador, que andaua occupado em fazer  
 hũa fortaleza de madeyra onde estaua  
 a mezquita, & por dêtro desta fortale-  
 za no mesmo dia em que se começou,  
 mandou abrir aliceces doyto pês de lar-  
 gura pera ho muro doutra de pedra &  
 cal, & quis fazer primeyro esta de ma-  
 deyra, porque se auia dacabar primey-  
 ro que a de pedra & cal, que se fazia de  
 cantaria, assi de sepulturas nobres co-  
 mo da mezquita, & doutros edificios  
 de que ho governador não sabia parte  
 nem Ruy daraujo lhe foubre dar rezão  
 deles, & achoufe cantaria, & tão fermo-  
 sa que não podia mais ser: & muytas de  
 stas sepulturas q̄ erã de reys antigos  
 estauão metidas debaixo do chão, que  
 forã tiradas com muyto grãde traba-  
 lho: & assi acharão outra pedra de cabe-  
 ga de que se fazia cal. E pera esta obra  
 em que os nossos trabalhauão muyto,  
 foy grande ajuda pera os aliuar do tra-  
 balho muytos malayos escrauos, an-  
 tre os quaes entrarão muytos escrauos ca-  
 dados com molheres, & filhos que forã  
 del rey de Malaca, q̄ os Iaos & Chatis  
 hião buscar por esses matos por mãda-  
 do do governador, & ârreles trouerã  
 outros malayos principais que ho go-  
 uernador mãdou justicar por saber cla-  
 ramente que forã culpados na morte  
 dos nossos que forã mortos em tẽpo  
 de Diogo lopez. E vendo quatro mer-  
 cadores dos principais de Malaca que  
 estauão com el rey ho fundamẽto que  
 ho governador fazia da cidade, & sãbẽ

do como se tornara a pouoar tornarãse  
 parela fugindo a el rey, que neste tẽpo  
 estaua em muyto grande necessidade  
 de mantimẽtos porque não auia dõde  
 lhe fossem, & era a fome tamanha em  
 Muar q̄ os seus escrauos lhe fugião pa-  
 a cidade, & ele & ho prícipe se ouerã  
 dapartar por jornada de tres dias hum  
 do outro, & nã lhe aproueitou, que cre-  
 cia a fome de cada vez mais. E vendo  
 eles que a sua gente os deixaua por essa  
 causa, & desesperados de tornar aco-  
 brar Malaca tão asinha, porque não fi-  
 cassẽ sôs de todo forãse pera ho rey  
 no de Pão, cujo rey como disse era gẽr-  
 ro del rey de Malaca, onde segũdo del  
 pois foy dito ao governador morreo  
 el rey de Malaca de fruxo de sangue, &  
 ho prícipe se chamou dali por diante  
 rey de Malaca, & se tornou a Muar le-  
 uando muytos mantimentos & gente,  
 & ali se fez forte com tranqueyras, &  
 com artelharia.

Capit. lxxj. De como o governador por  
 apagar a moeda dos mouros em Ma-  
 laca, mandou laurar moeda: & da so-  
 lenidade com que foy pregoada.



Ornada Malaca apo-  
 uoarfe como dantes,  
 estauão todos seus mo-  
 radores muyto contẽ-  
 tes da justiça em q̄ ho  
 governador os manti-  
 nha, & da verdade q̄ achauão nos nos-  
 sos, & dizião que ateli nã ouera nũca  
 aquelas duas cousas em Malaca, & que  
 estauão seguros dos roubos passados,  
 principalmente ho pouo que era mais  
 tirãizado. E coeste contentamẽto mã-  
 darã os mercadores seus jũgos carrega-  
 dos pera os portos onde os custuma-

uão de  
 muyto  
 mente  
 ua mu-  
 la nã  
 detera  
 dar fa-  
 dos m-  
 poer r-  
 del rey  
 ho par-  
 tros h-  
 cidade  
 stanha  
 se cha-  
 a que p-  
 nheira  
 outra  
 star de  
 rã nem  
 (se nã  
 suas co-  
 cõselho  
 da dor-  
 posto  
 & a de  
 malaq-  
 ouro &  
 que au-  
 baixa  
 fazer  
 parece  
 pera c-  
 mãdo  
 alfan-  
 de vel-  
 al, &  
 de sou-  
 Nina  
 neyra  
 deles  
 castel-  
 feda,



uão de mandar, & dali por diante hião muytos a Malaca carregados de mantimentos & despiciaria, com o q̄ ella esta ua muyto abastada & rica, & porq̄ nella não auia moeda se não dos mouros, determinou ho governador de a mandar fazer, assi pera apagar de todo a dos mouros, como pera que mandasse poer na que se laurasse as infinias reaes del rey seu senhor. E toma do sobrito ho parecer dos Chatins gentios, & outros homẽs honrrados moradores da cidade, mandou logo laurar moeda de estanho, & de duas moedas pequenas q̄ se chamaõ caixas, mãdou fazer hũa a que pos nome dinheiro, & de dez dinheiros outra, a q̄ pos nome soldo, & outra de dez soldos, a q̄ pos nome bastardo: & porque não auia moeda douro nem de prata, nem nunca a ouuera (se não por peso fazião os mercadores suas compras & vèdas) determinou cõ côselho dos q̄ digo a mãdar fazer moeda do ouro & de prata, & a do ouro foy posto nome catholico & pesaua mil rs. & a de prata outro tanto, & chamouse malaques, & ambas forão do mais fino ouro & prata q̄ se poderão afinar: por que auia homẽs que sabião fazer prata baixa & alta, & assi ouro. Acabada de fazer aquela quãtidade de moeda, que pareceo ao governador que abastaria pera comẽçar da pagar a dos mouros, mãdouha apregoar dista maneyra. No alifante del rey cõ seu castelo cuberto de veludo, hũa aruorada a bandeyra real, & dentro no castelo hião Antonio de Sousa de Santarem, & hũ filho de Ninachatu cada hũ vestido à sua maneyra muyto ricos & galantes, & diãte deles algũs alifantes de stro com seus castelos tambe cubertos de panos de seda, & diãte hião os nosos trombetas

& outros muytos instromentos da terra, & hião dous pregoeiros que pregoua uão em lingua malaya, que aquella moeda era a que mandara laurar ho muyto alto & muyto poderoso rey dõ Manuel rey de Portugal & de Malaca pera proueito dos seus moradores, & q̄ ho seu capitão mór & governador da India mãdaua em seu nome que dali a vinte dias não corresse mais a moeda dos mouros sopena de perdimento da fazêda. E dando este pregão tocauão as nosas trombetas, & despois todos os outros instromẽtos, & Antonio de Sousa com ho filho de Ninachatu espalhauão decima do alifante a moeda assidouro como de prata & estanho, & assi correrão toda a cidade acõpanhados de gente sem cõto, que hião pasmados da grande solenidade cõ que esta moeda foy apregoadada. Isto acabado mandou logo ho governador poer caibo da mesma moeda que se apregouo, & coifõ foy apagada a dos mouros, & dali por diante correio a Portuguesã.

Capit. lxiij. Em que se descreue ho grã de reyno de Sião, & de como el rey de Sião mandou hum embaixador ao governador.



Scapitães chins que leuãtão ho melleiteiro do governador pa el rey de Sião: partidos de Malaca fizerã seu caminho via da china, & daq̄la bãda passando ho estreyto que se chama de Cincapura, entrarão em hũ grande rio, & dali se forão nos paraos dos seus jungos pelo rio acim ate hũa grande cidade q̄ se chama Vdiã onde esta na elrey de Sião, que he muy grande se nhor, assi de terra como de gẽte, & foy



ja mayor porque começaua na cidade de Tenagarim em passando Pegu, & dali indo ao longo da costa se estendia ate a póte de Cincapura, de modo que tomoua do mar da enseada de Bégala ate a outra enseada em que a costa faz volta pera a China: & de Tenagari coraua dereyto pelo sertão ate a mesma enseada, em que entrava ho reyno de Malaca, ho de Pão & outros reynos q se lhe aleuantarão, & estão fora de sua obediencia. E com tudo he muy grãde feñor, & tem muytos & bõs portos em ambas estas costas, & todos sam grandes cidades em q se tratão muytas & muy ricas mercadorias. Em todo este reyno geralmente ha ouro, prata, beijoim q he rezina daroures, lacre, estanho, a que os da terra chamão calim, almizqre, & assi muytos mantimẽtos: chamasse Sião por amor da principal cidade que se chama assi, que está medida pelo sertão trinta legoas ao longo dhũ rio tão largo & tão fundo, que na dão nele jungos carregados, he cidade muyto grande & populosa, & de ricos & fermosos edificios, & de muyto grosso trato, abastada em grãde auodança de muytos mantimentos, he ho principal assento dos reys deste reyno, & tẽ aqui hũs riquissimos paços & muyto deleytosos com jardins de diuerso aruoredo, & de muytos generos de riuas cheirosas, & de muytos canos dagoa & tanques muyto apraziuais, & casas douradas de dentro & defora. Este rey de Sião como digo he muyto rico de thesouros, grãde feñor de terra, muyto poderoso de gente, assi de pé como de caualo, & tẽ muytos alifante de guerra, he gentio, & assi ho sam todos os de seu reyno tirando os dos portos de mar que sam mouros: & estes se vão negociar ao ser

tão não lhe consentem leuar armas: tẽ os gentios deste reyno costumes muyto desuairados das outras gẽtes. Dão as filhas a quem lhas gaba de fermosas, quando algum morre seus parẽtes ho comẽ assado, & assanno em tres paos q estão empinados, & juntas as pontas hũas com as outras, & no meyo hũ gãcho de ferro em que ho morto está dependurado polas curuas sobre hũ grãde fogueyra, & em quãto ho assam ho chorão os filhos se os tem, & depois dañado começão de comer & apos eles os outros, & queymão os ossos naquela fogueira: & a rezão que dão porque fazem isto, dizem que porq sua propria carne não pode ter melhor sepultura que eles mesmos. E chegando os capitães Chinsa esta cidade Dudã onde estava el rey de Sião, mandarãlhe dizer do porto como lhe trazião hũ mesajeiro do gouernador da India por el rey de Portugal q ficaua em Malaca, & logo foy aos paraos dos chins hũ capitão del rey de Sião com duzentos lancharas cheas de muyta gẽte: & sabẽdo do nosso mesajeiro ao q hia mãdou o dizer a el rey, que lhe mandou que ho leuasse: & assi ho fez, & forão coeles os capitães chins acompanhados de toda a gẽte das lâcharas. Indo ho nosso mesajeiro pela cidade, assi por ir com grãde festa, como por ser homẽ de nação, & trajão tão nouo naqã terra todos faryão auelo: & acompanhado de grande numero de gente foy ter aos paços del rey, que achou em hũ grande sala assentado em hũ cadeyra alta de estado dourada, & a sala paramentada de bordados, & ele vestido muyto ricamente ao modo chim: & todas suas molheres & filhas assentadas dhũa banda & da outra da sala, acompanhadas de suas da-

mas at  
& com  
bido h  
gafalh  
& com  
mẽte c  
carta q  
guntou  
gouern  
el rey c  
ho me  
era dif  
ra lhe  
& assi  
outro  
ta estã  
branco  
o goue  
minou  
lhe feu  
zer co  
nhor,  
que au  
& mã  
si se pa  
rão pe  
& ali  
cõ que  
uernã  
em ta  
asam  
fentac  
garãc  
comp  
rolhe  
parele  
estõq  
mã  
mani  
dour  
carta  
garrã  
daua



mas atauia das de bordados & de sedas & com muyto ouro & pedraria. E recebido ho mellejeiro del rey com muyto gualhado, deulhe a espada & a carta: & com tudo folgou muyto, principalmete despois que ouiuo o que dizia na carta que lhe ho mellejeiro leo, & perguntou muy mudamente pelo que ho governador fizera em Malaca, & por el rey de Portugal, & seu estado de que ho mellejeiro lhe deu rezão, porque era discreto: & por lhe el rey fazer hõra lhe mandou mostrar toda a cidade, & assi hũ alifante branco que não ha outro no mundo, & tẽ el rey isto em tanta estima q̃ se chama seõor do alifante branco. El rey ficou tão contente do q̃ o governador fez em Malaca, q̃ determinou de ter amizade coele, & mãdar lhe seu embaixador sobrisso, & pera fazer coele paz em nome del rey seu seõhor, & despachou logo ho mellejeiro que auia de tornar cõ os capitães chis, & mãdou coeles seu embaixador. E assi se partirão todos da q̃la cidade & forão por terra ate os baixos de Capacia, & ali sembarcarão è tres panzuejaos cõ que chegarão a Malaca, onde ho gouernador tinha os muros da fortaleza em tal ponto que começauão de fazer asameas, & estaua muyta artelharia asentada. E os capitães chins lhe entregarão ho mellejeiro, dizẽdo q̃ tinham comprido o que deuão. E ho mellejeiro lhe trouue hũa carta del rey de Sião parele, & hũ anel com hũ robi, & hum estoque douro, & hũa copa douro. E a mãy del rey de Sião lhe mandou hũas manilhas de pedraria & tres bucatas douro, & perã el rey de Portugal hũa carta do mesmo rey de Sião selada & garrada: & na carta do governador lhe daua el rey muytos lououres sobre ho

feyto de Malaca, que tinha por muyto grãde, offrecẽdo seu reyno, sua pessoa, sua gente pera seruiço del rey de Portugal, & alli os mantimẽtos & mercadorias q̃ fossem necessarias de sua terra pa isso, & dandose por muyto grãde amigo do governador, & outras muytas cousas damizade. Ho governador fez muyta honrra ao embaixador del rey de Sião, & ouuiolhe sua ebaixada, & por não ser tẽpo pera se partir pera sua terra ho não despachou logo: & alli fez muyta honrra aos capitães chins a q̃ fez merce em nome del rey seu seõhor. Apos este embaixador chegou outro del rey da Laoa, que he hũa ilha grande q̃ està da banda de leste da ilha de çamatra, & tão perto que se apartão ambas per hũ canal de dez ou doze legoas de largo que tẽ muytas ilhas peq̃nas, & antrelas està cunda que he pedaço da de çamatra, em que ha muyta & muy boa pimẽta, & passada cũda està pa leste a ilha da jaoa, q̃ jaz leste oeste. A costa da banda do norte sera de cẽto & setẽta legoas, & a do sul não he aĩda descuberta, & por isso chamão os marĩneiros ao q̃ he descuberto ho meyo desta ilha tẽ na parte descuberta muytos portos q̃ sam cidades grãdes. Tũba, Panaruca, Cidayo & Agaci, & este he ho melhor porto & de moor trato. He esta ilha a mais abastada darroz, carnes, assi saluajẽs como domesticas que se sabe no mundo, & assi doutros mantimẽtos & todos muyto baratos, nace nela pimẽta, canela inda que tão delgada como papel, gengibre, ouro & cobre. A gẽte do sertão desta ilha sam gentios, & os dos portos do mar mouros: sam os naturais da ilha baços, grossetes aparrados & malfeytos, porã as molheres são aluas & de boõ carão, &



de fermosos corpos, grãdes musicas & engenholas, & tratanse muyto bẽ. Os homẽs andão nuus da cinta pera riba sem nada na cabeça, trazem os cabelos tofões & arrepiados pa cima, & as barbas peladas, o que custumão por galatariata mayor jura que fazẽ he por sua cabeça, & dizem que não ha dauer sobrela nada, & matão quem lhe põe a mão sobrela, & pór não andarem hũs mais altos que os outros não fazẽ casa de sobrado. São muyto soberbos, mētirosos & tredoros: sãm muyto ouzados & pelejão sem medo, Suas armas sãm boas lanças compridas de ferro, de folha doliveira sem espigão, trazẽ outras armas q̃ chamãõ crifes que lhes serue como a nos as adagas, trazẽ cimitaras como turcos, & padeses de pao muyto leue & esto pento que os cobre dalto abaixo, trazẽ zarauatinas cõ que tirão frechinhãs de palmo heruadas, & arcos tãõ compridos como arco de pelouro de corno de búfaro de duas peças, não estimãõ a vida por matarem hum grão senhor, & se adoeem promerẽ a Deos de tom rẽ outra morte mais hõr rada se lhe der saude, & como sãm sãos vanse polo lugar õde morão & matão q̃ntos topãõ ate q̃ os matão. São tãõ soberbos q̃ desprezãõ todas as outras nações do mũdo, & creẽ q̃ não ha nenhũa tão boa como a sua: sãm todos muy engenholos e officios machanicos & grãdes artilheiros, & por isso os estimãõ muyto na India, & fazem poluora, & sãm bõs bõbardeiros: fazẽ muyto boas armas lauradas de tauxia & de motamo, & fazênas em horas & pôtos por feytigos de que sabem muyto, & dizẽ que quẽ as traz q̃ não podẽ morrer em batalha nẽ ser vencido, & fazẽ outras q̃ matão como auentão sangue: & estas

que fazẽ cõ feytigos estãõ em as fazer dez annos pera esperar pelos pontos, em q̃ as hão de laurar, & estas estimãõ os reys muyto. São grãdes monteiros & caçadores, tẽ muytos catalos, caes, & aues de caça, & leuãõ a caçar & a montar suas molhiere em carretas cubertas cõ fermosos leytos de maçanaria & dourados. Ho principal rey desta ilha he gentio, & mora no sertão, & he grã senhor de terra & poderoso de gẽte. Pola fralda do mar ha outros reys q̃ sãm mouros & obedecem a este gentio, & as vezes se lhe rebelão & ele os torna a fugigar. Este rey sabendo q̃ ho governador tomara Malaca ficou muyto espantado, & determinando de ter coele paz & amizade, lhe mandou sobrisso seu embaixador, q̃ despois de chegado a Malaca & darlhe sua embaixada, lhe deu hũ presente da parte del rey, que forãõ hũ duzia de lanças com fundas de pao muy bẽ pitadas metidas nos ferros: hũ pano tãõ cõprido como hũ beirame, em que estauãõ pintadas todas as suas batalhas cõ suas carretas cõ castelos de madeyra q̃ tirauãõ caualos, & alifantes armados com castelos do mesmo; & el rey na q̃las carretas com quatro bandeyras, & pintado com seu estardo, & cada cousa destinta por si, & tãõ natural que não podia mais ser, & deu lhe vinte sinos pequenos de sua vfança que sãm de fuzileyra, & não da feição dos nossos, & tangense cõ paos como a tabaq̃s, & tãgedores coeles, q̃ os tãgãõ acordadamete. E ho governador folgou muyto cõ a ebaixada dẽste rey e cõ sua amizade por amor dos muytos matimẽtos q̃ auia e sua terra, de q̃ Malaca tinha neccellidade polos não auer nela, & fez muyta honrra ao embaixador, & mandouho muyto bem apouentar,

Capit  
qu  
co



camã  
le se n  
lenho  
lamb  
mo sa  
lenho  
ne, &  
bos e  
cipal  
India  
uiffiã  
a agu  
rey de  
nador  
ra das  
queri  
& fic  
chara  
segur  
ca, &  
ma hõ  
rey q  
lo del  
deulh  
de pr  
to far  
us de  
Portu  
to con  
deu h  
pacho  
outor  
te del  
ele de



Capit. lxxij. Dos muytos ebaixadores que vierão ao governador dos reys comarcões de Malaca.



Estes dias chegou ao governador hũ mestejeiro del rey de Campar que he hũ peq̃no reyno na ponta da grande ilha de camiatra defrõte de Malaca, não ha nele se não matas daruoredos que dão ho lenho aloes, a que na Índia chamão calambuco; as aruores sam grandes, & como sam velhas cortãnas & tiranlhe ho lenho aloes, q̃ he ho feu amego ou cerne, & ho de fora se chama aguila. E ambos estes paos sã de muyto preço, principalmente ho calambuco que val na Índia a peso douro, & dão cheiro sua uíssimo esfregãdo ho ãtre as mãos, & a aguila queimado. Este mestejeiro del rey de Cápar, pediu seguro ao governador de sua parte, & ali hũa bandeira das armas reaes pera lhe ir falar, que queria ser vassalo del rey de Portugal, & ficaua no rio de Muar com dez lancharas. E dandolhe ho governador ho seguro & a bandeira, foy el rey a Malaca, & fezlhe ho governador grandíssima hõrra por ser aquele ho primeyro rey que naquelas partes se fazia vassallo del rey seu senhor por sua võtade, & deu lhe muytas dadiuas. E ele lhe deu de presente pera el rey de Portugal oytos fardos de lenho aloes & aguila, & do us de lacre. E feyto vassalo del rey de Portugal, se tornou pera sua terra muyto contẽte com muytas cousas que lhe deu ho governador, que tambem despachou ho ebaixador del rey da laoa, outorgandolhe paz & amizade da parte del rey seu senhor, com cõdição que ele deixasse trazer pera Malaca os ma-

timentos q̃ os nossos quisessem trazer, & mandoulhe peças de veludo & dez carlata, & hũ alifante pequeno porque os estimauão là muyto. Tambẽ ho almirante do mar del rey de Malaca que se chamaua Lafamane, homẽ discreto & boõ cauleyro de idade doyenta annos sabendo ho fundamẽto que ho governador fazia de sostar Malaca, & q̃ ho rey velho que fora dela era morto, & seu filho não tinha esperança de a cobrar, determinou de se ir pa ho governador, & mādoulhe pera isso pedir seguro & badeira. E ho governador lha mandou, fazendolhe muytos offrecimẽtos por ser da qualidade q̃ era; mas ele não veo, & disse q̃ por lhe escreverem de Malaca que se não fiasse do governador porque ho queria matar. E isto lhe escreveu quem receaua que vindo ele ho tirassem do mado q̃ tinha & ho darem a Lafamane, q̃ receoso de sua vida não quis ir a Malaca, & deixou se estar em Muar com a armada q̃ tinha, & cada dia vinhão ao gouernador embaixadores de muytos reys comarcões, ali da terra firme como das ilhas; & erão tantos que se não fiaua de les parecendolhe q̃ hião mais a espialo que a pedir paz & amizade. Era tão prudente que sempre fazia crer a estes estrangeiros que tinha muyta gente de guerra, tendo ele muyto pouca & a mais dela doente, & porẽ todos trabalhauão de que os estrangeiros se espãtao muyto. E tanto se estẽdia a fama do governador por aquelas partes, que não auia nenhũ rey nem senhor que não quisesse sua amizade, & ele a daua a todos. E com ho governador ganhar Malaca se dessez quasi de todo ho trato da especiaria dos mouros do mar roxo, porque esta era a principal fõte de que



a leuação & nã de Calicut. E ganhada malaca ficou aos mouros algũa especia ria q̄ auião de Calicut, que era pouca cousa (a respeyto da q̄ leuação de Malaca) por amor das nossas armadas que goardauão a costa do Malabar: & era Malaca tamanha cousa q̄ tinha necessi dade doutro governador com gente & armada como a India, porq̄ muyto mais mouros & muyto mais grossa riq̄za ha de Ceylão pera dêtro, & muyto mo res mercadores & mais ricos do que ha na India.

Capit. lxiij. De como Pulatecão êtrou hũa noyte na ilha de Goa cõ grãde poder de gêtes: & da treycão q̄ orde nou aos nossos.



Sabêdo ho Hidalcão q̄ ho governador era fora da India, & q̄ Merlao tinha pou ca gente nas tanadarias on de estava, determinou de lhas tomar, & pera isso mādou Pulatecão seu capitão cõ tres mil homẽs em q̄ entrãuão muy tos turcos de caualo. E sabêdo Merlao sua ida, lhe sayo ao encontro cõ quatro mil piães da terra & trita de caualo, & desbaratouho. E seguindolhe ho alcã ço os turcos de caualo q̄ hião fazendo voltas aos de Merlao, matarão Igarao seu capitão, & cõ sua morte ouue nos seus tamanho desconcerto q̄ os turcos que hião desbaratados se tornarão a fazer e corpo, & voltãdo sobre Merlao ho poderão em desbarato com tanta gente morta, q̄ lhe foy forçado fugir & deixar a terra, q̄ cobrada por Pulatecã cuydou dêtrar a ilha de Goa como da outra vez, & mandou cometer a gente da terra que se leu antasse contra os nos sos, notificandolhe sua determinação

de tomar Goa. E como na cidade ja nã auia se nã gêtios, & estãuão escaldados d' a destruyção q̄ ho governador fizera neles pola treycão passada, nã quise rão conceder na q̄ lhe Pulatecão come tia que fizessem, antes Crisnã ho disse logo ao capitão, & como Pulatecão estãua de posse da terra firme: pelo que ele & Duarte de melo entenderão em goardar os passos da ilha cõ fustas & bateys que tinhão, & alli hũa caraueta & hũ carauelão q̄ poderão no passo de Naroã, por q̄ por ali podião passar da terra firme a ilha de Goa, pera o q̄ Pulatecão se apercebia quanto podia têdo feytas suas jangadas q̄ fez em An truz, & alli algũas fustas de cayro que fez, pos em obra sua passajê a ilha que fez meado Março e hũa noyte de grã de escuridão & tẽpestade de vento & d' chuva, assi como da outra vez. E por que sabia a grande vigia que os nossos tinhão no rio de Benastarim & no pas so Dagacim, nã quis ir a nenhũ deles por nã ser sentido, & lhe embaçarem a gête como fizerão da outra vez que se ouuera de pder, & foyle ao ilheo dos bugios que estã defronte Dagacim & perto dele, & dali costeado a ilha pera Goa a velha, se meteo por esteiros & a gudaças d' artozais, onde desembarcou com grande parte de sua gête sem ser sentido dos nossos q̄ vigiãuão ho mar por estarem apartados dali, & por a es curidão da noyte ser grande, com que parece q̄ enganados os nossos q̄ goar dauão ho passo de Naroã no carauelão & na caraueta q̄ nã virião os immi gos, teuerão tãto mã vigia que nã sinti rão algũs capitães de Pulatecão, q̄ por seu mandado tambẽ entrarão por ali, & derão tãto de supito nos nossos que os matarão, & lhe tomarão ho carauelão,

& a c  
alli o  
do ac  
traff  
tamb  
forã  
que e  
girãc  
ho ta  
no m  
berã  
gos, q  
que q  
cão m  
confi  
passa  
em co  
ali ao  
dienc  
fos po  
a pele  
se au  
a dêtr  
to sua  
dade,  
mête  
lhe nã  
barata  
que fo  
fêtie a  
lha ef  
que e  
darre  
ajunta  
sem o  
& ma  
do ho  
do qu  
pitão  
mês d  
Goa, c  
rim a  
tanad



& a carauelêta . E Pulatecão espalhou a lli os seus, porque os n'ffos não podêdo acodir a todos os passos da ilha entrassem por algũ, & por isso os mādou tambem entrar por Benastarim, onde forão sentidos do tanadar, que com os que estauão coele por serem poucos fugirão logo pera Goa, & ho mesmo fezo ho tanadar Dagacim, & os q̄ estauão no mar despois que foy manhaã q̄ souberão que a ilha era entrada dos inimigos, que aquella noyte entrarão tantos que quando foy sol saydo tinha Pulatecão mais de mil & quinhentos homes consigo, & os outros não fazião se não passar da terra firme & ajuntarse coele em corpos da terra que morauão por alia o derredor lhe forão logo dar obediência. E como ele se temia que os n'ffos por serem poucos senão atreuerião a pelejar coele em batalha campal, & se auião de querer defender dos muros a dêtro cõ que não poderia auer effeito sua determinação que era tomar a cidade, intentou hũ ardid com que não somente os acolhesse fora dela, mas que se lhe não podessẽ la acolher se os desbaratasse, & mādou a hũ pião da terra que fosse muyto correndo a Goa & disse ao tanadar mór que em Goa a velha estauão obra de duzentos mouros que entrarão a ilha, & que os Gãcares darredor vendo que não erã mais se ajuntarão & os tnhão cercados q̄ fossem os n'ffos a sinha & q̄ os tomarião, & matorião antes que fugissem. E quando ho pião chegou a Goa coeste recado que foy pola manhaã, achou ho capitão a caualo com obra de corenta homes dos príncipais que inuernauão em Goa, que queria ir focorrer a Benastarim a pelejar coesses mouros q̄ lhe ho tanadar dissera que entrarão na ilha,

& defender a outros que nã entrassem: & tinha mandado a Diogo fernandez que era adail que fosse descobrir dhũ cabeça contra Benastarim se parecião os inimigos & que gente era. E em quanto Diogo fernandez foy fazer isto com cico de caualo que forão coele, chegou ho pião canarim cõ ho recado falso de Pulatecão, & deuho ao tanadar mór q̄ tambem estaua a caualo com ho capitão. E porque com aquela noua ouue aluorogo entre os outros piães, que erã seyscentos, perguntou ho capitão que era aquilo, & ele disse que não sabia q̄ dizia aquele pião que lho perguntasse ele. E sabendo o que dizia, aluorogou se logo ho capitão como homem mancebo pera ir matar a q̄les mouros, & perguntou ao tanadar mór que faria; dizêdo lhe ele que não sabia, não curou mais de ho perguntar a outros. E sem tomar conselho sobre cousa de tanta importância como aquela, nẽ esperar polo adail & pelos outros, se mudou do caminho que estaua pera fazer a Benastarim, & abalou pera Goa a velha cõ trinta & cinco de caualo com ho tanadar mór & quinhentos piães, de que os trezentos erã canarins & os duzêtos Malabares muyto bõs frecheiros, & era seu capitão hũ que fora goazil de Cananor valête homem de sua pessoa & muyto amigo dos Portugueses. E indo a lli descobrio ho pião Canarim que leuara o recado falso aos outros piães a treyção que estaua ordenada aos n'ffos, cõselhandolhes que fugissem, por que a lli ho auia ele de fazer; & a lli ho fizeram que todos os piães Canarins se deixaraõ ficar poucos & poucos como que cansauão & escondianse, & tambem os Malabares ficauão atras d' cãfades, que ho capitão leuaua tamanha preta,



que sobindo ao cume de hũa serra que está sobre Goa a velha não hião coele mais q treze Nayques que são como cabos ds quoadra dos piães; & estes por serem homens de vergonha & muyto amigos dos nossos. E chegando ho capitão ao cume desta serra, viu quasi ao pé dela em hũ campo obra de mil & quinhentos mouros bem armados todos fechados em hũa pinha; & antreles cinco capitães a cavallo com seus sombreiros & rabos com que os abanauão. Ho capitão que era mais efforçado pera pelear, que repoufado pera capitanear, como vio aquela gente preguntou ao tanadar que farião tao q ele respõdeo que não sabia porq lhe parecia aquilo royndade, pois via quanta auantajem auia do numero daquela gente ao que lhe dissera ho pião que leuara ho recado que não parecia nem nenhũ dos outros Canarins, que visse ele o que queria fazer.

**Capit. xv.** De como o capitão de Goa pelejou com os inimigos & os desbaratou: & como despois foy morto & desbaratado, & do que os nossos fizeram despois disto.



Vuidã a reposta do tanadar, pregũrou ho capitão aos nossos ho mesmo que lhe pregũtara. E nã respõdedo ninguem, disse ele. Senhores vos calais uos, pois eu tambem sou bonito vãmos auante. Ao que logo respondeo Manuel da cunha como ho mem deseioso de ganhar hõrra, auãte; então disserão todos outro tanto. E dizendo isto decerão todos pola serra a baixo, q era tao ingrime q quasi q lhe

corriã as selas sobre os pestoços dos caualos, que se os mouros teuerão acorrido ao decer os matarão todos. E chegando dos douts tiros de besta dos inimigos pouco mais ou menos, deteuos ho capitão & fez lhes hũa sala, dizendo. Bem vades senhores como estes peiros estão quedos, que não he se não cõ medo de nos outros de nos verem tao determinados a comete los, & pãsmão de ver nossa determinação pola deferença que ha de sua multidão a nossa pouquidade. Esperemos em nosso senhor que pera sua destruyção nostrouue aqui; por isso señores como tinesstes oufadia pera decer da serra, assi tende pera dar des neles. E lembre uos q os q morrerẽterão certa a gloria pera as almas, & os viuos a hõrra pera os corpos; & coisto moueo pera os inimigos que nunca se desfizerão da pinha em que estauão. O que vendo ho capitão, em chegãdo deles hum tiro de pedra deteu esse, mãdãdo ao tanadar que fosse com os seus a trauar coele. E disse Pero corefina ao capitão, que se auião de star com os inimigos aos ites q receberião deles muyto danno, por que no mais que hũa frecha que cada hum lanças se abastaria pera os matarem a todos, que dessem Santiago & não esperassem mais. Ho capitão lho teue em merce, & louuãdo muyto seu conselho fez de todos hũa fieira pera darem melhor nos inimigos, & correos duas vezes, efforçando os, & dizendo que auia de ficar detras pera ver como cada hum fazia. E mandã dotanjer as trombetas, dizendo: Santiago foy ho primeyro que cometeo ds inimigos, & os nossos coele, & os romperão hũa vez, & dando logo volta os romperão outra, deixando hũs mortos & feridos das lanças, & outros pisados



dos caualos, & dos nossos tambem foram feridos algũs poucos, entre os quaes foy mestre Alfonso com hum zaguncho: porem os inimigos se desbaratarão logo & fugirão contra ho mar juto don testaua Pulateção, recolhendo a sua gente que passauão da terra firme em jangadas & fustas, & ajuntauanse ali em corpo coele que estava a caualo. E quando estes virão vir fugindo os outros & os nossos apos eles, começaram de fugir sem aproueitar a Pulateção esforçalos, & remeterão ao mar perto se saluarem nas jangadas, & rão desatinados hião que se afogarão obra de trezentos, & os outros se espalharão pelo campo indo os nossos depos eles, & assi os piães Malabares que ja erão chegados, & eles as frechadas, & os nossos as cutiladas matarião bem quatrocentos dos inimigos, & tomarão os caualos aos capitães. Pulateção q̄ vio ho desbarato dos seus, como homem acordado determinou de se fazer forte, por que bem vio que estava certo que fugindo, nem ele nem quantos fossem coele poderião escapar, porque os auia os nossos de seguir, & como os seus hiã desbaratados não auião de fazer volta aos nossos por mais que os efforçasse. E porque ja não podia recolher todos por q̄ão desmandados andauão, recolheuse com os que mais prestes pode ajuntar, que forão oytenta turcos homens de prego, & que seruião muytas vezes de capitães, & que estauão bem armados, acolheuse coeles a hũa mama de terra que se leuantaua naquelle campo, & era cercada de pedra com duas êradas, & entre hũa & a outra estava hum padrão de pedra como que antigamente seruida de fortaleza. E vendo ho capitão fazer se aquele cor

po, conheceo pelos sinais que ali estaua ho capitão dos inimigos, & assi ho disse a Manuel da cunha, preguntando lhe o que faria, & ele disse que fossem auante, & ajuntou ho capitão con siigo & com Manuel da cunha até quatorze de caualo, Pero corema, Antonio correa, Francisco de madureyra, Fernão caldeyra, Fernão correa, Manuel de souza tauares, mestre Alfonso, Bastião rodriguez contador & escruião da camara da cidade & outros quatro. Houtanadar como vio a determinação do capitão, disse lhe que por nenhũ modo fosse cometer a aqueles que erão lites, q̄ deixasse ajuntar os seus piães que ja começaram de chegar, & que eles lhos matarião aas frechadas ou farião que se lhes entregassem, porque a caualo não lhes podia fazer nojo pola colheita em que estauão: do que ho capitão parece que se agastou, & com soberba de sua grande & demasiada vitoria, disse que quem vencera mil & quinhentos homens não auia nada, que não auia de temer corenta ou cincoenta mouros fanados & alfenados. E vendo ho tanadar que não queria seu conselho calouse, & ho capitão cometeo os inimigos, ele com Manuel da cunha, & algũs destes quatorze por hũa parte do padrão & os outros pela outra: & pera ainda os inimigos os mais confunderei a cometelos, faryão até quasi ho padrão, & como ho capitão & Manuel da cunha (que forão os primeyros) entrarão foran se recolhendo de vagar, & acolhendo os dentro da cerca, deffethão com seus zagunchos muy brauamente, & dos primeyros trancarão hum pelos peytos ao caualo do capitão que logo lho derribarão & tomouho debaixo se se poder leuatar, & ao de Manuel



da cunha deralhe hũa cutilada pelas  
 anças com que tirou tantos couges que  
 deu coele no chão, & quasi que ho ca-  
 pitão & ele cayrão ambos a hũ tẽpo, &  
 logo forão mortos p algũs dos imigos,  
 de que os outros ferirão muyto mal sete  
 ou oytto dos nossos, & tanto que ouue  
 rão por seu barato de se sayr & não ir  
 mais auante, especialmẽte vêdo morto  
 ho capitão & derribado seu guião. E a  
 qui parece q̃ nosso seõhor quis goardar  
 estes porque se Goa não perdesse & a  
 Christindade da India não recebesse  
 tamanha quebra, q̃ quando os nossos  
 sayrão da cerca assi apertados nẽ Pula  
 tecão os seguiu, nẽ outros dos seus q̃ ali  
 estauão juntos se lhe poserão diate pa  
 os deter & mal tratar, mas vêdo os vir  
 denodados lhe derão lugar q̃ se sayfẽ,  
 Equis nosso seõhor q̃ os nossos se ajũta  
 rão logo & forãfe caminho da cidade  
 sã falecer mais q̃ ho capitão & Manuel  
 da cunha: & porẽ ho seyto foy tão faça  
 nholo q̃ mais não pode ser, mas ho ca-  
 pitão não soube agradecer a nosso se-  
 ñhor a merce que lhe fazia, & quis atri  
 buyr tudo a sua valentia, não tomando  
 ho conselho do tanadar quando lhe dis  
 se q̃ não cometesse Pulatecãõ q̃ os seus  
 piães lho matarião. E este tanadar ho  
 fez ali muyto valentemẽte, que a fora  
 matar muytos dos imigos ajudou com  
 Pero corefina a meter os nossos e acor  
 do de se ajuntarem & hirẽfe logo pera  
 a cidade, onde chegarão indolhe os im  
 igos ladrando ate as duas aruores q̃  
 nunca oufarão de carrar coeles: nẽ o q̃  
 Pulatecãõ fez foy se não como desespe  
 rado de se nã poder saluar. E chegados  
 os nossos à cidade, foy grande aluorço  
 na gente cõ a entrada dos mouros, &  
 com a morte do capitão pola guerra q̃  
 se esperaua, & quizerão logo todos fa-

zer seu capitão a Francisco pantoja, q̃  
 por ser alcaide mór era sua a capitania:  
 mas ele a não quis por a terra estar tão  
 reuolta como estaua, & assi ho disse, o  
 que lhe todos tacharão muyto. E vêdo  
 os officiaes da camara da cidade, & al-  
 si os da fazenda del rey, & todos estes  
 fidalgos & caualeyros q̃ auia em Goa  
 como Francisco pantoja não queria ser  
 capitão, lhe fizerão assinar hũ autõ q̃  
 se diõto fez, & assinado elejerão todos  
 e camara por capitão a Diogo mèdez  
 de valconcelos posto q̃ estaua preso,  
 & q̃ pera ho tempo outro ho não po-  
 dia melhor ser, assi por efforçado, co-  
 mo prudente & autorizado. E despois  
 de ho fazerem capitão Francisco pan-  
 toja se arrependeo de ho não ser, & re-  
 quero, que ho fizessẽ, mas não lhe a  
 preueitou. E seyto Diogo mendez ca-  
 pitão, Crisnã lhe disse que bem sabia q̃  
 os turcos erão seus inimigos por amor  
 dos nossos, & que estaua certo queyma  
 renlhe as casas & destruyrennos, que  
 lhe pedia que os recolhesse na cerca, &  
 que hi se agasalharião nas ruas em ten-  
 dilhões, do que ho capitão foy contẽ-  
 te, & a Crisnã deu casas onde poufã-  
 se com sua familia, & os cutios aga-  
 salharãse pelas ruas da maneyra que  
 digo, & hi tinhamo suas mercadorias,  
 assi de panos como de mantimentos,  
 de que na cidade auia poucos se ho cer-  
 co fosse perlongado, & por isso ho ca-  
 pitão mandou recolher na cidade quã-  
 to gado pode auer, fazendo conta que  
 ho mandaria tirar apacer com goarda  
 se os inimigos não assentassem ho ar-  
 rayal perto da cidade: & se não que  
 ho mandaria matar & salgar, que ma-  
 yor medo auia aa fome que aos inim-  
 gos cõ quanto não tinha mais q̃ duze-

ros P  
 jar, a  
 lo, &  
 Mal  
 Ihia  
 ro po  
 de ge  
 pera  
 bald  
 (que  
 a her  
 semp  
 & a  
 que c  
 sem-  
 dos i  
 ros d  
 vigia  
 era n

Cap  
 ta  
 co  
 fo



cent  
 ele a  
 raya  
 dia n  
 firm  
 lego  
 alag  
 aog  
 com  
 ro co  
 ção  
 colh



tos Portuguezes que fossem pera pelejar, ante os quaes auia corenta de caualo, & tinha seyçetões piães Canaris & Malabarés, & a outra gête que se recolhia na cerca era muyta, & ho mâtímêto pouco parela, & por isso pos ele grã de guarda no q auia no almazê del rey pera a necessidade. E porque ho arrabalde a que êtão chamauão vila velha (que era daquela parte onde agora está a hermidã de Santiago) não ficasse de semparada, mandou aotandar moor & a Araulu branco hũ valête canarim, que cõ seus piães a guardasse & vigial sem de dia & de noyte, & a defendesse dos immigos se viessem, & por os muros da cerca & baluartes, ordenou suas vigias & toldas, & proueo tudo como era necessario.

Capit. lxxvj. De como Pulatecão assentado seu arrayal em Benastarim hia correr a cidade, & d como lhe os nosos sayão & leuauão a melhor.



**N**trada na ilha toda a gête de Pulatecão que erã tres mil ho mês d pejeja, turcos, coraçones, persios & canarins, em q auia cento & cincoeta de caualo, recolheose ele a Benastarim onde assentou seu arrayal, assi por ser ho passo onde lhe pô dia mais a i nha acudir socorro da terra firme, como por não ser mais de hũa legoa da cidade & estar a hi perto hũa alagoa pera dar de beber aos caualos & ao gado. E como assentou seu arrayal, começou de edificar hũa cerca de muro com algũs baluartes cõ determinação de fazer hũa fortaleza pera se recolher nela & defenderse do governa-

dor posto que socorresse a cidade, & q daq̃a fortaleza a poderia o Hidalcão tornar a cõquistar, & assi lho escreueo. E tẽdo assentado seu arrayal, foy cõ toda sua gête dar vista a cidade, & pos a mór parte dela em cilada, & mostrou se cõ a outra aos nosos, porq̃ parecẽdo lhes poucos os puocasse a pelejar coe le, & q os leuaria ate a cilada como que fugia, & ali os mataria a todos, que não oulaua d pejejar cõ os nosos e batalha eã pal, por quão escaldado ficou de ver tão astinha desbaratados os seus quãdo Rodrigo rabelos foy buicar a Coa a velha. E Diogo mendez como vio os immigos, & q erã poucos sayo a eles, porẽ doendo lhe ho cabelo de lhe terẽ armada algũa royndade hia cõ grande tẽto. E isto lhe fez q chegando a cilada ho tomarão os imigos apercebido, & pejejou coeles cõ tanto esforço, assi seu como dos seus que os desbaratarão cõ matarem & ferirẽ algũs ficãdo os nosos todos sãos, & tambem ho tanadar mór & Raulu ho fizerão muy valêtemente. E desbaratados os imigos, recolheranse os nosos a cidade, & forão recebidos cõ grande festa: & dali por diãte corrião os immigos muytas vezes a cidade, & pejeauão cõ os nosos por recõtros & com voltas & poencolhe ciladas, porq̃ como disse não oulauão doutra maneyra. E sempre nosso senhor seja louuado os nosos leuauão a melhor dos imigos & matauão muytos, & dos nosos erã feridos algũs: & logo como ho cerco co meçou, chegou a Goa Francisco pereyra de berredo e hũa fusta, em que leuou trinta homens Portuguezes que lhe deu Diogo correa seu tio capitão de Cananor õde se esteueja curãdo de hũa doença q lhe dera e Goa atres que ho governador fosse pera Malaca.



E sabêdo ele q̄ Goa estaua cercada, dis se a seu tio q̄ se queria ir pera là, & ele mādou coele a q̄les trinta Portugueses, cō que ho capitão de Goa folgou muy to por ser em tal tēpo, & deu a guarda de hũa estancia a Francisco pereyra, pera q̄ a guarda se cō os que trouera de Cananor, & mandoulhe dar hũ caualo pera quādo ouuessem de sayr aos inimigos.

¶ Capit. lxxvij. De como ho Hidalcão deu a conquista de Goa a seu cunhado Roçalcão, & do engano que Roçalcão fez aos nossos pa ho ajudare cōtra Pulatecão: & de como ho deitou fora da ilha & ele ficou nela, & cercou Goa.



Abêdo ho Hidalcão como Pulatecão ganhara as tanadarias da terra firme de Goa, & tinha se nhareada a ilha & cercada a cidade, de terminou de a tornar a cobrar, tanto q̄ fosse desocupado da guerra del rey de Narisinga: & pera entre tanto começar de fazer ho alicêce, mādou a hũ seu cunhado chamado Roçalcão boõ caualeyro & turco de geração q̄ fosse fazer hũa fortaleza no passo de Benastarim porque receaua de a fazer ali os nossos & lhe tolherê a passajê pera Goa como ja disse, o de depois de acabada se reco lheria & faria guerra à cidade ate a to mar, pera o q̄ lhe deu seys mil homêdes de peleja, turcos, coraçones, persianos, arabios & abexins, & deulhe prouisam pera Pulatecão lhe entregar a gête que tinha & se ir parele. E pa fostetamêto de tudo isto lhe deu as rêdas das tanadarias da terra firme. Ecoeste despacho se partio Roçalcão, & chegou de frente de Benastari da banda da terra firme, dōde mandou recado a Pulate-

cão, q̄ nunca quis obedecer às puifões do Hidalcão, dizêdo q̄ pois ele ganhara a ilha q̄ auia de fazer a fortaleza & conquistar a cidade. E vêdo Roçalcão q̄ não queria obedecer às puifões que trazia, determinou de ho lâçar fora da ilha por força, pera o q̄ lhe pareceo que lhe era necessario ajuda dos nossos, que determinou dauer por engano, a que deu cōr com algũs dos nossos q̄ forão catiuos na nao em q̄ hia Fernã jacome quando indo de çacotorã deu à costa e Dabul q̄ ele trazia cōsigo, & andauão na capitania d̄ João machado q̄ vinha coele: & assi andauão tambẽ Duarte tauares q̄ fora catiuo na terra firme despois do governador tomar Goa a segũda vez, & por este mandou Roçalcão dizer a Diogo mēdez, q̄ ele vinha por mādado do Hidalcão pa destruyr Pulatecão q̄ andaua leuantado cōtrele, & tomara as tanadarias da terra firme sê seu mandado, & como tredoro lhe comia as rendas, q̄ se ele o quisesse ajudar a destruyr q̄ se liuraria da guerra q̄ lhe fazia: & q̄ ele lhe prometia q̄ fizesse paz coele em nome do Hidalcão, & pa isso trazia os catiuos q̄ digo, & em final disso lhe mādaua logo aq̄le: & assi outras palauras, mostrando quanto desejava a paz. E cuydando Duarte tauares que aquilo era verdade, afeycouho ainda mais quando ho disse a Diogo mēdez como Roçalcão trazia os nossos q̄ dizia, & com caualos & armas como liures & lhe fazia muyto galsalhado. E ouuindo Diogo mendez isto, & vendo algũa mostra em lhe Roçalcão mādado Duarte tauares, creio q̄ falaua verdade, & assentou paz coele, & deulhe ajuda por mar contra Pulatecão que foy coela desbaratado, & deitado fora da ilha; no que Diogo mendez errou



muyto, porque sabendo que Roçalcão era cunhado do Hidalcão, que sabia q̄ desejava de cobrar Goa não ho ouuera de ajudar, se não a Pulatecão que era a uentureyro, & por ser soo, & não ter quem ho ajudasse, ouuera de folgar de se fauorecer com os nossos & ouuera de fazer corpo coeles, & por isso fizera q̄ lquer partido q̄ lhe cometerá, & ouuerah de manter polo que lhe releuaua. O q̄ estava certo que Roçalcão não auia de fazer pelas causas q̄ digo: & assi ho fez que entrado na ilha não deu os catiuos como foy côcertado no assento da paz, antes mandou dizer a Diogo mendez q̄ lhe desse a fortaleza da cidade q̄ era a casa do Hidalcão & cabeça de seu reyno, que senão auia de dar a outré se não a ele. E Diogo mendez lhe respõdeu que a cidade era del rey de Portugal, & que q̄ndo todos os q̄ estauão deitro perdesse as vidas que então a deixariaõ. O q̄ ouuido por Roçalcão, determinou de fazer guerra guerreada aos nossos, porque bê entẽdo em sua repõsta que os não auia de to nar facilmete, & mandaua correr a cidade de gente de cauão & de pé, & isto muyto auuide pera que os nossos saysem a pelejar coeles; & logo pola pri meyra que os inimigos hião todos, não queria Diogo mendez q̄ lhe os nossos saysem descubertamete, mas mandou os por em cilãdas entre valos & aruore dos q̄ então auia daquela parte, que entrãõ na vila velha indo de Benafari, & os inimigos recebãõ muyto dãno dos nossos q̄ndo lhe sayãõ, porque como os tomãõ de supito posto que erãõ poucos fazianhe muyto dãno de feridos & mortos. E vêdo Roçalcão ho ardil de Diogo mendez, mudou a seruetã do caminho por aquela parte, & en

traua pola rua que a gora he dos bachares, & tambẽ Diogo mendez teue ali ho mesmo ardil de cilãda & sempre os inimigos leuauão ho peortido que eles andãuão a gastados, principalmete os turcos q̄ preluãmão de muyto valẽtes. E estando hũ dia hũs poucos na tẽda de loão machado q̄ era seu capitão, começou de falar na guerra, & disse q̄ não cuydaua q̄ se os nossos defendesse tão bê, que auia neles muyto efforço. E auẽdo os turcos menẽcoria de loão machado gabar os nossos, disserão que se eles forãõ tãõ efforçados como tinhão a fama q̄ ja ouuerãõ de sayr a pelejar coeles, & trabalhar polos laçar fora da ilha, & não soffrerẽ estar encurralados como gado, & por serẽ couardos ho so frião, & q̄rião cõ manhas ganhar hõrra, & assi disserão outras muytas palauras em desprezo dos nossos. E cõ quãto isto pareceo mal a loão machado como a verdadeyro Christão q̄ era, não oulou de respõder como Christão por não dar de si sospeyta que ho era: mas disse aos turcos que mandassẽ hũ desafio aos nossos de tantos por tantos, & q̄ saberião se erãõ valẽtes ou nã. E os turcos que desejavaõ de se puar coeles de corpo a corpo, mandarão logo hũ cartel ao capitão, em q̄ dizia q̄ no arrayal de Roçalcão auia homẽs que desejavaõ de se puar cõ os nossos e batalha particular, que se quisesse mandar algũs a isto que ho madaffe dizer, & q̄ quãtos quisesse que saysem, tantos turcos achãrião diante da cidade armados de terçados, adagas & cofos que auião de ser as armas com que auião de pelejar, & que as mesmas trarião os nossos. Ho q̄ mais sobrisso succedeo eu ho não pude saber: porem depois que Roçalcão pos ho cerco aa cidade, ele fez a guerra



mais aptada aos nossos do q̄ Pulateão a fazia, & não auia dia q̄ lhe não correfse. & desse cobate; mas sempre os nossos cō quão poucos erao. lhe fayão, por que Diago mēdez era muy efforgado & sempre leuaua cō ajuda de nosso señoñor ho melhor dos inimigos, & mayor medo auia da fome q̄ deles porque erao poucos pa a muyta gēte q̄ sobreueo pera os gastar como ja disse.

Capit. lxxiij. De como cayo hũ pedaço de muro da cidade cō atormēta do inuerno, & do grande trabalho que os nossos teuerão em defender q̄ os inimigos não entrassem por ali.



Estes dias começou dentro ho inuerno com suas tēpestades ã grãdes chuvas & vētos como ha na q̄la terra, & cō a força da tormenta arunhou da parteã fora hũ laço do muro da cidade da bāda do Madouim q̄ estaua aida velho do tēpo dos mouros, & cayo todo aq̄le pedaço q̄ arunhou mas ficou daltura dhũ homē, & qs ãs que isto foy de noyte, por q̄ se acertara de ser de dia q̄ os inimigos ali esteuerão viranse os nossos em muyto grande trabalho. E cō tudo ho teuerão assaz em acarretarē algũs falcões q̄ assentarão sobre ho muro quebrado pa se defenderem dos inimigos ate buscarē madeira pera fazerē ali hũ tranqueyra por q̄ a nã tinham prestes. E despois q̄ foy manhaã q̄ os nossos a andauão buscãdo, sobreueo Roçalcão cō sua gente pa etrar por aq̄le quebrado q̄ logo ho soubeho capitão estaua ali cō todos os q̄ tinha que podião pelejar, & mandou desparar os falcões q̄ estauão assitados, q̄ fizeram hũã grãde elborralhada nos inimigos de muytos q̄ cayrão mortos fei

tos e pedaço, & outros aleijados: porẽ erão tãtos q̄ nã deixauão de se chegar a lança darremello, & os nossos se defendião tambẽ q̄ nã lhesa pueitaua serẽ muytos. E assi durou a peleja toco aq̄le dia em peso se nũca deixã de pelejar: & nosso señoñor quis fazer tanta merce aos nossos q̄ cō quão poucos erão sempre teuerão ho rosto dereyto aos inimigos de q̄ matarão & ferirão muytos, & deles tambẽ morrerão algũs & forão feridos, & hũ deles foy ho tanadar, q̄ foy ferido de hũã espingardada, de q̄ cels pois morreo dahi a hũs dias, que foy muyto grande pda pera os nossos por ser muyto valēte homē de sua pessoa, & grãde imigo dos mouros, & q̄ ajuda ua muy bẽ a matalos. E estando alli na cama ferido, dizia q̄ lhe não pesaua de morrer, se não por q̄ não morria às cutiladas, matando q̄ntos mouros ele de seiua de matar. Coesta grande perda dos seus, se recolheo Roçalcão ja quasi noyte, & tão destroçado ficou q̄ não podetornar ao outro dia, cō que os nossos teuerão tēpo pera fazer hũã tranqueyra naq̄le quebrado do muro, & fizeram na de palmeyras de duas façes entulhada de terra muyto forte, & assentarão nela artelharia. E parecendo todauia a Roçalcão q̄ poderia entrar por aquele lugar, & q̄ tomaria os nossos de sobre salto, foy logo aquela noyte muyto cala damēte & chegou ao quarto da modorra, & cometeo a tranqueyra de supito cō grande grita dos seus: os nossos que ali vigiaũo ouuerã se tão efforgadamēte q̄ sosteuerão este primeyro impeto dos inimigos. E nisto acodio ho capitão com a gente de sua sobre solda: & por que se temeo que os mouros coesta reuolta cometessem as outras estãcias & entrassẽ por q̄lquer delas mandou aos

que es  
as dix  
trazia  
tamba  
imigo  
esteue  
da rec  
de me  
nhũ  
seus fa  
recolh  
tor no  
more  
E ved  
inimig  
dou lo  
ro q̄ n  
ro por  
tornar  
noyte  
estrep  
mayo  
Roga  
fos de  
vida r  
ta dor  
doha  
fema  
repou  
estau  
los im  
balho  
vent  
estau  
rindo  
dou a  
mais  
res h  
hũ e  
trom  
os no  
mata  
les. E



que estauão nelas q̄ por nenhũ modo as deixassem, & ele ajudou com os que trazia a defender a tranqueyra, q̄ foy tambem defendida que se afastarão os inimigos que ja estauão pegados coela: & estauerão alli pelejãdo ate amadrugada recebendo muyto dãno dos nossos de mortos & feridos, & dos nossos nenhũ. E vêdo Roçalcão quão pouco os seus fazião, & ho dãno que recebião, recolheos & tornou se ao seu arrayal, & tornou logo outra noyte com ho mesmo rebate, & fez rão pouco como esta. E vêdo ho capitão isto cuydando q̄ os inimigos ho fizellesem mais vezes, mandou logo fazer muytos abrolhos de ferro q̄ mandou meter ao pé daquele muro por onde os inimigos cometião, que tornarão ainda outras duas vezes de noyte, & como não vião os abrolhos estreparãse neles, & receberão muyto mayor dãno que das outras. O q̄ vêdo Roçalcão nã quis mais cometer os nossos de noyte, & porque lhes desse ma vida mandauales tanjer hũa trombeta don'te a pãdessem ouuir, por q̄ ouuidoha cuydasssem que hia ele & acodissem a tranqueyra & não teuellesem nhũ repouso: & alli foy que acodião logo & estauão nela toda a noyte esperãdo polos inimigos, sofrêdo muyto grande trabalho ali destarem armados como do vento & chuua que fazia, & os inimigos estauão em seu arrayal descansados & rindose deles, do q̄ loão machado mandou auisar ao capitão por escripto, & mais que Roçalcão tinhaãs duas armozes hũa soma de piães q̄ vigião em hũa estancia pera darem goarda a aq̄la trombeta que mandaua tanjer, que se os nossos dessem sobreles de supito q̄ matarião todos ou a mayor parte deles. E como loão machado era auido

por verdadeyro antre os nossos polo q̄ fizera quando ho governador esteue cercado em Goa creiohe ho capitão o que lhescreuia. E determinãdo de matar os inimigos que vigião as duas armozes, mādou a isso Diogo fernandez adail com algũs nossos de caualo, & A. raulo cõ seus piães, q̄ forão rão quiertamente que nũca forão sentidos dos inimigos se não quãdo derão sobreles, & cercãdo os de todas as partes matarião muytos & os outros fugirão pera ho arrayal de Roçalcão, & contarãhe o que os nossos fizerão, & ele dali por diante não mādou mais tanjer a trombeta: & os nossos ficarão desaprellados do trabalho que leuauão de noyte.

Capit. lxxix. De como pelo grande trabalho q̄ hia na cidade, assi de fome como doutras perseguições da guerra algũs dos nossos fugião pera os mouros: & de como loão machado se foy pera os nossos.



Espos disto sabendo Roçalcão q̄ festa era ho domingo antre os nossos, & como ho solenizãuão & ouuião missa pola manhaã, determinou de cometer a tranqueyra quãdo a ouuisssem, & deitou se a noyte do sabbado e cilada pto da cidade, por q̄ ho nã vissẽ os nossos senão q̄ndo des se neles. E ao domingo a horas q̄ lhe pareceo q̄ estarião na missa, sayo de supito & deu cõ sua gẽte na tranqueyra, & como ela era muyta (& os nossos no mais q̄ os ordenados a vigia) êtrarãna q̄ si em a cometêdo elles q̄ hião na diãteyra que ferião bem cem homens. O que visto por Roçalcão começou de bra-



bradar a todos que entrassem antes q̄ os nossos acodissem, lembrádo-lhe que se aquelle dia fossem valentes homẽs q̄ se lhes acabaria nele ho trabalho dos muytos dias que auião de leuar sobre ganharem aquella cidade, posto que todos morressem sobrela; mas nisto acodio ho capitão com quantos auia na cidade, & derão nos inimigos com tão grande impeto ferindo os cõ as lanças, & outros cõ espingardadas & sitadas que os fizeram tornar pola tranqueyra fora ficando algũs mortos dentro, & dos nossos nã morreo nenhũ, & todos ho fizeram ali muyto esforçadamente; & se alli nã fora a cidade esteue muyto perto de se perder, & perderasse se entraraõ mais mouros. E saydos os mouros, mandoulhes ho capitão tirar com a artilharia, & Roçalcão se tornou muyto descontente dos seus; & por se vingar dos nossos mandou afeitar hũ camelo no oxiteiro onde agora estã a forca da cidade, que he muyto perto dela, & dõ de se parece toda, & mã daua tirar coele muyto amiude, & deitaua muytos pelouros dentro, o que fazia muyto nojo, nã samente nas casas mas na gente q̄ sempre mataua algũs, & adauão os nossos tão affombrados deste tiro que nã se gurauão em nenhũ lugar, porq̄ nas casas & fora delas sempre fazia dñão. E coisto corria Roçalcão a cidade muitas vezes, & como os nossos lhe sayão mandauales tirar com ho camelo & fazialhes muyto mal; & este foy ho primeyro trabalho que começarão de sentir da guerra que era muyto grande, & a posseste outro muyto mayor, q̄ foy ho da fome que sobreueo despois que se gaurãõ os mantimẽtos q̄ tinhão os bachares da cidade gentios, que nã ficaram mais que os que auia no almazẽ

q̄ se dauão por muyto estreyta regra; & estes erãõ arroz & algũa carne do gado q̄ ho capitão tinha viuo pera estas necessidades, & era a carestia tamanha que hũ fardo darroz custaua mil rs & hũa galinha hũ cruzado, & por mar nãõ podião ir nenhũs mantimẽtos aos nossos, assi por ser inuener mo como por a mor de hũas fustas dos mouros q̄ esta uão em Cintacorã, com cujo medo os gentios darredor nãõ ousaõõ dir, que bem ho podião fazer em paraos cõ hirem ao lógo da terra; assi que por esta causa de nãõ poderem os mantimẽtos hir a Goa auia nela grande fome, principalmente antre a gente da terra, a q̄ se nãõ daua regra do almazem se nãõ aos que pelejauão, porque se a dessem a todos nãõ auia remedio pera abastar dez dias, & por isso aos que pelejauão se daua regra somete, & os outros nãõ comião mais que pescado cozido em a goa tal, & este fresco q̄ cada dia ho pescauão os pescadores, & de nãõ comerẽ outra cousa adoeção muytos de correça & morrião. E era piedade velos deitados por essas ruas doentes & mortos de fome, que nãõ auia quẽ andasse por elas coeles & com ho gado, & erãõ as moscas tantas que nãõ auia quẽ se valesse, & tambem despois que ho arroz faltou aos nossos adoeceerãõ eles de correça & morrião, & cada dia auia couas abertas, & coestes trabalhos começarãõ algũs dos nossos denfraquecer, & desesperar de poderem viuer, & pera escapar da morte fugião pera os inimigos deitãdo se de noyte do muro abaixo & estes erãõ espingardeiros & bẽteiros pera os receberem cõ melhor vidade, & como erãõ no arayal dos inimigos, perguntaõõ logo por Ioãõ machaco nomeandoho por seu nome meurifeco,

E ist  
gaua  
cão,  
ta vo  
com  
mach  
go;&  
& ele  
uão o  
Roça  
estes  
que e  
anda  
hirem  
mour  
pera c  
hũa se  
cauale  
home  
mach  
gunto  
Chrif  
porqu  
mach  
dauão  
uão de  
q̄ ho se  
passan  
Ioãõ  
ra a cid  
da lthe  
timent  
ros nã  
trafse  
trazia  
gũas v  
pitão,  
do de E  
me pol  
que lhe  
ninos q  
dou os  
tar, por



E isto cuidando que era mouro, & ro-  
 gauanlhe que os apresentasse a Roçal-  
 cção, dizendo-lhe que vinhão com muy-  
 ra vontade de ho servir naquela guerra  
 com suas bêstas & espingardas. E Ioão  
 machado por se encobrir fazia seu ro-  
 go; & Roçalcção folgaua muyto coeles,  
 & eles lhe dizião ho estado em q̄ esta-  
 uão os nossos. Estes por com prazer a  
 Roçalcção se tornauão mouros, & todõs  
 estes erão entregues a Ioão machado,  
 que era capitão da gente branca, que  
 andaua muy agastado por se os nossos  
 hirem pera os inimigos & tornarem se  
 mouros. E indo se assi algũs dos nossos  
 pera os inimigos que serião ate sesenta,  
 hũa festa feyra dendoenças fugio hum  
 caualeyro, q̄ se chamaua Fernão lopez  
 home.n de boa casta. E vendo ho Ioão  
 machado como andaua agastado, pre-  
 guntoulhe que dia era aquele ante os  
 Christãos; & ele lho disse, & a rezão  
 porque lhe chamauão assi: ao que Ioão  
 machado disse que lhe parecia q̄ goar-  
 dauão muyto mal sua ley, & se nao de-  
 uião de lançar com os mouros em dia  
 q̄ ho seu Deos morrera por eles. E não  
 passando mais sobristto, determinou  
 Ioão machado de è todo caso se ir pe-  
 ra a cidade pera estorçar os nossos, &  
 daelhes maneyra como ouuessem mã-  
 tintimentos, & mostrar-lhe como os mou-  
 ros não tinhão tanto poder que os en-  
 traassem por força. E esta determinaçã  
 trazia ele de dias, & sobristto se vira al-  
 gũas vezes no campo com ho nosso ca-  
 pitão, dissimulando que lhe daua reca-  
 do de Roçalcção, & mandou à terra fir-  
 me polo seu dinheiro que lã estaua, &  
 que lhe trouesses dous filhos peque-  
 ninos que tinha de hũa moura, & man-  
 dou os trazer com proposito de os ma-  
 tar, porque os não podia leuar consigo

sem ser sentido, & pareceolhe que se  
 ficassem sem ele ante os mouros que  
 se farião mouros, que ateli erão Chri-  
 stãos que ele mesmo os bautizaua qua-  
 do nacião, & lhes infinou despois que  
 forão de idade ho Pater nĩ & outras  
 orações que infinão aos meninos, com  
 proposito de se ir ainda pera os nossos  
 & leualos consigo; & por a necessidade  
 que então auia de se ir, não quis deixar  
 de se ir posto que os não podesse leuar.  
 E porque se não seguisse o que receaua  
 pedio perdão a nosso senhor se naqui-  
 lo fazia peccado, & afogou os, & deu a  
 entender que morrerão lupito fazêdo  
 por eles grande prãto. E como ja tinha  
 seguro do capitão, tomou seu dinheiro  
 & hũ dia fazendo que hia folgar pola  
 ilha, leuou consigo todos os de sua capi-  
 tania, & assi os nossos que andauão na  
 terra firme, como os q̄ fugirão da cida-  
 de. E chegando pto dela, disse aos nos-  
 sos q̄ de la fugirão se se querião tornãr  
 coele parela, principalmente a Fernão  
 lopez, & ele nem nenhũ dos outros nã  
 quiserão se não os q̄ forão catiuos em  
 Dabul q̄ se forão coele pera a cidade,  
 onde foy recebido com procissam, &  
 assi foy leuado à igreja, & ali forão da-  
 das por todos muytas graças a nosso se-  
 nhor por lhes fazer tamanha merce,  
 como era trazer-lhes aquele homẽ em  
 tempo de tamanha necessidade. E cer-  
 to que ela foy muy grande merce, por  
 q̄ se Ioão machado não fora muy pou-  
 cos ficarão na cidade que se não forão  
 pera os mouros segũdo ho trabalho q̄  
 hia da fome & das doenças que dela na-  
 cião. E quando virão que ele que estã-  
 ua fora deles & em lugar onde viuia tã-  
 to aa sua vontade se vinha meter ne-  
 les sem nenhũ coãstrangimẽto, os que  
 tinhão proposito de se ir pera os mou-



ros se arrepêderão, & os que ho não tinhamão foram confirmados pera ho terê nuncia: & todos cobrarão nouo esforço pera suportarê a fome & se defenderê dos inimigos.

Capit. lxx. De como despois de passado loão machado pa a cidade aperitou Roçalção mais ho cerco, & de como Frâncisco pereyra de berredo foy por mantimentos a Batecalã, no no que passou grande perigo.



**M**vyto sentio Roçalção a ida de loão machado pera os nossos, & mais por ser em tempo que cuydaua que selhe auia dêtregar por amor da fome que auia anteles. E então duuidou muyto d os poder tomar, porque irse loão machado em tal tẽpo não era sem grande misterio, & pregũtaua aos arrenegados se sabião a causa de sua ida, ou se auia algũ trato ãtre ho nũsso capitão & ele, & eles dizião que não sabião, somete q se falauão algũas vezes no câpo. E coistoficou Roçalção mais temeroso, por q se recebeu dalgũa treyção com quãto lhe os arrenegados dizião que não se receasse de nada, por que os no sios estauão tão trabalhados da fome, que quãdo se bem podessẽm defender que não farião tão pouco, & q lhes corresse muyto amiude, & que os tomaria ou selhe entregarião, & que ho camelo que estava na estãcia da forca, não cansãte de tirar porque este da ua grande opressã na cidade, em rãto que ninguem ousaua dandar por ela. E quuido Roçalção isto tornaua esperar de tomar a cidade & corrialhe quasi ca

da dia, às vezes de madrugada, outras em amanhecendo, & à tarde, outras ao meyo dia & em anoytecendo, pera ver se podia tomar os nossos de supito & entralos: por em eles estauão apercebidos a todas as horas q parecia q sempre ho esperauão. E vêdo ho capitão quão amiude vinhão os inimigos punhalhes ciladas por todas as partes, & como vinhão descuidados d isso fazialhes muyto dãno sem receber nenhũ. E cõ tudo Roçalção não deixaua de mandar correr a cidade, & de cada vez cõ mais gẽte & ele hia coela as mais das vezes, & muytas se chegauão os seus tanto aos muros, principalmente de noyte que sobião por escadas q sempre trazião, & chegauão ate as ameas, & auia muy grandes pelejas, & os nossos pola virtude de de nũsso seõnor sempre ficauão com a vitoria: porque sem sua ajuda não poderão eles tanto tẽpo resistir ã muyto grande força dos inimigos sendo eles ja muy poucos, por q a este tẽpo os mais erão doẽtes q não podião pelejar, se nã fazião gẽte nos muros. E esses sã os affi poucos como erão fazião grandes façanhas, mayormete ho capitão Manuel de souza tauares, ho adail loão machado, Fernão caldeyra, Pero corema & outros, de maneyra que sempre os inimigos leuauão ho peor. E cõ tudo Roçalção não deixaua de perfiar em os perseguir de dia & de noyte cõ lhes correr, & cõ nũca ho camelo da estãcia da forca estar quedo sem desparar, & pera q não arrebetaisse cõ tantos tiros, telfria uãno a cada tiro cõ vinagre. E estes pelouros que de continuo cayão na cidade dauão muyta opressã aos nossos com lhe daneficar as casas & matar algũs. E os Canarins q estauão agasalhados pelas ruas em tẽdas padecião dãno incõ

portar  
uia dis  
todos  
nhão  
is ho i  
cayão  
nuas u  
riosos  
da fre  
erão l  
os no  
nhão  
via de  
blidad  
como  
nunca  
não fo  
rão ne  
dade  
frerã  
sta fa  
manh  
ho ce  
duzen  
da for  
rer a c  
lhe no  
lo que  
prelã  
oyteir  
uar co  
do oy  
Roça  
de os  
antre  
tra ho  
apart  
adail  
que o  
gos de  
zeller  
os out  
migo



portael deste camelo, porque não auia dia que não mataſſe deles. E com todos eſtes trabalhos que os noſſos tinham, teuerão outro que quãto hia mais ho inuerno por diante tanto lhe mais cayão pedaços dos muros com as contnuas tormentas de brauas chuuas & furioſos ventos, & iſto por eſtarem ainda freſcos. E eſtes lanços que aſſi cayão erão logo tapados com tranqueyras q̃ os noſſos fazião, & ho eſſorço que tinhamo lhe daua forças pera iſto, que por via de natureza eles as tinhamo aſſaz de blitadas, aſſi com comerẽ muyto mal como com dormirem peor, como com nunca deixarem de pejar. E certo que não forão iguais aos trabalhos que leuam neste cerco os que teuerão os da cidade de mutina nẽ os da fome que ſoſſerão os de perofã. E viuendo aſſi neſta fadiga, hum dia de ſam Ião pela manhaã (em que fazia tres meſes que ho cerco duraua) apparecerão obra de duzentos mouros de caualo no oyteiro da forca com que vinha Roçalcão correr a cidade. E ſabẽdo ho capitão ſayo lhe no mais que com os noſſos de caualo que erão ate oytenta, & ſayo tão de preſſa que tomou os immigos ao pé do oyteiro; & começando os noſſos de trauar coeles eſcaramuça, ſaem de detras do oyteiro obra de ſeyſcẽtos de pé que Roçalcão tinha em cilada, & começão de os querer cercar, pera que ficallẽm antreles, & os de caualo que ficauão cõtra ho oyteiro. O que vẽdo ho capitão apartou logo ameta de, & mandou ao adail que cõ vinte, & a Iaão machado que outros tantos rompeſſẽm os immigos de pee por duas partes, & que os fiſſẽm eſpalhar, & etre tanto ele com os outros quarẽta teria ho roſto aos immigos de caualo, que vendo vir os ſeus

piães apertarão muy riço cõ os noſſos: porem ho capitão com os ſeus quarẽta feytos em hum tropel reſiſtio cõ muyto eſſorço a ſeu impeto fazendo os ter com lhe os noſſos matarem & ferirem muytos, & entre tanto ho adail & Iaão machado romperão os de pee per duas partes, derribando algũs com as lanças & a tropelãdo muytos com os caualos, & aſſi como os romperão tornarão ſobreles outra vez & os romperão, pelo qual eles ouuerão tamanho medo que ſe eſpalharão & foranſe ajuntar com os outros de caualo, & os noſſos ſe ajuntarão tambem vendofe liures do que os immigos lhe querião fazer. E cõ quãto niſto todos os noſſos ho fizeram muy valentemẽte: ho peſo dos immigos era tamanho que forão feridos muytos, antre os quales foy ho adail, & foy morto hum de ſaa fidalgo cujo nome não pude ſaber. E eſtando os noſſos em grande aperto, ſouberão na cidade & forão logo os piães em ſocorro; & ſintindo os immigos ſua vinda fugirão que nunca os Roçalcão pode ter; & ho capitão os nã quis ſeguir, aſſi polos muytos feridos que tinha, como porque em começando os immigos de fugir, lhes começou a noſſa artelharia de tirar, que a telã não tirara por os noſſos andarem meſturados coeles, & a artelharia matou tambem muytos, que os virão os noſſos levar às coſtas aos viuos. E paſſa do iſto, & etrado ho meſ de Julho por a fome ir de cada vez em mór crecimẽto & apertar mais os noſſos cõ adoece rem cada dia, mandou ho capitão por conſelho de todos que foſſe Francisco pereyra de berredo, que era capitão de hũa fuſta a Batalã, & troueſſe os mais mantimẽtos que podesſe, & ſe achafſe algũs paraos que lhos quiſeſſem tra-



zer aítete que os tomasse pera isso, & cõ quanto a ida era muy perigosa por ser na forca do inacerno Francisco peyreira foy de boa vontade, & quis Deos que nem da ida nem da vinda não correo nenhum perigo, se não em chegando à barra de Batalalã que se ouuera de perder com hum temporal, & despõis disto negociou tambẽ que leuou a Goa vinte paraos carregados darroz, & assõ muytas galinhas & outro refresco, com que os doentes forão muy remediados, & os saõs tomãõ hum verde, & isto foy aida no mes de Julho. E despõis disto em Agosto, mandou ho capitão a Bastião rodriguez da moeda eleriuaõ q̃ então era da camara de Goa que fosse a Batalalã em outra fusta, & que a leuasse carregada de cobre, pera que a troco dela trouesse mantimẽtos & ho outro vendesse, porque tinha necessidade de dinheiro, & deulhe cartas pera dar aos capitães dalgũas naos que fossem de Portugal se os achasse da ida ou vinda: que eiscreuia ho estado em que estaua, pedindolhes q̃ ho fossem socorrer, & não achãdo nenhũas naos deixasse as cartas na goada Danjadua, & ele ho fez assi q̃ não achou nenhũas, & passando muyto perigo, assi da ida como da vinda, fez ao q̃ hia, & leuou mantimentos & socorro, & entrou pelo rio de Goa com a fusta toldada de pano vermelho & bandeirada de muytas bandeiras, & tirou muytas bombardadas. O que vêdo os inimigos se lhes quebrou muyto os corações, parecẽdo lhes que vinha socorro aos nossos, por que entrãua ho verãõ.

¶ Cap. lxxxj. Do q̃ fez Diogo fernãdez de beja indo a Ormuz, & de como tornou a Goa, & do socorro que veio a Goa despõis que etrou ho verãõ.



Tas fica dito como antes que ho gouernador partisse de Goa, mandou a Diogo fernandez de beja com tres nauios que ho fosse esperar ao cabo de Goardafum, & q̃ se não fosse ter coele ate meado mayo, que se fosse a çacotorã & derribasse a fortaleza, & recolhesse os Christãos da terra que quisessem ir coele & dali fosse a Ormuz a pedir as pareas a Cojeatar & coelas se fosse a Goa. E partido coeste regimento, indo por sua viajem tomou hũa nao de mouros q̃ se lhe entregou em paz: & chegado ao cabo de Goardafum vêdo que ho gouernador nã hia tornou se a çacotorã, & mostrou a prouissam delrey a Pero correa capitão pera se derribar a fortaleza, & a do gouernador como lha mandãua derribar. E derribada a fortaleza & recolhida a gẽte & artelhatia, foy se a Ormuz & não achou hi Cojeatar nem el rey q̃ erãõ idos aa ilha de Baharem que lha tinhão tomada seus inimigos, & leuãrãõ consigo toda a gẽte de peleja, em tãto que não ficarãõ em Ormuz mais de duzentos homẽs que podẽ sem pelear, & bem ho podera Diogo fernandez tomar, mas não ousou por amor das pazes, & esperou a vinda de Cojeatar & delrey, q̃ tornarãõ muy vitoriosos que cobrarãõ Baharẽ & mais hũa cidade na costa da Persia q̃ se chama Catifa. E sabendo eles como ho gouernador gouernãua a India derãõ logo as pareas que deaiaõ. Coeste bõ auizãto se partio Diogo fernandez pera a India, & chegou a Goa em fins D'agosto, onde foy muy bem recebido, assi do capitão como de todos por chegar a tão boõ tempo cõ gente que era tão necessãria.

faria  
cem h  
refor  
res &  
poen  
nao o  
bem  
panh  
mer,  
de p  
ho g  
rem  
temp  
migo  
pois  
corre  
lo: a  
de ca  
sayo  
por n  
quis  
ho ca  
gou a  
todos  
em ci  
nou  
Diog  
do d  
ra, &  
de in  
antre  
segui  
da d  
de su  
ho to  
to ap  
neyr  
to se  
nosso  
antre  
uares  
lente  
tãõ r



faria como digo, que traria perto de cem homens & estes são, & celes se reformarão as estancias tirando os doêres & cansados que estauão nelas, & poendo destes, saluo os que erão da nao de Diogo fernandez (que serião bem quarenta) porque estes ho acompanyauão semp: & ele lhes daua de comer, fazia corpo por si por ser pessoa de preço & de muyto credito, assi cõ ho governador como com todos, & por rem obedecia ao capitão, que a este tempo laya mais sem perigo aos inimigos quando lhe corrião. E logo depois de chegar Diogo fernandez lhe correrão hum dia hūs poucos de caualo: a que ho capitão layo com os seus de caualo, & Diogo fernandez não layo logo coele por andar a pee, que por não auer caualos pera os seus não quis ele andar a caualo. E despois de ho capitão ser saydo da cidade que chegou aos inimigos, layo Roçalcão cõ todos quantos tinha com que estauão em cilada. O que vendo ho capitão tornou se a recolher pera a cidade donde Diogo fernandez ja laya acompanyado dos seus, & assi dalgũs piães da terra, & não sabendo ho grande poder de inimigos que vinha por virem por ante valos & aruores que por ali auia seguiu seu caminho deryto pela estrada de Benastarim, & indo assi foy dar de supito com os inimigos, que como ho tomarão a pee poseranno em muyto apto: & a coufa se baralhou de maneyra que se ferião com as espadas tão se chegauão hūs aos outros, & dos nossos forão feridos quize nas pernas, ante os quaes foy Manuel de souza riuares, que aquele dia pelejou muyto lentamente. E com tudo se ho capitão não aco dira cõ os de caualo Dio-

go fernandez & os outros estauão em risco de se perderem, posto que pelejarão muyto bem & ferirão muytos dos inimigos, & matarão algũs. E recolhidos os de pee, tornou se ho capitão cõ todos pera a cidade sem afronta, que não ho quis Roçalcão seguir. E despois disto ouuerão os nossos muytas pelejas com os inimigos, em que fizerão muytas valentias, que porque as não soube particularmete as não escreuo principalmente, em hũa peleja em que ho capitão foy ferido de hũa frecha em hum artelho, & em quanto a peleja durou que foy hum boõ pedaço trouue metida a frecha, & despois de se recolher lha tirarão. E durando assi ho cerco, na entrada Dagosto chegou a Goa hum Ioão serrão que fora de Portugal (com outro capitão que se perdeu) a carregar de gimibre à ilha de sam Lourenço, & por não achar carga se passou a a India, & foy ter a Goa onde deixou da gente que leuaua. E neste tempo soube Manuel de lacerda que andaua na costa de Calicut ho cerco de Goa, & por isso partio logo pera laa, & com sua partida poderão partir seys naos de mouros de Meca que estauão em Pandarane, por em perderanse cinco com tempo, & hũa que arribou a Baticalã foy despois tomada. E partido Manuel de lacerda, chegou a Goa com seys nauios grandes, de que erão capitães ele, Pedro dafonseca de crasto, Mendafonso de Tangere, Francisco lodré, Simão velho & Antonio de saa natural Dalhandra. E com a vinda de Manuel de lacerda se esforçarão os nossos muyto mais que dantes, porque forão coele bem cento & cincoenta homens, & assi leuoua mantimentos em abastança. E sabendo Ro-



çalcão ho focorro que era vindo a cidade por lhe mostrar que ho não tinha em conta lhe corria mais amide, & de noyte daua rebates mostrâdo que a queria escalar que trazião os seus escadas & sobião ao maro; porem não se poderão gabar disto, porque acodindo os nossos matauão muytos deles. E ven do Roçalcão q̄ lhe não aproueitauão aqueles feros, deixou de os fazer & corria de dia, & tambem lhe sayão os nosos, & de todas as vezes saya Manuel de lacerda com sua gente a acompanhãdo a bandeira real, & algũas não saya ho capitão despois que veo Manuel de lacerda, & daua lhe ho cargo de capitanear a gente por lhe fazer hõrra. E Manuel de lacerda ho fazia sempre muy bem, & assi elles principais que forão coele de Cochim; & antrestes erão Mendafonso de tangere & Antonio ferreyra, & não auia vez que pelejassem com os mouros que não matassem muytos. E Roçalcão em vingança disto fazia amiudar os tiros do camelo da forca, que era o q̄ mayor opprefsam daua aos nosos q̄ as corridas dos immigos, & se os da cidade se atreuerão a poder trazer ho camelo bẽ ho forão tomar, mas não se atreuião por a distancia ser grande. E passandose isto assi veo ter a Goa hũa nao de Portugal, em que hia por capitão hum fidalgo chamado Christouão de brito que aquele anno de onze partira de Lisboa a dezanoue Dabril com outro capitão doutra nao chamado dom Ayres da gama hirmão do conde almirante, & erão da conserua de dom Goarcia de noronha que no mesmo anno partira de Lisboa pera a India por capitão moor de seys naos, ele de santa Maria da juda, Pero mazcarenhas de santa

Maria da luz, Manuel de crasto alcofador de sam Pedro, lorge de brito de setã Ofemea, Christouão de brito em Belem dô Ayres na piedade. Eas quatro primeyras em que hia dom Garcia (que ao sayr da barra el rey foy ver em hum bate) leuarão tão mã viajem que chegarão a Moçambique em Feueyreiro do anno de doze, como direy a diante. E Christouão de brito & dom Ayres dobrarão ho cabo de boa Esperança a vinte tres de Julho, & forão ter a Moçambique a treze Dagofo, & dô Ayres ouue vista de Baticala vespera de nossa senhora de Setembro, & da hi se foy a Cananor, & Christouão de brito foy ter a Goa onde deu noua da armada que ficaua a tras, & no tempo que hi esteue que forão algũs dias, a primeyra vez que Roçalcão correo a cidade lhe sayrão os nosos, q̄ foy hũ boõ quinhão de gente; pelejarão tão riço com os mouros, que despois de matarem muytos os fizerão fugir & forão apos eles ate as duas aruores, & por os mais dos nosos irem a pee & cansarem se tornarão pera a cidade. E esta foy a primeyra vez despois que duraua ho cerco que os nosos desbaratarão os immigos & os fizerão fugir, porq̄ dantes não fazião mais que remeter a eles & recolherse, & não que os desbaratassem, porque os mouros como se vião acometer não querião mais pelejar & hianse; & os nosos nã curauão mais deles por serem poucos & recolhianse. E deixando Christouão de brito ali da sua gente, se foy pera Cananor, & da hi a Cochim.

¶ Capit. lxxij. De como Roçalcão, acabou a fortaleza no passo de Benastarim, & do mais que se fez em Goa.



apress  
nastan  
ho H  
fazer  
se bul  
de faz  
pola  
dar re  
rem os  
tião, &  
ferem  
mento  
mar, &  
ho cer  
dor d  
gouer  
regad  
tos, m  
tos of  
que h  
E tão  
co, qu  
calde  
& cal  
la cos  
ho go  
to co  
pres  
sem  
fossen  
ra qu  
tom  
capitã  
nador  
que a  
us ma  
po &





Endo Rogaleão ho socorro q̄ cada dia vinha a Goa, & que a não podia tomar nem fazerlhe mais mal que tela cercada apressou se a acabar a fortaleza de Benastarim, assi pera cumprir o que lhe ho Hídalcão mandara, como pera se fazer ali forte se ho governador ho fol se buscar, que bem sabia que ho auia de fazer se tornasse aa India, & nem pola occupação da fortaleza deixaua de dar rebates aa cidade como dantes: por em os nossos como disse não ho sentião, & ja viuão descansados, assi por serem muytos como por terem mantimentos em abastança que lhe hão por mar, & ate Meliquiaz sabêdo em Diu ho cerco de Goa por se mostrar seruidor del rey de Portugal & amigo do governador, mandou duas nros carregadas de trigo & doutros mantimentos, mandando ao capitão de Goa muytos offrecimentos, porque bem sabia que ho governador era fora da India. E tão pouco sentião os nossos ho cerco, que deu ho capitão licença a Fernão caldeyra paje que fora do governador & casado em Goa, que fosse tratar pela costa ate Chaul com hum nauio que ho governador lhe dera em casamento com hum aluara que podesse fazer presas nas nros & nauios que não leuassem seguros do governador, ou não fossem vassallos del rey de Portugal pera quem daria a quinta parte do que tomasse. E esta licença se disse que ho capitão dera, mais por danar ao governador que pera goardar seu aluara, por que ainda que ele deuia de goardar seus mandados, entendia se em outro tempo & não naquele em que Goa estaua

em tanta necessidade de gente, & mais de tal homem como Fernão caldeyra que era bo caualeyro, & ho em que ho capitão fazia conta de danar ao governador era em acusar a sua licença a Fernão caldeyra, pera a ele executar em tal tempo, & mais que se Fernão caldeyra fizesse algum erro naquelas presas, que ao governador se auia de tornar a culpa & não a ele que era seu sudito, & auia de cumprir seus mandados, o que ele não era obrigado a cumprir em tal tempo. E assi deu ho capitão licença a algũas pessoas que se fossem pera Portugal, que não foy bem carha, assi como a hum Gonçalo rabelo que rodrigo rabelo poseia por tana dar na ilha de Chorão, & se foy sem dar conta do dinheiro que recebeo, nem ho entregar na feytoria, & mais roubou muyta fazenda a Rodrigo rabelo (cujo criado foy) despois de seu falecimento. E neste roubo foy hum aluara do governador q̄ ficaua na mão de Rodrigo rabelo per que fazia seu successor a Manuel de lacerda, se não se senhor desposesse dele algũa cousa, & da capitania moor do mar a Diogo fernandez de beja. E todas estas licenças que ho capitão deu forão contra ho regimento do governador, que quádo se partio deixou com grandes defesas que a gente que ficaua em hũa fortaleza se não passasse pera outra, quanto mais ir tratar nem fazer presas nem ir se pera Portugal. Tambem no tempo que ho governador esteue fora da India se fizeram algũas defordões com as molheres destes Portugueses que casarão em Goa, sem ho capitão as querer casar: & dizia que ho fazia por serem os casamentos obras do governador a quem ele queria mal pelo



que lhe fizera como a tras disse. E dizem que os deffauoreceo muyto no tempo que foy capitão, principalmente no começo do cerco, dizendo ele & Pero corefma & outros que bem escusado fora casar ho governador homens em Goa, nem fazer dela ho fundamento que fazia estando tão vezinha ao Hidalcão que era hum senhor tão poderoso que não auia de tardar mais em a tomar que em quanto se não desocupasse da guerra que tinha, & que ela tomada ficarião os casados bem ajudados sem terem com que se manter, & casados com mouras & com gentias. E posto que ho Hidalcão não tomasse Goa logo, que continuamente lhe auia de fazer guerra ate a tornar, & os casados auião de leuar todo ho trabalho por defender suas fazendas: porque ho governador não auia de poer outros fronteiros. Porem nosso senhor que he piedoso quis que succedesse tudo ao reues.

Capitolo. lxxiij. De como ho governador soube a treyção que Timutaraja ordenaua, & de como ho preceio & a outros que entrãuõ nela.



Disse quando ho governador a edificação da fortaleza de Malaca: & ela posta em ponto pera se defender dos inimigos foy ele enfermado que Timutaraja & seu filho, & mais hum genro & hum neto se carteaũõ com ho rey moço que se chamaua rey de Malaca, offrendose a ajudalo se aquiesse tomar. E pera melhor testemunho da verdade, forão dadas ao governador duas

cartas, hũa de Timutaraja assinada por ele, em que se disculpaua a elrey de não poder fazer outra coufa, se não estar a obediência do governador, offrendolhe sua pessoa & a de seu filho, neto & genro, com toda sua gente pera ho ajudar a cobrar Malaca. E a outra era delrey em resposta desta, rogãdolhe que estuesse prestes pera quando lhe escreuesse que auia de ir sobre Malaca, porque esperaua de ser muyto cedo. E com quanto ho governador vio estas duas cartas que erão proua abastante pera castigar Timutaraja segundo merecia tamanha treyção, não quis logo bolir coiffo pera ver se por bem ho poderia assessegar por não fazer aluoroço na terra, de que se despois poderia seguir coufa que ho obrigasse a muyto, pera que ele não tinha gente que ho podesse ajudar, porque os mais dos oytocentos Portugueses que trouera estãuõ doentes, & muytos erão falecidos, alli do trabalho que tinhão em edificar a fortaleza & em mal comer & peor dormir, como da mudança do clima em que estãuõ & Malaca ser de sua natureza doentia. E sabendo Timutaraja a doença que hia ante os nosos tinha grande deligência em mandar cada dia saber por pessoas de que se fiaua quantos doentes auia & quantos morrião, & por saber que erã muytos & desprezar os que ficauão vivos por serem poucos & doentes, tomou oufadia de fazer treyção, não somente ajuntandose com elrey mas com sua gente & parentes quando elrey não viesse, & matar todos os nosos & fazer se senhor de Malaca. E pera ter rezão de ho fazer, começou de querer ir com tras ordenações que ho governador tinha feytas acerca da gouernança da

terra  
mou  
mora  
pal n  
to &  
com  
rema  
dia p  
stigo  
taraja  
da gr  
mo d  
do el  
foneg  
reyto  
muy  
dia r  
do a  
dores  
guro  
despe  
fora,  
neces  
derra  
mal d  
da fo  
hum  
& pa  
gum  
pren  
ho  
que e  
nojo  
pada  
não o  
deter  
tes a  
das,  
fazia  
que v  
em q  
mog



terra, & daa lugar que a moeda dos mouros corresse na pouoação onde ele moraua, por ele ser cabeceira principal nela, nem quis ir com seu filho, neto & genro, ao apregoar da moeda, com o que ho governador dissimulaua remedeando tudo ho melhor que podia pera não vir a rompiuimento de castigo, se não quando soube que Timutaraja sem nentum temor uaha tomada grão foira de seruaos, assi del rey como de seus mandarins que ficarão quando el rey fugio da cidade, & os tinha fonegados pertencendo eles por deureyto a el rey de Portugal, & assi com muy gran de soberba & tirânica oufaldia roubou ho pouo de Malaca quando a el rey despejou, & assi aos mercadores que se tornarão parela com seu guro do governador, & assi atraueffou despois todos os arrozes que vierão de fora, e n tanto que ja ho pouo padecia necessidade de mantimentos. E por derradeyro de todas suas diabolicas maldades, indo ho nosso meirinho da fortaleza a sua pouoção leuaua hum Nayre Christão que era seu pião, & parece que Timutaraja tinha dele algum queixume, mandou ho tomar & prendelo com quanto lhe ho meirinho disse que ho não prendesse por que era Christão, que se fizera algum nojo que ho mandasse dizer ao governador & que ele ho castigaria; mas ele não quis se não prendelo. E como se determinou em fazer treycão, fez fortes as suas casas com cauas & paliçadas, & erão tamanhos os roubos que fazia & tão excelluas as tiranias de que vsaua, que quasi que não auia dia em que os mercadores, assi mouros como gentios não fossem com queixume

dele ao governador, & isto porem secretamente, requerendolhe com grande instancia que ho tirasse da terra que era tredo, soberbo & reuoltoso, & que andara sempre em diuisam com el rey de Malaca, & tentara por vezes de se lhe leuantar com a cidade, afirmando que eles não ficarão nela indolse ho governador se simutarajaficasse. E Ruy daraujo q̄ també sabia de suas maldades, dizia ho mesmo, & que se hiriã dando muytas & muy euidentes rezões pera que desfizesse de todo sua casa, mostrando por elas quão pouco necessario era pera governar Malaca. E isto aconselhou Ruy daraujo ao governador per muytos dias, em tanto segredo que ninguem ho sabia se não eles ambos. E sendo as maldades de Timutaraja tantas que se não podião soffrer, principalmente de atraueffar todos os atrozes, determinou ho governador de ho castigar & prendelo com seu filho, neto & genro. E isto determinado consigo mandou os chamar, dizendo que queria auer conselho coeles, & eles se elcusarão sempre dir a seu chamado. E vendo ho governador que se chegaua ho tempo pera se partir andaua muy a gastado de ho não poder acolher sem lhe custar mais que prendelo com os que digo, & não apertaua coeles que fossem a seu chamado porque nã lhes parecesse o que era. E cuydando em algũa manha com que os prendesse, acertou que hum mouro Persiano morador na cidade chamado Cojeabraham, & grande liado de Timutaraja & muyto seu amigo, pediu ao governador ho officio de carual da cidade, & como o governador sabia a amizade q̄ ele tinha cõ Timutaraja,



determinando de ho acolher por esta via respondeo a sua petição que não auia de dar os officios da cidade sem côselho dos homens honrrados que morauão nela, que oschamasse todos pera isso: & que perante eles lhe daria ho officio que pedia, E Cojeabraham disse isto a Timutaraja, rogandolhe que quisesse ir ao governador cô seu filho, neto & genrro. E ele disse que seu filho estiuua doente, & por isso não poderia ir laa: porem que iria ele com seu neto & seu genrro. O que sabido polo governador, não quis se não que fossem todos, porque os que não fossem presentes não se escusassem que ho não forão. E ouue sobristo recados, & por derradeyro foy Mutaraja com seu filho, neto & genrro, por hum recado que lhe ho governador mandou per Simão dandrade, que foy armado secretamente com oyto capitães & outros fidalgos, pera que não querendo ir todos, os prendesse. E porque a gente que fosse com Mutaraja não entrasse na fortaleza, & não ouuesse algum aluoroço na sua prisão & na dos outros, esperou os ho governador quando ouuerão de ir em hũa casa fora da fortaleza, bem acompanhado de fidalgos armados secretamente, & outra gente prestes, & os quatro entrarão nela. E sentados, disselhes ho governador que antes de falarem em outra cousa, lhes fazia saber que certos mercadores de Malaca q̄ logo hi nomeou, se lhe queixauão deles que lhes deuão certa somma de dinheiro que lhes não querião pagar. E por quanto ho costume del rey de Portugal seu senhor era fazer justiça, assi dos altos como dos baixos, porque nisso erão todos igoaes, assi como em nacer & morrer, era necessario

que ele como seu governador a fizesse deles, & por isso auião logo de pagar ou ficar na fortaleza ate que pagassem, & auia de ser sem armas, & lhas auião de dar. E Mutaraja disse que verdade era que deuão ho dinheiro que ele dizia, & que logo mandarião por ele & pagarião: porem que as armas era costume dos laos não as darem sem perder a vida: & seu genrro lhe disse que não era tempo de vsurem de seu costume, se não do dos Portugueses, pois erão vassallos del rey de Portugal, & logo deu ho cris que tinha ao governador & ho mesmo fez aos dos outros. E em quanto Mutaraja mandaua polo dinheiro, leuou os ho governador pera a fortaleza, não consentindo que nenhũ dos seus entrasse dentro. E despois que entrarão, mostrou a Mutaraja a carta que ele mandaua ao rey que se chamaua de Malaca. E confessandolhe que era ho final seu, mādou a Ruy daraujo que a lesse alto pera a ouairea aqueles fidalgos & capitães que estauão coele, & assi a que el rey lhe screuera. E ouindo eles as cartas ficou fera de si, & oulhou pera ho filho, q̄ lhe disse em sua lingua que efforçasse, porque dos grandes como ho governador, era perdoarê grãdes erros. E apos estas cartas leu Ruy daraujo os capitulos das culpas de Timutaraja, que ele negou, saluo a carta del rey & a que lhe ele screuia, & quanto aos arroses que a traueffara, disse que ho fizera pera ganhar neles & não a outro fim. Ho governador lhe disse que ate se aquilo prouar auião todos quatro desta presos na fortaleza, & entre tanto q̄ mandassem derribar as tranqueyras q̄ tinbão & carraras cauas q̄ mandarão fazer, & que ele lhes prometia de lhe goardar

sua ju  
foraç  
goua  
goar

Capit  
hu  
ro  
OB  
-TES



per se  
ba do  
os esc  
forão  
ho ge  
pacho  
que se  
do o  
culpa  
que n  
gão n  
stasse  
quis h  
qual f  
mês o  
reflec  
de ge  
dria  
porq  
ho ge  
dia, &  
stas d  
de lho  
segad  
ra ser  
tas re  
capita



sua justiça tão inteiramente como que forão naturais Portuguezes, & entregou os ao alcaide moor pera que os guardasse.

Capit. lxxiiij. De como Timutaraja & hum filho seu & hū neto, & hū gēro forão degolados por tredores.



Om a promessa do gouernador mostrarã os presos algum contentamento, & mandarão logo fazer o q̄ lhes mādou; & assi restituyrã per seu mandado o que tinhão roubado a muytos mercadores, & todos os escrauos que tinhão tomados que forão bem quinentas almas. E logo ho gouernador entendeu em seu despacho, & processou se tanto pelo feyto que se veo a prouar contra os presos tudo o que dizia nos capitulos de suas culpas. E foy dada sentença conreles que morressem degolados com pregação na praça de Malaca que manifestasse sua culpa. E dada esta sentença, quis ho gouernador poer em cōselho qual seria melhor matarem estes homens ou telos presos, porque se morressem logo, erã muyto poderosos de gente & dinheiro, & sua gente se poderia leuatar & daria fadiga aos nōstros por quão poucos erã, & mais estando ho gouernador de caminho pera a Índia, & tendo os viuos estariã fora destas duuidas & sua gente com receyo de lhos matarem estariã sempre asselsegados, que seria grande bē ate a terra ser de todo assentada. E postas muytas rezões de cada parte, os mais dos capitães acordarã que os presos fos-

sem degolados pera exemplo doutros: & posto que ao gouernador parecia melhor que os teuessem viuos, mandou executar a sentença. E forão degolados na praça de Malaca publicamēte Timutaraja & seu filho, neto & genro ao modo que se costuma em Portugal. E por mandado do gouernador esteu dom loão de lima com muytos dos nōstros armados ē guarda da praça em quanto se esta justiça fazia por se temer que a gente dos mortos fizel se algum aluoroço, mas não ouue nada. E os da terra vendo fazer justiça daqueles quatro homens que erã tão poderosos ficaião muy palmados, por que sabião quãto erã tímidos do rey que fora de Malaca: & todos folgãrã com suas mortes por se verem livres da sojeição que esperauão depois da partida do gouernador, & assi algũs embaixadores estrangeiros que ainda estauão em Malaca ficarão ferra de si, & dizião que não auia homẽ tão efforçado como ho gouernador, nem de tamanho coração. E tinhão por tamanho feyto a morte de Mutaraja & dos outros, como desbaratar & vencer ho rey que fora de Malaca.

Capitulo. lxxv. De como foy Antonio dabreu a descobrir a ilha das maçãs & as do crauo: & de como ho gouernador mandou hum embaixador a elrey de Sião.



Este tēpo vierã ter ao porto de Malaca tres panguejaos da terra de Menacabo q̄ está no topo da ilha de camatra da bāda do sul,



do sul q̄ he reyno onde cauão ouro, & o apañão sobre a terra como ja disse. Estas tres pangejaos trazião grande soma d'ouro a vender a Malaca, & por isso ho governador fez muyta honrra & fauor aos donos delas. E porque isto era quasi na fim de Dezembro, que era a moução de Malaca pera as ilhas do crauque agora sam as que chamã de Maluco: & assi pera a ilha de Banda onde ha a noz & a maça, despachou ho governador hũa armada pera ir desco brir estas ilhas, & deu a capitania mór dela a Antonio da breu, que eratão esforçado caualeyro como ja disse, & deu lhe a naofanta Caterina pera ir, & por piloto dela hum Luys botim, & por so ta capitão Dantonio da breu hum Fráncisco ferrão na nao çabaya q̄ se tomou em Goa, & por seu piloto hum Gonçalo dolueyra: foy mais Simão afonso bisgudo na carauela latina que ho governador mandou fazer redõda pera esta viagem, & ho seu piloto hum Francisco rodriguez. Ho feytor desta armada & das mercadorias que hãõ nella auia nome Ioão freyre, criado da raynha dona Lianor, & seu escriuão hum Diogo borjes criado del rey de Portugal. Hãõ nesta armada cento & vinte Portuguezes & em cada vela vite escrauos pera a bomba, & todas muyto bem fornecidas de todo ho necessario, & a principal coufa q̄ ho governador deu ao capitão moor em regimento, & que lhe mais encomendou, foy que naquella viagem não fizesse presas nem toma dias, nem arribasse sobre nenhũa nao, nem lhe desse caça, nem sayse em nenhum porto, saluo hũa pessoa ou duas. & em todos os portos a que chegasse desse presentes aos reys & senhores da terra, ou aos governadores delas, & pe

ra isso lhe deu escarlata baixa & outros panos fomenos, & veludo de Meca, q̄ foy tomado em hũa nao de Calicut, & assi que não toruasse a carga a nenhũa nao de Malaca nem doutras partes, assi nas ilhas do crauque como na das maças, ou fossem de mouros ou de gentios, antes lhes desse todo fauor, & ajuda que lhes fosse necessario: & que do mesmo modo q̄ eles carregassem carregasse ele, goardando em tudo os costumes da terra, & em Maluco nem em Banda não saysem nenhũs criados dos capitães nem outras pessoas, saluo ho feytor & seu escriuão, & ate quatro pessoas que lhe pera isso ordenasse. E deu licença a todos os darmada que podessem resgatar ouro, prata, aljófar & pedraria lem pagarem disso nenhũs dereyos. Despachada esta armada, partiõle na fim de Dezembro de mil & quinhentos & onze, & o que lhe succedeo se dira a diante: & dous dias antes de sua partida, partio Nacoda ismael chim em hum jũco seu pera Maluco que ho governador mandou carregar de mercadoria del rey de Portugal pera se vender em Maluco, por que não podia a armada levar quanta era necessaria, & deu parte da carga a Nacoda que tinha molher & filhos em Malaca, & ficou por seu fiador Ní nachatu, a quem ho governador deu parte da mercadoria que mandou carregar em outro jungo, que mandou a Pacem a carregar de pimenta pera os Chins & Guores quando viessem. E logo na entrada de Ianeyro do anno de mil & quinhẽtos & doze, despachou ho embaixador del rey de Sião, a quem fez muytas merces, & assi aos capitães Chis q̄ vierão coele. & mãdou e sua cõpanhia seu ebaixador a el rey d̄ Sião, q̄



foy hum fi dalgo chamado Antonio de miranda, a que deu hum presente pera el rey de Sião, s. hũas couraças de veludo carmelim, & outras armas brãcas muyto boas & bem goarnecidas: hũa adarga danta com hũs cordões rícos & hũa fũda de borcado, tres panos dar mar grandes de veludo de cores & cetias antre talhados que forão del rey de Malaca, borlados douro, obra muyto rica & fermosa, hum bacio dagoa as mãos laurado de beștiães, hũa caldeira de prata & duas albarradas, & duas taças, tudo muyto bẽ laurado, hũa bêsta com seus tiros & gafa, & quatro ramais de coral muyto fino & grosso, & hũa peza dez carlata: & com Antonio de miranda mandou cinco Portugueses esco lhidos gentis homẽs a fora outros pera seruiço, de modo que hía hum honrrado embaixador. E tambem dírey a diã de o que lhe succedeo . E apos Antonio de miranda partio hum jũgo de Pegũ, em que ho governador mandou outro embaixador a el rey, que foy hum gomez da cunha que tambẽ leuaua presente a el rey & carta damizade: & isto porque nesta cidade auia muytos mantimentos que podião ir a Malaca. E aa partida deste jũgo hum filho do piloto dele se deixou ficar em Malaca, tão aseygoado estaua aos nossor, & ficarão coele sefeta Pegũs que ho governador mandou assentar em soldo pera trabalharem na fortaleza.

Capitol. lxxvj. De como se leuãtou Patequatr contra ho governador, & de como o governador proueo Malaca querendose partir pera a India, & de como lhe fugio el rey de Pacẽ.



Espos de degolados Mutaraja & os outros ho governador deu o cargo que tinha Mutaraja de governador dos mouros a hũ Ioa, q auia nome Patequatr morador em Vpe homem honrrado & principal, & compitidor de Mutaraja, com que estaua mal, porque des prezando ho Mutaraja por auer que nã era tão rico como ele, lhe nã quis dar por molher hũa filha que lhe pediu, & daqui ficou Patequatr seu immigo. E por esta causa & por ao governador parecer que sendo Patequatr governador ficaria a terra mais assentada, lhe deu a gouernança dos mouros. E seruindo este officio foy cometido pola molher de Mutaraja q se quisesse casar com sua filha que lhe daria por molher, & coela grãde refouro, com condiçã que fizesse guerra ao governador, & trabalhasse por vingar a morte de seu marido, & que lhe daria ajuda de todos os seus esclauos, & de todos seus parentes & amigos, que passarião de seys mil homens: que Patequatr aceitou. E aparelhado muy secretamente pera a guerra, deu hũ dia na pouoação grande a que começou de poer ho fogo & matar a gente, & a grãde grita acodio logo ho governador cõ os nossos: & foy hũa grande peleja antres & os Iaos, em q morrerão muytos & dos nossos forão algũs feridos, & Patequatr se recolhe pera Vpe, em que se logo fez forte com tranqueyras, & porque dali por diante corria a pouoação grande, conueo ao governador porque a nã quey maffe de noyte mandar logo fazer hua tranqueyra, que começaua no mar, & chegaua ate onde se fazia a terra alagadiça q



que seria espaço dhum tiro de bêsta & tolhia não poderem os inimigos chegar a cidade, & mais antre atranqueyra & Vpe faziasse hum esteyro que se enchia dagoa cõ maré, & em quanto se esta tranqueyra acabaua cada noyte mãdaua o governador vigiar a pouoação. E ela acabada deu a goarda dela a Afonso pessoa hum boõ caualeyro, & deulhe setêta bêsteiros & espingardeiros: & pera a tranqueyra estar tambem goardada por mar, armeu no cabo dela hũa albetaça com hũ camelo & esta ua amarrada aa tranqueyra, & a capitania deu a Afõso chainho & deulhe dez dos nossos pera que ho acompanhasssem. E coesta tranqueyra assi goardada ficou Malaca muyto segura de Patequatir, que vendose atalhado daquela maneyra não curou mais de cometer a cidade, & mandou pedir ao governador que lhe perdoasse & lhe desse seguroidade, & que tornaria a sua obediencia. E ho governador lho concedeo, mas Patequatir não se ficou disso, & não quis tornar & ficouse assi. E por isso & por ser a moução da India, determinou ho governador de se partir, porque a fortaleza era quasi acabada a que pos nome a famofa, a barreyra era em quadra posto que ho corpo da fortaleza não fosse quadrado. A grossura do muro era doyto pês todo de cantaria: tinha a torre da menajem sobre a ribeyra do mar junto do paço da ponte, & dagoas viuas podia ali chegar hũa nao de duzentos toneys sem carga. Na quadra q̃ a fortaleza fazia ao monte se fazião d̃ as torres que sonhereauão a coroa dele, & em cada quadra das torres que goardauão ho pé do muro auia bombardeiras com artelharia, & porque ho sitio da terra ho requeria assi, & a mezquita

que ali estauera a fortaleza etulhada em altura de mea lança darmas, & mais a torre da menajem podia receber so corro por mar, & tinha dẽtro em si hũ pedago de cantaria, & outro ẽ outra torre, & auia agoa pera fazerẽ outros muytos. A igreja desta fortaleza era da auocação de nossa senhora danunciada. E determinãdo ho governador de se partir com conselho desses capitães, fidalgos & caualeyros que andauão coele, fez capitão da fortaleza Ruy de brito hũ fidalgo de Santarẽ, & alcaide môr & prouedor da fazenda Ruy daraujo, & capitão môr do mar Fernão perez dandrade. E por q̃ antreles não oue esse deferenças de que se seguisse muyto deseruiço de Deos & del rey seu senhor, mandou que Fernão perez desse a menajem a Ruy de brito, & que com seus capitães lhe obedecessem em tudo, & por tudo assi como a sua propria pessoa. E que fazendo nosso senhor algũa cousa de Ruy de brito q̃ ficasse Fernão perez por capitão da fortaleza, & por capitão môr do mar hum fidalgo chamado lopo dazeuedo que ficaua por so ta capitão de Fernão perez, que ficaua na nao de dõ loão de lima, & lopo dazeuedo na carauela de Iames teixeira: & ficauão mais estes capitães, loão lopes daluim, que ficaua na nao de Gaspar de payua, Vasco fernandez coutinho no nauio de Bastião de miranda Pero de faria filho do comendador Aluoro de faria na galee de Duarte da silua, Ayres pereyra de berredo na nao de Nuno vaz de castelo branco, Christouão mazcarenhas na nao Santiago, Christouão garces na nao de Simão dandrade. E ficarão por escriuães da feytoria hum Francisco dazeuedo, Pero salgado & loão jorge,

por al  
Iacome  
cisco ca  
zem Be  
go cam  
uedor d  
meyrin  
dos cri  
mãys, &  
por go  
a super  
za) Ni  
ros hũ  
raja, da  
za a l  
Ruy d  
us a gra  
ças, &  
certo a  
capitã  
nãno,  
q̃ paga  
tu zal  
mõr d  
tais de  
hi por  
de pa  
gal, &  
não pe  
cincos  
ele ag  
nẽos o  
mais o  
E ho g  
dizer  
car a l  
nado  
manã  
ho car  
ir per  
ficau  
forão  
que p



por almoxarife dos mantimentos hũ lacombe fernandez & seu escriuão Frãcisco cardoso, almoxarife do almazem Brasafonso, & seu escriuão Diogo camacho, que tambem ficou por pueador dos defutos & do epirital, & por meyrinho da fortaleza & da cidade, to dos criados delrey d Portugal & de sua mãy, & da raynha sua hirmaã. Ficarão por governadores da terra (não tirãdo a superioridade ao capitão da fortaleza) Ninachatu dos gétios, & dos mouros hũ Caciz, dos laos Duperagunata raja, da pouoação da banda da fortaleza a Luão coãscar jao de nação, & a Ruy daraujo por determinador de seus graus, & apagador de suas deserêças, & que sempre interuiesse em concerto a antreles. Deixou dordenado ao capitão da fortaleza duzetos mil is canãno, & cincoêta quinhais de crauo, de q pagaria e Cochã vintena, & em Portuzal quarta & vintena, & ao alcade mór duzentos mil is & cincoenta quinhais de crauo no primeyro anno, & da hi por diante trinta, & dos trinta auia de pagar quarta & vintena em Portugal, & dos cincoenta vintena, & a Fernão perez capitão mór do mar ceto & cincoenta mil is dordenado, de que se ele a graou muyto, & nã quiesera ficar nẽos outros capitães por lhe nã deixar mais ordenado q certa cousa cada dia. E ho governador insístio em ficar e ate dizer que os prenderia; & por apacificar a Fernão perez, lhe deixou hũ assina do seu de fora em que dizia que não mandando dali a hũ anno que se seruisse ho cargo que lhe ficaua q ele se podesse ir pera a India, & hiria na nao em que ficaua por capitão mór doutras duas q forão da armada de Diogo mendez, & que podesse carregar a sua camara de

drozas. E tendo ho governador determinada sua partida, que era caminho da India soube ho çoltanzina rey q fora de Pacẽ, & mandou dizer ao governador q lhe dizião que se quiria ir de reyto a India q lhe podia que lhe lembrasse q lhe tinha prometido de ho restituyr em seu reyno. A que ho governador respondeo que bem lhe lembrava, & tinha muyta vontade pera ho fazia; mas que não podia ser daquele ferro, porque ele se detuera em Malaca mais do que cuydara, & que não podia pder a moução pera a India polo muyto que lá tinha que fazer, que de laa ho restituyria em seu reyno. E parecendo a çoltanzina que erão aquilo de longas & receando que ho governador ho leuasse a India, & que nunca mais tornasse a sua terra, fugio tão secretamente q nunca se soube pera onde fora.

Capit. lxx. vij. De como os mercados de Malaca conselharão & reque rerão ao governador que se nã ofofse, & do que ele respondeo.



Azendo ho governador prestes sua partida, foranno ver os moradores, & esses principais de Malaca, pera lhe persuadirem q se não fosse dela, porque se receauão que ido ele se ajuntasse Quatepatir com elrey que se chamaua de Malaca, & a tomassem ou lhe dessem grande opressã com que se todos poderião perder, ou lhes seria forçado ir se dela. E hũ deles e nome de todos lhe fez esta fala na sua lingua. Não ha nenhum de nos outros que não esteo fora de si com elpan to (muyto efforçado & famoso capitão



mais que quantos temos visto, & que quãtos ouuimos dizer) de tua singular prudencia, que tendo ganhada cõ trabalho tão immenso & com victoria tão sobre natural, a môr cousa q̃ ha no mûdo & mais rica de todas as riquezas de le, queres a desemparar sem ter ainda de todo tomado aquele assento que he necessário pera permanecer, porque se a das por segura cõ desbaratares el rey & ho fazeres fugir com tanta gête morta & ferida, & perdido de todo seu estado & sobre tudo morto: ainda seu filho que representa sua pessoa, & diz q̃ he herdeiro de sua terra & da vingança de sua morte está viuo, & oyto legoas daqui em sitio forte & com gête na terra, & grãde armada no mar, & muyto lida per parentesco & amizade com todos os reys comarcãos, q̃ tudo isto lhe da muyta esperança de estando tu na terra se restituyr em seu estado, quãto mais se te vir idio, porque então todos seus parentes & amigos, que cõ receyo de tua presença lhe negão sua ajuda, lha darão sem medo. E pera confirmação del rey fazer o que digo, não he mais necessário alegar se não que quando Patequatir por vingar a morte de quê ho enzeitou de parente, com gête em prestada se atreueo a leuãtar se cõtra ti, que fara el rey contra os teus que sabe certo que lhe matarão seus parentes, seus vassallos, & que lhe tem por força a terra que foy de seu pay: & pera mais facilmente os desbaratar, ajuntara consigo Patequatir com seu poder, & que logo não tome a fortaleza a fome lha entregara, porque por guerra sempre faleceo mantimêto em terra abastada, quanto mais nesta que não tem se não o que vem de fora. E posto que por teu muyto grande efforço não tenhastudo

isto em conta, & a façás q̃ os Portugueses tem fortaleza em que se emparar, armada no mar pa se defender & buscar mantimêto. Lembrete que os mercadores fojem como do fogo dos lugares em que ha guerra, & que sô a fama de a uer neste fara fugir dele todos os mercadores q̃ foyão de vir a ele fazet suas mercadorias, & sêelas fica ele hũ deserto & terra esterile, & coelas hũ casa de tisouro de todas as riquezas do mûdo, porque? que se pode desejar de las, que se aqui não ache? outro a môtes? prata & outros metais sem conto, especiaria & droga sê medida? Nã falo em lenho aloes, aguila, sandolos, almizque re, seda solta & tecida, beijoi & outros perfumes, roupa branca, porcelanas & outras cousas muy deleitosas aos humanos, porque sam tantas que enfastião a quem as tem em costume, & por cima de tudo ser propria & isenta del rey de Portugal & sem nenhũ sobroffo como sam as fortalezas da India, q̃ todás sã feytas demprestado em terra alhea, onde os Portugueses estão como parceiros, & nesta como moradores na terra de seu rey, ôde ele sô reyna sem parçaria, em q̃ sempre ha discordia. E pois ha tantas razões pera te não partires, te pedimos muyto de nossa parte, & te requeremos da delrey de Portugal que te não vas, por q̃ por seu seruiço gastaremos quantas mercadorias, quãtas fazendas & quanto dinheiro temos, com tanto q̃ te não vas de Malacã. Ao q̃ ho governador respondeo cõ muytos agardcimêtos dos lououres, & confelho que lhe dauão, & dos offrecimêtos que lhe fazião, & sobre tudo a boa vontade que entendia que lhe tinhão, & q̃ ele cõhecia quão bẽ ho acõselhauão, porem que força da metêthe era neces-

sario ir  
ilha &  
de hũ a  
q̃ era tâ  
dizer, &  
& se lha  
sam, no  
uera na  
se passa  
pera da  
& não  
bia que  
isso faz  
que nã  
os luga  
com ele  
la, & o  
Malaca  
da Ind  
viajem  
se muy  
aia de  
que fic  
vieffen  
laca, da  
taria a  
sem co  
escusar  
mas q̃ n  
& assi  
pera su  
tornad  
raõ con

Capit.  
goue  
a sua  
mar  
acom





sario ir visitar a India, principalmête a ilha & cidade de Goa, que auia no mais de hũ anno que ganhara ao Hidalcao, q̄ era tão poderoso como eles ouirião dizer, & que estaua tão vezinho dela: & se lhe não tiuesse dada algũa oppresam, no inuerno passado q̄ ele não esteuera na India, lha daria com cerco se passasse outro sem ele estar nela: & pera dar fauor a Goa hia visitar a India & não pera deixar Malaca, que bem sabia que era tudo o q̄ eles dizião, & por isso fazia dela muyto fundamêto; mas que nê por isso auia de deixar perder os lugares da India que se perderião com ele estar muyto tempo ausente de la, & o que ele determinaua de star de Malaca seria no mais que ho inuerno da India, que com o q̄ gastaria em sua viagem ate tornar seria hũ anno, em q̄ se muy bem poderia foster a gente que auia de deixar na fortaleza & na frota que ficaua no mar. E que posto q̄ não viessem neste tẽpo mercadores a Malaca, da tornada que ele tornasse assentaria a terra de maneyra q̄ eles tornassem como dantes, & que se ele podera escusar de ir à India folgara muyto, mas q̄ nã podia por nenhũa maneyra: & assi lhe deu outras muytas rezões pera sua ida cõ grandes esperanças da tornada ser em breue, do que eles ficaram contentes.

Capit. lxxviij. De como nauegãdo ho governador pera a India, se perdeu a sua nao: & como foy morto Simão martinz com outros nossos: & do q̄ aconteo a Simão dandrade.



Ao outro dia despois disto deitando na fortaleza trezentos homens Portugueses & muytos

piães da terra, & na frota duzentos, se partio de Malaca não leuando mais q̄ tres naos & hum jungo, & nele leuaua muyta fazenda del rey seu seõor q̄ lhe coubera do seu quinto, & assi algũa sua que valia na India: & hia por capitão do jungo Simão martinz, & hião coele dez ou doze Portugueses, & assi hião mais seienta laos calados, carpiteiros, calafates & ferreyros que leuaua pera a India que erão del rey, & auia o lã din siñar outros escrãuos del rey a estes officios. E a causa porque ho governador não meteo aquela fazeda do jungo nê os escrãuos em frol dalanar que era a capitayna, foy porque fazia tanta agoa que temeo que se fosse ao fũdo, & por esta causa quisera ir na trindade q̄ era hũa das outras naos de sua consetua, & deixou de ho fazer porque vendo a gente a rezão porque ele fugia de frol de la mar não se queria ningũ embarcar nela, & todos q̄rião ir nas outras naos, & porq̄ ele desejava de ir nela à India pera a renouar embarcouse nela, & nela nem nas outras não leuou mais gente que a necessaria pera as marear. E continuando por sua viagem indo atraues da ilha de gamatra defronte da costa Dauru, deulhe hũa grande toruocada, & por a sua nao ser podre & fazer muita agoa que não podia nauegar se não em tẽpo feyto, pareceo bem o seu piloto que surzisse, & assi se fez. E despois de surtos foy ho mar tão grosso q̄ fez caçar a nao & foy ter sobre hũa lagia, em que tocou, & como era podre fezse em dous pedaços, & a popa com ho masto grande que ficou mais sobre a lagia & allentou nela ficou ali sem a cobrir a agoa: & ho governador cõ os que estauão nela se saluãro, & assi algũ fato, porque acodio logo ho batel



da Tridade que estava mais perto surta com as outras, & saluou o que digo, & da proa que acertou fora dalagria se não saluou nada, porque assi como se partito se foy logo a fundo. E foy cousa miseravel ver assi partir hũa nao, de q̃ a fora os q̃ digo se saluarão algũs a naõdo com se pegarem a arcas, & estes forão ter a Pacem, porque a reuolta era tamanha por acodirẽo governador que nin guẽ oulhou por estes. E ho gouernador cõ os outros foy leuado a nao Tridade, & ali se agasalhou pera ir ate a India; & coesta mesmatoruoadã com q̃ se perdeo a capitayna, se apartou Iorge nunez de lãõ capitão da nao Enxobregas, do iũgo de que hia por goarda por mandado do governador, por recear ho governador, que os laos se leuãtassẽ contra os nossos, que como disse não serião mais que ate treze. E vendose os laos apartados da nao, leuanta ranse contrelẽs atando crises que leuauão escondidos em paos compridos como hastes, & feytas lanças deles peleiraõ com os nossos, que se defenderão bem & por muytos que matarão dos laos forão mortos todos por derradeyro. E ficando os laos senõres do iũgo, se forão à ilha de çamatra à cidade de Temião. E tornando ho governador a sua nauẽgacão, passou muyto trabalho com a gente no golfão que se faz de çamatra a Ceylão, porque como a gente creceo na nao, & se deteuerão mais dias dos que cuydarão, saltoulhes a agoa, & morrerão todos com sede se lhes nosso senhor não deparara hũa nao de Dabul, q̃ foy tomada por força, & achou se nela muyta riqueza, & assi catiuos, & agoa: & logo dali poucos dias topou outra nao, que se rendeo como lhe mãdarão que amainasse, & nesta tambem

se achou agoa. E ho dono desta nao disse ao gouernador que era de Chaul, & que não trazia cartaz, ou segure, porq̃ ho não traziaõ as naos dos lugares que pagauão pareas, & porq̃ Chaul a pagaua ho não trazia. E porq̃ ho gouernador temeo q̃ ho dono da nao lhe não falasse verdade, mãdou que ficasse na sua nao com algũs outros, & que a nao fosse em sua conserua ate Cochim pera hi saber se era como ele dizia: & na nao mandou que fosse Simão dandra de por capitão, & mandou que fossem coele quinze dos nossos, & ho piloto & marinheiros da naõficarãõ nela pera a gouernarem. E cuydando eles que os leuauão catiuos, por se liurã hũa noyte sendo tanto auante como ho cabo de Comorim, gouernou ho piloto mouro a tal rumo, que se apartou muyto da cõserua do gouernador, & em amanhecendo foy aferrar porto na ilha de Çadaluç hũa das principais das ilhas de Maldiua, onde estauão muytos Malabares de Calicut, cõ cuja ajuda os mouros da nao prenderão Simão dandra de & os outros nossos, & os atormentarão com muytas injurias & males que lhes fizerão, & não ousarão de os matar por amor do dono da nao que hia em poder do gouernador que ho matarãõ, & roubarãnlhe quãto leuauão na nao, & depois disto os deixarão ir pera Cochim, onde chegados acharão ja ho gouernador.

Capitulo.lxxix. De como ho gouernador chegou a Cochim, & das nouas que achou da vinda dos rumes: & de como deu a capitania de Goa a Manuel de lacerda,



com gra  
uiu, &  
ca, porq  
perdid  
no & An  
tio pera  
tido de  
nor & d  
roda a f  
vir muy  
escruer  
fora da  
rey don  
tou e D  
rey de C  
nũca ho  
& criã  
à India,  
que foy  
nhento  
deo, de  
fosse, &  
de Calí  
dia nos  
não per  
tassẽ  
dolhes  
pera os  
& de C  
lharão  
ros de C  
assi de  
garão d  
manda  
ciarã,  
E coes  
deu a c





Ocabo de Comorim foy o governador ter a Cochim na entrada de Feureyro de mil & quinhentos & doze, & hi foy recebido com grandes alegrias quando ho virão viuo, & souberão como deixaua Malaca, porque muytos cuydauão que fosse perdido, assi polo que Lourenço moreno & Antonio real disserão quãdo partito pera là, como por q̃ depois de partido deitarão fama os mouros de Cananor & de Cochim que se perdera com toda a frota, & que auião os rumes de vir muy cedo à India, porque assi lho escreuera Mirocem ho capitão mór q̃ fora da armada do soldão, que ho viço rey dom Francisco dalmeida desbaratou em Diu, & ele se acolheu à corte del rey de Cambaya que então reynaua, q̃ nũca ho mais deixou ir pera sua terra, & criasse porque não trouesse rumes à India. E depois que este rey morreo que foy no anno passado de mil & quinhentos & onze, ho filho que lhe succedeo, deu logo licença a Mirocê que se fosse, & quando se foy escreueo a el rey de Calicut, & assi a todos os reys da India nossos inimigos, que se não hia se não pera trazer tantos rumes que deitassem os nossos fora da India, pedindo lhes que se fizessem todos prestes pera os ajudar. E os mouros de Cochim & de Cananor forão os que mais alho lharão esta noua. E parecêdo aos mouros de Cananor q̃ isto era verdade, & assi de ser ho governador perdido, começaram de fazer duas naos de quilha pa mandarem a Meca carregadas de especiaria, & tornarê carregadas de rumes. E coesta reuolta que andaua na India, deu a chegada do governador muyto

prazer. E sabêdo ele o q̃ os mouros p̃noticiuão de sua p̃dição, mādou soltar doze mouros horrados de Cãbaya & do Balagare & doutras partes q̃ trazia catiuos de Malaca, q̃ se fossem por onde quisessem pera que contaessem a tomada de Malaca & como estaua na India. E eles ho apregcarão por onde forão, & nas terras donde erão. E sabêdo ho governador a êtrada dos turcos na ilha de Goa & ho mais que era feyto despachou logo pera la oyto Catures Dantonio real carregados de gente, & mandou neles prouisam a Manuel de lacerda pera ser capitão de Goa, & Manuel de souza tauares alcaide moor, & Diogo fernandez de beja capitão do mar, & escreueo a Manuel delacerda q̃ lhe mandaua aquela gente em quanto não hia, porque se ficaua apercebêdo pera ir ho mais de pressa que podesse. E chegados estes Catures a Goa, foy metido Manuel delacerda na capitania, & Manuel de souza & Diogo fernandez nos outros cargos. E vêdo Manuel delacerda a carta do governador sobre sua ida, respondeo lhe logo que não quãta de ir, porque não tinha tanta gente que podesse tomar logo a fortaleza a Rogalcão, & pera estar em Goa sem mais que seria grande abatimento terem os mouros hũa fortaleza no rosto & ele não a poder tomar, por isso que não fosse ate as naos de Portugal não chegarê que auião de trazer muyta gente, & q̃ então hiria a Goa como cumpria ao estado del rey de Portugal & a sua honrra, & entre tanto ele esperaua em Deos de a cidade não correr nenhũ perigo, porque ele tinha seycentos Portugueses com que a defender, a fora os piães da terra. E por este recado que foy em breue tẽpo ao governador, desistio ele de



ira Goa & ficou se em Cochim, onde a  
chou bem q̄ concertar em defmações  
que se fizeram em quanto foy a Mala-  
ca. Primeiramente ha justiça em que  
Antonio real & Lourenço moreno fa-  
zião absolutamente o que querião: &  
porque lhes foy dito que hum Simão  
ranjel natural de Coimbra praguejava  
do que eles fazião degradaranno pera  
Goa, & mandarão e hũa nao de mou-  
ros mercadores de Cochim, que no ca-  
minho forão tomados por mouros de  
Calicut, que leuaraõ lá Simão ranjel ca-  
tivo, & hi ho venderão em pregão, &  
foy vendido a hum mouro do cayro q̄  
ho leuou pera la. E não somente fazião  
estas cousas & outras na justiça, mas  
outros muyto grandes excessos na fazē-  
da, fazēdo gastos muyto defordenados,  
assí como em fazerem hũa nao noua  
de que não auia necessidade & deixatē  
perder a nao cinze que era ainda pera  
poder nauegar, & com se correger es-  
cufara ho galto da nao noua: & assi  
achou que tratauão em mercadorias de  
felas polo regimento del rey, & gasta-  
uão ho dinheiro que mandaua pera a  
carga da especiaría em outras cousas,  
& assí acouo ao governador que ele ho  
gastaua: & porq̄ ele quis apurar a ver-  
dade disto & atallar q̄ ho não fizellē  
mais, lhe quiserão dali por diate muy-  
to grãde mal, & depois fez Antonio re-  
al capitulos dele como direy a diante.

**C**ap. lxxx. Do q̄ o governador fez  
em Cochim, & de como hũ rey das  
ilhas de Maldiua se fez vassallo del  
rey de Portugal.



Ambeo ho governador  
acodio a outras grandes  
males que auia em Cochi-  
na nossa pouoação, que se  
fazião por estarem os ge-

tios mesturados com os Christãos da  
terra, & as molheres Christãs da ter-  
ra mancebas do mudo tinhão em suas  
casas de quinze ate vinte parentes gen-  
tios todos, & peccauão coeles carnalme-  
te, & outras Christãs peccauão nas  
casas dos gentios com mouros: & assi a  
uia casas em que pousoão gentios &  
mouros de fora de Cochique tinhão  
por officio enganar escravos dos nossos  
q̄ lhe fugissem & os roubassem. E hia  
este roubo tanto auante q̄ muytos erão  
roubados de passante de cã cruzaos:  
& nestas mesmas casas dos gentios ti-  
nhão muytos dos nossos parte com as  
gentias. E dando ho governador cõta  
de tudo isto a el rey de Cochim, oue  
dele que lhe desse de marcação pera a  
nossa pouoação estar sobre si: & auida,  
mandou que se pena de morte rodo ho  
gentio, assi homem como molher se  
despejasse logo da nossa pouoação nē  
tornasse mais a ela. E feyto isso torna-  
ransē Christãs bem, quatro cõtas pes-  
soas gentias, em que entrão algũs pa-  
nicas & outros contrados. E neste in-  
uerno madou o governador fazer em  
Cochim trinta catures que sam nauios  
de remo mais pequenos que batgãtis,  
& isto porque soube que entre tanto q̄  
ele foy a Malaca, mandou el rey de Ca-  
licut fazer hũs sesenta nauios destes, &  
como as naos de Cochim sayão do por-  
to hião a elas, & ou as tomãõo ou as  
punhão em grande afronta, & tomãõ  
paraos & pagueres que hião de Cana-  
nor pera Cochim pera a nossa fortale-  
za com cousas necessarias que os fey-  
tores mandauão de hũas às outras, &  
assí que hião de Goa, & pera pelejarē  
coestes catures, fez ho governador, es-  
que digo & pera outras cousas necessa-  
rias. Tambem neste inuerno por indu-

stria do  
chim C  
de hom  
lor in  
melhor  
& a ele  
denou  
mogos  
no lhe  
rinheir  
frol del  
ter a A  
lhes fiz  
a Chor  
tins, q  
lhes fiz  
dauão  
ra suas  
mo col  
ra hũ j  
roupa  
& assi  
lhe ent  
lhes co  
pitão  
leria b  
rpo lh  
lao aq̄  
da ter  
nor pe  
ho rey  
carta u  
que lh  
auent  
zade  
tugal  
soa, &  
del re  
rõ & c  
ta & r  
pelo n  
to seu  
gal, &



ftría do governador se tornarão e Cochim Christãos muytos moços filhos de homẽs honrrados, & pera serẽ melhor insinados na fã catholica & terem melhor criação, mãdou os insinar a ler & a escreuer em escola publicã que ordenou pera isso, & achou obra de cem moços pera deprenderẽ. E neste inuerno lhe foy dada hũa carta de q̃tro marinheiros nossos q̃ se pderão coele em frol delamar, em que dizião que forão ter a Açe hũ porto del rey de Pacẽ, que lhes fizera muyta hõrra, & os mãdara a Choramandel em hũ jungo de Chatis, que tamẽ por ferẽ Portugueses lhes fizerão muyto gafalhado, & mãdauão pedir se zuro ao governador pera suas naos & jũgos irem a Malaca como costumauão, & mais lho pedião pera hũ jungo q̃ hi inuernaua que leuaua roupa de algũs mercadores de Malaca & assi do rey que fora della, cuja parte lhe entregarião. O que ho governador lhes concedeo, & mais fez merce ao capitão do jungo da parte delrey, que valeria bẽ quinze mil cruzados, & neste rpo lhe chegou hũ mellegeiro de Merlao aq̃lle q̃ lhe arrendara as tanadarias da terra firme de Goa, que era rey Donor por morte do hitmão q̃ lhe tinha ho reyno por forza: & mandoulhe por carta muytos agardecimẽtos da hõrra que lhe fizera em Goa, sendo hũ pobre auentureiro. E assi offrecimentos damizade & desejos de feruir a el rey de portugal com todo ho reyno & cõ sua pessoa, & mandoulhe hũa trepeça q̃ fora del rey de Narĩnga toda forrada douro & os pẽs feytos de torno, obra bẽ feyta & rica. E o governador lhe respõdeo pelo mellegeiro, cõfirmãdole por muyto seu amigo e nome delrey de Portugal, & seu, & mandoulhe hũ presente:

E sempre Merlao durou nesta amizade, & pagou bẽ a rãda de Mergue q̃ seu hitmão não fazia. Na entrada deste inuerno q̃ foy e Mayo, chegou a Cochim Pero mazcarenhas capitão dhũa naoda conferua de dõ Garcia de noronha, q̃ aquele anno partira por capitão morda armada da carga. E partido de Lisboa, chegou ao cabo de sancto Agostinho cõ toda sua frota, & por ho não poder dobrar tornou a costa de Guinẽ a buscar vëto pera nauegar, & foy ter a ilha de sam Thome, onde fez agoada, & hi lhe adoceeo & morreo muyta gente: & ido dali cõ muyto trabalho parecendolhe q̃ tinha dobrado ho cabo de boa Esperança, foy reconhecer a terra & achou se atras dele. E tornando a sua nauẽzação q̃ foy em estremo trabalho, chegou a Moçãbiq̃ cõ toda a frota e feueyero de mil & quinhẽtos & doze, & então passauão por ali dõ Ayres & Christouão de brito q̃ hião pera Portugal: & por ser ja boca dinuernoda India & a gẽte ir muyto trabalhada, foy necessario ter ali ho inuerno da India, & deu licẽça a Pero mazcarenhas que lha pedio pera se ir a India na nao setã Ofemea de Jorge de brito q̃ era nauio peq̃no, & por isso dõ Garcia ho mandou a India cõ noua ao governador de como ficaua em Moçãbiq̃. E partido, chegou a Cochim na fi de Mayo & deu noua ao governador como dõ Garcia ficaua em Moçãbiq̃, & coela folgou ele muyto por dõ Garcia ser seu sobrinho, & logo entregou a capitania de Cochim a Pero mazcarenhas q̃ a trazia por elrey de Portugal. E q̃ si no cabo do inuerno chegou ao governador hum embaixador dhũ rey das ilhas de Maldiua q̃ se mãdaua offrecer por vassallo delrey de Portugal, cõ tanto q̃ lhe restituyse al



gũas ilhas que lhe tinha tomadas hum mouro principal de Cananor chama-do Mamale cõ ajuda dhũs hirmãos q̃ tinha, & elrey d̃ Cananor lhe tinha da do nome de rey. E ho governador aceitou este offrecimento, & prometeo de liurar el rey do Mamale, & assi ho fez despois fazendo cõ Mamale que renũciaſſe ho titulo que tinha de rey da q̃las ilhas de Maldiua.

¶ Capit. lxxxj. De como os inimigos tomão abarcaça que goardaua a trãqueyra da banda do mar, & de como os nossos desbaratarão os inimigos & cobrarão abarcaça com ho camelo que tinha.



Artido ho governador de Malaca, foy ho desmayo ta manho na gente da terra q̃ todos poserão toucas pretas, o que Ruy de Brito & Fernão perez estranharão muyto a Ninachatu, & prometeranlhe de fazerê de tal maneira a guerra a Patequatir que ho lançassem fora de Malaca: & nisto veo nõ uã q̃ Lafamane que estaua em Muar, se dizia que queria ir a Malaca pelear cõ a nossa frota. E sabido isto foy acordado q̃ Fernão perez fosse buscar Lafamane & peleiasse coele, assi pera efforçar a gente da terra, como porq̃ nõ rio de Muar por ser lugar estreyto peleitaria melhor q̃ nõ porto de Malaca q̃ era largo. E em quãto Fernão perez lá foy, veo Quatepatir de noyte, q̃ fazia muy grande escuro, & cõ muyta gente q̃ trazia deu na nossa barcaça q̃ estaua nõ cabo da nossa tranqueyra, & tomãdoha sem se os nossos poderê valer leuouha coeles & cõ ho camelo q̃ tinha a sua fortaleza, & meteo ho camelo dentro, & mãdouho assentar defronte de hũa porta q̃ sayã pa ho mar, pera que

dali jugasse cõtra quẽ a comettesse. E ao outro dia q̃ isto acõteceo, logo pola manhaã chegou Fernão perez que se tornou por nõ achar a armada do Lafamane: & sabêdo a tomada da barcaça, disse a Ruy de Brito q̃ lhe parecia q̃ logo se deuia de virar aq̃la offensa, porq̃ se assi senão fizesse Catepatir cobrarria mór efforço do q̃ tinha, & a gẽte da terra mayor desmayo do q̃ andaua neles, & perderião de todo o credito dos nossos. E estas rezões deu nõ cõselho q̃ se logo fez sobrislo: & algũs lhas cõtrariação, dizendo q̃ nõ era bẽ pelear cõ a fortaleza da trãqueyra, pois ho governador cõ a gente q̃ tinha a nõ podera desbaratar: & eles nõ erãõ mais sãos q̃ duzẽtos & cincoẽta Portugueses. Ao q̃ Fernão perez disse q̃ o governador nõ tiuera tãta necessidade de cometer a fortaleza como eles tinhãõ, & q̃ quãto era a serẽ poucos, q̃ nõso senhor os faria muytos nõ efforço, porq̃ pera isso erãõ Christãos. E ho parecer de Fernão perez se aprouou, assi polos nossos como polo Bẽdara & Catual q̃ estauã nõ cõselho, & se offrecerãõ a ir cõ Fernão perez cõ mil & quinhentos piães da terra: & foy ordenado q̃ fosse coeles ao lógo do mar Afonso pessoa com os espingardeiros & bẽsteiros q̃ tinha na tranqueyra: & Fernão perez auia de ir por mar ao lógo da terra cõ seus capitães esẽ bateys & em calaluzes, & serião os nossos duzentos: & hiãõ assi ao lógo de terra, porq̃ se fosse coufa q̃ sayẽs os inimigos aos q̃ hiãõ por terra, os defendesẽ cõ a artilharia dos bateys. E indo pto da fortaleza, mãdou Fernão perez a Jorge botelho de pòbal, q̃ era hũ dos capitães q̃ hiãõ nos bateys q̃ desembarcasse primeyro q̃ todos, & pegasse cõ a trãqueyra, & visse a disposiçãõ dela:

& ele h  
camelo  
& com  
queyra  
ra, & e  
cẽ mou  
coele co  
do cam  
à porta  
começa  
estaua  
rez cõ  
os q̃ tra  
nã cura  
& alar  
rãõ tod  
go poer  
regasse  
q̃ ali au  
tir cõ h  
ceaua,  
cõ ho r  
ele ja v  
isso ele  
ho fog  
parte d  
stiffe a  
entre t  
teys, &  
rãõ ho  
fresco:  
fo cõ d  
cõ os o  
tirasse  
forãõ v  
rar lhe  
bre ho  
vir pto  
deles tr  
riãõ tr  
si com  
meçãõ  
coisto



& ele hofez affi. E em saindo ho nosso camelo, começa de desparar muy rijo, & como disse estaua na porta da tranqueyra defronte do mar, q̄ estaua aberta, & estarião em guarda dele obra de cẽ mouros. E Iorge botelho & os q̄ hiã coele como nã tinham em cõta os tiros do camelo, chegarão cõ muyta pressa à porta dõde ele estaua & entrarão; & começando de pelejar cõ os inimigos q̄ estauão em guarda, acodio Fernão perez cõ os seus, & affi Afonso pessoa cõ os q̄ trazia por terra, & cõ sua chegada nã curarão os inimigos d̄ mais resistẽcia & alarzarão a porta, & os nossos entrarão todos; & Fernão perez mandou logo poer fogo, porq̄ se os nossos não carregassem d̄ muyta & muy rica fazẽda q̄ ali auia, & ètre tãto viesse Quatepa tir cõ ho corpo da sua gente do q̄ se receaua, & os nossos não podessẽ pelejar cõ ho roubo & se desbaratassẽ como ele ja vira acõtecer algũas vezes, & por isso ele mesmo andaua mandãdo poer ho fogo cõ deixar os capitães cõ a mõr parte da gẽte feyta cõ corpo, pera q̄ resistissẽ a Patequatir se viesse, & fizellẽ entre tanto recolher ho camelo aos bateys, & querẽdo ho os nossos fazer acharã ho cepo do camelo cheo de sangue fresco; & foubesse despois q̄ era do nosso cõdestabre q̄ fora catiuo na barçaça cõ os outros, a q̄ Patequatir mandou q̄ tirasse cõ ho camelo quãdo os nossos forão vistos, & por ele nũca querer tirar lhe cortarão os inimigos a cabeça sobre ho cepo. E estãdo nisto deizarãse vir pto de q̄trocẽtos mouros, & diãte deles tres alifantes cõ castelos, em q̄ hiã trinta ou quarenta frecheiros. E affi como os nossos os virão de supito, comecão de bradar. Alifantes, alifantes; & coisso fugio a mayor parte deles pa os

bateys, principalmente os q̄ estauão mais pegados cõ a tranqueyra. E Iorge botelho q̄ estaua na dianteira cõ obra de trita dos do seu batel, se teue esperãdo os inimigos, de q̄ bẽ se fenta se a diãtarão cõ hũ dos alifates q̄ era ho mais peq̄no de todos. E Iorge botelho como os viu mandou aos que estauão coele que dessem Santiaço, & que não curassem do alifante se não do homem que ho regia que hia assentado na cabeça, porque este morto ho alifante se desbarataria por si mesmo; & affi ho fizeram, & remeterão com grande grita ao alifante chamando Santiago, & leuão o que ho regia espetado nas lanças. E affi como foy leuado q̄ ho alifante não teue quẽ ho gouernasse, atraueissouse, & ainda se bem não atraueissaua quando ho cõdestabre que hia no batel de Iorge botelho despara nele hũa espingarda & dalhe polo coração; & dando ho alifante hũ medonho hurro cayo morto. E neste instãte acodio Fernão perez sentindo a fugida dos nossos, & affi por ele sobreuir como pola morte do alifante se desbaratarão os inimigos de maneyra que fugirão, & por a terra ser alagadica & de vasa por amor dos muytos esteyros que ha nela, não quis seguir ho encalço, & mandou roubar muytos gudões, em que auia tanto crauo, noz, maça & sandolo, que de os nossos ho nã poderem levar todo forão chamar ho pouo de Malaca que ho acabasse de levar. E saqueado tudo & recolhido ho camelo & outra artellharia que estaua na tranqueyra, foylhe posto fogo, & affi a pouoação que estaua despejada, & tudo foy queymado sem nunca Patequatir oufãr de acodir. E isto feyto tornouse Fernão perez aa fortaleza, onde forão dadas muytas graças a nosso



señor por aquela vitoria, q̄ foy muy grande pera quanta gente tinha Patequair, & pera quão poucos os nossos erão, de que nenhum não foy morto, somente ouue algũs feridos, & dos inimigos muytos & muytos mortos: & logo Patequair se mudou dali pera hũa enseada hũa legoa abaixo, por que he ho costume desta gente não estarem mais onde hũa vez sam vencidos. E nestoutro lugar pera onde se foy, se fortaleceo de tranqueyras muyto mais que dantes, & com sua ida ficou ho pouo de Malaca desabafado, & com muyto credito nos nossos & sem nenhum medo de Patequair.

Cap. lxxxij. De como Fernã perez tornou outra vez a cometer Quatepatir, & da perda que recebeo.



Espos desta vitoria, pareceo bem a Ruy de Brito & a Fernão perez com conselho de todos os outros capitães & fidalgos, q̄ Fernão perez tornasse sobre Patequair em quanto a vitoria passada estaua fresca. E isto acordado, partio de Malaca hũ dia ante manhaã com os mesmos capitães & gente que leuara da outra vez, & chegou a Vpe, que assi se chamaua ho lugar onde estaua Quatepatir, desembarcou com os seus sendo bem contrariado dos inimigos, com que pelejou hum pouco na primeyra tranqueyra, porque erão tres ou quatro. E desbaratados com morte de muytos deixarão a tranqueyra, & Fernão perez a entrou com os seus, & chegando aas primeyras casas maldouhes dar fogo: & por saber que a ter

ra era alagadica & de muytos esteyros, & não se poder andar se não por minhoteiras que era grande ajuda pera os inimigos que andauão leues & despejados, & pera os nossos grande impedimento por andarem armados, determinou com conselho de seus capitães de não passar mais a uante & contentarse com o que tinha feyto & recolherse, & tambem porque os inimigos erão muyto mais que da primeyra, por lhe elrey de Malaca mandar socorro, & despois que queymou algũas lâcharas que estauão em hum esteyro junto desta tranqueyra, começou de se recolher & embarcar-se nos bateys muyto a seu saluo, bem que os inimigos lhe hião nas costas, mas sem fazerem cousa algũa. E recolhendo assi acertou de se embarcar tanta gente em hum parao, em que hia Ruy daraujo por capitão, que não pode nadar com ho grande peso dela, & porque a maré vazaua. O que vendo os inimigos & entendendo o que era, derão todos sobre ho parao com muyto grande grita, & começaram hũs de tirar com lanças darremello & outros com frechadas, tratando muyto mal os nossos que estauão nele, & como estauão empilhados não se podião defender: ao que Fernão perez que estaua embarcado acodio logo bradando aos nossos cõs outros bateys que estauão de largo que acodissem. E tornando eles pera isso, em chegando a eles arremessanse todos neles a quem mais podia & com muyto grande desordem, & Ruy daraujo se lançou tambem, mas em se lançando ficou preso em hum tolete do parao pela fraida de malha que leuaua, & como a pressa era grande & ho tempo

pouco  
meyro  
do tole  
leja do  
inimig  
a terra  
com os  
que se  
não pe  
tros m  
darauj  
nto da  
que pr  
muy v  
ros out  
fos tin  
gos. D  
mais se  
logo el  
laca.  
agard  
que co  
la espe  
ele ho  
go ma  
com se  
dez le  
& tou  
ra Ma  
& que  
ho Du  
ua faz  
fauore

Capit  
rez  
ua r  
le, &  
rão  
Ma

T



pouco mataranno aas lançadas primeyro que se podesse desembaraçar do tolete, & sobriſſo foy grande pe-leja dos noſſos que acodião com os inimigos que erão tantos que cobrião a terra & metianſe pola agoa a pelejar com os noſſos, & tanto os apertarão que se ouuerão de retirar, indo Fernão perez ferido, Pero de faria & outros muytos, & ficarão mortos Ruy daraujo, Chriſtouão picheco, Antonio dazeu: do capitão dhũa carauela, que primeyro que morreſſe pelejou muy valentemente, & aſi forão mortos outros: de modo que donde os noſſos tinham a vitoria tornouſe aos inimigos. De que Patequatir ficou muyto mais soberbo do que era, & mandou logo eſta noua a el rey que fora de Malaca, que lhe mandou diſſo muytos agradecimentos, pedindolhe muyto que continuasse a guerra, porque coe la esperaua de cobrar Malaca, & que ele ho ajudaria no que podesse: & logo mandou ao Laſamane que eſtaua com ſua frota no rio de Muar que he dez legoas de Malaca que ſayſe fora & tomasse os junços que foſſem pera Malaca ou quaſquer outras velas, & que fauoreceſſe el rey Darguim & ho Dujentana & outro: & aſi andaua fazendo guerra a noſſos amigos & fauorecendo noſſos inimigos.

Capitulo.lxxxiiij.De como Fernão perez foy buscar holasamane que eſtaua no rio de Muar pera pelejar coe-le, & do que fez: & de como chegarão da India Francisco de melo & Martin guedez.

**T**ornado Fernão perez a Malaca muyto deſcontente polo que lhe

acontecera, de uſe a capitania da carauela Dantonio dazcuedo a lorge botelho por ſeu boõ eſſorço & ſeruiço que naquela guerra fazia. E dali a alguns dias ſabendo Fernão perez como ho Laſamane era fora do rio de Muar, partioſe logo em ſua buſca pa pelejar coe-le, porq ho deſejaua muyto: & alẽ dos bateys leuou a galẽ de Pero d faria & ho nauio de lorge botelo, q̄ chegã-do pto do rio de Muar acertou dir diã te d todos, & por iſſo foy logo viſto da armada do Laſamane, & não virão os outros porque a frota eſtaua detras de hũa ponta. E ſendo dito ao Laſamane que aparecia ho nauio, quis lhe fazer crer que lhe fugia, & meteole pera dentro do rio & pos ſe detras da ponta que diço pera ho tomar mais aſinha. E lorge botelho que ho entendia em a noſſa frota ſendo tanto auante como a pta detras de que ho Laſamane eſtaua, meteole no rio & paſſou a diãte da frota dos inimigos cõ determinação de lhes atalhar que não podesse fugir da noſſa frota ſe ho quiſeſſem fazer. Ho Laſamane pola tẽção q̄ tinha deixou paſſar lorge botelho, ſenão q̄ndo Fernão perez a boca ho rio cõ ſua frota, dando os noſſos grandes gritas, & começãdo de tirar muytas eſpingardadas. Ho Laſamane conhecẽdo q̄ era, poſto q̄ tinha corẽta lancharas & muytos calaludos, & ele ficou ſeguro de lhe os noſſez, receaua tãto os noſſos que não ou ſou de pelejar coeles: & pa que ho não podesse aferrar, mandou logo alagar alguns calaluzes & lancharas q̄ eſtauão aſtados da terra, pera que ficasse em baſticia antrele & os noſſos: & como a marẽ vazaua ficarão logo alagafos, poderem chegar tãto aſinha: E niſto os tiros erão muytos de hũa parte



& da outra, alli de frechas como de setas, & espingardas, & bôbardadas, de que os inimigos tirauão em mais abastança que os nossos por terem muyto mais bombardas, & alli erão eles tambem muytos em demasia, por q̄ a fora os q̄ estauão na frota auia muytos em terra q̄ logo acodirão, & as frotas estauão tão perto dela que podião os inimigos que estauão nela chegar aos nossos cõ as frechas, de q̄ ho ar andaua todo cuberto. E cõ tudo os nossos remarão auãte & chegarão a abalar os calaluzes & lancharas que estauão alagadas, & dali saltarão em outras que ho não estauão. E aqui foy a batalha em estremo aspera, porque como os q̄ andauão cõ ho Lafa mane fossem laos que sam muyto oufados, chegauãse tanto aos nossos que se ferião com as espadas, & forão muytos deles mortos & dos nossos algũs feridos. E porque nisto vaza uia muyto a maré & não ficarem os nossos bateys em seco, foy necessario mandar Fernão perez que se afastassem, & eles afastados poderão a galé & a carauela jugar com a artelharía, & fizerão muyto grande dano nos inimigos, & os bateys entretanto poserão fogo ás lancharas & calaluzes q̄ tinham tomados; & isto porq̄ por estar em seco os nossos as não poderão tirar pa se aproueitar delas, porê ardeo delas pouco, porq̄ em se os nossos afastado, os inimigos que erão em demasia muytos ho apagarão logo. E sobreuindo a noyte neste tẽpo, recolheo Fernão perez a galé & a carauela pa curarẽ hi os feridos, & duraria esta peleja bẽ tres horas: & porque ao outro dia se não possessem sayr os inimigos com a maré, fez Fernão perez hũa bastida diãte deles dos bateys & da galé & da carauela que tomaua ho rio de

terra a terra. O que entendẽdo ho Lafa mane, & parecẽdolhe que se perderia se esperasse ao outro dia a peleja dos nossos, aquilla noyte varou toda sua armada, & fez diãte hũa tranqueyria de duas fages entulhada de terra em q̄ assentou sua artelharía, & coela ficou seguro de os nossos ho poderẽ entrar. E esta tráqueyria & varação de sua armada q̄ ele mandou fazer aquilla noyte, foy feyta tão caladamente q̄ nũca ho Fernão perez setio, & ele estauo espãtado de quão pouco arroydo se fazia em terra, pelo q̄ cria q̄ ho Lafamane era ido cõ toda sua gente & deixara a armada vèdo q̄ a não podia salvar. Isto fazia ele porq̄ não ouuindo os nossos ho rumor dos seus lhe não tirassem cõ a artelharía. E em amanhecẽdo mandou dar hũa aluorã a Fernão perez de sinos, & doutros instormetos que os laos cõstumão na terra, & despois de bôbardadas: do q̄ os nossos ficarão muy espãtados, & muyto mais da obra q̄ estaua feyta. E por Fernão perez ter tão pouca gẽte como tinha, lhe não pareceo bẽ poiar em terra & pelear cõ os inimigos, & cõtẽtoulhe cõ lhe fazer do mar muyto dano cõ os esbôbardar a môr parte do dia, & despois se partio pa Malaca, ôde achou Frãscisco de melo ho galego q̄ então chegara da India, q̄ o mãdara ho governador por capitão môr de Martiguêdez, & de Iorge de Brito, & vinhão cada hũ e seu nauio fornecidos de .cl. homens Portugueses, & d'artelharía, poluora & outras munições, & mãtimetos, & aparelhos pa tirarẽ nauios a môte & pa os cõcertarẽ; & ãtre a gẽte dos nauios hião ferreyros & carpinteiros, & mãdou o governador puizã pa fazerẽ feys gales, & mãdou por patrão da ribeira d' Malaca a hũ Fernão trigo,

que deu  
ho nauio  
que faz  
muyto  
Iorge b  
foy log  
& Fern  
os onde  
do ho te  
goardar  
os imig  
leza de  
marcãc  
lerta, p  
ção que  
to. E sen  
punha,  
de vigiã  
ua Qu  
to de S  
grande  
buscar  
mada d  
quãtir  
bateys  
lhe traz  
que lhe  
Cap  
rez f  
ralez  
go d  
auia



me que  
os man  
res, q̄ n  
a Mala  
gou a p  
to q̄ nã



que deu industria pera se tirar a monte ho nauio de Vasco fernandes coutinho que fazia muyta agoa, & foy tirado cō muyto trabalho, & tambẽ ho nauio de Jorge botelho, & este por ser pequeno foy logo corregido & tornado ao mar & Fernão perez se foy aa ilha das naos onde estaua cō os nauios grossos todo ho tempo q̄ não pelejaua, & isto por goardar melhor ho mar, q̄ não viesse os inimigos por elle & tomassẽ a fortaleza de supito; por q̄ como todos os comarcãos hoera, era necessario estar a lerta, paq̄ tambẽ não lhe fezessem treição que a gente daquela terra vsa muyto. E sempre quando nacia ho sol & se punha, tinha Fernão perez muy grãde vigia se faya algũa vela donde estaua. Quatepatir ou da banda do estreyto de Sabão; & a fora isto tinha muyto grande trabalho em ir muytas vezes buscar os inimigos hũas vezes os da armada do Lafamane, outras os de Patequatir, a q̄ faya por elles esteyros nos bateys a quey mar lhe suas lancharas q̄ lhe trazião por eles algũs mantimẽtos que lhe mandauão seus amigos.

**Capit. lxxxiiij.** De como Fernão perez foy buscar mantimẽtos pa a fortaleza, & os trouue com grande perigo de sua vida, & da grande fome q̄ auia entre os inimigos.



Este tẽpo que estes douus capitães chegarão da Índia aua em Malaca muytos trabalhos, assi de doenças como de fome que hia em grande crecimẽto, por os mantimentos não acodirẽ como dãtes, q̄ nenhũs mercadores oulauão dir a Malaca por amor da guerra; & chegou a pouquidade dos mantimẽtos a tãto q̄ nã comião os nossos mais, q̄ arroz

cozido em agoa & sal, por regra, & no mais q̄ hũa vez ao dia, & a mesma este rilidade auia entre os inimigos, & por isso cessou a guerra entre hũs & outros, & a fome foy causa de tregoas entreles sem falar nenhũ deles. E vẽdo Fernão perez ho destroço q̄ hia nos nossos cō a fome, determinou cō conselho de todos de ir ao estreito d̄ Cincapura, por õde na q̄le tẽpo q̄ era na fim d̄ Serẽbro passauão jũgos da laoa carregados de mantimẽtos pera partes õde tinhão valia; & deixando a mayor parte da gẽte de sua armada nos nauios grossos pera os goardar, se partio indo no nauio de Martiguedez, em q̄ ele tambẽ hia, & leuaua em sua cõferua Pero de faria & Jorge botelho, & assi outros tres capitães em tres lanchaars; & ho timũgão de Malaca, q̄ he o que atrecada as anco rajẽs das naos estrangeiras, & este hia por guã que sabia a terra. E chegado ao estreyto, achou no canal de Sabão hũ grãde jũgo da laoa q̄ estaua furto, que em vendo a nossa frota se quis fazer à vela, mas não pode. Por q̄ Pero de faria mandou aptar tãto tijo ho remo, q̄ antes q̄ desferisse estaua metido antrele & a terra, & impidiolhe q̄ nã chegasse a ela cō muytas bõbardadas que lhe tiraua. E nisto chegarão os outros capitães & rodearãno, & os q̄ estauão dẽtro se renderão por q̄ os não metessem no fũdo. Tomado ho jũgo achou-se q̄ era de Iaos q̄ o leuauão carregado de mantimẽtos & d'armas. E do seõor do jũgo soube Fernão perez que leuaua aqueles mantimentos & aquelas armas a Patequatir, que escrueira a Iaoa q̄ lhe mandassẽ; & neste jũgo hia hũ seu filho, & por seu conselho se renderão os do jũgo cō deteminaçãõ d̄ fazerẽ o q̄ despois fizerão, & logo Fernã



perez mandou baldear os mantimētos do jūgo nos nauios da sua frota, & a ela mandou també passar a gēte, & ho capitão dele & eses hōrrados ao seu nauio, & a dadião soltos por q̄ lhes mādou tomar as armas; porē ficarão a cada hū seu cris q̄ trazião secretos, esperādo tē po pa fazerē o q̄ determinauão, & foy mātārē Fernão perez & leuante se cō ho nauio, & cometeranno hū dia pela festa. E estando Fernão perez encosta do remeteo ho capitão do jūgo a ele & ferio pelas costas cō ho cris q̄ trazia escondido, & nã lhe deu mais de hūa sō ferida, porq̄ neste tēpo remeterão os cōpanheiros aos nosos, q̄ lançando mão das espadas & lanças q̄ tinhão na tolda começarão de ferir os imigos, o q̄ embaraçou ho seu capitão de maneira q̄ não pode dar a Fernão perez mais feridas q̄ hūa, porq̄ també algūs dos nosos se abraçarão logo coele. E foy o primeyro Martin guezdez, q̄ antes de ho abraçar lhe deu cō hū marrão da nao cō que ho derribou, & nisto acoDIRÃO outros & tomarãl he ho cris & prenderã no, & não ho mātārão porq̄ Fernão perez ho mandou assi. Os outros laos vē do q̄ não auia efeyto o q̄ começarão, de rão consigo no mar eses q̄ poderão, & saluaran se a nado por ser pto de terra, & os outros forão mortos & catiuos. E a sseflegado tudo, Fernão perez mandou meter a tormēto ho capitão do jūgo, pera q̄ confessasse cō que fundamēto cometera matalo, & se vinhão mais jūgos ē socorro de Quatepatir. E ele confessou a causa porq̄ ho quisera mātār, & q̄ ainda ficauão tres jungos em Cincapura, & q̄ nã auião de ir ate lhes nã mandar recado. E assi disse como vinha ali ho filho de Quatepatir & mostrouho. Isto cōfessado, mādou

os Fernão perez prender a boō recado pera os leuar a Malaca, pera o de logo partio cō os mantimētos, & fez cōta q̄ certos tinha os tres jungos q̄ ficauão e Cincapura, pois não auião de partir se recado do capitão do jūgo. E chegado a Malaca foy grãdemēte festejado por trazer tão boō socorro, & em chegado logo despedio pera Cincapura a Lope dazeuedo & a Jorge botelho, pera q̄ to māl se os tres jūgos q̄ là ficauão. E eles os tomarão se lhes ficar gēte algũa por q̄ toda fugio primeyro, & coeles ficou Malaca bē abastada de mantimētos. E tãbē chegou Gomez da cunha de Pegũ cō outro jungo cō mantimētos, que deixaua assētada amizade cō el rey de Pegũ, & concertado q̄ mandasse mantimētos a Malaca; & assi chegou Antonio de miranda do reyno Sião, o de foy muyto bē recebido. E neste tēpo fugio da prisam ho filho de Quatepatir, q̄ estaua em estrema necessidade de mantimētos polos que lhe tomarão, & assi muy falecido darmas & de gente, q̄ nē el rey de Malaca lhe podia socorrer por estar da mesma maneira.

Capit. lxxxv. De como Fernão perez desbaratou Quatepatir & lhe tomou a fortaleza: & de como Quatepatir fugio pera a ilha da Iaoa.



Abendo os nosos isto, & parecendolhes q̄ era tēpo de determinar de o destruyr de todo & deitalo fora de Malaca: pera o que se ordenou que fosse Fernão perez & leuasse a galie de Pero de faria & a carauela de Jorge botelho, & os outros capitães nos bateys & calaluzes, em que hi rião passante de duzētos Portugue,

ses antre longo de centos p cheiros, tor Pero des pois obra de ros. E co cebido lio Fern manha estaua b botelho de suac Pero pe quanto agente primeyro muyto varejar mente cobrir tandos ambos ta, & ac meyra botelho rompe os imir do por remeil de lorg do os fazião dadas, pera d alem d bem. A defem da hū trarem muyto dião c



ses entre saos & doctes, & por terra ao longo dagoa ho catual com mil & seycentos pias da terra, os mais deles frecheiros, & da banda do sertão ho feytor Pero pessoa, a que se deu a feytoria despois da morte de Kuy daraujo com obra de setera espingardeiros & besteiros. E confessa dos todos os nosos, & recebido ho Sanctissimo sacrameto, pario Fernão perez de Malaca hũ dia ate manhaã, & tanto que foy perto donde estava Patequatir, desembarcou lorge botelho per seu manda do com a gente de sua capitania, pera q̄jũtamente com Pero pessoa cometeesim a fortaleza, e quanto ele hia desembarcar com toda a gente defronte da porta principal da primeyra tranqueyra, donde ja estava muyto perto Pero defaria na sua galé varejando com a artelharia tão fortemente que quasi não oulauão de se descobrir os inimigos q̄ hie estauão. E ajũtandose lorge botelho & Pero pessoa ambos derão Santiago cõ grande grãta, & achando aberta a porta desta primeyra tranqueyra, entrou logo lorge botelho diante com ate oytto homens, rompendo por muytas frechadas que os inimigos tirauão de dentro, & entrãdo por muy bastas lançadas que lhe arremessauão. E vêdo eles a conrusam de lorge botelho que foy entrar, & vêdo os que lhe hião nas costas, que não fazião se não despender em espingardadas, virão as costas & arremessãse pera dêtro doutra tranqueyra que hia alem desta, cuja porta fecharão muy bem. A este tempo era Fernão perez desembarcado com toda a gente, & ca da hũ cometa por onde podia pera entrarem a segunda tranqueyra q̄ estava muyto forte, & que os inimigos defendião com grande instancia, & a reuol-

ta era muy grãde & perigofa: lorge botelho & Pero pessoa que andauão dian teyros por aquela parte onde estava a porta que era pequena, remeterão ambosa ela pera ver se a podião levar fora do couce. E andando ambos nesta occupação, meterão os imgos hũa lâça jaoa por debaixo das portas & ferio Pero pessoa em hũ pé, & como ele era muyto boõ cauleyro a menecoria disto lhe acrecentou a força de maneyra que ele & lorge botelho derão com as porras fora do couce, & de dêtro appareço hũ muro de imigos que tinhão feyta hũa muy forte bastida de lanças com q̄ for neauão sem descantar, & por cima de las vinhão infindas frechas allí dajcos como de zarauatanas, & os imigos estavaõ allí medonhos porque estava ali Patequatir que os animaua. E com tudo Pero pessoa & lorge botelho se me lhorarão dõde estavaõ, & passarão da porta pera dentro auendo hũ pouco q̄ pelejauão, & allí todos os outros portocias as partes da tranqueyra que os imigos defendião como homẽs que tinhão ali sua saluação & ela perdida ficauão perdidos. E vêdo eles a porta entrada por lorge botelho & Pero pessoa, por õde os nosos começauão de carregar, acodem com quatro alifantes armados com seus castelos. E os nosos que lhe tinhão perdido ho medo não fizerão conta deles, antes hũ Francisco machado christão nouo & alfayate natural de torres nouas da capitania de lorge botelho em vendo ho alifante dianteiro que se chegaua a eles, foy ho primeyro que remeo a ele & ferio lhe ho ayo com a lança, & aposeje outros & derão coele morto, & sobre ho alifante forão tâtas as espingardadas q̄ ho ferirão, & a dor das feridas ho fez virar



contra os seus. E coísto & cõ os nossos que entrarão de roldão apertarẽ muy rijo com os immigos, os fizerão fugir delbaratados, & em virando os dianteyros delbaratarão os trafeiros & fugirão todos & mais dous alifantes, por que ho ferido morreo & outro foy tomado dos nossos, q̃ nesta pejeja matarão tãtos dos imigos q̃ ho chão ficou cuberto deles, & assi deferidos q̃ senã poderão levantar, & Fernã perez não quis seguir os viuos, assi por os nossos estarem muyto cansados, que durou a pejeja hum pedaço, em que ho todos fizeram muyto bem, como por ser a terra alagadiça & de vaça que se não andaua se não por minhoteiras. E vencidos os immigos sem falecer nenhũ dos nossos, somente auer algũs feridos, achou-se tanta riqueza de mercadorias que por aqueles que forão na batalha as não derem leuar todas, mandou Fernão perez chamar os que ficauão em Malaca pera acabarem de leuar tudo, & todos vierão assi Christãos como mouros & gentios, que pasinauão de como os nossos poderão desbaratar os immigos em cousa tão forte como aq̃la era cercada de cauas cheas dagoa que se não feruião se não por pontes muyto estreitas. E roubado ho lugar, foy queymada toda a fortaleza: & carregados todos de muyto despojo, & assi os nauios, setornou Fernão perez pera Malaca, onde foy recebido com grãde solenidade & forão dadas muytas graças a Deos polos desafreslar daquele immigõ que tãta opressã lhes daua, que ficou dali tão destroçado & com tão pouca gente, & sem nenhũas munições de guerra, & se lugar em q̃ se podesse acolher, q̃ desesperado de tudo tomou por remedio acolherse a sua terra aa ilha da Iaoa

& fugindo per esses matos com sua mulher & sogra & algũs poucos de escravos, se foy embarcar onde tinha algũs nauios, & dali se partio pera a Iaoa. O que sabendo el rey que fora de Malaca ficou muyto triste & sem esperança de se restituyr em sua terra, & cõ tamanho medo de os nossos ho hirem buscar ao pago onde estava, que he hũa fortaleza em hũ ilheo hũa legoa pelo rio de Muar acima, leuou suas mulheres & casa a ilha de Bintão, onde se começou de fazer forte, & dali hia aas vezes estar no pago como fronteiro, & dali mandaua ho Lafamane com sua armada a fazer saltos quando podia.

Cap. lxxxvj. De como Fernão perez foy ao estreito de Cincapura, & de como Antonio dabreu que foy descobrir Maluco tornou a Malaca.



Abido em Malaca q̃ Patequatr era fugido pera a Iaoa temendo Ruy de Brito & Fernão perez que se não fosse la fazer de gente & tornasse a fazer guerra a Malaca, determinarão q̃ Fernão perez ho fosse esperar ao estreito de Cincapura por onde auia de passar, pa onde se partio logo no nauio de Marti guedez, & forão coele lorge botelho no seu nauio, & outros homẽs principaes em lancharas, porque os nauios grossos ficauão com Lopo dazeuedo em guarda de Malaca, como ficauão sempre quando Fernão perez hia fora. E entrando ele entre as ilhas de Bintão, ouue hũ dia vista da armada do Lafamane que andaua espalhada per entre stas ilhas, & ele bẽ descuydado da viu

andau  
era do  
chara  
se ajur  
a lanch  
ho nau  
ho Laf  
nhece  
minho  
hetão  
ueffar  
por ali  
China  
partes  
fosfica  
garão,  
to em  
ho nau  
prime  
este ef  
võtade  
Ihe che  
regada  
parece  
naquel  
ho fize  
noyte  
que ho  
jar com  
xaua d  
& tão  
em qu  
pre du  
os nos  
por ill  
perez,  
que m  
com os  
do, o q  
& por  
mo vic  
gar de  
outro e



andauão pescando. q̄ aquela armada era do Sasamane, paissou se a hũa lanchara pera chegar a ele primeyro que se ajuntasse a sua armada: & isto por se a lanchara remar & ser mais ligeira q̄ ho nauio. E ajuntando as outras cõsigo, ho Sasamane como ho vio ir que ho conheceo fugio logo a vela & a remos caminho do estreyto de Cincapura, que he tão estreyto, que se se hũa nao auaeslar nele tomara de terra a terra, & por ali passam todos os jungos q̄ v̄ da China, Patane, Sião & de todas aqlas partes do sul pera Malaca; do q̄ os nossos ficarão elpantados quando ali chegarão, & parcialhes que fazião muyto em passarem coufa tão estreyta cõ ho nauio & a carauela: & estes forão os primeyros nauios nossos que passarão este estreyto. E vendo ho Sasamane a võtade que Fernão perez leuaua pera lhe chegar, alargou hũa pãguejoa carregada darroz & munições de guerra, parecendo lhe que occupados os nossos na quele despojo ho deixarião: mas não ho fizeram assi, & se não sobreuiera a noyte sempre ho alcançarão. E posto que ho Sasamane fugisse tanto de pelear com Fernão perez, n̄ por isto deixaua de ser muy efforado caualyro, & tão nomeado entre os mouros, que em quanto ouuer gẽte em Malaca sempre durara sua fama: porẽ conhecia q̄ os nossos tinhão auantajem aos seus, & por isto nã queria pelear com Fernão perez, & q̄ndo se queria louuar, dizia que muytas vezes começara de pelear cõ os nossos & q̄ não fora desbaratado, o que auia por muyto polo q̄ digo, & por isso fugia a Fernão perez, q̄ como vio a noyte, & q̄ lhe não podia chegar deixou de ho seguir & surgio. E ao outro dia fez volta pera Malaca, onde

achou Antonio dabreu q̄ chegara de descobrir Maluco, a que não chegou por culpa dos tempos lhe terçarẽ mal, & ele cõ Simão Afonso não pode mais chegar que às ilhas Damboyno q̄ sãm perto das de Maluco, & hi achou algũ crauo em poder de mercadores que resgatou, & Frãscisco serrão foy ter perto de hũa ilha das de Maluco, que se chama Ternate, & hi se perdeu a nao, & ele se saluou com algũs no batel da nao & nele foy ter a Ternate, onde lhe ho rey desta ilha fez tanta honrra & gafa lhado, & lhe deu tanta fazẽda, que ele se deixou ali ficar & não quis mais tornar a Malaca. E este Francisco serrão foy o que mandou enformação de Maluco a Fernão de magalhaes, q̄ fez despois treyção a casa real de Portugal, querendo lhe tirar estas ilhas da sua cõquista, & dalas a coroa de Castela, mettendo em cabeça a Carlos quinto emperador & rey dela que estauão na reparição do mar, que coubera a Castela. E Antonio dabreu que não sabia da perdição de Francisco serrão, v̄do q̄ não vinha despois de ho esperar muyto tempo, se tornou pera a ilha de Banda, que he hũa ilha grande, em que ha as aruores que dão a noz nozczada & a maça, que dizẽ que se parecem com os nossos pesselgueiros, ao menos na frol, se não que he branca, & as aruores sãm mayores, & nesta frol nace a noz: & a frol he a maça despois que se seca. A gente he como saluajẽ & carece de toda policia humana, n̄ tem rey, se não gouernãse pelos mais antigos: & nesta ilha achou tambẽ algũ crauo. E carregado de noz & de maça, se tornou a Malaca, que cõ a destruyção de Pateguatir ficou pacifica, & abastada de mantimentos que vierão d:li por diante.



Capit. lxxxviij. Do que passou em Goa sendo capitão Manuel de Iacorda, & de como foy morto Médafonso de tanjere em Benastaria.



Quando isto passaua em Malaca, Roçalção q̄ estaua na fortaleza de Benastaria sobre a cidade de Goa que tinha cercada por terra, lhe corria muytas vezes cuidando de afrontar os nossos, que por serem muytos os não tinham em nenhũa conta, & sayanlhe sempre ao encontro & leuauãnos de vencida, & fizeramse nestas escaramuças muy boas cousas da parte dos nossos, que os mais deles erã muy bõs caualyros, principalmente estes homens conhecidos, assi como Manuel de Sousa, Médafonso, João machado, Diogo fernãdez ho adail, Diogo fernãdez de beja, Simão velho, Antonio ferreyra, Pero dafonseca de crasto, & Diogo mendez, que fora capitão, que posto q̄ hia debaixo da capitania doutrem sempre faya aos mouros & fez muy boas cousas, principalmente hũa vez que os nossos pelejarão com os inimigos entre os bachares, & fugindo os que acompanhauão Diogo mendez ficou ele só sobre hũ valado, & pelejou ali muy forte mente ate que lhe acodirão: & posto q̄ os inimigos erã muytos de que ele se defendeo tambem que nunca lhe poderã chegar posto que ho ferirão de muytas frechadas. E outra vez que ho capitão sayo aos inimigos, em se recolhendo disse aos seus que se algũs dos inimigos que os seguião se desmandassem que teuessem tento quando ele dissesse volta que voltassem logo, & nisto desmandarase obra de cento de caualo

para pegar cõ os nossos, que voltarão logo polo final que lhes tinha dado ho capitão, que em voltando escoregõu, lhe ho caualo & cayou, & por ser ho perigo muy grande q̄ carregauão os inimigos poterãse os nossos diante do capitão ate tornar a caualgar, em q̄ ouue deteça por lhe fugir ho caualo. E neste espaço pelejarão os nossos milagrosamente, porque a peleja foy muy crua & cheia de sangue, assi dos inimigos como dos nossos & todo ho chão estaua cuberto de frechas: & tornando ho capitão a caualgar recolheo os nossos, com que os inimigos estauão tão pegados q̄ forã coeles quasi ate a caua, & ali fez a artilharia muyto nojo neles, & coela se afastarão ficando muytos mortos & indo muytos feridos: & tambem dos nossos ho forão muytos, & assi os caualos. E muytos outros feytos em armas se fizeram polos nossos neste cerco, q̄ não ponho particularmente porque os não pude saber por ordẽ, mas forão todos muyt assinados & de muyta fama, com que sempre os inimigos leuarão ho peor. O que vedo Roçalção vingauasse em mandar tirar muyto amide com ho camelo da força, & cayão os pelucuros tão bastos na cidade q̄ hũ dia estando ho capitão a hũa jencia da fortaleza cayou hũ pelouro dos que tiraua ho camelo; & ele vendoho mandou a hũ moço gentio que passaua que lho trouesse, & ho moço lho leuaua posto na cabeça: & nisto vê outro pelouro & dalhe nele sem fazer nenhũ noio ao moço, & isto foy a vista de muyta gente. E sendo neste tempo dito ao capitão que tinham os mouros hũas fustas em Benastaria, mandou ele a Diogo fernãdez q̄ fosse ver se as podia tomar, & visse a disposição da fortaleza para mandar recaõ

disso ao  
pregutar  
do consi  
q̄ hião n  
fados, &  
forão pe  
da fortal  
de estaçã  
uão reco  
rendo D  
remar a  
rio pera  
das que  
za: & pa  
impero,  
dafonso  
do seu ba  
& mator  
do Dio  
uão as f  
tornou  
por a m  
especial  
ele foy  
feyto p  
se via ar  
fo de fir  
ste sonh  
não diz  
do. E da  
ste cerco  
os nossos  
inimigos  
cão teu  
starim,  
da força  
bre ho  
de todo  
calcão  
por q̄ se  
clor de  
CC  
noro



disso ao governador que lho mandara  
pregutar. E Diogo fernandez foy leuã  
do consigo os capitães de sua armada  
q̄ hão nos bateys, armados & apades-  
fados, & bem esquipados de gente, &  
forão pelo Passo seco. E chegaram diãte  
da fortaleza acharão hũa muyto gra-  
de estacada, & virão que as fustas esta-  
uão recolhidas ao rio Dagacim. E que-  
rendo Diogo fernandez lá ir, mandou  
remar muyto rijo, que assi era necessa-  
rio pera fugirem às muytas bombardas  
das que os inimigos tirauão da fortalez-  
za; & passando os nossos com grande  
ímpeto, vê hũ pelouro & deu em Mē-  
dasonso de tãgere q̄ hi em pé na popa  
do seu batel bradando que remassem,  
& matouho cõ outros dous. O que vê-  
do Diogo fernandez & quão logo esta-  
uão as fustas, não quis passar auante &  
tornou se ficando todos muyto tristes  
por a morte de Mendasonso q̄ era hũ  
especial caualeyro. E segundo se soube  
ele foy muyto cõtra sua vôtade a este  
feyto por sonhar toda aquela noyte q̄  
se via entre fra Jhes que cantauão respo-  
se de finados; & carregado muyto coe-  
ste sonho nã quizerã ir, mas foy por lhe  
nã dizerem q̄ deixauã dir por couar-  
do. E dali por diante não se fez mais ne-  
ste cerco cousa assinada, se nã os ayrem  
os nossos quasi cada dia a pelejar cõ os  
imigos que lhe corrião. E como Koga-  
cãõ teue acabada a fortaleza de Bena-  
starim, mandou passar a ela ho camelo  
da forca & allestalo em hũ baluarte so-  
bre ho mar, com que os noifos ficarão  
de todo desaperfados do cerco. E Ro-  
galecãõ mādou tirar ho camelo tã cedo  
por q̄ se receou q̄ chegasse ho governa-  
dor de supito & lho tomasse.

¶ Capit. De como dõ Garcia de  
noronha, & lorge d melo pereira

capitães môres das naos da carga  
chegarão a Cochim, & de como  
ho governador se partio pa Goa.



Este anno de mil & qui-  
nhentos & doze partio  
de Lisboa em Maio lorge  
de melo pereira pera  
a India por capitã mor  
de cinco naos com a sua; & cõ lorge de  
melo hã Gaspar pereira que fora secre-  
tario do Viso rey dom Frãisco dalmei-  
da, & hã por proueedor da fazêda del  
rey de Portugal na India & por secreta-  
rio do governador. E chegada a Moçã-  
bique com toda sua armada partirão  
ambos pera a India com onze naos, &  
chegarão a cochim em Setembro, &  
forão muyto bem recebidos do gover-  
nador que folgou muyto com sua vin-  
da, assi por dõ Garcia ser seu sobrinho  
& por leuarẽ muyta gente, de q̄ ele ti-  
nha necessidade pera ho feyto de Be-  
nastarim; & parece que nosso señor ti-  
nha cuyda do dele, por q̄ como auia de  
fazer algũa cousa pera q̄ teuesse neces-  
sidade de gente logo lha ajuntauã, que  
assi foy quando ouue dir tomar Goa q̄  
lhe ajuntou vinte tantas naos. E vendo  
ho governador q̄ Gaspar pereira hã  
por seu secretario, & saber q̄ fizera na  
q̄le officio cõ ho visor rey algũas cousas  
que nã ouuera de fazer, apontou lhe  
os erros que nisso cometera pa se emẽ-  
dar deles & nã fazer outos em seu tẽ-  
po; & ele lho pmeteo pedidolhe muy-  
to q̄ ho fauorecesse. E logo neste tẽpo  
pedio Garcia de souza a capitania de  
Malaca ao governador por intercessam  
de lorge de melo pereira; & querendo  
ho hũ dia ho secretario despachar, dis-  
selhe o governador q̄ Malaca era grã-  
de cousa pera Garcia de souza, & por is-



folha nã podia dar. E ho secretario foy logo dizer isto a lorge d' melo & a Garcia de souza, auendo ho dieter em segredo. E Garcia de souza se começou da-grauar do governador, pedindo he licençã pera se ir pera Portugal se lhe nã desse Malaca. E sabido polo governador como a couza hia, disse a Garcia de souza q̄ ao presente nã podia entẽder em cousas de Malaca, que deixasse vir recado do que lã hia, & que então pro-ueria; & coisito amansou Garcia de souza. E pondose ho governador em orãõ pera se partir pera Goa, ho secretario se começou desculpar dir coele, dizẽdo que era doente, & que nã podia aãdar aPOSELE nẽ soffrer ho seu trabalho, & que pera lhe aturar era necessario que despachasse em dias aprazados, & que nã desse resposta às partes sem ho mãdar chamar primeyro. Ao que ho governador respondeo que se espantaua muyto de lhe ele req̄rer tal couza, que antes lho ouuera de repredẽr se ho ele quiserã fazer, pois sabia q̄ ho despacho das partes era hũa das cousas que na India cõpria muyto ao seruiço de deos & del rey, por isso q̄ as nã auia de deixar de despachar õde quer q̄ lhe pedissem despacho, ou lhe dessem as petições, q̄ se nã podia aãdar aPOSELE, que ele lhas mandaria, pera q̄ lhe possesse a vista, & que depois as assinarã ele; porem que dias aprazados que os nã auia de dar, porque gastauã ho tempo de que na India auia muyto grande necessidade. E por isto se quiserã ho secretario agrauar do governador & ficar em Cochĩ; mas ele nã quis por atalhar a embõrã, lhadas que entendia q̄ começaua de fazer antrele & el rey de Cochĩ, & tãbẽ por serem imigos ele & Lourẽgo moreno & poderse hia recrecer disso muyto

grande deseruiço del rey & pda de sua fazẽda. E vẽdo ho secretario como ho governador o q̄ria leuar a Goa, se agrã uou muyto mais, & começou logo de afirmar q̄ Goa nã era pa se soffter sem el rey de Portugal estar nela, & q̄ nã auia sua alteza dauer por bẽ que se mata-se a gẽte Portuguesa sobre ho castello de Benastari que estãua muyto forte & nã se auia de poder tomar sem isso. E tudo isto dissimulãua ho governador, posto que ho sabia, por q̄ nã parecesse q̄ fazia caso disso. E tendo ele prestes sua partida, partio-se em Outubro de mil & quinhẽtos & doze, & ele hia na nauo Antonio de feyscentos toneys que viera aq̄le anno, & assi leuou outras nauos da carga pa lhe leuarẽ gẽte q̄ leuãua muyta, assi Portuguesa como Malabar, & hia coele dõ Garcia de noronha seu sobrinho q̄ era a segũda pessoa depois dele, & hia Pero mazcarenhas, que nã quis ficar em Cochĩ dizendo ao governador q̄ nã ficaria in-do ele a hũ feyto tão horrãdo como aquele auia de ser. O q̄ ho governador lhe teue muyto em merce, & pmeteo lhe de lhe dar outra capitãnia melhor q̄ a de Cochĩ pois a deixãua e tal tẽpo.

Capit. lxxxix. Do q̄ ho governador fez em Cananor, & das nouas q̄ soube da determinãõ do Soldãõ, & da do Hidalçãõ acerca de focorret a forteza de Benastarim.

**P**Artido ho governador de Cochĩ foy ter a Cananor pera ẽregar a capitãnia da nossa forteza a lorge de melo pereyra que a trazia de Portugal, & pera fazer q̄ desistisse Mamele do titulo q̄ tinha de certas ilhas de Maldia

ua por quã  
salo del rey  
& em Can  
a seu ebaix  
lo de posse  
gocou ho  
zesse com  
titulo q̄ tir  
ilhas agen  
& nã ho q  
cõmo era c  
o el re  
uallalo del  
nador ente  
tulo que tin  
ão governã  
lhe hũa pe  
ro & pedra  
raldas, que  
dou a el rey  
le desistir d  
governãdo  
dar vir a ge  
ste fe parte  
de Maldia  
sabia que h  
tros officia  
tratos com  
grandes on  
perigo à for  
que erãõ os  
a õzenã nã  
auia briga,  
pre grãdes  
desacatado  
prendeõ m  
officiaes pe  
lhos por re  
mento da f  
nhũ homẽ  
em cõpanh  
coeles cont  
ão ganhois



ua por quãto horey delas se fizera val  
salo del rey d Portugal coessa cõdição,  
& em Cananor deu carta de vassalajẽ  
a seu ebaixador. E metido Iorge de me  
lo de posse da capitania d Cananor, ne  
gociou ho governador cõ el rey que fi  
zesse com Mamale, que desistisse do  
título q tinha de rey, & que tirasse das  
ilhas agente de guerra que là tinha,  
& não ho querêdo fazer acodiria a isso  
cõmo era obrigado. E vendo Mamale  
cõmo el rey das ilhas de Maldiua era  
vassalo del rey de Portugal, & o gover  
nador entendia naquilo, desistio do tí  
tulo que tinha, & mãdou pedir seguro  
ao governador pa lhe ir falar, & leuou  
lhe hũa pera dambar goarnecida dou  
ro & pedraria, & hũs diamães & esme  
raldas, que despois ho governador mã  
dou a elrey d Portugal. E a fora Mama  
le desistir do título que tinha perãte ho  
governador, prometeo lhe de logo mã  
dar vir a gente q tinha nas ilhas; & coi  
so se partio ho embaixador das ilhas  
de Maldiua. E porque ho governador  
sabia que ho feytor de Cananor & ou  
tros officias da fazenda tinhão, todos  
tratos com os mouros, & auia antreos  
grandes onzenas do q se seguia muyto  
perigo à fortaleza, porque os mouros,  
que erã os que tomauão ho dinheiro  
a õzena não querião pagar, & sobriſſo  
auia briga, & leuantauãse, & auia sem  
pre grãdes aluoroços, & erã os nossos  
desacatados; do q ho governador re  
prendeo muyto ao feytor & aos outros  
officias perante Iorge de melo, & deu  
lhes por regimento q sopena de perdi  
mento da fazenda & dos officios q ne  
nhũ homẽ não trouesse seu dinheiro  
em cõpanhia dos mouros, nẽ tiuessem  
coeles contas, nẽ lhes dessem dinheiro  
ao ganho; somente mandassem sua fa

zenda em suas naos apartada sobre si,  
& cõ sua marca. Aqui começou ho se  
cretario de querer lemeiar odio ãte ho  
governador & Iorge de melo, a quẽ dis  
se que não deuia de consentir q ho go  
uernador reprêdesse em sua presença  
ho feytor nẽ os outros officias da for  
taleza, que aquilo era seu pois era capi  
tão, & q tinha muyta rezão de se agrau  
ar do governador, pois sendo ele hũa  
pessoa principal & tão pera se fiar em  
seu parecer & conselho, que não deuia  
de falar coufa nenhũa com os capitães  
sem ho primeyro praticar coele, & que  
assi ho ouuera de fazer sobre ho nego  
cio das ilhas de Maldiua. E tão ho per  
suadio a cret isto que Iorge de melo se  
agrauou do governador, & esteue aba  
lado pera vender a capitania a Francis  
co pereyra pestana, & deixou de fa  
zer por lhe ho governador não dar li  
cença pa isso, & assi ho disse ao mesmo  
Francisco pereyra que lha pedia. E da  
qui ficou Iorge d melo bazcolejado cõ  
o governador, de maneyra q não quis  
ir coele a Benastarim; porẽ ele não era  
obrigado a isso por amor da sua capita  
nia. E assêtadas as coufas de Cananor,  
ho governador se partio pa Batalã,  
onde soube que estaua metida hũa nao  
de Mafamede maçari, q se hia de Cali  
cut pa ho cayro como ja disse; & indo  
cõ tres naos atraues d cacotora, lhe deu  
hũ tẽporal cõ que se lhe pdeo hũa das  
naos, & arribando às ilhas de Maldiua  
se lhe perdeu outra, & outra arribou a  
Batalã, q foy esta q o governador hia  
buscar. E sempre Mafamede maçari  
escapou & se foy ao Cayro, leuando Si  
mão rangel catiuo, que cõprou em Ca  
licut como ja disse. E chegado ho go  
uernador à barra de Batalã, mandou  
dizer a Damechati governador do lu



gar que lhe mandasse entregar a nao pois era de Calicut que tinha guerra cõ el rey de Portugal: & Dameshati a mã dou logo êtregar cõ a carga que tinha, que era de muyta especiaria & canela, & dali a mandou ho governador a Cochí pera se levar a carga a Portugal. E estando ele aqui, lhe foy falar hũ judeu morador no Cayro de nação espanhol que falaua Portugues, q̄ lhe trazia cartas de cinco Portugueses q̄ estauão catiuos em Adê, & forão do Bargantã de Duarte de lemos q̄ se perdeu como disse no fe nõ de zido liuros: & estes lhe creuião q̄ auia fama naquelas partes q̄ ho soldão fazia sũdamẽto de tomar as portas do estreyto de Meca, & fazer hi hũa fortaleza, & de tomar a cidade Dadem. E por isto fer a cousa mais danosa q̄ podia sobreuir pera a cõquista da India, apertou ho governador q̄ lhe disse a verdade daquelas nouas. E ele disse que auia dous annos que partira do Cayro, & q̄ entãõ se soaua lá o que os nossos criuião, & que ouuira dizer que ho soldão mandara p̄ hũ embaixador pedir a el rey Dadê cõ mil xerafins, & q̄ lhos não quisera dar, pelo q̄ ho soldão lhe mandara dez mil frechas cõ outros tantos arcs, & hũa arredoma d̄ balsamo, mandandolhe dizer que cõ aqueles arcs & frechas ho auia de matar, & em balsamalo cõ aquele balsamo: & cõ tudo el rey não quisera dar ho dinheiro. E este judeu aconselhou ao governador que deuia aquele anno dir tomar Adê, & que em Honor estauão dous judeus que hũ deles que auia pouco que viera do cayro, lhe daria nouas mais frescas: & por isso ho governador foy á barra Donor, onde lhe ho judeu foy falar leuando consigo outro natural da cidade de Beja. E disseranlhe que aquele mes

mo anno partirão do Cayro, & que era certo fazer ho Soldão armada ê quez, de que estaua feyta grãde parte, & era sua determinação ganhar eccela as portas do estreyto & fazer hi hũa fortaleza, pa que lhe ho governador não podesse entrar ho estreyto, porque tinha disto muyto grande medo: & por essa causa queria tomar Adê, a cujo rey mandara seus ebaixadores, como ho outro judeu lhe dissera, & que ele falara com ho derradeiro embaixador no sertão onde estava el rey Dadê. E por ser seu amigo, lhe dissera q̄ aquele anno podia ir seguro a India, por q̄ não auiaõ dir a quele anno rumes, se não pa ho outro, em que ho soldão os auia de mandar pa tomar a porta do estreyto & Adê, polo medo q̄ tinha de a ho governador tomar: & que nõ ano seguinte não tornasse a Adê, por q̄ se fosse seria roubado, & q̄ ele tinha isto por tãõ certo q̄ se auia de tornar a Ormuz. E ele & ho outro aconselharão ao governador, que e todo caso tomasse aquele anno Adê & as portas do estreyto, & pediranlhe seguro pera ir a Ormuz, por q̄ não ouuaõ de tornar a Adê. E ho governador lho deu: & ali lhe foy tambem falar el rey Merlao, & lhe disse q̄ se apressasse muyto a tomar a fortaleza de Benastari, por q̄ sabia certo q̄ ho Hidalção fazia prestes vinte mil homẽs pera mandar em seu socorro, & por isso se ho governador deu pressa em partir.

¶ Cap. xc. Decomo o governador che gou a Goa, & de como cercou permar a fortaleza de Benastarim & lhe deu bateria.



¶ Chegado ho governador a Goa, que se enfermou do sitio do castelo de Benastarim, & das estacadas q̄ os

imigostin  
cim como  
entrarem  
galção tin  
trauão tre  
conselho d  
que andau  
em Goa, e  
ria era Ge  
ster na In  
seguria d  
certo fe os  
quele cast  
tinha sabi  
stes vinte  
seu socorr  
ficultade  
ho eles tor  
socorro fi  
inda q̄ ho  
quanto p  
fe defede  
muyto da  
naõ polo  
sua voz q  
tomar, fal  
que disse  
carregar  
pera Port  
queria el  
aquela fo  
disse que  
ria, se nã  
lhe disse  
Francisco  
nãõ disse  
co perey  
fe não far  
assentou  
& q̄ se cõ  
& prime  
se atalha  
& affios



inimigos tinham feytas, assi no rio Daga-  
 cim como no de Benastari pera os nao  
 entrarem por mar, & assi de como Ro-  
 galção tinha seys mil homens, em q̄ en-  
 tração trezêtos de caualo. Ouue logo  
 conselho com estes capitães & fidalgos  
 que andauão coele & com os q̄ estauão  
 em Goa, em que propos quão necessa-  
 ria era Goa pa ho estado del rey se fo-  
 sser na India, & quanto perjuizo se lhe  
 seguiria de se perder, de q̄ estaua muy  
 certo se os inimigos permanessem na-  
 quele castelo que tinham feyto, porque  
 tinha sabido q̄ ho Hidalção fazia pre-  
 stes vinte mil homens pera mandar em  
 seu socorro que farião muy grande dif-  
 ficuldade pa se tomar ho castelo, & se  
 ho eles tomaísem antes de chegar este  
 socorro ficaua Goa segura de todo, & a  
 inda q̄ ho Hidalção viesse sobrela com  
 quanto poder tinha, que não somete  
 se defendéria dele, mas ainda lhe fariã  
 muyto dano. E praticado isto, & exami-  
 nado polos do conselho, todos derão  
 sua voz que ho castelo se deuia logo de  
 tomar, saluo Frâncisco pereyra pestana,  
 que disse que ho governador deuia de  
 carregar as naos da carga & mandalas  
 pera Portugal, porq̄ a pimenta era o q̄  
 queria el rey de Portugal & não cercar  
 aquela fortaleza. E ho governador lhe  
 disse que lhe não preguntaua se acerca-  
 ria, se não como a tomaria: & sobrisso  
 lhe disse algũas palauras asperas: que  
 Frâncisco pereyra respondeo que lhas  
 não dissesse, porque ele não era Frânci-  
 sco pereyra coutinho a quem as dislera,  
 se não sam Frâncisco pereyra. E cõ tudo  
 assentou se que a fortaleza se tomasse,  
 & q̄ se cõbate se por mar & por terra,  
 & primeyro se cercasse por mar, porq̄  
 se atalhasse ho socorro q̄ lhe podia vir,  
 & assi os mantimêtos q̄ lhe traziao da

terra firme, & cuydassẽm os mouros q̄  
 per mar somete os auiao de combater,  
 & ali posessem a força de sua defesam  
 & artelharia: & ho cõbate se lhe podia  
 dar por mar & por terra, porq̄ auia gẽ-  
 te pera tudo, que erão quatro mil Por-  
 tugueses com os que estauão em Goa,  
 & assi Malabares & Canarins, & dos  
 nossos erão quatrocêtos da ordenança,  
 de q̄ erão capitães hũ Ioão fidalgo &  
 hũ Uygonçaluez de caminha: & foy  
 esta a melhor & a mais gẽte q̄ se nũca  
 ajuntou na India ate aquele dia. Auído  
 este cõselho, ho governador começo  
 logo de se perceber pera a execucao, &  
 mãdou fazer arribadas muyto fortes  
 ate meos mastos, assi ao nauio de Duar-  
 te de melo como a carauela de Ioão go-  
 mez cheira dinheiro, porq̄ determina-  
 ua a abalroar coeles a fortaleza dos in-  
 migos. E por os muros serẽ mais altos  
 do que eles erão, & lhe eles não mataiẽ  
 decima a gente, mãdou os tolda: todos  
 de taboado trincado, & porq̄ não goço  
 brassem cõ a altura das arribadas, mã-  
 dou lhe arrigar pipas vazias dambos os  
 bordos: & mandou a dõ Garcia de no-  
 ronha q̄ fosse cõ certos capitães que hi-  
 rião nos seus bateys, & assi coestes dous  
 nauios & entrasse polo passo secco: & os  
 capitães cõ sua gente cortarião rãto da  
 estacaca q̄ os mouros tinham feyta da  
 quella parte, que os nauios podessẽ en-  
 trar & hirião abalroar cõ a fortaleza.  
 E em partindo dõ Garcia, partio ele cõ  
 a armada pera entrar per Goa a velha,  
 & dali ir ter ao rio de Benastarim a ou-  
 tra estacaca que estaua da bada Daga-  
 ci. E indo dõ Garcia cõ os dous nauios  
 & bateys ja perto de Benastarim, deu  
 ho nauio de Duarte de melo em hũa la-  
 gia, em q̄ abrio & foysse ao fundo. E fa-  
 bẽdo isto ho governador, mãdou a dõ



Garcia q̄ se tornasse, & q̄ fosse ter coe-  
le por Goa a velha, onde ho achou em  
muyto grande trabalho de fazer che-  
gar os nauios à estacada pera a cortarẽ  
porque não podião ali nadar os nauios  
se não cõ marés: & ho governador an-  
daua e hũa fusta fazẽdo os leuar ã toas  
aos bateys em que andauão os capitaes  
dos melhos nauios cõ sua gente, & to-  
dos tinhão muyto trabalho & ãdauão  
ẽ grande perigo, pelas muytas & muy  
continuas bõbardadas que os mouros  
tirauão, que vende eles a perfia que ho  
governador tinha de chegar por aq̄la  
parte, pareceo a Rogalcão que por ela  
ho queria cometer, & por isso mãdou  
ali passar toda sua principal artilharia,  
que fazia muyto nojo aos nossos, de q̄  
algũs nauios mortos, & a mayor parte  
dos nauios arrombados, especialmẽte  
do camelo q̄ fora nosso, E erão os tiros  
tão bastos, q̄ andando ho governador  
hũa vez em hũ catur pequeno de Ma-  
labares diante de todos os bateys, mo-  
strãdo lhes por onde auião dir & ani-  
mando os, vẽ hũ pelouro dhũ tiro pe-  
queno & pescou ho Malabar q̄hta go-  
uernando ho catur & leuou ho e peda-  
ços, & eujou ho governador cõ ho san-  
gue de maneyra q̄ todos cuydarão que  
era morto, & parece que assi ho cuyda-  
rão os mouros tão perto estauão, & le-  
uantarão hũa grande grita. O que en-  
tendẽdo ho governador, fez dar outra  
aos seus, & leuantou se em pé pera q̄ ho  
vissẽm os inimigos: & trabalhou tão na-  
quele dia cõ os nossos, q̄ ao outro ama-  
nhecẽrão pegados de baixamar com a  
estacada ho nauio de Pero dafonseca  
de crasto, & a carauela de loão gomez  
cheira dinheiro, & estauão arrigados a  
ela com muy grossos aparelhos. E foy  
coufa despante as bõbardadas q̄ lhe ti-

raão da fortaleza, & eles també a ela,  
& começarão logo darrancar das esta-  
cas, q̄ quãdo veo apreamar tinhão fey-  
to lugar por onde caberia hũ batel, &  
assi forão cõ algũas marés arrancado  
tãtas q̄ ja podia caber a nao sam Pedro  
que seria de trezẽtos toneys, q̄ esta era  
a cõ que ho governador q̄ria abalroar  
a fortaleza, & pera isso a leuaua mara-  
uilhosamẽte fortalecida cõ arromba-  
das detauoado muy grosso & balas de  
Cayro & pipas por fora das amuradas,  
que parecia mais mõstruo que nao, &  
a meyo masto leuaua guindado hũ ba-  
tel toldado de toldo de cayo os crus pa  
emparar os q̄ hião dẽtro das panelas d̄  
poluora & outros arteficios de fogo q̄  
os inimigos poderião deitar. E ao entrar  
desta nao, de q̄ era capitão Ayres da sil-  
ua, foy coufa medonha ver as bõbarda-  
das q̄ se tirarão, assi da parte dos mou-  
ros como da nossa, & mais quando eles  
virão q̄ ela queria abalroar cõ ho ba-  
luarte em q̄ estauo ho camelo, q̄ pera  
fazer mais nojo sos nossos tirauo ao lu-  
me dagoa, o q̄ era grande impedimẽto  
pa a nao poder abalroar cõ ho baluar-  
te: & porq̄ a não metesse no fũdo, a mã-  
dou ho governador desuiar dele, tẽdo  
ele ja cortado hũ braço dhũa vnha d̄  
cora q̄ leuaua por proa dhũa bõbarda-  
da q̄ lhe ali acertou. E vẽdo ho gover-  
nador ho impedimento q̄ lhe fazia ho  
camelo pera nã poer a nao õde queria,  
pmeteo hũ grande preço ao seu cõde-  
stabe se lho quebrasse, & mandou lhe  
pera isso embarcar hũa espera em hũa  
barcaça grãde cercada daniõbadas de  
cayro por dẽtro & por fora, pera que  
os tiros dos inimigos embaçassem nas ar-  
rombadas. E aparelhada esta barcaça,  
foy posta de noyte de frõte da bõbar-  
deira do camelo, que como digo ficaua

a) lume  
tras da b  
pera que  
colheite  
estauo  
que os in  
com ho  
ua apare  
sua artel  
com a su  
se ho ma  
dadas qu  
to fumo  
hũs aos  
sem nun  
tar ho ca  
fortalez  
uão apõ  
por isso  
fez tante  
todo, &  
ra por te  
fazer de  
cou muy  
to q̄ a oc  
como oa  
do, q̄ du  
E tẽdo h  
tar a sua  
metelhe  
pedaçõ  
inimigos,  
q̄ su gira  
homẽs  
a isso de  
de praz  
do ho  
a nao sa  
que qua  
no balu  
ra, deix  
do a Ay  
caças, &



a o lume da goa com a montante, & de-  
 tras da barçaça estava hũ parao a piç,  
 pera que se por caso fosse arrobada re-  
 colheise ho condestabre & outros que  
 estavam nela. E quando veo ao outro dia  
 que os inimigos virão a barçaça infiada  
 com ho camelo & da maneyra q̄ esta-  
 ua aparelhada, começaram de lhe tirar cõ  
 sua artelharía, & os nossos acodẽ logo  
 com a sua, & assi a barçaça, & começã  
 se ho mais espantoso jogo de bombar-  
 dadas que se podia ver, de que sayã trã  
 to fumo que quasi se não enxergauão  
 hũs aos outros, & durou todo aq̄le dia  
 sem nunca ho condestabre poder acer-  
 tar ho camelo, porq̄ como os tiros da  
 fortaleza crãõ tao bastos não ho deixa-  
 uão apõtar a sua espera pera acertar, &  
 por isso lhe errou todo aquele dia, mas  
 fez tanto dãno no baluarte q̄ ho abriu  
 todo, & se ho dia mais durarã ho poses-  
 ra por terra, & os inimigos tornarão a  
 fazer de nouo na noyte seguinte. & fi-  
 cou muyto mais forte que dantes. E tã-  
 to q̄ ao outro dia foy manhaã, assi eles  
 como os nossos tornarão ao jogo passa-  
 do, q̄ durou muyto alpero ate a tarde.  
 E tẽdo ho condestabre acabada da põ-  
 tar a sua espera, desfecha no camelo &  
 metelhe ho pelouro dentro & felo em  
 pedaços, matãdo ho bombardeiro dos  
 inimigos, que era hũ galego arrenegado  
 q̄ fuzira da cidade. & assi dous ou tres  
 homẽs que ho feruão naq̄le mester, &  
 a isto derão os nossos hũã grande grita  
 de prazer. E quebrado ho camelo, mã-  
 dou ho governador chegar sem medo  
 a nao sam Pedro, que se chegou tanto  
 que quasi punha a ponta do garoupez  
 no baluarte. E despois dẽ estar aqui sur-  
 ta, deixou ho governador encomenda-  
 do a Ayres da silua que coela & cõ bar-  
 çaças, & outros nauios que ficauão, des-

se continuamente bateria à fortaleza,  
 & foy se a Goa pa lhair dar per terra.  
 E deixãdo tudo a muyto recado se tor-  
 nou por mar.

Capit. xcj. De como se ho governador  
 tornou a Goa a fazer prestes pera ir  
 cõbater a fortaleza por terra, & do  
 que lhe aconteceu com os mouros q̄  
 forão correr a cidade.



Hegado ho governa-  
 dor a Goa, começou dẽ  
 se fazer prestes pera ir  
 combater os inimigos  
 por terra. E andãdo  
 nesta occupação, hũã  
 festa feyra pola manhaã veyo Roçal-  
 cão dar vista à cidade, por mostrar ao  
 governador que ho não temia, & que  
 ainda era señor do cãpo, & trazia obra  
 de duzentos & cincuenta de caualo &  
 muytos de peõ, & appareceo as duas aiu-  
 res, & hũ facheiro q̄ estava no oyteiro  
 de noisa seõora do monte como os vio  
 derrubou ho facho. E ho sino da vigia  
 da cidade começou de repicar, ao que  
 logo sahio Manuel de la cerda cõ a gẽ-  
 te que tinha na cidade, q̄ como disse se-  
 rião seyscẽrcs Portuguezes a fora esca-  
 narins. E a pos eles sahio Pero mazca-  
 renhas com quatrocentos da ordenan-  
 ça. E assi sahio dom Garcia com muyta  
 gente & outros capitães, sem esperarẽ  
 por mãdado do governador que anda-  
 ua por ante a vila velha a pce, vendo  
 que soma de gẽte era a dos mouros, &  
 quando alli vio ir os nossos sem espe-  
 rarem seu parecer, mandou de pressa  
 por hũ caualo em q̄ caualgou & se foy  
 a pos eles pa os meter em ordẽ, posto  
 que dillo não auia necessidade, porque  
 Pero mazcarenhas & dom Garcia os



meterão nela, & leuauão ordenadas suas batalhas, & que aueria mais de dous mil Portuguezes a fora Malabares & Canarins; & Manuel de lacerda hia com os da cidade diante de todos. E quando Roçalção viu ir os nossos na quella ordenança & tãtos, começou de se retirar pera a fortaleza, fazendo rosto aos de Manuel de lacerda que pegauão com os seus, & apertarão tanto coeles que fizeram apartar hum grande magote deles pera hũa vala dhũa alagoa que estaua contra ho passo seco; & em se estes apartando, foy sobre lles Ralu branco nayque canarim muy valente homem, & com seus piães começou de pelejar coeles, & acolherã, selhe sobre a vala, & os seus se metião sem nenhum receyo pola agoa pera lles chegar: o que vendo Simão dan drade & dom loão deça & loão nuario, & outros de caualoque serião ate dez, forão acodir aos Canarins, & fizeram tambem todos, que fizeram saltar muytos dos mouros na alagoa, onde se afogaram muytos & outros forão mortos aas lançadas & frechadas. E lançados dali os mouros, forão os nossos mesturar-se com os outros que andauão sobre ho oyteiro de Benastarim aa calcada com os mouros que fugião ho mais que podião pera a fortaleza, onde por terem lugar de se saluar, & que não entrassem os nossos coeles de mestura na fortaleza, poseram fogo a hũa aldeia que estaua defredor dela, & tamanha pressa leuauão que os primeyros que chegarão entrarão logo na fortaleza & fecharão as portas sem esperarem por algũs que ficauão de fora, que chegou ao muro os alarão acima por toucas que lhe lançarão, & isto a vista

dos nossos, que por amor do fogo se deteuerão algum tanto que não poderão entrar com os mouros nẽ chegar quando alauão os que ficarão de fora. E com a menecoria disto, remeterão assi como hião aos muros da fortaleza, a que dos primeyros q̄ chegarão forão Lopo vaz de sam Payo & Pero mazcarenas, que pos hum pique pera sobir ao muro, com os da ordenança que tambem querião sobir. E assi chegarão outros muytos fi dalgos & caualeyros, muyto deseiosos de pelejar com os mouros & lles tomarem a fortaleza, & segundo ho desejo que leuauão fizeram se tiuerão escadas por onde sobir, mas como a pressa foy grande de sayr a pelejar com os mouros, & não cuydarão de vir a tanto, não ouue a quem lebrasse de as leuar, & como eles não podião sobir, & os inimigos tirauão muytas bombardadas, frechadas & pedradas, não seruió a arremetida dos nossos ao muro mais que de ferirem obra de vinte, de que forão feridos Lopo vaz de sam Payo de tres frechadas, & Ruy galuão & Manuel de lacerda que derribarão do caualo com hum penedo que lhe deu na cabeça, & acodilhe dom loão deça que ho leuanto, & assi forão feridos outros a que não soube os nomes, & forão mortos de bombardadas Diogo correa, que fora capitão de Cananor, & Jorge nunez de lião capitão da nao Enxobregas, & hum Martim de melo. E vendo ho governador ho dano que os nossos recebião sem fazerem nenhum aos inimigos, mandou os afastar, & recolheo ao oyteiro, onde os recolheo a todos. E ali perante todos beijou na face a Pero mazcare,

nhas  
pelo  
te de  
ria da  
Manu  
outros  
do go  
mazer  
a que  
se cala  
por co  
Pero  
dias d  
outras  
fazer  
gouer

as m  
nom  
Capit  
cere  
Dmo  
ros  
do  
di 20  
1532



& as o  
da for  
que as  
que fo  
tugue  
denan  
dom  
de lita  
de lac  
fernar  
Diog  
vaz d



nhas porque quifera sobir ao muro polo pique, louuandoho grandemente defforçao: & isto porque lhe queria dar a capitania de Goa, & trala a Manuel de lacerda. E assi ele como outros ouuerão grande mençõna do governador beijar na face a Pero mazcarenhas, & murmurarõ disso: a que dom loão deca disse rindo que se calassem, porque se ho governador por cousa tão pouca beijaa na face a Pero mazcarenhas, auia dali a poucos dias de beijar a eles no trasero por outras muyto grandes que auião de fazer. E recolhidos todos os nobres, ho governador se foy pera Goa,

**Capit. xcij.** De como ho governador cercou a fortaleza por terra, & de como dáolhe baterias sayrão os mouros hũa noyte a darlhe rebate, & do que fizeram.



Acabado de aparelhar todo o que lhe era necessario pera combater a fortaleza por terra, uadou levantar sua tenda, & as dos outros capitães ao derrador da fortaleza, com muytos dos nobres que as goardasse. ate no outro dia, que foy acompanhado detres mil Portugueses com os quatrocentos da ordenança: & hũa coeie estes capitães, dom Garcia de horonha, dom loão de lima, Pero mazcarenhas, Manuel de lacerda, simão dandrade, Diogo fernandez de beja, dom lo. o deca, Diogo mendez de vasconcelos, Lopo vaz de san Rayo, Jorge dalbuquerque,

que, Garcia de souza, Fernão gomez de le nos, Duarte de melo, Ieronimo de souza, Antonio de saldanha, Ruy galuão, Antonio de saã, Etanisco peireyra de berredo, Gongalo peireyra, Antonio ferreyra fogaga. E Anriq̃ ho niem, Ruy gonçaluez, loão fidalggo todos tres capitães da ordenança, & assi outros muytos fidalgos & cauleyros; & a fora estes nobres hũa muytos piães Canarios & Malabares, cujos capitães erão Crisnã & Ralu brinco, & diante de todos hia a artelharia de campo em carretões, & assi mantas parela & bancos pinchados. E a goarda disto foy encomendada a Manuel de souza tauares que era alcaide maior de Goa. E chegado ho governador a Benastatim, aquela noyte assentou suas estancias da telharia que podessem bater os baluartes & lanços do muro da fortaleza, de que estauão as estancias no mais que trinta passos, & todos tinhão mantas porque ostiros dos inimigos lhe não fizessem danno. E porque ho tambem não recebessem os bombardeiros ante estancia & estancia, estauão pipas cheas de terra, detras das quaes se eles aco hũão. E detras desta tranqueyra estaua a tenda de dom Garcia, & mais a bixo a de Pero mazcarenhas com as dos capitães da ordenança & a gente dela ao derrador delas, & assi a dos outros capitães, & todos detras do oytreyro de Benastatim que as emparaua da artelharia dos inimigos que lhe não podesse fazer nojo. E quando amanheceo ao outro dia começou logo a nossa artelharia de bater ho muro & baluartes q̃ estauão naq̃la frõntaria, de que tambem lhe responderão os inimigos muy asperamente porq̃ tinhão



ali assentada parte da sua artilharia, & a outra tinham da banda do mar, do delhe os nossos tambem dauão bateria, posto questauão ali mais pera tolherer focorro de gente & de matimetros aos inimigos, que pera lhes darem bateria do mar, que por se não dar, dele bem a foy o governador dar por terra; & era a reuolta muy grãde & medonha, por que se os nossos tirauão, na fortaleza não estauão quedos, & tão amiude que nem hús nem outros se enxergauão cõ fumo, & assi a fortaleza como ho arrayal parecia que ardião em fogo. Mas com tudo os nossos fazião muy pouco nojo na fortaleza, por os baluartes que estauão naquela frontaria das nossas estancias serem todos moçios, nem no muro que era detulho ate as ameas; porem dentro na fortaleza fazião os nossos muy grande danno com dous quartas que tinham nas estancias, com que lhe deitauão detro muytas pedras & matauão muytos. E coistose acharã os inimigos muy saltados, & muyto mais com lhes saltarem os matimetros, porque lhes não acodião da terra firme como quando erão señores do mar. E vendose Roçalcão naquele estado, & que não podia fazer nenhum nojo aos nossos de dia, quisera lho fazer de noyte mandando acender feixes de palha a cuja claridade os arrenegados tirauã as espingardadas aos nossos quando parecião, & este ardid tinham quando fazia escuro; & porem os nossos se goardauo tambem que firião muy poucos. E vendose Roçalcão desesperado com ho aperto do cerco, determinou com conselho dos arrenegados de cometer os nossos hũa noyte & tomar lhes a artilharia, ou matar no arrayal muytos deles, ou ao recolher dos seus

que os segurião, & pera isso mandou estar prestes sua artilharia na noyte deste rebate que foy ao quarto dalua, porque então lhe pareceo q os nossos dormiriao melhor por estarem desuallados da vigia dos outros quartos, & quando acodissem teria ele acabado hũ façanhoso feyto; & coesta determinação fayo com muytos dos seus ao quarto dalua fazendo grande lãr. E ficado ele aa porta da fortaleza, remetê e les seus principaes capitães aas nossas estancias, cuja goarda tinha Manuel de Sousa tauares, que logo acodio como muy efforçado caualeyro que era; porem como ho corpo dos inimigos era grande, não pode resistir a seu impeto, & mais porque foy ferido. E neste cometimento algũs dos inimigos; assirão das nossas estancias pera dentro & sem valer a dom Garcia acodir, ouuera de ser hũ grande desmancho se não acodira Pedro mazcarinhas com os da ordenança, que começarão as lançadas com os inimigos, & assi outros fidalgos & gente que acodio. E com tudo os inimigos leuauão tamanha vontade de se prouar com os nossos, que algũs sem darem polos botes das fãças que lhes tirauão, garrauão coeles pera os matarem aas dagadas, o que fizeram se não carregarão muytos dos nossos que os fizeram retirar pera a fortaleza, onde se recolherão cõ tanto tẽto que todos escaparão. E os q estauão no muro como os virão apartados dos nossos, desfecharão tantas espingardadas, frechadas & pedradas q os fizeram recolher ao arrayal, onde antes q chegassem pescarão algũs cõ a artilharia, a fora outros q tinham ferido do muro de maneyra q ainda q não foy em todo, em parte comprio Roçalcão o que de terminou; do que

ho gouer  
mais por  
sem se vi

Capit. x  
certo  
dar a  
entre



lho os in  
tro reb  
estaua,  
is a bat  
fado. E  
era ho  
mando  
dhũ est  
da fort  
muro c  
era ali  
tiros fo  
por R  
defensa  
ria lhe  
ho ent  
de os r  
auãte.  
fazer  
pedir  
que ap  
band  
drigu  
co n  
ao go  
goas,  
paz;  
Garc  
quan



ho governador ficou muy azastado, & mais porque se lhe forão assi os inimigos sem se vingarem deles.

Capit. xciiij. De como Roçalcão fez cô certo com ho governador pera lhe dar a fortaleza, & de como lhe foy entregue.



Endo ho governador ho atriuimento dos mouros, logo na noyte seguinte mãdou fazer hũa caua aa nossa tranqueyra, pera que

lhe os inimigos não tornassem a dar outro rebate, & fortaleceoha mais do q̄ estaua, & dali por diante amudou mais a bateria, porque se vingasse do passado. E entendendo que daquela parte era ho muro moçoço & os baluartes, mandou mudar das estacias pera jũto dhũ esteyro, onde se fazia hũa ilha za da fortaleza pera ver se acharia ali ho muro menos forte; & achouse que não era ali entulhado, porq̄ dos primeyros tiros foy vazado em claro. O que visto por Roçalcão desesperou de se poder defender, porque a durar mais a bateria lhe darião com ho muro no chão & ho entrarião, que bem sabia ele que onde os nossos punhão ho rosto que hião auãte. E determinãdo de ver se podia fazer paz com ho governador, mãdou pedir tregoa por hũ dos arrenegados, que aparecendo antre as ameas cô hũa bandeira de paz, chamou Bastião rodriguez da moeda, que andaua falãdo con dõ Garcia, & disse lhe que disse ao governador que Roçalcão pedia tregoa, pera ver se poderia auer antreles paz, & que da sua parte pedisse a dom Garcia q̄ mandasse cessar a bateria em quaunto se leuasse ho recado ao governa

dor, & que ele tambem mandaria aos seus que não tirassem aos nossos. E assi foy mandado dhũa parte & doutra, & Bastião rodriguez leuou logo este recado ao governador, a que foy dito por algũs questauão coele que não concedesse as tregoa, porque Roçalcão as pedia pa entre tanto fazer outro muro por detrás que parecendo verdade ao governador, não queria cõceder as tregoa, nem as concedera se dom Garcia não acodira que lhas fez conceder. E por amor disso disse despois ho secretario q̄ Roçalcão dera seys mil cruzados a dom Garcia, & isto por dizer mal de le, & nã por ser verdade. E affentadas as tregoa antre Roçalcão & ho governador, forão ordenadas pessoas pera q̄ falsassem na paz. Da parte de Roçalcão, forão dous capitães turcos de muyto credito & autoridade, que forão entrezues ao governador, em cujo poder auiaõ destar ate ho cõcerto da paz ser acabado; & da nossa parte auia destar em poder de Roçalcão Ioão machado com quem foy bastião rodriguez pa trazer reposta do que lhe mandaua dizer per Ioão machado, que era que visse como estaua sem remedio de saluação por não ter por onde lhe fosse socorro de gente nem de mantimentos, nẽ menos muros com que se emparasse dos nossos. E pois sua vida estaua no risco que via que deuia de querer paz, que por ele ser pessoa de tanto prego, & tão boõ caualeyro lha daria, com cõdição que lhe entregasse todos os nossos que durando ho cerco se lançarão coele, ou fossem mouros ou Christãos, & lhe auia de tornar a carauela & ho caruelão que se tomarão no passo de Noroã quando os inimigos étrarão a ilha & a fora isso lhe auia dentregar todos



os caualos & toda a fustalha que teueffe, & se isto fizesse lhe daria a vida & a quãtos estauão coele, & quãto teueffe na fortaleza, & lhe daria a passajê para a terra firme. E ouuido este recado por Roçalção, ouue conselho cõ seus capitães & pessoas principaes; & cõ seu parecer respõdeo ao governador q̃ todas as condições da paz aceitaua, saluo tornar os arrenegados, por q̃ lho defendia sua ley, & era por ela grande peccado. Nias ho governador nã quis outorgar a paz se lhe entregare os arrenegados, dizendo q̃ por cousa do mudo os deixaria. E isto era porque erã espingardeiros, & fazião aos nossos muyto mal, & mais pera castigo q̃ outros nã fizessẽ outro tanto. Etornandolhe Bastião rodriguez esta reposta, achou ho muyto triste & tão cansado do espirito q̃ se lhe pegaua a boca, & q̃ si que nã podia falar. E vêdo a determinação do governador, por conselho dos seus lhe outorgou a entrega dos arrenegados, cõ condição q̃ lhes desse a vida; & coesta reposta mandou ao governador hũ diamão de valia de noue mil cruzados, dizendo q̃ lho mandaua em sinal damiza de, porque lhe parecia q̃ auia de ficar em seruiço delrey de Portugal, & auia de ter necessidade do governador pa isso; por q̃ polo peccado que fazia em entregar os arrenegados, nã oufaria da parecer diãte do Hidalção seu cunhado. E vêdo ho governador ho diamão, nã ho quis tomar, & pelejou muyto cõ Bastião rodriguez porque lho trazia, & mais sem ho côcerto ser acabado, q̃ ditião q̃ por amor do diamão ho fazia, & disse lhe q̃ estaua em pôto de lhe dar cõ hũ punhal polos peytos, & que logo leuasse ho diamão, & q̃ disse a Roçalção que lhe prazia de dar a vida aos

arrenegados. E tornãdo Bastião rodriguez coesta reposta, & dádo a Roçalção a passãua de mea noyte, & como lhe foy dada perante seus capitães, leuãtou se sem falar palaura & foyse a seu apou sentamêto, donde logo se passou aa terra firme cõ algũas de suas molheres, & cõ hũ arrenegado, q̃ se chamaua Fernãdinho, muyto valête de sua pessoa, de quẽ se ele fiaua muyto, & a q̃ fazia mais bê que aos outros, & ele lhe negociou a passajem em hũa almadia que to mou fazendose que era dos nossos, & por ser de noyte, & lhe ouuê falar portugues ninguẽ nã atentou nele; & Roçalção se foy assi sem acabar a execuçã da paz, por q̃ cuydaua q̃ auia dêregar os arrenegados, nã ho podia acabar cõ sigo poloauer por peccado grandissimo, & por isso se foy sem ho dizer a ninguẽ. E os capitães q̃ estauão coele, este uerão esperando hũ grande pedaço q̃ viesse, & vêdo q̃ nã vinha mandarãno chamar; & quãdo souberão que nã estaua na fortaleza, & se presumia ser ido polos sinais que auia disso, ficarão tão tristes q̃ nã souberão de si parte, por q̃ lhes parecia q̃ por nã ser a paz a cabada daissentar de todo ficauão em grande perigo, & q̃ lhe nã goardaria ho governador as condições pois Roçalção era ido. E coesta tristeza se foy cada hũ deles a sua estãcia determinãdos de morrerẽ, & os arrenegados ficarão cõ Bastião rodriguez, tambem muyto fora de si como os mouros por terẽ ho mesmo temor que eles tinhão. E vêdo os Bastião rodriguez daq̃la maneyra, lhes disse q̃ nã ouuêssẽ medo, por q̃ ho governador pmetera de lhe dar as vidas, & q̃ cria de goardar lhes esta palaura, se eles cõfiãdos em sua piedade selhe fossẽ entregar aconselhãndolhes q̃ assi

ho fiz  
ho w  
mea  
Bast  
rosã  
rião  
darẽ  
stão  
de cõ  
gicã  
uou  
garã  
se q̃  
mad  
o que  
es est  
nou s  
ã for  
mou  
deixã  
com  
de di  
q̃ ele  
ouros  
cõtra  
bertã  
uern  
fos; &  
trar  
onde  
& so  
gadã  
el pã  
med  
muy  
gou  
dolh  
sa, &  
nhũ  
nhũ  
zerl  
por  
sa d



ho fizesse mo que eles fizerão de muy boa vòta de. E às duas horas despois de mea noyte se sayrão da fortaleza com Bastião rodriguez, o q̄ fizerão difficul tosamête porq̄ os porteiros os não que rão deixar sayr ate os capitães não mã darẽ que saysem, p̄metendolhes Bastião rodriguez q̄ ho governador auia de cõprir o que tinha assentado cõ Roçalcão. E partido cõ os arrenegados, le uou os ao governador, a cujos pes se lançãõ pedindo misericordia; & ele disse q̄ ja lhes prometera as vidas, porem mã douos arrecadar muy bẽ. E sabẽdo o que Roçalcão fizera, & o q̄ os capitães estãõ pa fazer, ao outro dia ordenou seus esquadros & foyse chegãdo à fortaleza cõ determinação que se os mouros se lhe não entregassem de não deixar nehũ a vida. E vido os capitães como se chegaua à fortaleza, começã de dizer hũs q̄ lhe abrissem as portas, q̄ ele goardaria o que tinha p̄metido, outros dizião q̄ se defendessem. E assi cõtra dizendo hũs aos outros, forão abertas as portas da fortaleza, & ho governador entrou nela cõ todos os nossos; & como esta gẽte miuda ho vio entrar se arremessarão pa a bãda do rio, onde se lançãõ hũs sobre os outros, & sobre taboas nadando, & outros pegados a rabos de caualos. Era grande espãto de ver como se lançãõ sem tão medo, & a braua reuolta q̄ hia, em que muytos se afogã, & mais forão se ho governador não acodira a isso, mãndolhes dar embarcação cõ muyta pressa, & apregoar q̄ sopena de morte nenhũa pessoa oulãse de lhe tomar nenhũa cousa sua nẽ tocarlhe nela, nẽ fazerlhes nenhũ nojo em suas pessoas; & por isso os que não teuerão tanta pressa de se lançar a nado passãõ em paz

& sem perigo cõ toda sua fazenda, & dos q̄ morrerão ficou algũa pouca, & q̄ si todos os caualos ou os mais cieles, & os q̄ escaparão a q̄ ho governador deu embarcação, se passãõ à terra firme, onde se juntarãõ cõ muytos dos que forão a nado que estãõ cõ Roçalcão, que tinha assentado seu arrayal, & esta ua esperando reposta do Hidalcão, a q̄ escreuera ho feyto como passara, & pẽ didolhe p̄dão dalgũs culpa se a tinha.

Capit. xciiij. Do recado que ho governador mandou a Roçalcão estando na terra firme, & da justiça q̄ fez nos arrenegados que se lançãõ cõ os mouros no cerco de Goa.



Espejada a fortaleza dos mouros & metido ho governador de posse dela, cõ todos os nossos muytos lououros a nosso señor por lha dar, porq̄ coela ficaua a ilha de todo pacifica & se se temer de ser entrada, posto q̄ ho Hidalcão viesse cõ todo seu poder. E ficãdo senhor da q̄la fortaleza, acharãõ os nossos algũ pouco de mouel q̄ ficou cõ pressa, & assi os caualos de Roçalcão quasi todos que ho governador tomou pa el rey por virtude do cõcerto que tinha feyto cõ Roçalcão, & mãdou logo repayar a fortaleza do dãno que tinha recebido da bateria, & deixouse ali estar pa saber o q̄ Roçalcão faria, que bẽ sabia ho recado q̄ tinha mandado ao Hidalcão, & q̄ lhe hia tar dãdo a reposta. E como sabia q̄ ele estaua muyto agastado pelo q̄ lhe acõtecera & temeroso do q̄ lhe ho Hidalcão respõderia, quis cometelo cõ hũ partido, parecẽdo lhe q̄ ho aceitaria pois estaua e duida; & mãdoulhe dizer por Bastião rodri-



quez que lhe pesaua muyto de sua ida  
 ser tão supita, porque lhe quiserá falar,  
 & offreceo-lhe sua ajuda, porque posto  
 que ateli fosse em inimigos, dali por diá  
 te determinaua de ser seu amigo. E  
 como a quem ho tinha nella conta,  
 lhe acôselhaua q se não fiasse e nenhú  
 feqro q lhe ho Hidalcão mandasse,  
 porq posto q fosse seu cunhado tinha  
 coele muyto grande priuãça çamalcão  
 seu governador, & tanta q mãdaua au  
 solutamente todo ho Balagate: & este  
 era seu inimigo mortal, & auia dafeiar  
 muyto suas cousas ao Hidalcão, & po  
 lo acolher & se vigar dele lhe mãdaria  
 mil seguros, & por isso ele os não deuia  
 daceitar, mas irse pa Goa pa estar ma  
 is seguro, & q ho não mataisse algú dos  
 seus a treyção por comprazer a çamal  
 cão. E como ho Hidalcao estava desgo  
 stoso dele polo desastre q lhe acôtece  
 ra, nã lhe daria nada de sua morte: & q  
 se se ele quisesse tornar a Goa & ficar e  
 seruiço delrey de Portugal, que ele lhe  
 daria ajuda cõ que tomasse as terras fir  
 mes de Goa cõ tanto q desse ametade  
 a el rey de Portugal, & q a outra ametade  
 de cõ ho mais q ganhasse fosse parele.  
 E pa ho mais atraher a isto, lhe mãdou  
 por Bastião rodriguez hũ bedê de pa  
 no azul muyto fino, cair elado, atorçala  
 do & frãjado doiro, & hũ alaude muy  
 to boõ, & outras pegas miudas todas  
 muyto louças & pera folgarê coelas. E  
 chegado Bastião rodriguez a Roçalcã  
 deu lhe ho presente do governador, &  
 despois seu recado, a q ele disse q daria  
 a reposta cõ conselho de seus capitães,  
 & entre tanto mandou agasallar muy  
 to bê a Bastião rodriguez, a q foy dis  
 cuberto secretamete q Roçalcão trata  
 ua cõ seus capitães de lançar mão dele,  
 & dhũ Portugues que se chamaua Fru

tus de Ceyta q ia hcoele pera ho seruis  
 & os terê reuendos ate q lhe ho guern  
 nador mandasse os dous turcos q dera  
 e arrefes de loão machado, q ficarão la  
 polo desarrãjo q Roçalcão fez, & assi  
 ficou loão machado. E sabido isto por  
 Bastião rodriguez, mandou logo muy  
 dissimuladamete a Frutus de ceyta pe  
 ra Benastarim a dizer ao gouernador  
 o q passaua, & q ele não hia porq se nã  
 atreuia a saluar, & se quando se fosse al  
 gũs mouros o quisessem deter, disse  
 q hia buscar hũ papel q lhe esquecera,  
 em q estauão hũs apõtamentos de cou  
 sas qo gouernador reqria a Roçalcão:  
 & coisto se foy Frutus de ceyta. E sabê  
 do Roçalcão como era ido, & que não  
 podia reter mais que hũ só homẽ, mu  
 dou se de sua determinação: & despa  
 chando Bastião rodriguez, não respõ  
 deo nada ao q ho gouernador lhe mã  
 dara dizer, se não q lhe disse q qua  
 do lhe concedera dar lhe os caualos que  
 lhe pedia, q não fora sua tenção dar lhe  
 os caualos Darabia & da Persia, se não  
 os de Cambaya: por isso q lhe pedia q  
 lhe mandasse os seus caualos, & os dous  
 turcos q lhe dera em arrefens: & q não  
 ho fazedo assi que aueria guerra antre  
 les, porq tinha reposta do Hidalcão q  
 se deixasse estar, & q cedolhe mãdaria  
 gente & recado do que auia de fazer. E  
 tornada esta reposta ao gouernador,  
 ele se foy pera Goa deixando a fortale  
 za a boõ recado, & não quis mãdar os  
 dous turcos por amor dalgũs arrenge  
 dos q andauã na terra firme, a cujo tro  
 cõ os esperaua dauer: & como foy em  
 Goa, determinou de castigar os arrene  
 gados q tinha e seu poder, cõ tanto q  
 não fosse matalos pola palaura q tinha  
 dada de lhes dar a vida, & disse q lhes  
 pdeara a vida mas não a justiça: & isto

respo  
 quebr  
 ho m  
 plo a  
 & tam  
 crime  
 stiga  
 & com  
 mãos  
 & ent  
 nasser  
 beças,  
 sem, &  
 q era c  
 deiro  
 e u ho  
 por ser  
 leuaua  
 tẽpo,  
 do do  
 assi ele  
 rão est  
 dizem  
 pecca

Capit.  
 em  
 za



por ill  
 fosse fa  
 que lhe  
 daçará  
 correç  
 risse a  
 lhe tam  
 ãda se  
 manda



respondeo a algũs q̄ lhe disserão que quebraua sua palaura: E ho principal q̄ ho moueo a fazer isto, foy por ser exẽplo a outros q̄ não fizessem outro tãto, & tambẽ por não ficar sem castigo hũ crime tamanho como a q̄ le foy. E a justiça foy cõ lhes mandar pubricamẽte & com pregão cortar narizes, orelhas, m̃ãos dereytas, dedos das ezquerdas, & entregalos aos moços que lhes depe nassem os cabelos das barbas & das cabeças, & q̄ os enlameassem, & injuriassem, & a Fernão lopez sobre todos por q̄ era de mais qualidade; & por derradeiro foy degradado pera Portugal, & eu ho vi na ilha de fanta Helena, onde por seu rogo ho capitão da nao que ho leuaua ho deixou só: & ali viuco muyto tẽpo, seruindo a nosso seõnor arrepẽdido do peccado q̄ fizera. E disserã me q̄ assi ele como muytos dos outros sofrẽrão estes tormẽtos com muyta paciẽcia, dizendo q̄ mais merecião pelo graue peccado que cometerão,

Capit. xcv. Do que ho governador fez em Goa despois que tomou a fortaleza de Benastatim.



Ho muyto q̄ ho governador tinha que fazer e Goa; não pode ir a Cochim despachar as naos da carga pera Portugal, & por isso mandou dom Garcia que ho fosse fazer, & que leuasse esses nauios que lhe os mouros arrombarão & espedaçarão em Benastatim; pera que se corregessem em Cochim em quanto durasse a correção das naos, & mãdou lhe tambẽ que despois de corregidos adasse sobre a barra de Calicut ate lhe mandar recado, & q̄ entre tanto deixaf

se hi algũs nauios q̄ lhe deu peraiisso, por q̄ tolheisse a ida das naos dos mouros a Meca, & foy coele o secretario cõ acha q̄ de ir a Cananor polo seu fato q̄ lhe hificara: & como lã foy mãdou dizer ao governador q̄ era quebrado, & muyto mal despoisto, & que lhe fazia muyto mal andar no mar, q̄ por isso nã podia andar nele que estaria em Cananor: E isto tudo era por não andar cõ o governador, a q̄ tinha odio polas rezões que disse. E ho governador q̄ hẽ ho entendia, mãdou lhe defender q̄ nã fosse a Cochim, & isto por q̄ temia que dãnaisse el rey de Cochim contrele como começara de dannar. Porem ho secretario não quis fazer o que lhe mãdou, & foyle a Cochim, onde fez o q̄ dirẽy a diante. E desejando ho governador de tornar a fazer Goa tão nobre como era dantes, mandou aos capitães desses nauios q̄ ficauão coele em Goa q̄ fosse ate Chaul & fizesse arribar a Goa quãtas naos achassem q̄ trouessesem caualos q̄ sem eles nã se podia ennobrecer, & por amor deles vinhão a ela os mercadores do reyno de Narfinga, & do reyno de Daquẽ que trazião muytas & muyricas mercadorias, no q̄ el rey de Portugal receberia proueito muy grosso em sua alfandega, & obrigarã a el rey d Narfinga & ao Hoidalção a que rerẽ paz coele. E cõ a diligẽcia q̄ ho gouernador fez em mandar estas naos a fazere arribar as dos caualos a Goa, vierão a ela ter muytos, a q̄ ele mãdou fazer estrebarias em abastança, & deu muytos piães da terra pa lhe darẽ hierua; & mandou ao feytor de Goa q̄ lhes desse todo ho mãtãmẽto necessario, & que despois faria conta com os donos dos caualos, & lhe pagarião o que deuessem, & mandou os apouentar



muyto bem; & dar lhes todo ho necessario pera concerto de suas naos, & dar lhe carga despacharia, maça, arroz & cobre; pelo qual as naos da q̄le anno foram mais ricas que outras nenhũas que fosse doutros portos. E tudo isto fazia pera prouocar os mouros q̄ folgassẽ de ir a Goa, õde os mouros Dormuz q̄ vinhão nas naos que digo derão noua q̄ Cojeatar era finado, & socedera em seu lugar Rais Noradi, & q̄ os arabios tornarão a ganhar a ilha de Baharẽ, & que el rey Dormuz tinha recebida a capuçã do Xequieismael & hũ liuro de sua seyta. De que ho governador ficou assaz agastado, porq̄ se lhe ordenaua mais trabalho em tornar a ganhar Ormuz do q̄ tiuera se tomara dantes aq̄la empresa, & se nã fora ter se por tão certa a vida darmada do soldão às portas do estreito pa fazer hi fortaleza, õde de ele determinaua dir pera ho estoruar, ele deixaria de ir lã por ir a Ormuz & ganhala antes q̄ ho Xequieismael fizesse mais pẽ nela. Tãbẽ nestas naos que vierão com os caualos, foy achado hũ mercador mouro chamado Cojeamir, a que ho governador da primeyra vez q̄ tomou Goa entregou duas naos da terra carregadas de mercadoria del rey de Portugal, & cõ ho embaixador do Xequieismael, & cõ ho mellejeiro q̄ lhe o governador mãdaua como atras disse, & por esse respeyto foy Cojeamir bem despachado em Ormuz. E sabendo ele em vindo pera a India como Goa estaua leuantada contra ho governador, se meteo no porto de Dabul, & leuou os caualos q̄ leuaua ao Hidalcão, & por isto que ho governador sabia ho mandou prẽder em ferros & hũ filho, & tomoulhe vinte tantos caualos pelos que leuara ao Hidalcão. E a fama

dos muytos caualos q̄ estauão em Goa forão nela em poucos dias mercadores do reyno de Narsinga a cõpralos pera el rey, & foy hũ mellejeiro del rey de Vengapor cõ embaixada pera ho governador de grãdes desejos de paz cõ el rey de Portugal, & de ho servir na guerra contra ho Hidalcão se a quisesse emprender, & offrecimento de mãdar a Goa muytos mantimentos, & de governar as tanadarias da terra firme de Goa & dar por elas o que daua Merlao quando as governaua, pedindo ao governador q̄ lhe deixasse tirar cada nõ de Goa trezentos caualos. E coesta embaixada folgou ho governador muyto, & respondeo lhe por seu embaixador, que foy Gaspar chãnoca, q̄ mandou tãbẽ cõ embaixada a el rey de Narsinga, de quem desejava dauar Baticalã, porque nã teuisse onde lhe fossem caualos, & ficasse em necessidade de de os cõprar todos em Goa, & mandoulhe dizer que deuia de dar Baticalã a el rey de Portugal seu senhor, pois todos os reys & senhores da India lhe tinhão dado lugares pera trato, & que lhe deixaria tirar de Goa todos os caualos que quisesse. Tãbẽ vierão ao governador dous embaixadores do Hidalcão, por quem lhe mandou pedir paz & amizade, & licença pera cõprar caualos em Goa; & o governador fez merce aos embaixadores & os despachou logo, & em sua cõpanhia mandou por seu embaixador a Diogo fernandez a dail de Goa, & por seu lingoa Ioão nauarro, & mãdou coeles ho filho de Gil vicente por escruiuão da embaixada, & todos bem vestidos & ecualgados; & hia coeles hũ capitão Canarim cõ trinta piães pera os servir. E por este embaixador mandaua ho governador pedir

ao H  
me d  
gura  
gente  
ria ti  
se. N  
hũ n  
gouer  
& nel  
daua  
da de  
lhe h  
& de  
prese  
de gr  
hũ e  
auia s  
ter a  
Cam  
nado  
quis a  
da de  
nada  
sentar  
que s  
latar  
ajude  
rey a  
& hũ  
porẽ  
cortã  
das o  
ho g  
do q  
que e  
deu h  
ho g  
porq  
coula  
de el  
Diu  
paz  
rate  
GILLO



ao Hidalcão as tanadarias da terra firme de Goa, & que se as desse que lhe se guraua Dabul, & não impediria ir lhe a gente branca do estreito, & lhe deixaria tirar de Goa quantos caualos quisesse. Neste mesmo tempo chegou a Goa hũa nao de Meliquiaz, que mādaua ao governador carregada de mātimentos, & nela hũ mestejeiro por quem ho mādaua visitar & dar ho proflaça da tomada de Malaca & de Benastarim: o que lhe ho governador agradeceo muyto, & despachou logo ho mestejeiro com presente a Miliquiaz, com ratificação de grande amizade. E assi despachou hũ embaixador delrey de Cambaya q̄ auia sete meses q̄ andaua coele, & viera ter a Goa com os catiuos q̄ estauão em Cambaya q̄ elrey mandaua ao governador, com quem determinadamente quis assentar paz como soube a tomada de Malaca, porque sem ela não era nada ho trato de Cábaya. E pera se assentar esta paz, mādou logo os catiuos que seu pay ho rey passado sempre dilatará de dar: & na verdade Meligopi ajudou a isto muyto. E assi mandou elrey ao governador hũ terçado douro, & hũ catle laurado de pedraria falsa, porẽ muyto rica & galante, com hũas cortinas de seda brãca da China lauradas com ouro de pão. E não achãdo ele ho governador em Goa, esperou sabẽdo que era em Malaca, & como soube que estaua em Cochim se foy lá, & lhe deu ho presente & a embaixada. A q̄ ho governador não respondeo logo, porque como ho assento daq̄la paz era cousa de muyta importancia, & por onde ele esperaua de fazer fortaleza em Diu quisera ir em pessoa assentar esta paz & verse com Meligupim em curate ou em outro porto, & fazia conta

de ho fazer despois da tomada de Benastarim, & por isso trouue ho embaixador consigo: mas quãdo soube as nouas da armada do Soldão & quãto lhe releuaua ir ao estreito, cessou d̄ sua ida a Cambaya, por q̄ se fosse perdia a nauegação do estreyto, & se mandasse lá dõ Garcia não podia acodir às torres que fazia nos passos de Goa, nẽ ao corregimento dos nauios em Cochim, nẽ a carga das naos do reyno. E auendo sua ida por impedida, lhe pareceo bẽ deixala pera quando ho noisso senhor trouesse do mar roxo, & que de caminho iria a Cambaya, & entre tanto mādou por embaixador a elrey de Cambaya a Tristão degã, hũ caualeyro fidalgo da casa delrey d̄ Portugal, & por esortiuão da ebaixada hũ loão gomez, cuja concrusãfõy pedir fortaleza em Diu. E este ebaixador auia de ir na nao de Meliquiaz com ho embaixador delrey de Cambaya, a quem & ao mestejeiro de Meliquiaz primeyro q̄ se fosse ho governador mandou mostrar a fortaleza de Benastari que ele fazia muyto forte, & ho lugar por onde sam Pedro abãlrouou coela: & isto porque Meliquiaz teuesse pouca confiança no baluarte de Diu, & assi lhe mādou mostrar as estrebarias dos mercadores, & as delrey, em que estauão ate quatroçẽtos caualos, & auião de star sempre pa qualquer necessidade que sobreuiesse. E coisto lhes mandou mostrar muytas cubertas d'armas q̄ se fazião pera estes caualos, & duzentos espingardẽiros & outros tantos bẽsteiros que ordenaua em Goa pera estarem em frontaria, assi caçados como solteiros; & os ebaixadores se espãtauão muyto de como tudo estaua concertado, & assi ho contão em Cambaya despois que lá forão.



Capit. xcvi. De como ho gouernador soube q̄ hū embaixador do Preste que vinha pera el rey estava preso e Dabul, & que era ho Preste loão & onde teue seu senhorio.

**D**espois da partida destes embaixadores, lhe foy dado recado p̄ hū mercador gētio, que em Dabul ficaua preso hū Abexim que dizia ser embaixador do emperador de Ethiofia, a que nos chamamos Preste joão, & q̄ lhe trazia sua embaixada, & chegando a Dabul ho prendera ho tanadar da hū: & q̄ pedia muyto a sua senhoria que lhe mandasse pedir que ho soltasse & deixasse ir pera Goa, porque releuaua muyto a el rey de Portugal saber a ebaixada q̄ trazia. E sabido isto pelo gouernador, mandou a Lopo vaz de sam Payo que fosse na sua nao a Dabul, & mandasse dizer ao tanadar da sua parte, q̄ se sp̄taua muyto de prēder ho embaixador q̄ hia pera el rey seu señoer sem ter recebida nenhũa offensa de sua armada, q̄ lhe pedia q̄ logo lho mādasse, se não q̄ seria necessiario fazer o que ele não queria: & não ho querēdo fazer se pofesse na boca da barca de Dabul & não deixasse sayr nenhũa nao q̄ nã metesse no fūdo. O q̄ foy escusado fazerse, por que sabido ho recado do gouernador polotanadar, logo entregou ho ebaixador & Lopo vaz se foy coete pera Goa. E por q̄ no liuro primeyro toquey breuemēte que ao emperador da Ethiofia chamamos erradamēte preste joão, di rey agora como, segūdo Marco paulo eferuee. A q̄te q̄ se fōya de chamar preste joão, teue seu señoerio comarcão cō as terras do grão cāo de Cathayo, que ficaua antrelas & ho grande reyno de

Deli, hē dentro no settāo da Índia, & era Christāo, & foy vencido & morto em hūa batalha q̄ lhe deu ho grão cāo de Cathayo q̄ lhe ocupou seu señoerio, & nūca mais ouue preste joão: & segūdo isto o q̄ agora chamamos preste joão hō ho nāo he, nē menos tē tal nome e sua terra, & assi ho diz Fraciscaluarez no liuro q̄ fez das cousas do señoerio de ste preste, onde andou muyto tēpo & soube todas suas particularidades, nē menos he bispo, pera q̄ se diga que de presbiter nome latino, q̄ quer dizer bispo se mudou em preste, porque na terra do preste ha hū patriarcha q̄ gouerna a igreja daq̄las partes, & q̄ ao p̄ste lhe chamāo vniuersalmēte em sua lingoa neguz & agacē, q̄ na nossa quer dizer rey ou emperador. E tãbē lhe chamāo precioso joão, segundo afirma Damia de goys, homē de grande erudição & de marauilhofo engenho, & de curiosidade singular. Este nome precioso parece q̄ se corrópeo em preste, & daqui lhe chamāo os nossos, & outros preste joão. O q̄ reynaua a este tēpo era Christāo, & seus ārecessores tãbē teuerāo a ley euangelica, & procederāo da raynha Candacia em Ethiofia, cuja terra foy aquela que el rey Salamāo deu a hū filho q̄ ouue na raynha Sabba, onde despois de Ierusalē forāo os primeyros Christāos q̄ se conuerterāo na primitiua igreja, de cuja conuersam foy causa ho apostolo sam Felipe, por q̄ in do ele por amoestação do anjo cōtra a parte do meyo dia pelo caminho que vay de Ierusalē pera Gaza a deferta achou ho mordomo da raynha Candacia que vinha de visitar ho tēplo de Salamāo cō offerta da mesma raynha, & despois de lhe sam Felipe declarar hūa profecia de Isayas, da paixāo de nosse

senhorio  
cōuer  
tizou  
fa da  
da su  
todos  
a Ch  
desta  
pre n  
alarg  
tinha

Capit  
de  
do  
a el



ho ma  
pouoa  
tados  
ua Ma  
norte  
Egipto  
pia: te  
daria t  
nāo he  
go & c  
mes, co  
neros.  
pescad  
por est  
as a go  
ta, de  
ra nāo  
stelos r  
& luga  
de mil  
nhū nā



senhor que ele hia lendo, ou cantando, cõueriteo ho a setã fee catholica & bautizouho. E chegou ho mordomõ a casa da rainha, e la se cõueriteo logo cõ toda sua familia, & depois fez baptizar todos os de seu reyno, õde semp durou a Christada de ategora, & os successores desta setã rainha forã acrecõtãdo sem pre neste reyno e tãta maneira q̃ veyo alargar se tãto como agora parece, no q̃ tinha ho preste q̃ entãto reynaua.

Capit. xcvi. Do señorio do Preste, & de seus costumes: & de como a mãy do preste mandou hũ embaixador a el rey de Portugal.



Ve era emperador de Etiopia & señor de quinze reynos muyto grãdes & todos juntos. Tẽ este seu señorio da banda do sul ho mar roxo, em q̃ tinha algũs portos pouoados de mouros, que estãuõ leuãtados contrele, se não hũ que se chamãua Maçã & esta em ilha, & dabãda do norte os montes da lãa, do leuante ho Egipto, & do ponẽte os mõtes de Etiopia: a terra d̃ sua natureza he grossa, & daria tudo o q̃ se meassem, mas a gente não he pera nũo, cõ tudo da muyto trigo & ceuada, & outros muytos legumes, como eõ nella terra & doutros generos. Ha nela muytas carnes, & algũ pescado da goa doce, & do mar nenhũ por estarẽ os portos lãge: ha muyto boas agoas, muytas minas douro, de prata, de stanho, d̃ cobre. Em toda esta terra não ha nenhũa cidade nobre, nẽ castelos nem fortalezas, tudo sam aldeas & lugares grãdes, mas nã passa nenhũ de mil & quinheatos vezinhos, & nenhũ não he cercado, as casas cõmũe

te sam redondas & terreas, cubertas de terrados ou de palha cõ currais ao derador pera se aza salhar ho gado. A gente deste señorio he geralmẽte preta & baça & de boõ parecer, he magra & barbara, fraca & pera pouco: & assi tẽ poucas armas & rois, não comẽ mais q̃ hũa vez no dia & esta à noyte, bebem vinho de mel, porq̃ ho não tẽ duuas, comẽ no chãto em hũas gamelas grandes, & muytos comẽ carne crua, outros assada nas brasas. Tirãdo os fidalgos & religiosos todos andão nus da cinta pa cima, & hũa pele de carneyro polas costas atada do pẽ a mão: ningũ nã morre por justiça, & castigãõ cõ açoutes ou mẽbro cortado, segũdo aqualidade do crime, as demandas não se tratão senãto verbalmẽte, não costumão escreuer hũs aos outros, & por recados mãdão dizer o q̃ querẽ. Neste señorio os mãs sam Christãos, porq̃ tãbe algũs sam mouroos & gẽtios, porẽ estes sam tributarios ao preste: os christãos tẽ em suas igrejas conegos & clerigos, & sam muytas & de grossas rãdas, & por isso selhe não paga dizimo: & assi tẽ muytos mosteiros de frades & de freyras, tambẽ muyto ricos, assi de rãdas como de jurdições, & sam da ordẽ de santo Antãto, nẽ ha outra ordem em toda a terra do preste, estãto todos situados em mõtes & em vales, em muytos deles nã comẽ carne todo ho anno, & pescado poucas vezes por ho nã auer na terra: os frades & os clerigos trazẽ as cabeças rapadas & as barbas cõpridas, os clerigos & conegos podẽ casar, & se lhe morre a premyra molher não casam outra vez, morãto todos em hũ circũto q̃ tem de redor das igrejas, & as molheres morãto fora & lã vão estar coelastos filhos dos conegos de necessidãde hãto de fer co-



negos, & os dos clerigos não, se nã por sua vôtade: as demandas das pessoas ecclesiasticas se tratão perãte a justiça secular. As igrejas sam santuosas, & os seus adros sam cercados & fechãse nelas, & nos mosteiros se reza ho officio diuino cõ lalmos & profas em lingoajê caldeu, todas tê hũa cortina polo meyo da vllia cõ campainhas, & desta pera dêtro não entrão se não os sacerdotes: outra tê polo meyo do corpo da igreja, & dela pa dêtro não entrão se não pessoas dordês, & por isso muytos fidalgos & pessoas hõradas se ordenão pa entrarê dêtro. Ha nestas igrejas muytas imagẽs de nosso seõnor & de nossa senhora & dos apóstolos, & não tê nenhũ crucifixo, porq se ha a gête por indigna de ho ver; não se diz cada dia mais q hũa missa, & esta cõ diacono & sodiacono, as epistolas & os auãgelhos se dizem às portas. Ho pão de q se faz ho sacramêto da eucharistia he hũ bolo cozido em hũa grãde fornalha com grande cirimonia, nê ho coze se nã hũ sacerdote, & o q diz a missa nã mostra ho bolo ao pouo despois de cõsagrado como se faz antre os latinos. Todos os q ouuê missa hão de comũgar ou a não hão douuir, & ho sacerdote lhes vay dar a comunhão à porta da igreja, q he do mesmo bolo q cõsagrou: não tomão lauatorio, mas lauão a boca cõ agoa bẽta, nenhũa pessoa se ha dassetar nas igrejas, & por isso estão sêpre às portas muytos caidos de trauesãa pera se encostarê, nê pode ninguê entrar calçado nê cobrir, nê falar. A vestimêta com q se diz missa, he feyta como camisa, & a estola furada polo meyo pera a mete rê pola cabeça, não tê manipulo, nê amito, nê citotos frades dizê a missa cõ os capelos nas cabeças, & os clerigos as

tê descubertas. Nhũa missa se diz por esmola nê por defuntos, quãdo se fina algũa pessoa vão os clerigos cõ cruz & agoa benta & encenso, & despois de rezarê certas orações a leuão a enterrar muyto depressa, & ao outro dia leuão as offertas. Os Christãos desta terra se confessam em pé & assi os absolue: os frades, clerigos & seõnores trazem nas mãos cruces peqnas de paio, & a gente comũ pequeninas ao pescoço. Trazem tambê os clerigos & frades hũs cornichos d cobre cõ agoa bẽta q deitão aos hospedes cõ que pousam, & no comer & no beber deitão tres gotas. Celebrã as festas mouiueis no mesmo tẽpo que ãtre os latinos, as outras hũas, & outras não: ho seu anno se começa a vinte noue Dagoito, & he de doze meses, & ca hũ tem trinta dias, acabados os meses sobejão cinco dias, & no anno bisexto seys, & chamamhe cõprimêto do ãno. Ho ieiũ da coreima se goarda muy estreytamête, mormête os clerigos & frades q não comê mais de tres vezes na somana. s. terça feyra, quinta & sabado: neste tẽpo não bebê nhũ vinho: a outra gête a ieiũ toda, nê come ninguê carne, nem ouos, nê leyte posto q estê pera morrer. Todos os leygos, assi grãdes como peqnos ieiũo as quartas feyras & festas do anno, tirando do natal ate a purificação, & da Pascoa ate a Tridade: Todos andão na somana santa vestidos de preto ou azul, nê salão hũs cõ os outros por dô da paixão de nosso seõnor, dizêdo q Judas por beio de paz trahio a seu seõnor. Tê muytas cirimonias iudaicas no goardar dos sabados, & è outras. Qndo se da iuramêto a alguê, vaille aqle q he ha d tomar à porta da igreja, & vão coele dous clerigos q tê hi encêlo & brasas. E poêdo

o q ha  
tas da  
diga a  
como  
assico  
moa se  
go atr  
q a sua  
& acan  
toma l  
pular  
iuram  
rey. T  
nhão,  
quer e  
Ha no  
cha q  
na no  
dês, po  
falecio  
tro ao  
ste nã  
re, adã  
te, & t  
das an  
de cau  
mête c  
los san  
tê con  
ros seu  
tães, &  
pessoa  
ua se c  
annos  
seus se  
E gou  
corte l  
ches, &  
liuro s  
de del  
q lhe e  
na cõ  
Christ



o q̄ ha de iurar ambas as mãos nas portas da igreja, lhe diz hũ dos clerigos q̄ diga a verdade, & se iurar falso, q̄ assi como ho lião come a presa no bosquo, assi coma ho diabo a sua alma, & lhe moa seus ossos como he moido ho trigo átre as pedras, & se disser verdade q̄ a sua alma este cõ os bê aueturados, & acada cousa diz Amê: isto acabado toma ho iuramêto. E cõ tudo agête popular diz pouca verdade, aida q̄ he cõ iuramêto, saluo se iurão pola cabeça d'el rey. Teme tanto esta gente a excomunhão, q̄ por não cayrê nela farão qual quer cousa ainda q̄ seia ê seu periuizo. Ha no señorio do preste hum patriarcha q̄ na sua ligoa se chama Abima, q̄ na nossa quer dizer padre. Este da ordẽs, por q̄ não ha outro nenhũ bispo. E falecido este, mada ho preste pedir outro ao patriarcha Dalexadria. Ho preste nã tẽ lugar determinado em q̄ more, adã sempre no câpo cõ toda sua corte, & traz no seu arrayal ate feys mil tẽdas antre boas & mãs: a somenos gête de caualo he de mulas, & auera cõtina mête cinco cẽta mil de mulas, os de caualos sam tambẽ muytos, & os de pê não tẽ conto. Tẽ sempre guerra cõ os mouros seus comarcãos q̄ faz por seus capitães, & quando ha necessidade vay ele ê pessoa. Ho preste q̄ na q̄le tpo reyna ua se chamaua Dauid de idade de õze annos, & a raynha sua mãy governaua seus señorios por ser muyto pera isso. E governado ela a terra, forão ter a sua corte Ioão gomez hojardo, & Ioão sãches, & Cide masamede, de q̄ disse no liuro segũdo, q̄ leuauão cartas damizade del rey dõ Manuel pera ho preste, q̄ lhe derão nouas do q̄ os nostros faziã na cõquista da India. E ouuido q̄ erão Christãos que hião de muy loge, dese-

jou de saber a verdade pera tomãr cõeles amizade & liança, & fazer iuntamẽte coeles a guerra aos mouros. Emãdõu a saber isto a hũ mercador christão natural do Cayro q̄ tinha coela grãde credito chamado Mateus: & a este mãdõu muyto secretamête q̄ fosse a India, & hi falasse cõ ho gouernador, & da hi a Portugal a ver aq̄le rey que mandaua cõquistar a India, pa que lhe deu hũã carta ê nome do Preste seu filho, & assi hũ pedaço do lenhõ da vera cruz feytã em hũã cruz peq̄na. E pera ir mais encuberto quis q̄ fosse sã, por q̄ nã podia sayr da terra do preste por nenhũa parte q̄ não fosse de mouros, que se entẽderão q̄ era embaixador, & onde hia mataãno, por q̄ receuaõ q̄ ho poder dos nostros se aiuntasse cõ ho preste & que çarrassem ho mar roxo, & por isto que a raynha sabia, determinõu de mandar este embaixador secretamête. E ele se partio pera a India, õde foy tẽr a Dabul, & hi foy preso polo tanadar, por saber q̄ hia ao gouernador cõ recado do preste. E mãdãndolho ho gouernador pedir por Lopo vaz de sã Payo, lho deu: o q̄ sabẽdo dos pois ho Hidalcão, cujo vassalo era ho tanadar, esteue pera lhe cortar a cabeça.

¶ Capit. xcvij. Do que dizia a carta q̄ a mãy do preste mandaua a el rey de Portugal, & do mais que passõu em Goa.



Sabido pelo gouernador como ho embaixador vinha & trazia a cruz dolenho, sayo a recebela cõ procissão muy sonene, & ele & todos a adorarão ê giolhos dando graças a nosso señor q̄ permitira tão grãde cousa, como era vistẽbaixador dhũ



señor tamanho como era ho preste & Christão. E foy leuada a igreja, ô de despoys foy posta em hũa custodia douro que lhe ho governador mandou fazer, a que despoys do embaixador contar a causa porq̃ vinha, & tudo o q̃ atras disse, lhe mostrou a carta q̃ trazia do preste pa el rey de Portugal, q̃ dizia.

¶ Em nome do padre, & do filho & do Spirito sc̃to, tres pessoas em hũ s̃o deos. A saluação & graça d̃ nosso señoer & redemptor Christo Iesu, filho de. N. señoer Maria a virgẽ, ho qual foy parido na casa de Belẽa graça & benção se ja sobre o amado hirmão, ho Christianissimo rey Manuel, caualeyro dos mares, fugigador & forçador dos infieis & descridos mouros, prospereuos ho señoer Christo, & vos de vitoria sobre vossos inimigos, & alargue & estãda vossos reynos: pelos rogos & deuacões dos mestejeiros do redemptor Christo, os quatro euãgelistas, Ioane, Lucas, Marcos & Mateus, suas sc̃tidades & orações vos goardẽ. Fazemos saber ao amado hirmão q̃ a nós chegarão da vossa grãde & alta casa dous mestejeiros, hũ se chamaua Ioane, dizẽdo q̃ era clerigo, & outro Ioã Gomez, & disserã. Que remos mãtimetos & gentes. E pa esto enuiamos a vós nosso embaixador Mateus hirmão do meu seruiço, cõ licença do patriarcha Marcos q̃ nos da a benção, & mãda os clerigos a Ierusalẽ, padre nosso & de todo meu señoerio este yo da fẽ de Christo & da sc̃ta Trindade. Ele enuiuou por nosso mandado a hũ vossa porto da India, dizendo que vos dariamos tãtos mantimetos como os montes: & allí vos dariamos gentes tantas como as areas do mar, & foy nõs dito q̃ ho señoer do Cayro fazia armada de nauios pa mãdar cõtra vossas ar-

madãs, & nos vos daremos tãtas gẽtes q̃ estẽ no estreyto de Meca. s̃. Bebe, Almandeb, ou pera enuiardes a Iudã ou ao Toro q̃ façais de ferrar estes mouros de sobre a face da terra, & nes por terra, & vos hirmão por mar, que nos somos poderosos em a terra, pera q̃ os offrecimẽtos & offertas que se apresentão ao sepulchro sc̃to, nõ as dẽ mais a comer aos cães. Este he ho tẽpo ahegado da promessa q̃ disse Christo & sancta Maria sua madre, que disserão q̃ no derradeyro tẽpo se aleuãtaria ho rey da parte dos frãcos, & este daria fi aos mouros. Este he prometimeto q̃ disse Christo & sua madre, & todo oq̃ vos Mateus nosso embaixador disse recebey como nossa pessoa & o crede, porq̃ ele he ho principal q̃ temos, q̃ se outro teueramos q̃ sobera ou entẽdãra mais que ele, nos volo enuiarãmos, & quiserãmos enuiaruos nõsã embaixada pelos vossos q̃ ca enuiãstes, & tememos de vos nõo apresentãre nõsã cousas como queremos. E coeste embaixador Mateus vos enuiamos hũa cruz do lenho em q̃ foy crucificado nosso señoer Iesu Christo em Ierusalẽ, q̃ me foy de lã trazido, de q̃ fiz duas cruces, hũa nõsãica. & a outra vos enuiamos cõ nõsã embaixada: & ho dito lenho he preto, & leua hũa argola peq̃na de prata, & quiserãmos enuiaruos muyro curõ, mas cõ medo dos mouros q̃ ho tomãsem nos caminhos por õãe auia de passar, ho deixãmos de fazer. E se vos ouerdes por bẽ, do q̃ nos teremos muyro cõtentimeto querer des nõs dar vossas filhas pa nõsõs filhos, ou tomar des nõsõs filhos pera vossas filhas q̃ sera mãis rezãõ, nõ mãis se nõo q̃ a saluação & graça de nõsõ redemptor Christo Iesu, & de nõsã señoerã sc̃ta Maria virgẽ

se est  
vofic  
sa cas  
q̃ se o  
cheri  
mos n  
su vo  
que te  
sas. E  
as aba  
¶ C  
a men  
mo lã  
goard  
disse  
ste, &  
baixa  
mãda  
auia d  
q̃ auia  
& log  
& lhe  
perce  
freire.  
me D  
emba  
se a el  
em q̃  
assip  
auer d  
& Ioã  
mil de  
neto d  
ria, &  
& que  
fuzio  
se mor  
gouer  
ilhas  
pay &  
as terr  
auia v  
reyno



se esteda sobre vossos estados, & sobre vossos filhos & filhas, & sobre toda vossa casa amã. Mais vos fazemos a saber q̄ se ordenassemos nossas gentes q̄ encheria mos atodo ho mudo, mas não temos nenhũ poder no mar. Christo leu su vosqueira ajudar, q̄ certo as cousas que tendes feyto na India sam milagrosas. E se quiserdes armar mil naos, nos as abastaremos de mantimentos.

¶ Vista polo governador esta carta, e a menção q̄ fazia dos nossos, q̄ ele mesmo lançou e Felix andãdo no cabo de goadafũ, como ja disse, deu se ao q̄ lhe disse Mateus q̄ era embaixador do Preste, & q̄ queria ir a Portugal cõ a q̄la embaixada: e pmetoelhe q̄ na q̄lle año ho mãdaria e hũa nao: & foy em hũa em q̄ auia dir Bernaldim freire por capitão, q̄ auia de partir mais tarde q̄ as outras & logo lhe ordenou nela seu galhado & lhe fez merce e nome del rey pa se a perceber, & encomẽdouho a Bernaldi freire. E andãdo nisto veyo da terra firme Diogo fernãdes, ho adail, q̄ fora cõ embaixada ao hidalcão, sobre q̄ soltaf se a el rey astanadarias da terra firme, em q̄ se não tomou nenhũa cõcrusam: assi polo hidalcã não querer, como por auer descõcerto antre Diogo fernãdez & Ioã nauarro q̄ hia por sua ligoa, por mil desmãchos q̄ la fez, ate dizer q̄ era neto do turco, & q̄ sabia fundir artelharria, & q̄ não era christão se não turco, & queria ficar cõ ho hidalcão. E coisto fugio pola terra firme de tetro, & tornou se mouro. E ho Hidalcão respõdeo ao governador q̄ ele alargaua de todo as ilhas de Goa, posto q̄ erão casa de seu pay & cabeça principal de seu reyno: & as terras ele as não daua então, porque auia vergonha dos outros señores do reyno de Daquẽ, que lhe lançauão ca-

da dia e rosto q̄ os nossos lhe tomãrão Goa, & que lha não podera defender. E cõ tudo q̄ vëdo ele a amizade do gouernador assentada por algũs dias, que não pareceisse q̄ lhe daua as terras com medo & por força, q̄ então faria o que ho governador pedia, que deixasse assi estar tudo ate que tornasse do mar roxo, & que os dereyos q̄ as mercadorias pagassem em Goa, saindo por suas terras que não pagarião outro dereyto nenhũ, nẽ menos as q̄ foisse de sua terra, ou doutras partes & passassem por ella pera Goa, não pagarião mais dereyos que os q̄ era costume q̄ pagassem, & q̄ não tolheria a seruetia de Goa pa a terra firme, nẽ que lhe leuassem muyta somma de mantimẽtos. E porẽ ho alargar das ilhas de Goa foy fazer de necessida de virtude, por q̄ bẽ sabia ele q̄ a fora a fortaleza do passo de Benastari, fazia ho governador hũa torre em Pangim, & outra na ilha de Diuari, õ de se agora chama ho passo de Norõã, & outra no passo seco. E a posatornada de Diogo fernãdez, se vio ho governador cõ Roçalcão no passo de Benastarim, por lhe ele mãdar muytas vezes requerer que se vissem ali: & a concrusam desta vista foy pedir lhe Roçalcão pdão de lhe não agardecer ho offrecimento q̄ lhe mandara fazer por Bastião rodrigues quãdo se fora de Benastarim, & fazendo muyto grandes offrecimẽtos de seruidor del rey de Portugal, a q̄ ho governador respõdeo de sapegadãmẽte q̄ nẽ os aceitaua nẽ engeitaua. E del pois disto forão algũs dos nossos ao seu arrayal, & assi vinhão de lã cada dia a Goa, & os moradores da ilha que fugião pa a terra firme por amor da guerra acabarão de se tornar, os gentios somente, & tornarão a laurar & a prouẽr



tar a terra, & ante estes tornãrão muytos officiaes q' fazião bombardas & espingardas, q' tambẽ fugirão da cidade cõ medo que a tomassem os mouros, & dali por diante se fazião muytas bombardas de ferro, & tão boas espingardas como em Bohemia,

Capit. xviii. De como dõ Garcia foy a Cochí fazer a carrega pa ho rey no, & como Nabeadari assentou co ele paz ante o gouernador & el rey de Calicut, & com que cõdições.



Don Garcia que hia pera Cochim, assia fazer a carrega a naos do reyno como pera mandar corregeros nauos que ficãrão espadaçados do combate de Benastarim, em passando por Calicut deixou hi algũs nauos da madeira para guardarẽ ho porto que não fãssim naos pa ho mar roxo, & daqui se foy a Cochim, onde os nauos forãõ corregidos, & as naos carregadas com muyta diligẽcia. E nestas escreueo ho gouernador a el rey seu seõor a vitoria de Malaca & ho feyto de Benastarim cõ todo ho mais q' se passãra na India, & assi lhe mandou hu robi grãde, de muyto preço q' lhe mandara el rey de Pegũ, & a raynha outro cõ astres bucatas douro & manilhas de pedraria que lhe mandou a mãy del rey de Sião, & hũs chagneres de coyro pera esfriar a goa, & sam de muyta estima, porq' as peles sam cortidas cõ hũa cõpostura q' val muyto, & ficãõ cõ hũ eheiro muy suave, & mais hũas peças de pano dalgodão branco finitissimo do reyno de Deli. E ao príncipe mãdou ho catele de pedraria q' lhe mandara el rey de Cambay, & hũ punhal douro & pedraria, & dous mocõs laes peq'nos, & alli ou-

tras peças ricas pera a infante dona Isabel, q' despois foy emperatriz, & pera anduquela de Bragaça hũa del rey. Mandando dõ Garcia nesta occupação, lhe foy dada hũa carta de Nabeadari príncipe de Calicut, em q' lhe fereuia q' se ho gouernador quisesse fazer paz cõ el rey de Calicut, que ele faria corle q' a fizesse. Ao q' dõ Garcia respõdeo que ele ho não sabia, porq' el rey de Portugal mandaua ao gouernador q' não azeitasse polas muytas vezes q' el rey de Calicut a tinha quebrada, porq' que cõ tal condição, a poderia ele fazer, & tal segurãça poderia dar q' ho gouernador quebraria ho regimẽto del rey. E despois de auer ante eles algũs recados sobreste concerto, offreceo se ho príncipe de fazer com el rey q' desse fortaleza a Calicut no lugar q' ho gouernador quisesse, & que lhe daria a metade dos derytos que tinha dos seguros das naos q' hião a seu porto. O que dõ Garcia escreueo logo ao gouernador, do q' ele foy muyto contente, & assentou em ho fazer posto q' tinha recado del rey seu seõor pera destruir Calicut, & isto lhe fereuia el rey por induzimento del rey de Cochim & del rey de Cananor, a que pesãua mortalmente de Calicut estar em paz, porq' estando de guerra rinhãõ seus portos pouoados de muytos mercadores q' trazião muytas mercadorias, & pagãõ muyto grãdes de reytos, & por esta causa ho nã querião eles destruir, ainda q' ho podião fazer ajũtando se ambos de dous, & dissimlauão fazẽo q' não podião, & eles mesmos ho sostinhãõ, mãcã dolhe mantimẽtos nas suas naos & armandolhe paços, & não escreuião a el rey de Portugal q' el rey de Calicut era ho mais mauo hoarẽ que podia auer na mundo. E ho



me fino fazião. e se reuer aos feytores das fortalezas de Cochi & de Cananor & a seus escriptuões, & ao secretario, & eles ho fazião porq̃ os reys escreueisẽ bem deles. E vêdo ho governador quãto mais proueitosa era esta paz que a destruyção de Calicut, determinou de a aceitar, & porq̃ estava pera ir ao mar roxo, onde tinha necessidade de leuar grande armada, & deixando algũa sobre Calicut, nem deixaua cousa q̃ lhe fizesse dano, nem leuaua de que se podesse aproueitar no estreito, & por isso escreueo a dõ Garcia q̃ aceitasse a paz, & se fosse logo a Goa, porque auia de ir ao mar roxo, & que se chegaua a moução, & quando fosse leuasse consigo a Pero mazcarenhas, que auia de deixar por capitão de Gos cõ seu consentimẽto, & auia de leuar consigo Manuel de lacerda, polo auer assi por seruiço del rey seu senõr, & que ficasse a capitania de Cochim a Jorge dalbuquerque. E dõ Garcia se vio cõ Nambearim e Crãgalor, & assentão ambos q̃ mandasse ho governador dous homẽs dautoridade pera acabar e assentar cõ el rey de Calicut onde auia de ser a fortaleza. E concertado isto, partiose dõ Garcia pa Cananor, onde achou Bernaldim freyre & Francisco pereyra pestana que forão ali abarrota. E dese pois de partido dõ Garcia querẽdo hũ dia ho embaixador do preste castigar hũua sua escraua por algũa cousa que lhe fizera, bradou ely & gritou de maneyra que acodio ho capitão da fortaleza cõ muyta gẽte, & achando as portas fechadas, as mãdou q̃brar, & entrou dẽtro cõ grãde onção, & a escraua do embaixador como ho vio, lhe disse q̃ era molher do embaixador, & que ele a queria matar & lho da uida que a não podia soffrer, nã por

outra causa, se não por que ho reprehẽdia de peccar cõ hũ seu moço no vicio cõtra natura, q̃ lhe requeria da parte de Deos & del rey de Portugal q̃ a tirasse de seu poder, E dea por testemunhas outras escrauas q̃ ho embaixador tinha. O que ho embaixador contradisse em tudo, affirmando ho cõ juramento, & q̃ aquela não era sua molher, se não escraua: & segundo se despois disse assi era, porem ao embaixador não lhe valeo. E ho capitão lhe tirou a escraua de casa, & tambeã as outras & entregouas a Bernaldim freyre, & ele & ho secretario q̃ lhe aquilo fez fazer, disserão lo que Mateus não era embaixador do preste se não truão, mouro & espia dos rumes & do soldão, q̃ o mãdauã a India a saber o q̃ elrey determinaua de fazer, Não lhe obrando q̃ de Venezianos q̃ andauã em Portugal, ou podião ir, ho podia ho soldão saber mais diffimuladamente ou por mouros mercadores q̃ hũão a India, & diziao mais q̃ sabẽdo ho governador isto mãdaua Mateus a portugal como verdadeiro embaixador, & q̃ se ele fora amigo do seruiço del rey q̃ ho não ouuera de mãdar, se nã quey malo, & por isto não fez Bernaldim freyre nhũa hõrra nẽ galhado a Mateus antes toda a defonrra & vituperio, assi na viajẽ como em Moçãbiq̃, onde inuernarão: & Portugal, ele & cartas q̃ leuaua do secretario pa el rey, q̃ si q̃ lhe fizerao cret q̃ Mateus era truão enganador, & por esta causa, E escreueo despois el rey ao governador, dando lhe a chaq̃s sobre lhe mãdar Mateus por embaixador, em tãto q̃ foy necessario ao governador escreuer lhe muytas rezões por õ de era verdadeyro embaixador, principalmẽte despois que deu e a dẽ, dõ de se lançarão na nossa frota certos



Abexis catiuos do feytor q̄ ho Soldão tinha em ajuda, que disserão que conhecião Mareus, & que sabião certo que à mãy do preste tinha nele muyta confiança, & ho mãdaua a muytas partes cõ recados d'importaciã. E coisfo p̄ deo el rey de Portugal a fofpeyta que tinha, & ho despachou & mandou com Lopo soarez, como direy a diante.

Capit. xcix. De como Pateonuz foy fobre Malaca com hũa grossissima armada, & do que os nolfos fizerão.

**P**assando assi estas cousas na India, Fernão perez capitão mór do mar de Malaca vêdo q̄ ella estaua segura de guerra, determinou de se tornar para a India, & porq̄ tinha recado do governador q̄ se fosse na moução de Janeiro se quisesse, & q̄ leuasse consigo as naos de carga que leuara Diogo mendez. E estãdo se apercebêdo pera sua partida, veo noua à fortaleza que Pateonuz senhor de lapora na ilha da laoa passara polo estreyto de Sábão cõ hũa grande armada, & alli era. E este Pateonuz era mouro, & muy esforçado caualeiro & fora vassallo do rey gentio da laoa, cõtra quem se réuelou como outros senhores mouros que se chamaũo reys, & âtes q̄ o governador fosse a Malaca auia ânos que fazia hũa grossissima armada, assi com seu cabedal como com ajuda doutros senhores seus parentes & amigos, & isto cõ rêção de ir sobre Malaca, & tomala ao rey q̄ entã reynaua & fazerse rey dela; & coesta determinaçã mandaua ele muytos laos morar a Malaca pera os ter de sua mão quando fosse, & estaua confederado cõ Mutaraja, aq̄le que ho governador mandou

degolar, q̄ lhe tinha p̄metida toda sua ajuda. E acabada a armada não distiuo de sua determinaçã, posto q̄ foubes, se q̄ Malaca estaua em poder dos nolfos, porque lhe disserão q̄ erã muyto poucos & que facilmente os poderia tomar, por amor da sua armada que era muy poderosa, q̄ seria bẽ de trezentas velas antre jungos, lancharas & calaluzes, & chea de gẽte q̄ era espanto. E Pateonuz leuaua por sãta capitão hũ grã senhor seu parçete, em q̄ tãbẽ auia muyto esforço, & ho jũgo de Pateonuz era ho mayor q̄ se nũca vira na q̄las partes, & ho sãta capitão apos ele. E fornecida esta armada como digo, partiõse pera Malaca, & passando ho estreyto de Sábão foy visto dalgũs de Malaca, q̄ ho forã logo dizer a Ruy de brito, q̄ ho disse a Fernão perez, pa q̄ fosse saber q̄ armada era aquela, & se era tamanha como dizião: & Fernão perez se partio logo a ver se via os inimigos, & forã coele Ioanes impolim em sancto Antonio, & Lopo dazeuedo, lorge boteelho, lorge de brito, Marti gueçez, & Pero de faria nos seus nauios, & forã todos ate Sábão & não virão nenhũa cousa da q̄la armada, porq̄ como fayo do estreyto de Sábão se meteo logo por outro estreyto que chamão dos Saues, & foy por ele ate se poer defronte de Malaca pera tomar ali lingoa & saber o q̄ fazião os nolfos, & por isso não pode Fernão perez a ver vista dela. E crendo que era mentira a noua de sua vinda, tornou se a Malaca; & fazendo se prestes pera a viagem da India, & estando perto sua partida, pareceo ao mar hum dia aa tarde a armada, que era tamanha como disse, & como vinha espalhada, quasi que cobria quãto os nolfos alcançauão cõ a vista; do

q̄ eles  
se po  
& log  
mano  
os de  
gada  
ador  
Ruy  
imig  
ura, q  
ã Fea  
lhe n  
uernã  
prefo  
de br  
arma  
estau  
nha e  
noyte  
lhe pa  
dade  
ho fo  
se pa  
(post  
que v  
& em  
tama  
quali  
de len  
is de f  
lho l  
fa arc  
arma  
nãop  
da for  
gio ac  
estes  
Ruy  
redo,  
& ficã  
rez, l  
Mart  
ge bo



queles ficão espátados, q̄ não crião q̄ se podesse ajuntar tamanha armada, & logo Fernão perez se foy a terra pa mandar embarcar a artelharía das naos de sua cõserua que ja tinha descarrugada pera se melhor carregare de mercadoria. E andando nisto, falado ele cõ Ruy de brito sobre se pelejarião cõ os inimigos, se leuantarão de palaura e palaura, que Ruy de brito como superior d̄ Fernão perez ho má douprêder por lhe não querer obedecer como ho governador mandaua e seu regimêto. E preso Fernão perez, determinou Ruy de brito de pelejar ao outro dia com a armada dos inimigos, & hila buscar onde estaua, por q̄ lhes parecesse que a não tinha e cõta, & por isso sembarcou a q̄la noyte na galé de Pero de faria: & como lhe patecesse que tinha muyta necessidade da ajuda de Fernão perez, mádou ho foliar, má dádolhe dizer que se se pa a sua naoto que Fernão perez fez (posto q̄ estaua muyto agrauado) por que vio que em tal tẽpo como aquele, & em que ho seruiço del rey estaua em tamanho perigo, que os homẽs da sua qualidade por lhe acodir não se auião de lembrar da graua del rey quãto mais de seus capitães, & por isso se recolheo logo a nao. E e amanhecẽdo a nossa armada se fez aa vela pa ir buscar a armada dos inimigos, q̄ no dia passado não pode aferrar porto, & cayo abaixo da fortaleza obra de tres legoas, & surgi ao longo de terra. E erão os nossos estes capitães, Pero de faria, cõ que hia Ruy de brito, & Ayres pereyra de berredo, que era alcaide mór da fortaleza & ficaua nela por capitão; Fernão perez, Jorge de brito, Frãcisco de melo, Marti guedez, Ioão lopez daluim, Jorge botelho, Lopo dazeuedo, António

dabreu, Vasco fernandez coutinho, Christouão mazcarenhas, Christouã garces, Afonso peñola, & Simão afonso bisigudo hia cõ Fernão perez, por ser ho seu nauio podre & não a pueitar de todo pera nada. E todas as nossas velas hião embandeiradas & defesta cõ trõbetas & atabales, fazẽdo grãdes alegrías por q̄brarẽ ho coração aos inimigos, & ao longo da terra hia Ninachatu & Tuão mafamede cõ a gente dela pera ajudarẽ de terra se podessem, & quando não, pera q̄ soubeissem os inimigos que tinhão os da terra contra si, & que ajudauão os nossos.

¶ Capit. c. De como os nossos começãrão de pelejar com os inimigos, & da causa porque não acabarão.



¶ Quando os nossos cõ esta ordem forão ter cõ os inimigos vetaõ lo a viraçõ cõ que se eles começãrão de fazer a vela, & estauao todos embandeirados & cõ grãde alegria de gritas & festas & grãde estrondo de seus sinos & doutros instrumentos que costumão na guerra, & era ho arroido tamanho q̄ parecia destrui se ho mudo, & s̄o ele abastaua pera os nossos s̄do rão poucos auerẽ medo, quãto mais tanta gente & tãõ bẽ armada & atabiada doutros muytos & muy ricos atabales, q̄ era fermosa cousa & espantosa de ver. E ho mesmo espãto punha ver a pouquidade dos nossos cometer tamanho numero de gente & tãõ s̄o medo, q̄ parecia q̄ os não tinhão em contãem tanto que Jorge botelho que leuaua ho nauio mais ligeiro que os outros, se adiantou & s̄o chegou primeiro aos inimigos, de que se logo apartatãõ ate quinze caluzes, & a remo em detytarãõ parele dando grande grita como que ho tinhão nas vnhas,



O q̄ ele nã crêdo pos a proa neles & pafoulhes polo meyo sem lhe tirar nẽ fazer nenhũa mostra de peleja: & como hia a vela, & eles a remo nã lhe poderã chegar. E passãdo ele por eles, nã parou ate ho jũgo de Pateonuz, q̄ conhecido ser a capitayna, assi por trazer bandeira na gauea, como por ser ho mayor de toda a frota: de maneyra que indo Jorge botelho pa abalroar coele, vid que a gauea do seu nauio não chegaua ao chapiteo da popa do jũgo, & por isso deixou de ho aferrar, & começou de lhe tirar as bobardadas q̄ lhe ficauão no lume dagoa, porẽ ho iungo era tão forte q̄ os pelouros tornauão pera fora, & o mesmo fez aos da galé de Pero de faria q̄ vinha a pos lorge botelho, & tã bẽ se posãs bobardadas ao iũgo. E nisto chegou no resto da nossa frota, & a dos inimigos neste tẽpo se acabou de fazer a vela, & se garrrou toda como hũa espesa mataõ q̄ vendo lorge botelho & Pero de faria se tirão a fora porque os não colheffẽ no meyo, q̄ os matarão todos as frechadas & laçadas pola grã de altura dos iungos, & por esta rezão nenhũ dos nossos ouffou daferrar com os inimigos, que cõ suas gritas & estõda q̄ digo assi garrados tirão caminho do porto de Malaca, indo os nossos de pos eles as bobardadas cõ que lhe fizẽ rão assaz de dãno ate ho sol posto que surgirão os nossos pegados cõ terra, se não lorge botelho, que por ser ho seu nauio muyto ueleyro & ligeiro ficou ante os inimigos e bobardado os & assi os outros ate noyte. E despois danoytecer, aiutarãse todos os nossos capitães & outras pessoas principais da armada na galé de Pero de faria, & Ruy de brito lhes disse q̄ bẽ viã quã poderosa a frota dos inimigos vinha, & a gẽte mais

efforçada q̄ auia na q̄las partes, & eles quão poucos erão, & metidos e nauios muyto peq̄nos a respeito dos q̄ trazia os inimigos: & q̄ se fossem desbaratados q̄ se perderia aq̄la fortaleza, & q̄ tã bẽ pola multidão dos inimigos, q̄ auia medo que se repartissem, & q̄ em quanto hũs pelejãse no mar cõ a frota, pelejãrião outros em terra cõ a fortaleza, em que não auia quẽ a defendesse por quã poucos lã ficauão, & estes doẽtes & fracos, que sobristo lhe dessem seus pareceres. E despois q̄ sobristo ouue muytos & muy diuerfos, disse Fernão perez que por se escusar ho perigo da fortaleza, Ruy de brito se deuia logo de recolher a ela, & defendela cõ essa gẽte que teuesse, assi nossa como da terra, & q̄ ele ficaria cõ a que estaua na frota, cõ que pelejaria cõ a dos inimigos, q̄ esperaua em nosso senhor de desbaratar, porq̄ ainda q̄ fossem muytos & os seus jũgos tão altos q̄ se não podião aferrar, ele os queymaria com panelas de poluora & meteria no fundo cõ artelharia, & que nisto nã tenha duuida porq̄ os inimigos a não traziaõ: & q̄ quando lhe acõtecesse algũ desastre, q̄ a gẽte que estaua na fortaleza abastaria pa a defender ate q̄ mandãsse pedir socorro a India, o que seria em breue por ser a moução pa ir lã & tornar da hã a sete meses. E parecẽdo isto bẽ a todos, & feyto disto auto, & assinado por todos, foy Ruy de brito leuado a fortaleza na galé em q̄ estaua, & despois que foy lã mudou se do que deixaua assentado cõ Fernão perez & cõ os outros capitães. E fazendo nouo cõselho cõ os q̄ estauão na fortaleza acordou coeles que a nossa armada não era poderosa pa resistir ao peso de tantos como trazia Pateonuz, e por isso os nossos q̄ estauão no mar se deuia recolher

talez  
gẽte  
te fo  
nada  
lez  
cord  
Fern  
regr  
O q̄  
deo c  
pois  
uern  
delle  
q̄les  
& a  
gara  
ratar  
mo a  
que le  
brito  
q̄ fica  
to po  
leza d  
estau  
señor  
barat  
miser  
oje vi  
ros, d  
nos co  
pouco  
nos de  
tos er  
tia for  
deles,  
pera n  
to de f  
tar cõ  
opinã  
os mu  
a vito  
pera f  
rar, &



taieza, & q̄ a galé & nauios peq̄nos se  
 gête do mar q̄ abastasse pa os marear  
 se fossem pa a India a dizer ao gover-  
 nador ho perigo em que ficaua a forte-  
 leza pera lhe mandar socorro. E este a-  
 cordo a ssmado por todos, foy leuado a  
 Fernão perez & aos outros capitães cõ  
 requimento q̄ se fossem pa a fortaleza.  
 O q̄ visto por Fernão perez, respon-  
 deo cõ conselho dos outros capitães, q̄  
 pois Ruy de Brito dera a menajê ao go-  
 uernador por aq̄la fortaleza que a defê  
 desse cõ a gente que tinha, & q̄ ele cõ a  
 q̄les fidalgos & caualeyros q̄ ali tinha,  
 & a armada q̄ lhe ho governador ètre  
 gara, esperaua è nosso senhor de desba-  
 ratar os inimigos, & q̄ alli ho verião co-  
 mo amanhecesse: & coisto se tornou o  
 que leuou ho requemeto de Ruy de  
 Brito, & ele ido disse Fernão perez aos  
 q̄ ficauão coele. Não tenha señores tã  
 to poder a desconfiança q̄ tẽ os da forte-  
 leza q̄ nos mude do proposito em que  
 estuamos ãa manhaã cõ ajuda de N.  
 señor pelejarmos cõ os inimigos & des-  
 baratarmolos cõ a ajuda, q̄ espero è sua  
 misericordia q̄ nos dara pera isso, do q̄  
 oje vi grandes sinais & muy verdadei-  
 ros, q̄ bẽ vistes quão pouco pfiatão è  
 nos cometer, sendo eles tãtos & nos tãto  
 poucos, & vindo cõ determinação de  
 nos destruir por saber è certo quão pou-  
 eos eramos, pois se seu efforço & valê-  
 tia fora tãto quãto pmete ho numero  
 deles, & junta mête a vôtade q̄ trazião  
 pera nos lumir: naq̄le primeyro impe-  
 to de sua chegada ho ouuerão de execu-  
 tar cõ nos aferrar logo, porq̄ segudo a  
 opinião cõ que partirão de sua terra, q̄  
 os muytos vêcõ os poucos, auião de dar  
 a vitoria por muy certa da sua parte, &  
 pera ficar è coela nos auião logo dafer-  
 rar, & mais rêdo muyta confiança de si

& nenhũa de nos. E pois ho nã fizerão  
 quando não sabião como nos defende-  
 mos, não ho farão sabêdo como offen-  
 demos, antes nos hão de ter medo, por  
 q̄ muyto mayor ho hão dauer a zora  
 cuydando nis muytas bõbar dadas, &  
 espingardadas de q̄ escaparão, do que  
 ho terião quando andassem em voltas  
 na peleja: & isto està clara, porq̄ niguê  
 não ha medo ao perigo se não quem se  
 vio nele. E eu tenho perami q̄ ho comê-  
 go da nossa peleja doje foy obra de nos-  
 so senhor q̄ quer q̄ a Christinda de per-  
 maneça nestas partes, & a manhaã ho  
 auéis ã ver craramete na vitoria q̄ nos  
 ha de dar cõtra estes caes, q̄ porq̄ sam  
 do diabo, teue ho mesmo diabo poder  
 pera meter em cabeça a Ruy de Brito  
 & aos da seu conselho q̄ era impossivel  
 resistirmos a tãtos inimigos, não atêdo  
 quão fracamente se ouuerão oje no pri-  
 meyro cometimeto. Por tanto señores  
 vos peço q̄ isto vos lèbre cõ ho mais q̄  
 vos tenho dito, & q̄ não vos esqueça, q̄  
 pois pelejamos por seruir a deos & a el  
 rey, q̄ nosso senhor he seruido de suster  
 mos esta fortaleza, como quis q̄ Duar-  
 te pacheco de q̄ ja ouuirteis dtzer fosse  
 ueisse a de Cochim cõ menos gente do  
 q̄ nos somos cõtra ho poder del rey de  
 Calcut q̄ era trtes vezes mais q̄ ho de  
 Pateonuz, & mais q̄ ao primeyro fugo  
 q̄ lhe meterdes no fundo ha de fugir  
 & como somos poucos, ho menos fuda-  
 meto q̄ auéis de fazer, ha de ser dabalt  
 roar coeles, se não queymalos, & traba-  
 lhar polos meter no fundo,

Capit. c. f. De como Pateonuz sem ou-  
 sar de pelejar cõ Fernão perez, lhe  
 fugio com toda sua frota, & da grã-  
 de destruyção que os nossos fizerão  
 nela.





A cabada coisto suas rezões, cõ que todos ficarão persuadidos pera a batalha. E assentado q̄ desse cõ aq̄la ordẽ, cada nh̄ se tornou a seu nauio, & se aperceberão todos, assi das almas como dos corpos pera entrarẽ naq̄la peleja, quẽ certo era muy temerosa porq̄ os nossos ao mais q̄ podião ser, serião trezentos homẽs, & os inimigos de vinte e cinco mil pera cima, & os mais efforçados & melhor armados, & mais determinados q̄ auiã do cabo de boa Esperança pa dentro pera q̄lquer das quatro partes do mudo. E cõ quanto os nossos sabião isto não os temião, antes a gẽte comũ parecẽdolhe q̄ os assombrava, toda a noyte cantarão & foliarão, & dauão muytas gritas, & eles també lhe respondião cõ outras, & cõ muyto tanger dos seus sinos. E na cidade se fazia o mesmo, em q̄auiã grãde duuida de poderẽ os nossos escapar daq̄le laço: & aquela noyte todos elles laos principais da cidade, & també algũs Malaios forão visitar Pateonuz, q̄ acharão em cõselho cõ todos os seus capitães sobre o que farião contra os nossos, porq̄ receaua de pelear coeles no mar pelo grãde dano q̄ recebera dos nossos tiros, & parecia lhe melhor desembarcar & cercar a fortaleza. E estes q̄ digo q̄ forão da cidade visitãlo, ouuidos os pareceres de seu cõselho, lhe cõselharão q̄ não pelessem cõ os nossos no mar, porq̄ tinhão muyta poluorã & artilharia, & que os auião de meter no fundo: & també se desembarcãllem ficando os nossos no mar q̄ lhe auião de queymar a sua frota & ficarão perdidos, porque tendo os nossos ho mar, eles não podião fazer aa fortaleza nenhum nojo, antes ho receberião muy grãde, porquẽ os

nossos erão muyto efforçados, & sabião muytos ardis: & que o que deuia de fazer era meterse no rio ce Muar, & dali mandar recado a el rey de Bintão que lhe mandasse sua armada que trazia artilharia, & ajuntada a sua coela desbaratarião a nossa, & despoys tomarião a fortaleza. E parecendo isto bẽ a Pateonuz, mandou q̄ se leuasse a sua frota toda ante manhã. E assi se começou de fazer a voga surda, mas não foy tão calada q̄ os nossos ho não sintissem: & sabẽdoho Fernão perez, se meteo logo no seu esquife, & correo os nossos nauios, dizẽdo do mar aos capitães q̄ dessem muytas graças a Deos, porq̄ sem peleja lhe fugião os inimigos, q̄ se leuassẽ porq̄ se lhe não fosse, & q̄ lhes encomendaua muyto q̄ trabalhassẽ polos queymar & meter no fundo, & q̄ nenhũ desse a vela atelhe não ver de ferir ho traq̄te: & assi ho fizeram. E sendo ho sol ambas as armadas tinhão as velas diffiridas cõ ho terreno q̄ vetaua: & Pateonuz q̄ vio a determinação dos nossos, quizerãlle acõlher, & q̄mẽgou de fugir cõ todos os seus, & os nossos derão apos eles, & em os alcançãdo começão de lhe deitar panelas de pólvora & outros artificios de fogo com q̄ os iungos começão de arder. E como isto foy tão de supito & tão cõtra a esperança q̄ os inimigos trazião de ser a victoria sua, por serẽ tãto como trãco, foy tamanho ho desmayo destes, em cuios iungos se ateauã ho fogo, q̄ nhõ teução acõrdo pera mais q̄ pera se deitarẽ ao mar, & recõlherse aos nauios de remo, & os outros tirão muytas frechadas, porem não fazião mais que gassalã deualde, & os nossos em pregauão bẽ seus tiros, que assi como metãac a hũs nauios no fundo, assi desãparelhão

outros  
ta gen  
sa com  
uoralh  
lhe no  
ã fortã  
uorece  
mar to  
ho des  
q̄ os no  
tãto: E  
os nos  
parã a  
grande  
terça a  
dos, pe  
migos,  
ga que  
mais vã  
achãuã  
q̄ onh  
cinco ju  
nestes  
piãto se  
q̄ os no  
aa outra  
da, que  
bastida  
nhão re  
fos os al  
a eles ar  
parece  
tãllem  
sem an  
pantosa  
gãdo ho  
ro os do  
de polu  
lhe fize  
zã, & a  
& come  
peleian  
lopez d



outros & lhes ferião & matauão muyta gente. E vendo Fernão perez a cousa como hia, temendose q̄ falta de poluora lhe não fizesse alcançar a merce q̄ lhe nosso senhor fazia, mādou buscar â fortaleza & outras municões pera fauorecer mais sua vitoria, & mādou chamar toda a gēte da terra q̄ fosse roubar ho despojo que ficasse dos inimigos, por q̄ os nossos não auão de poder roubar tanto. E sabēdo Ruy d̄ Brito a vitoria q̄ os nossos hião alcançando, mādou del parar a artilharia da fortaleza & fazer grandes alegrias. E sabendo a gente da terra a causa disso, ficarão todos pasmados, por q̄ por a grande valētia dos inimigos, não se lhe podia meter em cabeça que auão de ser vencidos, mas por mais valentes que erão de cada vez se achauão peor & perdião mais gēte. O q̄ conhecedo Pateonuz, amarrouse cō cinco iungos de seus parentes porque nestes confiava mais, & ho seu sota capitão se amarrou cō outro iungo tēdo q̄ os nossos aferrarião, & mandarão aa outra frota q̄ ainda não era queymada, que os rodeasse & lhes ficasse como bastida: & isto porque virão q̄ não tinham remedio pera fugir por q̄ os nossos os alcacauão, & assi era q̄ chegarão a eles antre as onze & as doze do dia. E parece q̄ quis nosso senhor que se juntassem alli os inimigos, pera q̄ os nossos sem andarē a caça coeles fizessem a espantosa destruyção q̄ fizerão. & ehegando Marti guedez q̄ foy ho primeyro dos do seu nauio, lhe deitarão panelas de poluora em hũa pangueloa com q̄ lhe fizerão saltar ao mar a gente q̄ trazia, & apos isto aferrarão cō hũ iungo & começaram de peleiar cō os inimigos, pelejando muy estofoçada mēte: & João lopez daluim aferrou cō outro q̄ trazia

obra de dūzētos laos, & ele não trazia mais q̄ trinta & dous homes. E cō tudo abaltrou ho iungo por mais cōtrariado q̄ foy dos q̄ estauão nele & entrou dentro, & dos outros capitães, hũs aferrauão, outros queymauão, & não auia nenhũ que não fizesse brauezas nũca cuydadas, & assi durou a coufa bē quatro horas ou cico, q̄ de toda a frota dos inimigos não ficou mais por queymar q̄ a capitayna, & sota capitayna cō os iungos cō que estauão amarradas, q̄ as outras assi velas de gauea, como de remō todas forão gastadas do fogo, & morta muyta gente, & outra se saluou nos iungos que digo. E por isso & por eles serē alterofos e demassa, estauão muy afoutos: o q̄ conhecēdo Fernão perez, mādou passar a sua nao os capitães de tres ou quatro navios da sua armada, & coeles sua gēte com determinação dabalaroar cōm Pateonuz, ou cō ho seu sota capitão, por q̄ pera quanta gente eles tinhamão a q̄ ele trazia era muy pouca, & ainda assi não era muyta. E isto feyto se guiou Pateonuz, que entre tanto que se deteu neste se hia acolhendo, & os outros navios hião apos ele: & como lhe o vēto seruia a popa, alcacou a sota capitayna que hia mais traleira, & determinando de a aferrat, mandou a Frãscisco de melo capitão da nao sã Christouão q̄ achou iunto consigo q̄ aferrasse pola proa, & ele aferraria por popa, & assi foy feyto, & cō muyto grande perigo dos nossos, que como os inimigos fossem muytos & muy valētes, pelejauã como homes q̄ nullo tinhão sua saluação: & assi ferirão muytos dos nossos & matarão algũs, antre os quaes foy Simão a funso beligudo, & Fernão perez foy ferido tão mortalmēte q̄ cayo. E cō tudo os nossos ho fazião tã bē que dauã



que fazer aos inimigos & tinham muytos mortos. E estando a coufa em peso sem se declarar a vitoria por nenhũa das partes, chegou Iorge botelho, & quando ouiu a reuolta que andaua no jûgo, quisera abalroar coele, mas não pode & por isso aferrou com ho outro que andaua atraquado coele, & entra por ele com sua gente. Os inimigos q̃ ho sintirão entrar, repartense logo e duas partes, & hûs ficarão pelejando cõ os de Fernão perez, & outros acodirão d̃ roldão a Iorge botelho, & como ele trazia poucos foy tamanho o peso dos inimigos que não ho podendo soffrer lhes foy forçado recolherse ao seu galeão, & os inimigos forão de volta coele, & a ptuão rijo; mas nisto Fernão perez que se tornou aleuãtar, pelejou tão brauamente com ajuda dos seus q̃ venceu os inimigos com que pelejaua; & ficando muytos mortos no jûgo, se lançarão outros ao mar, & estes muyto feridos. E assi como estes forão desbaratados, acodio logo a Iorge botelho, & ambos de dous com sua gente tratarão os inimigos de maneyra que não escaparão se não algûs muyto feridos q̃ se deitarão ao mar, que com seu sangue se tornou logo vermelho; & assi como os dous jûgos forão despejados, assi lhes foy posto ho fogo; & ficado bem ateado, deu Fernão perez caça a Pateonuz que se hia acolhendo com os cinco jungos, q̃ lhe não ficauão mais de toda a armada que leuara. E dandolhe os nostros caça, desfizeranlhe todos os altos as bõbarcadas; & indo Fernão perez pera ho abalroar ja q̃ si noyte, deixasse vir hũa toruoadã rã forte que os espalhou a todos, & a nossa frota correu muyto riscado de se perder, principalmente as naos grandes que era perto de terra, & sur-

girão em duas braças, & todas muyto espalhadas & assi os outros nauos; & os jungos dos inimigos tambem surgirão, & assi Iorge botelho que lhes hia mais perto que todos. E ao outro dia se achou sô coeles, porque Fernão perez & os outros esgarraão muyto, & como foy manhaã Iorge botelho se pos a pelejar com os jûgos que tinham cercado ho de Pateonuz, & queymou os, & me teos no fûdo sem lhes valer frechadas sem conto que lhe tirarão, & quisera fazer outro tanto ao de Pateonuz, & nã pode por lhe falecer a poluora, do que ele tirou hû estormento pelo escriuão do galeão, pera que se foubesse que ho jungo não se deixaua de queymar por sua culpa, & não aferrou coele por ser tão alto como disse que era; & ainda q̃ ho não fora, fora doudice aferrar com vinte homẽs que ele teria ou pouco mais, com passante de mil homẽs que andarião no jungo. E feyta a diligenciã q̃ digo pera sua honra, tornou se a Malaca, onde Fernão perez chegara aquella manhaã cõ a frota, & ainda estava na ilha das naos, & dizendolhe Iorge botelho como deixaua ho jûgo de Pateonuz, & que hia por poluora pera ho acabar de queymar, mandoulha dar & logo se Iorge botelho partiu em busca do iungo, que não achou, porque tanto que ele foy ido logo veyo gente da terra & tirou ho a toa pera ho alto. E dali se foy Pateonuz não leuando mais jûgos que aquele de sesenta que leuara de sua terra, a fora os nauos de remo, que tudo foy queimado & morta a mais de sua gente, que forão bem oyto mil homẽs, & ele foy ferido; & ainda aquele jungo hia tão arrombado de bombarcadas que escassamente se podia ter sobre a agoa, & leuaranno com grandissi

motr  
ho m  
goar  
vinha  
to lhe  
porã  
honra  
da ge  
saluar  
pre g  
honra  
nha q̃  
por el  
cidade  
se Pate  
telho,  
a ilha  
perez  
tões &  
forão  
aa fort  
do, assi  
com ta  
não po  
rão to  
& com  
taleza  
anno q  
govern  
estar d  
tiose pe  
mil &  
ele Lop  
tonio d  
sua na  
tinho p  
a capita  
pez dal

Capit  
se se  
& de



mo trabalho a sua terra: & Pateonuz ho mādou varar, & ho teue sempre bē goardado, & quādo outros señores ho vinhão ver & consolar de seu desbara to lhe dezia que elle estava consolado, porq̄ naquella viagē ganhara muyta honrra, pois pelejara cō a mais efforça da gente que auia no mundo, & que se saluara naquele jūgo, que ele teria sempre goardado pera testemunho de sua honrra, que os laos ouuerão por tamanha q̄ ainda agora salão neste feyto, & por ele ho fizerão despois rey de hũa cidade chamada Adema, E assi que por se Pateonuz ir ho não achou Jorge bo telho, & não ho achando se tornou pa a ilha das naos, & se foy dali cō Fernão perez aa fortaleza, com os outros capitães & gente que fora na peleja, de que forão mortos muy poucos. E chegados aa fortaleza, foy Fernão perez recebido, assi dos nossos como dos da terra, com tanta honrra & alegria que mais não podia ser, porq̄ coesta vitoria ficarão todos liures de guerra & de fome, & com muyta abastança. E porq̄ a fortaleza ficaua segura, & se acabaua ho anno que Fernão perez prometera ao governador de ficar em Malaca, & por estar descōrente de Ruy de britto, partio se pera a India no mes de Janeiro de mil & quinhentos & treze, & forão co ele Lopo dazeuedo no seu nauio, & Antonio dabreu em santo Antonio, & na sua nao foy coele Vasco fernandez cou tinho por ser deffeyto ho seu nauio, & a capitania mór do mar ficou a loão lopez daluim.

Capit. ciiij. De como ho governador disse a seus capitães que auia dir a Adē: & de como se partio.



O gouernador que estava em Goa fez edo a fortaleza no passo de Benastari, lhe acabou a cerca em todo Janeiro de mil & quinhentos & treze: & assi acabou hũa torre de quatro sobrados toda de cária com suas goatitas em cada quadra, & outra torre pegada nesta, que ficaua daltura com ho adar do seu primeyro sobrado, & estava sobre ho rio, & era enmadeyrada sobre grossos piares, & cuberta a modo deira do que fazia rosto aa terra firme pera o de juzgaa a ar telharia grossa, & ao pé da torre grande estava hũ poço dagoa. E assi mādou edificar outra torre em Pangim, de q̄ as paredes parecião sobre a terra, & outras no passo de Noroia & no passo seco. E tēdo ho governador isto neste pōto, sabendo que vinha dō Garcia, embarcou se pera hire ao mar roxo, & despois de ele vido fez ainda detēga obra de cinco dias, em que despachou a hũ Francisco nogueyra, & a Gonçalo me dez que fora feytor de Cananor pera q̄ fossem ābos de dous assentar a paz cō el rey de Calicut & lhes dar fortaleza como ho principe tinha dito a dom Garcia. E partidos estes tendo ho gouernador juntos os seus capitães na sua nao, lhes disse que as cousas que ele tinha por regimento del rey, não as auia de poer em cōselho se as faria ou não, & por isso lhes notificaua que a determinação del rey seu senhor era q̄ fosse a Adem pera a tomar se podesse, & despois entrar ho estreyto de Meca. E cō tudo se ouuesse algũs incōueniētes pa aquela ida que lhos dissessem; todos disserão que não sentião nenhũ, mas que era necessario fazer aquella viagem que



el rey mãdaua que se fizesse, & assi ho assinarão em hũ auto que se disse fez, & depois se tornarão os capitães aas naos & nauios da frota, q̄ erão dezoyto com hũa carauela. E os capitães a fozza o governador, erão estes, dõ Garcia de noronha, Manuel de lacerda, Lopo vaz de sam Payo, dom João de lima, dõ João deça, Pero dafonseca de crasto, Simão velho, Fernão gomez de lemos, Ayres da silua, Simão dandrade, Antonio raposo, Duarte de melo, Ruy galuão, Jorge da silueira, Garcia de souza, Diogo fernandez de beja, & João gomez cheira dinheiro. E hãõ nesta frota mil & sete cêtos homẽs Portugueses, & mil Canarins & Malabares; & deixaua ho governador quatro centos dos nossos e Goa a fora os da terra, & seys fustas no mar, & por capitão mór delas João machado, & na fortaleza de Benastarin por alcaide mór Ruy pereyra, & assi ela como a de Goa muy bem bastiçada darte lharia. E ao outro dia depois deste conselho que digo, q̄ era em Margo de mil & quinhentos & treze, se partio da barra de Goa leuãdo a rota do cabo de Goardafũ, & por achar bonanças no Golfam, se deteu mais dias do que leuaua gizado, pelo q̄ lhe faleceo a agoa, & por isso a foy tomar a çacotora, dõ de algũs moutros farraquis que hi estauão fugirão cõ medo da nossa frota. E antes que ho gouernador surtisse, mandou a João gomez q̄ fosse espia a ponta de Calancea se auia nela algũ barco de Fartaque, pera que ho tomasse por não ir dar noua de sua ida ou algũna nao do estreyto, q̄ fizesse hi agoada. E tornandose João gomez se achar nada, topou hũa nao de Chaul que hia pera ho estreyto, q̄ ho gouernador reteue pera se ajudar do seu piloto

na carreyra Dadem porque ho não leuaua. E porque ele sabia camanha couza era Adem, & quão prestes tinha ho socorro, quis ir dali determinado no modo que auia de ter no combate, por que pouco mais ou menos tinha enfortimação do sitio Dadẽ; & ajudando seus capitães, lhes disse. Todos señores sabeis que em muyto mór medo põe ho perigo que se não espera, que aquele pera que homem vay apercebido. Isto digo a proposito da cidade Dadem q̄ himos cometer, do que seus moradores estarão bem descuydados, porque de lhes parecer que na India teremos muyta occupação, estarão descuydados da nossa ida; & quão menos apercebidos estueerem pela, tanto mayor espanto terao de nossa chegada, q̄ como louuao seja nosso señõr tem noua de quanto nos ajuda na India, hãõ de crer que pois os himos buscar, que auemos de fazer a eles o que fizemos a outros, E coeste credito muyto mór medo nos hãõ dauer se os cometemos em chegando do que auerão se ho dilatarmos, por que auẽdo dilação pode ser q̄ entrarão em si, & conhecerão q̄ sam homẽs, & que tẽ armas offensiuas & defensiuas, & quererão prouar dita, & mais tendo ho socorro tão perto que lhe não tarda ra nada. E por isso não auendo algũ impedimento que nolo impida, logo em chegando lhe ponhamos as mãos, ou polas portas com vay & vês se as fecharrem, ou polos muros a escala vista. E asentado isto se partio, & em saindo de çacotora, lhe deu hũ temporal de vêtõsul & susueste muy grande, em tão q̄ as nossas naos cõ a força dele perderão os catures que leuauão por popa, & ferão alli ate aferrar a terra ca costa do cabo de Goardafum pera dentro. E ca

stea  
dem  
C  
&  
ri  
da d  
yorc  
tro d  
mosa  
rada  
cha  
felad  
cobel  
de lo  
da ao  
caban  
la gar  
por sũ  
de m  
ho nã  
duas  
dos. E  
na &  
uore  
to da  
rão as  
cate. T  
ma sen  
& a tr  
lho ab  
ste me  
te muy  
Teme  
bãda  
tem ou  
detras  
abriga  
fundo



steando dali foy afrota auer vista Da-  
dem.

**C**apit. ciiij. Do sitio da cidade Dadê  
& de sua nobreza, & de que senho-  
rio he.



Ve hũa cidade porto de  
mar na costa Darabia  
trinta legoas das portas  
do estreyto de Meca, &  
esta é doze graos da bãn-  
da do norte, a sua cerca era então ma-  
yor que a Deoura, & a pouoação de de-  
tro do tamanho de beja. Era muyto fer-  
mosa de casas altas de sobrados & ter-  
radas porcima, de muytas genelas &  
chaminês a nossa maneyra, & tudo acã  
felado de gesso. E assi os muros, torres,  
cobelos & baluartes, pelo q se parece  
de longe. Esta quasi como em ilha situa-  
da ao pé de hũa serra q vê do sertão a-  
cabar no mar, & he talhada a piq & né-  
la garrão os muros da cidade, & a serra  
por sua fortaleza, elcua ali tanto lanço  
de muro quanto ella occupa, & por isso  
ho não ha ali: & desta banda estauão  
duas torres & hũ baluarte bẽ artulha-  
dos. Esta serra que digo se chama aizi-  
na & he toda de pedra sem nenhũa ar-  
uore nẽ herua, ao pé dela se faz ho por-  
to da cidade, em que geralmente ancõ-  
rão as naos estrãjeiras & chamasse fo-  
cate. Tẽ mais neste porto ao pé da mes-  
ma serra hũa ilheta q se chama Cirã,  
& a traueisa dela hũ molde ao porto q  
lho abriga dos leuantes, & no cabo de-  
ste molde tẽ na terra firme hũ baluar-  
te muy forte: & esta ilha não tem agoa.  
Tẽ nesta cidade duas portas, hũa da  
bãda do sertão outra da bãda do mar,  
tem outro porto q se chama Hugufu  
de tras desta serra da banda do leuante  
abrigado de todos os ventos & de boõ  
fundo, mas não he de tanta seruentia

como ho de focate: & desta banda sae  
do mar hũ esteyro cõ que a cidade fi-  
ca quasi em ilha, porq ho esteyro não  
se torna ao mar, mas fazse em alagoas  
per hũ campo, por que atrauessa hũa  
grande estrada a cidade, & ho esteyro  
tẽm hũa ponte grande & fermosa por  
onde se serue a cidade da terra firme, q  
se chama Zebid, onde ho xeque Dadê  
esta ho mais do tẽpo. Deste porto de  
Hugufuã duas legoas defronte da ser-  
ra Dadê esta hũa aldeã chamada Ru-  
baca, em que auera dezãseys pegos da  
goa, donde vay por canõs rayr em hũ  
grande tanque hũa legoa da cidade, &  
não ha nela outra pa beber se não esta  
porque he a terra tão quẽte & seca que  
logo se faz dous tres anq̃s que não cho-  
ue, se não se ha algũa toruoadã. Pela cu-  
miada desta serra da zima estão muy-  
tos castelinhõs q parecem do mar, &  
são tantos que parece que forão mais  
pera fermosura da cidade que pera for-  
taleza, & fazense neles fogos de noyte  
quãdo ha inimigos, pera que socorrãõ  
da terra. E toã quanto esta terra he se-  
ca, a cidade he muy abastãda de manti-  
mentos. sc. carnes, trigo, frũytas como  
as nossas, arroz que lhe vay da India,  
& he ho seu porto de grãde escala, pri-  
cipalmente despois que os nossos ga-  
nharão a Índia, porq as naos do estre-  
yto de Meaçõ medo das nossas arma-  
das não podião nauegar em seu tẽpo  
verdadeiro, & por ser tar de quãdo tor-  
nauão da India não podião entrar ho  
estreyto & ficauão em Adem, & por is-  
so se forão hi morar muytos mercado-  
res de Iudã, & coestres & com os que  
dantes morauão se fez de grande trato  
& ha sempre no seu porto muytas naos  
de Iudã que lhe leuão cobre, azougue,  
vermelhão, coral, panos de seda & de



laã, & assi de Barbora & Zeyla com ouro & marfim, & do Malabar com especiaria & droga, de Cambaya cõ roupa dalgodão & muytas cousas ricas. He pouoadade de mouros & dalgũs judeus, sã todos brancos, assi homens como molheres, & comunmente bem despostos, falão linguaçẽ Arabicã: he gẽte muyto viciosa & mimosa, & tratasse muyto bem no comer & no vestir, vestise de panos dalgodão muyto finos, & de seda & de laã, não sã pera fazer guerra fora de suas casas, mas se os cometem defendese bem: os fidalgos andão a caualo, porque ha anitreles muytos & muyto bõs, & assi camelos de q se feruem nos feruiços de casa. Tem senhor sobre si, que se chama Xeç, grão senhor de terras & de tesouros, estaua sempre no sertão, como disse em boas cidades. E em Adẽ tinha hũ governador de nação Abexim chamado Mira mergena valente caualeyro com muyta gente de guerra.

Capit. ciiij. De como ho governador surgio no porto Dadẽ, & se apercebeo pera a combater.



Espos deo governador a uer vista Dadem, que foy a quinta feyra da cea a noyte. Ao outro dia que foy festa feyra dẽdoenças ao meyo dia, chepgou ao porto, & com quanto hia determinado, que em chegãdo se lhe desse combate, não pode ser por vêtar logo tanto leuante, & tão rijo que as nossas naos corrião risco, & mais porque não poderão entrar no mais abrigado do porto, por amor das naos q ho tinhão ocupado, assi estrangeiras como natu- rãs, que serião bẽ sessenta. E por isso aos

nossos lhes conueo surgir quasi fora do porto, & com a tormenta que fazia se deteuẽrão hũ pedaçõ em segurar a frota das amarras, que naos ouue hi que se não segurarão cõ menos de quatro ancoras. E esta tormenta & detença, comegou de ser causa de se não tomar a cidade, porque se a cometerão em chegãdo, estauão os mouros tão medrosos da supita vinda dos nossos que se não ouuerão de defender, nem sãmõente tinhão portas a porta q estaua da bãda do mar. E como Mira mergena vio q ho não cometião, mandou logo pedir socorro a terra firme, & fortaleceose ho melhor q pode. E pera antreter ho governador com enganos de paz, depois dalcaltar ho vento, mandoulhe preguntar per hũ mouro de Cananor quem era, & que queria. E ho governador lhe respondeo que era capitão geral, & governador da India por el rey de Portugal, & q vinha ali pera poer a quella cidade a sua obediência, & despois ir buscar os rumes a Iudã & a çuez pa pelear coeles, por q lhe dizião os mouros da India q fazia lã ho Soldão hũa armada pera a madaãr a India cõtra os Portugueses. & por lhes escusar trabalho & saberem quão pouco os temia os hia buscar. E ho governador deu assi esta resposta, porque sabia que os mouros sã muyto rebolões, & hão grãde medo de feros. E Mira mergena algũ tanto ouue medo destes, & madau hũ presente ao governador de carneyros, galinhas & muytas fruytas, dizendo q a cidade era del rey de Portugal, & que se auia de fazer nela tudo quãto ele qui fesse. Ho governador pera mais assombrar os mouros, & os prouocar a se lhe entregarem, fez que não queria tomar ho presente, dizendo q os não auia de

tom  
ho m  
fiar o  
zade  
diffe  
cõ ac  
& q  
& qu  
de p  
dade  
porq  
res d  
cado  
res d  
se vi  
daua  
lhe o  
lhes  
da ci  
merg  
se et  
ele a  
goue  
cida  
nada  
zer c  
tinha  
lhe p  
da ci  
E os  
suas  
fos q  
ho er  
logo  
posta  
ra m  
que e  
nada  
respo  
amb  
merc  
man  
q lhe



tomar ate não assentar amizade. E por ho mellejeiro de Mira mergena a prefiar que ho tomasse, & que desse a amizade por assentada: o governador lhe disse que oulhasse bem o q̄ dizia, porq̄ cō aquela cōdição tomava ho presente & q̄ assi ho dissesse a Mira mergena & que se ele estava a obediência del rey de Portugal que abrisse as portas da cidade, & recebesse sua bãdeira & gēte, porque assi ho fazião os reys & senhores da India. E mandou dizer aos mercadores estrangeiros & naturais, senhores das naos que estauão no porto que se viessem pera suas naos, & que lhes daua seguro, & lhes faria tornar o que lhe os nostos tinhão ja tomado. E isto lhes mandaua dizer pera os tirar fora da cidade & ficar menos gente a Mira mergena, porque vendose com pouca se entregasse mais a sinta. E porē como ele andaua com enganos, respõdeo ao governador, q̄ como ele estava na q̄la cidade por mão do Xequê, cujo governador era, não a podia entregar sem fazer coele algũ comprimento, q̄ ja lho tinha mādado dizer, & que entre tãto lhe pedia q̄ se vissem ambos na ribeira da cidade cada hũ com vinte homens. E os mercadores respõderão que se as suas naos não forão ja entradas dos nostos que eles se forão perlas, mas pois ho erão q̄ melhor estauão na cidade. E logo pareceo ao governador nestas repostas, que os recados passados de Mira mergena erão dissimulações. E por que era tarde & não auia tempo pera nada, quis tambem dissimular coele: & respondelhe que era escusado verense ambos, se não dentro na cidade, & aos mercadores que lhes prometia de lhes mandar tornar tudo quanto dissessem q̄ lhes faltaua, por isso que não deixaf.

sem de ir pera suas naos. E como Mira mergena vio que por aquele dia ho gouerna dor não podia cometer a cidade, & que tinha tempo pera se fortalecer, escreveu logo hũa carta pera ho defenganar, em q̄ dizia que os mercadores naquela terra fazião o que ho senhor dela ou seu governador lhes mādaua, & por isso a cada hũ deles & não aos mercadores auia descreuer, q̄ eles lhe responderião, & que mal podera ele cuydar q̄ indo os frangues pera tomar Adem, se auião de contentar dhũs poucos de paos. E entendendo ho governador por esta carta que auia de tomar a cidade por força, chamou acõselho os capitães da frota somete, & disselhes. Pois nosso senhor por sua piedade nos quis fazer tamanha merce, q̄ fossemos os primeyros Portugueses que cometamos esta cidade, rezão he q̄ confiados em sua misericordia nos esforcemos, & façamos de maneyra que se não possa dizer por nos, que se outros vierão ho fizerão melhor, & se assi ho fizemos vingaremos as brassemias com q̄ estes perros offendem a magestade diuina, & ganharemos fama, & aquiriremos proueito com tãto boõ seruiço, como sera ganhar hũa cidade tãto populosa, escala de toda a nauegação dos mouros do mar roxo, & chauer de toda a fortaleza do estreyto, que tomada tira toda a esperança ao Soldão de mandar armadas aa India, & a nos de todos os sobresaltos em q̄ nos põe cada dia a vida dos rumes, & tirara a esperança dela aos mouros da India, & acabarão de se entregar por vassallos del rey meu senhor, no que receberemos grande descanso com ficar liures do trabalho da guerra: & pois acabada esta que temos antre as mãos se acaba pera nos tanta



fadiga, posto que agora a leuemos cõ pelear não nos parece se não descanso pois coela ho alcançamos: & toda nossa vitoria consiste e pelearmos tambẽ q ganhamos a porta da ferra, & se a nã ganhamos não fazemos nada, porque como somos poucos, & ho socorro dos inimigos esta certo ser muyto endemasia, tendo esta porta por sua tornarão a entrar facilmente, & por força nos hão de fazer recolher aas naos, & se lhe tomamos esta porta por mais q venhão leuemente lhe defenderemos a entrada pola fortaleza do lugar por onde ha de ser. Por isso senhores vos peço muyto que isto leueis na memoria, despois de vos lembrar que pelejais por amor de nosso senhor. Todos responderão que assi ho farião, & que com sua ajuda esperauão de poder acabar aquele feyto, & que do mais tinhão confiança em sua piedade que proueria tudo como era necessario. E ali se assentou que a cidade fosse cometida pela banda do mar, que era hũ lanço de muro tamanho como da porta doura de Lisboa ate a da ribeyra, & que os capitães fossem repartidos em duas partes, & hũa em que entrarão Manuel de lacerda, Ayres da silua, dom loão de lima, dom loão deça, Garcia de souza, lorge da silueira, Duarte de melo, Antonio raposo, loão gomez cheira dinheiro, & loãõ fidalgo capitão da ordenança, hirião com ho governador & escalarão a cidade pela parte que digo. E os capitães que ficauão, que erão Simão dandrade, Diogo fernandez de beja, Lopo vaz de sam Payo, Ruy galuão, Pero da fonsca de crasto, Simão velho & Fernão gomez de lemos trião com dom Garcia, & em os que fossem com ho governador começando descalar, come-

rião a porta da cidade, que estaua pera ho mar, neste lanço por onde auia de ser ho combate, & alem desta porta escalaria loãõ fidalgo coma sua gente da ordenança: & tanto que sobisse ao muro, trabalhasse logo por ganhar a ferra. E não pareceo bẽ que a cidade se escalasse por mais partes q por esta, porque os nossos erão poucos como disse & tinhão poucas escadas, & por muytas partes não poderião dhũ golpe poer gente no muro que corresse por ele sem medo & decesse à cidade, o que seria ao contrayro escalando por aquela sã parte. E isto assentado, entẽderão todos em se confessar: & nesta noyte ou na passada fugio da cidade hũ Abexim Christão, que fora catiuo dos mouros indo em romaria pera Ierusalẽ, & estaua em Adem. E deste soube ho governador que Mateus ho embaixador do preste que na India dizião, que ho nã era, se não espia do Solcião, q era homẽ em que a mãy do preste tinha muyta confiança, & q ho mãdaua cõ recados a muytas partes. E assi lhe deu muyta enformação do preste & de seu senhorio. E como estaua catiuo nã lhe soube dizer nada do que os inimigos determinauão, se nã affirmar lhe que se os nossos pelejassem bẽ que a tomarão: & assi era, por q Mira merena se soube despois que estaua desafiado dos seus ho ajudarem, & toda sua confiança tinha nos estrangeiros, & assi lho disse, & os animou pera a peleja, lembradolhe quão pouco duraria sua ley naquelas partes se os nossos tomassem a cidade, & que muy cedo tomarão a casa de Meca & a destruyrião, o que seria muy grande desonra de sua ley. E assentou coeles que toda sua força fizessem em defender a ferra, onde

se re  
cida  
hos  
tran  
pera  
ria, &  
leme  
nã p  
que e

Cap  
es  
lh



do h  
capel  
no se  
peliz  
de pr  
to co  
lenta  
cado  
por i  
gar su  
que n  
cheg  
nenh  
estau  
algũs  
tãõ p  
sistir  
muy  
tães q  
ou p  
entra  
mais  
pitãe  
sua g



se recolherião se os nossos entrassem a cidade, & que dali se restaurarião com ho focorro que esperauão, & fizerão tranqueyras nas bocas das ruas q̄ sayão pera a ferra, em que assêtarão artelheria, & assi taparão a porta do mar com lemes de naos, tamanha era a pressa q̄ não poderão com mais, & esperarão o que os nossos farião.

Capit. cv. De como a cidade Dadê foy escallada pelos nossos, & do que lhes acontoeo.



O outro dia ante manhã, que foy vespora de Pascoa, se ebarcou ho governador cō todos os capitães & gête da frota, & em rompê do ho dia abalarão pera a cidade, & hũ capelão do governador que hia coele no seu batel leuaua vestida hũa sobrepeliz, & nas mãos aruorada hũa cruz de prata com hũ crucifixo, & dezia alto como aquela imagê que vião representaua a de Deos verdadeyro crucifcado por lhes dar a gloria do paraíso, por isso se deuião desforçar pera exaltar sua setã se, & assi outras cousas cō que mouia todos a deuação, & coisto chegarão a terra, em que poiarão sem nenhũ trabalho, porque os immigos estauão todos recolhidos na cidade, & algũs aparecião sobre ho muro, mas tão poucos que não abastauão pera resistir aos nossos, que coisto receberão muyto grande danno, porque os capitães que hião ordenados pera escalar, ou por cobicia da gloria da primeyra entrada na cidade, ou por se prezarem mais de bõs caualeyros que de bõs capitães quizerão sobir primeyro que a sua gente. E ho primeyro que posa sua

escada no muro foy dom Ião de lima, & logo sobio por ela com hũ pajc seu chamado Diogo estaço natural Deuora que lhe leuaua ho seu guião, & hia diante dele. E vendo os mouros q̄ estauão sobre ho muro sobir estes dous acodirão logo ali, & começarão de lhes tirar muytas frechadas, zagunchadas & pedradas: & de tudo isto foy morto Diogo estaço, & dom Ião ferido de seys feridas & pisado de muytas pedradas, pelo q̄ ninguê quis sobir a pos ele. E vendo que ninguem sobia & que só não podia resistir aos que lhe cõtrariã uão tornouse a decer, bradando se auia algũs caualeyros que quisessem sobir por aquela escada & pos se ao pé dela. Acoadio então dom Garcia de noronha & disse que ele queria sobir: o que lhe dom Ião estoruou, dizendo que não era bem que sobisse, porque acontecedolhe algũ desastre se pderia muyto, & por isso não sobio dom Garcia & sobirão outros. Neste tempo tinha ja sobido ao muro Iorge da silueira, q̄ foy ho segando que sobio a pos dom Ião & hũ criado seu coele, & sobio se cõtra dição por os mouros q̄ estauão sobre ho muro estarem afastados daquele lugar onde sobio, & logo aruorou seu guião, dizendo. Vitoria, vitoria. E os nossos que tinhão postas as escadas aluorçaramse tanto vendo ho sobre ho muro, que começarão muyto de pressa a sobir por elas, & sobio logo dõ Ião deça, & coele Gaspar cão & hũ Iorge dorta & outros ate oyto homẽs: & isto sem resistencia, por ser perto donde sobira Iorge da silueira. E com quanto os mouros que estauão no muro erão poucos, não fugirão logo em vendo sobir os nossos, antes resistião muy fortemẽte, principalmete de sobião Manuel de



lacerda & João gomez cheira dinheiro & foram feridos algus dos nossos, ante os quais foy Antonio ferreyra fogaga, q̄ foy derribado da escada abaixo. E como os capitães era os primeiros q̄ sobia & a sua gête ficava sem que os madalesse, começa dauer tamanha defordê no sobir, & carregar tanta gête sobre as escadas q̄ começaram de quebrar, & a primeyra foy a de Garcia de souza, ido ele rão pto do muro que sentindo quebrar a escada lançou as mãos a ele & ficou de pedurado. Ho governador estava ali muyto agastado de ver a defordê dos capitães no sobir, & alli de sua gête, bradando a todos q̄ se não desordenassem porê aproueitava pouco, q̄ ho aluoroço dos nossos era tamanho, & alli a defordê, que nem dauão polos brados do gouernador nê polas pancadas q̄ daua pamer a gente em ordê. E vêdo ele que brada a escada de Garcia de souza, mādoulhe acodir cō outra por onde se deo: & Garcia de souza não quis tornar a sobir ao muro por escada & foyse ao longo dele, & logo hi pto estava hū cobelo q̄ tinha hūa bōbardeira rasteira cō hūa bōbarda q̄ Garcia de souza cō outros da sua nao afastou & entrou por ali coeles, q̄ serião ate sesêta homês, & a possuuse do mesmo cobelo cō determinação de se fazer ali forte ate etnar mais gête, pera q̄ feytose em corpo decessê à cidade & peijassem com os mouros q̄ parecião muytos & estauão recolhidos pera a bāda da serra sem oufarê ate então de resistir aos nossos, q̄ como digo se apresauão muyto a sobir polas escadas sem dar pelo q̄ ho governador lhes dizia, q̄ temêdo o q̄ foy mandou aos alabardeiros da sua goarda q̄ posessem as alabardas por forquilhas de batxo das escadas pera as ajudar a soste

q̄ não quebrassem, mas tudo isto não a proueitou nada, & as escadas q̄brarão, & quebrarão as alabardas & os alabardeiros cayrão debaixo da gête, de que hūs foram escalaurados outros pisados, & cō tudo aleuantarãse logo. E neste tēpo quebrou també a escada dos da ordenança, tendo ja sobido sobre ho muro Anriq̄ homê hū dos seus capitães cō obra de cê homês, & loão fidalgo ho outro capitão estava ao pé do muro, a q̄ ho governador logo mandou q̄ fosse ao logo dele contra a serra, & trabalhasse por sobir a ela, & dali decer a cidade, ôde se ajuntaria cō Anriq̄ homê que també hia perala. E mandandolhe ho governador isto, tornou sobre os nossos onde quebrarão as escadas, & achou de posse do cobelo a Garcia de souza & cō seu guião leuandoo: & alli outros polo muro q̄ estauão encima q̄ndo as escadas q̄brarão, q̄ foram Vicete dalbuquerque, Ruy palha de Satarê, loão gôcalvez de castelo branco, Manuel da costa feytor das p̄sas, loão datayde, & dō Aluaro de crasto. E os nossos muyto aluoroçados q̄ carregauão todos ao pé do cobelo pera entrar, & por q̄ não cabião pola bōbardeira, mandou ho governador destapar outra també rasteira q̄ estava no muro a partada desta tão espaço quão occupaua a roda do cobelo: & por esta q̄ ho gouernador mandou abrir apparecerão muytos mouros e hū terreiro q̄ se alfazia, a q̄ ho governador mādou logo tirar pelos besteiros & esp̄iãrdeiros q̄ os fizerão afastar pera hūa ilha ga, & os nossos começaram a entrar, & ho primeyro foy ho clerigo q̄ leuaua a cruz, pedindo a todos por amor de nollo senhor q̄ entrassem, & logo entrarão. Aytes da illua, Antonio raposo, Duarte

de m  
che g  
a por  
te ille  
q̄ nã  
tas p  
pou  
dauã  
Bra  
& v  
queb  
serã  
gon  
& ba  
q̄ a n  
ho m  
bauã  
derr  
acab  
Garc  
do et  
noss  
roga  
estau  
bard  
tam  
dos c  
foy p  
stau  
es pe  
nha  
se de  
por  
enue  
mey  
de, e  
nã  
tra g  
mad  
nã  
vio,  
pof  
aida



de melo com ate corêta homês. E nisto che gou ali dô Garcia, q̄ indo cometer, a porta q̄ lhe era encomêda da q̄ comete elle, achou as portas muy bẽ fechadas q̄ não eão fortes, & tinham hũas gretas por q̄ se via o q̄ estaua dẽtro, q̄ era pouca gête, nẽ em duas torres q̄ goardauão a porta dhũa banda & da outra Bradarã então os capitães por hũ vay & vẽ que dô Garcia mandara leuar pa quebrar a porta, & os q̄ ho leuauão po ferão tão pouca diligẽcia q̄ quando chegon tapauão de dẽtro a porta de pedra & barro sem os nossos poderẽ estoruar q̄ a não tapassẽ, & nas torres & sobre ho muro auia muytos mouros q̄ derribauã de cima grãdes pedras, & cõ hũa derribarão a Simão dãdrade: & assi se acabou a porta de tapar. O q̄ vêdo dô Garcia, & parecẽdo lhe trabalho perdi do estar ali mais, por lhe nã matar os nossos se foy o de estaua ho gouernador, rogando aos capitães & à outra gête q̄ estaua hitoda jũta q̄ entrassẽ pola bõbardeira q̄ mãdara abrir, & dô Garcia tambẽ lho ajudou a rogar, mas nenhũ dos capitães quis êtrar. E a causa dısto, foy por q̄ dô Garcia não entraua, q̄ mostraua q̄ era capitão mór & eles capitães pequenos, & ouuerão isto por tamanha desonrra q̄ não quiserão entrar, & se dô Garcia entrara, eles êtrarão. E ho por q̄ tambẽ deixarão dẽtrar, foy com enueja de Garcia de soufa q̄ entrou primeyro q̄ todos, & se se tomara a cidade, ele ouuera de leuar toda a hõrra, & não querẽdo entrar, não quis êtrar a outra gête, q̄ se entrarão a cidade fora tomada, por q̄ se zũdo parecia os mouros não oufauão de bolir consigo. E bẽ se vio, por q̄ despois dentrarẽ Antonio ra pofo, Ayres da silua cõ outros que disse aida q̄ erão poucos, nã oufarão os mou

ros de os cometer. E esperando Ayres da silua q̄ entrassẽ mais gête pera se fazer em corpo & dar nos mouros q̄ alli parecião polas bocas das ruas que erão muytos, possẽ naq̄le terreyro q̄ se fazia diante do cobelo em q̄ estaua Garcia de soufa, & vêdo q̄ tardaua a gête em entrar, requireo a Garcia de soufa que decelle do cobelo & se ajutassẽ todos, & darião nos mouros. E ele lhe pedio q̄ sobissẽ & q̄ se farião fortes naq̄le cobelo ate entrar mais gête, por q̄ assi ho fizera ho cõde de Monsanto na toma da Darzila, & q̄ isto seria melhor que irẽ cometer os mouros sendo tão poucos, pois dali a pouco os podião cometer sendo muytos, & estaua mais certo desbaratalos do q̄ então estaua. E Ayres da silua não quis, o q̄ tambẽ foy causa de se a cidade nã tomar. E em quãto estauão nestas praticas polos rogos q̄ dô Garcia fazia à gête q̄ entrassẽ, pois os capitães não querião entrar. Hũ ho mẽ que tinha ho guião de Manuel de lacerda (cujo nome não pude saber) ficou a lança na areia, & arrãcãdo da espada, & embraçãdo a adarga, disse q̄ lhe deissẽ lugar q̄ queria êtrar, & entrou, & apos ele entrarão hũ loão de meira & frey Christouão çarnache, caualeyro da ordẽ do spirtual de sam loão de Ierusalẽ, q̄ agora he comẽdador de Poiãres jũto de Lamego, Baltesar môteiro do porto, Anrriq̄ figueyra filho dhũ alcaide de Lisboa, & loão de caminha q̄ agora he vedor da ifante dona Isabel: & estes erão da capitania de Manuel de lacerda, q̄ nã quis êtrar coeles nẽ entrou mais ninguẽ. E cyclando eles que entrassẽ, passarão auante, & forão dar Santiago nos mouros, assi Ayres da silua & os outros que estauão coele, & então deixarão de tirar os nossos espigar



deiros & bêsteiros porque os não matarem. E cuydando os mouros que entrassẽ mais dos nossos, deixauãse estar com quanto erãõ muyto mais que eles, & defendianse dali muy bem, & os nossos matarãõ algũs deles, a fora muytos que os espingardeiros & bêsteiros tinhamõ mortos pola bõbardeira. E estando nisto, Anrrique homẽ que ficou no muro com os q̃ disse da ordenança foy correndo por ele ate chegar à serra onde sobio pera decer à cidade, & os mouros que estauão nela ho não deixarãõ, & resistirãõlhe tão fortemente cõ frechadas, & galgas que deitauão pela serra abaixo q̃ ho fez fugir cõ lhe matar algũa gente, & tão desmandada vinha que desbaratou a de Ioão fidalgo que queria sobir, & assi hũs como os outros se desordenarãõ de maneyra que aida que ho governador acodio pera os fazer tornar a sobir nunca pode. E entẽdõdo Mira mergena ho desbarato dos da ordenança que hiãõ cometer a serra, & que nem polo muro nem polas bombardes não entrauãõ dos nossos mais que os que disse, ouue os que estauãõ detro por perdidos: & armado de hũa saya de malha & de hũa capacete encima de hũa caualo, ajũta dos seus hũ bo golpe pera ir sobre os nossos. E passando polo pẽdo muro onde estaua lorge da silueira, como ho muro da parte de dentro não era daltara dhũ homem, lançou hũ mouro mão da haste do seu guião & leuouho: que vẽdo lorge da silueira como era caualeyro de muyto efforço, lançouse logo do muro abaixo ante os imigos pa cobrar o seu guião, & começou de fetir neles, em que fez muyto pouco danno porque acodio logo Mira mergena, & encontrouho cõ ho caualo & derribouho, & ali foy mor

to: & tambẽ ho ouueã de ser dõ Ioãõ deca q̃ estaua abaixo do cobelo de Garcia de souza, & saltou em baixo pa lhe acodir, & quando ho vio matar retirou se pera ho muro, dondelhe deu a mão hũ bombardeiro chamado Gales, que ho ajudou a tornar a sobir, & dalise de fendeo com outros algũs dos mouros que alifcarãõ pelejando coeles. E Mira mergena passou auante & deu em Ayres da silua & nos outros nossos que estauão pelejando com os seus que cobrarãõ coraçãõ com a vinda de Mira mergena, & derãõ tão rijo nos nossos que os fizerãõ retirar pera ho pẽdo cobelo onde estaua Garcia de souza, & neste retirar forãõ muytos dos nossos feridos, principalmente Ayres da silua, que dizem que ficou quasi sem acordo & Ioãõ de meira, a quem quasi deceparãõ hũa perna, & Ioãõ de caminha ouue hũa frechada em hũ dedo da mão dereyta de que despois ficou aleijado, & ficarãõ tão mal tratados q̃ se os mouros apertarãõ coeles ouuerãõ de matar a todos, mas não ouuãõ de se chegar muyto porq̃ ficauãõ descubertos da bombardeira por õde lhe os nossos espingardeiros & bêsteiros q̃ estauãõ de fora tirauãõ. E Garcia de souza que estaua no cobelo, nẽ os outros que estauãõ sobre ho muro nã lhe podião acodir, porque tinhãõ bẽ que fazer em se defender dos mouros q̃ neste tpo os aprauãõ muyto cõ frechadas & pedradas, & eles lhe nã podião fazer nenhũ nojo porq̃ não tinhãõ laças, q̃ como auãõ descalar nã os leuauãõ, & tambẽ erãõ tantos, & ho cobelo tão peqno q̃ se nã podião reuoluer, & nẽ podião valerse a si nẽ acodir aos q̃ digo, q̃ nosso seõõr saluou milagrosamẽte dõ nã serẽ todos mortos, porque estãõ neste cõ

flito  
diãõ  
aos  
rãõ  
de p  
das  
& se  
pall  
artel  
salua  
na p  
se na  
noff  
fayr  
tofe  
a raf  
da, q  
nou  
mar  
nhũ

Cap  
de  
fi



logo  
& de  
sobre  
zagu  
nãõ  
diffe  
q̃ os  
cia d  
(que  
ele et  
força  
tama  
fa qu



frito, vendo os mouros que lhes não podião chegar cô medo de se descobrir aos nossos espingardeiros, determinação de os queymar, & foy com feixes de palha que algũs pofirão nas pontas das lanças pera lhe chegarem de longe & se não descobrirem. E este artil da palha inuentarão por não terê nenhũs artefícios de fogo, & ele foy o que fez saluar os nossos, porque posto ho fogo na palha foy tão grande ho fumo que se não vião hũs aos outros. E vendo os nossos como nosso senhor os ajudaua, sayranse com muyta pressa, & os muyto feridos leuão os outros aas costas & a rasto, & assi se saluãõ com sua ajuda, que ele parece que foy o que ordenou que os mouros os quisessem queymar daquela maneyra, que doutra nenhũ ouuera de ficar viuo.

Capit. cvj. De como morreo Garcia de souza & se saluãõ os nossos que ficauão no cobelo.



Com tantas defordês, como polos peccados dos nossos aqui ouue pera não se tomar a cidade, ficarão os mouros tão victoriosos que logo se ajuntarão todos diãte do muro & do cobelo, & cô grãde furia chouiã sobre os nossos pedradas, frechadas & zagunchadas, que vendo como eles os não podião offender polas causas que disse, chegauanse a eles tão sem medo q̄ os ferião a bote de zaguncho. E Garcia de souza preguntou ao gouernador (que bem via de fora ho aperto em q̄ ele estava) q̄ faria, & por ele ser tão esforçado caualeyro como era ainda em tamanho perigo, não queria fazer couisa que se podesse chamar couardia, &

por isso se não quis deitar do muro abaixo como algũs fizeram por lhe dizerem de fora que ho fizesses. E ho gouernador estava tão agastado de perder ali hũa cidade, que por defordês perdera, que lhe não respondeo: & dõ Garcia ordenou cordas pera lhe darẽ com lanças atadas hũas nas outras pera se decer por elas com os seus. E vendo Garcia de souza que lhe não respõdia ho gouernador, parendolhe que nã tinha saluação, quis antes morrer como caualeyro que como desesperado, lançandose do cobelo abaixo que era muyto alto, & tomando consigo a Gaspar cão, & a Diogo estaço Deuora tio do outro Diogo estaço, que leuaua ho guião de dom Ioã de lima, pos se diante de todos, & com grande furia lançarão mão dalgũs zagunchos dos inimigos que lhes leuarão das mãos, & coelles se pofirão por escudos dos outros, & certo que defecerão que não entrassem os inimigos coelles: & Diogo estaço foy ferido de hũa pedrada no nariz q̄ quasi lho quebrou, & ouuera de cayr da grande dor que sentio, & Gaspar cão foy ferido de hũa frechada per hũ hombro, a fora terem ambos as adargas empenadas de frechas, & assi Garcia de souza, a que tambem derão hũa frechada na testa por debaixo da borda do capacete que lhe chegou aos miolos, & dela cayo morto. E neste tempo estava ainda dom Ioão deca sobre ho muro, que se não quis deitar abaixo como os outros, posto que lhe dizião que ho fizessẽ em quanto se não acabauão daparelhar as cordas. E ele não querẽdo, respõdeo a Manuel de lacerda que lho dizia, que o que seu pay nẽ auõs nunca fizeram não auia ele de fazer q̄ se ho quisesse saluar q̄ possessem hũa cidade.



& que deceria como sobira. E então se remedeou hũa escada de pedaços atados & por ela se deceo, & depois de de sidoele, deu aos do cobelo hũa corda posta em duas lanças atadas hũa na outra tão alto era ho cobelo. E tomada a corda que era tão comprida como ele foy atada nas ameas do cobelo, & por ela se deitarão os nossos abaixo. E ja neste tempo se recolhia ho governador, & dom Garcia com os outros capitães, & sua gente com muyto grande desordem, & como por força porque recebiam muyto dano de dous tiros q̄ Mira mergena mandou affestar nas duas bombardeiras por onde os nossos entrarão, & tambem porque começaua decher a maré cō que se cobria a praya da cidade, E coesta pressa se embarcaram logo os capitães como virão embarcar ho governador & dom Garcia, & quasi que ficaua a gente por embarcar: & se os mouros sayrão a este tempo poderão os nossos ver se em grande perigo, o que vendo Manuel de lacerda, nã se embarcarem todos, & mais mãdou recolher todos os pedaços das escadas, porque não ficassem por testemunhas do defarranjo dos nossos. E estando nisto sendo os do cobelo todos deitados abaixo, appareceo sobrele Gaspar cão, que estaua na escada, õde se pos depois da morte de Garcia de souza, & ali defendia a entrada aos inimigos, & tão embebecido estaua na peleja que não sentio que se recolhião os outros, & quando se achou sō foy demãdar as ameas, onde as cordas não estauão. E Manuel de lacerda & Antonio ferreyra fogã q̄ estaua coele & outros, lhe bradarão q̄ se fosse onde estauão, o que ele não pode entender por os mouros estarẽ qua

si pegados coele, & a grita ser muy grã de de dẽtro & de fora. E não achando ele as cordas, fez ho final da cruz & deixou se cayr do cobelo abaixo, & quebrou hũa perna, & polas feridas que trazia lhe arrebẽtou muyto sangue, & depois morreo disto na ilha de Camarão, & aposele saltou hũ bombardeiro da nao de Garcia de souza q̄ trazia hũa besta debaixo do braço, & este ficou são. E depois de todos embarcados, se embarcou Manuel de lacerda sendo depois de meyo dia, õde logo foy chamado do governador pera conselho, sebre se hirião tomar ho baluarte do molde que atraueflaua da ilha de Ciraa cidade, de que os inimigos tirauão as nossas naos (que estauão quasi pegadas coele) muytas bombardadas, especialmente aa nao de Manuel de lacerda que estaua mais a tiro. E estando ho governador em conselho com seus capitães como ho mandaria tomar, ho mestre da nao de Manuel de lacerda, que se chamaua Aluaro marreyro sem saber ho conselho em que ho governador estaua, começou de se agaltar com as bombardadas que tirauão aa nao, & disse que não auia ele de sofrer que lhe tirasse hũ negro; & isto dizia pelo bombardeyro mouro. E ajuntando os marinheiros da nao, saltãno esquite, & cõ essas armas que tĩnhão, que erã lanças & espadas, foy abalroar ho baluarte, & como nele não estaua mais que ho bombardeyro que tiraua como vio os nossos fugio, & ho baluarte ficou em poder dos marinheiros, que acharão dentro vinte sete peças d'artelheria de ferro, & antrelas auia algũas que tirauão pelouro de pedra do tamanho dos nossos camelos; & quando ho governador acabou ho cõselho

com o  
luarte  
to led  
a Alua  
ele na  
a arte  
luarte  
lizada  
rogou  
se bat  
isso a  
hũ lar  
ho go  
pera i  
& que  
nã a p  
Cam  
to pe  
nã c  
ua no  
neces  
porto  
der, &  
dous  
inuer  
nenh  
q̄ naq  
deria  
eles n  
era fo  
verda  
quez  
dão &  
Mag  
& faz  
fazer  
nã o  
toma  
& tra  
afro  
teue  
rega  
& qu



com os capitães que tomassem ho bualarte: ele era tomado, de q ficou muyto ledo, & fez muyta honrra & merce a Aluaro marreyro & aos que forão co ele naquele feyto, & mandou recolher a artelharia. E com a tomada deste bualarte, a gente que estaua muy escandalizada de se não tomar a cidade, se aluo roçou de maneyra q dizia que lhe desfe bateria, & que desembarcassẽ para isso a artelharia, & coela derribassem hũ laço do muro pera entrar. O que ho governador não quis, dizendo que pera isso era necessario fazer detença, & que não tinhamo agoa em abastança, nã a poderião tomar se não na ilha de Camarão q estaua das portas do estreito pera dentro, onde não podião ir se não com a moução dos leuantes q estaua no cabo, & acabadoselhe a agoa de necessidade auião diuerner naquele porto, & punhãe em cõdição dese perder, & pa tornar a tras auião desperar dous meses & meyo pera se acabar ho inuerno da India, & nã podião tomar nenhũ porto dos nossos, quanto mais q naquelles dias que ali esteuissẽ poderia vir a cidade tamanho socorro q eles nã poderião coele, & por isso lhes era forçado não se deterem. Porem a verdade era querer ir ho governador a guez & a ver vista da armada do Soldão & pelear coela, ou quando não ir a Maçua pa saber a verdade do preste, & fazer hi fortaleza se a não podesse fazer nas portas do estreito, & quando não podesse, ir inuernar a Ormuz & tomala. Mas isto nã dizia ele a ningũ, & trabalhou dali por diante e reuocar a frota fora do porto a toa, no que se de teue dous dias, em que mandou desregar essas naos que estauão no porto & queymalas. E assi mãdou descobrir

ho porto Dagufu per Simão dandra de, Manuel de lacerda, Pero dafonseca de crasto & Simão velho, q forão em seus bateys pelo esteyto ate se poerem onde virão os piars da ponte q disse,

Capit. cvij. De como ho governador se partio pera ho estreyto, & da descripção deste estreyto.



O governador como tinha e segredo a sua ida ao estreito tanto que teue a frota fora do porto Dadem a deradeyra ou segunda oytava de Pascoa se fez aa vela caminho das portas do estreyto (que sam trinta legoas Dadẽ) sem tomar parecer de pilotos nem dos capitães, do q todos teuerão muy grãde descontentamento. E os pilotos se ajuntarão & lhe forão querer que não fosse ao estreyto, porque não podião la nauegar se não com leuãtes, cuja moução não duraria mais que ate fim Da abril, que seria muy cedo, & pera se tornar aa India que seria inuerno, & que a não poderião tomar, & q se perderião: & pera inuernarem no estreyto não tinhamo se nã a ilha de Camarão, q ainda que teuisse agoa não tinha mãmimentos & que morreria a gente a fome, que ou lhasse o q fazia porque se hia a perder. E ho mesmo requerimẽto lhe fizerão os capitães. E ele respondeo que sabia o que fazia, porque era por mandado del rey. E ainda q eles vião todos q era assi como dizião, & conhecião claramente q hiao a morrer, a lealdade Portugueza os forçaua ir por sua võtade soltos sem irẽ presos cõ que sabião q os leuaua ode se auião bẽ daueturar a morte. E prosseguido sua viajẽ pos nela dous dias por amor do roitpo q lhe fazia & achou q toa a qãla coiza era lipa &



parel de boõ fundo pera surgir em qualquer parte. & isto ate as portas do estreyto a que os mouros chamão Babel Maã deb, q̄ estão em altura de doze graos & dous terços da bãda do norte: he aqui ho mar muyto estreyto, & por isso he chamão as portas. Da bãda do sul vay a Abexia terra do preste a que os mouros chamão Ajê, & he na Arabia deserta ou Petrea a q̄ eles chamão a ilha darabia. Nesta boca ou portas do estreyto está hũa ilha a que os mouros chamão Mihũ & jaz atrauefada neste estreyto da banda Darabia, he toda de pedra grõffa, & miuda solta; não ha nela nenhũa agoa, nẽ aruore nem herua, & choue nela muy poucas vezes. Antre esta ilha & a terra firme se faz hũ canal daltura de doze braças de menos largura hũ pouco que Dalma da a Lisboa, & passam por ele todas as naos dos mouros que vão pera dentro do mar roxo. E defrõte desta ilha está outra ilheta tambẽ sem agoa, em que morão os pilotos que leuão as naos que vão a Iudã que os mouros chamão rubês, & sam grandes sabedores daquele mar no conhecimento dos baixos, & leuão por cada hũa ate trinta cruzados, & de Mihum a esta ilheta se passa de baixa mar a pẽ enxuto. Fazse mais outro canal antre Mihum & a terra do preste, que tem de fundo altura de vinte cinco ate trinta braças, & de largura como de Lisboa onde chamão de barra a barra, & por este nauegão poucas naos: chamão os mouros a este mar na lingua arabiga baharquezũ, que quer dizer na nossa mar çarrado, porẽ mar roxo como lhe nos chamamos he mais proprio vocabulo, por auer nele muytas malhas d'agoa vermelha como san-

gue. E da causa desta vermidão não pude mais saber, senão que se causa do reuoluimẽto da agoa com as marcs, no que parece q̄ a lugares he ho fundo deste mar d'era vermelha, & ainda se afirma que he todo, porque nele não ha correntes d'agoas se não mõtante & jufante que ẽtra dẽtro & sae pera fora, & por ser aparcelado & de pouco fundo, quando faz vento rijo se he ponẽte cor re a agoa mais rijo pera fora, & se he luante pera dentro, & estes dous vêtos sam os naturais que cursam neste mar, & terreno poucas vezes, nem ha nele traueffões nẽ toruoadas nẽ outras, nenhũas tormentas, & em todo tempo se pode nauegar em hũs nauios peqnos q̄ se chamão geluas q̄ andão a remos, & a vela se he faz tempo pera isso. Das portas deste estreyto ate a cidade de quez que he no cabo dele ha trezentas & cincoenta & cinco legoas, que he ho comprimento, & no mais largo tẽ trinta legoas, em que os mouros fazẽ tres repartições pera sua nauegação, & fazem deste mar doze gemas q̄ sam tres singraduras de dez legoas cada hũa, & repartenas assy. Fazem quatro gemas (que he hũa singradura) de mar cujo ao longo da costa Darabia ate quez cõ ilhas, baixos & parceiros, que tem de fundo de noue ate doze braças, & as nossas naos podẽ nauegar por ele cõ boõ tẽto de dia mas não de noyte, & outras quatro tambẽ de mar cujo ao longo da terra do preste ate hũ porto q̄ se chama coçaez, que está quasi norte sul cõ ho Toro na costa Darabia ao pez do monte Sinay trinta legoas de quez, & fazem outras quatro gemas de mar liço pelo meyo do estreyto a q̄ chamão mar largo, que tẽ fundo de vinte cinco ate corõta & cinco braças, porẽ he tã



estreyto que os q̄ vão por ele v̄ terra dambas as bandas. E os rubães que se tomão não sampera este mar limpo, se não pera quando sam tempos contrayros, pera buscarẽ qualquer das costas & lhe darem surgidoyros, & antre aq̄ las ilhas & baixos; porque por este mar largo mandão a via os pilotos que vão da Índia, & nele a meyo estreyto estaa hũa ilha que se chama Zebelçocor, & alem dela contra Iudã estã outra que se chama geibão, & tẽ boõs portos. Das portas do estreyto ate a ilha de Camarão da bãda Darabia he tudo señorio do xeque Dadem, & ao longo do mar sam tudo aldeas, nem ha portos princi pais, somente pôtas, que hũas abrigão de leuãtes outras de ponêtes: & da ilha de Camarão ate perto da cidade de Iudã q̄ sam cento & sesenta legoas, tinha seu señorio hũ grand de senhor mouro chamado ho Xarife de gizem, q̄ teria seyscentos de caualo. E de Iudã ate Toro que sam cẽto & trinta legoas era de Xarife poreate señor de Meca, & assi dalgũs alarues que morauão por esses desertos: & de Toro ate guez ha trinta legoas, & era do señorio do Soldão. E nauegando ho governador caminho das portas, mãdou diãte a nao de Chaul que leuaua em sua conserua, & vinte Portugueses nela, pera q̄ lhe tomassẽ hũ rubão de que tinha necessidade pa sua viagem: & assi ho fizeram. E ho gouernador chegou com toda a frota aas portas do estreyto vespera da vespera da pascoela. E dando muytas graças a nosso señor de ser ho primeyro gouernador que fora ali ter com armada, & on le nunca chegara neahũ Christão, mãdou saluar as portas com arrelharã de toda a frota, & despoys cõ as trôbetas, cõ grãdes gritas & festas de folias:

& foy toda a frota embãdeirada & surgio das portas pera dentro no pouso dos leuantes.

Capit. viiij. De como ho governador chegou aa ilha de Camarão.



Porque leuaua pouca agoa não se quis mais deter pa ir a Maçua onde desejava de de fazer fortaleza, por ser do señorio do Preste, por que vió que era ali mais proueitosa que nas portas, nem em Camarão. E tomados os rubães de q̄ tinha necessidade se guiou rota de Zebelçocor, & porq̄ de la por diãte auia de nauegar polo mar gujo da bãda Darabia, por onde as noffas naos não podião nauegar se não de dia, mãdou publicar pola frota q̄ dali por diante auia de surgir duas horas antes de sol posto, porq̄ não se fizesse algũ mao recado se surgissem a noite. E surgindo aq̄le dia tomarã os noffos duas naos de Barbora & de zeila, q̄ hião pa luda carregada de mãmimetos: & da gête dela algũa foytomada, outra se saluou a nado. E despejadas as naos forão q̄ymadas, & aos mouros mãdou ho gouernador decepar as mãos, & cortar os narizes & orelhas, & mãdou os lançar em terra q̄ era do señorio do xeq̄ Dadẽ, & assi ho mãdou fazer dali por diãte a q̄ntos mouros tomou, somete aos de Camarão. E proseguindo daqui sua viagem, querẽdolhe os rubẽs dar porto e hũa enseada dũ lugar chamado Luia arribarão a terra: & ho rubão do gouernador q̄rendose mostrar mais sabedor q̄ os outros, bradou q̄ fossem a orçã q̄ nto podessẽ, & por aq̄le caminho não dobraua hũa põta & restiga detras de de auião de surgir. E indo sondado, mi goaua ho cordel de tres & q̄tro braças de cada golpe, como fundo dalfaques,



& não de parcel. E nisto deu a nao em hū bāco que staua em fundo de quatro braças & meia; & ho governador que se vio naquelo perigo, prometeo a nossa senhora de mādār fazer em Goa a sua honra hūa casa da auocação de nossa senhora da ferra, que assi era ho nome da sua nao, & assi mandou fazer depois, & mandou ao seu piloto q̄ surgisse no baixo, cuydando que fosse mais baixo a diante. E não querendo ho piloto, lhe disse ho governador que lhe cortaria a cabeça. E ele respondeo que cortasse, porque se surgisse que se perderia a nao, que logo sayo do baixo em cinco braças & meya, & então surgiu, & assi surgirá Lopo vaz de sam Payo, dō João deca, Pero dasōseca de crasto, Fernão gomez de lemos & Simão velho que hião na esteira dō governador & dom Garcia, Simão dandrade, Manuel de lacerda & Aires da silua q̄ hião ao pego, & todos lhe forão acodir em seus bateys. E os outros capitães q̄ hião diante não surgirão, pelo que ho governador auēdo disso menēcoria, mādou a Lopo vaz de sam Payo que ficasse na sua nao, ordenādo como se tirasse dali, porque ainda não estaua segura de todo, & foy ē hū batel a pos os outros capitães & mandou os surgir, & forão lhe todos ajudar a tirar a nao do banco reuocandoa cō os bateys, & sayo segura ao pego, & sem fazer nenhūa agoa, & dali mādou diante a dom Garcia cō algūs capitães nos bateys de seus nauios, pera que se posessem nos portos da ilha de Camaráo que estaua perto, & deteu ellem os mouros se a quisessem despejar; & quando os nossos chegarão acharão que os mouros a despejauão, & se hião pera a terra firme com medo dō governador que sabião que vinha,

& os nossos tomarão algūs geluas, em q̄ catuarão homēs & molheres, & tomarão hūa nao do Soldão & outra de mercadores q̄ estauão furtas & duas q̄ estauão varadas. E despois disto chegou ho governador a Camaráo q̄ está da bāda Darabia em quinze graos da parte do norte, & está tão longe da terra firme como de Lisboa a Almada: por antrela & a terra firme passam as naos que vão pera fora do estreito, & pera dentro. Tem boō porto & seguro de todos os ventos & boa tença das ancoras. A terra em si he areosa, & foyente em hūa parte que he alagadiça do mar, tem algū aruoredo de mangues, porē muyto pequenos, tē muyta agoa, & em muytas partes, & ē todas ha termedays derua tamanhos como hū punho, & esta cria ho gado tão como se fosse muyta & vigoia, & assi ha muyto na ilha & gordo, & no mar muyto & boō pescado. Aquí fazē todas as naos que nauegão ho estreito suas agoadas & carnajēs, & era grande escala Dadē. Foy antigamente pouoadā de muytos mercadores que tratauão na terra do preste, de que trazião muyto ouro, & Darabia lhe hião muytos mantimētos de trigo, carnes & fruytas como as nossas; & aida ho governador achou muyto rasto de quão nobre fora em outro tēpo, assi em edificios antigos de casas como de mezquitas, & tudo de cantaria, & aqui achou que vetauão jā os portos, que erão cōtrairos pera passar auante, & por lhe os rubaēs dizerem q̄ ainda auião de tornar leuantes, se deu tanta pressa em fazer agoada, & carnajem, que a fez em sete dias, & neles forão tomados algūs mouros que ficarão na ilha sem poderem passar a terra firme, & antres hū que fora xeq̄ da ilha

de D.  
se pel  
E tor  
se par  
os da  
chega  
te mi  
que o  
ouija  
dā no  
torna  
deixo  
a ago  
a Car  
dond  
os rub  
sul hū  
torna  
& que  
preste  
& hūa  
ra faz  
da am  
& po  
lhe da  
manti  
que di  
cruz a  
bre qu  
do se p  
na cru  
ho go  
esta cr  
do cō  
ho go  
senho  
assi ho  
tos qu  
poder  
rão qu  
& que  
irão o  
derião



de Dolaqua, & da de Maguã, & da e q se pesca ho alfofar, & hũ seu sobrinho. E tornado os ponêtes, ho governador se partio muyto cõtra vòtade de todos os da frota, parecendo lhe que podesse chegar a Iudã. E era ho clamor da gente miuda muy grande cõtrele, diz edo, que os leuaua a morrer, & ele bem ho ouuia, mas dissimulaua. E estado de Iudã no mais q quatro dias de caminho, tornão os ponêtes, & sobre perfia se deixou ali estar furto are se lhe acabat a agoa que tinha, & acabada se tornou a Camarão a tomar outra, & se tornou donde surgira dantes por lhe dizerem os rubaês que como sayse da banda do sul hũa estrela a que eles chamão tãria tornarião dousou tres dias de leuantes & que ho poerião da bãda da terra do preste, que era nauagação de dous dias & hũa noyte, & ali desejava ele de ir para fazer fortaleza e Maguã por amor da amizade do preste q era Christão & poderoso, & inimigo dos mouros, & q lhe daria socorro, assi de gente como de mantimêtos. E esperando pola estrela que digo, appareceo no ceo hũ final de cruz muyta clara & resprandecente, sobre que veo hũa nuem que em chegãdo se partio em duas partes sem tocar na cruz nem encobrir sua claridade. E ho governador com todos os q virão esta cruz a adorarão em gíolhos chorãdo cõ deuacão: & daquela cruz tomou ho governador final que queria nosso senhor que fosse pera aquela parte, & assi ho disse a todos os capitães & pilotos que chamou pera isso, & que bem poderião ir às voltas. E os pilotos disserão que não podião nauegar sem vêto, & que assi como ho governador dizia irião dar em algũ baixos onde se perderião todos, & então se deixou ho go

uernador estar furto ate q entrou Maço. E vêdo que não auia remedio para tornarẽ leuantes se não dali a dous mezes & meyo, tornou se a Camarão, & despois que chegou lhe resgatarão da terra fitme os catiuos que tinha, q deu por mantimentos. E lhe foy dada hũa carta de Mira mergena, em que dizia que se espantaua muyto de serẽ os franguesos hãmes que conquistauão a India, & tinhão tamanha fama: & por em que a tinhão porque pelejauão com ho mēs molharis, que como pelejarão cõ ho mēs como erão os Dadẽ logo se soubera a verdade. Ao q ho governador respõdeo que a fama dos Portugueses era verdadeyra, & que não tinhão ganhada a India a ho mēs molharis, se nã a turcos & a mouros do mar roxo, & se as escadas não quebrarão q ele perdera a vida & mais a cidade, & que em os nossos sobitem tãtos veria que ho mēs erão, & como desejavaõ de pelejar. Porém ainda que Mira mergena isto escreueo, nem ele nem ho xeque Dadẽ estauão sem muyto grãde medo desta entrada do governador no estreito. E tanto que ho xeque Dadẽ soube que os nossos poserão as escadas na cidade, logo ho mandou dizer ao Soldão pola posta de camelos corredores, & foy lhe ho recado em quinze dias. E ho Soldão lhe respondeo q se os franguesos tinhão entrado ho mar roxo, que goardaria sem bẽm seus portos, & q ele goardaria os seus: & esta reposta deu porque estaua mal coele. E Mirocem que isto soube, despejou logo Iudã com medo dos nossos, & ho Soldão ficou tão assombrãdo coesta noua polo q sabia do que os nossos tinhão feyto na India q partio logo pera quez, cuydando q os nossos auiao ali dir desembarcar. E no cayto ouue



grande feuolta, porque foy logo fama que assi como ho governador entrava polo estreito, assi os Christãos da Europa auião de dar por Alexandria entrando polo Mediterraneo, & que ho Xequé ismael era chegado com seu arxayal sobre Alepo que está no cabo do deserto. E coesta noua ho governador de Damasco polo Soldão não quis ir a seu chamado, & se leuoutou: & os mouros estauão todos muy assombrados, cuydando que se lhe garrava ho caminho per mar pera a casa de Mecca, que perdia nisso grande perda, por as mais das esmolas que tinha lhe irẽ per mar em hũa nao chamada mucumari, que tinha pera isso.

Capit. cix. De como não ouue effeyto a paz que ho governador deixou assẽtada cõ el rey de Calicut, & doutras cousas que fizeram na India.



Artido o governador pera ho mar roxo, foy a Cananor a desordetamanha cõtra ho seruigo del rey de Portugal, que ho feytor nосо que então era tornou a dar dinheiro a õzena aos mouros, ficando defeso polo governador que senão desse, & deu mil & quinhẽtos cruzados a Pocaracẽ, hũ mouro principal de Cananor que tinha cõprados ao feytor de Goa caualos del rey, em que se montauão doze mil cruzados q̃ auia dacabar de pagar despois que os vendesse. E estando ele em Cananor pãse ir caminho de Narsinga a vender os caualos, receandose ho feytor de Cananor q̃ nã tornasse de lã, pediolhe ho dinheiro que lhe tinha dado: ao q̃ ele disse q̃ nã podia ate nã tor

nar de Narsinga pera õde os tinha em pregados nos caualos: do q̃ ho feytor se queixou ao capitão, dizendo q̃ Pocaracẽ fugia pa Narsinga, & q̃ deuia aq̃le dinheiro a elrey d Portugal, & crẽdo o ho capitão, mandoulhe q̃ ho fosse prender a pouoação dos mouros, porque ho não pode auer em outra parte, o q̃ foy contra ho regimento del rey, q̃ manda ua que nenhũ capitão de fortaleza prede esse nenhũ mouro nẽ gẽtio principal da terra onde a fortaleza esteu esse: & isto por se a terra não aluorogar cõtra os nossos, como se aluoragou desta vez, por q̃ indo ho feytor pa prender Pocaracẽ acodio a gẽte da terra com suas armas, & derão lobrele, & se não fugira matarãno: & a gẽte ficou tão escãdalizada, q̃ quatro dias esteue leuãtada cõtra os nossos, & ninguẽ não oulaua de ir a pouoação dos mouros. E assi ficara a cousa se se ho capitão não socorrera ao q̃ fora goazil de Cananor, q̃ ho governador fez tirar por ser imigo do seruigo del rey de Portugal, & defendera ao capitão & officiaes da fortaleza que não falassem coele por essa causa, nẽ ho deixassem ir a ela. E coeste fez ho capitão que fizesse cõ el rey de Cananor q̃ prendesse Pocaracẽ: q̃ preso bradaua q̃ não deuia nada q̃ esteuessem a conta, & mostraua as cartas q̃ tinha comprado os caualos & ho seguro do governador pa os leuar a Narsinga, req̃rendo q̃ ho não predessem, por q̃ por sua presã se perderião os caualos. E cõ tudo não ho soltãrão ate q̃ não pagou ho dinheiro cõ todo seu ganho: & em quãto esteue preso foy roubado polo goazil, & por Mamele ho mouro q̃ se chama ua rey dasilhas de Maldiaua, q̃ ambos querião mala Pocaracẽ, por q̃ era feruidor del rey de Portugal, & amigo dos

Port  
vêdo  
deli  
ficar:  
ho se  
zia  
de vi  
& q̃ H  
q̃ ouu  
com  
creta  
deito  
cousa  
& a p  
ficaua  
que C  
tro go  
nogu  
que p  
q̃ coe  
que h  
a el re  
vinhã  
a esto  
dou a  
licitã  
seu va  
guerr  
Coch  
ao gou  
rey de  
ele: &  
pazes  
em tẽ  
tugal  
de Ca  
Anton  
chim  
selhar  
isto, p  
nador  
sas que  
seu ser



Portugueses cujos inimigos eles erão. E védo-se Mamale favorecido, não quis deslittir do titulo q̄ tinha de rey como ficara ao governador: & tambe porque ho secretario q̄ estava em Cananor dizia q̄ ele sabia certo q̄ aquele anno avia de vir de Portugal outro governador, & q̄ pera este se devião de goardar os q̄ ouuessem dasentiar paz ou vassalajê com el rey de Portugal. E como era secretario crião todos, & coesta fama q̄ deitou se deixarão de fazer muytas cousas do seruiço del rey de Portugal, & a principal foy a paz de Calicut que ficaua tão assentada. E el rey sabêdo o que Gaspar pereyra dizia da vida doutro governador, despedio a Francisco nogueyra & a Gôgalo mendez, dizêdo que pois avia de vir outro governador q̄ coele assentaria a paz. E assi despois que ho secretario foy em Cochí, disse a el rey de Cochim tantos males q̄ lhe vinhão desta paz, q̄ lhe fez desejar de a estoruar, & pera ho poder fazer ajudou a hũ grão señoer cótra el rey de Calicut q̄ tinha coele guerra, por q̄ sendo seu vassalo ho não queria ajudar ê suas guerras. E esta ajuda lhe deu el rey de Cochim, por q̄ teuesse rezão de dizer ao governador q̄ não fizesse paz cõ el rey de Calicut porque tinha guerra co ele: & isto porque estava no cõtrato de pazes que ele fez cõ el rey de Portugal em tẽpo do visõ rey, que el rey de Portugal ho ajudasse sempre cótra el rey de Calicut. E tambe Lourêgo moreno, Antonio real, & Diogo pereyra de Cochim erão cõ Gaspar pereyra em aconselharê a el rey de Cochim que fizesse isto, por q̄ querião todos mal ao governador, polos reprêder de muytas cousas que fazião contra ho seruiço del rey seu señoer. E a mesma fama de vir go-

uernador deitou ho secretario em Cochim: & em tanta dissulagão hiã estes quatro, que Lourenço moreno finado-se em Cochí, Alfonso passos q̄ viera de Malaca cõ Fernão perez dandrade, tomou hũas cartas que ele trazia pera ho governador, em que lhe scriuião culpas de Ruy de britto, & abriu as cõ hũ lohão viegas, q̄ tambe viera de Malaca, & mandou ho terlado das cartas a Ruy de britto cõ lhe dizer cujas erão, pelo q̄ Ruy de britto se vingou despois de que as escreueo.

**Capit. ix.** Como el rey de Bintão quisera por treyção tomar Malaca, & não pode.



Endo el rey de Bintão que nã e treyção de Miraraja podera auer effeyto pa tomar Malaca, nã ele tinha possibilidade pera a tomar por força, andaua muyto agastado por isso & nunca em outra cousa imaginaua: que entêdendo hũ mouro escriuão de sua fazêda, Bengala de nação, disse lhe q̄ se não agastasse, por q̄ ele lhe prometia delhe tomar a fortaleza de Malaca, com tanto que lhe desse cartas suas de credito pera homẽs principais da cidade. E sabêdo el rey de Bintão ho ardil por o dẽ se ho escriuão fundaua, como sabia dele q̄ ho saberia fazer, deu lhe as cartas de credito que lhe pedia, & assi muyto dinheiro cõ que se partio caminho de Malaca, fingindo q̄ era mercador que se hia de Begala assentarlã, & mostrou logo aparato de ter grande & rico trato, o que foy causa de ser logo conhecido do capitão & do feytor, cõ que tomou muy estreita amizade, & como era muy sagaz & manhoso nessas cõpras & vêdas daua muytos ardis



com que aprouestaua muyto a fazenda del rey de Portugal, & assi a do capitão, feytor & de todos os outros officiaes da fortaleza cõ o que teue grãde amizade com todos & muyta familiaridade, principalmete cõ ho capitão & feytor com que tinha entrada cada vez q̃ que ria, & parece nã auia neles occupação nenhũa, & em todo ho répo etraua na fortaleza, que era o que ele desejava pa effeytuar sua treição. E como teue segura esta familiaridade com ho feytor & capitão, descobriose a esses mouros principais de Malaca, pera que trazia as cartas del rey de Bintão, & deulbas dizendo pera o que vinha, & que el rey de Bintão lho encomẽdaua, porq̃ sem sua ajuda nã podia dar fim ao q̃ desejava, & disselhe a familiaridade q̃ tinha com ho capitão & com ho feytor, & q̃ a do feytor estimaua muyto mais que a do capitão, porq̃ nã auia medo se nã ao feytor que lhe parecia pa muyto, & por isso determinaua de ho matar primeyro que ho capitão, que polo que conhecia dele se ele ficasse viuo, posto q̃ mataste todos os outros da fortaleza, ele sô abastaria pera a cobrar, & que ja tinha dentro na fortaleza quem ho ajudasse, q̃ erã certos homẽs principais de Bintão que forã catiuos, & estauão presos no apouentamento do alcaide mór, & tinha quem lhos soltasse por peita, dando a entẽder que era pera fugirem, & q̃ nã queria deles outra coisa se nã que lhe acodissem como ho capitão, feytor & alcaide moor fossem mortos & holirassem dos nossos que nã uão dacodir, & que teuessem pera isso prestes a mais gente que podessem. O que lhe eles prometerã, mostrãdo q̃ folgarião muyto de ser Malaca tirada do poder dos nossos. E posto q̃ ho

desejauão nã oufauão de bolir cõsigo, porq̃ nã tinhão cabeça q̃ os regesse. E q̃ se ele acabasse o q̃ dizia, alẽ de fazer tamanho seruiço a Mafamede como a q̃le seria, eles ho farião ho mais principal de Malaca despois del rey. Animado coisso ho escriuão a fora a oufadia q̃ tinha de seu natural pera fazer qual quer treyção, buscou dia pa fazer esta & nã curou desperar mais, porq̃ nesta cõjunção adoeceo ho capitão, não que esteuesse em cama, mas nã o laya da fortaleza, & assentou de fazer o que determinaua hũ dia ao meyo dia, q̃ era ho tempo pera isso mais desposto, porq̃ então repousauão todos. E ho capitão, & ho feytor estauão sôs, & auia menos gente na fortaleza q̃ em nhũa parte do dia. E rãdo dado auiso aos mouros pa q̃ esteuessem prestes, foysse a fortaleza às horas q̃ digo, & entrou logo cõtro & deixou a porta ate trinta homẽs q̃ sempre trazia cõsigo, q̃ sabião parte do feyto, & estauão auisados que como ouuissem rumor marassem ho porteiro, & etrassem & matastem dos nossos quãtos podessem. E entrado na fortaleza, foysse primeyro a casa do feytor, & antes que entrasse a ele pos se a hũa genela que eraua parede meos com hũa casa do alcaide mór, onde os catiuos de Bintão estauão presos, q̃ por peitas que derã lhesfoy aquele dia deixado ho trãco aberto. E posto a genela, tirou hũa carta que trazia escripta em sua lingua, em q̃ dizia aos catiuos como hia matar ho feytor, que matastem eles etre rãto ho capitão que estaua soo, & leoha tãto alto q̃ os catiuos a ouirão & entẽderã & fizerãse prestes: & ele entrou onde estaua ho feytor soo em sua camara lagado em hũ esquisse pa dormir a sesta, & começou de lhe dar conta de seustra

tos.  
pera  
do le  
hũa  
part  
gado  
forã  
da al  
za, b  
escri  
ta q  
ir a p  
enxu  
da fo  
estã  
dos  
do, l  
s m  
tã o  
tauã  
que  
desa  
ditã  
rã o  
feril  
se ele  
da. C  
feyt  
Deo  
cayd  
os m  
capit  
suas  
noss  
brac  
fortã  
noss  
q̃ fo  
estã  
tam  
com  
go. E  
post



tos. E vindo sono ao feytor, rebolueose pera a outra parte, & em se reboluen- do leua ho escriuão dhum cris & dalhe hũa criçada que ho passou de parte a parte: ho feytor como era muyto effor- cado & de grande acordo, dá consigo fora do esquite & lançaſse por hũa esca- da abaixo caminho da porta da fortale- za, bradando. Treycão, treycão, & ho escriuão confiado nos q̄ deixaua à por- ta que ho acabarião de matar não quis ir a pos ele, & ele cortendolhe grandes enxurrados de sangue chegou a porta da fortaleza, & çarrou ho postigo que estaua aberto, metêdo dous ou tres de- dos do ferrolho pelas armelas, bradã- do. Treycão, treycão, & não pode ma- is meter porque çayo morto. E isto foy tão de supito que os do escriuão que es- tauão de fora não poderão acodir, por que parece que quis noſso senhor que desatentasse da porta, & quando aco- dirão era fechada, & ainda algũs mete- rão os crifes pelas gretas, cuydando q̄ ferissem que fechaua ho postigo, que se eles acodirão a fortaleza fora toma- da. Os catiuos em ouuido os brados do feytor, sairão logo dõdestauão, & quis Deos que acharão dous criados do al- cayde moor com que se deteuerão em os matar, & aos brados destes se pos ho capitão em saluo, çarrando muy bem suas portas. E sentindo esta volta tres nossos que estauão na torre da menajê, bradarão muyto alto que auia treycão na fortaleza, ao q̄ logo acodirão oytos dos nossos assi desarmados como andauão q̄ forão mortos polos do escriuão que estauão aa porta da fortaleza, & eles tambem não viuerão muyto, porque como os nossos acodirão matarãnos lo- go. E buscando maneyra pera abrir ho postigo da porta da fortaleza, çtrarão

dentro, & matarão ho escriuão & os ca- tiuos de Bintão. E ouuido os mouros ho rume que hía na fortaleza, cuydan- do que teueſse ho escriuão sua treycão posta por obra, acodirão todos com su- as armas pera se leuantar contra os nos- sos, & quando os acharão senhores da fortaleza & morto ho tredoro, diffi- mularão, & disserão ao capitão que lhe hião acodir, & fizerãse muyto de no- uas da treycão do escriuão, & mostra- rão folgar muyto com sua morte: porê- a eles lhes pesou aſiãz de ele não leuar auante o que começou, que eles fazião conta que a fortaleza era del rey de Bin- tão, & aſi esteue ela tomada se ho noſ- so senhor não atalbara por sua miseri- cordia, porque a fora a coufa estar aſsi armada, auia neste tempo pouca gente em Malaca, porque João lopez daluim capitão moor do mar era aa Iaoa com tres nauios pera trazer certos bahares de crauo que hi mãdou Nacoda ismael do emprego q̄ leouo a Maluco, & sen- do laa João lopez, indo ter ao porto on- de Pareonuz tinha varado ho seu jũgo em que escapara a Jorge botelho, man- doulhe grandes presentes porque lho não queymasse, & dizendo-lhe quanto se honrraua de ho ter ali, & ofrecêdo- se por muyto grande amigo dos Portu- gueses. E João lopez aceitou sua amiza- de, & prometeo-lhe de nã fazer nenhũ mal ao jũgo. E tomando ho crauo que hía buscar, tornouſe a Malaca, onde tã- bem ao tempo desta treycão não esta- ua Jorge botelho que era darmada so- bre Bintão. E neste mesmo dia pelejou com certas lancharas del rey, & as des- baratou cõ morte de muytos mouros, & sem morrer nenhum dos nossos. E por amor desta treycão se não fiou da- li por diante de nenhum mouro na for-



talesa, & quando entrãõ nella era cõ muyto recado. E sabendo el rey de Bintão a fim q̄ ouuera ho seu escriptuão, perdeo a esperança por hũs dias de poder tomar Malaca por nenhũ ardil.

Capitolo.cxj. De como ho governador inuernou na ilha de Camarão, & das causas porque não fez hi fortaleza.



Quando o governador aquele inuerno em Camarão, mandou dar pendor a todos os nauios da sua frota: & pera saber se da pedra da ilha se poderia fazer cal, mandou que se fizesse. E quando a gente vio que se ar maua forno pera isso, & depois fazerse cal, ficou toda pasmada cuydando q̄ queria ho governador fazer fortaleza, & darlhe nouo trabalho sobre o que tinham passado na viagem, & passãõem em inuernar naquela ilha sem terẽ que comer, & trabalharem no pendor que se daua aos nauios da frota, & assi ho dizião. E ho governador ho sabia, mas dissimulaua: & bem quisera ele poder deixar ali hũa fortaleza, mas não se atreueo a fazela, porque pera a deixar segura tinha necessidade de ver primeyro ho porto de quez pera saber que força tinha criada ho Soldão, por que sendo grande ficaua a fortaleza em perigo de se perder, ou era necessario pera sua segurãça ficar ho governador sobreela com toda a frota, porque pera ir à Índia & mandarlhe de la socorro, não podia se não em Feuerreyro, & ele auia de partir pera a Índia em Agosto, & pera ficar com toda a frota

em goarda da fortaleza não podia ser, que lhe era forçado tornar aquele anno aa Índia, porque quando partira de laa não sabia ainda nenhũa noua de Malaca, nẽ deixaua assentado de todo a Calicut nema Diu, que vendoho tanto tẽpo fora da Índia, se poderião fazer em corpo & darlhe oppresam cõ tomar a gũa fortaleza. Assi que segurando ho estreito com a fortaleza de Camarão, que não seguraua sem ver quez arriscaua a Índia que era o principal daquela conquista. E pera tambem deixar parte de sua frota sem saber o que hia em quez, era muyto pouca cousa pera pelear com a armada do Soldão que se dizia ser muy grande, & que leuaria nas vnhas a nossa que ficasse, & ela leuada leuariãõ tambem a fortaleza. Assi que se teuera fora a duuida de quez, cuja vista foy a principal causa que ho fez entrar no estreito, podera fazer a fortaleza em Camarão, & deixarlhe no mã algũas carauelas latinas & nauios de remo, porque podem em todo tempo nauegar ho estreito, & atraueffalo de hũa banda a outra, & senhorearãõ toda a costa Darabia da porta do estreito ate ho Toro, porque os lugares que jazem nesta costa sãõ pequenos, & por se nã verem destruidos pagarãõ parias, como os nossos, assi os da fortaleza como da armada que lhe ficara forãõ pagos de seus soldos & mantimentos, & desta maneyra dera esta fortaleza grande trabalho as terras do Xequẽ Dãdem que jazião naquela costa, porque lhes tolherãõ os mantimentos que lhes vão de Barbora, Zeyla & do outros lugares da terra do Preste. E não auendo armada do Soldão em quez, não auia outra que podesse impedir a nossa, por que se não podia fazer por não auer

em  
aja  
out  
bri  
diff  
E a  
bay  
fi q  
auer  
faze  
das  
fez  
uou  
dor  
gra  
ilha  
los e  
gida  
go c  
bem  
pelo  
ven  
gau  
lhe  
estre  
gon  
ao n  
sabe  
que  
viss  
ou a  
quin  
nort  
port  
Prel  
quer  
ster  
tem  
da t  
assi  
esta  
vir  
era



em todo ho mar roxo lugar em que aja madeira pera isso nem ferro, nem outros materiais necessarios pera fabrica de nauios, saluo das geluas que disse que sam como grandes barcast. E algũas naos grossas que, a Camabaya & ao Malabar as vão fazer. Af si que por causa do governador não auer vista de cuez, ouue por escusado fazer fortaleza em Camaráo por todas estas rezões: & com quanto se não fez fortaleza, agente como digo leuou assaz de trabalho com ho pendor das naos & nauios da frota, & com grandes doenças, & com não auer na ilha que comer mais que algũs camelos que ficarão amontados com a fugida dos mouros, que leuarão consigo quanto gado auia na terra: & tam bem comia a gente desse pescado que pescaua. E passado ho mes de Junho, vendo ho governador que se lhe chegaua a moução pera a India, & que lhe era forçado não entrar mais pelo estreito deste ferro, mandou a Ioão gomez que fosse na sua carauela fora ao mar & tomasse algũa gelua pera saber nouas do estreito & da armada que ho Soldão teria em cuez, & que visse se podia aferrar a ilha de Maçuã ou a de Dolaqua, & Dolaqua estaa em quinze graos & meyo da banda do norte, & nouenta & cinco legoas da porta do estreito da banda da terra do Preste, de cujo senhorio foy: he pequena, & não tem agoa senão de cisternas, & estas em abastança, & assi tem muytos mantimentos que lhe vão da terra firme que estaa a vista dela, assi como riba tejo de Lisboa. Tem esta ilha muyto boõ porto, Epor lhe vir muyto ouro da terra do Preste, era pouoadada de muytos mercadores

mouros que não obedição ao Preste com quanto a terra era sua. E partido Ioão gomez, nunca pode topar nenhũa gelua, nem pode aferrar esta ilha na carauela por lhe ser ho vento contrario, mas chegou tão perto que foy laa no seu esquite: & estando quasi pegado com terra, vio nela muyta gente & toda armada de teçados, arcos & frechas, & preguntarão aos nosos que querião. E dizendo eles que saber, se lhe comprarião algũas mercadorias, disserão os mouros que não a uia ali mercadores, se não gente de guerra, que goardassem suas mercadorias. E coesta reposta se foy Ioão gomez, & correo a ilha em redondo & descobriolhe toda a costa, & por lhe ho governador não mandar que chegasse aa terra firme não chegou, & não foy a Maçuã porque estaa dali dez legoas, & foy ver a ilha de Nara onde se pesca ho aljofar que estaa derrador de Dolaqua. E ho aljofar he muyto & muyto fino, & dali se tornou pera Camaráo, leuando estas ilhas pintadas pera ho governador as ver,

Capitolo.cxij. Da causa porque ho governador não quis fazer fortaleza na porta do estreyto, & do que fez em Adem.



chegado Iohão gomez a Camaráo q foy meado Iulho, partiose ho governador pera a porta do estreyto, onde chegou, sayo na ilha de Mihum pera ver se se podia fazer ali fortaleza, & por lhe não a



char agoa, & por não ver quezi: & por amor do Xequé Dadem que estava muyto perto, & por não ter dóde se podesse de mantimentos, lhe pareceo escusado fazela. E pareceo lhe melhor pera goardar aquele porto, mandar ali caciaão hũa armada, em q̄ aueria me nos trabalho de se prover de mantimentos que hũa fortaleza. E tambem considerou que ainda que fizesse fortaleza & lhe desse hũa armada, que auia de star ali ho menos do tempo, porque estava certo que desapegando se da fortaleza pera algũa parte, ou dando caça a algũas naos de mouros, que auia de ser cousa muyto trabalhosa tornar tão afinha ao porto se não com outros ventos, & entre tanto ficaria a fortaleza só & em muyto grande risco. E por todas estas rezões a não quis fazer, & por sinal que fora ali ter, mãdou aruorar em terra hũa cruz feyta de duas antenas, & mandou que dali auante se chamasse aquella ilha a da vera cruz, donde se partio pera Adem; & em partindo mãdou a Ruy galuão (por ter dele experiencia defforçado caualero) que fosse por capitão moor de João gomez a descobrir a cidade de Zeila que está cinco legoas da porta do estreito pera fora, na costa da Ethiopia em onze graos da banda do norte, cuja comarca dá muyto trigo, muyta ceuada & muyto milho; ha grãde criação de gado grosso & miudo de q̄ se ordenha multidão de leyte, de que se faz manteiga sem medida; & de tudo isto se carregão naos pera fora, & assi de muyta cera brãca que ha na terra. Criãse tambem nela muytos raualos, & nasce infindo encenso macho. Esta cidade he de grande trato; he rasa & bem arruada, as casas sam de pedra & cal, & de sobrados & cubertas de tér

radosté as genelas & portas lauradas de maçararia; he pouoadada de mouros, que pola mayor parte sam pretos, assi homẽs como molheres, & outros sam brancos, tratãse muyto bem, assi no comer como no vestir, & andão a cavallo. Chegado Ruy galuão a esta cidade quisera auer practica com os da terra como leuaua por regimento do governador, & por eles não querem, lhes queymou quantas naos estavam no porto, porq̄ não leuassem mantimentos aos lugares do mar roxo, que assi lho mandou o governador; & nisto ho fez Ruy galuão muyto esforçadamente, & aqui se deitou cœle hũ A bexim Christo q̄ fora catiuo do feytoz que ho Soldão tinha em Iudã. E feyta esta destruyção no porto de Zeila, partio se em busca do governador q̄ hia caminho Dadẽ, & chegou ao seu porto sem lhe acceitecer no caminho cousa algũa. E furto no porto, achou muytas naos grossas & geluas varadas em terra bem pegadas ao muro, & assediada nelas muyta artilharia, que logo começou de jugar em surgindo a nossa frota, & assi auia na ilha de Cira mais fortaleza que dãtes. & no alto da serra desta ilha estava armado hũ trabuco q̄ tiraua pedras d'arzoada grandeza; que tambem logo começou de lançar: porem quis nosso senhor que não fez nenhũ nojo aos nossos. E segundo pareceo pelo muro da cidade, auia nela mais gente que da outra vez, & muyto mais artilharia & melhor, & deitaua tamanhos pelouros como os nossos camelos, como se depois vio, que tornauão a tirar com os pelouros cõ que lhe os nossos tirauão. E como ho governador surgiu, os mercadores da cidade lhe mandarão cometer resgate das naos que tinham no



porto. A que elle respondeo que as não auia de dar, se não por cinco Chri-  
stãos Portuguezes que tinham catiuos em Adem, que forão catiuos no bar-  
gantin de Grigório da quadra como  
atras disse. E os mercadores não mā  
clarão a isto reposta, & segundo des-  
pois pareceo foy polo remedio que ti-  
nhão achado pera lhe não queyma-  
rem as naos que tinham em terra. E  
vendo ho governador que lhe não vi-  
nha reposta, quizerase vingár dos mou-  
ros com tomar a cidade, & tambem  
porque auia desperar no porto ate a lūa  
nova Dagosto, & mais quatro dias a  
lem que erão obra de quinze dias de  
detença, & no cabo deles era ho ver-  
dadeyro tempo pera ir demandar a  
costa da Índia. E por todas estas cou-  
sas quiserá cometer a cidade, & ver-  
se a podia tomar. E chamados todos  
os capitães a conselho, proposlhe sua  
determinação, que por todos lhe foy  
contrariada, dizendo que era cousa  
muy fora de rezão por vir na frota  
muy pouca gente & a mais dela doē-  
te, que quasi não auia quem mareasse  
as naos se não os fidalgos que estes  
hião menos doentes, & na cidade a-  
uia dobrada gente da que acharão da  
outra vez, & ela muyto mais forte, de  
maneyra que parecia que se perderião  
se a cometessem. E vendo ho gouer-  
nador que todos erão contrelle no co-  
meter da cidade, buscou hū ardil pe-  
ra cometer tomala sem parecer a nin-  
guem que a cometia, & foy dizer que  
lhe queymassem as naos que estauo  
varadas, porque como elas erão os in-  
strumentos com que negociáuão suas  
fazendas & tratauão coelas, tanto mō-  
taua queymarenhas como queymar  
lhe a cidade, porque tão delabriga-

dos ficauão sem elas como sem ela. Li-  
sto dizia com tenção que vendo os  
mouros queymarhes as naos sayrião  
da cidade a defendelas, & os nossos  
lhes auião de querer resistir, & dali  
se trauaría a peleja antreles de que po-  
deria resultar tomarse Adem como se  
tomou a Goa, o que podera ser se os  
nossos forão tantos como forão no fey-  
to de Goa, & tão saos. E porque os  
capitães sabião que não era assi, forão  
tambem contra o que ho governador  
dizia, dizendolhe que posto que os  
mouros ficassem perdidos de todo cō  
perderem as naos, muyto mais se per-  
deria em perderse hū sō dos nossos,  
pois estaua certo ainda que hum soo  
podesse queymar as naos correr muy-  
to grande risco, quanto mais indo tan-  
tos como ele dizia que fossem, que de  
necessidade auião de morrer algūs, &  
estes auião de ser dos fidalgos q̄ não  
auia outros, & que se ele daria cincoēta  
naos por hū Portuges qualquer q̄ fol-  
se, como queria auenturar cincoenta fi-  
dalgos por quatro naos. Evendo ho go-  
uernador como lhe contrariáuão em  
tudo, ouue menencoria, & coela disse  
que verdade era q̄ daria cincoēta naos  
por hū Portuges, porē que auēturaria  
cincoēta fidalgos por quatro vacas, &  
que ele nã queria que os fidalgos quey-  
massem as naos, senão os marinhaeros,  
& que eles ho farião sem os homēs dar-  
mas: & foyse muyto agastado pera a ca-  
rauel de João gomez que ja era chega-  
do cō Ruy galuão, & ali ajūtou obra de  
cē marinheiros cō mestres & pilotos &  
deulhes por capitão João teixeira bō  
caualeiro, & como foy noyte mandou-  
lhe q̄ saltasse c̄ terra & q̄ymasse as naos  
& ē partido deitolhes a bẽção, dizēdo  
Meus cauleyros a bẽção de Deus



vã conuõse, queymaimẽ as naos def  
ses cães, que vos aueis de fazer me-  
lhor que os homens darmas. E coisto  
partirão muyto ledos indo ele em sua  
companhia no seu esquife, em que le-  
uaua suas trombetas, que tocarão cõ  
hum som muy esperto em os nossos  
saltando em terra, a que acodirão o-  
bra de trinta mouros que estauão em  
vigia das naos, & os nossos como os  
virão, hũs remeterão a eles, & outros  
aas naos a lhe posr fogo com polu-  
ra: porem não pegou nelas se não  
tão pouca cousa que lhes não fez ne-  
nhum nojo, & isto por os mouros as  
terem cheas dagoa receandose de lhas  
os nossos queymarem. E vendo eles  
quão pouco danno lhes fazião, con-  
tentarãse com matar os mais dos  
mouros que vigiaão, & sem acodi-  
rem outros da cidade se tornarão os  
nossos a recolher. E ho governador  
lhes fez muyta honrra, principalmẽ  
te a Fernãdaonso mestre da nao san-  
ta Maria de serra, & a Domingos  
fernandez seu piloto, & a Bértola-  
meu gonçaluez mestre da nao san-  
tião que ho fizerão dauantajem dos  
outros.

Capítulo cxiiij. De como ho governa-  
dor chegou a Diu, & do que passou  
com Meliquiaz.



endo ho governa-  
dor que nã podia fa-  
zer nhũ mal aos imi-  
gos, & que auia aida  
ali destartãtos dias,  
trabalhou por tomar  
ho baluarte do molde que atraueõssua  
da ilha de Cira aa cidade, & tomado  
fez assellar no alto dele hum came-  
lo nosso com que forão derribadas

muytas casas da cidade, & assi lhe def-  
mãcharão duas vezes hũ trabucoq os  
mouros tinhão armado: & isto fez hũ  
João Luis fundidor dattelharria muy-  
to boõ bombardeiro. E assi mancou  
ho governador chegar bem ao muro  
da cidade ho nauio de Ruy galvão,  
que escolheo pera isso. E estando ce-  
cado de grandes arrombadas, esbom-  
bardeou muyt osadamente as naos  
q̃ estauão varadas, & lhes fez muyto  
danno, de modo que a cidade ficou  
assaz dãnificada. E sendo quatro di-  
as dagoosto, partiose ho governador  
com toda a frota pera a India, & a-  
uendo vista do cabo de Goardafum,  
correo a costa do reyno de Vleinde  
(que he a primeyra India ate ho rio  
Indo). E chegando aa costa de Cam-  
baya, auendo vista da cidade de Mã-  
galor & da de Pate, foy demandar a  
ponta de Diu, & por ser tarde a não  
quis dobrar, & surgio com toda a fro-  
ta, samente Simão velho & Ieroni-  
mo de souza que hião diante, que do  
brairão a ponta & forão furgir defrõ-  
te de Diu: do que ho governador ou-  
ue muyto grande menencoria, porque  
leuaua em tengão de tomar Diu se ho  
achasse em desposição pera isso, o que  
ele fizera se aqueles dous capitães não  
forão diante, porque Meliquiaz esta-  
ua em hũa quintaã sua duas legoas de  
Diu, & tinha consigo toda a gẽte dar-  
mas. E tanto que os nossos nauios sur-  
girão, foylhe cado auiso per fumãças  
& recolheose aa cidade com toda sua  
gente: & quando ao outro dia chegou  
ho guernador não pode fazer nadã  
do que trazia determinado, & prẽcio  
Simão velho & Ieronimo de souza por  
se adiãtarẽ dele & surgirẽ primeiro, &  
mãdous meter debaixo da cuberta da

sua  
as c  
E d  
cor  
E s  
hon  
to  
tan  
& t  
frui  
mar  
de l  
que  
xari  
ho  
lhe  
dar  
aqu  
me  
to g  
muy  
fas  
& n  
he p  
liqu  
dia  
por  
nã  
& c  
refe  
iria  
mar  
stej  
com  
mar  
pos  
tod  
de  
da  
jou  
deu  
roc  
a q



sua nao, & mandou que perdessem as capitania dos nauios que tinham. E depois de passada aquela menor coria os soltou & lhas tornou a dar. E surto ho governador, Meliquiaz hom an dou visitar, mostrandose muy to ledo por sua vinda, & mandoulhe tanto pão, & tantas vacas & galinhas, & tantos carneyros, & tanta soma de fruita que abastou a toda a frota, & mandoulhe dizer que lhe perdoasse de lhe mandar tão pouca cousa, por que ele não era mais que hum almo xarife delrey de Cambaya, & que ele ho iria ver aa nao. E ho governador lhe respondeo que lhe não podera má dar cousa com que mais folgara que aquele refresco, & que ho tomava como dhum homem que tinha por muy to grande seu amigo, & que folgaria muyto de ho ver pera falar coele cou sas que importauão muyto a ambos, & mandoulhe algũas peças, com que he pareceo que folgaria. Porem Miliquiaz não ho foy ver nem ao outro dia, nem em tres mais que ali esteuc, porque com quanto tinha paz coele, não se fiaua dele pera ho ir ver aa nao, & cada dia ho mandaua visitar com refresco, & lhe mandaua dizer que ho iria ver: & mandoulhe pedir que lhe mandasse os capitães pera os ver & festejar, pois ho não podia fazer a ele como desejava. E ho governador os mandou pera verem Diu & sua disposição, & Miliquiaz lho mostrou & todos seus almazées com as municações de guerra que tinha, & assi sua armada de fustas, & banqueteu os & festejou os ho mais que pode, & a todos deu peças, & todos se tornarão muyto contentes dele pera ho governador, a que contarão que Diu não era tão

forte como dizião, & que era mais fortificado com artelharía que por natu reza de seu sitio, como disse no liuro segundo. E nestes dias que ho gouernador aqui esteuc, concertou com Meliquiaz por recados que deixasse ali hum feytor com cobre & esperiaria pera se gastarem em Diu & comprar roypa, & outras cousas que tinham valia em gosala & em Malaca, & que podesse ali mandar fazer hũa soma de bizcoyto, por quanto auia trigo, & se poderia fazer sem nenhũa opressão: & deixou por feytor da mercadoría que auia de ficar a hum Fernão martinz euangelho & hum Iorge cotrea por seu escriuão. E pera fazer ho bizcoyto a hum Christão nouo chamado andrade. E pesando depois a Miliquiaz de se fazer este bizcoyto por lhe os mouros dizerem que era pera ho governador tornar coele ao mar roxo, ordenou de fazer como Andrade teuisse parte com hũa moura com que fugio pera ho sertão, & alli não ouue ho bizcouteo effeyto. E vendo ho governador que Miliquiaz não ho queria ir ver aa nao, & entendendo bem ho porque, determinou de se ir, & mandandose despedir, se fez hũa manhaã aa vela caminho da India, & como ho Miliquiaz vio aa vela, sayo com toda sua armada que serião bem cem nauios de remo todos artilhados & apadellados & fornidos de muyta gente. E sabendo ho governador que Miliquiaz ho hia ver per hũa fusta que mandou diante, virou sobrele com toda a armada, & saluando ho com toda a artelharía & grita dos nos sos & arroydo de trombetas, chegou Miliquiaz a bordo da capitayna na mais peqna fusta da sua armada, & ele



mesmo a governaua: & ho governador se pos abordo & fez lhe muyta cortesia, & falarão hū pouco, pedindo ao gouernador muyto perdão de ho não poder seruir como desejava, & q̄ era seruidor del rey de Portugal, & seu. E dandolhe o gouernador muytos agardecimētos, lhe mādou deitar na fusta quatro mouros de grãde escgate q̄ leuaua catiuos, & cō grandes offrecimētos damizade dhū & doutro se despedirão. E ho gouernador seguiu a rota de Chaul, dizēdo aos fidalgos da sua nao q̄ a q̄le mburosabia muyto, & q̄ sempre tinha leuātado hū pé pera dar hū couce, & q̄ ho não quiserá ir ver à nao estando surto, porq̄ podera ser q̄ se entrara dentro q̄ ho não deixara sair, & q̄ viera despois de ir à vela por lhe mostrar a sua frota.

Capit. cxliij. De como ho gouernador achou em Chaul Tristão dega com reposta da embaixada com que foy a el rey de Cambaya.



Artido o gouernador de Diu, mandou diãte a Antonio raposo no seu nauio, que fosse dizer a Goa como hía, & a Ruy galuão & a Ieronimo de souza ho mesmo a Cananor & a Cochín. E ele se foy dereyto a Chaul, onde Nizamalúco lhe mandou fazer grãde festa, & mādou muyto refresco & assias pareas q̄ deusa. E por seu consentimēto deixou tãbe aquí ho gouernador feytoria com fazēda pera se feytorizar, & mais deixou hū Ioão faleiro pa fazer duas carauelas; & assí mādou daqui levar muyto salitre, enxofre, lino, trigo & arroz. E aqui achou Tristão dega que tinha mandado com

embaixada a el rey de Cambaya sobre lhe dar fortaleza em Diu, & vinha coele hū mestejeiro do mesmo rey q̄ deu de sua parte ao gouernador hū caualo muyto grande & fermoso com hūas cubertas daceiro, & hūa sela do mesmo a sua maneyra & hūa adaga de sua pefoa, & pera el rey de Portugal hūa douro; & assí deu hūa carta del rey ao gouernador, em que lhe dizia q̄ faria tudo o que ele pedia por seu embaixador como lhe ditiã Miligupi em sua carta a que se referia. E Miligupi escreuia ao gouernador q̄ el rey de Cambaya era contēte de dar feytoria em Diu, & fortaleza, & que cadãno se gastarião em Cambaya corentã mil quinãtas de cobre a prego de nouenta xerafins ho bahar, & assí se gastarião outras mercadorias de Portugal, & das de Cãbaya da rião ao feytor de Diu as q̄ quisesse, & q̄ el rey de Cãbaya queria mandar a Malaca hū stãte dos Guzarates, & que pedia seguro pero quantas naos de Cambaya lá fosse; & q̄ rogaua muyto ao gouernador que lhe mādasse a nao mēri. E Tristão dega disse ao gouernador que achara el rey de Cambaya na raya de seu reyno com hū poderoso campo de gente de pé & de caualo, & q̄ tinha guerra cō elrey do Mādo seu vezinho, & que quando ho vira lhe fizera muyboõ recebimento, & ho mandara agasalhar muyto bem, se não que tardara bem tres meses em ho despachar, dizēdo que ele sabia que auia de vir outro gouernador de Portugal, & que isto sabia certo, porque ho secretario da Índia ho dissera ao seu embaixador que mandara ao gouernador quando viera de Malaca. E se tãõ cedo auia de vir outro gouernador, que pera que era fazer nenhū concerto pois o que viesse

ho d  
& q̄  
lhe  
tro g  
con  
torã  
a qu  
fau  
el re  
hūa  
de o  
a nã  
stã  
bay  
cust  
nha  
der  
Mil  
dor  
fort  
nã  
fiã  
desp  
de C  
garc  
que  
zad  
nã  
ter  
cebi  
seus  
laca  
aga  
nh  
cou  
espe  
men  
q̄ el  
lha  
& p  
de C  
mar  
das



ho defmâcharia se lhe viesse à vôtade: & q̄ depois de muyto trabalho samêta lhe fazer perder ho credito de vir outro governador, nã auia remedio pera conceder fortaleza em Diu, se não fey toria, & isto acôselhado de Meliquiaz, a quem Meligupim lhe dissera que pe faua muyto de se fazer fortaleza, & q̄ el rey daua fortaleza em Maim, ou em hũa ilha que esta no canal de Goga, on de outra vez a daua, mas o governador a não quis aceitar, & em Mai disse Tri stão de ga que era muyto longe de Cã baya, & q̄ farião as mercadorias muyto custo em asleuar là, & que a ilha não ti nha boõ porto pa as nossas naos. E por derradeiro dissera el rey que ele diria à Miligupio que escreuesse ao governa dor, & pois ele escriuia que el rey daua fortaleza em Diu que assi seria: pore m não foy assi segũdo direy a diante. E cõ fiado o governador que seria verdade, despachou logo ho messejeiro del rey de Cambaya, a que escreueo muytos a gardecimêtos da fortaleza em Diu, & que el rey seu senhor por ho amor, amf zade & trato que folgara de ter coele, não mandara nũca fazer guerra a sua terra, & se suas naos & gente tinhão re cebido aglũ danno, fora por ajudarem seus imigos, assi como fizerão em Ma laca & em Adé. E a Miligupi escreueo a gardecimêtos da parte del rey seu se ñhor mais miudamête por fazer bẽ as cousas de seu seruiço, dandolhe muyta esperança de receber par isso grandes merces, & q̄ disse a el rey de Cãbaya q̄ ele tinha corregida a nao Meri pera lha mandar, & que logo lha mandaria; & pa a leuar ficou homessejeiro del rey de Cambaya com ho governador, & mandou estas cartas a el rey. Despacha das estas cousas em Chaul, partio se ho

governador pera a vila de Danda que he de seu señorio, onde sabia q̄ estava metida hũa nao de mouros do Cayro, q̄ partindo de Calicut cõ outras pera Iudã arribarão com ho temporal que disse à costa da Índia & meteranse por esses portos de Cãbaya ate môte deli. Esta vila de Danda esta na costa âtre Chaul & Dabulhe muyto viçosa & a bastada de mantimêtos, & tẽ hũ muy to boõ porto em que podẽ entrar car racas quanto mais naos, tem defronte seys braças da terra firme hũa peq̄na ilha em que os mouros (de que Danda he pouada) tem hũa fortaleza do ta manho dos paços decima ã Lisboa; he em si muyto fermosa com muytos jar dins de diuersos aruoreos & de muy tos tanques d'agoa que a fazẽ grãdemẽ te fresca, & tem ão derredor grandes varzeas que dão muyta soma d'arroz, & de linho. Esta ilha foy a primeyra coula que os turcos ganharão quando tomarão a epresa do reyno de Daquẽ, & dali ho começaram de conquistar. E chegado ho governador, mãdou dizer ao tanadar de Danda que bẽ sabia que aq̄la nao q̄ ali estava era de mouros do Cayro nossos imigos que lha deuia dẽ tregar como a capitão môr del rey de Portugal, cujo vassalo era Nizamalu co señor de Chaul, q̄ tambẽ ho era da queia terra; & cõ licença q̄ ho tanadar de Danda mandou pedir a Nizamalu co pera entregar a nao, a entregou assi caico como aparelhos & toda sua carga q̄ forão tres mil quintaes de pimeta & gengibre. E em quanto ho governador ali esteue, andou costeando aq̄la ilha de Dada de q̄ tinha noticia, & desejava de a tomar aos turcos, q̄ sabia q̄ era hũa das boas cousas q̄ auia naquã partes, & q̄ era abatimêto seu terena turcos,



& sabia q̄ tẽdo q̄ ficaua el rey de Portugal seõnor de Chaul de todo & de toda sua comarca: & pera se foster aq̄la fortaleza não erão necessãrios mais de cẽ homẽs que a mesma ilha manteria, & a mais fe mais quisessem, & q̄ estaua p̄to de Goa: & del pois estreueo sobrisso a el rey seu seõnor, mas não ouue effeyto. E entregue ho governador da nao q̄ digo, soube q̄ os mouros leuarão per hũ esteiro dalia cinco legoas hũs corẽta fardos de pimẽta, mãdou por eles a lorge dorta. & a Afonso Anriquez e douz bateys armados, & os donos da pimẽta quãdo os virão ir não oufarão delhes resistir, & fugirão deixando a pimẽta q̄ eles leuarão ao governador, q̄ se partiõ logo pa Dabul, õde sabia que estauão outras naos de mouros da conserua q̄ digo, & mandou as pedir ao tanadar, q̄ respõdeõ q̄ escrueueria sobrisso ao Hidalcão seu seõnor & faria o que lhe mãdaõse. E por q̄ o governador viu q̄ auia dauer detẽca ate ir recado ao Hidalcão & tornar, não quis esperar, & tã bẽ não quis tomar as naos por ter paz cõ ho Hidalcão, & desejar dauer delas tanadarias da terra firme de Goa, & quister cõprimẽto coele desperar sua reposta. E como digo por q̄ auia dauer nisso dilação, & era necessario não se deter, deixou a Lopo vaz de sam Payo na sua nao surta na boca da barra d̄ Dabul cõ regimẽto q̄ não deixasse sair as naos nem outras nenhũas ate não ver seu mandado, & mandou ficar coele a Vicente dalbuquerque que na nao de Pero dalbuquerque seu primo: & mandãdo dizer ao tanadar que lhe leuassẽ a Goa a reposta do Hidalcão, se partiõ pa là.

Capit. cxv. De como partiõ de Portugal Ioã de souza de lima por capi-

tão mór das naos de carga, & do que lhe aconteceu.

**N**este anno de mil & quinhẽtos & treze, partiõ d̄ Portugal per capitão mór darmada da India hũ fidalgo chamado Ioã de souza de lima. E os seus capitães a fora ele forão Anriq̄ nunez de lão & Francisco correa. E partindo de Lisboa a quatorze de Março forão todos jũtos ate ho cabo de boa esperãça, õde se apartarão cada hũ por seu cabo cõ hũ grande tẽporal q̄ lhes deu na q̄la parajẽ. E seguindo a capitayna sua rota, foy ter sã a Moçãbique a vinte dous de Junho da era sobredita, q̄ foy a mais breue viajem q̄ ate então se fizera. E estãdo ali esperando pelas outras naos, chegou Anriq̄ nunez despois dele dez ou doze dias: & vendo q̄ não chegaua Francisco correa, não se quis mais deter, por q̄ tinha detença em Melinde, a cujo rey leuaua hũ presente del rey de Portugal, & cartas pa ho foster em sua amizade. E partido pa Melinde, chegou là e obra d̄oy to dias, & deu ho presente a el rey, & affi a carta de muytas palauras damizãde, q̄ el rey de Melinde muy bẽ merecia por quãto fiel seruidor fora sempre del rey de Portugal, & quãto verdadey ro amigo dos nobres, socorrẽdo lhe sempre suas necessidãdes & agasalhando os como a seus vassallos. E em quãto se Ioã de souza aqui detinha, Francisco correa q̄ se apartou dele cõ ho tẽporal seguiu sua viajem pera Moçãbiquẽ: & cuy dando q̄ fazia boa viajem hãa por isso muyto soberbo, dizẽdo q̄ metido em hũa pipa leuaria hũa nao a India. E indo assi, foy por fora da ilha de sam Lourenço sem ho saber: & auendo vista de la, cuy dou q̄ era Moçãbique, & foy a de mandar. E chegãdo perto de terra co-



nhece a ilha, & como sabia muyto em vez de tirar caminho da India, rodeou a ilha pa ir a Mogambique. E leuado esta rota despois de rodear a ilha q̄ hã, bẽ epegado, foy ter às ilhas de sam Lazaro: & indo por elas, comegou daparecer hũ fogo em terra, & a gũs dos nossos a tẽrãõ parele, dizẽdo q̄ parecia sinal que lhe faziãõ. E ho piloto disse q̄ não era nada, q̄ não auia ali de que fazer sinal, & sem lançar prumo pera saber q̄ fundo auia por ali, indo quasi onde parecera o fogo (q̄ auia hũa hora q̄ viãõ) supitamẽte foy dar a nao em hũ parcel onde ailentou na areia & abrio, & por ser a zoga baixa se poderãõ os nobres saluar no barel & no esquisẽ da nao, a q̄ fizerãõ arrõbãdas, & metẽdo ho mãmimento q̄ poderãõ, & ho cofre del rey se partirãõ pa Melide, õde chegarãõ q̄ si mortos cõ fome & cõ medo de se poderẽ no mar. E chegados a Melinde, remedeou os ho capitãõ môr cõ soldo q̄ lhes pagou dos cofres del rey. E vindo hũa vez de terra Anri q̄ nunez de liãõ & Francisco correia pera as naos, fazia ho mar tamãho escarceo cõ ho vento grãde q̄ vẽta u q̄ q̄ obrou ho esquisẽ em q̄ hiãõ, & afoi gouse Francisco correia cõ outros algũs, & Anri q̄ nunez escapou as costas de hũ marinheiro q̄ ho saluou: & despois disto partiofo Ioã de soufa pera a India & coele Anrique nunez, & chegarãõ a Goa quando ho governador estaua no porto de Diu q̄ vinha Dadẽ. O q̄ sabido por Ioã de soufa, partiofe pa Cochi, pa ele & Anrique Nunez descarregarẽ a carga q̄ as naos leuauãõ & carregãẽ despeciãria.

Capit. cxvi. De como ho governador ouue as seys naos de mouros q̄ artibarãõ a costa da India.

**C**hegado ho governador a Goa, achou hi hũ presente dhũ panos ricos da Persia q̄ se chamãõ camarabãdos, q̄ sã douro & seda, & hũ anel dhũ diamãõ de prego. E isto lhe mãdou hũ ebaixador do Xequismael, q̄ ele mãdara a el rey de Daquẽ & ao Hidalcao cõ grãdes & ricos presentes, pa q̄ tomisẽ as suas carapuças & os liuros da sua seita q̄ eles não quiserãõ tomar. E este ebaixador pola fama q̄ achou do governador, & pola q̄ auia dele no cãpo do Xequismael, desejou de ter coele amizade & conhecimẽto, & por isso lhe mãdou aquele presente, & não achando o q̄ ho leuou ao governador, o deixou cõ reca do parele q̄ como chegasse ho irãõ ho embaixador visitar & tornouse parele. Allĩ tambem achou ho governador em Goa hũ judeu Portugues morador em Ierusalem, que lhe deu da parte do goardião de sam Francisco de Ierusalẽ hũas cõtas tocadas em muytas reliquias, & hũa cãpainha da capela de nossa seõõra do mesmo mosteiro com q̄ tangiãõ a missã, & por serẽ a q̄ las duas peças de muyta estima lhas mãdaua. E este judeu disse ao governador q̄ ho goardião ficaua no cayro, onde fora a chamado do Soldãõ, & allĩ achou hũa carta do Hidalcao q̄ lhe mandou por hũ Bramene sendo ele ao mar roxo, & hũ diamãõ rico & tres turquesas, & dizia na carta q̄ mandasse hum homem de peso pa se acabar a paz q̄ estaua comecada, porq̄ Digo fernãdez que là fora não leuaua mais poder q̄ pera pedir as terras de Goa: õde estãdo ho governador lhe foy dada outra carta do hidalcao, em q̄ lhe pedia muyto q̄ lhe quisesse alargar as duas naos q̄ estauãõ e Da bul, allĩ por serem de mouros seus amigos, como por selhe fazer naq̄ lo hõõra



muyto grande, pois sendo os mouros nossos inimigos, valia ele tanto por amigo del rey de Portugal que escapauão em seu porto. Ao q̄ ho governador respondeo que bem sabia de quanto os senhores sentiaõ fazerẽ os vassallos contra seu regimento. E que ele era vassallo del rey de Portugal & seu governador, & que no regimento que tinha nõ hũa cousa lhe era tão encomẽ dada como a destruyção dos mouros, principalmente dos q̄ quisessem guerra coele, & os de Calicut (q̄ erãõ os portos que lhe rogaua) a quisesãõ sempre com os nossos, & à treyzaõ matarãõ muytos deles em tempo de Pedraluarez, & por isto não podia fazer o que lhe rogaua, & mais que oulhasse ele sem paixão, q̄ se tendo a mesma causa que el rey seu senhor tinha, hũ seu capitão fizesse o que lhe ele rogaua quanto folgaria coisso, & que pena lhe daria se ho fizesse, & por hi venia se era rezão que fizesse o que lhe rogaua. E vista polo Hidalcão esta resposta do governador, ouue se por fatisseyto, porem quis que pois ho não fazia por seu rogo que ho fizesse por justiça, dizendo q̄ a que las naos por deryto erãõ suas, & que forãõ à costa com tẽpo, & pois estaua isto claro que como lhas queria tomar. Ao q̄ ho governador respondeo q̄ ir à costa se chamaua quando hũa nao se fazia em pedagos, ou abria & se perdia a mercadoria, mas que as naos estauãõ saãs & com toda sua carga, & que entrarãõ em seu porto como entrãõ outras naos, & por isso não erãõ suas, q̄ os derytos da mercadoria bem os podia levar como senhor do porto, porem que as naos & especiaria erãõ de nossos inimigos. E pois ele desejava a amizade del rey seu senhor & sua, não deuia de receber

seus inimigos no seu porto. E vido ho Hidalcão que nem por ali ho podia levar, cometeo lhe que fizesse algũ partido com os mouros, porque não ficasse de todo destruydos, & que nisto receberia muyto boa obra. E por q̄ não parecesse ao Hidalcão q̄ ho governador chegaua ao cabo coele, & porque fazia ho proueito del rey seu senhor cõ fazer prazer ao Hidalcão, fez concerto cõ os donos das naos que lhe dessem ameta de da especiaria de graça, & a outra lhes pagaria com mercadorias. E estando pera acabar este concerto, veio ter à barra de Dabul hũa nao de mouros de Magadaxõ, que auendo vista dos nossos por q̄ nã podiaõ fugir encaharãõ a nao em terra, pera õde logo fugirão, & Lopo vaz tomou a nao q̄ achou carregada de cera & de marfim, cõ que pagou ameta de da especiaria que auia de pagar aos mouros com mercadorias. E cõ esta maneyra ouue de graça toda a especiaria, que foy tanta que a carregou na sua nao, & na em que estaua Vicente dalbuquerque & foy se a Coa, onde ho governador fez ho mesmo partido q̄ fizera cõ os mouros que estauãõ em Dabul, com outros de Calicut que estauãõ em Cangicar, por ser tambem porto do Hidalcão, & isto sem lhe ele falar nisto pera ho obrigar. E em guarda desta nao de Cangicar estaua Antonio nogueira capitão de hũa nao. E sabẽdo ho governador q̄ estaua outra em Baticala, mandou laa Antonio raposo cõ recado a Damechati guernador por el rey de Narsinga, que cõ medo do guernador a entregou logo, & cõ tanto se fez em Mangalor, õde tambẽ arribara outra nao de Calicut, & foy la Fernão gomez de lemos. A si que das seys naos que partirãõ pera Iudã como

diffe  
cuja p  
q̄ arri  
forãõ  
se car  
quele  
ho go  
que l  
erãõ  
& lhe

Capit  
sin  
uen



zade  
minas  
& a o  
que: &  
se ir a  
costa  
auião  
ho eb  
lhe de  
ria, &  
cas, &  
de N  
a pos  
como  
q̄ el  
Hida  
do rey  
to da  
esse, p  
ao em  
singa  
lhe aj



disse nenhũa não passou de cacorã, e cuja para em lhes deu a tormenta com q̄ arribarão a costa da India, & todas forão tomadas & descarregadas pera se carregarem as naos que auão dir a quele anno pera Portugal, saluo duas q̄ ho governador deu a el rey de Calicut que lhas mandou pedir, dizendo que erão suas, & isto quando lhe pediu paz & lhe deu fortaleza em Calicut.

Capit. cxvij. De como el rey de Nar-  
singa mādou hũa embaixada ao go-  
uernador sobre os caualos de Goa.



Estando ho governa-  
dor em Goa, chegou  
hũ embaixador do rey  
de Narsinga, q̄ lhe tra-  
zia sua embaixada so-  
bre fazer paz & ami-  
zade com el rey de Portugal, cõ deter-  
minação de fazer guerra ao Hidalcão,  
& a outros senhores do reyno de Da-  
quẽ: & assi que ho governador deixas-  
se ir aos seus portos que tinha naquela  
costa os caualos Darabia & da Persia q̄  
auão de ir a Goa. E a primeyra vez q̄  
ho ebaixador foy ver ho governador,  
lhe deu hũas manilhas douro & pedra-  
ria, & assi algũs aneys & outras joyas ri-  
cas, & panos de Bisnegar que lhe el rey  
de Narsinga mandaua de presente, &  
a pos isto lhe propos sua embaixada. E  
como ho governador desejava muyto  
q̄ el rey de Narsinga fizesse guerra ao  
Hidalcão pera que se saysem os turcos  
do reyno de Daquemtho primeyro pô-  
to da ebaixada sobre que praticou foy  
esse, persuadindo com muytas rezões  
ao embaixador por õde el rey de Nar-  
singa deua de fazer esta guerra, a que  
lhe ajudaria com todo ho poder del rey

seu senhor, & mais tolheria q̄ não vies-  
se mais gente branca ao Hidalcão do  
estreyto. O que pareceo bem ao embai-  
xador, & lhe affirmou q̄ el rey de Nar-  
singa estava muyto abalado pera fazer  
esta guerra, & mais se fossem os cau-  
los a seus portos como pedia. Ao q̄ ho  
governador respõdeo que antes ele da-  
ria os caualos a el rey de Narsinga que  
ao Hidalcão, mas deixalos ir a seus por-  
tos, pola perda que el rey seu senhor per-  
deria na renda dos dereitos que tinha  
deles. Que darlhe os caualos atẽs q̄ ao  
Hidalcão entẽdãse comprãdo lhe ele  
os dereitos, ou fazendo a isso hũ parti-  
do que fosse boõ pera ambos, & com  
condição que ele teuesse com el rey  
seu senhor verdadeira paz & amizade.  
E ho embaixador disse que não trazia  
comissam pera ho cõcerto dos caualos;  
porem ho governador entẽdeo nele  
outra coisa, & por isso falou em al, o q̄  
logo se pareceo porque dali a dous dias  
ho ebaixador tornou ao governador,  
& disselhe que posto que não trazia cõ-  
missam del rey de Narsinga pera fa-  
zer partido coele sobre os caualos, que  
lhe daria polos dereytos de mil caualos  
sellẽta mil pardaos, mas que os merca-  
dores q̄ os trazião os não auão de ven-  
der se não a el rey de Narsinga, & que  
lhe auia de dar hũa fusta das noiffas q̄  
fosse em sua guarda até Honor. E que  
el rey de Narsinga quando mandasse a  
Goa por estes caualos, mandaria todas  
as mercadorias que soyão dir ao porto  
de Batalã, & que as darias pelo preço  
q̄ lã valião. E ho governador não quis,  
& pedia cem mil pardaos, & mais que  
auão os mercadores de vender os cau-  
los a quem quisessem, porque nã se fa-  
zendo assi este partido, el rey seu senhor  
pdia muyto nos dereytos dos caualos,



& mais deffaziaste ho porto de Goa, q̄ coestes caualos ficaua dos melhores da India, & mais assentãdofe Ormuz como ele esperaua em nollo senhor, & el rey de Portugal quiseffe que os caualos fossem a Goa & não a outro nenhũ porto (o que podia tolher com a armada q̄ trazia) sem nenhũ cabedal podia ganhar tanto como na mina. E por isso por mais que ho embaixador apertou sobre ho governador assentar no partido dos sessenta mil pardaos nũca quis, & despedioho com hũ presente pera el rey de Narsinga em nome del rey seu senhor, & forão dous caualos Arabios de prego de setecentos pardaos cada hũ, & vintoyto couados de veludo preto & trita de damasco, & seys barretes vermelhos. E primeyro q̄ se fosse, lhe mãdou o governador mostrar as estrebarias & caualos que el rey seu senhor tinha em Goa, & os alifantes; & assi as galés que mandaua fazer.

Capit. cxviii. De como faleceo el rey de Calicut, & lhe succedeo Nambearim seu irmão.



Abendo ho governador que não ouuera effeyto a fortaleza que deixara assentado que se fizesse em Calicut, & a causa porque, como foy em Goa despedio dõ Garcia de noronha q̄ se fosse a Calicut, & tornasse a reformar a paz que assentara com Nambearim, q̄ tinha pera isso commissam del rey de Calicut, & que pedisse a fortaleza no lugar em q̄ lha dâtes dauão, & dandolha começasse logo de a edificar. E partido dom Garcia de Goa, foy ter a Cananor, onde foye as reuoltas que forão sobre a prisma de Pocaracẽ qua

do ho governador era ao mar roxo. E achou Pocaracem vsurpado de sua fazenda que lhe ho nollo feytor tomara por consentimẽto del rey de Cananor que fauorecia contrelhe ho goazil q̄ era seu inimigo por ele ser muyto amigo do seruiço del rey de Portugal: que sabẽdo dom Garcia ho fauoreceo, & disse, lhe que se não agastasse pelo que lhe fora feyto & pola perda q̄ recebera, porq̄ ho governador lhe faria justiça & lhe satisfaria sua perda, & leuouho cõsigo pera lhe ajudar no negocio de Calicut, por quãto era conhecido do çamorim & de Nambearim & tinha credito coeles. E chegando ele a Calicut, soube que el rey de Calicut era falecido, & so cederalhe Nambearim seu irmão q̄ andaua occupado em assentar cousas do reyno pelo que não podia entender no negocio a que dom Garcia hia, & por isso ele se ouue dir pera Cochim a fazer a carga das naos que auião de partir aquele anno pera Portugal, & deixou Pocaracẽ em Calicut pera que quãdo visse tempo conselhasse a el rey de Calicut, que poisele sendo príncipe procurara tanto que el rey seu irmão fizesse paz com el rey de Portugal & lhe desse fortaleza em Calicut, que agora q̄ era rey ho fizesse pois podia. E chegando dom Garcia a Cochim, soube como a el rey de Cochim lhe pesaua muyto da paz cõ el rey de Calicut, & muyto mais del rey de Portugal ter fortaleza na cidade, porque tendoha temã que tornasse Calicut a sua prosperidade, & q̄ se deffaria ho porto de Cochim & ele perderia muyto de suas rendas, & tornaria a ser tão pouca cousa como dâtes. E assi soube q̄ ele & el rey de Cananor, a que pesaua tambem desta paz, cõsealhauão secretamẽte a el rey de Calicut

que m  
leza,  
ra de  
eles h  
lhe fe  
si ta  
tinha  
Goa  
de pe  
uão o  
India  
uia de  
acodi  
de cu  
cruza  
ficaua  
que C  
auia o  
E foy  
zido  
more  
es cre  
males  
tamb  
tonio  
credi  
citas  
granc  
es & h  
de fal  
chim  
mand  
sem a  
fazia  
uern  
zia co  
tas qu  
se, diz  
da & c  
contra  
de Co  
do ho  
quise



que não fizesse a paz, nem desse forta-  
leza, & que se quisesse proseguir a guer-  
ra de seu antecessor contra os nossos, q̄  
eles ho ajudarião com toda a despesa q̄  
lhe fosse necessaria pera a guerra. E al-  
si também soube que el rey de Cochim  
tinha muyto grande pezar de se tomar  
Goa & fosterse, que recebia nisso grã-  
de perda; porque não auendo hi Goa a  
uia os da nossa armada inuernãdo na  
India dinuernar em Cochim, & hi se a-  
uia de reformar a armada, & pera isto  
acodião muytos mantimētos a Cochim,  
de cujos dereyos ele leuaua tres mil  
cruzados, a fora outras coufas em que  
ficaua muyto dinheiro dos nossos com  
que Cochim se fazia muyto rica, oq̄ não  
auia de ser inuernãdo os nossos e Goa.  
E foy certo que el rey de Cochim indu-  
zido de Antonio real & de Lourenço  
moreno q̄ querião mal ao governador  
escreueo a el rey de Portugal muytos  
males de se foster Goa como lhe eles  
tambẽ escreuetão, principalmēte An-  
tonio real em que el rey tinha muyto  
credito, por se lhe ele mostrar em suas  
cartas muyto dorido de sua fazenda &  
grande aproueitador dela. E aos capitã  
es & homẽs que lhe parecia que auião  
de falar cõ el rey, mostraua lhe em Co-  
chim as boas obras q̄ ho governador  
mandaua fazer, & dizialhes que dissel  
sem a el rey que ele as fazia, & as q̄ ele  
fazia que não erão boas, dizia q̄ ho go-  
uernador as mãdaua fazer; & coisto fa-  
zia com el rey de Cochim que nas car-  
tas que escreuia a el rey que ho abonaf-  
se, dizendo quanto se doya de sua fazē-  
da & quãto aproueitaua sendo tudo ao  
contrario. E em tãto ho abonaua el rey  
de Cochim que escreueo a el rey, q̄ qua-  
do ho príncipe herdeiro de Cochim  
quisera tomar ho reyno q̄ lhe resistio

Gõgalo de siqueyra & os outros capitã  
es como ja disse. q̄ Antonio real & Lou-  
renço moreno forãos q̄ ho fosteuerão  
em seu estado, o que se soube pola repo-  
sta q̄ el rey de Portugal escreueo a esta  
carta q̄ ho governador viu. E por estas  
cartas taes q̄ el rey de Cochim escreuia  
a el rey de Portugal, & assi Antonio re-  
al, Lourenço moreno & Gaspar perey-  
ra, mãdaua ele naquela armada q̄ possel  
se ho governador em conselho com os  
fidalgos & capitães da India, se era bẽ  
fosterse Goa ou não, & que lhe mãdas-  
se o governador os pareceres de todos,  
pera fazer o que fosse mais seu seruiço.  
E isto cõ outras coufas, mandou a Gas-  
par pereyra q̄ ho dissesse ao governa-  
dor, a quẽ Gaspar pereyra queria mal  
como disse, & por isso sendolhe dadas  
estas lembranças e Cochim, começou  
logo de dizer publicamente que el rey  
lhe mandaua que fosse ver Goa, & que  
se lhe parecesse que não era pera se so-  
ster que a mandasse derribar; & mais  
que mandaua que se não fizesse paz cõ  
e rey de Calicut antes ho destruysem  
& isto tudo por lhe parecer q̄ cã naua  
ho governador, & lhe fazia perder ho  
credito com a gente.

Capit. cxix. Do q̄ ho governador fez  
em Cananor.



Es pachadas pelo governa-  
dor em Goa as coufas que tí-  
nhão d'isso necessidade, par-  
tiose pera Cochim. E estan-  
do na barra de Goa ates de sua partida  
forão hi ter coele Fernão perez dádra  
de & outros fidalgos que ho hião ver,  
& pedir lhe licença pera se irem aquele  
anno pera Portugal; & Fernão perez  
lhe deu cõta de como fora desbaratada



a grande frota de Patchonuz, & da dif-  
posição em que deixara Malaca. E se-  
guindo daqui sua rota foy ter a Cana-  
nor, onde foy necessario deterse pera  
tornar a soldar muytas cousas que se fi-  
zerão contra ho seruiço del rey seu se-  
nhor em quanto ele foy ao mar roxo, af-  
si como não dissistir Mamele do titulo  
de rey das ilhas de Maldiua, & mādār  
fazer guerra ao rey da ilha de Canda-  
luz, & em se tornar a Cananor ho goa-  
zil que eletinha feyto cō el rey que ho  
lançasse fora por ser inimigo do seruiço  
del rey seu senhor, & querer grāde mal  
aos nossos, & tambem porque soube a  
morte do camorim & da successam de  
Nambearim no reyno de Calicut. E  
estando aqui soube que era feyta hũa  
conjuracão antre Antonio real, Lourē-  
ço moreno, Diogo pereyra de Cochī,  
ho vigayro geral, & Gaspar pereyra  
pera tratarem todos com a fazenda del  
rey seu senhor & ganharem coela quã-  
to podesse, & assi ho fazião que aque-  
le anno comprarão oytocentos quinta-  
is de calaim & obrigaãse a pagalo em  
pimenta a seus donos, & Antonio real  
compraua soldos aos nossos a cincoeta  
por cento & pagaua lho em cobre, que  
lhe tornaua logo a comprar por muyto  
menos do que valião. E desta maneyra  
todos os portos da costa da India erão  
cheos de cobre, & assi de muyta pimē-  
ta que vendião aos mouros, o que era  
muyto defeso por el rey de Portugal. E  
assi Antonio real & Lourenço moreno  
fazião que dauão ho cobre dante mão  
aos vendedores da pimenta pera a fey-  
toria; & Diogo pereyra hia se a serra  
com dinheiro seu & compraua a pimē-  
ta muyto barata, & na feyto ia vendia a  
polo preço que valia nela. E assi fazião  
outras muytas cousas cōtra ho regimē

to del rey de Portugal em muyto seu de-  
seruiço & destruyção de sua fazēda. O  
que sabido pelogouernador, destruy o  
esta cōpanhia, & de Cananor mādou  
que ho vigayro geral se fosse aquele an-  
no pera Portugal, pera onde tambem  
ouuera de mādār Antonio real se não  
foubera que se queria ir, & a Diogo pe-  
reyra mādou lhe q̄ não estuesse mais  
em Cochim & se fosse logo pera Goa.  
indo primeyro a Cananor pera se ver  
coele, & mādou chamar Gaspar perey-  
ra pera ho trazer cōsigo pois era secre-  
tario. E se lhe não fora por dar defauia-  
mento á carga das naos de Portugal,  
ouuera de priuar do officio de feytor a  
Lourenço moreno & mandalo pera lã;  
& isto sem nenhũ deles saber a causa  
porque, nem ho gouernador quis que a  
seubellesem porque os não ouia de casti-  
gar como merecião, por ho grande cre-  
dito que tinhão com el rey seu senhor,  
em tanto q̄ os isentaua dele, & lhe mād-  
aua que não entendesse miudamente  
em sua fazenda. E chegado Gaspar pe-  
reyra a Cananor como se vio com ho  
gouernador, que foy na camara da sua  
nao, disselhe das lembranças que el rey  
de Portugal mandaua que lhe fizesse,  
dizendo q̄ não ouuesse por mal fazer  
lhe sua alteza aquela honrra & merce,  
& confiar aquilo dele, porque ho man-  
dara à India com grandes carregos. E  
ho gouernador porq̄ ho conhecia, &  
sabia que el rey não mandaua aquelas  
lembranças se não por sua enfermagem  
& dos outros q̄ disse, riõe do q̄ lhe di-  
zia, & disselhe que ele não se estēdali-  
zaua de lhe, S. A. mādār q̄ fosse seu se-  
brador das cousas que comprião a seu  
seruiço, antes lhe fazia nisto a mayor  
merce do mundo, porque como ele era  
homē não podia acertar e tudo, & mād



doulhe que lhe mostrasse as lêbranças, que foram estas.

Que possesse em pratica com os capitães & fidalgos da Índia se lhes parecia bem fosterse Goa, & lhe mdãasse seus pareceres.

Que não se tomasse nenhũa nao Dormuz, por quanto el rey pagaua pa reas & era seu vassalo.

Que se não occupassem as naos da carga em cousa que lhes desuiasse não partirem a tempo, & que se corregessem com tempo pera se não dilatar sua partida.

Que dali por diante se não dessem quintaladas se não aos capitães, porquãdantes dauanse a outros officiaes.

Que em nenhũ lugar da Índia se não dessem casamentos a nenhum dos nobres que casassem neles.

Que se tirassem os acrecentamentos dos soldos que dera ho visó rey.

Que se fizesse paz com el rey de Cambaya.

Que se cometesse a Meliquiaz que desse fortaleza em Diu, & q̄ el rey ho faria senhor de Diu.

Que Timoja fosse recolhido pelo gouernador, & muyto bê tratado.

Que não leuassẽ os meyrinhos das fortalezas nenhũas penas.

Que se fizesse paz com Malaca & oueisse laa feytoria.

Que se tomasse Adem.

Que se aproueitalse bem a fazenda de sua alteza.

Que mãdasse insinar dos escrauos del rey a calafates, pedreiros, carpinteiros & a outros officios machanicos de edificar.

Que se tomasse assento de paz com Calicut.

Que se favorecesse el rey de Cochĩ

contra el rey de Calicut.

Que se mandasse Gõçalo fernãdez pera Portugal.

Que se prendesse Fernão caldeira pajẽ q̄ fora do gouernador, & assi hũ Nuno vaz, & que os mandasse presos pera Portugal, & que se mandasse pera laa loão ferrão que el rey cuydaua q̄ estãua ainda na Índia.

Que se assentasse paz com toda a costa do Malabar.

Que se buscasse algũa maneyra para não auer tantas despelas na ribeira de Cochim

Que lhe mandasse certas joyas.

Que se prouesse el rey de Cananor de cousas de que se agrauaua.

Que lhe mandasse os quadrilheiros & escriuães que achara culpados em furtos.

Que lhe mandasse algũs frades da terra do Preste se os oueisse na Índia.

Que lhe mandasse dizer porque fizera Antonio real a nao noua e Cochĩ.

Que se favorecesse el rey Donor cõtra Mierlao seu irmão.

Que entendesse em certas culpas q̄ se punhão a Diogo pereyra de Cochĩ.

**C**ouidã estas lembranças polo gouernador, disse a Gaspar pereyra que bem sabia ele que as mais daquelas lêbranças não auia necessidade de lhas fazerem, porque as que podião auer efeyto ele teuera cuydado de as poer em obra: & quãto a Goa ele a tomara com parecer de todos os fidalgos & capitães da Índia, que ho derão em quatro cõselhos que teuera sobrisso, & q̄ ho tornaria a tomar sobre o que el rey seu senhor mandaua aos que estauão em Cananor por sua pessoa, & aos q̄ estauão ausentes lho mandaria pedir por escripto, & que ele faria as instruções & car



tas pera ver como fazia o que el rey seu senhor mãdaua; & assi foy feyto. E quãto aos fidalgos & capitães que estauão em Cananor, ho governador os ajũto em conselho, & dillelhes estando Caspar pereyra presente.

Capitulo. cxx. Do que se determinou em conselho acerca do que el rey de Portugal queria saber de Goa,



Ve a el rey seu senhor fora escripto da India q̃ recebia grande deseruiço em se foster Goa, assi pelas grandes despensas que crã feytas nela, como por outras que parecia que se auião de fazer de necessidade, & por ser a terra muyto coẽtia, & morrer nela muyta gente, como porque ho Hidalção & astos rumes a uião de trabalhar pola ganhar, & pera isso lhe auião de fazer guerra cõtĩnuamente; & que as rendas de que se fazia fundamẽto q̃. S. A. teria nela como tinha do cabayo, era impossivel podela ter, porq̃ ho cabayo a tinha a poder de muyta gẽte de soldo q̃ trazia na terra firme, q̃ sua alteza não podia trazer.

Et ambẽ lhe fora escripto da India que Goa he porto principal pera se meterem nele rumes vindo à India, como estauão metidos nele quando ho governador foy sobrela a primeyra vez que se lhe deu, & que era muyto grãde incõueniente pera seu seruiço deixala, assi por isso como por estar tão perto de Cananor & de Cochim, cujas fortalezas podião receber dela grãde dano se fosse d'ĩmigos, & mais por a ilha ser muyto fertil & poder manter quanta gente estuesse nela, & ser abastada de madeira & officiaes pera corregimẽto

das naos, & assi materiaes pa todas as municoes d' guerra q̃ fosse necessarias.

E mais lhe fora escripto que ho Hidalção falgaria de fazer qualquer boõ partido com ficar seu tributario, & q̃ ficasse na ilha sua fortaleza forte & segura pera se defender, assi dos imigos de fora, como dos da terra, com tanto que a ilha ficasse por sua. Proposto isto aos capitães & fidalgos que estauão jũtos, derão todos seus pareceres, & concluyrão todos que Goa se deuia de foster por estas rezões.

Porq̃ el rey pera foster as fortalezas da India, & lhe auerem medo os mouros dela & do mar roxo, & crerem que fazia fundamento de as foster, era necessario ter na India hũ corpo de gente em terra, assi pera se tirar dos grandes gastos que lhe fazia a armada q̃ trazia, como pera dali acudir às fortalezas se teuessem necessidade, porque trazer fomento armada a fora o que gastaua, andaua auenturada a perderse cõ hũa toruoadã que sobreuiesse, & parecia q̃ não fazia fundamento da India nẽ de foster as fortalezas que tinha nela, por que perdida a armada ficauão elas perdidas por não terem gente que as defẽdesse, & auendo hũ corpo de gẽte em lugar forte, posto que se perdesse a armada ficaua cabedal com que se podese restaurar, & cõ que se defendessem as fortalezas. E ho lugar pa estar este corpo não se podia achar de Diu ate Ceylão mais conueniente que Goa, assi por seu boõ porto como pola fertilidade da ilha, & pola abastança que tinha de carnes, pescados, trigo, arroz & doutros mantimentos, assi de sua colheita como das quatro ilhas de seu senhorio, & doutras terras comarcãs, & ser muyto sadia, assi de agoas como de



ãres: & se os nossos forão doentes fora com ho trabalho quando fizerão a fortaleza, & q ho sitio da ilha era muyto forte, & alli ho da fortaleza, porq não tinha combate se não pela banda da villa velha que era a quarta parte. E da banda do mar tinha as tres, & que não era trabalhosa coufa sofrerse, porque sem pre se soustenera por muyto tẽpo a todo ho poder de gente q ho Hidalção mãdara sobrela, de que fora morta muyta & dos nossos nenhũs, & ja estaua desfegado de a poder tomar, & por isso cometiã paz. E segundo a experiencia que tinhão da guerra passada, & cõ as fortalezas que Goa tinha nos passos abastarião quatrocẽtos homẽs pa a defender a todo ho poder do mundo sem nenhũa oppressã, & leuãdo cada mẽ de destes seycẽtos is de soldo cada mes, & hũ cruzado de mantimento, fazião de gasto por anno doze mil cruzados, que se pagarião do que Goa rẽdia, por que as quatro ilhas estauão arredadas por treze mil pardaos segundo ho gouernador mostrou por carta de Frãcisco coruinel feytor de Goa q lhe creuera então: & em quãto fora ao mar roxo renderão os dereyos dos caualos cinco mil pardaos a fora os doutras mercaderias, q forão dous mil & nouecẽtos, q erão vinte hũ mil por todos no q elrey não punha nada de sua casa: & mais q aqueles homẽs auãdo de fazer ho mesmo gasto, alsí como alsí estando em outra parte da Índia, & sem fazerem ho proueito q ali fazião, porque os q estauão nas fortalezas de Cochĩ & de Cananor, não fazião mais q goardar o q lhe metiã detro: os de goa não somẽte ho goardauão, mas se elrey ali quisesse ter mais gente, poderia comer as rẽdas das tanadarias de Caste, Antruz &

bar des, q sam na terra firme, que cõ as rendas de Goa, erão perto de dozẽtos mil pardaos, cõ que se podiã pagar todos os nossos q esteuessem em Goa, & sobejaria dinheiro, & elrey feria temido: & cretiã os mouros q fazia fundamento de ganhar a Índia, & ho Soldão perderia a esperança que tinha de mandar armada pera lançar os nossos fora della, porq das quatro cabeças (que erã elle, elrey de Cabaya, elrey de Calicut & ho hidalção) que determinauão de se fazerẽ em hũ corpo pera lançãre os nossos fora da Índia, ho hidalção era a principal, & por ser senhor de Goa, de que se fazia todo fundamento, assí pa a frota como pera se ajuntar gẽte por sua abastança, & estar em parajẽ, por oãde de necessidade auãdo de nauegar todas as naos da Índia pera qualquer parte, & dali fazião conta de saltar com sua armada, assí as nossas q fosse de Portugal & a nossa armada da Índia, & as naos de nossos amigos q por ali auãdo de passar. E pois nosso senhor dera a elrey hũa coufa tão boa & tão principal na Índia como era Goa, & de q os amigos fazião tãto fundamẽto pa lhes fazer mal, q elreya deuia de sofrer pa lho fazer a eles, & mais pois era sua sã mestura de ninguem, como as fortalezas de Cochim & de Cananor, & seus vassallos, & dali podia senorear sem cõtradição ate Chaul, & ate Cintãcora, & lançar fora do reyno de Daquem os turcos que ho senhoreauão, q erão mais pera temer por estarem na Índia q os rumes que vinhão por mar & etão estrangeiros. E por todas estas rezões se deuia de sofrer Goa, & não alargar senem ao Hidalção cõ ser tributario delrey & ficar fortaleza nossa na ilha. Tomada esta cõclusã, que se assinou por



todos os capitães & fidalgos, mandou ho governador fazer tres vias dela pera a mandar a el rey seu senhor, como mandou por tres capitães que hião a quele anno pera Portugal. f. João de soufa de lima, dom João de lima & Antonio dabreu.

Capítulo. cxx. De como ho governador assentou paz com el rey de Calicut, & de como se começou de edificar a fortaleza.



A dantes disto ho governador tinha mandado falar a el rey de Calicut polo goazil q̄ fora de Cananor, & por Pocaracem que a cabassem de fazer a paz que ficara comegada com seu antecessor, pedindo-lhe que pois sendo ele principe procurara tanto de a fazer, que a fizesse agora que era rey. E ele bem desejaua de a fazer, mas tinha muytos que lhe contrariãõ que a não fizesse, não digo a inda de Calicut nem de seu reyno, mas de fora: & estes erãõ os reys de Cochí & de Cananor polas causas que ja disse. E todavia despois que Gaspar pereyra foy fora de Cochim, que não matinou a el rey de Cochim que lhe pesasse desta pazidom Garcia que ho persuadia a lhe não pesar, ho achou mais obediente aa rezãõ que dantes, & assi ho escreueo ao governador, que repredeu Gaspar pereyra na camara da sua nao. E pera lhe mostrar quãõ mal faziãõ, ele & outros que prouocãõ a el rey de Cochim que lhe pesasse da paz com el rey de Calicut, mostroulhe hũ

capítulo de seu regimento, em que lhe el rey seu senhor mandaua, que dando lhe el rey de Calicut fortaleza fizesse paz coele: & deu lhe juramento que nã disse a a ninguem daquele capitulo, porque el rey de Cochim não teuisse achaq̄ de se agrauar del rey seu senhor, como tinha pera se agrauar dele por a paz que fazia com el rey de Calicut, a quem ho governador foy falar duas vezes sobresta paz fazendolhe grandes abastanças de cousas que lhe el rey seu senhor faria se desse fortaleza & outras cousas q̄ lhe pedia, q̄ el rey de Cochí, & el rey de Cananor, & algũs dos nosos lhe faziãõ entêder que erãõ falsas, que ho governador lhas prometia por que lhe desse fortaleza, & despois de a fazer as não auia de comprar, porque a uia de vir outro governador. E a fora el rey de seu natural ser boõ & fiel, & inclinado a toda virtude, prouocaranno muyto a não crer estas cousas, à rainha, que era a sua molher principal, & tambem hũã sua irmaã dele: & não fomenta não quis crer o que lhe ellas dizião, mas ainda por lhe algũs mouros de Calicut contrariarem que não fizesse esta paz, os langou fora da cidade & os não cõsentio nela, não estimãdo os derytos que lhe pagauãõ de suas mercadorias, que erãõ muytos, & a algũs senhores seus vassallos que erãõ da mesma openião, respõdeu que ele que ria restaurar Calicut a seu estado primeyro, & não acabalo de destruyr como seu irmaõ comegara em ter guerra cõ os nosos, & isso não se podia fazer se não por paz, & por isso a fazia, & não deixaria de a fazer posto que lhe custasse do seu: & assi ho fez, que deu fortaleza ao governador da segunda vez que foy a Calicut no lugar em que



ele quis, & que teuesse elrey hi feytoria, onde lhe daria pimenta quanta quisesse a troco de mercadorias que foy couisa que se nunca vio na India, & que ho gingibre se comprasse na praça ao preço da terra, porq̃ não ouuesse nisso nenhum egano, & que pagasse a valia da fazenda que se tomara em tempo de Pedraluarez, & pagasse de tributo cada anno ametade da renda dos seguros das naos, de que cõ a paz auião dir ao porto de Calicut grande soma delas, & por isso tambem a renda dos dereytos auia de ser muyta. E a fora esta fortaleza de Calicut segurar muyto ho estado da India a elrey de Portugal por Calicut ser hũa das quatro cabeças da India que fazião conjuração pera deitarẽ os nossos fora dela, com que ho Soldão que era a quarta ficaua de todo de desesperado disso, forraua elrey de Portugal ho gasto do castelo de cima de Cochim que não sustinha se não por amor da guerra de Calicut, & cento & cincoenta milrs que daua cada anno ao senhor de Repelim porque não a judasse a elrey de Calicut, & deixasse vir de sua terra pimenta a Cochim, & tenga que pagaua a Candagorã, & a outros escriuães gentios por negociarem a pimenta, & mais com a fortaleza & feytoria de Calicut, se podia escusar ho gasto da feytoria de Cananor que era sem nenhum proueito: & tambem dar se esta fortaleza foy hum grande açoute pera os mouros, & desesperarem de os nossos poderem sayr nunca da India, a fora os que tinham recebidos com a entrada do governador no mar roxo por saberem que não podião nauegar por ele seguros. E com a entrega das naos dos mouros do Cayto que se fez em

Danda, Dabul, Cintãcoã, Baticalã, & Mangalor, que virão que era de puro meao dos nossos que se tinham por tão arreygados na India & tão poderosos nela, que conuinha aos reys & senhores dela fazerlihe a vontade pera que os não destruysem: & por isto que elrey de Calicut sabia folgou de dar fortaleza ao governador. E elrey de Cananor posso que da primeyra lhe pesaua coesta paz & a estoruaua, por derradeyro lhe pareceo bem, & entrou nela pera a ter com elrey de Calicut, & mandou por seu embaixador aconselhar a elrey de Cochim que fizesse outro tanto, & deixasse a guerra pois ho camorim era morto.

E assentada esta paz de tanta honrra & proueito pera elrey de Portugal, começouse a fortaleza de edificar per to do çarame delrey na ribeyra do mar no poulo das naos de Calicut, & remanso do arrecife, que lhe podião focorrer por mar sem trabalho. Era mestre da obra Thomas fernandez, que ho foy das outras fortalezas goarda della, & dos nossos Francisco no-gueyra, a que ho governador prometeo que feyta a torre da menajem & a porta çarrada, se chamasse capitão dela. Feytor & pagador das obras hũ Gonçalo mendez, & seu escriuão lo-hão Serrão. Elrey de Calicut deu muyto grande ajuda nesta fortaleza, allí com muytos pedreyros, carpinteiros, como com muyta gente de trabalho, & allí com grande soma de cal, & de pedra, & abastança doutros materiaes necessarios, mostrãdo sempre muyto boa vôtade a esta obra: & fauorecendo os nossos com amor, & mandando aos seus que lhe fizessem todo boõ gafalhado que possesse ser. E



pera a mayor ratificação da paz que tinha assentada, nas naos que estauão de caminho pera Portugal, mandou hum embaixador a el rey de Portugal poia confirmação desta paz, porque coesta condiçõ a assentou ho governador. E escreueolhe, que desejando ele de ter coele paz & amizade despois q̄ reynara, deixara de proffeguir a guerra, & posto que a teuesse assentada cõ seu governador, pa mor firmeza queria que fosse confirmada por ele per carta assinada de seu sinal & selada de seu selo, em que lhe pedia que se posesse que lhe mandaria quantas mercadorias se podessem gastar em Calicut, & que mandasse hi carregar algũas das naos que mandaua aa India. E estas que ouuessem de carregar em seu porto, fossem dereytas a ele sem descarregarem primeyro em outro, porque ho aueria ele por grande merce, & que esta carta & resposta de sua embaixada, lhe mandasse per hum homem honrrado, que lhe fosse dirigido por embaixador, porque coisso tornaria Calicut a seu primeyro estado & cobraria ho credito que tinha dâtes, & que esta merce lhe merecia pois fizera a paz de tão boa vontade & com as condições que ho governador quisera, & deixara por amor de sua amiza de as mercadorias dos mouros do Cayro, & as do Sol dâo, de que recebia muyto proueito. E assi lhe fazia nesta carta offrecimẽto pera lhe deixar fazer no rio de Chale as naos & galcs que quisesse porque era pera isso: & coesta carta deu ao embaixador hum presente de muytas joyas douro & pedraria de preço. E tambem ho governador escreueo a elrey, pedin dolhe muyto que confirmasse o que assentara com elrey de Calicut pois ho

fizera com sua autoridade.

Capitulo.cxxij. De como ho gouernador soube que dauão capitulos dele a elrey de Portugal.



Azendose a fortaleza em Calicut, & estando ho gouernador em Cananor, lhe disse hũ dia Antonio raposo estando soo coele q̄ Gaspar pereyra mandaua capitulos dele a elrey de Portugal: & que a maneyra porque ho soubera, fora que ho mesmo Gaspar pereyra lhe descobrira que dom Ioão deca, Manuel de lacerda, dom Ioão de lima, Fernão gomez de lemos, Ioão gomez cheira dinheiro & Gonçalo pereyra tinham feytos capitulos do gouernador, que assinasse ele também neles, ou escreuesse a sua alteza sobrisso, & que ele lhe preguntara que auia de escreuer. Ao que Gaspar pereyra respondeo, que bem sabia ele que ouera ho gouernador hum cofre cheo douro dos mouros de Benastarim, & por isso os alargara sem conselho dos capitães, & que ninguẽ não sabia parte disto se não do Garcia seu sobrinho. E que isto sabia ele, porque estando ho gouernador pera dar combate aa fortaleza, lhe mandara dizer dom Garcia que ja tinha acabado: & em lhe dizedo aquilo, dissera ele a Gaspar pereyra q̄ estaua coele. Afastaiuos assi pera la: & era porque não ouuisse o que dom Garcia lhe mandaua dizer q̄ lhe dauão q̄ era ho cofre cheo douro como despois soubera. E Antonio raposo lhe dissera, q̄ ele estaua a esse tẽpo no mar na sua nao q̄ não sabia parte disto, mas q̄ lhe mostrasse os capitulos q̄ auia dassinár,



& elle hos mostrara, & dizia q̄ ouue, ra hũ cofre douo e Benasturi por deixar ir os moures e faluo: q̄ das presas que tomava não daua a gente suas partes se não o q̄ queria, que não daua de comer aos capitães, que não daua os officios nem as capitãias aos criados del rey, q̄ nunca falaua verdade cõ os reys & senhores da India, q̄ deixaua governar a India a Francisco dalbuquerque, & a Alexandre daíde christãos nouos q̄ trazia por seus lingoas. E acabãdo ele Antonio raposo douuir estes capitulos, lhe dissera que queria ver os assinados deles, & por ventura os assignaria, & q̄ Gaspar pereyra lhe respõdera que não fizesse assi, mas que escreuesse sobrisso a el rey & ao bispo dagoarda. E preguntando ele de q̄ maneyra auia descreuer, lhe dissera q̄ escreuesse a el rey, q̄ bem sabia. S. A. quantos desejos teuera sempre de ho seruir, polo criar & ser sua feytura; & por isso era obrigado a lhe descobrir & dizer toda a verdade da India, por q̄ não ho fazêdo assi, lhe parecia q̄ erraua a Deos & a ele, & apos isto poeria os capitulos. Ao que Antonio raposo respõdera que aquilo era cousa de muyto peso, por isso era necessario cuydar nisso: & isto pa lho descobrir. E o governador lhe disse q̄ se calasse, & ouue dele a minuta dos capitulos, não pera os toruar, mas pa mostrar a verdade das cousas da India, & a grande malicia de Gaspar pereyra, a que despois disto tomou em hũa casa cõ do loão de lima, loão gomez cheira dinheiro, Jorge de melo & Diogo fernandez de beja; & distelhes que lhe releuaua muyto, q̄ lhe disse hũa couza que eles sabião, & q̄ lhes juraua polo juramẽto dos sanctos euãgelhos, em q̄ pos a mão de lhes nũca ir mal por sua

causa se lhe dissessem a verdade, antes os louuaria muyto. E dizêdo eles q̄ lhe dirião o q̄ soubessem, distelhes q̄ Gaspar pereyra q̄ ali estaua dizia q̄ eles cõ outros capitães q̄ nomeou fazião capitulos dele, q̄ lhe dissessem se era verdade, ou se sabião que os fazia, por q̄ ele mandaua os mesmos capitulos a el rey seu seõnor se lhes eles nã quisessem mandar. E to los affirmarão pelo juramẽto dos euãgelhos q̄ tal não fizerão, nem sabião que ho fizesse: leolhe então os capitulos, E tornãdo eles a jurar q̄ os não fizerão, nẽ sabião quem os fizesse, mã dou fazer hũ auto do q̄ passãua a Antonio dafonseca escripto dante ho seu ouuidor q̄ estaua presente, & ouuiu tudo: & a q̄les capitães ho assignarão, mostrãdose muy espantados dos capitulos, & de dizer Gaspar pereyra q̄ eles cõ outros os fazião, & disserão ao governador q̄ lhe pregũtasse do de ho sabia. E ele disse q̄ não era necessario, q̄ ele sabia o q̄ auia de fazer. E sabido isto pelos outros capitães, conselhoão que mandasse Gaspar pereyra pera Portugal, cõ escreuer a el rey a causa por q̄ ho mandaua, & assi ho auto q̄ se fizera sobre os capitulos. E o governador não quis, dizêdo q̄ faria primeyrotirar de uassa pelos capitulos ao mesmo Gaspar pereyra, & q̄ coela ho mãdaria pa Portugal, pera q̄ el rey lhe desse ho castigo q̄ merecelle: q̄ não pareceo bẽ aos capitães, & dizião que pera a fessẽgo da India era bem mandalo a Portugal. E vendo ele q̄ se descobria sua maldade, & q̄ ho governador mandaua fazer autos dele pera os mandar a Portugal, começou de dizer que ho governador ho fazia por mal q̄ lhe queria, polas lêbrãças q̄ el rey mãdara q̄ lhe fizesse, & por q̄ lhas fizera, E ho governador foy tã



preuido que manhofamente lhe fez confessar perante teste munhas, o q̄ lhe respondeo quando lhe fez as lembranças, & fez tirar as testemunhas & autuar seus ditos, porque se temeo de mudar Gaspar pereira sua reposta em algũ tempo.

Capit.cxxiiij. De como foy discuterto ao governador que Antonio real mandaua delle capitulos a el rey de Portugal.



Esta conjunção foy dito ao governador per hũ Antonio madeira q̄ ho anno passado mandara Antonio real hũa carta a el rey de Portugal que lhe escreuera Diogo pereyra de Cochĩ, cujo terlado lhe ele vira em hũ sacco, & a lera, & que dizia nela muyto mal dele a el rey. E se lhe não parecera que ele estimaua pouco os mexericos que Antonio real escreuia a el rey das cousas da India, que ele terladara aquela carta & outras que vira que ele escriuia a el rey, que lhe não lembrauão tambẽ como a co anno passado, posto que lhe não lebraua toda. E como isto era cousa que tanto importa ua ao governador, rogou lhe q̄ lhe disse se o que lhe lembraua, & que fosse fielmente. E ele lhe disse que escreuera, q̄ despois que ele governaua a India não gastara ho tempo se não em guerrejones com nigrtinhos nuus & sem armas, & em fazer fortalezas em lugares de pouco proueito & de muyto gasto, & em matar gente sem necessidade, & q̄ sempre punha sua pessoa em saluo, & em lugar sem perigo: & que nunca se fizera fortaleza de tão pouco proueito, & de tanto gasto, & de tantas mortes

domês como a de Goa, & que lhe parecia mais seu seruiço mādala deffazer q̄ softela, porque ho Hidalção comia as rendas dela & aproueitaua as terras, & el rey não tinha dela nenhum proueito, & isto podia saber per seus feytores & escriuães.

E que não cresse el rey q̄ os homês q̄ ho governador casaua na India erão os que ele cuydaua, & que ate ho presente não erão casados se não bargates que fugião cada dia pera os mouros, polos enganos & falsidades que lhe ho governador fazia nos casamêtos, que despois de os ter casados, descontaua a cada hum corenta ou cincoenta pardaos polas molheres em seus soldos, & cuydando que tinham molheres, achauãse cõ escrauas, & como a taes as tratauão. Estas sam as molheres que forão tomadas em Goa, & ho governador tinha aquela maneyra pera as vender & aproueitarse delas.

Que casara ho governador hũ cria do seu chamado Fernão caldeira, a q̄ deu em dote de casamêto hũ nauio cõ certas fustas com regimento & poder, como se fora governador: & por virtude do tal poder tinha roubacia toda a India & aluorogada toda a costa, & tinha tomadas muytas naos de Cabaya & Dormuz, & doutros muytos lugares de paz, & lhe rompia os cartazes & seguros, & despois as metia no fundo, & mataua a gente delas por não ser descuberto: que vindo ho governador de Malaca, lhe fora feyto queixume dele, & por lhe não dizerem os mouros que lhe não fazia justiça dele, ou se não presumir que consentia no que ele fizera, mandara tirar hũa inquirição a sua vôtade por Pero dalpõe que era seu ouuidor, & por Francisco coelho

seu  
tes  
por  
faz  
des  
por  
dei  
tin  
de  
tin  
elre  
gue  
mã  
a le  
a to  
lhe  
por  
nã  
ceb  
sem  
selh  
ria e  
q̄ m  
cristã  
isso  
sem  
mea  
dita  
& el  
Ind  
C  
u h  
cont  
na f  
que  
nã o  
faziã  
pera  
C  
ra de  
ra de  
rey



seu escruião, que leuauão todas partes que erão dos defuntos de Malaca, por serem priuados do governador, & fazer coeles todos enganos & falsida des que queria fazer na inquirição, & por muyta fazenda que lhe Fernão cal deira peitou, ho liurou de tudo o que tinha feyto.

¶ E q̄ ho governador nunca era farto de naos pera fazer guerrejones, & não tinha carregado das naos da carga, de q̄ elrey auia dauer mais proueito que dos guerrejones: & pa saber se era assi, lhe mādara a nao nazare pera se ir nela, & a leuar carregada, & q̄ ho governador a tomara sem necessidade, se não por lhe fazer má obra & toruar sua ida, & por se doer pouco da fazēda del rey, & não lhe lembrar a gãrde perda que recebia em não carregar, & porq̄ fazia sempre tudo a seu saluo, que fizera cõselho com mestres & pilotos se mādaria esta nao ou nã, & todos llic differão q̄ mādasse q̄ estaua pera isso. E ele lhes disse que iria a seu risco de todos, por isso que vissem o que fazião, & q̄ a fosse bem oulhar outra vez, & outras ameaças, & eles então com medo se differão, dizendo que não era pera ir: & estes erão os proueitos que fazia na Índia.

¶ Que não sabia por q̄ el rey não vsaua ho costume Ditalia, que era tomar conta a todo ho capitão & governador na fim do anno do que fizera nele: por que sabēdo q̄ selhe auia de tomar cõta, não fazia as cousas que ho governador fazia, & que homẽ era Gaspar pereyra pera lhe tomar esta conta.

¶ Que a issenção que lhe elrey mādara de Pero mazcarenhas quisera q̄ fora do governador, porque soubeisse el rey que qual quer capitão q̄ estueisse

Cochim deuia de ser isento do governador da Índia, porque doutra maneyra não se faria a carga das naos a tēpo diuido: porq̄ ao tēpo que elas auião de carregar se hia ele darmada, & leuaua quãtos calafates & carpinteiros auia na Índia & todas as cousas necessarias pa adubio das naos & muy desnecessarias pera onde hia, nem menos deixaua em Cochim barca nem batel pera a carriageão das naos, se não leuaua tudo pera os guerrejones.

¶ Que quando se partio pera ho mar roxo ine não deixou nenhũa gente da ordenada à fortaleza nẽ que vigiasse, & q̄ deixou a torre da menajẽ, & hũa sala & duas torres cheas de putas, onde não entrava nenhũ homem sospena de morte, & a q̄les erão os homẽs darmas que deixaua em goarda da fortaleza.

¶ Que quando viera de Malaca se ajũtara em Cochim com sessenta putas q̄ mandara trazer de Goa & astinha em hũa torre, & assi como acabaua de comer se metia sã coelas, o q̄ fizera todo aquele inuerno, em que nenhũa pessoa lhe podera falar, nem despachar coele, & que Masamede não teure mais deleyte com moças virgẽs do que ele teure a aquele inuerno, & que a gente andaua clamando sem a ele querer ouuir.

¶ Que não sabia pera que el rey queria que ouesse na Índia igrejas, nem pera que mādaua lã vigayros, pois não auia de valer a os homẽs q̄ Ioão Fernandes vigayro geral que laa mandara fora desonrrado & tirado da igreja pola defender. E que ho governador fizera vigayro de lua mão a hũ frade bebado bombardeiro chamado frey Ioão, porque lhe descobria as confissões: & vendo os homẽs que lhe não valião as igrejas fugião pera os mouros.



Que ho anno que ele fora capitão de Cochim, & Diogo pereyra feytor q se correjerão muytas naos pera andar darmada, & carregarão muytas pera Portugal, & não se gastarão mais de trinta & tantos mil cruzados, & despois de Lourço moreno ser feytor erão gastados cento & tantos mil, não se corrigendo a metade das naos que forão corrigidas no tempo que Diogo pereyra fora feytor; q homẽ era Diogo pereyra mais sufficiẽte pera ser feytor de Cochim que Lourenço moreno, & de seu cõselho, lhe deuia el rey de dar a feyteria, porque tinha mais cuydado de lhe aproueitar sua fazenda que denriquecer, o que não fazião Lourenço moreno nem ho seu capitão môr.

Que quando ele seruindo el rey em varar as naos, que mandara ho governador entrar de noyte em sua casa dous rapazes seus criados pera lhe casarem com duas escravas suas, como casarão, & lhe roubarão muytas cousas de casa; & vêdo despois que era mal feyto remetara ho feyto ao vigairo mais cõ vergonha que com vontade, & disse q ho que dizia era ho terço por q ho mais lhe esquecia, & que dizia por derradeiro que goardasse el rey as cartas que lhe screuia, & que indo ho governador a Portugal lhas mandasse ler perãtele: & se não prouasse tudo, q lhe mãdasse cortar a cabeça, & q aqilas cartas forão nas naos scã Maria da luz, & scã Maria da juda, & hião cõformes cõ as que Ioão serrão escreuera a el rey sobre fer não caldeira, & q seu filho de Ioão serrão as leuara. E q ho notairo destas cartas fora Diogo pereyra, porque Antonio real não sabia notar, fõmente dizia a Diogo pereyra os casos sobre q queria escreuer, & ele escriuia com aquela

cor que lhe parecia necessaria. E as notas destas cartas ficauão na mão Antonio real, & dali as terla daua em boa letra hũ Garcia Gõgaluez que viera de Portugal com Gaspar pereyra, & que ele lera todas as terla dauas por ser seu amigo.

Capit. cxxiii. De como ho governador mãdou tirar testemunhas sobre os capitulos q Antonio real daua dele



Abido isto pelo governador, assentou consigo pelos capitulos que Gaspar pereyra queria dar dele, & polos q Antonio real tinha dado, que por enformação dambos de dous lhe mandara el rey se nhor fazer as lembranças que lhe mandara fazer acerca de Goa & doutras cousas, & deu muytas graças a nosso se nhor por lhe descobrir aquela mina de cartas, & dondelhe vinha ho mal pera ho remediar com tempo, antes que lhe fizesse dãno. E pera se mais affirmar se era verdade o que lhe dissera Antonio madeira, mãdou chamar a sua casa Diogo pereyra que estava em Cananor, & segurandoho por juramento de nunca lhe fazer mal nem lhe ser feyto por sua causa, lhe preguntou a verdade dos capitulos que lhe dissera Antonio madeira. Ao que ele respondeo que bem conhecia que lhe tinha errado, q lhe perdoasse polo amor de Deos, & que lhe diria a verdade. E dizẽo ho governador que lhe perdoaua, lhe confessou algũas cousas, falando como quem auia medo que não oulha de falar. O que conhecendo ho governador, lhe disse que se espantaua muyto dachar Anto-

nio  
& c  
cor  
lha  
peo  
uer  
ben  
lha  
dis  
da  
& i  
to  
los  
del  
nec  
que  
sen  
tin  
rio  
rey  
alte  
gã  
ele  
nho  
cou  
que  
zia  
affi  
uer  
de  
seu  
Ant  
acer  
ton  
ta  
amb  
atra  
seus  
gon  
deir  
dela  
tas  
fom



nio real quem fosse por ele ao inferno,  
 & ele não quem quizesse ir ao parayso  
 com dizer a verdade a elrey: & a isto  
 lhe tornou Diogo pereyra outra vez a  
 pedir perdão. E perdoandolhe ho go-  
 uernador, & segurandoho de não rece-  
 ber nenhū mal por dizer a verdade,  
 lhe confessou todos os capitulos q̄ lhe  
 dissera Antonio madeira, & q̄ era ver-  
 dade que ele fizera a carta em q̄ forão,  
 & isto com juramento, & q̄ dizia muy-  
 to mais cousas que aquelas dos capitu-  
 los, & assi em outras que escreuera átes  
 dela. E ho governador lhe disse q̄ era  
 necessario auerlhe todos os terlados da  
 quelas cartas pera mostrar a elrey seu  
 senhor os enganos q̄ lhe Antonio real  
 tinha escripto, se não que seria necessa-  
 rio mandar a Portugal a ele Diogo pe-  
 reyra pera q̄ desse rezão de tudo a sua  
 alteza, & por ele se tiraria hūa inquiri-  
 ção de quanto tinha escripto. E ouuido  
 ele isto, lhe pediu por amor de nōsso se-  
 nhor q̄ não fosse el rey sabedor de tal  
 coula, prometēdolhe dauer os terlados  
 que lhe pedia, & que ho da carta que di-  
 zia Antonio madeira lhe daria logo, &  
 assi lho deu. E auido este terlado, o go-  
 uernador mādou ao bacharel Antonio  
 de vilhana ouuidor da Índia que cō ho  
 seu escriuão tirasse por testemunhas  
 Antonio madeira & Garcia gōçaluez  
 acerca dos capitulos que virão que An-  
 tonio real mandara dele a el rey na car-  
 ta que lhe screuera, & assi em outras, &  
 ambos testimunarão os capitulos que  
 atras disse, & conformarão ambos em  
 seus testemunhos, se não que Garcia  
 gonçaluez disse mais que Antonio ma-  
 deira, que na ida de Malaca & tomada  
 dela morrerão ao governador setecē-  
 tas pessoas de doença, de trabalho & de  
 fome, & que ho proueito q̄ elrey auia

dauer ele ho veria: & que querēdo ho  
 governador partir de Malaca, lhe leua-  
 uão os doentes pera os mandar leuar à  
 Índia, & ele não queria mandar que os  
 leuassem, & dizia que coeles auia de so-  
 ster Malaca pelo que eles morrião de  
 pasmo, & quando se fora pera a Índia  
 ninguem ho foubera, se não quādo se  
 fizera à vela, ao que a gente acodira à  
 praya. E fora coula espantosa as pragas  
 que lhe rogauão, & apupadas que lhe  
 dauão por se ir assi, & que a gēte anda-  
 ua cramado sem lhe nūca dar as partes  
 que lhes vinhão das presas, nē lhes pa-  
 gar soldo: & que as presas erão de que  
 primeyro chegaua, & que alargara os  
 mouros de Benastarim porque lhe pei-  
 tarão, & que faria el rey bem de mād-  
 ar por dous judeus que trazia, que sabião  
 quātas royndades fazia, & q̄ erão seus  
 lingoas, secretarios & despenseiros: &  
 que por estes saberia como passauão as  
 cousas da Índia. Etiradas estas duaste-  
 stemunhas, foy tambem tirado Diogo  
 pereyra por testemunha se escreuera  
 aqueles capitulos a Antonio real, & ju-  
 rou que si. E despois de tudo isto estar  
 assi seyto, veõ ter Antonio real a Cana-  
 nor nas naos q̄ se hião pera Portugal q̄  
 auião hi dabarrota. E ho governador  
 ho mādou chamar à camara da sua nao  
 estando coele muytos fidalgos & capi-  
 tães, assi dos que hião pera ho reyno  
 como dos que ficauão na Índia, & esta-  
 ua hi ho ouuidor da Índia & Antonio  
 da foseca seu escriuão, & Gaspar perey-  
 ra: & perante todos mandou ler os di-  
 tos das testemunhas pelos capitulos. E  
 lidos, lhe foy dado juramento por Gas-  
 par pereyra, que ho mandou ho gouer-  
 nador se era verdade o que dizião a  
 q̄les capitulos, & se sabia quē os fizera:  
 jurou que não sabia parte daqueles ca-



pitulos nem os mandara fazer, nê era verdade o que se continha neles. E def pois disto mandou ho governador ler perante todos a carta que Diogo pereyra differa que Antonio real escreuera a el rey: & lida ho ouuidor da India deu juramento a Antonio real que jurasse se escreuera ele aquela carta a el rey, & alli outra que lhe tambem escreuera Diogo pereyra. E ele jurou que era verdade q̄ Diogo pereyra escreuera hũa carta que ele mandara a el rey per Manuel de crasto capitão da nao sc̄ta Maria da juda. E dizendolhe ho governador que desse ho terlado dela, ele disse que ho não tinha. E de tudo isto que se aqui passou soy feyto hũ auto pelo escrição do ouuidor, que ho governador mandou a el rey com os ditos das testemunhas sobre os capitulos, pera q̄ soubesse a verdade: & algũs cuydarão que ele quisesse castigar Antonio real, por em ele não quis nê por todas estas cousas lhe deixou de dar boa embarcação, nem a ele nem a Gaspar pereyra, & a Diogo pereyra disse nenhũa mã palavra, se não quando leo a carta publicamente, lhes disse que se espantaua de serem tão inimigos das cousas do seruiço del rey seu senhor, & tão enuejosos de as verem acabadas com boõ cuyda do, que trabalhauão com seus enganos & falsidades de dãnar hũ homem que com tanto desejo & amor ho seruia na India. E porque muytos dos fidalgos & capitães isto sabião, tuerão grande descontentamento de ver a falsidade dos capitulos, & pera dizerem a verdade a el rey, lh'escreuerão os mais deles hũa carta em que se assinarão, & quiseranna meter no maço do governador pa el rey, mas ele nã quis porq̄ não cuydasse el rey que a pedira: & como Gas-

par pereyra queria mal ao gouernador por lhe tornar esta carta em vituperio dizia que ele fizera fazer aquela carta aos capitães, não pera a mandarem a el rey, se não pera q̄ enganassem coele ao governador que não deteu esse que le anno a Antonio real & ho deixasse ir pera Portugal. E parecendo a Gaspar pereyra q̄ faria pefar ao governador, conselhou a Antonio real que antes de sua partida mostrasse ao governador publicamente hũa carta que tinha del rey assinada por ele, & passada pola chãcelaria da capitania de Cochim, & outras duas cartas, hũa pera fazer hũ nauio, & outra pera poder tratar quãta merce lhe el rey fazia & quanto folgaua cõ seu seruiço. O que ele fez estã do ho governador bem acompanhado de capitães & fidalgos que forão coele ao mar roxo & leuarão lá a vida que disse, que todos embruscarão vêdo tâtas merces a hũ homem que leuaua boa vida e Cochim, & logo murmurarão daquilo: & por isso pesou muyto ao governador do alardo que Antonio real fez de suas carras, & secretamente ho repredeõ disso. E ele lhe disse q̄ ho diabo ho tomara, & que Gaspar pereyra lho fizera fazer, & descobrio ao governador ho concerto per juramêto, q̄ ele, Diogo pereyra, Lourenço moreno, ho vigayro & Gaspar pereyra tinhão feyto pera tratarem com a fazenda del rey, & isto dizia porq̄ se hia pera Portugal. E acabadas as naos dabarrotaẽ Cananor, partitãse pera Portugal & forão cinco bẽ carregadas despectaria.

Cap. xxxv. Decomo o gouernador fez etêder a el rey d̄ Cochĩ q̄ nã era agruado na paz cõ el rey de Calicut.



Hid  
car a  
mar  
era v  
nã h  
bufc  
ua, &  
q̄ era  
q̄ tin  
to de  
ho m  
por a  
ho g  
pera  
daleã  
baya  
ras, &  
& qu  
quise  
leuau  
liutos  
dor q  
era in  
fos, m  
porq̄  
figo,  
dout  
estau  
fenta  
& na  
estau  
& an  
torre  
que e  
quen  
Nos  
band





Stando ainda ho gouernador ê Cananor, chegou hi ho mellejeiro do embaixador do Xequê ismael, q̄ fora a el rey de Daquê, & ao

Hidalção, que como disse ho fora bufcar a Goa & não ho achou por ser no mar roxo, E sabêdo ho embaixador q̄ era vindo, tornou ao mādār visitar, & não ho achando ho mellejeiro ho foy bufcar a Cananor, onde soube que estaua, & deu lhe ho recado do ebaixador, q̄ era q̄ sabendo ele as grandes cousas q̄ tinha feyto na India, desejava muyto de ho ver, & por ho nã poder fazer ho mandaua visitar, & offrecer selhe por amigo. E deste mellejeiro soube ho gouernado, q̄ assi ho embaixador pera el rey de Daquem & pera ho Hidalção, como o que fora a elrey de Cambaya, leuaua cada hũ cem êcaualgadas, & baixelas de prata de seu seruiço: & que os reys a que hião dirigidos não quizerão tomar as carapuças que lhes leuaua da parte do Xequê ismael nê os liutos da sua seita. E vendo ho gouernador que ho mellejeiro do embaixador era inclinado a ver as cousas dos nosos, mandou lhe mostrar a fortaleza, & porque estava de caminho leuou ho côsigo, & detendose em Calicut, lhe mādou tambem mostrar a fortaleza, que estava em tanta altura que podião asfentar nela artelharia, & era quadrada & na quadra q̄ ficaua na banda do mar estauão duas torres de fora do muro, & antrelas da parte de dentro estava a torre da menajê pegada no muro em que estava, & ao pé dela hũ postigo pequenô pera receber socorro por mar. Nos outros dous câtos que ficauão da banda da cidade tinha duas torres, &

hũa mayor hũ pouco que baluarte & mais alta na porta da fortaleza que ficaua daquela parte, & suas bombardearas ao derredor, & as torres q̄ goardauão ho pé do muro. E vista esta fortaleza, em cuja goarda ficou no mar dom Garcia com parte da armada ate ser tẽpo de se recolher, parti offe ho gouernador pera Cochim, onde despachou ho mellejeiro do embaixador, & lhe deu hũ presente que lhe leuasse, & se mostrou muyto grande amigo do Xequê ismael, & lhe mādou pedir por sua carta q̄ da sua parte fizesse muytos offrecimentos damizade ao Xequê ismael, & q̄ tudo faria por amor dele, porque sabia q̄ el rey de Portugal se aueria por muyto seruido disso. E por estas palauras & boô galalhado, mādou despois ho xequê ismael hũ embaixador ao gouernador, como direy a diante, & despachou bem hũ Miguel ferreyra que lhe mandara com recado. E despois q̄ ho gouernador foy em Cochim, com quãto el rey se daua por agrauado dele pola paz com el rey de Calicut, & por q̄ lhe dizião que a carregaçã das naos auia la de ser dali por dãte, foy ho ver. E praticando sobristo, disse lhe ho gouernador que não tinha rezã de se agrauar da paz cõ el rey de Calicut, por que el rey de Portugal lhe tinha befatiffeyto os seruiços que lhe fizera, & q̄ a guerra que tinha dantes com Calicut era pola treycão que fizera ho camori, & pois era morto, el rey seu senhor que ria auer piedade dos mercadores genios de Calicut, & del rey, que se metia em suas mãos, & mais não sendo sua tẽçã de fazer guerra se não a mouros, como se via nos lugares que lhes tinha tomado, & por isto se el rey de Couião fizesse como el rey de Calicut tambẽ



se lhe daría paz. E por esta ser a tçção del rey seu senhor, & ele ganhar coele, deuia de querer paz com el rey de Calicut & não agrauar se, que bem via ele que ho preço da pimenta de Cochim & os custos que fazia ate Portugal, não deixauão ganhar nela cousa q̄ abastaf se às desordenadas despesas que fazia com a grande armada que trazia na India por amor da guerra. Ao que el rey de Cochim disse que bẽ via tudo, potẽ que ele auia de ter guerra com Calicut, porque assi o queria seu costume. E ho governador lhe respondeo que se a teuesse pareceria contrariar as cousas del rey, como era Calicut pois tinha nela tanta parte: & q̄ a obrigação pera lhe fazer guerra era muy pouca, ou nhũa, pois ho camorim era morto q̄ fora causa da guerra. E a isto preguntou el rey onde se faria a carrega das naos, & ho governador disse que õde a especiaria fosse mais barata, que assi ho fazião os mercadores, & pois ho fazião, que assi ho auia de fazer el rey seu senhor, q̄ rezão era que teuesse a sua mercadoria a liberdade que tinhão as dos mouros. E coestas & cõ outras rezões que ho governador deu a el rey de Cochim, ficou ele desagrauado do governador, & ouue por bem a paz com que dantes lhe pesaua.

Capit. cxxv. De como ho governador deu a capitania de Malaca a Jorge dalbuquerque q̄, & mandou Diogo fernandez de beja com embaixada a el rey de Cambaya.



Ntrado Janeiro do anno de mil & quinhẽtos & q̄torze, quisera se ho governador fazer prestes para Ormuz a ver se podia acabar e

paz a fortaleza q̄ lhe ficara começada, mas não pode porq̄ achou que as naos & nauios de sua armada ã dauão todos tão abertos & fazião tanta agoa que se hirião ao fundo se nauegassem, & que de necessidade se auião de tirar a môte pera se corregerem. E vendo ele q̄ não podia sayr aq̄le anno fora da India, pos em conselho se inuernaria em Goa, ou e Cochim pa fauorecer a fortaleza de Calicut, em que ainda aquele ãno auia que fazer. E chamando aconselho, foy acordado que dõ Garcia por amor da fortaleza de Calicut inuernasse e Cochim com a gente cõ que lhe podesse socorrer auendo disso necessidade, & q̄ ho governador cõ ho resto da gente fosse inuernar a Goa: & isto porq̄ em Cochim não auia dinheiro pera pagar mantimẽto aos lascaris, nem auia mercadoria pera lhe ser dada em descõto, porque ho feytor a tinha toda vèdida aos mouros (com que tinha trato) fiada por tres annos, que enriquecião coela, & el rey não tinha cõ que pagar aos q̄ ho seruião: do q̄ ho governador repredeo ho feytor muy asperamẽte, & lhe disse que como não tinha ele dinheiro pois deuia de ter, ho cabedal de seys naos que se perderão & se saluarão os cofres, & q̄ não tornarão pera Portugal, & assi diuidas dos mouros do anno passado, que passauão de quinze mil cruzados, & de tudo isto a armada não fizera nenhũ gasto, nẽ fora nela hũ vin tem pera se pagar soldo nem mantimẽto aos Lascaris, porq̄ tudo se pagara de algũa pimenta que ele leuara ao estreito. Ao que ho feytor não respondeo pa lora, achandose alcançado, & ho governador não apertou mais coele, por q̄ lhe defendia el rey que não entedesse miudamente em sua fazenda, & isto



a petição do mesmo feytor & Dantonio real quando estava na Índia, porq̃ se temião do governador que bem sabião quanto oulhaua pola fazenda del rey. E sabêdo ele que auia dit inuernat a Goa, despachou a hũ seu parente que auia nome lorge dalbuquerque por capitão de Malaca, porque por algũs respeitos que sentia serem seruiço de deos & delrey, mandaua vir Ruy de Brito pera a Índia; & coesta capitania q̃ deu a lorge dalbuquerque, conuidou primeyro a Pero mazzarenhas, & pola nã que rer lha deu. E ao mesmo lorge dalbuquerque que deu hũ regimento de coufas que auia de fazer em Malaca, & lhe deu algũa gente q̃ leuasse em hũa nao em q̃ auia dit. E deixandoho prouido de tudo, partiose de Cochim, & de caminho visitou a fortaleza de Calicut q̃ estava em boa altura; & prouida tambem a de Cananor, se foy caminho de Goa, & chegou a ela, porq̃ por carta de Meligupim tinha promessa de lhe elrey de Cambaya querer dar fortaleza & feytoria em Diu, pareceolhe bẽ com conselho de lhe mandar sobristo seu ebaixador pera auer effeyto. E ho embaixador foy Diogo fernandez de beja, & coele lames teixeira por sota ebaixador, & hũ Francisco pãez escruiuaõ da ebaixada, & ligoa Duarte vaz, & hãõ com Diogo fernandez per mãdado do governador algũs caualeyros criados delrey, & a todos ho governador fez merce pera se ataiarem pera esta ida; & Diogo fernandez & eles auiaõ de ir na nao rume, & ate Chaul a uia dir em sua conserua a nao Enxobregas, que dali a auia Diogo fernandez de mandar a Diu pera õde hãa carregada de mercadoria que se auia de entregar a Fernão martinz euangelho que lãa

estaua por feytor, & ã Chaul auia Diogo fernandez de ir desembarcar a hũa cidade chamada gurrate na enseada de Cambaya, donde lhe auia de ser dado caminho por terra pera õde esteusse elrey de Cambaya. E tudo isto era assi ordenado por Meligupim senhor de gurrate, & primeyro que Diogo fernandez partisse de Goa, q̃ foy em Feureyro, mandou diãte pedir seguro a etrey de Cambaya por Pero queymado, & por hũ bramene chamado Anagapatu, pera ele & pera toda sua cõpanhia, & isto como que lho mandaua pedir de gurrate, porque quãdo hi chegasse ho achafse & fizesse menos detença. E partido Diogo fernandez, despachou ho governador a Pero dalbuquerque seu primo que fosse ao cabo de Gardafum fazer presas, & desse vista a Adem, & da hi fosse a Ormuz a recadar as pareas que se deuião de dousãnos, & soubesse delrey & do seu goazil, se lhe deixarião acabar a fortaleza que deixara começada, & ter hi feytoria. E mais lhe mãdou que fosse descobrir a ilha de Baharem de que tinha fama que era muyto rica, & deulhe a capitania moor de quatro naos, ele capitão de hũa, & das outras Ruy galuão, Antonio raposo & Ieronimo de souza. E despachado, se partio pera ho cabo de Gardafum.

Capit. cxxvij. De como Pero dalbuquerque foy a Ormuz, & do q̃ lã fezo.



Nde chegou tomou duas naos de Meca que hãõ de Cambaya, & sentidho os mouros arribarõ a Ormuz bem cincoenta naos cõ medo dele, & na antrada de Mayo se foy a Ormuz, em que ja não reynaua elrey de



far dím, que ho mãdara matar Raix no radím por ser goazil despois de morto Cojeatar, a quem el rey çafardím não queria que succedesse no goazilado: & morto el rey çafardím succedeo no rey no seu irmão Raix turuxa que fez goazil a Raix noradím, & destes foy Pero dalbuquerque bẽ recebido, & por q̃ ele auia de ir descobrir Baharem, não se quis mais deter, & seguiu sua rota pera esta ilha, que està no sino persico, ou mar da Persia duzentas legoas Dormuz em vinte tres graos & meyo: he ilha grãde, & muyto vigosa dagoas, or taliga, & daruored. He pouoada de mouros que obedecião a el rey Dormuz, de cujo senhorio soya de ser, & então a tinha tomada hum capitão do Xexeque ismael: nasce ao derredor dela no mar muyto aljofar & perlas que os moradores dela pescão & vèdẽo a mercadores estantes que ganhão muyto, & ho senhor da terra tem disso grandes dreytos, & daqui leuãos mercadores este aljofar & perlas, não somete per toda Persia & Arabia, mas pa a India. E sendo Pero dalbuquerque cõ sua armada tanto auante como estaa Baharem, achou que os ponentes ventuão ja muyto, que lhe impedirão sua viãse, & porque pera esperar por leuantes seria muyto tarde pera tornar à India ao prazo que lhe posera ho governador, não se quis de ter & tornouse pera Ormuz, & chegando a Reyxer dous dias de caminho de Baharem, achou hi Mirabuçaqua hum capitão do Xexeque ismael que dali começaua de fazer guerra por mar a el rey Dormuz, & tinha tomadas vinte terras que ele ali trazia darmada, & por rogo de Pero dalbuquerque as alargou. E ficando muyto amigos, partiõse Pero dalbuquerque

& tornouse a Ormuz, onde inuernou. E estando aqui, salou com Raix noradím, & com el rey Dormuz, & pediolhes da parte do governador a fortaleza que hi deixara começada. Do que se eles escusarão, dizendo que el rey a tinha tomada pera si & a metera com os seus paços: & pera que queria ho governador fortaleza naquela cidade, pois ella era del rey de Portugal & lhe pagaua pareas, que se quisesse hi ter feytoria tão segura podia estar sua fazenda como em sua casa, quanto mais que esperauão cada dia recado del rey de Portugal, que o que ele mandasse que isso fãrião, porque pareceria mal não esperarem por reposto da embaixada que mandara ho rey que falecera. Pero dalbuquerque vio que aquilo era escusa, & não quis falar mais nisso, & pediu as pareas que se deuão, que erão dez mil xerafins que lhe pagarão: & tambem em quanto aqui estee vendeo algũas prelas q̃ fez nesta viagem, que temou a mouros de Meca nossos inimigos que nauegauão sem seguros do governador. E por fazer estas sem peleja as dingo assi em soma. E elas vencidas, assomou ho dinheiro a trinta & cinco mil xerafins, que com os das pareas erão corenta & cinco mil a fora hũa nao carregada de roupa branca que ficou por vender: & vindo ho tempo, se partiõ coeste dinheiro caminho da India.

Capitolo. cxxviij. De como chegou Jorge dalbuquerque a Malaca, & foy entregue da capitania.



Chegado Jorge Dalbuquerque a Malaca, q̃ foy em Iulho de mil & quinhẽtos & quatorze, mostrou a



prouifam que trazia do governador a Ruy de Brito perate todos os officiaes da fortaleza & outras pessoas principaes dela, & assi perante ho capitão do mar & seus capitães, em que lhe mandaua entregar a capitania de Malaca, & que ele se fosse pera a India, a que Ruy de Brito obedeceo, & lhe entregou logo a fortaleza, dandolhe lorge dalbuquerque hum conhecimento de como a recebia, & com quanta gente, & com quantas peças d'artelheria, que foy feyto por hum tabalião publico. E como Malaca estaua em paz & muyto farta, & abastada, não teue lorge dalbuquerque q' fazer logo pola primeyra mais que leuar boa vida, & Ruy de Brito ficou em Malaca ate Dezembro que era a moução da viajé da India. E estado ele pera se partir, chegou a Malaca el rey de Campar de que ja disse atras que fora ho primeyro que pediu amizade ao governador, & sempre dali por diante foy muyto amigo dos nosos, nem então não hia se nao a visitar ho capitão de Malaca, & saber se tinha necessidade de sua ajuda, porque a daria de muyto boa vontade ate perder n'isso seu estado. E recebendo muyta honrra de lorge dalbuquerque, & merce em nome del rey de Portugal, se tornou pera sua terra despois de star algũs dias em Malaca. E por esta amizade que lorge dalbuquerque entendeu nele, desejou de ho fazer bendara de Malaca, que era tamanho officio q' no tempo del rey de Malaca era a segũda pessoa depois dele: & sabendo dele que ho seria se lho ho governador desse, mandoulho pedir per hũa carta que lhe escreueo per Ruy de Brito quando se foy, dizendolhe que muyto mais enriobrecida auia de star Malaca com ser

bendara el rey de Campar que Nínachatu hum mercador, porque assi gentios como mouros se desprezauão de ser mandados por ele, & não se desprezarião de ho ser por el rey de Campar, & assi outras muytas rezões que sam largas de contar.

Capitulo. xxix. em q' se escreue ho reyno de Cambaya, & de quão poderoso he ho seu rey, & dõde comearãõ os reys de Cambaya.



Espachado Diogo fernandez de beja, partiõse ca minho de Chaul com sua companhia e Feueryro, & por ho tempo ser ja quasi contraõ a sua viajém, chegou laa em vinte sete dias, & dali mãdou logo a nao Enxobregas a Diu, & ele seguiu sua viajem pera curtate hum lugar do reyno de Cambaya, que he dos principaes reynos da India, con fina do leuante que he polo sertão com dous grandes & ricos reynos, hum se chama Mandou, outro Sangã, & do ponente com ho mar Indico, & do norte com ho reyno de Dulcinde, & a qui comeca a sua costa em hũa cidade chamada Mangolor: & dura ate quasi Chaul que he da banda do sul, que he ho primeyro lugar do reyno de Daquem com que Cambaya comarca por esta parte. E a costa he de muytas legoas, & ha nela muytas cidades de bõs portos que sam muyto ricas. He geralmente muyto abastado de todo genero de mantimentos, em tanto que em qualquer parte dele seys legoas de terra, podem abastar de mantimentos seys



meſes a hum grande exercito. He ter  
ra muyto viçola & de muytas caças, aſ-  
ſi de monte como de ribeyras: he de  
grande criação de gado groſſo & miu-  
do. Criãſe tambem muytos caualos, a  
inda que pequenos, de fora lhe vem  
muyto ouro & grande ſoma de prata:  
ha nele hũa pedraria dalaquecas, de  
que ſe fazem muytos brincos que vão  
ter aas noſſas partes. He pouoado eſte  
reyno polo ſertão de gētios, & nos por-  
tos de mar pola mayor parte de mou-  
ros, antre os gentios ha hũs que ſe cha-  
mão reſbutos, que quando os reys del-  
te reyno erão gentios (porque agora  
ſam mouros) erão cauleyros & defen-  
dião ho reyno, & ho governauã, &  
deſpois que os mouros ho tomarão  
recolherãſe aas montanhas ſem nun-  
ca ſe lhe quererem entregãr, & ali vi-  
uem, & dali lhe fazem guerra às vezes  
& eles ſe governão per ſi que não tem  
rey nem ſenhor que ho faça. Ha outros  
gentios a que chamão Baneanes, que  
não comem coufa nenhũa que padeca  
morte, & tem por ley de a não matar,  
nem ver quando a matão, & os po-  
bres lhes leuão aues viuas & dizelhe  
que as querem matar, & eles as com-  
prão por mais do que valem porque  
as não matem, & deſpois as ſoltão, &  
tambem comprão os condenados aa  
morte pela meſma cauſa, & tanto eſti-  
mão de matar que quando acendem  
candeas tê nas em alenternas por ſe  
não matarem nas candeas as berberes-  
tas. E ſe lhe comem algũs piolhos,  
mandão chamar outros da ſua ley que  
viuem apartados do mundo como her-  
mitães, & tê nos por ſantos, & eſtes  
lhos tirão & os põe em ſi por ſeruigo  
dos ſeus idolos. Eſtes Baneanes tem os  
mouros em tanta veneração, que on-

de quer que os achão catiuos os reſ-  
gatão logo, ſam muyto namorados,  
& andão bem ataiuados ao ſeu coſtu-  
me, & caſam, & tem molheras muy-  
to fermofas. Ha outros gentios que ſe  
chamão Bramenes, que ſam antreles  
ſacerdotes, & tem em grande reuerê-  
cia ho numero de tres, & confeſſam-  
auer hum ſoo Deos verdadeyro, cria-  
dor de todas as couſas, & que ſam  
tres em hũa ſoo peſſoa, & quando re-  
zão, rezão tres vezes a eſtas peſſoas,  
& tem que Deos verdadeyro tem ou-  
tros muytos deoſes que governão por  
ele, em que tambem crem, pelo que  
parece que aquella terra foy de Chri-  
ſtãos, & por tempo ſe veo a perdera  
Chriſtindade nela. E eſtes bramenes  
achandofe onde eſtão noſſas igrejas,  
êtrão nelas & adorão as imagẽs, pregũ-  
tando ſempre por ſanta Maria, como  
que tem dela conhecimento. Deſtes  
não caſam ſe não os hirmãos mais ve-  
lhos, & no mais que hũa ſoo vez, &  
com hũa ſoo molher, nem ela não ca-  
ſa mais morto ho marido. E ele a ma-  
ta com peçonha ſe lhe faz adulterio,  
tirando ſe ho cometem com os irmã-  
os de ſeus maridos, porque a eſtes he  
licito dormir coelras. Neſte reyno di-  
zem que ha ſeſenta mil pouoações an-  
tre grandes & pequenas, & muytas  
ſam cercadas & arruadas, & de caſas  
altas de pedra & cal como em eſpanha:  
chamaſſe do guzarate & tambem de  
Camba, por amor de hũa cidade que  
tem ho meſmo nome, que he hũa  
das principaes de todo ele, eſtã oyto  
legoas do mar por hum pequeno rio  
acima por onde lhe leuão as merca-  
dorias que lhe vão per mar, & he muy-  
to grande & fermofa com caſas laura-  
das por dentro de maçanarias & pinta



das douro, & de diuerfas côres, & todas com jardins muyto frescos, & tem derredor muytas hortas de singulares agoas, & muy fabrosas fruytas. Ha nela grandes mercadores, assigentios como mouros, naturaes & estrangeiros, & todos muyto ricos, que tratão em todas as partes, & tem em todas muyto credito, & tem nelas seus feytores & estantes. Estes se veste de sedas & brocados, & calção no inuetno brozeguis, marroquis laurados douro, & çapatos de pontilha, & nas cabeças fotas muy ricas, & costumão muyto cheiros & perfumes & outros deleytes; ha muytos officiaes machancos que fazem obras tã sotis como em Frandes, & tecem panos dalgodaõ brancos & pintados, brocadilhos, veludos, cetins, chamalores & alcatifas. E assi ha grandes lapidairos & falsificadores de pedraria. Costumãse nela hũas carretas com leytos de tauoa do pintados, & carrados com porta, que tem pera vista hũas janeletas de gelosia, & estas carretas trazem caualos, & andão coelas homens a ganhar pola cidade em leuar pessoas de hũas ruas pera as outras, assi a ver parentes, ou amigos, ou fêstas, ou pera ver a cidade, & ali vão muy secretamente, leuando dentro musica de vozes, & instrumentos a sua maneyra com que se desenfadão. Ha tambem como disse outras muytas & muy ricas cidades pela costa, & pelo sertão, & as mais da costa estã na enseada que disse que faz estereyno, que começa em Diu, & acaba em outra cidade chamada Damão. E nesta enseada enche a maré & vaza tanto que espraya duas & tres legoas & mais, & he muyto perigosa por auer nela

muytos rochedos, & ha antreles grãdes pégos, em que se as naos não fição de baixa mar perdense no rochedos, & por isso he necessario entrar nos portos desta enseada com pilotos da terra. As naos de Cambaya sam sem quilha & colidas com cayro como as do Malabar, & carregão muyto, porque não tem cubertas. El rey de Cambaya he mouro, & tem bem seyscêtas molheres com que dorme, & seruisse com muyto grande estado, & muyto polidamente como os reys nas nossas partes: & por ser senhor de tamanho reyno tinha muyta renda, & muyto grande tesouro, & trazia gente sem cõto em sua corte, principalmente darmas de caualo, & sambõs caualgadores, trazem escudos redondos, & algũs sayas de malha, & os caualos acubertados. Antre esta gêre darmas os mais sam estrangeiros. s. i. urcos, Abexins, Mamelucos, Coraçones, Turquímaes, Arabios & Persios, que se ajuntão aqui, assi por a riqueza da terra, como polos grandes soldos que lhe pagaua el rey. Trazia tambem el rey muytos alifantes, que compraua por muyto dinheiro, com que fazia a guerra a seus immigos: trazem nestes alifantes castelos de madeyra em que andão quatro & cinco frecheiros ou espingardeiros, & se os alifantes nã fossem tã doridos peleção muyto bem, porque ferem os caualos & a gente dos immigos com os dentes; porrem se sam feridos fojem logo, & de barato os da sua parte. Estes reys de Cambaya auia pouco que erão reys, que soyão de ser capitães do emperador de Deli hum grandissimo rey no no sertão da India; & era senhor deste reyno, & do de Dulcinde, & do de



Sangã, do Mando, do Daquem, de Narsinga, & deste de Cambaya & tinha em cada hum hum capitão que ho governaua. E concertandose todos de lhe tomarem ho senhorio, se lhe leuantou cada hum com ho reyno que governaua, & se chamou rey dele, & ele ficou soamente com ho de Deli em que residia. Este rey que então reynaua em Cambaya, era ho quarto contando do primeyro que se leuãtou: & hum destes foy criado com peçonha, que assi ho quis seu pay polo não matarem coelap: porque os reys de stas partes costumão muyto mandar se matar hús aos outros coeste genero de morte. E as molheres com que dormia por não morrerem lauauanse todas com çumo de limões, & despois comião outras cousas cõtra a peçonha.

Capitolo. xxx. De como Diogo fernã dez de beja chegou a curreate, & partio da hi pera Champanel.



Resseguindo Diogo fernandez sua viagem chegou a boca do rio de curreate por õde esta obra de duas ou três legoas do mar: he hũa cidade pequena rasa com casas como ja disse, & chegou aqui a quinze de Março. E sabendo na barra como não era ainda vindo Rero queymado com ho seguro del rey, ho mandou pedir ao regedor da cidade, que era mouro & chamauase Destrocão, que logo lho mandou, & que lhe fosse feyto ho grande recebimento, que assi lho tinha mandado elrey de Cambaya que ho fizesse, porque sabia que auia de sr ho nosso embaixador, & sayrão a

recebelo Meãcoje & Meãbabu capitães del rey, & hum irmão de Meligupim acompanhados de muyta gente & leuarão caualos pera os nossos & carretas pera ho seu fato: & Destrocão não sayo coeles por estar doente de boubas. E recebido ho embaixador com muyro amor dos capitães mouros leuaranno aa cidade a casa do regedor, de que tambem forão muybem recebidos, & lhe mandou logo dar hũa cabaya que he trajo da terra, & outras aos que hião coele que assi costumão de fazer aos estrangeiros, porque vestindose do trajo da terra parece hum grande sinal damizade, & que estão seguros na paz, & ho embaixador as não queria tomar, dizendo que não auião de tomar cousa alguma se não do rey com que viuão. E dizendolhe ho regedor que elrey de Cambaya lhas mandaua dar, & que ho aueria por grande desonrra se as não tomasse, as tomou & vestio logo com os de sua companhia, dizendo que ho fazia pois era delrey de Cambaya, & por estarem em sua terra, & por comprirem seu costume. E dali foy ho embaixador leuado aa sua pouxada, que foy em hũas casas de Meligupim que erão grandes & ricas. E logo ao outro dia mandou ho embaixador hum presente ao regedor por Duarte vaz & Francisco paez, & assi por outros dos nossos, mandandolhe dizer que pois por lhe fazer honrra tomara as cabayas, que tomasse aquele presente por amor do governador, & por lhe fazer a ele honrra, & que lhe perdoasse por ho presente não ser segundo seu merecimento, porque como era homem que andaua sempre com as armas aas costas, que não po-



dia dar coufas ricas: & assi mandou presentes a todos os capitães, & ao ir não de Meligupim, & ao seu feytor, & todos os receberão de boa vontade & folgarão coeles, posto que ho regedor se encareceo em tomar ho seu. E mandados estes presentes, forão visitar ho embaixador, ho filho herdeiro de Meligupim, & duas filhas por lhe fazer honra, que he a mayor que se pode fazer, & a estes deu ho embaixador algũas peças ricas. E logo neste comenos se começou de soar que Meligupim estaua agrauado del rey de Cambaya, & se fora da corte por algũs dessauores que lhe fizera, & que el rey partia muyto de pressa socorrer a hũa fortaleza que se lhe leuantara, & era muy longe. E sabêdo ho embaixador isto, não quis partir pera a corte ate não saber a certeza de tudo, & por se escusar do regedor que lhe dizia que partisse, disse que não era vindo ho seguro del rey, com que chegou Pero queymado a vinte sete de Março, & trouue hũa carta del rey pera ho regedor, em que dizia que desse aos nossos todo ho necessitaria pera seu caminho ate a cidade de Madaua, onde ho embaixador auia dir falar a el rey, & outra de Meligupim pera ho governador, em que se auia por mosino de não estar na graça del rey como dantes pera ho setuir, como sempre desejava. E ambas as cartas hião abertas, & ho embaixador as vio: & sabendo ele por Pero queymado ho dessauor de Meligupim, & que se fora pera a cidade de Champanel, & el rey ido a socorrer ho castelo que se lhe leuantara que era muyto longe, quizerase dali tornar por ter regimento do governador que por ne

nhum modo inuernasse em Cambaya, hora ouuesse concerto antre el rey & ele, hora ho não ouuesse. E que ho tempo da moução pera tornar aa Índia, era ja tão curto que como abalafsem de gurrate auião por força dinuernar em Cambaya, pera o que não leuauão a despeza necessaria por ho governador fazer conta que não auião laa dinuernar, & se ho fizesse seria com seu grande abatimento & desonra, & com passar ho regimento que lhe ho governador dera: & por isso determinou de se tornar de gurrate tanto que chegasse a nao rume, em que ho embaixador mandara ver per ho capitão della os lugares em que se podia fazer fortaleza. E determinando de se tornar ho mandou dizer ao regedor, dizendo as rezões que pera isso tinha, que elle contrariou com dizer que como se auia de tornar tendo seguro del rey, & estar tudo prestes pera seu caminho por seu mandado, & que conta lhe daria se fosse sem ir a ele pois vinha a isso, & que se de todo se quisesse ir que primeyro ho auia descreuer a el rey, & vindo seu recado farião o que mandasse. E vendo ho embaixador a vontade do regedor, & por não ser chegada a nao deixou se estar ate ver o que el rey respondia ao regedor que lhe logo escreueo, & ele escreueo a Meligupim tudo o q̄ passaua, pedidolhe q̄ lhe escreuesse miudamete o q̄ era bẽ que fizesse, & lhe escreuesse o q̄ lhe mandara dizer e segredo por Pero queymado, & a Ganapatu pa lhe ho governador dar a isso credito. E nisto chegou a nao rume, & ho embaixador se quizer a ir, & nã foy por ho regedor lhẽ barçar a ida dizendo que auia descreuer a el rey como a nao era chegada,



& deulhe a entêder q̄ sabia onde fora, & que solpeytava a que. E por entender no regedor que ho não auia de deixar ir, & dandolhe a entender que ficaua por fazer a vôtade a el rey de Cambaya ficou, & ho regedor mandou mostrar ao lingua & escriuão da embaixada hũa carta del rey, em que lhe escreuera q̄ em todo caso fosse ho ã baixador velo. Etêdo p̄stes sua partida se partio aos vintoyto de Março pa a cidade de Madauã onde el rey estaua. E ho regedor & feytor de Meligupim lhe derão trinta & tres caualos, que tâtos erão necessarios pera os que auião dir a caualo, & doze carretas pera ho facto, & vinte piães da terra frecheiros, & hum capitão de gête de caualo chamado Meaçamadim. E com toda esta companhia que era muy grande começou ho embaixador seu caminho, & sendo hũa jornada ou duas de currate, lhe derão a reposta de Meligupim à sua carta em que aprouaua sua ida a el rey. E despois desta carta, mais a diante lhe foy dada outra sua, em que dizia que tâto que aquela visse se fosse a Champanel onde ele estaua, que he hũa cidade das mayores que el rey tem & a mais forte. Esta no sertão trinta legoas do mar si tuada em hum grande campo, em que se leuanta hũa serra pequena em redô deza, mas muyto grãde em altura, em tanto que pola parte mais baixa tem quatrocentas braças daltura, & he toda cercada de rochedo. Nesta serra está si tuada a cidade cercada de muros & torres, & dentro desta primeyra cerca tẽ outras seys & todas de muros muy fortes: a primeyra cerca não tem mais que hũa soa entrada por hũa porta muyto alta feyta ao picão, & entrão por baixo do chão trinta ou corenta braças. E

diãte desta porta estaua hũa caua muyto funda de largura de cem passos com hũa pôte leuaciça. Nesta cidade estão hũspagos dos reys de Cambaya, que ocupão tanto espaço como Euora, & sam cercados de muro, q̄ se serue por tres portas de ferro, & dentro não poufa mais que el rey com suas molheres, & os recebedores de suas rencas que andão na corte, & os officiaes de sua casa, & estão os almazês de armas & munições de guerra, & todo ho mais sam jardins que dão fruytas como as nossas com fontes de jaspes, & estão todos ao derredor de muytas casas de prazer, de que as mais sam de hum sobrado, & as outras terras, & quasi todas abertas por duas partes, & hũas tẽ as paredes lauradas douro & dazul, & outras brãqueadas com betum de gesso & claras douos, & outras confeyçes com que ficão tão aluas & resprandentes que fazem perder a vista, & ho chão he lãdrilhado dazulejos: seria esta cidade de cento & trinta mil fogos.

Capitolo.cxxxj. De como ho embaixador se vio com Meligupim na cidade de Châpanel, & de como se partio pera a corte del rey de Cambaya,



Esta cidade chegou ho embaixador aos quatro dias dAbril ao meyo dia, & decesso em hũa horta pera ali se despir dos vestidos de caminho, & ir ver Meligupim, que sabendo que era chegado, lhe mãdou caualos pa sua pessoa & pa os de sua cõpanhia, & mãdou muyta gête de caualo q̄ ho acõpanhasse & muytos tan-



geres que ho acompanharão ate a casa de Meligupí, q̄ ho fayo a receber a primeyra casa das suas, & lhe fez todo ho galalhado que se podia fazer: & ho embaixador lhe deu ho presente que lhe ho governador mandaua, & mais hũa carta, & despois lhe mostrou ho presente que ho governador mandaua a el rey de Cambaya. E porque Meligupim ho ouue por pouco, conselhou ao embaixador que lhe acrescentasse mais hum bacio dagoas mãos de prata dourado per partes, & hũa albarrada do mesmo, & hũa adaga forrada dourado, punho & bainha, & muyto bem obrada, & estas tres peças erão do embaixador. E sabendo Meligupim como ho governador mandaua pedir a el rey hũa fortaleza em Diu pera goardar da muyta fazenda que el rey seu senhor auia hí de ter: & pera conseruação da paz, disse que era muyto bem pedir fortaleza, posto que Meliquiaz efcreuera muytas vezes a el rey que ho governador lhe pedia em Diu hũa fortaleza, & que lha não desse, porque a não queria se não pera lhe tomar sua terra: & não lhe dando fortaleza, não ouesse medo de lhe tomar Diu que estaua muyto forte. E passados tres dias, partio se ho embaixador pera Madauá onde el rey estaua, mandando lhe Meligupim dar caualos, & a lamesteixeira pera ho caminho, & outros que leuassem a destro pera a entrada dalgũs lugares, & assi outras carretas, & quatro camelos que lhe leuassem tẽdas se lhe fossem necessarias: & assi mandou coele hum homem principal de sua casa & seu capitão ate Madauá cõ seys de caualo & vinte de pee, & ho auisou que não pousasse se não õde lhe aquele seu capitão dissesse. E antes de

chegar a Madauá (que he hũa cidade mayor que Champanel & mais nobre de edificios) foy aquele capitão dizer ao goazil moor del rey de Cambaya que se chamaua Codamacão a vinda do embaixador. E por quãto el rey era aa caça, & não se sabia certo se tornaria aquele dia, mãdou Codamacão dizer ao embaixador que ficasse aquela noyte em hũa sua horta junto da cidade a te lhe mandar recado. E ao outro dia logo pola manhaã, mãdou Codamacão hum turco principal de sua casa com trinta de caualo, & diante muytas trõbetas & outros instrumentos, pera que fosse com ho embaixador a sua casa onde auia de pousar em hum apousoamento apartado sobre si. E os nossos hãõ espantados da multidão da gente que auia na cidade, assi de caualo como de pee, & todos com atauos muy custosos, & assi da nobreza dos edificios da cidade, & a gente que se ajuntaua a ver os nossos lhe impidia que não podessem passar, & deteueranse muyto a te chegar a casa de Codamacão, a cuja porta estaua Melique quadragi filho do regedor de currate que era paje del rey esperando polo embaixador, a que fez muyto grande cortesia, & ho leuou a Codamacão. E despois de seu recebimento ho embaixador lhe deu ho presente que lhe leuaua do governador, que forão duas peças de cetim, hũa roxo outro pardot & outras duas, hũa de camarabão verde, & outra de damasco branco. Dezoyto couados de grã, & hũa albarrada de prata, & alem disto hũa taça que ho embaixador acrescentou mais de sua casa, porque nele estaua ser seu despacho boõ ou mau por ser ho mais priuado que el rey aa quele tẽpo tinha: & assi lhe deu a carta



do governador. E mostrãdo Codamação que folgaua muyto com ho presente, recolheose ho embaixador pera as suas pousadas, que erã muyto boas & cercadas, & em que todos os que hão com elle couberão aa sua vontade. E Codamação lhe mandou muyto largamente de comer; & ao outro dia antes de comer lhe mandou recado do pago que fosse falar a el rey, que assi ho mandaua, & pera hirem, lhe mandou muyto bõs caualos, & a todos os seus, & foy coele Melique quadragi, & muyta gēte de caualo & de pé que forão do pago pera isso, & com muytos & diuersos instrumentos. E com muy grande aparato abalarão pa ho pago, indo ho embaixador & todos os nossos muyto bõs vestidos. E leuauão ali tres dos nossos ho presente que ho governador mãdaua a el rey, que era hum colar douro emaltado, & hũ punhal forrado douro, bainha & tudo, & anilado que parecia muyto bem, & a adaga do embaixador posta em hũ arelhana douro, & ho seu bacio da goas mãos & albarrada, & hũ peça de borcado verde da Persia, & duas da China, & noue couados de veludo preto, & assi chegarão aos paços que erã terreos (que assi os tinha ho emperador de Deli quando senho reaua Cambaya.) Entrado ho embaixador nos paços com Melique quadragi, depois de passar por muytos patios & salas chegarão a hum muyto grande, onde a hũ cabo em hũ capelinha defronte da porta estaua el rey deitado em hum catile vestido em hũ cabaya branca de pano dalgodão fino, & na cabeça hũa fora do melmo, & muyta gente em pee posta em ordem dhum cabo & do outro todos grandes senhores & capitães de gente que tinhão muyta

renda; & em ho embaixador ho vêdo lhe fez hũa mesura ao nosso costume com todos os nossos. E logo ele & Iames teixeira por seu mandado se chegarão pera onde estaua, & junto do catile, lhe fizerão cada hum sua mesura. E el rey os recebeu com muyto galhardo, & postos ambos empee junto de Codamação & doutros senhores, forão os outros nossos de dous em dous fazer suas medidas a el rey que assi ho mandou ele, & dali se tornarão onde estauão, & mostrando a todos muyto boõ rosto, & dando a entēder que folgaua de ver a nossa cortesia. Feyto este recebimento, lhe apresentou ho embaixador ho presente que digo, com que el rey mostrou que folgaua muyto, tomãdo algũas peças na mão, principalmēte ho veludo preto, & oulhandoas & falando nillo com aqueles senhores que hí estauão. E visto ho presente, tomou a carta do governador, q̄ ele leo logo, & lida lhe disse como ho governador lhe mãdaua sua çalema, & estaua a seu seruiço com toda a armada, & com todos os Portugueses; folgou ele muyto coisso, & preguntou polo governador como lhe hia & onde ficaua. Esta pratica foy desta maneyra, falaua ho embaixador ao seu lingoa, & este falaua a outro del rey, & ho del rey falaua a outro que ho dizia a el rey, porque assi ho costumaua, & se costuma ainda agora & rēno por grãde estado. Acabada esta pratica, mandou el rey a Melique quadragi que leuasse ho embaixador & aos nossos a hũ cabo do patio a dar lhe as cabayas, as do embaixador & de Iames teixeira de brocado & as dos outros de veludo, & eles as vesterão, dizeho ho embaixador q̄ ho fazião por lho el rey mãdar, uas q̄ aq̄le nã era seu



costume. Vestidas as cabayas, tornaram outra vez a fazer reuerência a el rey ao nollo modo, & ele disse ao embaixador q̄ se fosse embóra pa a poufada, & q̄ disse tudo o q̄ queria a Codamacá & q̄ logo seria despachado: & assi se tornou acompanhado como foy, & sendo na poufada, chegou Melique q̄ dragi, & coele hū homē que trazia liū bacio grande cheo de moedas de prata mout riscas, que se chamão madrafaxaos, & deu os ao embaixador, & a lames teixeria da parte del rey que lhos mandaua pera lauagem das camisas, & eles se poserão em os não tomar, dizendo q̄ ho não costuma uão. E por lhe ele dizer q̄ el rey ho aueria por injuria, & lhe parecia que desprezauão suas cousas, & a uetia muyto grande menencoria, os tomaram, & alli duzentas tanças q̄ lhe el rey mandou dar cada dia pera seu comer, que são quinze pardaos douro. Etudo ho embaixador mādaua entre gar a Pero queymado pa q̄ o gastaſse.

Capit. cxxxij. De como ho embaixador foy despachado del rey de Cábaya, & de como se tornou a currate.



O outro dia falou ho embaixador com Codamacão, & lhe disse como ho governador mādaua pedir a el rey hūa fortaleza em Diu, porque assi lhe escreuera el rey seu señoŕ q̄ ho fizesse, porque dandolha aueria sua amizade cō el rey de Cambaya, & sua fazenda estaria mais segura, porque auia de ser muyta, & ele auia de ter por isso grandes proueitos. Ao que Codamacão disse, q̄ como pedião agora fortaleza em Diu, se ateli não pedirão se não feytorias, & q̄ el rey a começara de dar a Trif

tio degã quando lá fora com embaixada, & pa amizade & trato abaſtaua feytorias, porq̄ nome do fortaleza era muyto grande couſa. Ao q̄ ho embaixador respondio que el rey de Portugal não auia de fiar sua gente & fazenda de ne nhūa terra na India sem fortaleza, & ainda muyto boa por não matar a gente, & lhe roubarem a fazenda como fizeram em Calicut, Coulaõ & em Malaca, em q̄ se teuera fortalezas como então tinha em algũs deles tudo esteuera seguro, & não fora quebrada a paz nē a amizade: & porq̄ el rey seu señoŕ a queria ter verdadeira cō el rey de Cábaya pedia fortaleza em Diu, quanto mais q̄ pera hū tamanho señoŕ como ele era não deuia dauer por muyto hūa fortaleza em seu reyno sendo dhū rey seu amigo, & de que auia de ter muyta honra & pueito. E assi lhe deu outras muytas rezões pera se lhe dar a fortaleza. E passando sobristo muytas miudezas, disse Codamacão q̄ por amor do guernador ele diria tudo a el rey, & ho despacharia ho mais cedo q̄ podesse, & assi ho fez que dahã dous dias que forão a vinte Dabril lhe deu ho despacho, dizendo que dizia el rey que posto que ele tinha dada feytorias em Diu ao governador, & ate então lhe não mandara falar em fortaleza, lhe prazia dala em currate, ou feytorias em qualquer lugar de seu reyno onde a ho guernador quiseſse. E isto disse ho Codamacão com hū contentamento como que tinha acabada grande couſa, ou ho fazia com malicia por temporizar com ho embaixador, que na verdade se ele quiseſse el rey dera fortaleza em Diu, por rem ele não quis por não encontrar a Meliquiaz que não queria ver lá fortaleza nolla. Ouuido ho despacho polo



embaixador, agardeceo a Codamação ho trabalho que niffo leuara, & a boa vontade que tinha, & disselhe que não auia daceitar fortaleza se não em Diu, que affilho mandara ho governador, por Diu ter boõ porto & poderem as nossas naos entrar dentro, & que se podia tirar a monte se fosse necessario & inuernar hi, o que não podia ser em gurrate, onde a fora estes incõueniêtes auia outro, que era ficare as nossas naos tres legoas do porto, Do q̃ se Codamação mostrou muyto descontente, dizêdo que como não punha na cabeça o q̃ el rey daua, E ho embaixador disse que punha por serem palauras del rey, mas que não podia aceitar fortaleza se não em Diu, & que ele deuia de pelar muyto bem (pois era pessoa em q̃ el rey cõfiava tanto) quanto proueito & honrra era del rey de Cambaya o q̃ lhe ho governador mandaua pedir, & que deuia daoconselhar a el rey que ho fizesse, por que seus portos se tornassem a ênobrecer, & a render o que rendião, & ainda muyto mais; & que as suas naos lhe trãão seguramête toda a riqueza do mûdo & nauegarião seguras. E tâtas rezões lhe deu, que ele disse que por amor do governador tornaria a falar a el rey, & pera que teuesse disso mais lembrança & ho fauorecesse, lhe mãdou ho embaixador hũ barnegal de prata & hũ castiçal que erão seus, dizendo que lhe mandaua aquilo por ser cousa de Portugal cõ que lhe parecia que folgaria, & assi disse ele que folgaua. E dali a quatro dias lhe disse que dizia el rey, q̃ polloirem ver de tão longe, era contête de dar ao governador fortaleza em hũ de quatro lugares, Bombaim, Currate, Maím, Doubez, & feytorã em Diu onde quisesse, & q̃ escolhesse hũa cou-

sa daquãas se hia por paz, porq̃ ele não a uia de tornar a falar a el rey porque aueria grande menencoria, & que se qualquer daquelas cousas não quisesse, que lhe não parecia boõ ho coração do governador. E com tudo isto ho embaixador não quis aceitar nenhũa daquelas fortalezas, & deulhe as rezões que lhe tinha dadas, porque a não aceitaua em gurrate. E corrédo por esta materia de palaura em palaura, disse Codamação que se auendo paz anteles as suas naos auião de nauegar seguras, não leuando nenhũa especiaria pera Adem ou pera ho estreito, se lhe tolheria ho governador que não fossem lá. Ao que ho embaixador respondeo q̃ não era rezão, que tendo el rey de Cambaya paz & amizade com el rey de Portugal mãdaf se suas naos a Adem & ao estreito, com quem ele tinha guerra, porque a verdadeira amizade de auia de ser amigo damigos, & imigo dimigos. E disto não podia fugir el rey de Cambaya, porq̃ assi ho leuara despachado Tristão degã: o que Codamação negou, posto q̃ lho mostrarão polo liuro do escriuão de Tristão degã, & disse q̃ não sabia parte de tal despacho nem doutro nenhũ se não teuesse a chapa del rey, q̃ he ho seu selo, & mais que não sabia que proueito vinha a el rey de Cambaya da amizade del rey de Portugal se lhe tiraua a nauegação do estreito donde recebia ho mayor ganho de suas rendas, & se ele isto não teuesse, que não sabia q̃ a uantajem lhe fazião, pois a Meliquiaz q̃ era seu escrauo tinha ho governador dados mais priuilegios. E ho embaixador lhe disse, que posto que el rey de Cábaya não poderse mandar ao estreito, que podia mandar a Ormuz, a Malaca, Pegû, Martabão & Bengala, õde



se fazia tanto proueito, & mais que em  
 a dem & no estreito, & assi em outras  
 partes q̄ tihão paz com el rey de Por-  
 tugal, & estauão a seu seruigo; & q̄ sou-  
 beisse q̄ ho governador estaua prestes  
 com a armada da India esperando po-  
 la de Portugal pera ir logo sobre Adē,  
 & a moução passada deixara de mandar  
 là muytas naos por rogo de Meliquiaz,  
 que lhe mandara pedir que ho fizesse  
 assi por se não perder Cambaya de q̄  
 erão là muytas naos, & que ele faria cō  
 el rey de Cambaya que lhe desse forte-  
 leza e Diu, & por isso ho governador  
 as deixara de mandar. E assi lhe disse,  
 que se Adem fizesse concerto com ho  
 governador, que tendo el rey de Cam-  
 baya paz com el rey de Portugal pode-  
 rião as suas naos ir là não leuando espe-  
 ciaria. E com tudo isto Codamação dis-  
 se que não auia de tornar a falar a elrey  
 no despacho; & desesperado d'isso, ho  
 embaixador lhe pediu que lhe mandas-  
 se fazer ho despacho que lhe el rey da-  
 ua pera ho leuar ao governador, & lhe  
 dar rezão de si. E feyto ho despacho, se  
 foy ho embaixador despedir delrey, q̄  
 a fora as cabayas q̄ lhe derão como da  
 primeyra vez, lhe mandou dar a ele &  
 a James teixeira senhas, adagas ricas,  
 & senhas peças de camarabandos; &  
 Codamação lhes deu pera ho governa-  
 dor hum terçado rico & hũas peças de  
 beatilhas muyto finas do deli que antrē  
 les seruem de fotas, dizēdo que aquilo  
 mandaua el rey ao governador e final-  
 damizade, & lhe mandaria hũa alima-  
 ria chamada ganda, que lhe leuarião a  
 curreate.

Capit. cxxxix. De como ho embaixa-  
 dor foy inuernar a curreate, & despo-  
 is se partio pera Coa.



Espedido ho ebaixador,  
 partiose ao outro dia, q̄  
 orão vinte seys Dabril  
 auendo dez que estauão  
 em Madaua, & ele & os  
 seus tornarão nos caualos & carretas  
 de Meligapim, q̄ esperarão todo este  
 tempo pera os tornar a curreate, & no ca-  
 minho achou hũ Portugues chamado  
 Antonio a fonso, q̄ lhe ho governador  
 mandaua com cartas & com dinheiro,  
 & chegou a curreate a oyto de Mayo, on-  
 de lhe foy forçado inuernar por amor  
 dos ponētes, que erão ja tão forçosos q̄  
 derão a costa cō as naos & zābucos, &  
 mais não tinha embarcação em q̄ po-  
 dessem ir. E auendo dez dias que era  
 chegado, chegou a ganda, que era hũa  
 alimaria quasi da grossura de hũa pi-  
 pa & curra dos braços & das pernas,  
 & toda cuberta de cōchas pelo corpo,  
 saluo a barriga, & a cabeça como de  
 porco, & no meyo da testa hum corno  
 muyto agudo de comprimento dhum  
 palmo ou mais. E estas alimarias se criã  
 em desertos do sertão da India, & cha-  
 manhe os Indios gandas, & cuydo q̄  
 sa as Rinocerōtes que Diodoro diz  
 que pelejão cō os alifantes & os maiaõ.  
 Esta troue hũ capitão del rey de Ca-  
 baya bem acompanhado de gente, &  
 alla entregou ao embaixador cō grã  
 de festa de tangeres. E ho embaixador  
 lhe deu hũa peça de cetim branco, &  
 dez pardaos em dinheiro. E inuernan-  
 do ho embaixador em curreate em Ju-  
 lho, mandou Pero queymado a Mad-  
 aual com cartas a Codamação sobre se-  
 te escravos Christãos q̄ lhe fugirão do  
 caminho indo pera curreate, que soube  
 q̄ estauão em sua casa. E lidas por Co-  
 damação as cartas, nã quis dar os escr-  
 uos, & disse a Pero queymado q̄ os to-



masse se os achasse, & nem respondeo ao embaixador nem menos a Melique quadragi, a quem escreueo sobre ho caso. E vendo ho embaixador que não tinha remedio pera auer os eseraucs, entendeo em buscar embarcação: o q sabendo Meababu & Meacoje, lhe disserão que não buscasse embarcação, por q eles tinham cuydado de lha dar quando fosse tempo, que assi lhe tinha mandado el rey de Cambaya, & q lhe dissessem quantas naos auião mester pera lhas fazerem prestes. E dizendo ho embaixador q os feytores de Meligupim tinham cuydado de lhe buscar a embarcação por seu dinheiro, eles ho não quiserão consentir, & que auião de tomar a embarcação que lhe el rey daua, pedindolhe que a tomassem, por q lha darião muyto boa. E aconselhando lhe os feytores que a aceitasse, ho fez assi, & disse q abastaria hũa nao de ate trezentos & cincoenta candis que he hũa medida que se costuma na terra, & outra pequena pera levar a Ganda. E aos vinte dias Dagofo fizeram trazer hũa nao grande & boa ao cays de gurrate, q ho embaixador disse que abastaua para tudo, & q não auia necessidade de mais; & pedindo ho mestre da nao ho frete ao embaixador, disselhe que ho pedisse a Meababu & a Meacoje, que tinham cuydado de ho pagar, & mãdou lhes dizer por seu recado que não pagara ho frete pelo que lhe eles tinham dito, & eles fizeramse muyto menencorios do mestre & ameaçarão, & mandarão dizer ao embaixador que se lha mais fosse que ho lançasse pola porta fora. E isto tudo era falso, porque eles quiserão q ho embaixador pagara ho frete, porque lhes ficara ho dinheiro que tinham del rey pera ho pagar, & assi a

matalotajem que fosse necessaria. E vido que era necessario pagar tudo pelo q tinham dito ao embaixador pois ele se pegaua a isso, fizeram fugir ho mestre da nao & os marinheiros, & fingirão que lhe pesaua disso, & fizeramse muyto menencorios do embaixador, dizendo que ele os fizera fugir. E tãtas cousas fizeram, que desesperando ho embaixador dauer por eles embarcação, a ouue dos feytores de Meligupim que lhes tinha mandado q lha dessem & assi tudo ho de q teuesse necessidade pera sua viaje: & eles lhe buscarão tres zambucos, q se chamão cotubas à custa de Meligupim. E auêdo Meababu & Meacoje menencoria disso, mandarão hũa noyte lançar polas ruas de gurrate bem cincoenta vacas mortas & acutiladas, & lançarão fama ao outro dia que os nossos fizeram aquilo: & assi ho disserão aos feitores de Meligupim, que erão Baneanes, porque os indignassẽ contra os nossos & lhes não dessem embarcação; por q se não pode fazer mayor pesar aos baneanes que matar as vacas, que elles adorão. Porẽ os feitores não ho crerão, porque sabião q os nossos se fechauão com fol: & assi ho disserão, & que sabião a verdade, q os mouros matarão as vacas. Que não contentes cõ esta treição, vendo que lhes não aproueitaua, quiserão deter ho embaixador com dizer q ho auão de ver ho fato quando se embarcasse: & estiuerão dois dias sem ho mandar ver, mãdandolhe ho embaixador muytos recados sobriisso, ate que foy lames rey xeira falar lhe, acõpanhado de sete ou oito criados del rey, & leuou ho despacho del rey, & ho seguro que lhe tinha dado, & falou lhes muyto aspero por q os não despachauão, & querião q per-

des  
did  
per  
a er  
sob  
te  
Ma  
se au  
se de  
& l  
qua  
bera  
dizi  
seus  
& q  
cera  
chan  
rar c  
nã  
& M  
pola  
com  
que f  
tiole

Cap  
lh  
el  
fo



zesse  
ge da  
lho en  
terra  
por el  
outro  
vaz  
chara



dessem mais tempo do que tinham per-  
dido. E eles se desculparão, & então a-  
pertarão muyto q̄ lhes querião pagar  
a embarcação. E depois de gastadas  
sobriſſo muytas palauras, diſſe Iames  
teixeira q̄ a embarcação era paga per  
Manicheteſeytor de Meligupim que  
se auieſſem coele, cō tanto q̄ não ficaf-  
ſe deſcontete. E coiſto ficarão amigos,  
& lhe moſtrarão hũa carta de Meliq̄  
quadragi, em que dizia que el rey ſou-  
bera como ho ebaixador ſe queria ir, q̄  
dizia que ſe foſſe embora cō todos os  
ſeus, & q̄ lhe mandafſem algũs panos,  
& que lhos não mandauão por q̄ adoe-  
cera Codamãção que os auia deſpa-  
char, que ſe os noſſos quiſeſſem eſpe-  
rar q̄ lhos mãdãrião, & ho ebaixador  
não quis. E reconciliado com Meababu  
& Meãcoſe cō que eſteuera de quebra  
polas coulas paſſadas, ſe foy embarcar  
com os noſſos, com ho meſmo aparato  
que foy recebido quãdo chegou, & par-  
tiſe pera a Índia a treze de Setebro.

Capit. cxxxiiij. De como Iorge bote-  
lho, & outros capitães deſbaratarão  
el rey de Linga, & do mais que paſ-  
ſou em Malaca.



Este tempo chegou re-  
cado do governador a  
Iorge dalbuquerque q̄  
mandafſe chamar el rey  
de Campar, & q̄ ho ſi-  
zeſſe bẽdara de Malaca. E por que Ior-  
ge dalbuquerque que ſabia que Iorge bote-  
lho era muyto conhecido em toda aq̄la  
terra & ſabia a lingua, rogoulhe q̄ foſſe  
por el rey de Campar, & mãdou coele  
outro capitão que ſe chamaua Aluaro  
vaz, & deulhes hũa fuſta & duas lan-  
charas em que foſſem com algũs dos

noſſos & gente da terra. E indo Iorge  
botelho pera Campar, achou noua que  
el rey eſtaua cercado por el rey de Lin-  
ga vaſſalo del rey de Bintão q̄ era muy-  
boõ caualeyro, & iſto por ſer amigo  
dos noſſos, & por q̄ Iorge botelho ſou-  
be que a gente que tinha era muyta, &  
a ſua quali nada mãdou ho dizer a Ior-  
ge dalbuquerque & pedirhe ajuda, &  
ele mãdou Triſtão de Miranda, An-  
tonio de miranda dazeuedo, Ayres pe-  
reyra de berredo todos capitães, & por  
ſeu capitão mór Françiſco de melo, &  
a fora a gente Portugueſa que ſerião cẽ  
homẽs, hião ſete ou oytto lancharas cõ  
gente da terra. E partidos de Malaca  
chegarão à boca do rio de Campar cõde  
eſtaua Iorge botelho, & dali entrarão  
todos ho rio & forão por ele ate a eſtra-  
da dhũm eſteyro, onde ho rey de Lin-  
ga tinha feyta hũa tranqueyra muyto  
forte, & tinha ali ſua gente & armãda,  
& fazia a guerra a el rey de Campar,  
cuja cidade eſtaua polo eſteyro acima.  
E entrando os noſſos por eſte eſteyro,  
acharão tão eſtreyto, & cercado de ri-  
bas tão altas q̄ ſenão atreuerão a ſt por  
ele, porque temerão q̄ ſabẽdoos inimi-  
gos ſua ida acoiſſem logo, & os mãtaſ-  
ſem de cõta das ribas ſem ſe eles pode-  
rem defender, & mais como ho eſtey-  
ro era tão eſtreyto poderhe hião quey-  
mar a frota. E por iſto pareceo bẽ a to-  
dos q̄ ſe tornafſem, & ſe poſeſſem ho  
rio largo à boca do eſteyro, & ali tolhe-  
rião os mantimẽtos aos inimigos, que  
por eſta cauſa ſayrião à pelear coeles,  
como ſayrião tanto que ho ſoubetão,  
& era hũa frota doyteta lancharas, em  
que andauão bem ſeys mil homẽs os  
mais deles frecheiros, não ſõmente de  
frechas darco, mas de zaraatana, & os  
noſſos ſerião ſete centos homẽs, cẽ Por



174  
 tuguêses & os outros da terra. El rey de  
 Linga hia diãte a remos em hũa lancha  
 ra tamanha como hũa grande galega  
 & leuaua nela duzentos homês cõ pa-  
 defes q̃ os cobrião todos, & lanças muy  
 boas, & como a maré decia rija hia a lâ-  
 chara a todo tira, & dã de supito com  
 lorge botelho q̃ estava em hũa lancha  
 ra na boca do esteyro com obra de vin-  
 te Portugueses, despiardas, & bêstas,  
 & algũs frecheiros da terra: & em ele-  
 vando a lancha del rey, mãda despa-  
 rar sua artelharía que deu pelos remey-  
 ros de hũa banda, & leuou algũs deles  
 mortos, & os outros cõ medo deixarão  
 ho remo, & baquearãse que foy causa  
 de se atrauessar a lancha na boca do  
 esteyro, & por ser estreyto encalhou se  
 poder passar, & as outras q̃ hião apos  
 dela se deteuerão nela, & ficarão amõ-  
 toadas, que parece que foy milagre de  
 nosso senhor, porq̃ seguindo a multidão  
 de gente que erão, os nossos ouuerão de  
 passar mal. E como lorge botelho vio  
 aquilo, começa defforçar os seus, dizê-  
 do que Deos era coeles, & lhes daua os  
 inimigos nas mãos, que os aferrasse m:  
 & assi se fez, porê eles não osarão des-  
 parar, que em os nossos abalroando se  
 lançarão ao rio, pot mais que el rey de  
 Linga lhe bradou q̃ ho não fizessem.  
 E vendo ele que lhe não aproueitaua,  
 lançouse també & foyse a terra nadãdo.  
 E nisto acode Francisco de melo cõ os  
 outros capitães, & etrão pola lancha  
 del rey & dão nas outras, q̃ assi se hião  
 despejando como os nossos entrãuão,  
 & todos se acolhião a terra sem osarê  
 de os esperar. E tudo isto como digo  
 foy milagre de nosso senhor, porq̃ dou-  
 tra maneyra não era possiuel que tanta  
 multidão de gente como erão os immi-  
 gos, ouêsem tamanho medo de tão

poucos como erão os nossos, q̃ ouuerão  
 aqui muyto despojo. E desbaratados  
 os inimigos, veo el rey de Campar q̃  
 logo soube a noua, & derálhe a lancha-  
 ra em que andaua el rey de Linga, que  
 ele estimou muyto por se auer anteles  
 por grande hõrra, & as outras, delas fo-  
 rão tomadas, & as mais queymadas. E  
 sabendo el rey de Campar ho recado q̃  
 lhe leuauão pera ir gouernar Malaca,  
 fezse prestes ate ho outro dia com mo-  
 lher, filhos & toda sua casa, & os nossos  
 se partirão coele, & na boca do rio acha-  
 rão João lopez daluim com certas lan-  
 charas que lhes apresentou hũa prouí-  
 sam de lorge dalbuquerque, em q̃ lhe  
 mandaua que lhe obedecessem todos,  
 & fossen coele sobre Bintão pera ho  
 destruyrem. E como todos os mais da-  
 queles capitães erão fidalgos, despreza-  
 ranse de ir debaixo da capitania de Jo-  
 hão lopez a hũ feyto tão honrrado co-  
 mo fora tomarse Bintão, de q̃ ele auia  
 de leuar toda a honrra, & por isso orde-  
 narão como não fossen, & tornaranse  
 todos a Malaca. E por lorge dalbuq̃  
 que entêder as cousa como fora, os prê-  
 deo a todos; & ao outro dia soltou lorge  
 botelho, & rogou ihe que fosse cõ João  
 lopez a Bintão, porque cõpria muyto  
 a seruiço del rey seu senhor destruyrse  
 aquela força q̃ ali se começaua de criar,  
 & que sendo talo q̃ não possessem en-  
 trar Bintão, que se tornasse João lopez  
 pera Malaca, & ele ficasse laa cõ toda a  
 armada, porq̃ tolheffe os mantimẽtos  
 a el rey, & lhe fizesse todo ho mal que  
 podesse, & nã se fosse da hi sem seu mã-  
 dados. E partido João lopez pera Bin-  
 tãõ, ordenouse a cõsa de maneira, que  
 nem ele ho entrou, nem lorge botelho  
 ficou laa, & tornaranse pera Malaca,  
 onde sabêdo Ninachatu que el rey de



Campar hia a Malaca pera ser bendãra, credo que ficaua desonrrado se lhe tirauão ho officio, quis antes morrer honrrado, & matouse com peçonha q̄ comeo: & logo el rey de Campar foy le uantado por bendara com muyto grande festa, & muyto grãde prazer de todos, & despois que ele gouernou se enobreceo Malaca muyto mais q̄ dantes.

Capitolo, cxxxv. De como chegou a India Christouão de brito capitão moor das naos da carga: & de como ho governador determinou de ir sobre Ormuz.



Stãdo ho governador em Goa, em Setembro de mil & quinhentos & quatorze chegou hĩ Christouão de brito, que partio aquele ano de Portugal por capitão môr da armada pera a India, de que forão capitães a fora ele Francisco pereyra coutinho, Luys dantas & Ioão de melo: & com Christouão de brito hia Nicolao ferreyra, que fora por embaixador delrey Dormuz ho antecessor do que reyna, a el rey de Portugal sobre lhe confirmar sua amizade, & descarregalo que não pagasse cadanno mais de dez mil xerafins de pareas, porque pagaua quinze mil, fazendose muyto pobre, & que não podia pagar tanto. E ho embaixador como foy e Portugal, quis lhe nosso senhor dar graça pera que se fizesse christão, & deixasse de ser arrenegado como era dantes. E deixando a fãlta feita de Mafamede, reconciliouse com a sancta igreja catholica, o que foy feyto com grande festa que el rey mãdou fazer: & reconciliado disse a el rey a ver-

dade de Dormuz, & camanha cousa era: & quanto rendia, & quão tiranizado estaua por Cojeatar: por isso que não a largasse cousa nenhũa das pareas, & q̄ ho deuia de mãdar tomar: e el rey por temporizar cõ el rey Dormuz, respõdeolhe acerca das pareas que na India tinha seu governador sobre quem ciefcarregaua todos os negocios dela, q̄ ele fãria nullo o que lhe bem parecesse que lhe mandasse recado. E ao governador escreueo o que escriuia a el rey, & que se podesse tomar Ormuz sem ho destruyr que ho fizesse, e comẽdãdolhe muyto que se lã fosse q̄ ficassem as cousas da India tão seguras que não recebessem nenhũ trabalho, porque cõferuar ho ganhado era mais q̄ ganhãlo de nouo: & tomando Ormuz fizesse a igreja principal da auocação de nossa senhora da conceição, assi como a de Lisboa. E vëdo ho governador esta carta, posto que estaua determinado pera ir a quez pejejar com a armada do Soldão, mudouse de esta determinação por estas rezões, porque posto q̄ foisse grãde cousa del'baratar a armada do Soldão que cadãno abalaua a India cõ sua vinda, & estoruar a romaria dos mouros a Meca, & cõcertarse cõ ho Preste, não fundia mais nem aproueítava, que tolher aos mouros as mercadortas que leuauão polo mar roxo que não indo ficauão as que hãõ de Portugal de muyto môr prego: & porem acabado do gouernador del'baratar a armada do Soldão, auia se de tornar à India, & pagar matimẽto à gẽte das feytorias del rey, & soldo que se lhe deuia, & elas ficauão muy desprouidas de dinheiro & mercadorias, por q̄ a carga das naos & ho mau caydado dos feytores e golia tudo & a gente ficaua sem remedio. E indo a



Ormuz, senhora e d'ho de todo como esperaua em noſſo ſenhor teria ali com que prouer a gête, & poderia eſpalmar a armada, & eſperar a dos rumes no tẽpo verdadeyro em q̃ podia ir à India, & ganhar ſehia tanto no trato dos cauallōs pera eſleuar a Goa, q̃ el rey de Narſinga & ho Hidalção andauão a quem mais daria por eles, & ou aueria por iſſo a Baticala, ou a terra firme de Goa: & a fora iſto melhorauiſſe grãdemẽte o eſtado del rey na India, cõ ter por ſeu hũ reyno tão rico como aq̃le. E ele ganhado, dali poderia mais facilmente tapar ho mar roxo q̃ da India por q̃ lhe ficaua mais pto, & fechandoſe ho mar roxo, dauaſſe ſaida à eſpeciaria por Ormuz, do q̃ reſultaua muy groſſa rēda a el rey de Portugal, como o gouernador tinha por eſperiecia no anno q̃ entrou ho mar roxo, q̃ forão a Ormuz mais ſenta naos do q̃ d'ates hião. E por eſtas rezões mudou a ida do mar roxo a Ormuz, E o q̃ lhe fez ainda aſſentar mais niſſo, foy q̃ chegou Pero dalbuq̃r̃q̃, & lhe diſſe q̃ el rey Dormuz tomara a caſa rapuça do Xeq̃ iſmael, & a ſua oraçãõ, & que Raix noradim goazil Dormuz Perſio de naçãõ lhe parecera muyto inclinado a entregarſe Ormuz ao xeque iſmael: & que era homẽ velho & tinha conſigo muytos filhos, & eſtaua e ſua mãõ ho teſouro del rey, & ſua fazēda, & q̃ ho Xeque iſmael começaua de fazer guerra a Ormuz, & contoulhe o q̃ paſſara cõ ho ſeu capitãõ que eſtaua e Reixer. E diſſelhe tambẽ das muytas naos q̃ achara e Ormuz por amor de ſua ida ao cabo de Guardafum, q̃ cuy dauão os mouros q̃ auia d'etrar ho mar roxo. E aſſentando ho gouernador de ir a Ormuz, calouho conſigo & começoũſe d'aperceber pera iſſo, dizendo q̃

eſa pera ho mar roxo: & niſto chegou Diogo fernandez de Camabaya, o de fora por embaixador & trouue a repoſta que diſſe. E deter minandoſe ho Gouernador em ſua ida a Ormuz, Ormuz, partiſe pera Cochim pera ver a fortaleza de Calicut, q̃ achou q̃ ſi acabada, & era da maneyra que diſſe, & chegada a Cochim deſpachou as naos pera Portugal, em que mandou a gada a el rey & algũas joyas de prego deſſas que lhe mandauão os reys & ſenhores da India. E prouidas as fortalezas, de Cochim, Calicut & Cananor, tornouſe a Goa com toda a armada que auia de leuar a Ormuz: & porque lhe ho Hidalção tinha mandado dizer, que lhe mandaiſſe hũ homem de conſiança por embaixador, & que aſſentaria coe ſuas couſas, porque por cartas não auião nũca d'acabar. Mandou ho gouernador a iſſo Ioão gongaluez de caſtelo branco em que conſiua muyto, & deuſe ſua inſtruçãõ do que auia de pedir ao Hidalção, que eraõ as tana d'arias que auia de Banda ate Ghandara q̃ erãõ vite legoas, & quando não quiſeſſe que deſſe as de Antruz, Bardes & Salſete, & ſe as não quiſeſſe dar liuremente q̃ as deſſe, com condiçãõ que lhe deſſem a terça parte do q̃ elas rendeſſem, & q̃ eſta terça lhe pagarião em caualos ou alifates. E que alem de por eſta cauza ficar paz perpetua & amizade antrele & el rey de Portugal, lhe concederia que os mercadores que trazião os caualos, os não vendeſſem a outrem ſe não a ele, no que ganharia cento & cincoeta mil pardaos. Por eſtẽ reys de Portugal ganhaua outro tanto ſe lhe dauão eſtas tana d'arias, & aſſi hia na inſtruçãõ q̃ Ioão gongaluez ſe deixaiſſe andar cõ ho Hidalção ho mais tempo que podeſſe. E



partiofe de Goa em Feüereyfo acom-  
panhado de dez Portuguefes de caua-  
lo, & obra de cem piães da terra, porq̃  
como hia a negocio de tanta importa-  
cia, mādouho ho governador coefte  
eftado, pera q̃ ho teuelte ho Hidalcão  
em muyta eftima, como teue depois q̃  
lá foy, & fez lhe muyta honrra & gafa-  
lhado. E Ioão gonçaluez lhe deu hum  
prefente que lhe mandaua ho governa-  
dor, que era hũ alifante & dous caualos  
& hũas coyraças postas e veludo azul,  
& hũ eftoque, & hum punhal rios, &  
duas peças de grãa. E ho Hidalcão eſta-  
ua e feu arrayal hũa legoa de Viſapõr  
a principal cidade de feu ſenhorio, o dẽ  
ainda que tem muytas he feu coſtume  
andar ſeempre no campo. E ho Hidal-  
cão não tomou nenhũa conerufam cõ  
Ioão gonçaluez, dizendo que dera as  
tanadarias por lhe ho governador dar  
a compra dos caualos ſe ele ouera def-  
tar na Índia pera ſempre, mas que auia  
de vir outros; & que ſe lhe outrem deſte  
mais pelos caualos q̃ lhos daria, & por  
iſſo não auia daſentar partido com ne-  
nhũ governador ſe não com el rey de  
Portugala quem queria mandar ſeu e  
baixador. E eſta foy a repoſta que deu  
deſpois de Ioão gonçaluez andar lá on-  
ze meſes.

Capit. xxxvj. De como ho governa-  
dor chegou a Ormuz.



Rouida a fortaleza  
de Goa pelo gover-  
nador de todo ho  
necessario, & aſſi  
hũa armada de ſete  
fuſtas que auia de fi-  
car na coſta com a  
nã rume, ebarcou-  
ſe com todos os capitães da frota, que

erão dõ Garcia de noronha capitão da  
nao nazarẽ em que hia o governador,  
Ayres da ſilua da nao bota fogo, Diõ  
go fernandez de beja da nao frol da ro-  
ſa, Pero dalbuquerque da nao baſtiya-  
na, Simão claudrade da nao Enxobre-  
gas, Vasco fernandez toutinho da nao  
garça, Jorge de Brito da nao ſancta O-  
fenia, Lopo vaz ce ſami Payo da nao  
ſanta Cruz, Antonio rapoſo do nauio  
ferros, Ruy galuão doutro, Pero ſer-  
reyra da ſoreia, Nuno mattinz rapo-  
ſo da carauela anuciãdi, Içãõ de meira  
da carauela ſam Jorge, Ioão gomez da  
carauela Santiago, Francisco pereyra  
da carauela ſa Nicolao, Ioão pereyra  
da carauela Sãtiago, Fernão de reſende  
doutro, Silueſtre corçõda galẽ grãde,  
Manuel da coſta da galẽ Santiago, Je-  
ronimo de ſouſa da galẽ ſam Vicente,  
Fernandeanes dõ bargantim San-  
tiago, Pedro corçõ capitão doutro. E  
chamados eſtes capitães a conſelho, e  
aſſi dom Ioão cega capitão de Goa, &  
com Sãcho de noronha alcaide mór,  
& Nicolao ferreyra ebaixador del rey  
Dormuz, perante ho ſecretario Pero  
dalpõelhes diſſe q̃ ele tinha ſua arma-  
da preſtes, & a gente embarcada, que  
ſerão mil & quinhentos Portugueſes,  
& ſeyſcentos Malabares; & que el rey  
ſeu ſenhor lhe mādaua entrar ho mar-  
roxo & fazer fortaleza em A dẽ, & que  
ſobriſſolhe eſctiuia cadãno, & aſſi ſe-  
bre Ormuz, que deſejaua de ho ter &  
ſer ſenhor dele, ſegundõ ſe cõtinha ma-  
is largamente em hũa cartã q̃ moſtrou  
que ſua alteza lhẽ ſcreuera aquele año,  
& que tinha por nous certa que el rey  
Dormuz tomara a carapuça co leque  
iſmael & ſua oraçãõ, & q̃ ſe cizia antre  
os mouros (como ſabia ho embaixador  
Nicolao ferreyra) que Ormuz ſe auia



dentregar ao Xequ ifmael. E por lhe el rey escreuer muyto apertadamente sobre Ormuz, queria saber deles seus pareceres sobre este feyto Dormuz, se seria mais seruiço del rey ir com aquela armada seguralo do Xequ ifmael, cu ir sobre Adem & entrar ho mar roxo. E dando cada hũ deles sobristo seu parecer q̄ assinarão, acordarão cõ ho gouernador que era muyto mais seruiço del rey ir segurar Ormuz que a nenhũ dos outros cabos; & q̄ seguro Ormuz dele, se podia mais facilmete tomar Adem, & entrar ho mar roxo que da India. E assentado isto sem ho saberem mais que os que forão presentes no conselho, partiose ho gouernador pa Ormuz quarta feyra de ciza vinte hũ dia de Feureyro, de mil & quinhentos & quinze; & aos vinte seys de Março qua si sol posto foy surgir no porto Dormuz. E em chegando foy a ele hũ mouro chamado Acem ale da parte del rey a dar lhe a boa hora de sua vinde, & dizer lhe que vinha pera sua casa, & mandoulhe por ele hũ presente de fruyta seca, & cousas de açucar. E ho gouernador respondeo a Acem ale, que se aquilo al si fosse como lhe el rey mãdaua dizer, que ele ho trataria como a filho, nẽ vinha alifsenão pera cõseruação da terra. E porque não entrasse mais gente das terras da que estaua na cidade, mandou vigiar a ilha per algũscapitães, & que não etrasse nenhũ nauio sem ser visto, & achando neles gẽte darmas a mataremto que mandou dizer a el rey pera que ho mandasse pregoar. E auẽdo do us dias que era chegado, mandou a terra Nicolao ferreyra a dar a el rey a resposta de sua embaixada, ficando por arrefens hũ sobrinho de Raix noradã. E a resposta foy p duas cartas, hũa em

q̄ el rey de Portugal remetia a resposta da petição de Raix casardim ao gouernador, & a outra sobre ho mouro caçador da onça que el rey mandara coela ao papa. E sabendo ho gouernador q̄ el rey dormuz não dissera nenhũa coufa a Nicolao ferreira sobre a resposta de sua ebaixada, per cõselho dos capitães lhe mãdou pedir por Diogo fernãdez de beja & polo secretario a fortaleza q̄ deixara comegada pera se acabar; & lhe mandasse dar apouentamento na cidade pera os capitães por quanto auia de star nela oyto meses, & que mãdasse abrir a porta da fortaleza q̄ estaua pa ho mar, & garrar outra que estaua aberta pera os seus pagos. E el rey lhe mandou pedir a fortaleza que estaua comegada por estar tão perto dos seus pagos, & que lhe daria lugar pera fazer outra õde quisesse, & lha faria à sua custa; do que ho gouernador foy contente, com tanto q̄ lhe deesse el rey em arrefens hũ filho de Raix noradim, & hũ seu sobrinho de comprir o que prometia. E sobristo ouue aida algũs recados por sospitarẽ os mouros que pederia ho gouernador pa fazer a fortaleza as casas del rey ou a mezquita,

Capit. cxxxvij. De como ho Xequ ifmael mãdou hũ embaixador ao gouernador sobre amizade com el rey de Portugal.



Stãdo ho gouernador neste porto Dormuz chegou hum Miguel ferreyra q̄ ele tinha mandado ao Xequ ifmael com cartas, em que lhe offrecia amizade & liançe com el rey seu seõor, & sua ajuda cõtra seus



inimigos. E como ho Xequé ismael tinha fama do que ho governador fizera na conquista do reyno Dormuz, & na Índia despois que começou de a governar: & assi sabia ho gafalhado que fizera ao melleseiro do seu ebaixador, & os offrcimentos damizade que lhe mandara por ele, folgou muyto de ter por amigo hũ rey tão poderoso como ho de Portugal, & a seu governador. E não sômete despachou bem a Miguel ferreyra, fazendolhe muitas merces, mas ainda despachou hum embaixador com cartas damizade pera el rey de Portugal, & pera ho governador: & assi presêtes de cousas ricas. E este foy Coge alijão ho melleseiro que ho foy a visitar da parte do embaixador, que foy por seu mandado ao Hidalção, em cuja companhia foy Miguel ferreyra, & estava em Ormuz quando ho governador hí chegou. E sabêdo ele per Miguel ferreyra como ho ebaixador do Xequé ismael estava na cidade, mandou por ele algũs dos capitães da frota que forão nos seus bateys vestidos dos melhores vestidos que tinham, & os bateys embandeirados, & com muytos atabales & trombetas, de modo que ho embaixador foy leuado com grande festa. E ho governador estava com todo seu estado vestido darreyo cõ quantos estavam coele, & a tolda da nao armada & alcatifada. E em chegando ho embaixador, desparou a artelharía da nao, de que ele ficou espantado, & assi de ver a muyto grande magestade cõ que ho governador estava, que parecia hum muy poderoso principe, assi em sua pessoa como na companhia dos capitães & fidalgos que estavam coele. E recebido ho embaixador por ele, que se assentou, lhe deu duas cartas em lin-

goa Persiana, hũa pera el rey de Portugal, & outra parele. E a pera el rey de Portugal tornada è nossa lingua, dizia.

*Ao grande rey senhor de grandezas, & senhor dalta coroas, da hõrra antre os reys. Este yo dos reys Christãos, rey grã de grande antreles, rey de grande coração, & senhor bem aaventurado, scavalleyro de Portugal & de sua grandezas, assi como rosas de boõ cheiro, assi a suas merces, & como almiz quere de boõ cheiro, cheira ho muyto amor com que vos escrevi tudo isto, por que he assi, & todo meu coração & vontade he que sempre seiais grande & de alto estado, que vosso lugar he alto. Facouos saber q em hum tempo boõ, hũ de meus seruidores foy por onde estava ho grãde senhor gabado & escolhido dos reys, ho vosso grande governador, & arreyo dos governadores Christãos capitão moor, meus homẽs chegarão a elle, & lhes fez muyta honrra, & lhes amostrou amor & amizade, & os ajudou & despachou bem, & mos enuiu. E não ha duuida q este seyto foy de amor, que nossos corações tmão em ausencia, do que soy causa ho vosso governador, & ho declarou, assi como ho sol he claro, & por isso lhe mandei meu embaixador Coge alijão pera mais affirmar & enfortalecer ho amor & amizade, assi como vos melhor quiserdes, & seia sempre esta boa amizade antre nos, & nosos melleseiros, & cartas vão sempre & venhão, & aia sempre cadea da moor.*

E a carta do governador, tornada tã bẽ da mesma lingua Persiana, dizia.



Pera ho grande senhor que tẽ ho mando, & estejo dos governadores, & grandes da ley do Mexias, Cavaleyro grande, & fortelião do mar de grande coraçõ, Senhor capitão mór, que em meus elhos & minha graça & coraçõ, muyto me contentastes, & sois grãde em minha vitta de: & isto he verdade, assi como ho he, q̃ ha clãridade quando amanhece, nem ha duvida nisso, como a não ha em cheirar ho almizquere, & que ro que seiais sempre grande & alenãtado em bẽ, & q̃ seiais sempre alumiado em voſo caminho, assi como voſo coraçõ deſcia. Façouos saber como veyo Coge algão, & me diſſe voſſo amor, & voſſa boa vontade, & algũas palavras q̃ lhe diſſeſtes, que paſſarãõ a vire vos & ele, mas diſſe muyto bem ditas, & me obrigarão a acrecentar amor & amizade a tre nos, & por tãto vos mandei Coie aliãõ, pera que vos diga algũas couſas que lhe diſſe, & volas faça entender: & peçouos que façais o que vos ele pedir, & que ho nã detenhai, & ho despacheu cedo, & mo cauiaz: & mandaimo al grã meſtres bombardeiros, & eu os comentarey como elles quiſerem. Isto vos peço par no ſſa amizade que ho façais, q̃ toda minha eſperança he em vos, & sempre vãõ & venhão no ſſos meſſeiciros: qualquer couſa que vos demim cõpir mandaimo dizer, & cõſiaz muyto em minha amizade.

Lidas pelo governador eſtas cartas, eſteue cõ ho embaixador hũ grande pedaço praticando em muytas couſas, & diſſelhe que ho despacharia muyto cedo, & tornouho a mandar a terra pelos capitães que forão por ele.

Capit. cxxxviij. De como Raix noradim goazil Dormuz entregou ao gouernador a fortaleza.



Ndado os recados del rey Dormuz pera ho gouernador acerca de dar a fortaleza pa ſe tomar cõcrusã,

foy Raix noradĩ falar ao gouernador, & forão por ele algũs dos noſſos capitães com grande tolenidade, o que ho gouernador fazia por lhe ganhar a võtade & fazer a fortaleza em paz, como lhe mandaua el rey ſeu ſenhor. Em arrefens de Raix noradim ficou na cidade Diogo fernãdez de beja; & por Raix noradim ter os pès muyto inchados de corrimentos & não poder ſobir aa capitaina, lhe falou ho gouernador na galé de Silueſtre corço, cuja popa eſtaua alcatifada, & armado hũ doſel de borcado, & ho gouernador aſſentado em hũa cadeira rica deſtado, & tinha veſtido hũ pelote de damasco pto, & hũa loba do meſmo aberta polas ilharças, & hũa carapuça de veludo preto, & calças deſtamete de milão, & hũ collar dombros que valia tres mil cruzados, que ele mãdara fazer pera ho eſtado da India, & na cinta hũa eſpada rica: & todos os capitães forão veſtidos de feſta, & aſſetados. E chegado Raix noradim, ho gouernador ſe leuanto, & mandoulhe dar hũa cadeira em que ſe aſſentou. E deſpois de lhe dar as encomendas del rey Dormuz, diſſelhe q̃ tinha q̃ falar coe algũas couſas de ſegredo: & logo ho gouernador mandou deſpejar a popa da galé, & não ficarão mais que dom Garcia & hũ ſobrinho de Raix noradim & Acem ale, & Alexandre dataide lingoa & ho ſecretario. E ficando ſõs, diſſe Raix noradim ao gouernador, que poſto q̃ ele tinha fey to merce a el rey Dormuz da fortaleza que eſtaua começada, com tanto q̃ lhe deſſe lugar pera fazer outra, por q̃ os materiaes parela ſerãõ muyto maos cãjũtar, ele lhe tornaua a fazer ſeruigo da q̃ eſtaua começada como a ſeu pay



(que nessa conta ho tinha) & assi esperaua q̄ ho fizeffe coele como cō filho, & mais sendo ele & todo ho reyno del rey de Portugal, & seu. E porem q̄ pera mais segurança da gēte da terra, & dos mercadores ele lhe prometteffe cō juramento em sua ley que fossem sempre amigos damigos, & inimigos dimigos, & ele juraria por parte d̄l rey Dormuz outro tãto, & que sempre estaria a obediēcia & mādado del rey de Portugal, & ao seu q̄ estava em seu lugar, & assi ho jurarão ambos cada hū em sua ley, & assinarão hū auto que disso fez ho secretario. E isto acabado deu o governador hūa cabaya de brocado a Raix noradin que logo ali vestio, & mādou lhe deitar ao pescoço hū ramal de cōtas douro grossas que tinha cem cruzados; & mandou dar a seu sobrinho outra cabaya de cetim cramefim com os botões douro, & a Acem ale cincoenta cruzados & cinco couados de zarlata, & mandou a el rey per Nicolao ferreira, que foy em companhia de Raiz noradi hū colar douro esmaltado, & por Acē ale hūa bandeira das armas reais de Portugal, pera que a mandasse aturar sobre seus pagos por sinal de paz & obediēcia. E assi foy feyto cō grande festa de desparar toda sua artilharia, a q̄ a nossa frota respondeu; & isto se fez a te ho meyo dia do terra deyro de Março, que foy vespera de ramos. E logo da li ate noyte mandou Raix noradin começar dabrir a porta da torre qua saya ao mar. E ao outro dia domingo de ramos a mandou ho governador acabar dabrir, & mādou dō Aluoro de crasto & Antonio dazeuedo com gente armada, pera q̄ esteuessem em guarda dos que abriaõ a porta, que foy abera quasi ao sol posto, & logo os nossos se mete-

rão na torre & ficou esse poder; & como anoyteceo a foy o governador, vindo coele dō Garcia & algũs fidalgos & caualeyros, & à entrada se assentou em giolhos de prazer, & deu muytas graças a nosso senhor por lhe tornar aq̄la torre tãto em paz. E logo a segūda fey ra mandou cercar toda a ponta em que estava a fortaleza de hūa paliçada de cestos cheos darea & sua padellada por cima, & à tre cesto & cesto hūa bõbarda, & isto pera a fortaleza ficar mais segura se os mouros quisessem fazer treyção como da outra vez; & tambem pera segurança dos officiaes que auão de trabalhar de dētro da paliçada, assi como pedreyros, ferreyros, & carpinteiros, q̄ logo começarão de trabalhar, & assi mandou arracar pedra, & cauar gello q̄ se cozia pera se fazer cal. E em guarda desta gente, porque estava afastada da cidade mandou estar Frãcisco pereyra com ho seu nauio, onde se recolhiao de noyte os que trabalhauão na pedreira. E dali a dous dias se começou de descarregar mercadoria pera a feytoria. E dō Garcia se foy a terra pera estar lá coele & fauorecer a fortaleza, & ho governador ficou na frota cō outros. E desta maneyra tinha ho mar & a terra muyto seguros, não sōmente da parte dos nossos, mas tambẽ da del rey Dormuz, q̄ cada dia mādaua de comer ao governador, & assi tinha cuido dele como se fora seu pay. E Raix noradi lhe acõselhaua q̄ ho fizeffe, & folgaua muyto cō a vinda do governador, porq̄ esperaua de ser vingado por ele de hūa muyto grã de treyção q̄ lhe tinha feyta hū seu sobrinho chamado Raix hamet, q̄ sendo ele goazil ho me teo dentro no pago cō dous irmãos seus, & ho fez guarda mór del rey, a quẽ



fazia que lhe fizesse merce & hõrra. E auendo hũ anno que estaua no pago, co meçou de pedir a el rey Dormuz que ho fizesse goazil, & lhe desse as casas que forão de Cojeatar. Do que se elrey escusou per muytas vezes: & polo tirar daquele proposito ho mandou dar ma da fora Dormuz, dizendo a Raix noradim a causa porque. E porem Raix hamet não quis laaãdar muyto, & tornou com ho mesmo proposito, & com muyto mayor soberba. E estãdo Raix noradim doente em cama hũa noyte de grande tempestade com ajuda de seus irmãos que dormião dentro no pagõ, entrou na camara em que el rey dormia com sua molher tendo dentro no pago toda a gente q̄ fora coele dar ma da. E tomandoho pola mão com hum terçado nuu sobrele, lhe disse q̄ se via ele que ho podia matar. E el rey cõ medo da morte se lhe lançou aos pès dizẽdo lhe que fariã tudo quanto quisesse, & que ho não mataisse. E ele lhe deu a vida com condiçãõ que auia de gouernar ho reyno, & ter em seu poder a ele & a toda sua casa & fazẽda & seu tesouro, & por sua mão se auia de gastar, & assi auia de ter ho seu sinete, & q̄ auia de fazer tudo quanto lhe mandasse: & q̄ Raix noradim teuesse nome de goazil, mas que não auia de gouernar nenhũa cousa. E assi se fez por Raix noradim estar doente & não poder acodir, & ele ter muyta gente & se apossar do pago, & ter el rey como preso, que ho não deixaua sayr dele sem ir em sua cõpanhia, nem falar com ninguem sem estar presente. E como el rey Dormuz & Raix noradim andauãõ disto muyto sentidos, determinarãõ de se vingar de raix hamet pelo gouernador, a quẽ Raix noradim ho mandou dizer por

Alexandre dataide, pedindolhe q̄ lhe fizesse justiça daquele tirano, & que se ele quisesse fazelo que el rey lho mandaria dizer, porque auia tamanho medo de Raix hamet q̄ ate não saber sua vontade não queria bolir com nada.

Capitulo.cxl. De como o gouernador mãdou matar Raix hamet por seus capitães.



Logo ao outro dia, falãdo el rey com Alexandre dataide em cousas que lhe ho gouernador mandaua requerer, lhe disse aa poridade que Raix hamet que hi estaua ho tinha preso, & fora de todo seu poder, que ho distesse assi a seu pay ho gouernador (que assi lhe chamaua por lhe ele chamar filho) E sabẽdo ho gouernador isto, ordenou de se ver em terra com Raix noradim como que auiaõ de falar sobre seus negocios, & mandou por ele a Antonio raposo, & a Nuno martinz raposo & ho secretario, & acõpaharãõ Raix mado far irmão de Raix hamet, & muytos mercadores honrrados naturais Dormuz, que beijarãõ a mão ao gouernador, que lhes disse que pois el rey Dormuz era vassalo delrey seu senhor, q̄ lhe auiaõ ali de jurar, q̄ auiaõ d' ser sem pre fieis a el rey Dormuz, obedecẽdo, lhe cõ tudo, & gastãdo por ele as vidas, & fazẽdas se cõprisse, & q̄ nãõ hecesse por gouernador delrey, & do reyno se nãõ a Raix noradi: & assi ho jurarãõ todos, & tambẽ Raix madosar, posto q̄ se mostrou nisso hũ pouco riguroso. E ho gouernador lhes jurou de os manter em justiça, & defender elrey de todos seus inimigos. E isto fez porque nenhũ daqueles obedecesse mais a Raix



hamet, & se não aluorogasse quando o tirasse de governador. E feyto estes juramêtos, ficou sô com Raix noradi, que lhe cõtou perante ho secretario & lingoa toda a treição de Raix hamet, pedindolhe muyto da parte del rey, & da sua q̃os liurasse da q̃le tirano. E ele lho prometeo, & disselhe que por isso dera aquelle juramêto aos mercadores, & concertarão ambos que se visse com elrey no madraçal ô de poulaou Simão dandrade q̃ era perto da fortaleza (& estes madraçais sam como antre nos os estaos), & que ali lâcaria mão de Raix hamet, & ho prêderia; & disto lhe mãdaria a certeza do que elrey queria q̃ se fizesse, porque ainda ho não sabia. E despois desta vista, cõcertarão polo secretario & por Alexandre dataide, q̃ ao outro dia que era quinta feyra fosse a vista no madraçal como assentarão, & não estauão cõ ho governador mais que os capitães & fidalgos da armada, & estarão defarmados, & ho seu paje lhe teria as suas armas, & desta maneyra iria el rey. E a q̃rta feyra à noyte foy ho governador a terra a falar com dõ Garcia, & com os outros capitães, a q̃ em conselho deu conta do q̃ esperaua de fazer. E assentou se que indo Raix hamet ali ho prendessem logo, & pera isto fossem todos os fidalgos & capitães armados secretamente; & que Pero dalbuquerque fosse ho primẽyro que lançasse mão dele, & q̃ não deixassem entrar com el rey mais que ele & Raix noradim, & Acem ale ho lingoa, por q̃ o gouernador se temeo q̃ Raix hamet pola tirania q̃ fazia se temesse dalgũa cousa, & leuasse armados secretamente os que entrassem cõ el rey, & se ho prêdessem, aueria hi algũa briga em que morrerião algũs. E parece q̃ ho gouer

nador adiunhou, porque assi ho tinha Raix hamet determinado, & disse se despois q̃ pera matar ho gouernador & os nostros capitães que fossem sem armas. E a fora isto se assentarão mais outras cousas que se auião de fazer neste feyto. E ao outro dia hũa hora ante me nhaã foy ho gouernador a terra com todos os capitães que estauão no mar, & leuauão todos sua gente armada, & assi tinhão os que estauão em terra; & també os Malabares estauão prestes com suas armas. E toda esta gente ficou na praya, & ho gouernador com os capitães & fidalgos armados secretamente, & ecima vestidos muyto ricos, se meteo no madraçal de Simão dandrade. E vendo Raix noradim a nõssa gẽte armada, mandou armar a del rey, pregũtando primẽyro ao secretario se ho mandaria; & naquella gente del rey entrãuõ obra de duzẽtos de Raix hamet, q̃ se armãuõ de sayas de malha a fora os que auião de ir com el rey q̃ as leuauão secretas. E armados estes de Raix hamet das armas descubertas, pos elle hũ terço do & hũa adaga muyto ricos, & foyle primẽyro a casa do gouernador, que já tinha ouuido missa; & como era soberbo entrou logo dentro como homẽ defaãsegado, & foy ter ondestaua ho gouernador, q̃ ho recebeo muyto bê, dizendo que folgãua cõ sua vista, & preguntoulhe por elrey. E despois de dizer que vinha atras, disselhe o gouernador q̃ como trazia ele armas, pois estãua no cõcerto q̃ nenhũa das pessoas q̃ entrasse cõ el rey na q̃lla casa auia de trazer armas, por isso q̃ as tirasse. E ele dãdo a êteder q̃ se não entẽdia aq̃lo nele sayose pa fora. E e saindo che gou elrey à porta, & Raix noradi & seu filho Raix xarafa, cõ muitos fidalgos



a pé de redor del rey, & d'áste as trôbetas & atabales do governador fazendo grande arroido. Em elrey descavalgãdo, & entrando no recebimento do madragal, achou Raix hamet, q̄ lhe disse q̄ não entraſſe, por q̄ ho governador tinha dêtro homẽs armados. E fiandose elrey no governador disse q̄ auia dentrar. E ouindo isto Alexandre datãde, que estaua pegado cõ el rey, tomou pola mão a Raix hamet, & como que ho queria segurar, disselhe. Ora vem ca, quefo que vejas que não he nada o que dizes, porque tudo he por seruiço del rey. E leuãdo ho assi pela mão, che gou coele aa porta da casa onde ho governador estaua, & segurandose Raix hamet com el rey que lhe ficaua nas costas entrou logo, & apos ele el rey, com quem entrarão Raix noradim & Raix de lamixa seu filho, & Acem ale. E logo dom Garcia que goardaua aquela porta a mãdou fechar a Manuel velho & a Diogo homem que tinha consigo, & não deixarão entrar Raix madofar irmão de Raix hamet, que quisera entrar dentro com a gente que leuaua armada secretamente pera matar ho governador & os nossos. E quis nosso senhor q̄ pera se aquelle feyto fazer sem perigo, que entrou Raix hamet diante del rey, que se entrara coele ouuera da uer briga sobre ho entrar dos seus, que quiserao entrar por forçatmas do Garcia cõ algũs capitães fecharão muy bẽ as portas; & entre tanto Alexandre da taide chegou cõ Raix hamet onde ho governador estaua, que se leuãtaua da cadeira pera ir receber el rey; & vendo Raix hamet aida cõ as armas, disselhe que as tirãſſe, q̄ não vinha assi bẽ; & d'zêdo isto deteuſe. E raix hamet efforçandose nos armados secretos que lhe

parecia que auiaõ dentrar cõ el rey, pa rece que quisera fazer o q̄ tinha determinado, & todo aluorogado foy com a mão ao terçado; & ho governador q̄ tinha olho nelle em ho vêdo ir cõ a mão leuouho pelo braço, & olhãdo pera Pero dalbuquerque, disselhe. Tomayo lá. E dizendo isto abalou pera el rey. E pero dalbuquerque se meteo rijo átre ho governador & raix hamet, q̄ neste instante querendo poer em obra seu proposito laçou mão ao governador dhũa beca de veludo que tinha, & ele ho langou de si dizendo a Pero dalbuquerque q̄ ho tomãſſe. E em lançãdo mão dele acodê todos esses fidalgos & capitães q̄ hi estauão, & juntamete arrancão hũs de punhaes, outros despadas, & em hũ momento ho passarão todo, & derão coele no chãõ môtto, sem ele poder bradar; & aida não foy no chãõ quãdo foy despojado de quãto trazia & ficou nuu; & assi ho deitarã na praya por hũs porta que fãya a ella. E fora não se ouuio nenhũa couſa do rumor q̄ nisto ouue por amor das nossas trôbetas q̄ tangiãotodas, que assi ho mãdou ho governador pera q̄ com ho ruydo do tanger não se ouuisse o rumor, & mais q̄ não cüydas se a gente del rey que não deixarão entrar, q̄ se fazia algũ mal em sua pessoa. E q̄ndo cayo Raix hamet estaua el rey ſa perto do governador; & vendo assi matar aquelle homẽ, cõ se ver dentro sem ter dos seus mais dos que digo, assi ele como elles ficarão sem sangue com medo, & se poderão fugir fugirão. E ho governador que isto entendeo, chegouſe a ele cõ ho barrete na mão, rindose, & pedindolhe perdão de se matar aquele tredoro em sua presença, porque a sua descortesia de querer arrancar do terçado, & de lhe langar



mão da beca lhe fizera mada dar que ho matasem. E por entender em el rey, que estava tão fora de si que lhe não podia responder, ho começou dabragar & esforçar, dize do que não fizera aquilo se não por seu seruiço, que aqle tirano lhe tinha tomado ho reyno & ho trazia catiuo, & por isso ho matara. E a isto disse el rey q̄ fizera bem. E Raix noradim que conheceo q̄ ho governador falaua verdade, ajudou tambem el rey a cobrar efforço. E neste tempo a sua gente q̄ ficou de fora, & assi a de Raix hamet fazião grande matizada, bradado & prouando suas forças de quebrar as portas, & começauão de as picar cõ machadinhas, & sem prefizerão algũa cousa se não sobreuerão nesta consuição os capitães da ordenança com sua gente, & metense por antre os mouros & a porta do madragal, & ficarão senhores dela fazêdo apartar os mouros; que assi se assentara no conselho do dia passado, que se fizesse tanto que el rey fosse dentro.

Capitulo xlii. De como os irmãos de Raix hamet se forão Dormuz, & ficou tudo em Paz.



Vão os mouros virão vir os nossos da ordenança & senhorear se da porta, & virão que os não querão deixar entrar com el rey, nem entrarão coele mais que tres pessoas, crendo que era morto ou preso; & assi ho disserão estes seus, & ho mesmo disserão os de Raix hamet por ele. E como ali estava junta a mór parte do pouo da cidade, começou de spalhar esta noua por eles, & eleuãtoufe hũ rumor tão grãde que era cousa despanto, porque

hũs bradauão por el rey outros por Raix hamet, & Raix madofar os aluorçou de maneyra (certificãdo lhe que el rey era morto ou preso) que se indignão contra os nossos, & começauão de querer trauar pelega coeles. E assi fora se ho governador não acodira a isso, q̄ ouuindo os brados que hão fora, & imaginãdo o que os mouros auão de sospetar pelas causas que ouue pera isso, rogou a el rey que se sobissem a hũ terra do do madragal, & dissesse a gẽte que estava em sua liberdade; & assi foy feyto, & sobio coeles Raix noradim. E vendo a gẽte el rey & Raix noradim, fizeram grandes alegrias, & ele lhes disse que esteuessem quedos & não bolissem consigo se não que mada daria matar quem fizesse ho contrario; & mandou que toda sua gente se apartasse a hum cabo, & ho mesmo mandou Raix noradim a hũ seu filho que era capitão de certa gente del rey, & assi foy feyto. O que vido Raix madofar, se doo de ser feyto algum mal a seu irmão, & começou de bradar por ele, & dizia que lho dessem ou lho mostrassem. E el rey lhe disse que ele com todos seus irmãos se fossem logo fora da sua cidade, & do seu reyno, & lhe despejassẽ suas casas. Ao que ele respondeo que si faria, com tanto que lhe dessem seu irmão; & vendo que lho não dauão se recolheo com sua gente aos pagos del rey (onde Raix hamet deisou por guarda feu hitmão Raix ale) & apercebeose pa se lhe dessem combate, porque ele não se temia del rey, nem deu por algũs recados que lhe mandou sobre lhe despejar os pagos & se sayr da cidade, nem ho fizera se não fora com medo do governador que ho mandou ameaçar pe lo embaixador do Xequi ismael se não



despejasse os paços, & fez mostra de ho mandar cobater cõ mandar trazer das naos todas as escadas q̄ trazião, & obra de cincoeta tiros encarritados q̄ mādou leuar a oterrado da nossa torre que estaua pegado com os paços. E v̄ do isto Raix modafar, & sabedo q̄ seu hirmão era morto, não quis q̄ lhe fizel sem cutrotanto. E cõ seguro do gouernador & del rey que os deixauão ir cõ suas molheres, filhos, parêes, criados, & toda sua fazenda, & assi lhe darião hũa pouca que tinhão mādada á India & lhe dauão embarcação & não mādariã a pos eles, se forão; indo primeiro ho escriuão do thesouro del rey ver se leuauão algũa cousa dele cu doutra fazenda sua, de que não leuando cousa algũa se forão embarcar ao cabo da cidade, & partirão pera a terra firme. E q̄n do foy ao despejar do paço ho gouernador ho mandou entregar a hũ filho de Raix noradim. E posto que ho gouernador ho podera tomar, & assi el rey q̄ tinha em seu poder, não quis respeitando a muytas cousas de que tinha necesidade que lhe faltarião, aluoreçãdose a terra, que estaua certo aluoreçar se. E por tambe goardar a fẽ a el rey, que se lhe metera nas mãostas que trabalhaua muyto por fazer crier que ele não fora a Ormuz se não pera ho conseruar & acrecentar seu estado.

Capit. cxlij. De como fugirão sete dos nossos pera a terra firme, & do que Raix noradim fez sobriisso.



Este negocio durou ate ho sol posto; & todo este tẽpo el rey esteu sobre ho terrado, em q̄ se foy mostrar a gente, & ali comeo, & todos ho vião, & assi quanta cortesia & ga-

salhado lhe fez ho gouernador, & despejados os paços & tudo pacifico, el rey se foy pareles, indo diante os nossos arabales & trôbetas, & as suas, & apos elas asua gẽte clar mas, & logo el rey armado em hũas coraças de veludo brãco cõ todas as outras peças das armas necessarias q̄ ho gouernador lhe deu q̄n esteu no terrado, por lhas ele pedir, q̄ lhe parecerão bẽ algũs dos nossos q̄ vio armados da q̄la maneira. E hia a cavallo, & de tras dele a pé dom Garcia & outros capitães & fidalgos dos nossos; & Raix noradim & outros senhores & fidalgos dos seus. E hũ pouco acima do madragal dô de el rey sayo, estaua ho gouernador esperando cõ algũs capitães dos nossos tambe a cavallo, & assi muyta gẽte armada; & ajutãdose el rey cõ elle cõtinuarão caminho dos paços. Era fermosa cousa de ver a gente sem cõto q̄ hia, & estaua polas ruas, & sobre os terrados pera ho ver. E porque ho cavallo do gouernador era fazedor, não pode ir junto com el rey, & hia diante fazendo terreyro, que doutra maneira não poderão romper polas ruas segũdo a gente era muyta, & toda bradaua dando graças ao gouernador por q̄ lhe leuaua seu rey tão honrradamente. E chegados aos paços q̄ sam a fortaleza da cidade, ho gouernador peiãte toda a q̄la gente, & ho embaixador do Leq̄ ismael & seu capitão a entregou a el rey & a Raix noradim seu goazil. E eles cõfessãto q̄ a recebião de sua mão. E quando o gouernador se despedio del rey, ele se lhe abaixou todo, dizẽdo q̄ era seu pay, & como filho conheceria sempre a q̄la merce q̄ lhe fizera; & por ser noyte ho gouernador foy dormir na nossa torre. E dos pois desta morte de Raix hamet ficou a cidade muyto asseliga-



da, & teue muyto credito no governador que queria sua conservação, & mais vendolhe fazer tanta honrra a el rey, & que lhe podera tomar a cidade & a fortaleza se quiserá pois a teuera em seu poder. E ao outro dia mādou ho governador logo pola manhaã visitar el rey, que lhe mandou dizer que auia do us meses que não dormira tambem como aquela noyte, & fez muyto gafalha do aos nossos, dizēdo que leuarão por ele muyto trabalho no dia passado. E Raix noradin lhe daua tambem muytos a gardicimētos, & logo aq̃la noyte mandou el rey tirar a vigia que estaua nos seus pagos da parte da nossa fortaleza, & assias bombardas q̃ tinha dantes daquela banda. E ao outro dia depois da morte de Raix hamet que foy festa feyra, foy el rey á mezquita a fazer sua oração o que auia muytos dias q̃ não fazia. E porq̃ el rey tiraua desta oração do xeque ismael algũa cousa q̃ Raix hamet acrecētara nela, & ho embaixador se aqueixou disso ao governador, dizēdo que el rey ho fazia por seu medo, mādou ele pedir que ao menos ate sayr ho embaixador do Xeque ismael com que auia de mādar hũ dos nossos por embaixador dissesse a oração como dātes, & assi foy feyto. E tambem por rogo do governador forão degradados Dormuz muytos sodomiticos q̃ auia na cidade que tinhão putaria dhomēs, assi como antre nos de molheres; & por seu rogo fez el rey cōprar obra d̃ doze mil xerafins da nossa mercadoria que erão necessarios pera as obras da fortaleza, & não quis pedir dinheiro tão cedo a el rey posto que ho deuia, porque não parecesse q̃ viera a Ormuz com necessidade dele, & pera deixar clar mais rayzes na amizade, que el rey ti-

nha de cada vez mais coele; & atēdo quatro dias q̃ fora a morte de Raix hamet, ho foy ver & leuoulhe diante hũ presente, em que entrava hũ caualo selado cō hũa sela goar necida de prata, & hũ terçado, & adaga, & cōtãticos goar necidos douro anilado, & duas peças de broca dilho & tres de seda, & padō Garcia outro caualo selado & hũa peça de broca dilho, & duas doutra seda, & pera cada capitão hũ de seda, outra de broca dilho. E nesta vista pediu ao governador algũs mouros catiuos q̃ andauão a temo nas galēs, & ele lhos deu cō tanto que lhe desse remeyros a soldo. E depois desta vista por rogo do governador, mandou el rey apreghar que ninguē não trouuesse na cidade arco nem frechas, & isto cō cōr q̃ se temia dalguē ho matar por amor de Raix hamet. E a verdade era por tirar as frechas aos mouros, que crão as armas de que se mais temia. E porq̃ ja tinha tiradas estas armas, pera q̃ ficasse tão senhor dos montos que lhe não podessem fazer treigão como da outra vez, & assi pa que teuesse sempre sua gente prestes, pos em costume q̃ todos os seus capitães quando sayão fora de casa leuauão sempre sua gente armada de lanças, adargas & espadas, & mais q̃ cada quatro dias ou cinco fosse cada hũ per si ver el rey, & leuasse a gēte desta maneyra dentro ao pago. E el rey folgava de os ver assi, & muytas vezes fazia merce de caualos aos capitães. E continuando se assi isto, aos dezoyto dias de Mayo achou o governador menos dos nossos Pantalião mestre dos calafates, João afonso calafate da nazaré, Antonio friz marinheiro q̃ fora a Malaca cō ho governador, & hũ galego seu homē da goarda, & outro q̃ se chamaua dalui



to q̄ ja fora mouro, & dous homẽs da ordenaça & hũ escrauo Christão q̄ fugirão todos pera a terra firme. E sabendo ele isto mandouho dizer a el rey, pe dindolhe muytoque lhos ouuesse, por que ele faria merce a quem lhos trouuesse. E el rey & Raix noradim poseirão tal diligencia sobriisso que se ouuerão. E aos vinte hũ dia de Mayo trouue Jorge dorta sete da terra firme, & de foy por eles por mandado do gouernador, & ele os mādou justificar muy crua mente, saluo a Ioão afonso calafate, & a Antonio fernandez marinheiro, porq̄ ho ajudirão a saluar na naoem que se perdeu indo de Malaca pa a India, & do escrauo fez merce a Ieronimo de souza, que tambem foy pera dar goarda a hũa terrada em q̄ foy Jorge dorta.

Capit. cxliij. De como ho gouernador mandou a Fernão gomez de lemos cõ embaixada ao Xequẽ ismael, & de como chegou ao seu campo.

**A** Sfepegado assi este aluorço, porq̄ se chegaua ho tempo da partida do ebaixador do Xequẽ ismael despachou ho o gouernador muyto bem, & depois de partido, porque ho Xequẽ ismael lhe mandara rogar que lhe mādasse hũ homẽ principal com que assestasse amizade, pera q̄ a ouuesse por firme, lhe mandou hũ embaixador pera isso. E este foy hũ fidalgo chamado Fernão gomez de lemos, que por ir da parte de tão alto principe como era el rey de Portugal a outro dos mayores de toda Asia, quis que fosse bem acompanhado, assi de gente de caualo como de pé, & foy por sota ebaixador outro chamado Ioão de souza, & por escriuã

do ebaixador hũ Gil simões moço da camara del rey de Portugal, & mādou toeles hũ boõ presente como direy a diante. E prestes de todo ho necessario pera seu caminho q̄ auia de ser por terra, partio Fernão gomez Dormuz cõ sua companhia a hũ sabado à tarde cinco de Mayo, & passado à terra firme ao porto de Banderq̄ está na terra firme tres legoas Dormuz, foy ter toele ao domingo pola manhaã Habrahem beque hũ mouro capitão do Xequẽ ismael, que auia muytos dias que estava em Ormuz, & se hia pa a corte do Xequẽ ismael, & Fernão gomez hia em sua companhia. E este era senhor de hũa cidade chamada Dragner, & passouse primeyro à terra firme q̄ Fernão gomez pera lhe comprar camelos, & tinhalhe comprados corêta, que tantos lhe erão necessarios pera as cargas que leuaua, & dali em companhia da Brahebeque partirão pa ho campo do Xequẽ ismael q̄ estava dali a muytas jornadas quasi no cabo da Persia que eles andirão em tanto espaço que a hũa sexta feyrã vinte dias de lullo chegarão aa cidade de Caixão dez jornadas donde estava ho câpo. E à entrada desta cidade, os sayrão a receber Mirã buçaca, & os embaixadores del rey de Daquem & do çabayoy, donde partirão todos jutos: & tẽdo os nossos andadas trezêtas & vinte cinco legoas depois que partirão Dormuz aos vinte tres de agosto chegarão ao campo, donde os sayo a receber ho gouernador do Xequẽ ismael acõpanhado dalgũs capitães, & leuaua dous mil & quinhêtos de caualo. E entrados no meyo do campo onde estauão as tẽdas deste gouernador, mandou ele armar junto delas dos nossos: & depois de serem apouentados, mandou ho xeq̄



ismael visitar a Fernão gomez, mandandolhe a boa hora de sua vinda, & coisso muytas truytas de que aquele dia fizera grande pelcaria.

Capit. cxliiii. Em que conta como se leuantou ho Xeque ismael & ho seño-rio que tem.



Este grande príncipe chamado Xeque ismael, a que comumente chamamos çufio, & é língua pñiana Xatamaz, & Xá, veo a ser tamarinho senhor, & tão poderoso por esta maneyra. Seu pay foy mouro, & chamouse Aidar, & foy xeque de hũa vila chamada Ardeuil, & doutros lugares & aldeas na Persia; foy casado com hũa filha del rey de Guilão também em Persia de q̄ ouue quatorze filhos & cinco filhas, & antrestes foy ho Xeque ismael, que quando naceo foy tirado seu nacimiento por muytos astrólogos, que disserão dele muyto grandes cousas, de q̄ muytas forão despois assi, & hũ deles ho furtou a seu pay sendo de idade de dez annos, & ho leou a hũ lago q̄ está em Armenia de comprimento de dez legoas, & de largura de leys, em que se fazem tres pequenas ilhas muyto vigosas daruoredo, em que morão muytos religiosos armenios, & entregou a hũ deles pera que ho criasse. Ele ho fez assi, & lhe ensinou a sua língua, & a ler & escrever nela. E passados algũs annos sendo ho pay do Xeque ismael morto em hũa batalha por seus inimigos, & presos seus filhos, & tomada sua terra. Foy aquele astrólogo polo Xeque ismael, & contoulhe a morte de seu pay & prisão de seus irmãos, & perda de sua ter-

ra, & que polo saluar desta destruyção sabendo o que auia de succeder ho pose-ra naquelas ilhas, onde tornaua por ele por ser chegado ho tempo em que auia de começar de fazer o que achaua por astrologia. E certificandolhe que auia de ser hũ dos grandes príncipes de toda Asia, ho leou ao reyno de Guilão, cujo rey era seu auô, a quem ho astrólogo contou todo seu nacimiento, & por isso lhe deu sua ajuda de gête de caualo, pera ir cobrar seu senhorio, o que ele fez logo com grande destruyção de seus inimigos, & quanto se roubou tudo deu aos soldados que ho ajudarão, sem que rer pa st nenhũa coufa, & recolheo pera si quantos mal feytores auia pola terra, a q̄ fazia muytas merces, & não somente os do seu senhorio, mas doutros algũs q̄ despois tomou, & como todos ouuião a fama da nobreza que vsaua com os seus soldados, acodirão tãtos a receber seu soldo que em pouco tempo se ajutarão coele corêta mil homes de caualo. E como se vio assi poderoso de gête, quis fazer outra seyta que no modo de oração & algũas cousas outras era diferente da de Masamede, dizêdo que assi ho mãdaua Ale, hũ homem que os mouros teuerão por propheta santo, de que ho xeque ismael dizia ser ho parente mais chegado, que affirmaua ser mais santo q̄ Masamede & mais estimado de Deos, & contradizêdo q̄ Masamede não fora propheta. E diuulgada esta seyta antre os seus pera serê conhecidos dos outros mouros que fosse da seyta de Masamede, mandou que todos os da sua troueassem nas cabeças hũs barretes ou carapuções vermelhos que terião doze verdugos ao comprido, & hũa tromba em lugar de cucuruço que sayria fora hũ palmo. E



estes carapuções com os liuros da sua feyta mandou a todos os reys & xeques da Persia, rogádo-lhes q̄ fossem de sua openião, ameaçado os q̄ ho não quisessem ser q̄ os auia de destruyr, como de struyo a muytos q̄ o nã quizerão fazer. E por desprezo da feyta de Masame, de derribaua os alcorões, & fazia estrebarias das mezkuitas, & defazia as cidades, & mataua a gēte cō diuersos generos de tormentos, pelo q̄ muytos xeqs & reys cō medo tomarão sua feyta, & se fizeram seus vassallos, & tributarios, & e pouco tpo se fez seuor de toda a psia & dābas as armenias, & de grãde parte Darabia, & da India primeyra, sem q̄rer q̄ lhe chamassem rey, nẽ emperador, nẽ quis nunca assentar em nenhũa cidade de seus señorios, em q̄ ha muytas & muyto grãdes & abastadas, principalmẽte e Persia: & andaua sempre no cãpo cō hũ arrayal de trinta & cinco mil tēdas brancas feyto todo e ruas por tãto boa ordẽ que parecia hũa cidade muy bẽ assentada. As tēdas do Xeque ismael estauão no meyo do arrayal, & juto coelas as d̄ suas molheres, & ao derredor q̄ fazia hũ grãde terreyro, q̄ estaua despejado õde sayão as bocas das ruas principaes do arrayal. E cõ q̄nto alli andaua no cãpo, seruiasse cõ muyto grãde estado, & tinha todos os officiaes d̄ sua casa, & corte, assi mōres como peq̄nos, comotẽ os principes, & todos tinhão muyta rēda, & era ho seu cãpo hũa muyto grãde & fermosa corte, em q̄ andauão reys seus vassallos & grãdes capitães. E os reys erão, el rey de Guilão, el rey de Xiruaõ, el rey de Mazãduão, & a fora estes lhe pagauão pareas quatorze reys q̄ não andauão coele no cãpo, & alli tinha outros muytos q̄ erão seus vassallos, mas não paga-

uão pareas. Dos principaes capitães q̄ andauão coele erão, Dormiscão que tinha trezētos mil cruzados de rēda, coltanquiler seuor da cidade de Xiraz, & seu veador q̄ tinha trezētos & cincoēta mil, Mirzaliotẽ governador da cidade de Caixão q̄ tinha duzētos & cincoēta mil; outros dous capitães estauão fora do cãpo por frõteiros cõtra ho turco, & hũ tinha trezētos mil cruzados de rēda, & outro trezētos & cincoēta mil, & corenta & oyto capitães, outros de muyta gēte q̄ nenhũ nã decia de cincoēta mil cruzados de rēda. E todos estes & os officiaes da casa & corte do Xeq̄ ismael tinhão q̄si tamanhas tēdas como as suas, & por dẽtro entretalhadas de cetins & veludos de cores, & tinhão as cordas de seda q̄ era fermosa coufa de ver; & cada hũ destes capitães & señores tinhão trõbetas & atabales, q̄ cada dia ao poer do sol tangião hora & mea por ordenança q̄ atroauão todo ho cãpo. Andauão mais neste cãpo muytos embaixadores de reys & grãdes señores, & antres hũ del rey de Iorgia Chriștião q̄ confina cõ as terras do Xe q̄ ismael; atre toda a gēte deste campo q̄ era sem cõto, assi de caualo como de pẽ, tinha ho Xeque ismael pera guarda de sua pessoa cinco mil de caualo, q̄ chãmo corchis, & destes ho vigiauo cada noyte mil homẽs armados d̄ armas defensiuas & offensiuas, & em pẽ, & cada hũ tinha nas mãos dous seixos peq̄nos, & de q̄ndo e quãdo tocãuo hũs cõ os outros, começãdo hũ primeyro, & respõdendo logo os outros q̄ fazião grãde matinaada. E a estes q̄ assi vigiauo, se daua ao outro dia de comer da cozinha do Xe q̄ ismael, q̄ he casado & tẽ tres molheres pricipais filhas de tres reys seus vassallos del rey de Guilão, de

Xi  
ziã  
de  
es,  
go  
mc  
inf  
tẽd  
A e  
mu  
das  
mu  
dou  
inh  
ros  
pelo  
suas  
q̄ se  
gẽte  
cinco  
tos c  
são  
& ef  
tout  
Cap  
le  
x  
de c  
Xe  
las d  
muy  
saba  
iriã  
io de  
cõ h  
uer  
deu  
gom



Xiruão de Mazãduão. E cada hũa trãzia cõsigo noue noues de damas, filhas de grãdes señores & homẽs principaes, a fora muitas escrauas de muito prego q̃ são grãdes musicas así de cãtar como de tanger harpas, frautas, & outros instormẽtos de cordas. E estas cõ suas tẽdas logo junto das do Xequẽ ismael. A este apouento chamão arame: & he muy suntuoso & rico porq̃ todas as tẽdas são de sedas de diuerfas cores com muitos entretalhos de bordado & teladouro & de prata. E cada hũa destas rainhas tem noue setes de camelos pretos de guedelha cõ muytos cascaucis pelos peitos & pelas mãos pera leuarẽ suas tẽdas & fato. E a fora este arrayal e q̃ se apouenta ho Xequẽ ismael cõ sua gẽte de corte & de guerra: ha outro de cinco ou seis mil tẽdas em q̃ andão quãtos officiaes machanicos & mercadores são necessarios pera hũa nobre cidade & este se assenta hũa legoa ou duas de outro do Xequẽ ismael.

Cap. cxlv. De como Fernão gomez ã lemos deu ao Xequẽ ismael a e bayxada & presente q̃ lhe leuaua.



Es pois q̃ le mãdou visitar Fernã gomez lhe mãdou ho governador de gear & dali por diãte e quãto andou no cãpo dauã sempre de comer a ele & aos nossos à custa do Xequẽ ismael & assi pa seus caualos & velas de cera pera se aloमारẽ & tudo e muyta abastãça. E ao outro dia que foy sabado foy ho Xequẽ ismael à caça & irião coele oito mil de caualo ele no meio de todos q̃ lhe não chegaua ninguẽ cõ hũ tiro de pedra, sãmõnte ho seu gouernador q̃ hia falãdo coele. E este dia deu ho gouernador bãquete a Fernão gomez & a todos os de sua cõpanhia &

foy por ele à sua tenda el rey dos Lõres & foy tãbẽ cõuidado ho embaixador del rey de Gorgia. E ho embayxador cõ todos os seus erão homẽs de grãdes corpos & mẽbrudos & muyto aluos & atauãdos pobremẽte de camifas colchoadas d̃ grossura de q̃tro dedos por amor do grãde frio q̃ faz e sua terra: ho mais erão roupas forradas de cabritas ate as carapuças. E calgauã botas ao nosso modo. Estas tẽdas do gouernador erão muyto ricas, os q̃ comerão no bãquete forão muytos & antre todos se fez a hõrra principal a Fernão gomez & durou a tenoite em que ouue muytos & diuerfos mãjares: & diuersidade deinhos & fruytas & em quãto comerão se pre tocarão: muytos instormẽtos de musica ao nosso costume: & antes de se comecar ho banq̃te deu ho gouernador a todos os nossos camifas de seda & cabayas de bordado, & vestidos destas roupas comerão: a cabado ho banq̃te passou ho Xequẽ ismael q̃ tor naua da caça & os nossos sairão fora das tẽdas pera ho ver & em ho vendo pose rão todos as cabeças no chão & ho gouernador se foi parele com hũ barrete dos nossos na cabeça, q̃ ho Xequẽ ismael folgou, muyto de ver & desprio hũroupãdo de ceti verde forrado de raposos & mãdou o a Fernão gomez, & alli muytas truitas de q̃ fizera grãde pescaria: A quarta feira seguinte q̃ Fernão gomez auia de dar ho presente q̃ leuaua ao Xequẽ ismael forão porele à sua tenda muytos capitaes cõ muyta gẽte de caualo q̃ ho leuarão muy hõrradãmẽte & tãgendo diante muytas trõbetas & a tabales, & a tiro despigãda da rãda do Xequẽ ismael foy descarregado dos camelos em q̃ hia ho presente q̃ lhe leuauão, q̃ forão hũ falcão & hũ berço



de metal com todo seu aparelho para poderem tirarseys espingardas cõ todo seu comprimẽto, hũ corpo das mas brancas todo inteiro com sua fralda de malha fina, dous corpos de coiraças postos em veludo carmesim cõ suas escarcelas à redonda, hũa espada cõ ho punhobocal & conteira douro, & bainha de veludo preto cõ hũs botões de fio douro & borlas de retos verde, com hũas cintas goarnecidas douro, hũ punhal douro, & anilado ã hũa arelhana douro, quatro bêstas com todo seu almazem, duas lanças com os aluados, & cõtos forrados douro batido, hũa carapuça de veludo negro da feyção das do Xequẽ ismael cõ cento & oytẽta & hũ rubis de preço encafoados ã ouro, duas manilhas douro, hũa muyto grãde cõ hũ robi tabẽ grãde, & seys peqũnos, & vinte nove diamães, & a outra mais pequena com hũ olho de gato grãde, & dous robis meãos, & vinte dous pequenos, & sesenta & dous diamães de corja com tres esmeraldas meãs & seys pequenas, q̃tro aneys douro, anilados o tres deles cõ tres robis grandes muyto finos, outro com hũa çafira, & vinte sete robis ao derredor, hũa joya de pedoço com hũ robi grande finissimo, & tres meãos, & vinte pequenos cõ duas turq̃sas, & tres perlas da feyção de perlnhas, & hũa muyto grande, hũa peradambar com cem robis & sessenta diamães pequenos cõ hũa cadea douro da relhana, cinco portugueses douro, & cinco cruzados, & cinco catholicos douro da moeda de malaca, ã mil & corẽta ãs cada hũ, & cinco manueys douro da moeda de Goa de trezẽtos & corẽta ãs, & cinco tostões, & trẽta quintaes de pimenta, & vinte de gengibre, & dez de crano, & cinco de canela, & vinte daqu

car, & hũ de cat damomo, & dez destanho, & dez de cobre, & duas farragolas de bejoim, & seyscentas peças de beatilhas de Bengala. E de scarregado tudo, isto perante ho governador & as beatilhas mandou leuar a homẽs denoue ã noue, & a outros as joyas & peças em bacios de prata; & outros leuauão nos braços as armas brancas & coiraças, & affi outros as outras coufas todos a fio, q̃ occupaua grãde espaço; & nesta ordẽ a trauessarão perante ho Xequẽ ismael arredados hũ tiro de pedra da sua tenda, q̃ ho vio tudo muyto bê. E passado forã lhe falar Fernão gomez & osq̃ hão cõ ele, em cõpanhia do seu vedor & do seu porteiro mortele estaua em hũa tenda ãtrelhada de borcado & veludo azul, assentado em hũ estrado de hũ couado em alto, alcatifado de muyricas alcatafas & almofadas; & tinha diãte de si hũ tanq̃ dagoa em q̃ andauão algũas truytas. Da sua mão direita estaua eirey de guilão q̃ parecia homẽ de sessẽta ãnos; & jũto dele o capitão da guarda irmão do governador da casa do Xeq̃ ismael, & outros dous capitães. E da parte esquerda Dormiscão & el rey dos Lores. ho ãbaixador del rey de Gorgia, & outros dous capitães, e outros detras. Epo lo cãpo aueria, xxx. mil pessoas. Chegado Fernão gomez diãte dele beyjoulhe ho pẽ & despois a mão; e outros primeiro q̃ lha beyjassẽ, beyjarão ho chão tres vezes; e despois de lhe Fernão gomez dar a carta q̃ lhe leuaua Dafonso dalbuquerque, mãdouho assentar ãtre el rey de Guilão & ho capitão da guarda; & aos outros da q̃lla bãda. E assentados pregõtou ho Xequẽ ismael a Fernão gomez polo seu nome & polos dos outros nossos, & ele lhos disse; & o Xeq̃ ismael mandou aos reys & capitães q̃ estauão

co  
be  
ele  
me  
di  
dia  
len  
era  
bra  
gro  
do  
co  
Fer  
vii  
dec  
Ma  
era  
dou  
lang  
lhe

Cap  
c  
le



cu  
Xec  
re q  
lho  
dia  
ma  
ago  
toal  
desf  
rifa  
de f



coele que lhos nomeassem; & ele tam-  
 bem os quis nomear, mas nem ele nem  
 eles os poderão pronunciar, somente  
 ele pronunciou ho nome de Fernão go-  
 mez, & cayo lhe tanto é graça que ma-  
 dou ao seu governador que da hi por  
 diante se chamasse Fernão gomez de  
 lemos; & isto com muyto riso, que assi  
 era ele homem risonho & bem assoan-  
 brado, & seria de trinta & cinco ânos,  
 grosso & destatura meaa, aluo & cheo  
 do rosto cõ a barba rapada & ho buço  
 comprido. E despois de preguntar a  
 Fernão gomez polo nosso Papa se era  
 viuo, & quantos reys auia na Christin-  
 dade, & de que idade era el rey dom  
 Manuel, & quantos filhos tinha, & se  
 era ho governador da India rey, man-  
 dou trazer as armas brancas, coyraças,  
 lanças, espingardas & bestas, & tudo  
 lhe pareceo muyto bem.

Capit. cxlvj. De como Fernão gomez  
 de lemos, & os nossos que hião coe-  
 le comerão com ho Xequé ismael.



Cabada esta pratica  
 em que ho Xequé is-  
 mael não preguntou  
 mais que o que digo,  
 disse ele a Fernão go-  
 mez q auia de jatar  
 coele; & antes que posessem a mesa ao  
 Xequé ismael, foy dado de comer a gẽ  
 re que estaua de fora da tenda, & derã-  
 lho sem toalhas, & despois de ho terẽ  
 diante, derão agoas mãos ao Xequé is-  
 mael em hũa bacia de prata com hum  
 agomil do mesmo, & alimpouse a hũa  
 toalha de seda azul laurada douro, &  
 despois lhe estenderão diante hũa alca-  
 tifa, & sobrela hũas toalhas redondas  
 de seda listradas & sobrelas muytas &

diuerfas igorias embategas de prata; &  
 a esta mesa nã chegaua outra pessoa se  
 não ho trinchante que lhe cortaua en-  
 gijolhos, & em outras mesas comerão  
 Fernão gomez, & os de sua compa-  
 nhia com aqueles reys & capitães que  
 digo na mesma tenda. E ho Xequé is-  
 mael não começou de comer ate que as  
 igorias não forão postas a todos os ou-  
 tros; & por fazer honrra a Fernão go-  
 mez & aos nossos mandauhalhes de to-  
 das as suas igorias, posto q todaserão  
 hũas, & sobre mesa vierão muytas  
 fruytas verdes, & daçucar sobre que be-  
 beo muyto vinho, que assi se costuma:  
 & ho Xequé ismael era o que mais be-  
 bia, & bebia por hũa taça de pedra en-  
 castoada e outra douro, & leuaria me-  
 canada, & por hũa porcelana douro q  
 leuaria outro tato, & ho vinho era pu-  
 ro, & ele ho deitaua por sua mão; & m-  
 dou ao governador que desse de beber  
 aos nossos, & cada vez que lhes daua  
 de beber lhe mostraua a taça, & se não  
 era bem chea mandaualha encher, &  
 de cada vez que ele bebia mostraua a  
 taça chea aos nossos, dizendolhes que  
 ele só bebia mais que eles, ao que Fer-  
 nãõ gomez respõdeo que bebiria, por  
 que seria ho seu vinho agoado, & por if-  
 so ho xequé ismael lhe mandou dar a  
 porcelana por onde bebia chea como  
 estaua, pera que visse se era ho vinho  
 agoado, & mandoulhe que a bebesse,  
 & Fernão gomez descãsou tres vezes  
 em a beber; & despois mandou dar aos  
 nossos hum frasco de vinho que tinha  
 diante, & assi esteue rindo & folgando  
 coeles das dez horas do dia que come-  
 gou ho jantar ate a noyte, & mandou-  
 lhes dar camisas acolchoadas, & caba-  
 yas de boreado forradas de cetim; des-  
 pois disto se mudou ho arrayal pera da



li a quatro legoas, & os nossos forão cõ as mulheres do xeq̃ ismael, & dos grãdes de sua corte que serião bêseys mil, & hão a caualo como homẽs, os mais deles brancos com xareis de bocado, & elas vestidas de sedas & bocrados, correndo & escaramuçado. E em todo ho tempo que Fernão gomez estue no arrayal recebeo muyta honrra do Xeque ismael, & lhe fez muyta merce, porque se gloriaua ele muyto de dizer que não somente os senhores mouros Da sia lhe mandauão seus embaixadores, mas ainda os frangues que habitauão em ponente lhos mandauão desejando sua amizade, & por isto fazia aos nossos muyta honrra. E estando aquí ho arrayal, fez ho Xeque ismael hum môte, & foy desta maneyra. Mandou cercar tres ou quatro legoas de terra muy fragosa, & de ferras muy altas, & isto por muyta gente posta em ala que leuarão diãte de si muyta caça ate a ajũtarem em hũ grande campo, & ali foy cercada da gẽte como que estueira em hum curral, & perante Fernão gomez que mandou chamar pera ho ver entrou naquela cerca em que aueria ate mil & quinhẽtas cabeças dalimarias. s. veados, gazelas, carneyros, bodes bravos, visos, adiuẽs, lobos, & porcos, de q̃ despois de matar muytos as frechadas, matou muytos com hum terçado, & fẽ dĩa hũa daquelas alimarias por grãde que fosse em duas partes dandolhe polo lombo da cabeça ate ho rabo, & assi andou ate que cansou, & então cẽtrão Dormiscão, & ho capitão da goarda, & ho gouernador, que acabarão de matar todas aq̃las alimarias. E feyto isto, bebeo ho Xeque ismael sobre pipinos, & amoras de silueira, & mãdou dar de beber a Fernão gomez, a que pergunta

tou se caçaua assi el rey de Portugal; & disselhe que ja lhe acontecera em dous montes matar de hũa vez vinte mil cabeças, & doutra cincoenta & duas mil. E acabada esta caça que digo do Xeque ismael, se foy a pescar truytas com hũa tarrafa que deitaua por sua mão.

Capit. clviij. De como ho Xeq̃ ismael despachou a Fernão gomez de lemos, & de como mandou outro embaixador ao gouernador Afonso dalbuquerque.

Vendo hum mes que Fernão gomez estaua no arrayal, ho gouernador por mandado do xeq̃ ismael lhe deu a reposta de sua ebaixada, que foy esta.

Que se el rey de Portuga desejaus sua amizade, como lhe mãdaua tomar a cidade Dormuz que era sua, & lhe pagaua dous mil xerãfins de pareas, q̃ as palauras nã respondião cõ as obras. E com tudo que ele era seu amigo, & folgaria com sua amizade.

E quanto a mandar embaixadores a Portugala viagem era muy longa, assi por mar como por terra, & auer desperrar a reposta seria cousa muy longa pa contra ho turco que ele determinaua entrar aquele anno seguinte.

E acabando a guerra do turco, esperaua de entender na de Meca, pera o que tinha boa maneyra.

E pois ho gouernador da India lhe prometia passãje pera sua gente cõtra Arabia, que ele mandaria Abraham beque, & Bedim jambeque seus capitães com doze mil homẽs pera tomarem Casifa, & Baharem que erão seus que



se lhe leuatarão, que lhe pedia que lhe desse embarcação pera esta gente, & naquilo ho queria esprementar por amigo.

E quanto aa sua gente que a mandaf se defender que não andasse com ho çabayo, que ho çabayo era de sua ley, & trazia sua diuisa, que não pareceria bem defendelo: porem que mandaria rogar ao çabayo que fizesse paz com ho governador da India que era seu amigo, & fizesse tudo o que lhe pedisse.

E quanto ao que lhe mandaua dizer acerca de suas fortalezas fronteiras Dormuz, que elle escreuia aos capitães delas que fizessem tudo o que lhes ho capitão moor mandasse, & q̄ ao mais da embaixada, elle escreuia miudamente ao governador.

E coesta reposta deu ho governador da parte do Xequé ismael a Fernão gomez trezentos cruzados, & hũ terçado goarnecido douro, & cento & cincoenta cruzados a Francisco de Sousa, & outro tanto a Gil Simões escriuão da embaixada, & ho mesmo a Gaspar martinz lingoa. E despedido Fernão gomez & os nossos do Xequé ismael pera se partir, que foy aos quinze de Setembro, lhe mandou dizer que esperassem na cidade Tabriz, porque queria mandar outro embaixador ao governador: & assi ho fez Fernão gomez, & ali lhe foy feyto grande recebimento, & deteu esse ali vinte dias esperando polo embaixador que foy ter coele, que era hum mouro muyto hórado chamado Habedalá calípha, por quem ho Xequé ismael mandou ao governador cinco caualos muyto fermos, & hũa sela douro, & muytos vestidos de borcado forrados de seda, & muytas peças de borcado & de sedas,

& camelos carregados de fruytas, & deinhos de xiraz que sam os melhores daquela terra. E partidos de Tabriz todos em companhia, forão por outro caminho desuiado do que Fernão gomez leuou quando foy com Habrahé beque: & chegados aa cidade de Lara onde fazem as tangas laríns, cujo rey he tributario do Xequé ismael, par tirão pera Ormuz, onde não acharão ho governador, como direy no quarto liuro.

Capit. cxlviii. De como ho governador ouue em seu poder a artelharia del rey Dormuz, & de como mandou os reys cegos pera a India.



Com todas as mostras damizade que ho governador via em el rey Dormuz, & em Raix noradi como atras disse sempre se recataua deles, porque a fora ferem mouros, & não goardarem nenhũa verdade, sabia que Raix noradi lhe auia de peslar em estremo com a nossa fortaleza em Ormuz, porque auia de perder ho mando que tinha dantes, & por isso a auia de contrariar se podesse, & mais tendo muytos filhos que ho ajudassem, muytos parentes & muyta valia, & como a rezão lhe fazia ter esta sospyta trabalhaua por atalhar a tudo hode que se podesse seguir o que sospytaua, & por isso quis auer toda a artelharia que el rey tinha. E fingido ter neccessidade dela por amor dos rumes que esperaua, mandoulhe dizer por dom Garcia que bem sabia a noua que auia da vinda dos rumes que vinhão buscado, & porque ele cõ



ajuda de nosso senhor esperana de pe-  
lejar coeles naquele porto & desbara-  
talos diante delle, mandaua recolher  
algũa artelharia que tinha na fortale-  
za: & porque não era rezão que ficaf-  
se sem ella, lhe pedia que lhe empres-  
tasse quanta teuisse. E ho governador  
disse a dom Garcia que se não sayse do  
paço ate a artelharia não ir diante dele,  
& quando a el rey não quisesse dar por  
sua vontade que lha tomasse por força:  
& pera isso mandou coele a mór parte  
dos capitães com a gente de suas capi-  
tãtias armados os mais deles secreta-  
mente darmas defensiuas, & mandou  
lhes que assi como fossen entrando po-  
los paços, assi fossen tomando as por-  
tas pera q̄ fizessem mais facilittee ao  
que hião. E elles ho fizeram assi, que  
quando dom Garcia chegou a el rey,  
ja todas as portas ficauão tomadas, &  
deulhe ho recado, não estando mais  
presentes que ho secretario & Alexan-  
dre detaide lingoa & Raixnoradim,  
& outros senhores & fidalgos estauão  
hi, porem afastados que não ouuião.  
E dado ho recado, respondeo Raix no-  
radim que quanto el rey tinha tudo era  
do governador, & tudo lhe daria, &  
que fora escusa do pedilo por tal pessoa  
se não pelo menor de sua casa. E ainda  
que ele isto disse foy mais por necessi-  
dade que por vontade, porque bem  
entendeo que lhe pedião, & como, &  
quisera dilatar com fazer que se não a-  
chaua a chaue da casa da artelharia, no  
que dom Garcia apertou tanto por ser  
tarde que fez quebrar os cadeados da  
porta do almazem, & tanto que foy a-  
berta mandou logotirar a artelharia &  
poela na praya, que se acabou passa-  
das tres horas da noyte. E era fermosa  
coula de ver, porque a fora serem muy

tas peças erão todas grossas, & es fai-  
cões erão tamanhos como esperas, &  
tinha cada hum duas camaras, & da-  
quí a mandou ho governador logo re-  
colher: & ao outro dia lhe leuarão a ar-  
telharia que estaua nas torres ao derre-  
dor da cidade, assi grossa como miu-  
da, de que a mór parte era de metal, &  
toda muyto boa. E assi mandou el rey  
por rogo do governador vir de Maz-  
cate, & Calayate hũa galc̄ & dous bar-  
gantins com toda sua artelharia que lã  
andauão darmada. E auida esta artelha-  
ria, ho governador mandou pedir a el  
rey algũas casas velhas que estauão  
junto da fortaleza da banda do fertão,  
dizendo que tinha necessidade de as  
meter com a fortaleza, porq̄ ho chão  
que tinha parecia era muyto pequeno  
pera se poderem alojar mil & quinhẽ-  
tos homẽs, & mantimentos pareles,  
& estrebarias pera cem caualos, & a  
feytoria que auia de star dentro: & a  
fora isso que a fortaleza era cercada  
dagoa com preamar dagoas viuas, &  
não podião ir a cidade se não per mar  
o que era muy grande opressam pera  
os que morassem dentro, por isso que  
lhe auia de dar sesuentia por aquelas  
casas, & assi lhe mandou dizer que  
bem sabia como trazia muyta gente  
de soldo, & que lho pedião, & que a  
mercadoria que se vendia escassamẽ-  
te abastaua pera mantimento, & que  
lhe pedia que esteuessem aa conta so-  
bre ho dinheiro que lhe deuia das pa-  
reas, & que lho desse, mandandolhe  
por apontamentos os annos que erão  
pagos, & a quem os pagarão, & quan-  
to a cada hum, & os que tinhão por  
pagar. E estes recados se derão primey-  
ro a Raixnoradim que soffreo mal pe-  
dir ho governador as casas dizendo q̄



erão apoufentamētos del rey, & poufa uão nelas muytos cegos de sangue real cõ suas molheres. E depois de muytas rezões disse que a cidade & ho reyno estauão nas mãos do governador, que fizesse o q̄ quizesse, & quãto ao dinheiro todas pareas, feyta a conta se achou serem diuidos oytenta & cinco mil xerafins, de q̄ Raix noradim quísera tirar a quinta parte, dizendo que ho viso rey lhe tirara cinco mil xerafins de quinze mil que auia de pagar cadãno, & por isso, lhe auiaõde contar a dez mil por anno. E ho secretario lhe disse que era escusado falar nisso ao governador, porq̄ ho contrato que ele fizera cõ el rey çafardim antecessor do que reynaua, lhe entregara ho reyno com condiçãõ que das rédas dele pagasse cadãno quinze mil xerafins a elrey de Portugal, & que bem sabia ele as muyto grandes despesas que erãõ feytas naquela armada, & em outras que ali vierãõ que lhe auiaõ de ser pagas aa custa do reyno, que alli ho tinha ho governador protestado a Cojeatar & a el rey çafardim quãdo se lhe leuantarãõ com a fortaleza, & cõ os Christãos q̄ lhe tomarãõ, que seria hoõ não lembrar estas cousas cõ pedir a quinta parte do que diuia, & a Raix noradim lhe pareceo assi, & rogou ao secretario que ho não dissesse; porem o q̄ ho secretario respondeo foy por insturçãõ do governador, q̄ logo se reccou de Raix noradim falar na quita que fizera ho viso rey. E por derradeiro falãdo do Raix noradim com el rey, derãse as casas ao governador, & ho dinheiro se começou de pagar & foy pago pouco & pouco; & neste tempo foy ho governador visitar el rey ao pago, & primeyro que chegasse sayo Raix noradim fora das portas a recebelo. E chegando

a elas sayo de dētro Raix dela mixã por teiro moor del rey, & disse que ele lhe entregara aquela porta, que estaua ali como hum seu escravo. E el rey ho foy receber tres ou quatro casas antes daq̄lla em que auiaõ de star; & em chegando a ele que se abraçarãõ, foy pera lhe beijar a mão com prazer, ou com medo, & ele a tirou muyto riço fazēdo lhe hũa mesura quasi cõ ho giolho no chãõ, & el rey ho beijou na cabeça, & ho leuou abraçado ate onde se assentãrãõ, chamãndolhe sempre pay, & que não tinha outro bẽ se não ele. E ho governador fazendolhe grandes offrecimentos, & quando se foy tornou el rey coele ate onde ho fora receber, & ou porque ho governador ho liurara da tirania de Raix hamet, ou por lhe auer medo era lhe tão sujeito que ate quando auia dir aa mezquita lhe mandaua pedir licença, & nenhum dia passaua sem ho mandar visitar, & lhe mandar muytos presentes de fruytas & outras cousas de comer; & Raix noradim ho visitaua quasi cada dia, & salualhe muytas vezes na morte de Raix hamet, dandolhe por isso muytos agardimentos, & todos os mouros comũmente lhe tinhãõ muyto amor, & por outras terras por onde hiãõ diziãõ de le tanto bẽ, & engrandeciãõ tanto suas cousas que muytos reys & senhores do sino pũco pera dētro ho mādãrãõ visitar per seus ebaixadores, pedindolhe amizade, & mādãndolhe grãdes presentes. E os primeyros forãõ el rey de Lãra q̄ lhe mandou dous caualos, & Mira buca governador de Baharẽ polo xe q̄ ismael, q̄ tãbẽ lhe mādou caualos, & cada dia errãõõ e Ormuz muytos destes ebaixadores, & a corte del rey Dor muz se enobrecia coeles cadauez mais.



E vendo ho governador que Ormuz estava tão assentada que não avia cousa que a podesse aluoroçar se não os cegos de sangue real, de que se poderia tomar algum filho que se fizesse rey, porque assi ho fazia quem em Ormuz queria ser tirano, mandou os pedir a Raix noradim & a el rey com dissimulação que os queria ver & falar coeles, & mandoulhos, & erão por todos quinze que forão reys Dormuz, & cada hũ tinha molheres, filhos & criados que era hũa grande familia. Estes todos mandou depois ho governador pera a India na nao Belem em que se foy dom Garcia muyto contra vontade do governador por se ir em tal tempo, & forão entregues ao mestre piloto, & ao escriuão da nao per conhecimento, pera que os entregassem ao capitão de Goa & ao feytor que os teuessem a boõ recado. E a fora ho governador mandar estes pera Goa por não darem toruação no reyno, mãdou os porque se a pagasse alinhajem real, & se el rey Dormuz morresse sem filhos ficaria ho reyno a el rey de Portugal, que tirados os gastos que erão necessarios fazerense nele recolheria ho resto do que rendesse poendo hũ governador que ho regesse. E com a ida destes cegos ficou a terra sem nenhuma sospeita dauer nela aluoroço.

Capitulo. clix. De como el rey de Campar que era bendãra em Malaca foy degolado por treyção del rey de Bintão.



Este tempo el rey de Campar q̄ era governador dos mouros & gentios em Malaca, fazia tambem seu officio que a no

breza da terra hia de cadauez em crecimento, & muytos fugião de Bintão & se tornauão a morar a Malaca por amor del rey de Campar, do que el rey de Bintão tinha muyto grande dor porque se via destruyr sem nenhũ remedio, porque de quantos tinha buscado pera atraer a el rey de Campar em sua amizade nenhum lhe aproueitaua. E como desesperado, pera se vingar dele, mandou aos de sua armada que lhe tomassem dous ou tres paraos de Malaca da gente da terra q̄ hia tratar por esses rios, & tomados leuaranhos, & preguntou aa gente donde era como que ho não sabia. E sabendo que erão de Malaca, queixou se com aquelles que os tomarão, dizendo logo em sua presença, que pera que os tomauão que erão todos seus filhos pois erão de sua terra, & mandou os pera Malaca com lhes fazer merce, dizendolhes que se fossem logo pera suas casas, & que dissessem aos outros moradores que cedo seria em Malaca, porque seu filho el rey de Campar lhe avia de dar a fortaleza. Chegados estes a Malaca, disserão a muytos o que passarão com el rey de Bintão, & ho que lhe ouirão. E isto souberão os filhos de Ninachatu, que como querião mal a el rey de Campar por amor que lhes parecia que fora causa da morte de seu pay, disserão no logo Abertolameu perestrelo que chegara então da India por mandado do governador pera ser feytor de Malaca, & prouedor da fazenda, & coele seu irmão Rafael perestrelo pera ir descobrir a China. E com Bertolameu e restelo tinhão os filhos de Ninachatu muyta amizade, & por isso lhe disserão o que ouirão del rey de Campar,



que ele logo disse a Iorge dalbuquerque, que enformandose dos que ho ouuirão a el rey de Bintão teue q̄ era verdade, & consultou com Bertolameu pe restrelo de mandar cortar a cabeça a el rey de Campar. E affirmandose neste conselho com outros algũs mais, come teo a Iorge botelho que ho fosse prender, & ele lhe disse que oulhasse bem o que fazia, porque bem sabia quão manhoso era el rey de Bintão, & q̄ matara a seu filho pera ter coisso entrada em Malaca, que lhe parecia que vrdira aquilo pera fazer matar el rey de Campar, porque lhe não queria dar a fortaleza por treyção, & que lhe lembrasse quãto el rey de Bintão perdia em el rey de Campar governar Malaca, por quãta gente se lhe hia parale despois que a gouernaua, & por quão contente os da terra estauão dele, & que ate aquele dia juraua q̄ sempre conhecera dele muyta amizade cõ os nossos, & muyta lealdade pera ho seruiço del rey de Portugal: & q̄ lhe deuia de crer isto pois lhe mandara que fosse espia, & que nunca lhe sentira tal cousa, & que assentasse bem no que auia de fazer, & que não ficasse aquilo com tão mau conselho, como fora ho com que ho gouernador mandara de golar I uão timutaraja de que se seguira tanta guerra a Malaca. E com tudo isto Iorge dalbuquerque estava tão determinado em matar el rey de Campar, que mandou a Iorge botelho sopena de cair em crime de lesa majestade que ho fosse prender, dizendo que não auia ninguem que ho fizesse. E isto tudo foy em casa de Iorge botelho, que vendo que não podia al fazer se foy a casa del rey de Campar, que posto que entẽdo que ho hia prender como não tinha culpa foyse coele

â fortaleza com muyto repouso: & Iorge botelho ho etre gou pola mão a Iorge dalbuquerque, dizendolhe que não matasse ho inocente, & assi outras coulas em seu fauor. E por Iorge dalbuquerque ter tirada a inquirição pelos que forão leuados a el rey de Bintão do que lhe ouuirão, parece que tinha dada sentença contra el rey de Campar q̄ morresse degolado, & logo dali ho forão de golar à praça cõ pregão que publicaua a causa de sua morte, que ele primeyro que ho degolassem disse muytas vezes que ho matauão sem culpa: & muytos ouue que disserão que Bertolameu pe restrelo teuera a culpa de sua morte, prouocãdo a Iorge dalbuquerque que ho mandasse matar. E se foy assi ou nã Bertolameu pe restrelo não durou despois mais de dezaete dias, & despois dele morto partio seu irmão Rafael pe restrelo a descobrir a costa da China em hũ jungo, leuando dez dos nossos em sua companhia, & foy là, & tornou a malaca com fazer muyto grande ganho na mercadoria no que leuou.

Capit. el. De como Iorge botelho foy descobrir ho rio de Siaca, & da treyção que lhe quisera fazer el rey de Bintão.



Om a morte del rey de campar fica rão os nossos e grã de desredito com a gẽte da terra que todos affirmauão q̄ el rey de Campar morrera sem culpa, & que fora treyção del rey de Bintão, & tinham os nossos em conta de muyto cruéis, & por isso muytos mercadores fugirão de Mala-



ca, & como se soube por derrador não oufação de ir a ella pelo que succedeo na cidade grande fome, em tanto q̄ muytos morrião dela, & ho arroz da fortaleza se daua por regra muy estreyta. E pera se buscar & auer antes q̄ faltasse de todo, determinou Iorge dalbuquerque em conselho que se descobrisse hum rio chamado Siaca, que hia ter a Menancabo, porque não auia outro de que se mais perto ouuesse mantimentos, posto que ho rey delle era sujeito a elrey de Bintão. E no mesmo conselho se acordou que fosse Iorge botelho descobri-lo, porque era muyto conhecido antrẽ todos os daquellas partes, & tinha coeles grande credito, & sabia a lingua, & foy no nauio santa Helena com duas lancharas em sua companhia em que hião algũs dos nossos, & os mais era gente da terra, & quando partio fizeramse por elles muytas orações em Malaca pola necessidade que auia de trazer mantimentos. E chegado ao rio entrou por elle: & era fermosa cousa de ver, porque dhua parte & doutra auia muytas quintãs, que se chamão duções na lingua da terra, em que auia muytos laranjais, & outras arvores de fruyto. E ho rio a lugares era de largura de tiro de bombardã, & de berço, & de bêsta. E não podendo Iorge botelho tomar lingua, por que toda a gente fugia com medo da nossa frota, meteo ê hũa almadia obra de dez Christãos de Malaca que leuaua, & mandou os diante pera que tomassem lingua, o que eles fizeram, & tomarão dous homens, & hum deles fora catiuo de Iorge botelho, que ho catiuo andando darmada, & lhe deu depois liberdade: & assi ho disse ele a Iorge botelho, que lhe deu algũs panos

& outras cousas, & mandouho que fosse diante, & dissesse aos da terra que não fugissem, porque não hia fazer guerra se não paz com elrey de Siaca, & dali por diante nunca mais ninguem fugio, & quasi cada dia hião falar a Iorge botelho, & lhe dauão nouas delrey de Siaca, & que tinha seu assento em hũa pouoação à borda do rio onde era mais estreyto. E chegado ali elrey, mandou logo saber de lo que queria, ele respondeo que assentar paz & amizade em nome do capitão de Malaca, & que hũs de hũa terra fossem seguros a outra. E como aqui auia muytos da propria terra que conhecião a Iorge botelho, disserão tantos bens delle a elrey que folgou da assentar a paz & amizade, que lhe offrecia, & depois da assentada quisera Iorge botelho passar auante ate Menancabo, & verse cõ ho rey da mina grãde (que ha ali muytas douro como ja disse) pera assentar coele trato & amizade, porq̄ como ouuesse trato hirião os mercadores a Malaca com ouro, & leuarião tambem mantimentos, & querendo lã ir soube como passando dali era ho rio tão baixo que não auia de poder ir por elle: & por isso lhe escreveu hũa carta, em que lhe cõtava sua determinação, pedindolhe q̄ pois lã não podia ir ouuesse a amizade por assentada, & mandasse os seus mercadores a Siaca a fazer e coele mercadarã; porq̄ leuaua muyta roupa, & mãdou coesta cartooyto christãos de Malaca, & hũa guia q̄ lhe deu elrey de Siaca. Partidos estes coesta carta, chega ao outro dia hũ em baixador delrey de Bintão a elrey de Siaca se o Iorge botelho saber. Era a e baixada, q̄ se elrey de Siaca desse a cabeça de Iorge botelho a elrey de Bintão



que ho casaria cõ hũa sua filha, & par-  
tiria coele seu estado pelo meyo, por  
q̃ Jorge botelho era o q̃ ho destruyra. E  
como esta promessa del rey de Birtão  
era tamanha, venceose el rey de Siacat  
& determinando de a ganhar mãdou  
logo apos os que leuauão a carta de Lor-  
ge botelho pera os fazer tornar. E que  
rendo nosso senhor que isto não ouuel  
se effeyto, ordenou q̃ morasse naq̃la po-  
uoação hũ homẽ, que q̃ ndo foy a bata-  
lha dos nossos cõ Patehonuz, Jorge bo-  
telho tomou e hũ jungo cõ sua molher  
& filhos q̃ hia catiuo, & ho soltou cõ to-  
da sua familia. E lebrado este de tama-  
nho beneficio, sabẽdo a treyçãõ que se  
ordenaua cõtra Jorge botelho, logo na  
quella noyte se foy a nado ao seu nauio  
secretamente, & contoulhe o que passa-  
ua: & que aquela noyte se despououão  
todos os dações da gente nobre q̃ mo-  
raua neles, pera el rey consultar coeles  
como faria, & q̃ auia de mandar pedir  
ajuda a el rey de Birtão quando ho não  
podessem tomar. E dado este auiso, tor-  
nou se com muyto boa paga que lhe Lor-  
ge botelho deu por ele. E sabendo ele a  
treyçãõ q̃ se lhe ordenaua, deixou ho  
nauio & metose em hũa das lâcharas,  
& com as outras duas se pos a sombra  
de terra porque ho não vissem: & reco-  
lhendose os grandes da terra pera a po-  
uoação, tomou hũ paraõ grande em q̃  
achou hũ vedor da fazenda del rey de  
Siaca, & prẽdeo o debaixo de cuberta,  
mandando dizer a el rey q̃ ho mesmo  
auia de fazer a ele pola treyçãõ que lhe  
ordenaua: & se Jorge botelho leuara gẽ-  
te que ho ajudara, ele destruyra el rey  
de Siaca.

Capit. clj. Como Jorge botelho a sse-  
ntou amizade com el rey de Menãca

bo, & de como Francisco de melo pe-  
lejou cõ hũa armada del rey de Bin-  
tão, & a queyrou.



Vendo que não podia, &  
temendose q̃ lhe mata sse  
os seus messejeiros que mã-  
daua a el rey de Menanca-  
bo, determinou de ir a diã-  
te ate onde podesse nadar ho nauio, &  
as lancharas, & dali buscaria maneyra  
pera mandar recado a el rey, se os seus  
messejeiros fossem mortos, que nosso  
senhor lhe quis goardar por mais que  
el rey de Siaca trabalhou por lhos ma-  
tar. E indo ter coeles aq̃les que ele man-  
daua a isso, ouerã lhe medo porque se  
lhe defenderão muyto bẽ, & fizerãnos  
fugir, & a guã tambem fugio coeles. E  
vendose os messejeiros sem ela forão  
se a Campar, que era hi perto õde auia  
muytos q̃ conheciãõ a Jorge botelho:  
& algũs destes sabẽdo q̃ os messejeiros  
erão seus, & onde querião ir leuarãnos  
a el rey de Menãcabo, q̃ como disse he  
gentio & seõor de grande foma de mi-  
nas douro, & quando soube que erão de  
Malaca, & vio a carta que lhe leuauão,  
fez lhe muyto gafalhado, & respondeo  
a Jorge botelho que folgaua muyto de  
ter amizade & trato com os nossos, &  
pois ho seu nauio não podia chegar aa  
sua cidade, que ele mandaria laa os seus  
mercadores a tratar coeles. E assi os  
mandou, & a mercadoria que leuarão  
foy ouro, & mantimentos & aguila,  
que na terra não ha outra, & cujo tro-  
co tomarão a roupa do nauio, & assi  
quanto pano os nossos leuauão, que  
não lhes ficarão ceroulas, nem cami-  
sas que tudo lhes tomauão por ouro.  
E estando aqui Jorge botelho, recean-  
dose Jorge dalbuquerque que el rey



de Bintão mandasse sobrele, mandou a Francisco de melo ho galego que ho fosse fauorecer, & deu-lhe a capitania mór de hũa armada de noue lancharas, cujos capitães a fora elle, forão Francisco fogaga, Ioão salgado, Carlos carualho, Ruy medez, Diogo mendez Cristouão diaz, Diogo diaz & outro cujo nome não soube. E sabêdo elrey De bintão como esta armada hia e buca de lorge botelho, mādou logo outra pera q̄ fosse pelejar coela & a tomalle: & assi ho nauio d̄ lorge botelho, & foy de vinte quatro lâcharas. E seys delas erão muyto grãdes aque na sua lingua chamão garopos. E sêdo a nossa armada dentro no rio onde estaua lorge botelho, chegou a dos inimigos & entrou tã bẽ dẽtro. E aduas legoas da foz achado q̄ ho rio se fazia em dous braços, & não sabêdo por q̄ lirião os nossos repartirã se em duas partes de doze lâcharas cada hũa, & huãs forão por hũ braço & outras por outro, o que foy logo sabido por Francisco de melo. E chama do a conselho os outros capitães acordarão de ir receber os inimigos ao caminho, assi por lhe mostrarẽ q̄ os não têmão & lhe q̄brarẽ coisso os corações, como por temer q̄ a gẽte da terra se leuãtasse contreles vêdo ho poder dos inimigos q̄ era grãde por serẽ bẽ milhomês & eles q̄ não chegauão a ceto. E indo em busca dos inimigos derão cõ hũa parte das lâcharas q̄ hião todas encadeadas em ala, por cercarem todo ho rio q̄ os nossos não podessem fugir, q̄ cuy dauão eles q̄ ho auião de fazer em os vendo. Estando coesta soberba como virão os nossos derão hũa grande grita & tocarão seus instrumetos de guerra & os nossos despararão sua artilharia, & assi forão ate chegarem hũs aos

outros & Ioão salgado foy aferrar com hũ dos garopos q̄ trazia mais de cẽhomês & ele algũ dez ou doze, & como os inimigos erão tãtos, entrarão coeles logo de roldão ferindos de muytas frechadas & lâçadas, & por muyto bẽ que os nossos pelejauão forão todos feridos & mortos os mais deles sem lhe nenhũ dos capitães poderẽ acodir por todos terẽ aiaz q̄ fazer em se defender dos inimigos q̄ trabalhauão quãto podião polos aferrar, & eles por q̄ os não aferrãsem jugado cõ sua artilharia & tirãdo lhe cõ muytas lâças defogo & panelas de poluora q̄ lhe lâçauam dẽtro nos nauios com q̄ se pegou ho fogo neles, por que dos primeyros saltou nos outros por estarem todos encadeados, & assi se ateou q̄ se não podia apagar: & arderão dez cõ os mais dos q̄ estauão dẽtro & os dous fugiram quando virão sua destruiçam & foram varar em terra, por onde agẽte deles fugio, & ados outros toda foy morta de fogo, & isto se fez do meo dia ate a vespera, & os nossos afora os mortos q̄ disse ficarão todos feridos, & muyto cansados. E auẽdo mea hora q̄ isto era passado, quando acodem as outras doze lancharas dos inimigos, que parece q̄ achandose per to ouirão ho tã das bombardadas, & acodião: & quando os nossos as virão ficarão muyto tristes por quão cansados & feridos estauão, & Francisco de melo esefforçou, dizêdo que esperãsem em nosso senhor, que os não liurara dos primeyros pa os deixar morrer a mãos daqueles, & q̄ lhe auia dacabar de dar a vitoria, pa q̄ vissem os inimigos camanho era seu poder. E nisto chegarão os inimigos, & começouse a peleja muyto mais braua q̄ dãtes, & os nossos não pelejauão se dão cõ a artilharia &



cõ artificios de fogo, & foy medonha  
coufa de ver a perfia que teuerão os im  
migos sobre aferrar os nossos sintindo  
que taieftauão, & eles por se defêder.  
E sobristo meterão duas lancharas dos  
immigos no fundo, & arrombarão al  
gũas das outras, & matarão muyta gen  
te, & nisto sobreueo a noyte que os a  
partou, & por os immigos terem muy  
tos mortos da noſſa artelharia, &  
queymados dos arteficios de fogo. E ſa  
bendo o q̃ acõtecera as outras doze lâ  
charas, não ouſarão deſperar & forão  
ſe a q̃ la noyte caminho de Bintão; & he  
de crer q̃ noſſo ſenhor ho quis aſſi, por q̃  
ſe tornarão a pelejar ſegũdo os noſſos  
eftauão canſados & feridos não eſcapa  
ra nenhũ. E morrerão ali logo & deſpo  
is na fortaleza trita & cinco, & foy muy  
to não morrerẽ mais, tantas forão as fe  
ridas & tamanhas. E vêdo Frãciſco de  
melo como os immigos erão idos, & que  
Iorge botelho podia ficar ſeguro & a  
cabar ſua mercadoria q̃ aida não tinha  
acabada, deixouho & foyſe a Malaca  
pera ſe curarẽ os feridos. E ficando Ior  
ge botelho, ſobejou ainda muyto ouro  
aos Menãcabos de q̃ eles teuerão algũ  
deſgoſto. E ſintido lho Iorge botelho,  
diſſelhe q̃ ſe foſſem coele a Malaca, &  
q̃ la ho acabarão de gaſtar, & q̃ ſe lhe  
obrigaria a tornalos a trazer ſeguros,  
cõ tanto q̃ primeyro auião de cõprar a  
roupa da feytoria q̃ outra nhũa: & aſ  
ſi ſe fez, & leuou os a Malaca õde que  
do chegou ja não era capitão Iorge dal  
buquerq̃, ſe nã Iorge de brito copeiro  
moor q̃ foy com Lopo ſoarez, como di  
rey no quarto liuro.

Capit. elij. De como partio de Portu  
gal por governador da India Lopo  
ſoarez, & de como chegou laa.



Este anno de mil & qui  
nhêtos & quize, ouue el  
rey de Portugal por ſeu  
ſeruigo q̃ o governador  
Afonſo dalbuquerq̃ del  
canſaſſe de ſeus trabalhos & ſe foſſe pe  
ra Portugal, & deu a gouernança da In  
dia a Lopo ſoarez q̃ la fora por capitão  
mõr de hũa armada, como diſſe no li  
uro primeyro, & deu lhe hũa frota de  
treze naos groſſas, cujos capitães a fora  
ele forão Chriſtoũão de tauora, q̃ leua  
ua a capitania de goſala, dõ Goterre caſ  
telhano, q̃ leuaua a de Goa, Simão da  
ſilueira, q̃ leuaua a de Cananor, Iorge  
de brito copeiro mõr, q̃ leuaua a de Ma  
laca, Diogo mèdez de vaſcõcelos, q̃ le  
uaua a de Cochi, Afõſo lopez da coſta,  
Lopo cabral, Aluaro barreto, Simão  
dalcaçõua pa ir a China, Aluaro telez  
por capitão de Calicut, Francisco de ta  
uora, dõ Garcia coutinho. E neſta frota  
foy Mateus ho ebaixador q̃ mandou a  
may dõ preſte como diſſe atras, pera q̃  
Lopo ſoarez homãdaſſe ao preſte cõ  
hũ embaixador q̃ lhe el rey de Portu  
gal mandaua q̃ foy hũ ſidalgo chama  
do Duarte galuão de muyto merecime  
to por muyto ſeruigo q̃ tinha feyto aos  
reys de Portugal do tpo del rey dõ Afõ  
ſo ho quito ate a q̃ le, aſſi e tomadas dos  
lugares dalẽ, como em ir por capitão e  
armadas de focorros q̃ eſtes reys mada  
uão a ſeus amigos, como e ir por embaf  
xador muytas vezes aos reys da Chriſ  
tindade, & ao eperador ſobre couſas de  
muyta importácia, em q̃ moſtrou ſer  
muyto prudẽte, negociando ſempre a  
muyto cõtetamẽto dos reys q̃ ho mada  
uão. E por iſto q̃ el rey dõ Manuel dele  
ſabia lhe daua a capitania de tres naos  
pera ir na meſma conſerua do gouerna  
doro q̃ ele não quis aceitas dizẽdo q̃  
era velho, & não queria carregos q̃ lhe



desasse lizegasse ho spū, & mais fazēdo aq̃la viage pera seruir a nosso señoer, & ajuntar a Christindade de Ethiopia cō a nossa. Coesta frota q̃ digo, se partio Lopo soarez a sete Dabril. & cō toda a frota foy ter a Moçambique, ò de achou dous nauios, de que era capitão mór hū Ruy figueira q̃ fora descobrir a ilha de sam Lourēgo pa assentar feytoria, & não a podendo assentar se foy a Moçambique. E aqui deixou ho gouernador a Christouão de tauora pera ir ser capitão de gofala, & deu a sua nao a Fernao perez dandrade q̃ auia dit assentar trato & amizade na China, & ē Bēgalā, & auia dir por capitão mór de tres naos q̃ logo leuara ordenadas de Portugal. E partido ho gouernador de Moçambique, foy surgir na barra d̃ Goa a dous de Setebro do mesmo año, estã do Afonso dalbuquerque em Ormuz. E q̃ ando foy sabido ē Goa q̃ hia outro gouernador, assi os nossos como os gētios & mouros ficarão muyto tristes, & dizião q̃ el rey de Portugal não q̃ria a India pois tiraua de gouernador Afonso dalbuquerque, que parecia q̃ nosso señoer fizera pa a gouernar. E não ouue na cidade nenhū aluorogo cō a vinda do gouernador, q̃ deixou ē Goa por capitão a dō Goterre, & tirou a dō loão deça, & de Goa foy ter a Cananor, cuja capitania deu a Simão da silueira, & viose cō el rey de Cananor, a q̃ deu hū rico collar q̃ lhe mādaua el rey de Portugal: & de Cananor se foy a Cochī a despachar as naos de carga, & deu logo hūa armada a seu sobrinho dō loão da silueira, pera q̃ fosse fazer presas às ilhas de Maldiua.

¶ Capit. cliij. De como el rey de Baharē, & el rey de Baçorā & outros reys & grandes señoeres mouros manda-

uão visitar o gouernador, & outros ho hião ver.

**R**estituydo ho gouernador na cidade Dormuz, & feyta a fortaleza per q̃ el rey de Portugal tornou a ser señoer do reyno como era dātes sem a el rey Dormuz aproueitar ser vassallo do Xe q̃ ismael & pagar lhe pareas: foy ho espāto disto muyto grāde p̃ toda Persia, & Arabia, & da hi por outras prouincias, & nestas duas não falauão os reys & señoeres delas ē outra cousa, & tinhā no por muyto grāde maravilha: & não a uia nenhū que não teuisse ao gouernador ē muyto grāde cōta & estima, por ho reyno Dormuz ser a cousa mais rica & poderosa de todas aq̃las partes, & ho gouernador ir de tão lōge acōquistalo, & por isso deseja uão todos sua amizade & liāca. E os primeyros q̃ lhe mādarão sua ebaixada damizade cō presentes, forão el rey de Lara vassallo del rey Dormuz, & el rey de Baharē, & d̃ catifa ē Arabia, também seu vassallo, cujo etaxador deu ao gouernador da sua parte tres caualos arabios, & hūa carta que dizia na nossa lingua.

*Pera ho grāde reys, & amerceador ho melhor dos reys neste r̃po o q̃ he nomeado em todas as lingoas, Rey do mar & señoer de lugares, ho capitão moor a que Deos acrecete sua vida: depois das saudes & amizades vos faço saber como estou de saude & paz. Façouos saber como nos el rey ho honrrado soubemos de pouco r̃po pa ca como viestes a Ormuz, & como soys amerceador & fazedor d̃ iustica, & assi vay vossa fama por todo ho mundo, & folgay muyto que ante mi & vos Vão sempre messeiros:*



La mando meu mensageiro a vosso ser-  
uico, & vos leua tres cavalos, posto que  
nao seão pertencentes, se achar algus bõs  
logo volos mãdarey. Reccebe y a tencão  
do amor & da amizade, se algũa cousa  
mandar des, mãdaimo dizer porque ho  
farey, enuiouos minhas encomendas.  
E apos este embaixador chegou outro  
de Mirabuçaca capitão geral do Xeij  
ismael na frontaria de Arabia muyto  
grande senhor em sua terra. Este ten-  
do tãbẽ fama do governador, pola vã-  
tade que sabia que lhe tinha ho Xeque  
ismael seu senhor lhe mandou por hũ  
seu embaixador ofrecimentos damiza  
de cõ hũa carta que dezia em nossa lin-  
gõa.

Ao grande senhor de mando, gover-  
nador & grande capitão dos grãdes, &  
mayor dos mayores, capitão de muytos  
capitães deste tempo, lião bem auentura-  
do, capitão mor & governador das In-  
dias. Este somenos seruidor & verda-  
deiro em amor, deseioso de vos fazer  
muytos seruiços como seruidor. mil ve-  
zes vos enuiõ dizer que sou vosso serui-  
dor & quero vosso bẽ: & digo a brados  
que sou vosso seruidor, & porisso me foy  
necessario fazer esta carta. La vos mã-  
do Cogealachatim Masam: de a vosso  
seruiço, que vos diga o que lhe disse acer-  
ca de nossa amizade, & de sermos abos  
hũ. Tãdeo por firme & por certo, & não  
seiaes esquecido de nos: escreuei me semp  
qualquer cousa ou seruiço que de mi qui-  
serdes, & mandaimo que eu ho farey,  
& nisso me fareis muyta merce: Não  
vos escreuo mais, se não que deos acrece-  
te vosso estado.

E despachados estes deus embaixa-  
dores muyto bẽ, & mandãdo ho gouer-  
nador coeles seus embaixadores a estes  
reys, despois de laa ser ãe lhe veyo outro  
embaixador del rey de Bagera em Ara-  
bia no cabo do fino Persico, cujo embax-  
ador lhe deu outra carta que dezia.

Faço saber ao grã capitão, o que faz  
iusticia & mãdano mar & na terra, &  
o que faz bẽ no mar & na terra: nohas  
vontades sam todas hũas, & nos a vos-  
so mandar & obediçia. Vosso fazer de  
iusticia he assi como todos ho querem, &  
de vos amerceador quero que nos honreis  
como hõrrastes a Bejaboque, & a Mira-  
buçaca com cartas & messagẽs. Nos que-  
remos pazes a vosso seruiço, & tudo o  
que vos quiserdes em toda cousa, & em  
o que poder a terra he vossas, & os vassal-  
los vossos, & os filhos filhos vossos: & è  
tudo o que mãdar des vos obedeçeremos.  
La vay a vossa merce Cide ho honrra-  
do Masamede, em lugar de minha pes-  
soa: se vossa merce mandar algũa cousa  
a cle ho diga, & ele nos escreuerã, & nos  
obedeçeremos, ou mãday coele vosso mes-  
seiro. Minha tencão he, que não uue-  
mos mester entre nos medianeiros, & o q  
mandar des a Cide, mandailho como se  
ho mandasseis a m: & os vassallos meus  
sam vossos, não os engeiteis de vossa  
vista.

Tãbẽ a este embaixador fez ho go-  
uernador muyta honrra, & despachou  
ho muyto bẽ, fazendolhe merce, por q  
soube sem os mouros quam bẽcerta-  
ua quemho queria ter por amigo. E os  
mouros de Ormuz se espãtauo muy-  
to destes reys & senhores mandarem



seus embaixadores ao governado, & mais q̄ ndo lhes eles cõtãuão a grãde fama q̄ hia dele por suas terras, & coestes embaixadores & cõ outros era a gête tãta e Ormuz q̄ não cabia, & parecia hũa corte de hũ grande rey, & não auia dia q̄ ho governador não fizesse merce a estes embaixadores, & os mouros da terra se espantãuão como tinha tanto que dar. E vendo ho governador como os reys & senhores comarcãos folgãuão com sua amizade pera os prouocar que folgasssem mais coela & a desejassem, mandãualhes tambem seus embaixadores, mãdãdolhes presentes de muyto prego, pelo q̄ de todos era cada vez mais estimado por os mouros ser e muyto inclinado a lhe darẽ: & dhũs aos outros hia a fama, q̄ não auia nenhũ que nã desejasse de ho ver, & muytos mouros honrrados vinhão de muyto longe a Ormuz no mais que a vela: & algũs q̄ não podião ir & aliõ senhores mãdãuão grãdes pintores q̄ lho tirãsssem pelo natural, pera q̄ ho vissem pintado. E todãstas diligencias fazião pola grãde fama q̄ auia antre os mouros de seus muyto grandes feytos nas armas, & de suas singulares virtudes: de modo que ho tinhão todos em muyto grãde estima & veneraçãõ. E dos embaixadores & doutros mouros q̄ ho hãõ ver & tirar polo natural erãõ cada dia tãtos na fortaleza que se não podião os nossos defender deles, & se os deitãuão fora pedião com muyta piedade q̄ lho deixãsssem ver, porq̄ não hãõ a mais q̄ a vela. E esta importunaçãõ dauão porq̄ ho governador sayã poucas vezes fora por se achar mal de camaras, & quãdo hia fora da fortaleza, erãõ sem cõto os mouros q̄ ho estãuão esperando, & pãchegarẽ a ele, & ho verem bẽ, hũs lhe

fazião orações de seus grãdes lououres e sua lingua, & outros lhe dauão algũa cousa, & lhe beijãuão a mão com que a tomãua, & ele como os via detinha ho caualo pera lhe falarẽ, & eles ficãuão muyto contẽtes & dizião de cada vez mais bẽ dele. E hia sua fama em tanto crescimento, que nunca foy tamanha de capitãõ de naçãõ algũã. E indo sua doença de camaras de cada vez peor, aos vinte seys dias de Setembro fez a juntar todos os capitães de sua armada, & lhes disse que bem viãõ q̄ era vello, & doente de hũa doença q̄ mataua estando falãdo: & porq̄ ele por esta causa queria puer a conseruaçãõ do reyno Dormuz & daq̄la fortaleza q̄ fazia, lhes rogãua a todos q̄ lhe dessem as mães de obedecer a pessoa ou pessoas a q̄ ele cometeisse seu poder despois de sua morte ate el rey seu seõor prouer. E todos disserõ q̄ aquilo era muyto bẽ feyto, & q̄ nõso seõor lhe daria faude, como ele & eles desejaũõ. E andolhe suas menajẽs, fez o secretario Pero dalpõẽ hũ auto disso q̄ todos assinarão. E cercandose ja neste tẽpo a fortaleza de muro, mandou fazer prestes sua armada pera se partir pera a India: & vindo ho mes Doutubro por se achar peor, fez seu testamẽto. E aos vite dias deste mes, mãdou dizer a Pero dalbuq̄r que seu sobrinho pelo secretario, q̄ por ele sentir del rey Dormuz q̄ folgãria q̄ ele ficasse por capitãõ daq̄la fortaleza, & assios nossos, & tãbẽ pola ele merecer, lhe fazia merce dela em nome del rey seu seõhor com quatroçẽtos mil rs dor denado cadãno, & duzentos quintães de pimenta ao meyo, & dali por diãte teuesse cuydado dela. Polo que lhe foy beijar as mãos ao outro dia, & ele lhe deu ho regimẽto que lhe auia de ficar,



E assim he entregou hũa armada de tres nauios, & hũa fusta pera seruiço da fortaleza, & guarda da costa dos noutaqs que sam costeiros. E os capitães foram dos nauios, João de meira, Fernão de refende, lorge dorta, & da fusta Antonio homem; & porque ho guernador de todo nã podia sayr fora por sua doença, se mandou despedir del rey Dormuz pelo secretario, mandandolhe pedir pdaõ de ho não ir ver por sua doença com muytos offrecimentos. O que el rey lhẽ mandou muyto agardecer, mostrãdo muyto pesar de se achar tão mal, & quiseraõ ir ver se lhẽ ho secretario não conselhara que não fosse, porq ho não auia de poder ver se não no bacio, & por isso el rey não foy, & madou lhe pedir que lhe não deixasse por lingoã Nicolao ferreyra por quanto era homem reuoluto, & que lhẽ poderia ordenar algũa cousa por onde el rey de Portugal perdesse ho credito dele. E ho guernador ho fez assi, porque el rey lho merecia por quaõ seu amigo se mostraua, que cada dia ho mandaua visitar por Acem ale, mandandolhe sempre muytos presentes, & acodindolhe sempre com dinheiro pera as despensas da fortaleza, & mandandolho visitar muytas vezes por Raix noradin:

Capitulo. cliiij. Das nouas que ho guernador soube da India, & de como faleceo de sua doença chegando a barra de Goa:



Endo o guernador prestes tudo o q era necessario pa sua partida, partiõse aos oyto dias de nouembro, & embarcouse pola sexta

na nao de Diogo fernandez de beja, & esteu o que ficaua do dia & a noytese guinte defrõte da pedreira: E ao outro dia se fez aa vela, & logo ao sabado foy ter coele Acem ale com duas terradas carregadas de refresco, s'vacas, carneyros, galinhas & fruytas do el rey Dormuz lhẽ mandaua, & assi muytas conseruas & bizcotos. E segundo se entẽdo em Acem ale, ele hia ver se era ho guernador morto, porque como embarcou pela festa, & ho não virão nenhũs mouros embarcar, cuydarão que era morto, & assi ho disserão a el rey, & mais porque auia dias que ho não virão, nẽ falara a el rey antes de se ir embarcar: & porque despois de se ir se acharã melhor, mandou q lhe falasse Acem ale, que quaõ ho viu lhẽ beijou a mão com muyto grande praze polo ver viuo, & disse lhe que lhe mandaua el rey Dormuz aquele refresco, & saber como hia. E dandolhe ele agã decimentos disso, lhẽ mandou dizer como se achaua melhor despois que fora no mar, encomendandolhe muyto a fortaleza, porque era a melhor cousa q tinha no reyno pera conseruação de seu estado, & fez merce a Acem ale de trinta xerafins, & dez a cada hũ dos mestres & pilotos das terradas q eraõ quatro, & mandou os conuidar com vinho de Portugal, & assi se foram contentes a Ormuz, onde disserão que ho guernador hia viuo. E sendo ele tão auatẽ couio Calayate; pareceo hũa nao de mouros ao mar que vinha da India, & por saber nouas da India, mandou, que a fizessem arribar aa capitãina, & que lhe leuassem ho capitão & piloto dela, & deu juramẽto dos santos euãgelhos a Alexandre datay de lingoã, q nẽnhũa cousa lhẽ cobrisse das nouas



que os mouros dessem da Índia: & ele ho fez assi, & os mouros hião de Cambaya, & desculparanfe ao governador de não arribarem a ele logo, por q̄ lhes pareceo q̄ não hia ali pola palas poucas naos que vião, & disserão quelhe trazia cartas de Cideale ho torto, & hũ embaixador do Xequifmael que esta ua em Cambaya, em que lhe escriuião que era chegado à Índia Lopo soarez por governador com hũa armada de doze naos. E indo logo pelas cartas, achouse que era assi, & que todas as fortalezas da Índia vinhão prouidas de capitães, & hũ deles era Diogo mendez de vasconcelos pera Cochim, & Diogo pereyra por feytor que el mãdara presos pera Portugal polos insultos que fizerão, como atras disse, & assi contaua os nomes de todos os capitães, & dizia na carta de Cideale q̄ lhe não escriuia Meliquiaz polo grande pesar que tinha de ho el rey de Portugal mãdar ir da Índia, que lhe parecia que não seria bem irse pera Portugal, pois el rey conhecia tão mal as suas caualarias, & lhe galardeoua tâ mas seus feruiços. E despois de idos os mouros, ho gouernador com grande paixão q̄ teue del rey de Portugal mandar Diogo mendez & Diogo pereyra com carregos mandando os ele presos, que era sinal que ho não ouera por bem, disse muyto agastado. Mal com el rey por a mor dos nomês, & mal com os homês por amor del rey: acolhamonos à igreja velho coymdo. E despois que se lhe foy ho impeto da q̄ la paixão cõ algũas palauras consolatorias que lhe disserão sobriisso, deu graças a nosso senhor por em tal tempo chegar gouernador à Índia estando ele tão perto da morte, &

não podia ser se não q̄ falaua el rey cõ algũ anjo, que ho auisaua das cousas de que a Índia tinha necessidade: & q̄ lhe parecia que nosso senhor tinha cuydado dela pois a focorrera em tal tempo. E primeyro q̄ se os mouros partissem, lhe mandou tomar todas as cartas que leuauão doutros mouros de Cambaya pera algũs Dormuz, porque não soubersem que era chegado outro gouernador que temia que desse aquella noua toruação a fortaleza. E dali por diãte se achou de cadauez peor, de maneira que sabado quinze dias de Dezembro à noyte que foy furgir na barra de Coa auia quatro dias q̄ trazia saluço, & esta ua tão fraco que logo arreue flaua quãto comia. E despois de furto, veoter co ele frey Diogo vigayro geral da Índia, q̄ ele mandou chamar polo capitão do bargantim: & assi veo mestre Afonso medico q̄ lhe leuarão algũ vinho vermelho fresco de Portugal q̄ desejava: & aq̄ la parte da noyte este ue sempre ã seu acor do falando com seu confessor, & hũa hora antes que falecesse se lhe toruou a fala. E standolhe lendo a passãõ de que era muyto deuoto, & em q̄ dizia que leuaua sua esperança de saluãõ, deu a alma a nosso senhor domingo ante manhaã dezaseys de Dezembro de mil & quinhentos & quinze, ve stido em ho abito de Santiago, de cuja ordem era caualeyro, que sempre teue por patrão & auogado diante de nosso senhor, a quem muyto deuotamete pedio perdão de seus peccados antes de seu falecimeto. E falecido foy posto na tolda da nao sobre hũ catle que estava cuberto com hũ pano de brocado, com hũa almofada do mesmo à cabeceira, & como tinha ho rosto descuberto pa-



recia q̄ estava dormindo, & nisto era ho pranto muy grande na nao, assi de seus criados como dos outros, & dali se espalhou pelas outras naos, ô de todos tinham grande sentimento por perderẽ tal governador. E sendo menhaã clara chegou Simão dâdrade q̄ ficara atras, & querendo entrar pera dentro do rio, mandaranhe dizer os outros capitães que esperasse pera acõpanhar ho corpo do governador ate a cidade. E ele nã quis se não irse, mostrando grãde prazer de seu falecimento, cuydando que daua nisso cõteta mēto a Lopo soarez.

Capit. clv. De como foy sepultado ho corpo do governador, & de suas notaucis virtudes.



Espos depois que aprouue a nosso senhor de leuar desta vida este tão esforçado & famoso capitão, foy aberto seu testamēto, em que se achou que mandaua que seu corpo fosse enterrado em nossa senhora da serra que está na cidade de Goa, ô de logo foy recado pera q̄ os clérigos & leygos se percebessem pa as derradeiras horas que auião de fazer a quem ganhou aquela cidade, ô de ho rebate de nouas tão tristes deu assaz de toruação, especialmēte ouuindo dobrar os sinos, q̄ a todos certificarão ser a noua verdadeyra, que ainda algũs a não podião crer. E como todos tinham amor de pay ao gouernador, hũs polos casar, & lhes dar fazēda pera sustētamēto de suas vidas, outros porque por natureza se inclinauão a illo pelas virtudes que auia nele, não ouue nenhũ que não mostrasse no rosto a magoa que tinham no cora

ção, & hũs com os outros fazião ajutamētos por essas ruas falando na morte Dafonso dalbuquerque, q̄ trazia â memoria a muyta honrra & louor que ganhara na vida, assim se feruir a nosso senhor como a el rey, affirmando todos que nũca iria a a India outro tal. E nisto chegou ho seu corpo ao cays, onde ho estauão esperãdo os clérigos & frades com suas cruces, & todas as confrarias com sua cera, & ho capitão da cidade com todos os fidalgos & gente outra q̄ auia nela. E tirado no batel no catle em que hia, foy posto em terra pera ho encomẽdarem. E como vinha vestido no habito de Santiago, & hũa rede de ouro na cabeça com hũa carapuça & beca de veludo negro, & a barba branca q̄ lhe chegaua ate a cinta & ho rosto descuberto com os olhos meyo abertos parecia viuõ. & quãdo assi ho virão todos que conhecerão ho desamparo que ho estado da India recebia por sua morte, foy tamanho ho choro que todos aleuãtarão, que mais forão la grimas que os clérigos chorarão que palauras q̄ pronunciarão pera ho encomendar. E tomidinho coeste pranto debaixo de hũ palio que leuauão fidalgos, começaram de caminhar pera nossa senhora da serra. E entrando pola cidade parecia que se fundia toda cõ gritos das molheres que ele casara, que todas sayrão a velo. E postas todas em cabelo, & dando cõ as mãos nos rostos la mentauão sua orfinidade, dizēdo hũas que perdião pay & outras senhor: & alli ho chorauão comumente Christãos, gentios & mouros, & è toda a cidade se não ouuia outra coufa se não choros, soluços & suspiros, & coeles foy aq̄le corpo leuado a nossa senhora da serra, ô de depois de se dizere em hũa pregação seus grã



des lououros foy sepultado, & posta sobre sua sepultura hũa effa de veludo negro & damasco, por se não achar veludo que abastasse, & sobre a effa foy dependurada a bandeira que leuaua nas batalhas, & suas exequias durarão hũ mes, & da hi por diãte se lhe disse cada dia hũa missa, que ele deixou pera sempre. E despois de ser sepultado, ainda ho pranto durou na gête o que ficaua, do dia & toda a noyte seguinte, não somente nos nossos, mas nos gentios & mouros, porque todos ho tinham por pay; & assi os emparaua ele, & os mantinha em paz & e justiça, por q̃ a fora ho esforço que lhe nosso senhor deu pera a guerra, dotoulhe tanta prudência que nenhũa cousa lhe ficaua por saber que fosse necessaria pera boa governança da republica. E posto que algũs ho quiserão tachar de mal soffrido antes de ser governador, & dizião que era doudo, & por isso acõselhauão ao visõrey que lhe não entregasse a governança como el rey de Portugal mãdaua por sua prouisa, do que se vio ho contraito despois que lhe foy entregue, que lhe sobejaua soffrimento & paciencia, em tanto que indo hũ dia por hũa rua, algũs que lhe querião mal por lhe não pagar seu soldo, por mingoa de não ter dinheiro, lhe deitarão ourina de hũa janela & ho molharão; & ele dissimulou fazêdo q̃ ho não entedia, nem sòmête quis entender aqueles que hião coele que lho disserão. E outra vez hũ homẽ por priuar coele, disselhe q̃ outros dizião mal dele publicamête, & ho injuriãuão cõ nomes muy infames, que seria bẽ que os castigasse. E ele respondeo q̃ ho não auia de fazer, porq̃ eles tinhão rezão pois continuamête trabalhauão, & elle não podia dar ho galardão de seus

trabalhos; & dagaçados disso se espantaua como lhe não fazião mal, quanto mais dizerẽno dele, q̃ folgaua muyto de quebrarem sua furia no que tocava a sua pelloa, antes que no que tocava ao seruiço delrey seu senhor. Vindo outra vez a ele hũ lascari cõ grãde necessidade segundo mostraua a pedirhe algũ soldo do que lhe era diuido, não lho podendo ele dar polo não ter rogoulhe q̃ por algũs dias ho buscasse emprestado por seus amigos. E escusandose ho lascari, dizêdo q̃ ho não achaua sem penhor, & que não tinha outro que desse se não suas armas, q̃ lho deesse ele, & lançãdo mão à barba acertou de tirar quatro ou cinco cabelos sem ho q̃rer fazer, & quando os vio mostrou que os tirara por sua vontade & por cõtentar ho lascari, deulhos dizendo que buscasse dinheiro sobreles, por q̃ não tinha outro penhor que lhe dar. E ho lascari muyto ledo leuou os cabelos, & achou dinheiro sobreles com que supriu sua necessidade. E o que tinha os cabelos e penhor, sabendo q̃ ho governador tinha dinheiro foylhe dizer q̃ os desempenhasse; o que ele fez muyto ledo, & lhe fez merce por dar ho dinheiro sobre os seus cabelos. E estas obras não erãose não de quem por isso, & não por doudice queria temperar tantas vontades como auia na gente de sua armada. E cõ estas manhas & com outras soube tambem granjear ho cargo que tinha, que estando tantas mil legoas de Portugal, & com tão pouca gente como disse tomou aos mouros a cidade de Goa, & a de Malaca, & a fortaleza de Benastarim, & fez a de Calicut, & conquistou por força darmas ho reyno Dormuz, & despois de se lhe leuantar ho tornou a fugigar, & fazia tremor toda a India,



& tendo tão pequena armada a sabia repartir, de maneyra que continuamente trazia nauios da armada de Cochim ate Chaul que guardauão aquela costa em quanto duraua ho verão, de modo que nem hũ grão de pimenta se podia tirar da India sem sua licença, nẽ podia entrar na India por mar nenhũ estrajero que ho não soubesse. Era tão diligente no proueito da fazenda del rey seu senhor q̃ sempre em Goa, & outros lugares que se presumia dauer cerco, tinha ẽ suas feytorias certas casachas de trigo, arroz, carnes, pescados & outros mantimẽtos, de q̃ ele tinha as chaves: & quando via que não auia cerco, daua ho trigo & ho arroz aos casados ẽ descõto de seus mãmimẽtos. E coeste regimẽto não auia necessidade dalmazem de mantimẽtos, nem se gastauão ordenados cõ os almoxarifes deles como agora. E hũ homẽ de cada hũa das feytorias tinha cargo de comprar estes mantimentos. E a fora estas coulas fez

outras muytas que serião largas de contar, mas falando em soma nenhũa virtude lhe faleceo pera ser tão singular capitão como ho forão os singulares q̃ ouue antre barbaros, gregos & latinos. E sobre tudo temeo sempre muyto a seu seruiço, & teue grande deuação na sua sacratissima paixão, & na sua gloriosa madre nossa senhora, tanto que nũca por menencoria que ouuesse jurou por eles, nem pos neles a boca irosamente, nem em nenhũ santo, nem dizia mais que renego da vida em que viuõ. E por ser muyto amigo do seruiço del rey, teue muytos inimigos, & foy muyto manifico nas coulas que comprião a honra del rey, & a sua, & muy liberal pera os pobres: foy muyto airoso, & bem apessoadõ, discreto, & tinha graça em tudo o que dizia, & foy muyto dado a dizer palauras sentenceosas, & folgaua de as ouuir.

LAVS DEO.

## Foy impresso este terceiro liuro

da historia da India em a muyto nobre & leal cidade de Coimbra por Ioão de Barreyra, & Ioão Aluarez empreffores delrey na mesma vniuersidade. Acabou se aos doze dias

do mes Doutubro. De

M. D. LII.



# Tauoada deste liuro terceiro.



**C**apitulo primeiro. De como dom Fernão coutinho marichal de Portugal determinou com ho governador Afonso dalbuquerque q̄ fossem sobre Calicut. E de como forão auisados da desposição de Calicut. Pagina. i.  
**Cap. ij.** De como ho governador, & ho marichal partirão pera Calicut. E chegarão lá: & de como o governador desembarcou primeiro & a causa porque. 2.  
**Cap. iij.** Do que ho governador disse ao Marichal porque desembarcou primeiro: & de como matarão ho marichal: & os nossos forão desbaratados. 4.  
**Capit. iiii.** Do danno que receberão os nossos dos inimigos, & do que os inimigos receberão deles, & do mais que passou. 8.  
**Cap. v.** Do que ho governador fez depois q̄ foy em Cochim. E de como se perderã nos bayxos de Padua Bastião de souza & Francisco de Sá, indo pera Portugal. 10.  
**Cap. vi.** Do que acoteceo a Pedra foz da guiar na viagem, & de como chegou a Portugal. 10.  
**Capit. vii.** De como indo ho governador pera ho estreyto do mar roxo: deixou a ida por saber q̄ fazião Turcos hũa armada na ilha de Goa. 11.  
**Capit. viij.** De como está situada a cidade de Goa, cabeça do senhorio do çabaio. 14.  
**Capit. ix.** De como ho governador chegou à barra de Goa, & de como dom Antonio de noronha tomou os dous baluartes da barra. 16.  
**Capit. x.** De como ho governador sabendo o que dom Antonio tinha feito, entrou pera detro de Páçim: & do recado que mādou à cidade. 17.  
**Cap. xi.** De como a cidade de Goa foy entregue ao governador: & do que fez depois de trar nela. 18.  
**Capit. xij.** De como ho governador mandou duas eбайxadas, hũa a el rey de Narsinga outra a el rey de Vêçapor, pera fazer amizade coeles. 20.  
**Cap. xij.** De como fortaleçêdo ho governador a cidade de Goa ouue hũa amor inaçã antre os nossos & por euj conselho. 21.

**Cap. xiiij.** De como Antão noqueira tomou hũa nao de mouros no cabo d' Goardafuni & de como leuãdo d' Afonso de noronha pera a India se perdeu na costa de Cãbaya & morreo d' Afonso & os outros forão catiuos. 22.  
**Cap. xv.** De como ho Hidalçã se partio cõ grãde exercito pera tomar Goa & de como Timoja foy lançado das tanadarías da terra firme: 24.  
**Ca. xvi.** De como Pulatecã assentou arrayal sobre a ilha de Goa defronte de Benastari, & de algũs recados q̄ ouue antre ele & ho governador. 26.  
**Cap. xvij.** De como as jangadas dos inimigos forão acabadas & do mais que passou antre les & os nossos. 26.  
**Cap. xvij.** De como eufolatim & eufogoga pitães do Hidalçã entrarão a ilha, & do que fizerão nesta entrada lorge da cunha Frãçisco de souza mancias & Frãçisco pereira coutinho. 29.  
**Cap. xix.** De como os mouros & géticos da cidade se leuacarão contra os nossos, & do q̄ fizerão Nuno vaz de castelo brãco & outros, & de como sabêdo ho governador que a ilha era entrada se recolheo à cidade. 31.  
**Capit. xx.** De como Pulatecã entrou na ilha de Goa cõ ho resto da sua gêre: & pos cerco à cidade, & do que ho governador fez de se poyz disso. 34.  
**Capit. xxj.** De como Pulatecã combateo a cidade, & da resistencia que achou nos nossos. 37.  
**Capit. xxij.** De hũ auiso que deu Ioão machado ao governador da determinaçã dos inimigos, & do mais que depois foy. 39.  
**Capit. xxiiij.** De como Pulatecã cometeo cõ certo ao governador, que ele não quis, & de como ho Hidalçã chegou ao arrayal. 41.  
**Capit. xxij.** De como ho governador despejou a cidade, & a causa porque. 44.  
**Cap. xxv.** De como sabendo ho governador que não podia sair da barra sem grande perigo, invernou no rio de Pangim, & do que acoteceo a Fernão perez dandradê, & a dom loam de lima. 46.



- Capit. xxvj. De como ho governador foy cerca do deftañcias d'artelharria de rodas as partes do rio, & do muyto grande trabalho q os nolfos paffaão, alli de fame como de guerra. 49
- Capit. xxvij. De como ho governador deu na fortaleza de Pangim, & desbaratou Pula tecão, & ho fez fugir & tomou a artelharria da fortaleza. 51
- Capit. xxviii. De como ho hidalcão cometeo amizade ao governador, & ele a não quis, & a causa porque. 54
- Capit. xxix. de como ho governador mādou enforcar hū caualeiro chamado Ruydiaz & de como fe seguiu por isso prender certos capitães. 57
- Capit. xxx. De como ho governador sabendo que os imigos auião de pelear coele, mandou a dō Antonio q̄ outros capitães fosse pelear coeles & se percebeo pa isso. 59
- Capit. xxxj. De como dom Antonio pelejou co çafolarim & ho desbaratou & do q̄ fizeram Simão dandrade & Fernão perez dandrade & como dom Antonio foy ferido mortalmente. 61
- Capit. xxxij. De como faleceo dō Antonio & dalgũs recados q̄ nome ãre ho hidalcão & ho governador, sobre concerto, q̄ não ouue effeito. 63
- Capit. xxxiii. De como o governador mādou os doentes a Anjidiua, & de como ouue mantimentos. 65
- Capit. xxxiiii. De como ho governador se partio do rio de Pangim, & do perigo q̄ paffou ao sair da barra, & de como chegarão naos de Portugal. 67
- Capit. xxxv. De como indo Francisco pãtoja a Sacotora pera trazer dom Afonso tomou a nao meri, & de como Duarte de lemos se partio pera a India. 69
- Capit. xxxvj. Dalgũs cousas q̄ se fizeram na costa do Malabar estando ho governador em Cananor, & de como chegou Duarte de lemos a Cananor, & forão soltos Simão dandrade & os outros. 70
- Capit. xxxvij. De como soube Duarte de lemos q̄ se auia dir pera Portugal, & de como ho governador mādou recado a el rey de cãbaya sobre os cartuos q̄ tinha. 72
- Cap. xxxviii. de como hū principe de Cochim que andaua leuãdo do pedã ho reyno, & de como querẽdo ho rey de Cochim entre-gar foy contrariado polos nolfos. 73
- Cap. xxxix. De como ho governador chegou a Cochim, & de como nenhũ dos capitães da carreira quiserão ir a Goa cõ ho governador. 76
- Cap. xl. De como ho principe leuãdo quise ra tornar a Cochim, & foy desbaratado p Nuno vaz de castelo branco, & per Loureço moreno. 79
- Capit. xli. De como ho gouernador partio pera a cidade de Goa. 80
- Capit. xlii. De como ho governador tomou a cidade de Goa com grande destruição dos inimigos. 82
- Capit. xliii. Do grande & rico despojo q̄ foy a chado em Goa, & do mais que ho gouernador fez. 87
- Capit. xliiii. De como ho governador fez afor taleza de Goa. E do que fizeram Fernão perez & Jorge botelho. 89
- Cap. xlv. Do que Duarte de lemos fez em Cochim, & do que Francisco de sã, & Manuel da cunha fizeram em Canonor. 91
- Capit. xlvi. De como el rey de Cambaya mādou ao governador Diogo correa & Francisco pereira de berredo. 93
- Capit. xlvii. dos embaixadores que os reys da India mandarão ao governador, & de como ho governador arçidou as tanadarias da terra firme a Merlao hirmão del rey de Honor. 94
- Capit. xlviii. De como ho governador mādou Diogo fernãdez de beja aderribar a fortaleza de gacotora, & do que ho governador paffou cõ Diogo mēdez de vasçócelos. 97
- Cap. xlix. De como querendo Diogo mēdez de vasconcelos fugir pera Malaca foy preso, & do mais que se fez. 100
- Cap. l. De como indo ho governador pera ho mar roxo, mudou sua ida pa Malaca. 103
- Capit. l. Do q̄ aconteceu ao governador indo pera malaça ate a char el rey de Pacẽ. 104
- Cap. li. Do cõcerto q̄ ho governador fez cõ el rey de Pacẽ, & como chegou a Malaca. 107
- Capit. liii. De como Ruy daraujo auifou ho gouernador do q̄ determinaua el rey de Malica, & do mais que succedeo. 109
- Capit. liii. De como Fernão perez dandrade pos fogo à cidade polo que el rey mandou Ruy daraujo & os outros. 111
- Cap. lv. Como vëdo ho gouernador q̄ el rey queria guerra assentou de dar na cidade. 113
- Cap. lvi. Como ho governador cometeo acida de, & ganhou a pôte, & se tornou a frotã. 115



- Capit. lvij. De como Timutaraja mādou pedir seguro ao governador, & como ho governador mādou hū mēssegeiro a el rey de Sião. 113
- Capit. lvij. De como ho governador se apercebeo pera tornar a pelear com os inimigos & como assentou que ho fizesse. 128
- Capit. lix. De como ho governador desbaratado el rey de Malaca lhe tomou a cidade & ho fez fugir dela. 123
- Capit. lx. Do que ho governador fez em Malaca despois que a ganhou. E do que el rey fez despois que a perdeu. 126
- Cap. lxi. De como ho governador por apagar a moeda dos mouros mādou laurar moeda em Malaca, & foy apregoadada. 128
- Cap. lxij. Em que se efreue ho grão reyno de Sião: & de como el rey de Sião mādou hū embaixador ao governador. 129
- Capit. lxiiij. Dos muytos embaixadores que forão ao governador dos reys comarcãos de Malaca. 133
- Capit. lxiiiij. De como Pulatecão entrou hūa noite na ilha de Goa, & da treição q̄ ordenou aos nōstros. 134
- Capit. lxx. De como ho capitão de Goa peleejou com os inimigos & os desbaratou, & de como despois foy morto. 136
- Capit. lxxi. De como Pulatecão assentado seu a rryal em Benastarim hia correr a cidade, & como lhe os nōstros sayã. 139
- Capit. lxxviij. De como ho hidalção deu a conquista de Goa a Roçalção, & do engano que Roçalção fez aos nōstros, & deitou fora Pulatecão. 140
- Cap. lxxviij. De como cayo hū pedaço de muro da cidade, & do grande trabalho q̄ os nōstros teuerão em ho defender. 142
- Capit. lxxix. De como polo grande trabalho que hia na cidade algũs dos nōstros fugirão pera os mouros. E de como loã machado se foy pera os nōstros. 143
- Capit. lxx. De como despois de passado loã machado pera a cidade apertou Roçalção mais ho cerco. E de como Francisco Pereira de berredo foy por mantimentos, no q̄ passou grande perigo. 146
- Capit. lxxi. Do q̄ fez Diogo fernãdez de bejindo a Ormuz, & de como foy socorrida Goa despois que entrou ho verão. 148
- Capit. lxxii. De como Roçalção acabou aforaleza no passo de Benastarim, & do mais que se fez em Goa. 150
- Capit. lxxiiij. De como ho governador soube a treição que Timutaraja ordenaua, & de como prendeo a elle & a outros. 152
- Cap. lxxiiij. De como Timutaraja & os outros forão degolados por treidores. 155
- Capit. lxxv. De como foy Antonio dabreu a descobrir a ilha das maças, & a do erauo, & de como ho governador mandou hū embaixador a el rey de Sião. 155
- Capit. lxxvi. De como se leuantou Patequair & de como ho governador proveo Malaca querendose ir pera a India. & de como lhe fugio el rey de Pacé. 157
- Cap. lxxvii. De como os mercadores de Malaca conselharão ao governador que não se fosse, & do que lhes respondeo. 159
- Capit. lxxviiij. De como nauegando ho governador pera a India, se perdeu a sua nau & do que aconteceu a Simão dādrade. 161
- Cap. lxxix. De como ho governador chegou a Cochim, & de como deu a capitania de Goa a Manuel de lacerda. 162
- Capit. lxxx. Do que ho governador fez em Cochim: & de como hū rey das ilhas de maldiua se fez vasallo del rey de Portugal. 164
- Cap. lxxxj. De como os inimigos tomarão a barcaça, & os nōstros a tornharão a tomar. 166
- Capit. lxxxii. De como Fernão perez tornou a cometer Quatepatir, & a pda q̄ recebeo. 168
- Capit. lxxxiiij. De como Fernão perez foy bufcar ho Laffatane pera pelear coele, & do socorro que chegou da India. 169
- Capit. lxxxiiij. De como Fernão perez foy bufcar mantimentos, & da fame que auia entre os inimigos. 171
- Capit. lxxxv. De como desbaratado Quatepatir por Fernão perez fugio a ilha da laoa. 172
- Capit. lxxxvi. De como Fernão perez foy ao estreito de Cincapura, & de como Antonio dabreu tornou a Malaca. 174
- Capit. lxxxviij. Do que passou em Goa, & de como foy morto Medafonso de tangere em Benastarim. 176
- Capit. lxxxviiij. Dos capitães mores da carga que chegarão a Cochim, & de como ho governador se partio pera goa. 177
- Cap. lxxxix. Do q̄ ho governador fez em Cananor, & do que soube que determinaua ho soldão, & ho hidalção acerca do socorro de Benastarim. 178
- Capit. xc. De como ho governador chegou a goa, & cercou por mar a fortaleza de Benastarim & lhe deubateria. 180



- Cap. xxi. De como ho governador se tornou a Goa, & do que lhe acoeteo cõ os mouros que hão a correr a cidade. 183
- Capit. xxij. De como ho governador cercou a fortaleza por terra: & de como os mouros lhe derão rebate hũa noite. 185
- Capit. xxiiij. De como Rogação fez concerto com ho gouernador pera lhe dar a fortaleza, & lhe foy entregue. 187
- Capit. xxiiij. Do que ho gouernador mandou dizer a Rogação, & da justiça que fez nos nosos que se lançarão com os mouros. 189.
- Capit. xcv. Do que ho governador fez de pois que tomou a fortaleza de Benestari. 191.
- Capit. xcvj. De como ho governador soube q̄ hũ embaixador do Preste pera elrey de Portugal estava preso em Dabul: & quem foy ho Preste, & onde teue seu senhorio. 194
- Capit. xcviij. do que dizia a carta que a mãy do preste mandou a el rey de Portugal, & do mais que passou em Goa. 197
- Capit. xcviij. Como dô Garcia foy fazer a cartrega a Cochim, & de como Nambeadarim assentou coele paz. 200
- Cap. xcix. De como Pate honuz foy sobre Malaca: & do q̄ os nosos fizera. 202.
- Capit. c. De como os nosos começarão de pelear cõ os inimigos, & por q̄ não acabará. 203
- Capit. c. j. De como Pate honuz sem oufar de pelear com Fernão perez lhe fugio, & da destruição que os nosos fizera nelle. 205
- Capit. c. ij. De como ho gouernador disse a seus capitães que auia de ir a Adem, & de como se partio. 209
- Capit. c. iij. Do sitio da cidade Dadê, & de sua nobreza, & de que senhorio hé. 211
- Capit. c. iij. De como ho governador surgio no porto dadê & se apercebeo pa a cõbater. 212
- Capit. cv. De como a cidade Dadê foy escaldada polos nosos, & do q̄ lhes acoeteo. 215
- Capit. cvj. De como morreo Garcia de souza, e fe saluarã os nosos q̄ heuã no cobelo. 219
- Cap. cvij. como ho gouernador se partio pa ho estreito & da discipção delle. 221
- Cap. cvij. De como ho gouernador chegou à ilha do Camarão, & do q̄ hi passou. 223
- Capit. cix. De como não ouue effeito a paz q̄ ho gouernador deixou assentada com elrey de Calicut, & doutras cousas que se fizeram na India. 226
- Cap. cx. De como el rey de Bintão quisera to mar Malaca por treição & não pode. 227

- Cap. cxj. De como ho gouernador innerrou d Camarão, & por q̄ não fez hi fortaleza. 230
- Capit. cxij. Da causa por q̄ ho gouernador não fez fortaleza na porta do estreito, & do que fez em Adem. 231
- Cap. cxij. De como ho gouernador chegou a Diu, & do que hi passou cõ Meliqueaz. 234
- Cap. cxiiij. De como ho gouernador achou z Chaul Tristão degã cõ a reposta da embaixada que mandou a el rey de Cãbaya. 236
- Capit. cxv. De como partio de Portugal loãõ de souza de lima por capitão mór das naos de carga, & do que lhe acoeteo. 238
- Capit. cxvj. De como ho gouernador ouue os seus naos de mouros que arribarão aa costa da India. 239
- Capit. cxvij. De como el rey de Narsinga mandou hũ embaixador ao gouernador sobre os caualos de Goa. 241
- Cap. cxvij. De como faleceo el rey de Calicut & lhe succedeo Nãbeadarim seu irmão. 242
- Cap. cxix. Do que ho gouernador fez em Cannanor. 243
- Cap. cxx. Do q̄ se determinou e cõselho, acerca do que el rey de Portugal queria saber de Goa. 246
- Capit. cxxj. De como ho gouernador assentou paz com el rey de Calicut, & se cõmeçou a fortaleza. 248
- Cap. cxxij. De como soube ho gouernador q̄ dauã capitulos dele a el rey de Portugal. 250
- Capit. cxxiiij. De como foy descoberto ao gouernador que Antonio real mandaua dele capitulos a el rey de Portugal. 252
- Capit. cxxiiij. De como ho gouernador mandou tirar testemunhas sobre os capitulos que Antonio real daua delle. 254
- Cap. cxxv. De como ho gouernador fez entrar a el rey de Cochim q̄ não era agrauado na paz com el rey de Calicut. 257
- Cap. cxxvi. como ho gouernador deu a capitania de Malaca a lorge Dalbuquerque, & mādou Diogo frz de beja cõ e embaixada a Cãbaya. 258
- Cap. cxxvij. Do q̄ fez Pero Dalbuq̄ que q̄ foy por capitão mor ao cabo de Goardafu. 259
- Capit. cxxvij. como lorge dalbuquerque chegou a Malaca, & se entregou da capitania. 260
- Cap. cxxix. Em que se elcreue ho Reyno de Cãbaya, & donde começaram os seus reys. 261
- Cap. cxxx. De como Diogo fernãdez de beja chegou a gurrate, & partio dahi pera Chã panel. 264